

TRATADO
DE
METAPSÍQUICA
CHARLES
RICHET

TOMO II

○ QUE É ESPIRITISMO? ○ QUE É CIÊNCIA?

LAKE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Charles Richet

Tratado de Metapsíquica

Traduzido do Francês

Traité de metapsychique

1922

Conteúdo Resumido

Conteúdo Resumido

O Tratado de Metapsíquica, é uma verdadeira narração de fatos e descrições pormenorizadas de experiências psíquicas, descrições históricas e classificatórias e são divididos **nos fenômenos metapsíquicos objetivos** (1 - Telecinesia, que é uma ação mecânica sem atuação e sem contato sobre objetos ou pessoas (raps, levitação, movimentação de mesas, escrita direta, transporte de objeto, casas assombradas, etc) 2 - A Ectoplasmia, que é a formação de objetos diversos, que parecem sair do corpo humano, tomam aparência material e são tangíveis (materializações de objetos e seres com aparência dos que já viveram na Terra.) e **nos fenômenos metapsíquicos subjetivos** (Telepatia, Clarividência, Clariaudiência, Xenoglossia, Psicografia).

A sua maior contribuição, sem sombra de dúvida, foi o estudo do ectoplasma, substância responsável pela viabilidade dos fenômenos ditos objetivos. Foi ele quem, pela primeira vez, denominou a substância que emanava dos médiuns de efeitos físicos de ectoplasma, naquele momento referindo-se aos fluidos que emanavam de Eusápia Paladino (uma das maiores médiuns da história do Espiritismo)

A Passagem de Richet

O Senhor tomou lugar no tribunal da sua justiça e, examinado os documentos que se referiam às atividades das personalidades eminentes sobre a Terra, chamou o Anjo da Morte, exclamando:

- Nos meados do século findo partiram daqui diversos servidores da Ciência que prometeram trabalhar em meu nome, no orbe terráqueo levantando a moral dos homens e suavizando-lhes as lutas. Alguns já regressaram, enobrecidos nas ações dignificadoras, desse mundo longínquo. Outros, porém, desviaram-se dos seus deveres e outros ainda lá permanecem, no turbilhão das dúvidas e das descrenças, laborando no estudo.

- Lembras-te daquele que era aqui um inquieto investigador, com as suas análises incessantes, e que se comprometeu a servir os ideais da Imortalidade, adquirindo a fé que sempre lhe faltou?

- Senhor, aludis a Charles Richet, reencarnado em Paris, em 1850, e que escolheu uma notabilidade da medicina para lhe servir de pai?

- Justamente. Pelas notícias dos meus emissários, apesar da sua sinceridade e da sua nobreza, Richet não conseguiu adquirir os elementos de religiosidade que fora buscar em favor do seu próximo. Tens conhecimento dos favores que o Céu lhe tem adjudicado no transcurso da sua existência?

- Tenho, Senhor. Todos os vossos mensageiros lhe cercaram a inteligência e a honestidade com o halo da vossa sabedoria. Desde os primórdios das suas lutas na Terra, os gênios da imensidade o rodeiam com o sopro divino de Tuas inspirações. Dessa assistência constante lhe nasceram os poderes intelectuais, tão cedo revelados no mundo. A sua passagem pelas academias da Terra, que serviu para excitar a potência vibratória da sua mente, em favor da ressurreição do seu tesouro de conhecimentos, foi acompanhada pelos vossos emissários com especial carinho. Ainda na mocidade, lecionou na Faculdade de Medicina, obtendo a cadeira de fisiologia. Nesse tempo, já seu nome, com os vossos auxílios, estava cercado de admiração e respeito. As suas produções granjearam-lhe a veneração e a simpatia dos seus contemporâneos. De 1877 a 1884, publicou estudos notáveis sobre a circulação do sangue, sobre a sensibilidade, sobre a estrutura das circunvoluções cerebrais, sobre a fisiologia dos músculos e dos nervos, perquirindo os problemas graves do ser, investigando no círculo de todas as atividades humanas, conquistando o seu nome a admiração universal.

- E em matéria de espiritualidade - replicou austeramente o Senhor - que lhe deram os meus emissários e de que forma retribuiu o seu espírito a essas dádivas?

- Nesse particular - exclamou solícito o Anjo - muito lhe foi dado. Quando deixastes cair, mais intensamente, a Vossa luz sobre os mistérios que me envolvem, ele foi dos primeiros a receber-lhe os raios fulgurantes. Em Carqueiranne, em Milão e na Ilha Roubaud, muitas claridades o bafejaram, junto de Eusápia Paladino, quando o seu gênio se entregava a observações positivas; com os seus colegas Lodge, Myer e Sidgwick. De outras vezes, com

Delanne, analisou as célebres experiências de Alger, que revolucionaram os ambientes intelectuais e materialistas da França, que então representava o cérebro da civilização ocidental.

"Todos os portadores das vossas graças levaram as sementes da Verdade à sua poderosa organização psíquica, apelando para o seu coração, a fim de que ele afirmasse as realidades da sobrevivência; povoaram-lhe as noites de severas meditações, com as imagens maravilhosas das Vossas verdades, porém apenas conseguiram que ele escrevesse o "Tratado de Metapsíquica", um estudo proveitoso a favor da concórdia humana e o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1913.

"Os mestres espirituais não desanimaram nem descansaram nunca em torno da sua individualidade; mas apesar de todos os esforços despendidos, Richet viu, nas expressões fenomenológicas de que foi atento observador, apenas a exteriorização das possibilidades de um sexto sentido nos organismos humanos. Ele que fora o primeiro organizador de um dicionário de fisiologia, não se resignou a ir além das demonstrações histológicas. Dentro da espiritualidade, todos os seus trabalhos de investigador se caracterizam pela dúvida que lhe martiriza a personalidade. Nunca pôde, Senhor, encarar as verdades imortalistas, senão como hipóteses, mas o seu coração é generoso e sincero. Ultimamente, nas reflexões da velhice, o grande lutador se veio inclinando para a fé, até hoje inacessível ao seu entendimento de estudioso. Os vossos mensageiros conseguiram inspirar-lhe um trabalho profundo, que apareceu no planeta como "A Grande Esperança" e, nestes últimos dias, a sua formosa inteligência realizou para o

mundo uma mensagem entusiástica em prol dos estudos espiritualistas."

- Pois bem - exclamou o Senhor - Richet terá de voltar agora a penates. Traze de novo aqui a sua individualidade para as necessárias interpelações.

- Senhor, assim tão depressa? - retomou o Anjo, advogando a causa do grande cientista. - O mundo vê em Richet um dos seus gênios mais poderosos, guardando nele sua esperança. Não conviria protelar a sua permanência na Terra, a fim de que ele vos servisse, servindo à Humanidade?

- Não - disse o Senhor tristemente. - Se, após oitenta e cinco anos de existência sobre a face da Terra, não pôde reconhecer, com a sua ciência, a certeza da imortalidade, é desnecessária a continuação de sua estada nesse mundo. Como recompensa aos seus esforços honestos em benefício dos seus irmãos em humanidade, quero dar-lhe agora, com o poder do meu amor, a centelha divina da crença, que a ciência planetária jamais lhe concedeu nos seus labores ingratos e frios.

*

No leito de morte, Richet tem as pálpebras cerradas e o corpo na posição derradeira, em caminho da sepultura. Seu espírito inquieto de investigador não dormiu o grande sono.

Há ali, cercado-lhe os despojos, uma multidão de fantasmas.

Gabriel Delanne estende-lhe os braços de amigo. Denis e Flammarion o contemplam com bondade e carinho. Personalidades eminentes da França antiga, velhos colaboradores da "Revista dos Dois Mundos", cooperadores

devotados dos "Anais das Ciências Psíquicas" ali estão para abraçarem, o mestre, no limiar do seu túmulo.

Richet abre os olhos para as realidades espirituais que lhe eram desconhecidas. Parece-lhe haver retrocedido às materializações da Vila Carmen; mas, ao seu lado, repousam os seus despojos, cheios de detalhes anatômicos. O eminente fisiologista reconhece-se no mundo dos verdadeiros vivos. Suas percepções estão intensificadas, sua personalidade é a mesma e, no momento em que volve a atenção para a atitude carinhosa dos que o rodeiam, ouve uma voz suave e profunda, falando do infinito:

- Richet - exclama o Senhor no tribunal da sua misericórdia - por que não afirmaste a Imortalidade, e por que desconheceste o meu nome no seu apostolado de missionário da ciência e do labor? Abri todas as portas de ouro, que te poderia reservar sobre o mundo. Perquiriste todos os livros. Aprendeste e ensinaste, fundaste sistemas novos do pensamento, à base das dúvidas dissolventes. Oitenta e cinco anos se passaram, esperando eu que a tua honestidade me reconhecesse, sem que a fé desabrochasse em teu coração... Todavia, decifraste, com o teu esforço abençoado, muitos enigmas dolorosos da ciência do mundo e todos os teus dias representaram uma sede grandiosa de conhecimentos... Mas, eis, meu filho, onde a tua razão positiva é inferior à revelação divina da fé. Experimentaste as torturas da morte com todos os teus livros e diante dela desapareceram os teus compêndios, ricos de experimentações no campo das filosofias e das ciências. E agora, premiando os teus labores, eu te concedo os tesouros da fé que te faltou na dolorosa estrada do mundo!

Sobre o peito do abnegado apóstolo desce do Céu um punhal de luz opalina como um venábulo maravilhoso de luar indescritível.

Richet sente o coração tocado de luminosidade infinita e misericordiosa, que as ciências nunca lhe haviam dado. Seus olhos são duas fontes abundantes de lágrimas de reconhecimento ao Senhor. Seus lábios, como se voltassem a ser os lábios de um menino, recitam o "Pai Nosso que estais no Céu..."

Formas luminosas e aéreas arrebatam-no, pela estrada de éter da eternidade e, entre prantos de gratidão e de alegria, o apóstolo da ciência caminhou da grande esperança para a certeza divina da Imortalidade.

Humberto de Campos
(Espírito)

(Recebida em Pedro Leopoldo a 21 de janeiro de 1936,
por Francisco Cândido Xavier)

Antelóquio

Não verão os seus propósitos realizados aqueles que neste livro esperarem encontrar considerações nebulosas acerca dos destinos do homem, da magia e da teosofia. Tudo fiz por escrever um livro de ciência e não de devaneios. Contento-me, pois, com a exposição dos fatos e com a discussão de sua realidade, não sem pretender colimar uma teoria, se bem que com prejuízo de outras teorias, porque aquelas que, até o presente momento, foram propostas em metapsíquica, me parece serem de uma fragilidade desconsoladora.

É coisa possível, porque tem probabilidade, que uma teoria viável possa um dia ser apresentada. Mas o momento azado ainda não apareceu, visto se contestarem fatos sobre os quais se levantaria uma teoria qualquer. É preciso, pois, antes de mais nada, alinhar os fatos, apresentá-los em seu conjunto e com pormenores, para então se cuidar de condições. É o nosso dever indiscutível: é até o nosso único dever.

A missão é, ademais, muito espinhosa. Realmente, uma vez que se trata de fenômenos um tanto incomum, o público e os sábios conjuraram entre si negá-los, tão simplesmente, sem exame.

Não obstante, os fatos existem: são numerosos, autênticos, brilhantes. Achar-se-ão, no decorrer das páginas desta obra, exemplos tão abundantes, tão precisos, tão demonstrativos, que não percebo como um sábio de boa-fé, consentindo na verificação deles, possa ousar por todos em dúvida.

Pode-se, em três palavras, resumir os três fenômenos fundamentais que constituem essa nova ciência:

1.º - Acriptestesia (a lucidez dos autores antigos), ou seja, a faculdade de conhecimento diferente das faculdades sensoriais normais de conhecimento.

2.º - A telecinesia, ou seja, uma ação mecânica diferente das forças mecânicas conhecidas, a qual, em determinadas condições, tem, à distância, atuação sem contato sobre objetos ou pessoas.

3.º - A ectoplasmia (a materialização dos autores antigos), ou seja, a formação de objetos diversos, os quais, as mais das vezes, parece saírem do corpo humano e tomam a

aparência de uma realidade material (vestuário, véus, corpos vivos).

Aí está toda a metapsíquica. Quer-me parecer que ir até lá é já ir muito longe. Ir mais adiante - não o pertence ainda à ciência. Mas desejo eu que a ciência, a severa e inexorável ciência, admita esses três estranhos fenômenos por ela não reconhecidos até o presente instante.

Escrevendo este livro à maneira dos tratados clássicos das outras ciências, tais como a física, a botânica, a patologia, quisemos tirar aos fatos, aos quais chamam ocultos, e dos quais muitos indiscutivelmente são reais, a aparência sobrenatural e mística que lhes emprestaram pessoas que nada sabem deles. (1)

(1) Para a bibliografia, que absolutamente não tem a pretensão de ser completa, adotou-se a abreviação A.S.P. para os Anales des sciences psychiques e P.S.P.R. para os Proceedings of the Society for psychical Research, J.S.P.R. para o Journal of the Society for psychical Research, Am. S.P.R. para o Proceeding of the American Society for psychical Research.

Prefácio da Segunda Edição

Levei a cabo a primeira edição deste livro com a exposição de diversas novas experiências realizadas tanto por mim como por outros autores a respeito da criptestesia e da ectoplasmia. As mais recentes experiências postas em prática com Stéphane Ossovietzki são tão decisivas que parece não permitirem a mais leve incerteza a propósito da criptestesia.

Foi-me endereçada uma reprimenda, cuja importância reconheço: é que numerosas experiências ou observações indicadas no meu livro deviam ter sido abreviadas,

sintetizadas, por assim dizer, o que lhe empresta grande força probatória. As últimas monições que relaciono são encurtadas, mutiladas, e isto é de mau agouro, porque uma relação, por muito demonstrativa que seja quando é complexa, deixa de o ser, à medida que a resumimos.

Sem dúvida nenhuma. Porém eu tinha que escolher entre dois métodos: de uma parte, a relação de alguns fatos, pouco numerosos, escolhidos com cuidado e expostos nos seus mais minuciosos e persuasivos detalhes; de outra parte, a acumulação de fatos numerosos, diversos, interessantes tanto pela sua multiplicidade quanto pela sua variedade. Ora pois: preferi o segundo método, porque as pessoas que desejarem ir mais além num pormenor de tal ou tal experimentação, de tal ou tal monição, poderão consegui-lo a qualquer tempo nas fontes (indicadas por mim). Nestas condições, a imperfeição das informações não é senão aparente, podendo-se facilmente supri-la.

Disseram-me ainda - porém reputo esta crítica como um elogio - que me abstive demasiadamente de teorias; que, apontando fatos sem contudo chegar a uma conclusão, estava a caminho de contradições que davam muito à vista. Se eu tivesse apresentado uma teoria encomendada de antemão, pondo de lado o que fosse inconveniente, ampliando o que fosse favorável, dissimulando os argumentos incômodos, transformando as meias provas em provas inteiras - certo é que teria evitado tais contradições. Em vista do exposto, as objeções que me foram endereçadas não me abalaram, em absoluto: apresentei-as a mim próprio e talvez até com maior severidade do que o fizeram os meus críticos. Não há que ver (ai de mim!) que a metapsíquica está ainda nos seus primeiros passos. Toda teoria completa, metódica,

inexorável, está, nos dias de hoje, condenada a não ser senão um doloroso erro.(1)

(1) - E não falo, vê-se logo, nas críticas injustas, incompletas, inexistentes. No *Mercure de France*, cita-se a experiência F.N.T.B.T. (pág. 208 do meu livro) e acham-na muito ruins. Porém o anônimo que me criticou suprimiu simplesmente isto: "Se indico esta experiência, a qual, ao lado das mais belas experiências que mencionei acima, é terrivelmente medíocre, não é para causar impressão. É para mostrar que o cálculo das probabilidades é de grande utilidade".

Afirmo, pois, que a experiência é terrivelmente (digo terrivelmente) medíocre, que não é para causar impressão, que é dada tão só para ilustrar a aplicação do cálculo das probabilidades. E, sem mencionarem tais reservas assacam-me uma condenação!

Muitos outros críticos têm o mesmo naipe de valor. É inútil insistir. - Página 241 desta tradução. (Nota dos tradutores).

Ernesto Bozzano, cuja opinião me interessou bastante, reprochou-me severamente por ter separado a metapsíquica objetiva da metapsíquica subjetiva, porque, segundo ele, estes dois capítulos da metapsíquica são na realidade os que mais se confundem.

Não posso partilhar de sua opinião. Parece-me, ao contrário, que sob o ponto de vista didático, essa separação, que é nova, constitui pelo menos um progresso incontestável.

Demais, a especialização, entre os diversos médiuns, é quase sempre completa. Eusapia Paladino, por exemplo, ou Marthe Béraud, são médiuns de efeitos físicos, exclusivamente. E não me consta que a Senhora Piper tenha jamais produzido fenômenos físicos materiais.

Algumas vezes, é verdade, certos médiuns, como Home, como Kluski, como Stainton Moses, como a Senhora d'Espérance, são dotados de duas mediunidades reunidas; mas cometer-se-ia erro grave considerá-las como ligadas fatalmente uma à outra. A produção de luzes ou de ectoplasma é extremamente rara, tanto que muitas pessoas, hipnotizáveis ou não, têm clarões de lucidez. Essas

criptestesias passageiras, irregulares, intermitentes, imperfeitas, são muito comuns. Ousarei quase dizer que não há ninguém que, no decurso de sua vida, não as tenha tido. De modo diverso isto se processa com as ectoplasmias, porque talvez não haja no mundo, na atualidade, vinte pessoas que sejam capazes de obter qualquer ação a distância sobre a matéria (salvo talvez por intermédio das pancadas; porém o estudo das pancadas deverá ser encarado com um cuidado maior do que aquele que se lhe tem dispensado até os nossos dias).

Além do mais, os métodos de investigação para os dois metapsiquistas são, sem discrepância, diferentes, e só isto deveria ser suficiente para justificar a nossa classificação.

Por outro lado, pender-me-ia a crer que um dos resultados essenciais do meu livro é o de ter estabelecido claramente essa necessária distinção.

O que de boa mente concordo com Bozzano é sobre os progressos que talvez nos conduzirão a estabelecer alguma relação entre as duas espécies de fenômenos que, até agora, ainda não se ajustaram. Nada nos parece menos intelectual, salvo raras exceções, do que os grosseiros fenômenos de ectoplasmia, monótonos, desprovidos de significação e até de bom senso.

Em definitivo, na opinião quase unânime de todos os críticos, que se tenham ou não dado conta da coisa, a dissociação entre a metapsíquica objetiva e a metapsíquica subjetiva se realizou de modo completo. Isto quer dizer que o juízo que se forma de uma divisão pode talvez ser diferente do que se forma da outra.

1. ° Aceitam-se os fatos da metapsíquica subjetiva.

2.º Contrariam-se e de modo geral se negam, os fatos da metapsíquica objetiva.

I. Os fenômenos de lucidez, telepatia, criptestesia, monições, são tão numerosos, tão probantes, que não há como negá-los. Além dos casos de Aléxis Didier, Sras. Piper e Léonard, e de centenas de outros, todos demonstrativos, há ainda os da Senhora Briffaut e sobretudo os de Ossovietzki, que são decisivos.

Talvez a opinião pública fosse preparada contra a metapsíquica subjetiva, quer em razão da hipótese da telepatia, acolhida desde o princípio sem nenhum desfavor e tornada quase popular, quer em razão dos admiráveis fenômenos da telegrafia sem fio. A verdade é que hoje não há absolutamente nenhuma oposição intransigente contra a proposição por mim apresentada e que de novo apresento sob a mais simples das formas, a qual exclui toda hipótese, espírita ou que quer que seja:

A inteligência humana possui outros condutos de conhecimento além daqueles dos sentidos normais.

O Senhor Léon Daudet, crítico mordaz, cuja má vontade para conosco ressalta a olhos vistos, chegou mesmo a dizer mais ou menos (faço uma citação de memória) que de modo algum se negava a admitir esta extensão dada à inteligência humana. É pouco mais ou menos assim que se pensa geralmente, de sorte que as indignações, as zombarias e os críticos dispuseram o público contra a metapsíquica objetiva, os ectoplasmas, os fantasmas. Nada ou quase nada se tem dito contra a lucidez e a criptestesia.

Isto é acontecimento para consideração cuja importância não devemos dissimular.

Podemos contar na certa com uma furiosa oposição tão logo se apresentam ao público, científico ou não-científico, os fatos já por si novos e estranhos como o são os metapsíquicos. Já é conseguir muito fazer com que a metade das novas concepções seja aceita.

Ora esta primeira metade não está quase mais em discussão, não porque a tenham declarado como verdade científica adquirida, oficialmente reconhecida, mas porque não falam dela nem mais lhe opõem sarcasmos ou negações.

Se o meu livro tivesse por único objetivo fazer com que fosse aceita pela ciência essa probabilidade revolucionária que há no universo das vibrações desconhecidas, que atuam no organismo humano para determinar na inteligência humana, certos conhecimentos que os sentidos normais não lhe podem ministrar, estimaria então saber que tinha feito obra útil. Na hora presente, a aquiescência não tem necessidade nenhuma de ser formal: a aquiescência sem mais delongas é o suficiente.

Em conclusão, não mais tenho que defender esta proposição (que repito ainda para melhor caracterizá-la e mostrar o seu valor).

Vibrações há (forças) no universo, que mexem com a nossa sensibilidade e determinam certos conhecimentos da realidade - o de que são incapazes os nossos sentidos normais.

Ora, isso, se bem o não queira o Sr. Bozzano, não é uma hipótese: é um fato.

E não sou daqueles que dizem: nada representa um fato se o não podemos explicar nem lhe dar uma teoria. Tenho de mim para mim, ao contrário, que esta probabilidade, nova e

formidável, é uma revolução na psicologia. Quem nos poderá afirmar que ela não irá mesmo para mais longe?

Até o instante atual o esforço da ciência se tem restringido a provar o fato. Para o futuro, será permitido procurar as modalidades, assinalar os limites, aprofundar as condições. Embora nos limitemos à psicologia, sem nos aventurarmos na física geral ou na sociologia, percebe-se que estamos à flor d'água de uma nova psicologia. E, como o acabamos de dizer, ela é formidável. Toda a psicologia vai, por inteiro, ser modificada, e não podemos prever as conseqüências dessa modificação. O que há, com efeito, de admirável na ciência, é que à medida que ela solta um dos elos da enorme cadeia misteriosa, aparecem outros, cuja extravagância e beleza não puderam ser pressentidas pela nossa fraca intelectualidade. Cada progresso científico é uma brecha no insondável.

Em resumo, a metapsíquica subjetiva penetrou definitivamente no cadinho inexorável da ciência.

II. O que há com a metapsíquica objetiva se passa de modo diverso.

Antes de mais nada, os fenômenos objetivos da metapsíquica são extremamente raros, prodigiosamente raros. Os médiuns de efeitos físicos são em número muito reduzido. Pode-se apenas citar uma dúzia daqueles que se prestam a verificações rigorosas, de maneira que a experimentação não pode ser feita senão com um número assaz restrito de pacientes, e mesmo isso em condições que deixam larga margem à suposição de fraude: por exemplo, a obscuridade. Daí se chega a uma conclusão simplista: "nada há senão fraude".

E fica a gente autorizada a ter dúvidas: porque muitas vezes os grandes médiuns, que se tornaram profissionais, conscientemente ou não, se entregam a fraudes.

Por muito perturbador que seja o fenômeno da criptestesia, é talvez ainda menos atordoador do que o da formação de um fantasma que podemos fotografar e tocar.

Outrossim, de modo algum fico surpreendido ao notar a virulência geral contra o ectoplasma. O estado de espírito do público é aquele de Crookes, Morselli, Bottazzi, Ochorowicz, sir Oliver Lodge, antes que tivessem feito alguma experiência a propósito. Esse estado de espírito foi também o meu, com muita convicção e por muito tempo. Por que se indignar agora ao ver que o mundo inteiro pensa e conclui como tínhamos pensado e concluído?

Em todo o caso, isso não deixou de ser uma arma perigosa nas mãos de certos jornalistas.

As escapatórias, os chistes, as murmurações de cavalariças ou de cozinha - tiveram curso livre. Alguns jornalistas viram nessa matéria, por si tão distinta, motivo para desfraldar a graça do seu espírito e a penetração do seu julgamento. Nada leram, valha a verdade, do que se escreveu sobre a matéria. Porém desde quando é preciso, para redigir um eco humorístico, ter meditado e aprofundado as coisas?

Aliás, esse amontoado de chistes não tem nenhum valor. O que é mais sério é o fato de certas experimentações de controle terem sido desfavoráveis a alguns fenômenos da metapsíquica objetiva.

Trata-se dos controles relativos a Nielsen, a Srta. Goligher, a Marthe-Éva Béraud, e ao fotógrafo Hope, de Crewe.

Não posso, num prefácio, entrar numa discussão que mais para adiante será exposta com brevidade. Contentar-me-ei em dizer que as experiências negativas, a não ser que o sejam em número enorme - e ainda bem! - nada provam contra uma experiência positiva.

Uma única experiência positiva - com a condição, claro está, de ser feita corretamente - tudo leva de vencida. Por exemplo, tenho entre as minhas as mãos de Eusapia, levantando-as para cima, separando-as, e nesse meio tempo outra mão me acaricia. Eis aí uma experiência positiva: não sei como podem infirmá-la, alegando: "Cem vezes separei as mãos de Eusapia e jamais percebi uma terceira mão". Esta negação nada prova e fica um terceiro obrigado a demonstrar como pude, assim como Fred. Myers e Oliver Lodge, ser enganado dessa maneira.

Na verdade, novas experiências com pessoas assim tão caprichosas, tão desconfiadas, serão sempre necessárias, porque indiscutivelmente a metapsíquica objetiva não está ainda construída em bases fortes como a metapsíquica subjetiva, o que se deve à extrema raridade de médiuns de efeitos físicos e à facilidade (relativa) de fraude.

Pois quê! Tudo o que até aqui temos visto não passa de fraude! Essa fraude começou com as meninas Fox, que extravagantemente imaginaram ser divertido produzirem pancadas. Daí para cá milhares de indivíduos, muito crédulos, não há que ver, porém a maioria imbuída de fé sincera, obtém, nas suas sessões particulares, tão só para se acomodarem aos caprichos das meninas Fox, fenômenos de pancadas. Um dia Home teve o desprazer de produzir uma mão fantasmática. Por causa disso, Slade, Stainton Moses, produziram também mãos fantasmáticas. Um dia Eva teve

vontade de velhaquear e fez cair ectoplasmas de sua boca. Por causa disso, Stanislawa, Willy, a Srta. Goligher resolveram também velhaquear como Eva. Esse amontoado de embustes, tendo desafiado todos os controles, é de uma inverossimilhança igual pelo menos àquela da ectoplasmia.

O futuro - um futuro mesmo muito próximo - julgará o litígio.

III. Os espíritas receberam o meu Tratado de Metapsíquica com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fossem classificados, codificados, marcados, acompanhando-os das necessárias exigências do método experimental. Ao contrário, os espíritas julgam possuir já uma explicação adequada para todos os fenômenos. Disse-lhes que a sua explicação era hipotética, mas não hesitei em reconhecer que em certos casos, raros, a hipótese espírita, simplista, parecia ser preferível. Creio bem que isso não é senão uma aparência. Portanto a aparência continua nela.

Se os espíritas fossem justos, reconheceriam que a minha tentativa de fazer entrar na ordem dos fatos científicos todos os fenômenos que constituem a base de sua fé, mereceria eu verdadeiramente alguma indulgência.

Reconhecem eles que o passo dado para trás é largo, já que desde agora a metapsíquica subjetiva (criptestesia) parece estar definitivamente classificada como um fato científico confirmado.

A ciência é, acima de tudo, a soberana mestra do futuro. Não será por meio de preces, nem por atos de fé nem por

convicções irrefletidas, que ela irá tomar corpo: é unicamente por meio de investigações exatas, multiplicadas. E, sem receio de repetição, direi que é necessário ser também tão audacioso na hipótese como rigoroso na experimentação.

O primeiro tratado de Metapsíquica irá ter a sina comum. Ele irá logo ficar para trás e cair em desuso, porque os progressos desta nova ciência serão rápidos.

Porém ninguém mais do que eu se dará por feliz se topar com um novo tratado, mais complexo, mais demonstrativo, que retifique os erros, repare as omissões, dissipe as incertezas, as obscuridades, as contradições deste esboço - o primeiro memorial metódico e didático de angustiantes problemas.

LIVRO PRIMEIRO

DA METAPSÍQUICA EM GERAL

§ 1. - Definição e classificação

Em todos os tempos os homens verificaram fatos singulares, irregulares, imprevisíveis, que se misturavam com os acontecimentos ordinários da existência quotidiana. Então, não podendo encontrar uma explicação racional, supuseram a intervenção de forças sobrenaturais, bem como a ação de Deus ou de Demônios todo-poderosos.

A pouco e pouco, com o progresso dos nossos conhecimentos, a fé nessas ingerências, divinas ou

demoníacas, nos nossos acanhados que fazeres, perdeu terreno. Quer se trate de uma aurora boreal, quer de um eclipse, quer de um cometa, quer até de uma tempestade, não vemos atualmente nisso senão um fenômeno natural de que já conhecemos algumas leis. Quer se trate de epilepsia, que se trate de ataque histérico, não apelamos mais nem para Hércules nem para Satã.(1)

(1) - A bibliografia das ciências mágicas é um nunca acabar. Quem quiser ter dela uma idéia, mesmo incompleta, consulte GRAESSE (G. J. Th.) *Bibliotheca magica et pneumatica*, Leipzig, Engelmann, in-8°, 1843, 175 pág. e R. Yves-Plessis, *Essai d'une bibliographie française de la sorcellerie*. Paris, Chacornac, 1900.

Não obstante, as nossas ciências, malgrado os seus prodigiosos progressos, não puderam dar-nos a razão de ser de certos fenômenos excepcionais, aos quais as leis até aqui conhecidas da física, da química, da fisiologia, não se aplicam. Como esses acontecimentos e essas forças eram inexplicáveis pela ciência clássica, as ciências clássicas tomou um partido muito cômodo: ignorou-os. Porém tais fatos estranhos, sejam negados, sejam aceitos, nem por isso deixam de existir.

Pouco importa, verdadeiramente, que um fato reentre ou não reentre no rol das noções dadas.

Pareceu-nos que era necessário apresentar no seu conjunto a exposição metódica desses fenômenos. É inadmissível que, por inabituais que sejam, não estejam eles próprios submetidos a leis, e, conseqüentemente, acessíveis ao estudo, quer dizer, à ciência. Sim! Nós cremos que possa haver aí uma ciência ou quando nada um estudo do sobrenatural e do oculto.

Mas a palavra sobrenatural, bem assim como a supranormal, ambas de Fred. Mayers, não é boa, porque no universo não pode existir senão o natural e o normal. Um

fato, desde que exista, é necessariamente natural e normal. Rejeitamos, pois, as palavras supranormal e sobrenatural, da mesma maneira por que rejeitamos a palavra oculto, para as ciências ocultas. Isto equivale a dizer, muito ingenuamente, que elas são misteriosas, e, por conseqüência, inabordáveis para nós. Propus, em 1905, o termo metapsíquica, que foi unanimemente aceito. Ele tem por si (o que não é para desprezar) a autoridade de Aristóteles, o qual, tratando das forças físicas, desejou escrever em seguida um capítulo acerca das grandes leis da natureza que iam além das coisas da física. Deu então ao livro "Além das coisas físicas" o nome de metafísica do grego *mèta ta phisica*.(1)

(1) - Quando apresentei, pela primeira vez, no meu relatório presidencial endereçado, em 1905, à S.P.R de Londres, a palavra metapsíquica, o Sr. W. Lutoslawski me observou que num trabalho seu, escrito em polonês (Cracóvia, 1902, *Wyklady Jagiellonskie*) ele havia sugerido a mesma palavra, mas com sentido muito diverso. E. Boirac propôs o termo parapsíquico, que não prevaleceu, sendo que o vocábulo metapsíquico está em uso agora em toda a parte.

Importa-nos agora definir a metapsíquica.

O que caracteriza o fenômeno metapsíquico, seja ele qual for, é o fato de ser devido a uma inteligência desconhecida (humana ou não-humana). Na natureza, não vemos inteligência senão nos seres vivos: no homem, não vemos outra fonte de conhecimento senão aquela provinda dos sentidos. Deixamos à psicologia (clássica) o estudo da inteligência dos animais e do homem. Os fenômenos metapsíquicos são de outra laia: parece serem devido a forças inteligentes desconhecidas, compreendendo-se nessas inteligências desconhecidas os notáveis fenômenos intelectuais das nossas inconsciências.

A metapsíquica - deixando-se de lado, é claro, a psicologia, cujo objetivo é nitidamente limitado - é a única ciência que estuda as forças inteligentes. Todas as demais

forças que os sábios, até o presente momento, estudaram e analisaram sob o ponto de vista de suas causas e de seus efeitos, são forças cegas, que não têm consciência de si mesmas, são desprovidas não só de capricho mas também de personalidade e vontade. O cloro combina-se com o sódio sem que possamos suspeitar da menor parcela de intelectualidade no cloro e no sódio. O mercúrio dilata-se pelo calor à nossa revelia e sem que o possamos impedir. O sol projeta os seus raios calóricos, elétricos e luminosos nos espaços, sem nenhuma intenção voluntária, sem fantasia, sem escolha, sem personalidade pensante.

Ora as forças que determinam os pressentimentos, as telepatias, os movimentos sem contato de objetos, as aparições, e certos fenômenos mecânicos e luminosos, parece nada terem de cegos e de inconscientes, como o têm o cloro, o mercúrio e o sol. Eles não têm esse caráter de fatalidade próprio dos fenômenos mecânicos e químicos da matéria. Parece terem intelectualidades, vontades, intenções, que talvez não sejam humanas, mas que, em todo o caso, se assemelham às vontades e intenções humanas. A intelectualidade, quer dizer, a escolha, a intenção, a decisão parecida com aquela de uma vontade pessoal, desconhecida - eis aí o feitio de cada um dos fenômenos metapsíquicos.

Dividirei a metapsíquica em metapsíquica objetiva e metapsíquica subjetiva.

A metapsíquica objetiva menciona, classifica, analisa certos fenômenos exteriores, perceptíveis aos nossos sentidos, mecânicos, físicos ou químicos, que não alteram as forças atualmente conhecidas e parece ter um caráter inteligente.

A metapsíquica subjetiva estuda os fenômenos que são exclusivamente intelectuais, os quais se caracterizam pela noção de certas realidades que as nossas sensações não nos têm podido revelar. Tudo se processa como se tivéssemos uma faculdade misteriosa de conhecimento, uma lucidez que a nossa fisiologia clássica não pode explicar ainda. Proponho chamar criptestesia a essa nova faculdade, isto é, sensibilidade cuja natureza nos escapa.

A metapsíquica subjetiva é portanto a ciência que trata de fenômenos unicamente mentais, os quais podem ser admitidos sem alteração das leis conhecidas da matéria viva ou inerte, nem das diversas energias físicas, luz, calor, eletricidade, atração, que temos o hábito de pesar e determinar.

Contrariamente, a metapsíquica objetiva trata de certos fenômenos materiais que a mecânica ordinária não explica: movimentos sem contato de objetos, casas assombradas, fantasmas, materializações fotografáveis, sonoridades, luzes - tudo realidades tangíveis, acessíveis aos nossos sentidos.

Por outras palavras, a metapsíquica subjetiva é interior, psíquica, não-material; a metapsíquica objetiva é material e exterior.

O limite entre as duas ordens de fenômenos é algumas vezes incerto; porém muitas outras é ele assaz saliente, quando então nenhuma confusão é possível. Por exemplo, em Paris, no dia 11 de junho de 1904, o assassino da rainha Draga foi exatamente indicado. O médium, que o revelou, não tinha nenhum conhecimento racional possível do crime, ocorrido em Belgrado, precisamente no minuto indicado em Paris. Aí está um fato de metapsíquica subjetiva.

Eusapia Paladino colocou as suas mãos cinquenta centímetros acima de uma pesada mesa: tinham-se imobilizado as mãos, os pés, os joelhos, o tronco, a cabeça, a boca e mesmo assim a mesa, sem contato, se levantou quatro pés. É um fato de metapsíquica objetiva.

Veze outras os fenômenos compartilham, a um só tempo, das duas ordens da metapsíquica. Então a dissociação é difícil, senão impossível. A vê aparecer a imagem 8 de seu pai moribundo. Trata-se, com evidência, de uma visão puramente subjetiva, desde que outras pessoas estavam ao lado de A e nada viram. Porém se a imagem de 8, ao mesmo tempo em que aparecia a A, foi vista por outras pessoas além de A; se, demais a mais, a aparição pode ser fotografada, se deixou traços nas placas sensíveis - já se não trata de somente um fato subjetivo, mas também objetivo, porque houve um fenômeno material e a visão que teve A deixa de ser um fenômeno subjetivo.

A frequência dos fenômenos subjetivos é bem maior do que a dos fenômenos objetivos: os médiuns de fenômenos objetivos são raros. Ademais, quando se produzem fenômenos materiais, quase sempre há simultaneamente fatos importantes de metapsíquica subjetiva que se acham misturados aos fenômenos materiais.

Pode-se pois definir a metapsíquica: uma ciência que tem por objeto a produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parece serem inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana.

É, não há que ver, uma ciência ainda profundamente misteriosa. Esse mesmo mistério faz com que seja preciso acercam do estudo com uma prudência científica extrema.

§ 2. - Há uma Metapsíquica?

A questão deve ser apresentada, porque, para muitos sábios, nada do que é alegado no domínio do magnetismo e do espiritismo merece ser considerado como coisa séria. "Não se faz, dizem eles, ciência com credices; ora as narrativas esparsas que apresentais não são senão credices. As alucinações, narradas por pessoas ingênuas com abundância de pormenores, pertencem ao domínio da alienação mental, e as representações dadas pelos médiuns não passam de velhacarias. Os médiuns que pretendem ser dotado de propriedades sobrenaturais e alegam ser intermediário do mundo dos mortos e o dos vivos, são ou alucinados ou farsantes. Desde que se tomem precauções contra a credulidade e a fraude, o erro e a impostura acabam sempre por serem descobertos. Perante comissões de inquérito, que têm autoridade científica, nunca um fato irrecusável de lucidez ou de movimentos de objetos sem contato pôde ser firmado. Se eliminam-se os acasos, as faltas de observação, os embustes - nada mais fica da chamada metapsíquica senão imensa ilusão. A medida que as condições de controle vão sendo mais rigorosas, os fenômenos vão sendo menos intensos - e acabam desaparecendo, por fim. A ciência que quer ser tida na conta de experimental e se apóia em experiências que se não podem repetir, não é ciência. Falais de coisas extraordinárias, inverossímeis, que põem por terra tudo o que a ciência até aqui reconheceu como verdadeiro; porém sois incapazes de apresentar uma prova do que afirmais, porque

até o presente momento essa prova não foi submetida a nenhuma pesquisa metódica. Não nos compete a nós provar que o que asseverais é falso; compete a vós provar que ele é verdadeiro.

Na verdade esses fatos estranhos, mesmo que os testemunhássemos, considera-los-íamos como ludíbrio ou ilusão, porque estais entre impostores e as vossas afirmações são demasiadamente absurdas para serem consideradas como verídicas".

Esta é, mais ou menos, a linguagem dos ilustres sábios que recusam qualquer realidade à metapsíquica. Se eles tivessem razão, este livro seria terrivelmente inútil, para não dizer ridículo. Poder-se-ia então intitular: Tratado de um erro.

Mas pelo nosso lado, como vamos ensaiar a apresentação de uma prova abundante, cremos que tais fatos, que são chamados ocultos, porque não são conhecidos, existem.

Temos lido e relido, estudando e analisando as obras que se publicaram sobre o assunto e podemos declarar ser enormemente inverossímil, quando não até impossível, que homens ilustres e probos, como o são Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Reichenbach, Russel Wallace, Lombroso, William James, Schiaparelli, Fr. Myers, Zollner, A. de Rochas, Ochorowicz, Morselli, Sir William Barrett, Ed. Gurney, C. Flammarion, e tantos outros, se tenham deixado lograr por centenas de vezes, não obstante a sua atenção vigilante, por fraudadores, bem como tenham sido vítimas de uma admirável credulidade. Eles não puderam ser, todos e sempre, tão cegos que se não apercebessem de fraudes que só têm podido ser grosseiras, tão imprudentes para chegarem a uma conclusão que não fosse legítima, tão inábeis a ponto

de não serem capazes, nem uns nem outros, de fazer uma única experiência irreprochável. A priori, as suas experiências merecem serem meditadas seriamente e não rejeitadas com desprezo.(1)

(1) - Eis como ousa expressar-se um ilustre sábio inglês, lorde Kelwin (citado por Fr. Myers, A.S.P., 1904, XIV, 365):

"Antes me pendo a rechaçar toda aparência de uma tendência do que aceitar esta miserável superstição do magnetismo animal, das mesas giratórias, do espiritismo, do mesmerismo, da clarividência, das pancadas. Não há um sexto sentido de espécie mística. A clarividência e o que mais for são o resultado de más observações, misturadas com o espírito de impostura voluntária, agindo nas almas inocentes e confiantes."

Tal é o grau de cegueira a que chegou um dos maiores homens da nossa época: não se digna ele nem perscrutar nem estudar nem tentar compreender. Nega. Isto é muito mais fácil.

A história das ciências nos ensina que as mais simples descobertas foram repelidas, a priori, sob o pretexto de que estavam em contradição com a ciência. A anestesia cirúrgica foi negada por Magendie. A existência dos micróbios foi contestada durante vinte anos por todos os acadêmicos de todas as academias. Galileu foi parar no xadrez por ter afirmado que a Terra girava. Bouillaud declarou que o telefone não era senão a ventriloquia. Lavoisier disse que os meteoritos não caíam do céu, porque não havia pedras no céu. A circulação do sangue só foi admitida depois de quarenta anos de estéreis discussões. Um dos meus avoengos, P. S. Girard, num discurso pronunciado na Academia das Ciências, em 1827, considerava como loucura a idéia de se poder levar água, por meio de canos, a lugares elevados de casas. J. Müller afirmava, em 1840, que nunca se poderia medir a celeridade do influxo nervoso. Papin, em 1669, construía o primeiro barco movido a vapor. Fulton, cem anos depois, refez essa descoberta, que não foi reconhecida como útil à navegação senão vinte anos mais tarde. Quando, em 1892, sob a direção do meu ilustre mestre

Marey, procedia aos meus primeiros ensaios de aviação, só encontrei pela frente incredulidade, desprezo e sarcasmo. Poder-se-ia escrever um volume completo sobre as paspalhices que foram ditas na ocasião de cada descoberta e a respeito dela própria.

Notemos que o que aí fica não é opinião da plebe - a opinião da plebe nenhuma importância tem - porém a de sábios. Ora os sábios julgam que traçam limites que a ciência futura é incapaz de romper. Como o disse espirituosamente C. Flammarion, "chegados ao limite das coisas, põem um ponto final no caminho do progresso".

Tão logo declarem que tal ou tal fenômeno é impossível, confundem desastrosamente o que é contraditório com a ciência e o que é novo na ciência. Convém insistir na tecla, porque ela é a causa profunda de um cruel mal-entendido.

Os corpos se dilatam pelo calor. Então, se alguém nos vem dizer que o mercúrio, o cobre, o chumbo, o hidrogênio, não se dilatam, nas condições habituais da nossa experimentação, a não ser quando os levamos ao fogo, terei o direito de negar a afirmação, porque existe nela uma contradição flagrante entre os fatos observados, verificados e estudados diariamente. Mas quando se descobre um metal novo e um sábio nos vem dizer que esse metal, em vez de se dilatar, se contrai pelo calor, não terei direito de negar o fato à priori. Por muito inverossímil, segundo as leis da física, que seja essa anomalia, deverei, sob pena de condenável presunção, verificar essa asserção singular, pois que se trata de uma substância nova, talvez diferente das demais.

Qualquer verdade nova é de extrema inverossimilhança. Ora a verdade está presente a cada instante na evolução das ciências, e, desde que um pesquisador, seja ele quem for,

descubra algo, suscita ela indignações a mancheias. Em vez de se verificar, nega-se.

Claude Bernard diz que os animais fabricam açúcar. Depressa então as objeções se multiplicam. "É desordenar a harmonia do mundo vivo admitir a formação de açúcar nos animais. O açúcar que se encontra nos organismos dos animais é o produzido pela alimentação ou então o resultado de uma alteração cadavérica. Logo, o açúcar não pode ser fabricado por um organismo animal".

Percebe-se o que essas objeções querem significar.

Suponhamos que se não tenha ainda nenhum conhecimento das propriedades atrativas do ímã, que o ímã seja um corpo extremamente raro, inencontrável quase. Aparece um viajante que, tendo-o encontrado, mas não o podendo reencontrar, conta que viu um corpo que atrai o ferro. Sua afirmação provocará indignação e denegação universais. Por que tem o ferro essa propriedade que nem o cobre nem o chumbo nem nenhum outro corpo tem? Por que há um corpo que atrai? Em tempo algum se viu coisa igual. Se fosse coisa verdadeira, tê-la-iam encontrado depois de tão longo tempo.(1)

(1) - Quando se falou do contágio da tuberculose, um professor da Faculdade de Paris disse: "Se a tuberculose fosse contagiosa, bastaria fazer defumação." E aprovaram-lhe a asserção em 1878, na Faculdade de Medicina, quase que unanimemente.

Tudo o que ignoramos nos parece sempre inverossímil. Porém as inverossimilhanças de hoje poderão vir a ser as verdades elementares de amanhã.

Para não nos atermos senão às descobertas quase contemporâneas, que, graças à minha avançada idade, vi desenvolver com os meus próprios olhos, farei referência

apenas a quatro, que se tivessem sido anunciadas em 1875, teriam parecido monstruosas, absurdas, inadmissíveis:

1.º - Pode-se ouvir em Roma a voz de um indivíduo que fala em Paris (telefone);

2.º - Podem-se enfrascar germes de todas as doenças e cultivá-los num armário (bacteriologia);

3.º - Podem-se fotografar os ossos de pessoas vivas (raios X);

4.º - Podem-se transportar quinhentos canhões pelos ares com uma velocidade de 300 quilômetros por hora (aeroplanos). Aquele que, em 1875, tivesse feito essas asserções audaciosas, teria sido tomado por louco perigoso.

A nossa inteligência rotineira está de tal maneira ordenada, que se recusa admitir o que é inabitual. E, realmente, se examinássemos detidamente os fatos que nos cercam, dever-nos-íamos contentar em dizer: há coisas habituais e há coisas inabituais. Não deveríamos dizer nada mais do que isto. Além do mais, ser-nos-ia conveniente abstermo-nos de fazer referência a duas classes de fatos: aqueles que compreendemos e aqueles que não compreendemos, porque, indubitavelmente, nada temos compreendido, absolutamente nada, quer com relação às grandes, quer com relação de pequenas verdades da ciência.

Que é a matéria? É ela contínua ou descontínua? Que é a eletricidade? É a hipótese do éter compreendida por aqueles que a professam? Vemos uma pedra cair ao solo quando a lançamos no ar: teremos compreendido a atração? Dois gases se combinam para formar um novo corpo inteiramente diferente e encontram-se no líquido formado os mesmos átomos que nos gases estão combinados: compreendemos a causa? Por que motivo tal óvulo fecundado por certo

zoosperma vai produzir, segundo suas origens, um carvalho, um ursinho, um elefante, ou um Miguel Ângelo? Por que razão a aranha tece a sua teia? Por que as andorinhas atravessam os mares? Tais maravilhas não nos causam admiração, porque estamos acostumados com elas. Mas é necessário termos a coragem de reconhecer que, por muito habituais que sejam, constituem absolutos mistérios.

Os fatos da metapsíquica não são nem mais nem menos misteriosos do que os da eletricidade, da fecundação e do calor. Não são também habituais. E nisto consiste toda a diferença. Enorme absurdistade seria pois não querer estudá-los sob o pretexto de que não são habituais.(1)

(1) - Verifiquei um curioso exemplo das parvoíces que a crença do inabitual (neofobia) pode inspirar a um honrado sábio. Quando da Exposição de 1900, em Paris, apresentei aos membros do Congresso de Psicologia um menino de 3 anos e três meses de idade, Pepito Arriola, espanhol, que tocava brilhantemente piano, compunha marchas fúnebres ou guerreiras, valsas, habaneras, minuetos, e executava de memória uma vintena, senão mais, de trechos difíceis. As cem pessoas do Congresso ouviram-no e aplaudiram-no. Esse tenrozinho pianista, verdadeiro prodígio de precocidade - fi-lo vir até minha casa, e, no meu salão, duas vezes por dia, uma vez à tarde, perante numerosas pessoas de toda a classe social, tocou no meu piano, longe de sua mãe... Eis senão quando um psicólogo americano, Senhor Scripture, anunciou, quatro anos mais tarde, que eu tinha sido vítima de uma ilusão, e que as árias ouvidas tinham sido tocadas, não por Pepito Arriola, demasiado pequeno para tocar, mas pela sua mãe!... (Americ. Journal of Psychology, 1905).

O que é costume é os observadores e os autores, que se ocuparam da metapsíquica, terem uma tendência muito incômoda em considerar as suas observações como as únicas exatas e em rejeitar formalmente as dos outros. Desta maneira - salvas exceções, está claro - quando alguém se ocupa muito e exclusivamente da telepatia e da metapsíquica subjetiva, se dá preponderante importância a metapsíquica subjetiva e se recusa admitir os fenômenos de telecinesia e ectoplasmia, que estão tão bem verificados.

É o caso de vários membros eminentes da Sociedade inglesa de pesquisas psíquicas. Ficam facilmente satisfeitos quando se trata de sugestão mental, se bem esta seja algumas vezes explicável por coincidências; mas desde que se trate de questão de fenômenos físicos, exigem provas impossíveis - mesmo que sejam inúteis para a demonstração.

Inversamente, tal experimentador, que creu ver uma materialização superficialmente estudada, considera-a estabelecida às direitas, porém se mostra de exagerada e ridícula severidade para as transmissões de pensamento ou as materializações descritas por outros observadores, talvez tão competentes como ele.

Quando um fenômeno é inabitual, não admitem o tenha alguém verificado por si mesmo, mesmo quando o fenômeno é acessível às novas verdades.

Quer-nos parecer portanto que todos devemos ser menos pessoais, e que a nossa crítica, por severa que seja - e o deve ser, procure ter ação, tanto, senão mais, nas nossas próprias experiências quanto nas experiências de outrem.

Se me dou o direito de criticar a mentalidade dos sábios com respeito a metapsíquica é porque cometi o mesmo erro. Não segui os processos de trabalho empregados para o estudo das outras ciências. Experimentei antes de estudar nos livros. Comecei pois por dar para mim mesmo uma convicção pessoal (que nenhuma era livresca). Só mais tarde li e meditei os trabalhos dos experimentadores, antigos e contemporâneos, que se entregaram a pesquisas. Então fiquei realmente estupefato diante da quantidade e do rigor das provas. Desta maneira, juntamente com as minhas experiências e com as experiências dos outros acabei por adquirir a convicção profunda de que a metapsíquica é uma

ciência e uma ciência verdadeira e que é preciso tratá-la como se tratam todas as ciências, metodicamente, laboriosamente, piedosamente.

A incredulidade levada a esse grau de aberração é digna da credulidade do ilustre geômetra Charles, o qual mostrava com orgulho uma carta autógrafa - em francês - de Vercingetórix a Júlio César. O ceticismo do Senhor Scripture é da mesma laia que a credulidade do Sr. Charles.

Sim, na verdade, esses fenômenos inabituais são reais! 1.º Há uma outra faculdade de conhecimento além das faculdades habituais. 2.º Há outros movimentos de objetos além dos movimentos habituais. E seria terrivelmente absurdo não querer estudar os fenômenos inabituais pelos métodos que nos serviram honrosamente para as outras ciências, isto é, pela observação e pela experiência.

Claude Bernard formulou admiravelmente as diversas condições das ciências de observação e das ciências de experimentação. A metapsíquica participa de umas e outras. Muitas vezes ela é experimental, como a química e a fisiologia; porém muitas vezes também se aproxima das ciências tradicionais, como a história, pois que de quando em quando é constrangida a apoiar-se unicamente no testemunho humano.

A parte experimental deve ser tratada como uma ciência experimental, com o desenvolvimento ordinário dos meios técnicos de investigação. Balanças, fotografias, métodos gráficos - devem os metapsiquistas empregar todos os processos de medida adotados pelos fisiologistas. Não vejo diferença essencial nos métodos - exceto o fato de o químico ou o fisiologista trabalharem com um material que pode ser facilmente encontrável, ao passo que nós, para fazermos uma experiência, temos necessidade de um médium, coisa rara, frágil, eminentemente fantasista, que é preciso a gente saber

manejar com uma finura diplomática sempre avivada. Mas uma vez começada a experiência - ela deve seguir para diante com tanto rigor quanto o necessário para uma experiência acerca da pressão arterial ou acerca do calor de combustão de acetileno.

Numa experiência, qualquer que seja, ninguém nunca é absolutamente senhor de todas as condições. Eis aí um axioma de método científico ainda mais verdadeiro para a metapsíquica do que para as outras ciências. Talvez sejam necessários à obscuridade e o silêncio (ou o barulho)? Talvez sejam necessárias determinadas condições psicológicas ainda mal determinadas? Enfim, assim acontece todas as vezes que se forma uma ciência. Ignoram-se, na fase embrionária, as condições indispensáveis para o desenvolvimento dos fatos que se querem provar. Cometem-se então, a cada instante, por ignorância, erros grosseiros, e encalha-se, enquanto que, ingenuamente, se crê ter aplainado as condições para o êxito.

A metapsíquica, como ciência de observação e de tradição, é rica em documentos de toda a espécie. Esses documentos são de um valor prodigiosamente inegável, e é preciso saber fazer a escolha, separar o trigo do joio, exercer severa crítica. Mas seria absurdo condenar o método de tradição. Toda ciência histórica não é filha da tradição? Não foi a medicina, até Claude Bernard e Pasteur, uma ciência de observação? Não o é ainda, em grande parte, nos dias de hoje? Uma observação bem feita, dizia um grande fisiologista, vale por uma boa experiência. Isto é talvez exagerar um pouco, porque a certeza que uma observação dá é sempre de menor qualidade do que a certeza dada por uma boa experiência. Todavia, as ciências de observação são

algumas vezes profundas e sólidas e seria loucura querer rejeitá-las.

Mas não há motivo para se opor um método a outro. Quando a observação e a experiência chegam aos mesmos resultados - uma confirma a outra.

Haverá pois sempre neste livro, seja pela lucidez (criptestesia) seja pelos movimentos de objetos (telecinesia) seja pelas materializações (ectoplasmia) dois capítulos: o primeiro será de experiência e o segundo de observações.

O método de experimentação é relativamente fácil, ao passo que o método de observação é de extrema dificuldade, porque os documentos são muitas vezes demasiadamente duvidosos. São numerosos e até demasiadamente numerosos: a ciência metapsíquica é complicada não só em razão de experiências mal realizadas como de observações mal feitas. Julgam aqueles que a cultivam que, em vez de ser tratada com o rigor conveniente a uma ciência, foi ela encarada como uma religião. Erro grave, que teve conseqüências nefastas.

Os espíritas quiseram misturar a ciência com a religião, o que redundou em grande detrimento para a ciência.

Não desejo, certamente, lançar a censura aos espíritas, como responsáveis por ela. Isto seria de uma ingratidão bastante grosseira. Quando os sábios oficiais, seguidos pela imensa maioria do povo, rejeitaram desdenhosamente, sem exame, e muitas vezes com apreciável dose de má-fé, os trabalhos de Crookes, Wallace, Zollner, os espíritas tomaram conta desses trabalhos e corajosamente puseram-se em campo. Mas logo em seguida, em vez de fazerem obra científica, fizeram obra religiosa. Cercaram as suas sessões de misticismo, fazendo preces, como se estivessem numa

capela, falando de regeneração moral, preocupando-se, antes de qualquer coisa, com o mistério, satisfeitos por poderem conversar com os mortos, perdendo-se em divagações pueris. Não quiseram compreender que as coisas da metapsíquica nada têm que ver com as coisas do além-túmulo e até que não há talvez além-túmulo. O além-túmulo os perdeu: afogaram-se nas puerilidades teológicas e teosóficas.

Quando um historiador estuda os Capitulares de Carlos Magno, não pensa em além-túmulo; quando um fisiólogo registra as contrações musculares de uma rã, não fala em esferas ultraterrestres; quando um químico doseia o azoto da lecitina, não se deixa levar por nenhuma fraseologia da sobrevivência humana. Em metapsíquica é necessário proceder de igual modo, não sonhar com mundos etéreos nem com emanções anímicas: é necessário ficar no terra-a-terra, acima de qualquer teoria, e indagar, muito humildemente, se tal ou tal fenômeno que se estuda é verdadeiro, sem pretender desvendar os mistérios das nossas vidas pregressas ou vindouras.

Por exemplo, quando se estuda a criptestesia e se investiga se tal sensitivo, sem nenhuma conivência de nossa parte, vai indicar o nome em que se pensa, toda a nossa vigilante atenção deve consistir em não fornecer nenhum indício, absolutamente nenhum indício, e comparar as cartas ditadas pelo paciente com aquelas do autor em cujo nome se pensou, calculando a probabilidade de 1/26%, pois que há vinte e seis letras no alfabeto. Se estuda-se a telecinesia, é necessário conservar os membros do médium muito solidamente sem ação, a fim de que a mesa não possa ser movida nem pelas suas mãos nem pelos seus pés nem por algum artifício qualquer.

Ir mais longe não me interessa. Apaixono-me por essas tarefas modestas, que é necessário ter a gente à coragem de as propor, sem meditar na imortalidade das almas.

Quantas preciosas observações, quantas admiráveis experiências são dessa maneira desnaturadas, deformadas, por causa do perpétuo e perigoso cuidado de se formarem as bases de um dogma novo! A religião espírita é inimiga da ciência. Tomaria eu prazerosamente para epígrafe de todos os nossos estudos uma frase emprestada da Bíblia: *Omnia in numero et pondere*, segundo reza o *Eclesiastes*. Princípio admirável que se aplica a todas as ciências e é a própria negação da mística religiosa.

Se fosse necessária uma religião, diríamos que deve ser a da verdade, da verdade inteiramente nua, sem adornos, sem parolagem. Constatemos os fenômenos, procuremos religá-los no seu conjunto por uma teoria qualquer, tão verdadeira quanto possível, porém nunca sacrifiquemos a teoria pelos fatos, os quais certamente são tão verdadeiros quanto provavelmente é falsa a teoria.

Não há dúvida de que muitas vezes os fenômenos metapsíquicos parece levarem-nos a conclusões nebulosas acerca da imortalidade do homem, acerca das emanções de uma vontade desconhecida, acerca da reencarnação, acerca dos fluidos inteligentes que emanam de nós ou dos mortos.

Procurei defender-me - ainda que o não tenha podido fazer a contento - contra as teorias prematuras. Para que serviram todos os calhamaços da alquimia antes de Lavoisier? Mais fez ele com a sua balança do que todas as dissertações de Goclênio, de Agripa e de Paracelso. Se queremos que a metapsíquica seja uma ciência, comecemos por estabelecer fortemente os fatos. Os nossos descendentes

irão mais longe, não tenho disto dúvida, mas a nossa missão é atualmente mais simples. Tenhamos o senso da moderação, a qual desbanca a ignorância.

A metapsíquica portanto, sob certos respeitos, não é de modo algum comparável; às demais ciências. Quer se trate de metapsíquica subjetiva, quer de metapsíquica objetiva, os fenômenos parecem ser devidos a uma inteligência, visto não haver nenhuma inteligência nas diversas manifestações da energia. Por certo, é possível que essa inteligência, que aparece nas manifestações metapsíquicas, seja inteiramente humana, havendo então uma região da inteligência humana que nos é de todo em todo desconhecida, já que ela nos revela coisas que os nossos sentimentos não nos podem revelar, agindo sobre a matéria da maneira diferente como o faz nas contrações musculares. Em todo o caso, o domínio das coisas metapsíquicas é diferente do domínio das outras forças, que certamente são muito cegas e inconscientes. Talvez um dia será provado que as forças metapsíquicas, produtoras dos fenômenos, são também tão inconscientes como o calor e a eletricidade. Então a metapsíquica reentrará na lista da física clássica, da psicologia clássica. Será um imenso progresso. Longe de nos comovermos ou entristecermos, antes nos daremos por felizes, porque há uma verdadeira dor intelectual, que ninguém sente mais vivamente do que eu, por supor a existência de forças desconhecidas, arbitrárias, fantasistas, como tudo o que é inteligente.

Mas esse dia não veio ainda e até lá podemos concluir: 1.º que os fatos da metapsíquica são reais; 2.º que é preciso estudá-los sem prevenção religiosa, como se estudam as outras ciências; 3.º que eles parecem ser dirigidos por

inteligências, humanas ou não-humanas, cujas intenções não logramos apanhar senão fragmentariamente.

§ 3. – Histórico

Os acontecimentos e as descobertas se sucedem em tais encadeamentos que toda divisão em períodos distintos é fatalmente artificial. Mas é preciso fazermos esta divisão, a fim de lançarmos luz num assunto obscuro e denso.

Propomos pois os quatro períodos seguintes:

- 1.º- período mítico, que vai até Mesmer (1778).
- 2.º- período magnético, que vai de Mesmer às irmãs Fox (1847).
- 3.º- período espirítico, que vai das irmãs Fox a William Crookes (1847-1872).
- 4.º- período científico, que começa com William Crookes (1872).

Ousarei esperar que o presente livro ajudará a inaugurar um quinto período, o clássico?

1.º PERÍODO MÍTICO

Compete mais aos historiadores do que aos sábios o procurar nas velhas religiões e nas antigas tradições populares tudo o que foi dito a propósito do sobrenatural, do oculto, do mágico, do incompreensível. Essa viagem através

dos livros sagrados, como as Cabalas, as Magias, não apresenta senão um fraco interesse científico.(1)

(1) - Uma exposição excelente, extremamente pormenorizada, foi dada por C. de Vesme, *Storia dello spiritismo*, 3 vol., Toríno, Roux Frascati, 1895-1898. Trad. do alemão, Lipsia, 1904. Para a bibliografia, achar-se-ão documentos seguidos algumas vezes de uma análise sumária, na bela obra de Albert Caillat, *Manuel bibliographique des sciences psychiques ou occultes*, 3 vol. 8°, Paris, L. Dorbon, 1913.

Em quase todas as religiões, os milagres e os profetas tiveram importante representação. Verdadeiros fenômenos metapsíquicos, como as telecinesias para os milagres, as profecias para as premonições, talvez tiveram origem nas crenças religiosas. Mas que idéia podemos fazer de coisas que aconteceram há vinte séculos passados, transformadas pelas contínuas lendas que entretinham os padres, tão ignorantes como crédulos? Quando se trata de um fato contemporâneo, estudado num laboratório por sábios experimentados, com toda a ajuda da técnica instrumental moderna, hesitamos muitas vezes em tirar conclusões. Então como ousar nada afirmar de uma história inverossímil, que se teria passado há dois mil anos diante de três fanáticos e quatro iluminados?

Provavelmente nem tudo é falso; mas a separação entre o verdadeiro e o falso não pode ser feita. Desse modo, deixaremos de lado, de caso pensado, todos os milagres religiosos, todos os prodígios que assinalaram a morte de César ou a de Jesus Cristo ou a de Maomé.

Contudo encontram-se nesse desmesuradamente longo período de credulidade e ignorância alguns fatos dignos de serem mencionados.

Em primeiro lugar está a curiosa história do demônio de Sócrates.(1)

(1) - *Le démon de Socrate, spécimen d'une application de la science psychologique à celle de l'Histoire*, por F. Lélut, Paris, 1836.

Como o dizem formalmente os dois ilustres discípulos de Sócrates, Platão e Xenofonte, aquele pretendia ter um gênio familiar, um demônio, que lhe predizia o futuro e algumas vezes lhe ditava normas de vida. O próprio Sócrates pensava que esse ser lhe era estranho, diferente dele, porque lhe revelava coisas desconhecidas. Esse demônio é o que em linguagem espírita se chama um guia.

No Teeteto, Platão faz Sócrates dizer: Depois da minha meninice, graças ao favor celeste, sou sempre acompanhado por um ser quase divino, cuja voz me desaconselha algumas vezes de empreender qualquer coisa, porém nunca me leva a praticar essa ou aquela ação. Conheceis Carmído, o filho de Glauco. Um dia ele me disse que queria disputar o prêmio dos jogos de Nemeu... Procurei dissuadir Carmído de sua pretensão, dizendo-lhe: Enquanto você me fala, ouço a voz divina...Não vá a Neméia! Não quis dar-me ouvidos! Pois bem, ficai sabendo que ele morreu!"

Na Apologia de Sócrates, Xenofonte lhe põe na boca o seguinte: "Esta voz profética que se me dá a entender em todo o curso de minha vida: certamente é mais autêntica do que os presságios tirados do vôo ou das entranhas dos pássaros: chamo-lhe Deus ou Demônio (Theós e daemon). Comuniquei aos meus amigos os avisos que recebi e até o presente a sua voz nunca me disse nada que fosse inexato".

Aí está um ponto sobre o qual Sócrates insistiu por muitas vezes. As predições do seu gênio familiar foram sempre verificadas.

A história do demônio de Sócrates era, em toda a Antigüidade, muito bem conhecida nos seus pormenores.

Escreve Plutarco: "Sócrates, tendo um entendimento puro e claro, era muito sensível ao que o atingia, e o que o

atingia podemos conjecturar que era não uma voz ou um som, mas a palavra de um demônio que, sem voz, lhe tocava na parte inteligente da alma. As inteligências dos demônios, tendo a sua própria luz, brilhavam para aqueles que eram suscetíveis e capazes de tal clarão, não tendo necessidade nem de nomes nem de verbos, dos quais os homens fazem uso quando falam uns com os outros, e por intermédio dos quais eles vêem as imagens das inteligências uns dos outros; mas não conhecem as próprias inteligências senão aqueles que têm uma luz própria, divina.(1)

(1) - *Du daemon de Socrate*, trad. de D'Amyot, Paris, Cussac, XX, 1803.

Sócrates, quando ouvia essas vozes, não continuava na sua conversação, sustava a caminhada, dizendo, para explicar o seu proceder, que acabava de ouvir a voz de Deus.

Fred. Myers falou excelentemente do demônio de Sócrates, e, com grande razão, segundo parece, compara essas vozes ouvidas por Sócrates às vozes que desde a sua infância Joana D'Arc ouviu.(2) Não achou, demais a mais, senão um único exemplo autêntico de clarividência dado pelo demônio socrático. Como o filósofo conversava com Eutifrom, interrompe de repente a conversação e diz aos amigos que voltassem para trás. Mas não o escutaram. Porém mal acabou de lhes falar, encontraram uma vara de porcos que os atropelaram e os derrubaram por terra.

(2) - *Fred. Myers, The daemon os Socrates*, P.S.P.R., 1889, V, 522-547.

No seu tratado *De divinatione*, Cícero fala corajosamente da predição do futuro, tal como o fizera Sócrates, diz ele. Mas, coisa singular, não se admira disso. Sem crer no fato, não se recusa admiti-lo. "Penso, declara, que há realmente uma adivinhação, que os gregos chamavam Mantike. Se admitimos que há deuses cujo espírito governa o mundo, que a sua bondade zela do gênero humano, não vejo a razão por

que se há de recusar admitir a adivinhação." Relata então uns exemplos de premonição do seu irmão Quinto, notadamente o sonho em que Quinto vê a ele, Cícero, cair de um cavalo (o que aconteceu). Responde-lhe Cícero, cuja resposta lhe pareceu satisfatória a si próprio: "A inquietação em que você estava a meu respeito fez com que você sonhasse comigo. É o acaso que produziu o sonho e o acidente (1)

(1) – *De Legibus*, II § 32 e 33

Cícero relata um outro fenômeno metapsíquico, que abrevio (2)

(2) - *De divinatione*, I, § 27, *Ciceronis Opera*, ed. Amar, XVI, 1824, 248.

Dois amigos, tendo chegado a Mégara, alojaram-se em casas diferentes. Um deles sonhou que o companheiro lhe pedia socorro, pois que o queriam assassinar. Acorda, compreende que tudo não passava de sonho, e dorme novamente. Mas outra vez lhe aparece o amigo e lhe diz: "Já que você não me pode salvar a vida, ao menos é preciso que me vingue: *se interfectum in plastrum a caupone esse coniectum, et supra stercus injectum... Hoc somnio commotus mane balbuco praesto ad portam fuisse, quaesisse ex eo quid esset in plaustro, illum perterritum fugisse, mortuum erutum esse; cauponem, re patefacta, poemas dedisse*". E Cícero, sem se admirar da exatidão da monição, acrescenta: "Quid hoc somnío dici divinus potest?"

Mas adiante, falando das adivinhações, às quais dava um pouco de crédito, escreve: *Multa falsa, imo obscura, idque fortasse nobis... facilius evenit ap Propinquante morte, ut animi futura augurentur*".

Tácito fala de uma visão que apareceu a Cúrcio Rufo: "*oblata ei species muliebris ultra modum humanum, et audita est vox*".(3)

(3) – *Annales*, XI § 21.

Se quisermos adentrar mais na história, encontraremos grande número de fatos de ordem metapsíquica. Porém toda conclusão séria é impossível.

Quem hoje ousaria falar seriamente de Simão o mago ou de Apolônio de Tiana, ou então de Cardan, de Cornélio Agripa? Os magos, os feiticeiros, os místicos, nada têm que ver com a ciência contemporânea, nem com a metapsíquica sã, tal como atualmente a entendemos.

A aparição de um fantasma a Bruto merece, entretanto, ser aqui contada. Ei-la, segundo Plutarco:

"Uma noite, já altas horas, quando todos dormiam no campo, onde reinava muito silêncio, estando ele na sua tenda com um pouco de luz, pareceu perceber que alguém lá entrava. Olhando para a entrada da tenda, viu uma maravilhosa e monstruosa figura, com um corpo estranho e horrível, a qual, sem dizer palavra, se lhe postou à frente; assegurou-se bem de lhe ter perguntado quem era, se era deus ou homem. Respondeu-lhe o fantasma: "Sou o seu anjo mau, ó Bruto, e você me verá perto da cidade de Filipe". Bruto, por outro lado, sem turbar-se replicou: "Pois bem, ver-nos-emos lá então". O fantasma imediatamente desapareceu e Bruto chamou os seus fâmulos, que lhe disseram não ter ouvido nenhuma voz nem visto qualquer visão".(1)

(1) - Plutarque. *Vies des hommes illustres*, trad. por Amyot, Paris, 1802, IX, *Vie de Brutus*, pág. 152.

As vozes e as visões de Joana D'Arc tiveram, sem dúvida, guarida nos fenômenos metapsíquicos.(2) Suas vozes e suas visões só eram percebidas por ela própria, de maneira que é necessário admitir que fossem subjetivas. É difícil crer fossem simples alucinações, porque essas alucinações foram numerosas vezes acompanhadas de fatos

reais e por predições numerosas vezes verificadas para que se possa admitir delírio de uma alienada. Não se pode absolutamente duvidar de que Joana D'Arc não fosse inspirada.

(2) - Ver de Vesme, *Storia dello spiritismo* (II, 290).

E impossível uma apreciação científica das velhas testemunhas, como o é para o fantasma de Bruto, as aparições de Lourdes, os milagres de Apolônio de Tiana e de Simão o mago. Antes é melhor admitir como provável, sem a pretensão de se chegar a qualquer demonstração, que Joana D'Arc era possuidora de certos poderes metapsíquicos. Esta é, mais ou menos, a opinião de Fred. Myers.

Haverá algum proveito em se estudarem as hagiografias, porque muitas vezes santos e santas produziram fenômenos metapsíquicos muito reais.

A auréola que cerca a cabeça, a bilocação, o cheiro de santidade, a incombustibilidade, a levitação, o falar em línguas estranhas, a profetização, acham-se nas vidas de muitos santos: São Francisco de Assis, Santa Teresinha, Santa Helena, Santo Alfonso de Liguori, São José de Copertino (1603-1663).

Deixo voluntariamente de lado a história dos estigmatizados e em geral todos os fenômenos orgânicos observados nos santos, porque essa influência do espírito - isto é, do sistema nervoso central - na circulação e na nutrição de tal ou tal parte do corpo (nervos tróficos) nada tem de metapsíquico. É o bastante fazermos referência a algumas publicações que os médicos multiplicaram a propósito do assunto.(1)

(1) - Apte (M.) *Les stigmatisés, étude historique et critique sur les troubles vasomoteurs chez les mystiques*. Tese de doutoramento, Paris, 1903 - Kohnstamm, *Hypnotische Stigmatisierung* (Zeitsch. f. d. Ausbau d. Entwicklungslehre, 1908, II, 314-321) - Gorres, *La mystique divine, naturelle et diabolique*, trad. fr., Paris, 1854,

II, 174-210 - Bourneville, Science et Miracle, Louise Lateau, ou la stigmatisée belge, 8°, Paris, 1875 - Carré de Montgeron, La vérité des miracles opérés par l'intercession du diacre Paris, II, Cologne. 1747 - Alfred Maury, La magie et l'astrologie, Paris, 1895- P. Janet, Bullet. De l'Institut psychologique international, juillet, 1901 - A. de Rochas, A.S. P., janvier, 1903.

Hesito em negar a veracidade dos antigos fatos de levitação. Gorres citou nada menos do que 72 casos. Não os citou ainda a todos, disse ele. Mas é impossível saber até que ponto esses milagres são verdadeiros. O santo que teve levitações mais freqüentes foi certamente José de Copertino (beatificado em 1753) nascido em 1603 e morto em 1663. "Os seus espasmos e as suas ascensões não foram somente, diz Gorres (pág. 308) presenciadas pelo povo e por religiosos de sua ordem. O papa Urbano VIII o viu um dia nesse estado e ele não coube em si de admiração. José, considerando que se achava na presença do vigário de Jesus Cristo, caiu em êxtase, elevando-se acima da terra".

Por muito tempo, tanto ontem como ainda hoje, se ridicularizou dessas credulidades, levitações de santos, adivinhações de sonâmbulos, pressentimentos de morte por meio de sonhos, curas extáticas, estigmatizados, casas assombradas, aparições. Confundiram atabalhoadamente todas essas crenças com um imenso desprezo, como coisa indigna do menor exame.

Parece-me que isso é falta grave. Nem tudo é seguramente verdadeiro nessas histórias: mas também nem tudo é falso. Os relatos estranhos, que algumas vezes chegam ao nosso conhecimento, provocam o nosso sorriso de mofa, e nos propendem a crer que disparatam. Pois bem! Não disparatam; não mentem; não há nunca ou quase nunca mentiras nos relatos fantasistas que nos confiam e muito raramente ilusões totais. Exageram, transformam, ajeitam as coisas, esquecem-se dos detalhes essenciais, ajuntam

detalhes imaginários: mas todas essas lendas contêm alguma parcela de verdade. Prova-nos a história das ciências que muitas vezes é necessário voltar até a idéias consideradas noutros tempos como pueris. O hipnotismo, e sobretudo o espiritismo, aí está para estabelecer o ponto em que as negações, que se formulam sem exame, fazem como a ciência, que, em vez de caminhar para frente, se fossiliza, quando a rotina, e não o amor do progresso, anima a alma dos sábios.

Mas torno ao livro de Gorres, muito completo, se bem que de uma credulidade sem limites para com todas as lendas, das quais nunca, não haja dúvida, se há de tirar a quantidade de verdade que há nelas.(1)

(1) - Tentei analisar um fenômeno antigo de possessão, assaz curioso, ocorrido em Presbourg, no ano de 1641. Porém não pude chegar a uma conclusão (Phénomènes métapsychiques d'autrefois, A.S.P., 1905, 197-217, 412-421)

O que é interessante é verificar que quase todos os fenômenos do metapsiquismo contemporâneo lá estão nomeados no livro.

E verdade que a ingenuidade dos cristãos de outrora não atribui os poderes metapsíquicos somente a Deus, aos, bons anjos e aos santos. Também o próprio diabo é capaz, quando atua numa pobre mulher, de fazer coisas do arco-da-velha. É quase tão poderoso como Deus e transmite ao atuado ou à atuada estranhos poderes:

- 1.º- faculdade de conhecer os pensamentos ocultos;
- 2.º conhecimento de línguas estranhas e faculdade para falá-las;
- 3.º- conhecimento dos acontecimentos futuros;
- 4.º conhecimento do que se passa em lugares distantes ou situados fora do alcance da vista ordinária;
- 5.º- suspensão no ar (levitação).

Esses são os fenômenos essencialmente metapsíquicos. Não é pois absolutamente duvidoso que, tanto para os atuados como para os santos, tais fenômenos pudessem lá como cá, manifestar-se em todos os tempos.

Mesmo na Antigüidade se faz menção às mesas giratórias, divinatórias (*Mensae divinatoriae*). Tertuliano fala das cadeias e das mesas que profetizam, ajuntando que isso é acontecimento vulgar. (1) Segundo Ammien Marcellin, construiu-se uma mesa em que se pôs um vasilhame com as vinte e seis letras do alfabeto. Um dos assistentes segurava um anel, suspenso por um fio, que se balançava por cima das letras. Anotava-se a letra sobre a qual ele parava e dessa maneira se fazia uma consulta adivinatória.

(1) - Ver Figuiet, *Histoire du merveilleux*, Paris, 1873, I, 18.

A respeito da antiga magia e até da magia moderna, pode-se consultar com interesse o recente livro de J. Maxwell (Paris, 1921, Flammarion).

Sobre a possessão demoníaca: Oesterreich, *Die Besessenheit* (Langensalza, 1821, Wend et Klamwell, com uma excelente bibliografia).

Com referência à adivinhação na Antigüidade, abundantes documentos foram reunidos na erudita obra de Bouché-Leclerc (*Histoire de la divination dans l'antiquité*, 4 vols. Paris. Leroux, 1879). O autor mostrou até onde os oráculos eram considerados como verídicos, citando Epicuro, que demonstrou a vanidade deles. Os antigos distinguem a cleromania (adivinhação pelos dados) que se fazia pela litobolia ou a triobolia, pedra ou seixo que se jogava ao ar e cuja caída se observava. Havia também a oniromancia, a ornitomancia, etc. Mas é difícil encontrar um único caso que, com certa probabilidade de premonições,

tenha sido verificado pela ação desses augures ou desses oráculos. O próprio público não lhe prestava grande fé. A pítia de Delfos, depois de ter feito recomendações favoráveis a Filipe de Macedônia (e naturalmente não sem algum interesse) dizia-lhe desassombradamente que era adivinha – philippicsei - do partido de Filipe.

A adivinhação por intermédio dos mortos era algumas vezes mais solene. In necromantia ad elevandum cadaver sanguis est necessarius: in sciomantia vero, quia umbrae tantum est evocatio, sufficit solus interitus (Sérvio, Aen., VI, 149). Lucano fala da evocação dos mortos, aos quais se pedem conselhos (Farsálias, VI, 420, 760).

Em suma, nada resta por saber da magia e da adivinhação antigas.

PERÍODO MAGNÉTICO (1)

Com Mesmer, tudo muda: Mesmer foi o iniciador do magnetismo animal, que, sem poder ser confundido com o metapsiquismo, está com ele estreitamente unido.

(1) - Acerca da obra de Mesmer e as origens do magnetismo, deve-se consultar sobretudo o notável artigo de J. Ochorowicz, Hypnotisme, no Dict. De Physiologie de Ch. Richet, Paris, 1909, VIII, 709, 777 - K. Kiesewetter, Geschichte des neueren Occultismus; geheimwissenschaftliche Systeme von Agrippa, por Karl du Prel, 2ª edição, Leipzig, 1907. Quanto à bibliografia do magnetismo animal e do hipnotismo, consulte-se o livro do Senhor Dessoir.

Em 1776, Antoine Frédéric Mesmer (1733-1815) apresentou em Viena, como tese inaugural de doutoramento em medicina, um estudo sobre a influência fisiológica dos planetas.(2)

(2) - Diss. physico-medica de planeastrum influxu, 48 págs., 16º, Vindobonae, Ghelen, 1766.

Durante dez anos, de 1766 a 1776, estudou, refletiu, analisou, tentando combinar a astronomia com a medicina e procurando sem rodeios o espalhamento da publicidade. Em 1778, chega a Paris e no ano seguinte publica a sua primeira obra dogmática.(1)

(1) - *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*, 85, 12°, Genève et Paris, P.F. Didot, 1779 - Ochorowicz prestou inteira justiça a Mesmer, que indiscutivelmente foi um precursor.

Compreendeu-se desde logo que se tratava de fatos novos e extraordinários. Acendeu-se a discussão. A Sociedade Real de Medicina, a Academia das Ciências e a Faculdade - intervieram. Ficou provado que pelos métodos de Mesmer um certo estado psicofisiológico era provocado e algumas vezes podia ser eficaz nas curas das doenças.

A nova doutrina conquistou imediatamente numerosos adeptos, tais como médicos, magistrados, gentis-homens, sábios. Em breve o magnetismo foi abertamente praticado. E isto graças sobretudo a Puységur, que, modificando os métodos de Mesmer, criou na verdade, em companhia de D'Elon e o naturalista Deleuze, bibliotecário da Biblioteca do Jardim das Plantas, o magnetismo animal (sonambulismo provocado) tal qual o conhecemos nos dias de hoje. (2)

(2) - *Máxime de Puységur, Rapport des cures opérées à Bayonne par l'électricité animale*, adresse à M. l'abbé de Poutouzat, conseiller clerk au Parlement de Bordeaux, Bayonne, 1784. *Mémoires pour servir à l'établissement du magnétisme animal*, Paris, 8°, 1820 - Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*, 1^o édition, 1813 - Pététin, *Electricité animale, mémoires sur la catalepsie* - Foissac. *Rapport et discussions sur le magnétisme animal*, Paris, 1825 - Deleuze, *Instruction pratique sur le magnétisme animal*, dern. éd., Paris, 1853.

Mesmer, adotando a palavra magnetismo, queria somente significar ação a distância, como outrora Paracelso ou Goclênio, quando falavam da ação magnética dos astros ou das substâncias. É nesse sentido que Mesmer é mais metapsíquico do que o foram os seus sucessores imediatos.

Com Puységur, D'Elon, Deleuze, a magnetização veio a ser sobretudo um processo terapêutico. Seja lá como for, já naqueles tempos, como nos de hoje, os fatos metapsíquicos, a ação à distância, a visão através dos corpos opacos, a clarividência (ou lucidez) foram observados. Mas - e isto é digno de nota - quase todo o esforço dos magnetizadores se limitou à diagnose e à terapêutica das doenças.(1)

(1) - Há uma obra póstuma de Deleuze, *Mémoire sur la faculté de prévision*, anotada por M. Mielle, Paris, 1834.

Pététin, médico em Lyon, citou diversos fatos de criptestesia, que ele explica ingenuamente por uma sensibilidade especial do epigastro. Um dos seus doentes, cataléptico, quando lhe metiam uma carta no estômago, a reconhecia. Pététin foi um dos magnetizadores de antanho que, com maior cuidado estudou os fenômenos psicológicos, ou por melhor dizer, metapsíquicos, os quais geralmente acompanham o estado de hipnose.

O barão de Du Potet e Husson, médico no Hospital Geral e membro da Academia de Medicina, fizeram, em 1825, famosas experiências acerca do sonambulismo provocado a distância.(2) Um relatório memorável, apresentado na Academia de Medicina de Paris, apareceu em 1833 (Husson, relator).

(2) - *Die Seherin von Prevorst, Eroffnungen uber das innere teben d. Menschen und uber das Hereinragen einer Geisterwelt in die unsere*, Stuttgart, 1829, 5ª edit., Stuttgart, 1877. *Die Seherin von Prevors tund ihre Geschichte in der Geisterwelt, nach Just. Kerner, von Binem ihrer Zeitgenossen*, Stuttgart, 1869 - A. Reinhard, *Justinus Kerner un das werner haus, zu Weinberg*, Tubingen, 1866 - J. Kerner, *Blatter aus Prevorst Originalien und Lesefruchte fur Freunde des innern Lebens*, Stuttgart, 1831-1839.

Entre as conclusões a que chegaram, assinalarei as seguintes, que poderão parecer temerárias até nos dias de hoje:

"A vontade, a fixidez do olhar, são o suficiente para produzir os fenômenos magnéticos mesmo à revelia dos magnetizados."

"O estado de sonambulismo pode dar azo ao desenvolvimento de faculdades novas designadas com o nome de clarividência, intuição, previsão interior."

"Pela vontade, pode-se não somente agir sobre o magnetizado, mas também pô-lo completamente em estado sonambúlico, obrigar o seu espírito, mesmo contra a própria vontade, a deixar o recinto, indo para lugares de certa distância e através de portas fechadas."

"Vimos dois sonâmbulos distinguir, com os olhos fechados, objetos colocados diante deles, e, sem lhes tocar, nomear a cor e o valor das cartas, ler palavras escritas à mão ou algumas linhas de livros que se abriram ao acaso. Processou-se esse fenômeno justamente no instante em que se colocavam os dedos em suas pálpebras, impedindo-lhes a visão."

Não obstante essas afirmações, o ceticismo dos sábios oficiais triunfou. O relatório de Husson foi combatido, depois esquecido, e os fenômenos metapsíquicos, dos quais se aproveitaram os romancistas, foram negados ou antes menosprezados pelos homens de ciência.

Na Alemanha, houve uma observação notável, como aquela de Frederica Hauff, que Justinus Kerner, médico e poeta, estudou por muito tempo.

Ninguém duvida que Frederica Hauff não tenha sido poderosa médium. Ela via espíritos e era também médium de materialização. "Um dia, diz Kerner, enquanto eu conversava com o seu irmão, disse-me: Silêncio! Eis aí um espírito que atravessa o quarto e vai de encontro à minha

mãe. Vi então perto do leito de Frederica Hauff uma forma indecisa, uma como que coluna luminosa, tendo o talho de um ser humano, o qual estava ao pé do leito da vidente e lhe falava em voz baixa."

Ouviam-se ao derredor dela pancadas que se produziam espontaneamente: ouviam-se elas até nos objetos vizinhos, nas mesas, na madeira do leito. Os objetos podiam mover-se sem contato e é provável que ela falasse línguas estranhas. Produziu fenômenos de levitação.

Foi somente por três anos, de 1826 a 1829, que produziu esses notáveis fenômenos, durante os quais se achava doente e não podia quase levantar-se da cama. Todos aqueles que, em vez de chasquear, estudaram Frederica Hauff, ficaram convencidos não somente de sua boa-fé, mas também dos fenômenos metapsíquicos, ou sobrenaturais, como se dizia então: por exemplo, o magistrado Pfaffer e Strauss, o célebre autor da Vida de Jesus.

Nessa época também, na Alemanha, apareceram os trabalhos de Reichembach. A sua obra demais a mais antes é um capítulo (aliás bem obscuro) de fisiologia do que de metapsíquica, porque a ação do ímã nos organismos não pode confundir-se com a criptestesia ou a telecinesia. Os trabalhos de Reichembach foram infelizmente muitos menos estudados do que contestados (1)

(1) - A. de Rochas publicou-os parcialmente em francês, com interessantes adições.

O que se relaciona inteiramente com a metapsíquica são os fenômenos de lucidez que, sobretudo na França, provocaram os sonâmbulos como a Senhora Pigeaire e Aléxis Didier. Entretanto, salvo honrosas exceções, os sábios e os médicos, de 1830 a 1870, não se ocuparam do sonambulismo senão para combatê-lo. Compreende-se muito

bem o seu estado de alma. Fazendo comércio da chamada virtude terapêutica do magnetismo, numerosos sonâmbulos, lúcidos ou extralúcidos, estabeleceram-se com gabinetes de consulta em toda a parte, não só em França mas também no estrangeiro, tanto nas pequenas como nas grandes cidades. Houve sonâmbulos em todas as feiras. O sonambulismo tornou-se até uma profissão, cuja moralidade era problemática. Os sonâmbulos tiravam a sorte pelas cartas, adivinhavam o futuro pela borra de café ou entregavam-se à quiromancia. A gente crédula os procurava e os sábios erguiam os ombros. De embrulho com essa moxinifada, a clarividência de certos sonâmbulos, como a da Senhora Lenormand, Senhora Pigeaire e Alexis, diminuía de valor e desaparecia. Sem embargo, houve algumas obras sérias.(2)

(2) - Du Potet, *Essai sur l'enseignement philosophique du magnétisme*, Paris, 1845 - La Fontaine, *L'art de magnétiser ou le magnétisme vital considéré sous le point de vue théorique, pratique et thérapeutique*, Paris, 1847, 5^o édit., 1887 - Bertrand A., *Du magnétisme animal em France, suivi de considérations sur l'apparition de l'extase dans les traitements magnétiques*, Paris, 1826 - Teste, *Manuel pratique du magnétisme animal*, 12^o, Paris, 1840, Elliotson, *Animal magnétisme*, *Lancet*, 1837, p.1338, p. 122, 282, 377, 400, 441, 516, 546, 585, 615, 634 - Esdaille, *Reports of the magnetic Hospital*, Calcutta, 1848, 761 - Passavant, *Untersuchungen uber den Lebenmagnetismus und das Hellsehen*, 2^o édit., Franckfurt-A.-M. 1837.

Apareceram numerosos jornais, que, em geral, tiveram vida efêmera. Outros, ao contrário, viveram ainda por muito tempo. O *Journal du Magnétisme*, publicado por Du Potet, 1845-1885 - *The Zoist, Journal of cerebral physiology and mesmerism and their application to human we fare* (Londres, H. Baillière, 1843-1853) - *Archiv fur den thierischen Magnetismus*, Altenburg e Leipzig, 1817-1822. Poder-se-iam citar outros mais.

3.º- PERÍODO ESPIRÍTICO

Em 1847 sobreveio um acontecimento, insignificante na sua aparência, mas na realidade de considerável importância,

que introduziu no mundo fatos desconhecidos e doutrinas ainda não menos desconhecidas do que os fatos.

O magnetismo animal, à força de não ser mais do que uma duvidosa terapêutica, não caminhava para frente. O espiritismo, apresentando novas práticas e novas teorias, constitui uma nova era: a do terceiro período (espirítico) das ciências metapsíquicas, que vai de 1847 a 1872.

Em 1846, na cidadezinha de Hydesville (Arcádia) perto de New York, um certo Michel Weakman ouviu extraportas um ruído fora do comum. Foi lá ver, nada viu. Porém como os ruídos se estavam repetindo e o importunando, mudou de Hydesville. Um senhor, John Fox, juntamente com as suas duas filhas, Catarina e Margarida, a primeira com doze e a segunda com quatorze anos de idade, habitou a casa. Uma noite, quando já se acomodavam nas camas, Catarina e Margarida ouviram pancadas, estalidos (rape) e verificaram (dezembro de 1847 a março de 1848) que eles não se produziam a esmo (1).

(1) - *Explanation and history of the mysterious communion with spirits in western New York* (New York, Foxler and Wels, 1850) - London, 1853 - E. Capron, *Modern spiritualism, its facts and Fanaticism* (Boston, 1855).

Os fenômenos desenvolveram-se em breve tempo: diversas pessoas verificaram que os estalidos indicavam conhecer fatos tidos por segredos. A família Fox, em agosto de 1848, deixou Hydesville para ir a Rochester. Léa Fish, a irmã mais nova de Catarina e Margarida, tomava parte, com as irmãs, nas manifestações espirituais.

Imaginou-se (Isaac Post) a construção de um alfabeto com o qual se podia conversar com as forças desconhecidas, que se diziam espíritos.

A fim de se controlar seriamente os fatos apregoados pelas irmãs Fox, os quais, dia a dia, atraíam numerosa

assistência, fizeram-se reuniões, algumas tumultuosas, outras entusiastas. O primeiro inquérito científico parece datar de junho de 1852, levado a efeito em Saint-Louis (Missouri). Parece que foi favorável. Entretanto, a família Fox não estava nada menos do que desinteressada. As experiências eram pagas e davam-se representações públicas, onde cada lugar tinha o seu preço, tal como num circo.

Todos esses ensaios do espiritismo, o acaso em primeiro lugar, depois um mercantilismo vergonhoso - tudo não passa de lamentável acontecimento (1).

(1) - Houve qualquer coisa de parecido com a anestesia cirúrgica, admirável descoberta levada a efeito também na América. Deveu-se ela ao acaso e imediatamente Horace Wells e Morton trataram de tirar a patente, bem como proveito pecuniário dela. Mas essa ganância do dinheiro não muda a realidade das coisas. O. e W. Wright não cogitaram de tirar a patente da sua máquina voadora. Nem por isso a grandeza da sua invenção foi diminuída.

Mas o impulso tinha sido dado. Na América, e logo depois na Europa, a prática das mesas giratórias e a doutrina do espiritismo fizeram, em três anos, notável progresso. Como se deu em 1780 com o magnetismo animal, foi extraordinária, em 1850, a mania das mesas giratórias - e pueril será não vermos em tudo isso senão a conseqüência de uma enorme ilusão coletiva.

Demais a mais, à credulidade fanática de uma massa cega e ignorante, e à denegação chasqueadora de uma massa tão ignorante como cega, vieram ajuntar-se as opiniões ponderadas e convicções estribadas na razão. Ficou brevemente provado que os fenômenos dos estalidos e da telecinesia podiam ser verificados não só com as irmãs Fox, mas também com outros médiuns (2).

(2) - Produziu-se um fenômeno interessante. Margarida Fox, que veio a ser depois a Senhora Kane, confessou em 1888, no Intuito de tirar proveito pecuniário, que se havia enganado outrora e que a sua produção fenomênica de mocinha inexperiente não passara senão de imposturas.

A sessão em que ela fizera essa declaração foi tumultuosa e causou indignação em toda assistência (Academia Musical de Boston). A outra irmã, Catarina, que mais tarde veio a ser a Senhora Joncken e depois a Senhora Sparr, afeiçoada demais a mais ao vício do álcool, fez, em Rochester, em novembro de 1888, a mesma declaração. Porém em 1892, Margarida e Catarina, dando conta das suas confissões, retrataram-se. Nada provam esses fatos lamentáveis senão a fraqueza mental das médiuns.

Pensando bem, quando se afirma uma coisa, não basta que mais tarde se diga que se mentiu: é necessário mostrar como se pode mentir e enganar.

Um certo Blackman propalava que, por hábeis artimanhas, e de parceria com G. A. Smith, enganou por muito tempo a Gurney, Myers, Podmore, H. Sidgwick e Barrett (*Confessions of a telepathist*, J.S.P.R., outubro de 1941, pág. 116). Parece-me que Marthe Béraud, uma vez, declarou outrora a um advogado de Argélia, que havia simulado na vila Carmem. Todavia mais tarde negou tivesse feito essa declaração. Aliás a afirmação desse advogado absolutamente não merece ser considerada. Haveria um pequeno capítulo para escrever sobre as pseudoconfissões de médiuns.

Entre as adesões, nenhuma exerceu influência mais poderosa do que aquela do juiz Edmunds, senador, homem considerado nos quadrantes dos Estados Unidos tanto pela sua probidade quanto pela sua sagacidade.

Os médiuns são as mais das vezes de tal instabilidade mental, que as suas afirmações, positivas ou negativas, não têm lá grande valor. Que mais tarde, depois do prodigioso surto do espiritismo, devido às suas primeiras experiências, as irmãs Fox tivessem simulado, trapaceado, é possível, é provável, é coisa quase certa. Sabemos que numerosos exemplos de médiuns muito poderosos, os quais, depois de terem produzido autênticos fenômenos e vieram mais tarde, em conseqüência da sua cupidez ou vanilidade, o seu poder medianímico decrescer, tentaram produzi-los pela fraude. É difícil admitir que o fenômeno das pancadas, que certamente é verdadeiro, tenham sido de todo em todo inventado pelas irmãs Fox e desprovido de nenhuma realidade. Antes de 1847 nada se sabia das pancadas e dos estalidos (1). Vieram às irmãs Fox, duas meninas, que apresentaram fatos memoráveis e notáveis. Então, em todas as partes do mundo, esses mesmos fatos foram constatados e a sua produção se

multiplicou. Mas não: as irmãs Fox mentiram! O que é provável ser mentira é a negação dos fatos. Elas tentaram, notando que o favor e o dinheiro do público já não lhes sorriam, despertar novamente, por um desmentido, a atenção do público acerca das suas apagadas pessoas.

(1) - Entretanto, segundo J. Maxwell (*Les sciences psychiques, Revue de Paris*, ler. Mars 1921) o bispo Adrien de Montalembert teria em 1526 verificado o fenômeno das pancadas numa religiosa de Lyon.

Ora, em 1847, Margarida Fox tinha quinze anos: Kate, doze. Pode-se admitir que essas meninas tenham forjado uma fraude, que foi a causa de milhares de contestações durante três quartos de século? A realidade dos estalidos não depende das irmãs Fox. Em 1888, era demasiado tarde para elas se desdizerem e a sua retratação nada prova (1).

(1) - As experiências levadas a efeito por Aksakof e Boutleroff com Kate Fox, aliás muito desinteressantes, são relatadas mais para diante (*A.S.P.*, 1901, XI, 192).

É deplorável julgar que, no ano de 1849, a família Fox se entregava já a sessões remuneradas de experiências teatrais de espiritismo. Isso não diminui a veracidade dos fenômenos, assim como as patentes tiradas por Wells e Morton pelo emprego do éter não contradizem a realidade da anestesia (2).

(2) - Para maiores detalhes na história do espiritismo, consulte-se E. Morselli, que apresenta ensinamentos abundantes e precisos (*Psicologia e espiritismo*, Torino, 1908, I, 12-27).

Não se pode acompanhar aqui o desenvolvimento rápido do espiritismo. Em 1852, um abaixo-assinado com 14.000 assinaturas foi apresentado ao Senado dos Estados Unidos, pedindo que uma comissão científica fosse nomeada para o estudo de todas as questões referentes ao espiritismo.

Era pois já uma religião nova. Multiplicavam-se os centros espíritas, os jornais espíritas.

Entre os adeptos de primeira hora, que cerraram fileiras com Edmunds,(3) convém citar, na América, o professor

Britton, David Wells, Byrant, Bliss, professores na Universidade de Pensilvânia, e sobretudo o Dr. Robert Hare, professor de química no Colégio Harvard (4) que se converteu depois de muita incredulidade.

Na Europa, o espiritismo se desenvolveu rapidamente, não deixando, diga-se logo, de provocar animosas reações (5).

(3) - Os seus escritos, em colaboração com Talmagde, antigo governador de Visconsin, e o Dr. Dexter, foram publicados com o título: *Spiritualist tracts* (New York, 1858-1860).

(4) - Hare, *Experimental investigations of the spirit manifestations demonstrating the existence of spirits, and their communications with mortais*, Philadelphie, 1856 - Makaan, *Modern mysteries explained and exposed*, Boston, 1855 (University).

(5) - Ver De Mirville, *Pneumatologie des esprits et de leurs manifestations diverses (fluidiques, historiques, etc.)*, Paris, Ire. édit., 1853, 5^o édit., 5 vol., Paris, 1863-1864 - Gasparian (A. de Des tables tournantes, du surnaturel en general, etc., Paris 1855 - Thiéry (2) *Les tables tournantes considérées au point de vue de la physique générale*, Genève, Kessmann, 1855 - Hornung (E.) *Spiritualistische Mittheilungen aus der Geisterwett*, Berlim, 1859 et 1862 - Kiesewetter (C.) - *Die Entwicklungsgeschichte des Spiritismus von der Urzeit bis zur Genenwart*, Leipzig, Spohr, 1893 - Leymarie, *Historie du spiritisme, compte reundu du congrès de 1889*, Paris, librairie spirite, 1899, p. 3-45 - Malgras, *Les pionniers du spirítisme*, Paris, lib. Des sciences psychologiques, 1906.

Os sábios, notadamente, recusaram-se a admitir a autenticidade dos fenômenos. Para explicarem os fenômenos incontestáveis das mesas giratórias e das pancadas, imaginaram hipóteses assaz engenhosas, bem como explicações algumas vezes muito exatas, vezes outras sutilmente errôneas.

Nessa época, com efeito, isto é, por volta de 1854, ignorava-se quase que completamente, o fenômeno dos movimentos inconscientes, hoje tão bem conhecidos. Foi Chevreul quem teve o grande mérito de os explicar e dar deles uma interpretação engenhosa, racional (1). Essa teoria de Chevreul foi apoiada por Babinet (2), Faraday (3), Carpenter, e em geral por todos os fisiologistas e físicos.

(1) - Chevreul, De la baguette divinatoire, du pendule explorateur, et des tables tournantes, Paris, 1854.

(2) - Babinet, Études et lectures sur les sciences d'observation, Paris, 1856 - Carpenter, Principles of mental physiology et psychological curiosities of spiritualist (Pop. sc Monthly, 1877, III, 128) - Faraday, The table turning delusion, Lancet, 1853 - Cumberland, Fraudulent aspects of spiritualism, Jour., of mental science, 1881, XXVII, 280-628 - Morin (M.S.) Le magnétisme et les sciences occultes, Paris, 1855.

(3) - Ver acerca dos trabalhos de Faraday o recente artigo de Fr. Grunwald, Faraday; uber d. Tischrucken Psych. Stud., 1920, XLVII, 151, 298, 295.

Realmente, o estudo das mesas giratórias é um dos mais complicados da metapsíquica objetiva, porque nada é mais intrincado do que determinar a parte do inconsciente nos movimentos oscilatórios da mesa. Não se duvida da boa-fé dos assistentes, mas sem dúvida não podem eles sem nem conscientes das contrações musculares inconscientes e involuntárias nem responsáveis por elas. Assim, a prova de que há movimento da mesa sem contração muscular, não pode pois ser feita de maneira rigorosa.

De igual modo se deve proceder com relação às pancadas. Um eminente fisiologista, Senhor Schiff, fez consigo mesmo uma singular experiência. Provou que deslocando por uma contração muscular o tendão do músculo perônio lateral podia provocar um ruído comparável aos estalidos que produzem tais espíritos. Essa explicação pueril, que hoje faz sorrir, teve boa acolhida por alguns sábios que provavelmente nunca ouviram os estalos que se fazem ouvir numa mesa, os quais algumas vezes são ressoantes, outras, musicalmente ritmados. Os ressonidos do tendão do perônio, se outras pessoas, que não o ilustre fisiologista de Florença, os podem produzir, nada têm de comum com as vibrações da madeira. As asserções do Senhor Schiff precederam aquelas feitas por A. Flint, outro distinto fisiologista, que depois de ter estudado as irmãs Fox atribuía aos estalidos do joelho os ruídos produzidos (1).

(1) - Flint (A.) On the discovery of the source of the Rochester knockings, and on sounds produced by the movements of joints and tendons. *Quartely Journ. Psychical Med.*, New York, 1869, II I, 417-446 - Schiff, *Comptes rendus de l'Ac. des sciences*, 18 abril 1859 - Jobert, Velpeau, Cloquet. Discussão acerca do mesmo assunto, *ibid.*, *passim*.

A essas objeções de ordem experimental, assaz acanhadas, demais a mais, os espíritas responderam mal. Eles teriam podido, sem dúvida, responder, como o fizeram mais tarde, pelas experiências. Mas responderam com teorias e com o ensaio de uma nova religião.

É sobretudo ao Sr. H. Rivail, doutor em medicina (1803-1869) quase nada conhecido com esse nome de Rivail, mas célebre como pseudônimo de Allan Kardec, que se deve a teorização do espiritismo (2).

(2) - *Le livre des esprits*, Paris, 1857, Ire. édit. *Lê livre des médiums*, Paris, 1861, Ire. édit. Houve mais de trinta edições desses célebres livros. Apareceram traduções em todas as línguas. Allan Kardec foi o fundador da *Revue spirite*, que se publica até hoje, estando já no seu 30º ano.

A teoria espírita de Allan Kardec é assaz simples. Não há morte para a alma. Depois da morte, a alma torna-se um espírito, o qual procura manifestar-se por intermédio de certos seres privilegiados, que são os médiums, capazes de receberem ordens e atuações de espíritos. O espírito procura reencarnar-se, isto é, renascer sob a forma de um ser humano, do qual ele é a sua alma. Todos os seres humanos, como já o pensava Pitágoras, passam por fases sucessivas migratórias. O seu perispírito pode em certas circunstâncias excepcionais, materializar-se. Os espíritos conhecem o passado, o presente e o futuro. Algumas vezes se materializam e têm o poder de obrar na matéria. Estamos rodeados de espíritos. Sob o ponto de vista moral, devemos deixar guiar-nos pelos bons espíritos, que nos encaminham os passos para o bem, e não deixar conduzir-nos pelos maus espíritos, que nos induzem ao erro.

É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante a sua credulidade exagerada, tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apóia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos.

Essa teoria tem entretanto, um lado fraco, dolorosamente fraco. Toda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais se diz que os espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que esteja influenciado por maus espíritos. Nestas condições, se acompanhamos a teoria de Allan Kardec, seremos também levados a aceitar como dinheiro contado todas as divagações do inconsciente, as quais, salvo exceções, dão sempre mostra de uma muito primitiva e pueril inteligência. É um erro bem grave construir uma doutrina com as palavras dos tais espíritos, que são pobres espíritos.

Da mesma maneira, é Allan Kardec certamente o homem que, no período de 1847 a 1871, exerceu a mais intensa das influências, abrindo um rasgo profundo na ciência metapsíquica.

Na Inglaterra, o espiritismo foi defendido por Dale Owen e por A. R. Wallace. Alfred Russel Wallace é o grande sábio que teve a glória de competir com Darwin. Não temeu entrar na contenda e seus livros testemunham a sua intrepidez, porque era necessária muita intrepidez para defender a causa de uma ciência que tão poucos indícios tinha de ciências(1).

(1) - Owen (R. D.) *Footfalls on the boundary of another world, with narrative illustrations*, Philadelphie, 1877 - Owen (R. D.) *The debatable land between this world*

and the next, New York, London, 1871 (Trad. alem., *Das streitige Land*, Leipzig, 1876) - Wallace, A Russel, *A defence of modern spiritualism* (*Fortnightly Review*, London, 1874, XV, 630-657) - *The scientific aspect of the supernatural*, London, 1866 (Trad. alem., *Die wissenschaftliche Aussicht, etc.*, Leipzig, 1874) - *On miracles and modern spiritualism*, London, 1873 (Trad. fr., *Les miracles, etc.*, Paris, Leymarie).

Na Alemanha, Zollner ficou sozinho.

Os frutos estavam sazoados. Apareceu então William Crookes, o grande pioneiro da metapsíquica.

4.º PERÍODO

Por muito meritório que seja o valor de Crookes, tão grande como a sua coragem, foi ele precedido pelos membros da Sociedade Dialética de Londres, os quais, em janeiro de 1869, por proposta de Edmunds, se reuniram em número de trinta e seis para estudarem cientificamente os fenômenos do mediunismo.

Entre eles estavam o engenheiro Cromwell Varley e o ilustre Russel Wallace, juntamente com um homem de alta inteligência, Sergeant Cox, os quais tiveram um papel preponderante no assunto. Sábios de reputação, como Tyndall, Carpenter, recusaram tomar parte na comissão. Houve mesmo dissidência no seio da própria comissão. O presidente Lubbock e o vice-presidente Huxley eram, claramente, contrários às conclusões favoráveis da maiorias (1).

(1) - *Report on spiritualism of the committee of the London dialectical Society, together with the evidence, oral, and written, and a selection from the correspondance* (Longmans et Green, London, 1871, trad. fr., *Libr. Spirite*, 1903. Trad alem., Leipzig, Mutze).

Os fatos verificados pela Sociedade Dialética eram de evidência meridiana, não consequência da convicção dos

sábios, e tiveram um admirável resultado: levaram William Crookes a estudar a questão. Por um feliz acaso, encontrou Crookes dois médiuns extremamente poderosos, com os quais pôde trabalhar: D. Douglas Home e Florence Cook.

Crookes tinha então trinta e sete anos, estando, não há que ver, em pleno vigor de idade e inteligência. Era já um sábio ilustre. Tinha descoberto um novo metal, o tálio (1863) e prosseguia nas suas pesquisas frutuosas acerca da espectroscopia, a astronomia, a meteorologia. Era diretor das *Chemical News* e do *Quarterly journal of science*.

Estava decidido a estudar as propriedades extraordinárias de Home. Publica, de 1869 a 1872, memórias muito notáveis pela precisão da linguagem e severidade da experimentação, que contrastavam com o estilo habitual das publicações espíritas. Era o advento do período científico do espiritismo (1). "Não digo que isto é possível, afirmava ele, porém que isto é verdade".

(1) - São de polêmica muitos dos seus escritos. Citarei apenas: *Experimental investigations on psychic force*, London, Gilman, 1871, tr. fr. libr. des sc. psychologiques, Paris 1897 - *Researches on the phenomena of spiritualism*, Londres, Burns, 1894. Essa obra foi traduzida em francês, Paris, 1878, em alemão, Leipzig, 1874, em italiano, Locarno, 1877 - *On psychical research. Report Smithsonian institution*, Washington, 1898-1899, 1852-05 - *Psychic force and modern spiritualism, a reply to the quarterly Review and other crítica* (London, 1872) - *Discursos recentes acerca de pesquisas psíquicas* (Tr. fr., Paris, Leymarie, 1903).

Mas o respeito pelas idéias tradicionais era já coisa de idolatria, a ponto tal que ninguém se dava o trabalho nem de estudar nem de refutar. Contentava-se com o rir, e confesso que, por vergonha minha, estava eu também entre os cegos voluntários. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio que ousava apregoar, em 1872, que há fantasmas, que se pode ouvir o bater do seu coração, bem como lhes tirar fotografias. Mas essa coragem foi sem grandes conseqüências imediatas. Devia produzir os seus

frutos mais tarde. É hoje somente que se pode compreender bem Crookes, cujas experiências são, ainda agora, a base de toda a metapsíquica objetiva. Foi feita com granito, nenhuma crítica pode abalá-la. Nos últimos dias de sua gloriosa e laboriosa vida, dizia Crookes ainda que nada tinha que retratar com relação ao que outrora havia afirmado.

Para os dias vindouros, os espíritas saberão como hão de proceder nas suas experimentações. Não se trata mais de uma doutrina de aspecto religioso ou místico, tresmalhada em escusas considerações espirituais ou teosóficas: trata-se de uma ciência experimental, menosprezadora de teorias, tão exata na sua precisão requerida, como a química, a física e a fisiologia.

O magnetismo animal passou, também ele, por análoga evolução. Depois de Puységur, Deleuze e Du Potet, não mais progrediu. J. Braid, de Manchester, batizando-o com o nome de magnetismo, absolutamente não lhe descerrou os véus místicos, nem muito menos as desastradas tendências terapêuticas (1) de maneira que os médicos e os fisiologistas, em 1875, criam nele tanto como criam nas materializações de Katy King.

(1) - Braid (J.) *Neurypnology or the rationale of nervous sleep considered in relation with animal magnetism. Illustrated by numerous cases of its successful application in the relief and cure of diseases.* London, Churchill, 1843 - Nouvelle edit., Londres, 1899 - *Power of mind upon the Body*, London, 1846 - *Der Hypnotismus*, trad. alem., Berlin, 1822 - *Neurypnologie*, trad. fr., Paris, Delahaye, 1883.

Em 1875, sendo eu ainda estudante, pude provar que se tratava de um fenômeno fisiológico normal, que a inteligência, nesse estado, não se perturba (algumas vezes fica até superativada) que não há possibilidade de se admitir qualquer ação mágica ou magnética. Alguns anos mais tarde, apresentei também os primeiros exemplos de desdobramentos da personalidade, entrevistados por Phillips e

por Azam (2). Essas mudanças de personalidade esclareceram singularmente todos os fenômenos ditos espíritos.

(2) - Ch. Richet, *Du somnambulisme provoqué*. Journ. de I anat. et de la physiologie, 1875, XI, 348, 378 - *Revue philosophique*, 1880, X, 337-384-A. F. pour l'avancement des sciences, Reims, 1881, IX, 50, 60 - Azam, *Le dédoublement de la personnalité*, Rev. scientif., 1890, XLVI, 136, 141.

Certamente, nada do que apresentei na minha memória de 1875 era, de modo absoluto, novo. Os antigos magnetizadores tinham verificado os mesmos fatos. Da mesma maneira, seguramente, quando em 1872 Crookes demonstrou a realidade dos fantasmas, nada mais fez do que aquilo que os espíritas pouco mais ou menos já o tinham feito. Mas o que era novo era a aplicação rigorosa da ciência experimental à dos fenômenos incompletamente estudados, imperfeitamente demonstrados, os quais, justamente por causa dessas análises incompletas e imperfeitas, estavam fora de cogitação da ciência.

Logo depois do aparecimento de minha memória foram feitas, em todas as partes do mundo, numerosas experiências, deixando o magnetismo animal de fazer parte das ciências ocultas (1).

(1) - Heidenhain, *Zur Kritik hypnotischer Untersuchungen*, Bresl, aetzil. Zeitsch, 1880, 52, 55, e *Rev. scientifique*, 1880, XVIII, 1187, 1190 - Chambard, art. *Somnambulisme du Diet. encycl. des Sc. Médicales*.

Não desejo mencionar aqui as observações de Charcot e de Bernheim, posteriores à minha memória de 1875 e nela inspiradas (1878-1886). A história completa, até o ano de 1902, se encontra no antigo *Hypnotism* do *Index catalogue* (2) 1902, VII. 743, 766 (Ver também Morselli (E.) *Il magnetismo animale, la fascinazione, gli stati ipnotici*, 2º ed. Torino, 1886).

O esforço dos sábios que estudam a metapsíquica deve consistir fazer sair do oculto esta ciência, assim como o saiu o magnetismo animal.

Um acontecimento memorável, tão importante como as publicações de Crookes, foi o que se deu também na

Inglaterra, relativo à fundação da Society for psychical Research, da qual E. Gurney e Fr. Myers foram os impertéritos e ardentes inspiradores. Constituiu-se um grupo de pessoas eminentes, resolvidas a lançar as suas investigações nas terras amaldiçoadas do ocultismo e a descobrir, graças à rigorosidade dos méritos científicos, exatos, a verdade escondida na confusão de fatos estranhos (2).

(2) - Os presidentes dessa Sociedade foram: Henry Sidgwick, 1882-1884, 1884-1892 - Balfour Stewart, 1885-1887 - A. J. Balfour, 1893 - William James, 1894-1895 - William Crookes, 1896-1899 - Fred. Myers, 1900 - Oliver Lodge, 1901-1903 - Sir William Barrett, 1904 - Charles Richet, 1905 - G. Balfour, 1906-1907 - Sra. H. Sidgwick, 1908-1909 - A. Arthur Smith, 1910 - Andrew Lang, 1911 - Carpenter, 1912 - H. Bergson, 1913 - Schiller, 1914 - Gilbert Murray, 1915 - Jacks, 1917 - Lorde Rayleigh, 1919 - W. M. Dougall, 1921.

Desse modo, amontoaram-se fatos, experiências, teorias, trabalho enorme que veio a ser à base de toda a metapsíquica hodiernas (3).

(3) - Os Proceedings of the Society for psychical Research (London, Trubner) formam uma coleção de 28 volumes, aos quais é necessário juntar o Journal of the Society for psychical Research (1884-1920) não destinado à publicidade (for private circulation only). Um índice muito bem feito apareceu em 1904, em que são indicados os principais casos dos Phant. of the Living, dos P.S.P.R., do Journal S.P.R. e dos Proceed of the Americ. S. P. R., London, Johnson, 1904 - A sede dessa Sociedade era em Londres (W.) 20, Hannover Square - os Phantasms of Living, por E. Gurney, Fred. Myers e Podmore, foram traduzidos em francês (e abreviados) com o título: Hallucinations télépathiques, por L. Murillier, Paris, Alcan. É uma obra admirável, monumento, a um só tempo, de sagacidade e paciência.

Esse movimento de renovação não ficou limitado à Inglaterra. Em França, metemos mãos à obra, tentando criar um movimento nas mesmas proporções daquele que nos deram Gurney e Myers, se bem que os nossos recursos fossem menores e menos numeroso fosse o grupo de simpatizantes. Constituímos, com Th. Ribot e L. Marillier, uma Société de psychologie physiologique, que desapareceu em breve tempo, porque tivemos a estulta pretensão de querermos contar com o interesse dos psicólogos,

fisiologistas, médicos, nas pesquisas metapsíquicas, com as quais jamais se dignaram ocupar seriamente. Foi então que fundei, juntamente com Dariex, os Annales de Sciences psychiques (1890-1920) dos quais C. de Vesme veio a ser em seguida o zeloso diretor. Os A. S. P., que substituem hoje a excelente Revue métapsychique, dirigida por Geley, estabeleceram, como os P. S. P. R., uma balança eqüitativa entre a credulidade dos jornais espíritas e a ignorância cega das compilações da psicologia oficial.

Entretanto, por importantes que sejam as sociedades psíquicas, por úteis que sejam os jornais, esses esforços não têm valor senão para as pesquisas experimentais levadas a cabo por indivíduos que preferem trabalhar a sós. Realmente, não há metapsíquica sem médium. A finalidade das sociedades psíquicas é precisamente não deixar que se anule, sem nenhum proveito para a ciência, na obscuridade de sessões pouco científicas, despercebidas de rigoroso controle, o poder de certos médiuns notáveis.

Houve, de 1885 a 1920, médiuns muito poderosos: Slade, Eglinton, Stainton Moses, Eusapia, a Senhora d'Esperance, a Senhora Thomson, Marthe Béraud, Stanislaw Tomzyk, a Srta. Goligher, a Senhora Léonard. Entretanto, se fosse preciso citar dois deles, não citaria senão a Senhora Piper (para a metapsíquica subjetiva) e Eusapia Paladino (para a metapsíquica objetiva).

A Senhora Piper, de Boston, foi estudada por William James; depois, com uma extraordinária paciência, o foi por R. Hodgson; depois ainda com menos perseverança, por Hyslop, Fred. Myers, Sir Oliver Lodge, Sir William Barret. Possuía ela poderes de clarividência que provavelmente levaram de vencida todos aqueles que se observaram na

época. As pessoas que iam vê-la, dizia-lhes imediatamente, quase que sem hesitação, os nomes de diversos membros de sua família, contando-lhes passagens de suas vidas, que as próprias visitantes ignoravam e cuja autenticidade só podiam verificar depois de longa e trabalhosa perquirição.

Mesmo que não houvesse no mundo nenhum médium, a não ser a Senhora Piper, isso seria suficiente para que a criptestesia fosse cientificamente comprovada.

Eusapia Paladino foi, por todos os sábios da Europa, centenas de vezes estudada, analisada: Schiaparelli, Porro, Aksakoff, G. Finzi, A. e Fred. Myers, O. Lodge, E. Feilding, Lombroso, A. de Rochas, Ochorowicz, J. Maxwell, A. de ScherenckNotzing, C. Flammarion, Bottanzi, Morselli, Foá, Sabatier, S. de Watteville, A. de Gramont, Carrington, e outros muitos, que, cada um por sua vez, verificaram os movimentos sem contato e as materializações (1).

(1) - A bibliografia completa das publicações relativas a Eusapia Paladino, com o sugestivo título de *Bibliografia Paladiana*, foi fornecida por E. Morselli, num livro notável, *Psicologia espiritismo*, Torino, Bona, 1908, 134-170.

Mesmo que não houvesse no mundo nenhum médium, a não ser Eusapia Paladino, isso seria suficiente para que a telecinesia e a ectoplasma fossem cientificamente comprovadas.

As Sras. Piper e Eusapia foram sempre, nas investigações científicas a que se submeteram, de uma condescendência perfeita. Não se esquivaram a nenhum controle, não obstante as apoquentações e as afrontas. Deve-se a elas, em grande parte, o desenvolvimento que a metapsíquica tomou nesses últimos anos. É necessário pois que os sábios de amanhã tenham tanto por uma como por outra, assim também como para D. Home e Florence Cook, que as precederam um reconhecimento sincero.

Mais recentemente, as experiências realizadas com Stanislaw Tomczyk, Marthe Béraud, Srta. Goligher, abriram a metapsíquica horizontes inesperados.

Assim, depois do ano de 1880 até os nossos dias, a metapsíquica, para a qual, no ano de 1905, reivindiquei, dando-lhe esse nome, o direito de ser uma ciência autônoma, formou-se com uma parte do hipnotismo e do magnetismo animal, e com outra parte do espiritismo. Com efeito há no magnetismo animal um elemento fisiológico, quase normal, que é o hipnotismo, isto é, um estado mental provocado, tal como a consciência habitual é modificada, transformada e tal como as consciências novas, algumas vezes múltiplas, podem aparecer, enquanto a consciência habitual dormita. Mas, definitivamente, é esta ainda da psicologia, de maneira que o estudo do sonambulismo não se afasta da metapsíquica senão quando se manifesta uma faculdade de conhecimento que não existe no estado normal, faculdade a que dei o nome de criptestesia.

Não se pode por em dúvida que pelo hipnotismo ou magnetismo, ou sonambulismo, a criptestesia se desenvolve; mas o hipnotismo não interessa a metapsíquica senão pela intensificação da criptestesia.

Na outra parte, ou por assim dizer, no outro pólo das ciências chamadas ocultas, se encontra o espiritismo, no qual devemos dissociar a teoria e os fatos. A teoria que confina com uma religião, é o espiritismo, segundo a fórmula de Allan Kardec e de outros mais. Mas eis que estamos longe da ciência, não porque a metapsíquica se deva abster de teorias, mas porque uma ciência não pode, por muito jovem que ela ainda seja, fazer frente a todas as teorias, mesmo hipotéticas. Mais ou menos é necessário que a teoria se curve aos fatos e

não queira dominá-los como senhora absoluta, relegando-os ao papel de coisa acessória, como produto de uma religião.

Foi isso que Gurney, Myers e Crookes, verdadeiros fundadores da metapsíquica, tentaram fazer.

Certamente, cumpre não desprezar os magnetizadores nem os espíritas. Isto seria uma clamorosa injustiça. Apesar dos sarcasmos e das hostilidades, deram a sua contribuição para a fundação da metapsíquica, e enquanto eles eram rejeitados pelos sábios oficiais como pessoas indignas, prosseguiram nas suas investigações laboriosas.

Porém estamos numa outra época. Não mais é permitido agora, quando se manifesta um médium, deixá-lo desenvolver-se num círculo restrito, sem recorrer-se aos métodos de pesquisa adotados por todas as ciências, tais como balanças, fotografias, cinematografias, inscrições gráficas. De igual modo, sob o ponto de vista da psicologia subjetiva, as inquirições rigorosas, severas, análogas àquelas que a S. P. R. instituiu, são indispensáveis. É necessário não tomar meias decisões: é necessário tomar decisões completas.

Em resumo, a metapsíquica contemporânea deverá limitar-se, na sua parte subjetiva, aos fenômenos psicológicos que toda inteligência humana consciente, e também perspicaz, como a supõem, é incapaz de produzir, e, na sua parte objetiva, aos fenômenos materiais, produzidos por uma causa que, aparentemente, é inteligente, e que as forças conhecidas e classificadas (luz, calor, eletricidade, atração, força mecânica) são insuficientes para explicar.

Se bem seja a metapsíquica um campo já muito vasto, não estamos certamente senão no limiar dela. Assim, mais tarde ela poderá ter miras mais altas, vindo a ser uma moral,

uma sociologia, uma teodicéia com novos princípios. Quem o sabe? mas para cada época basta o seu labor. Os tempos não estão amadurecidos para a síntese. Fiquemos na análise.

Não pude indicar, nesta curta exposição histórica, os memoráveis trabalhos levados a efeito. A bibliografia é já enorme. Assinalarei portanto apenas as principais obras, sempre úteis, algumas vezes indispensáveis, para que delas tomem conhecimento os sábios que, curiosamente, desejem estudar o espiritismo, o ocultismo, a metapsíquica do meio século que acaba de desaparecer.

Aqui vão elas, somente as principais e de caráter geral:

Aksakoff, Animismus und Spiritismus, Versuch einer Kritischer, Prüfung der mediumnistischen Phaenomene, Leipzig, Mutze, 1890, 4^o edição, 2 vols., 1901, trad. fr., Libr. des sciences psychologiques, 1895 - Bozzano (E.) Ipotesi spiritice e teorie scientifiche, Genova, Donath, 1903 - Brofferio (A.) Per lo spiritismo, 1^o ed., Milano, Briola, 1892, 3^o ed., Torino, Bocca, 1903, tradução alemã, Berlim, 1894 - Delanne (G.) Le spiritisme devant la science, Paris, Channuel, 1895, 5^o edit. 1897. Les apparitions matérialisées, Paris, Leymarie, 2 vols., 8.^o-, 1911. Recherches sur la médiumnité, Paris, 1896 - Myers (Fred.) The human personality and its survival to bodily death, London, Longmans, 2 vols., 8.^o-, 1902, trad. fr., Paris, Alcan, 1905 - Oliver Lodge, La survivance humaine, trad. fr., Paris, Alcan, 1912 - A. de Rochas, L'extériorisation de la motricité, Paris, Channuel, 1895, 5^o ed., Chacornac, 1905. Les états profonds de l'hypnose, Paris, Chacornac, 1892. Les états superficiels de l'hypnose, Paris, Chacornac, 1902 - J. Maxwell, Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, métodos, Paris, Alcan, 1905. Betapsychical Phaenomena, London,

Duckworth, 1905 - E. Boirac, L'avenir des sciences psychiques, Paris, Alcan, 1907. La psychologie inconnue, Paris, Alcan, 1915. Carmelo Samona, Psiche misteriosa: i fenomeni detti spiritici, Palermo, Reber, 1910 - E. Flammarion, Les forces naturelles psychiques inconnues, Flammarion, Paris, 1907. L'inconnu et les problèmes psychiques, Paris, Flammarion, 1900, trad. ita. Bari, Latezza, 1904. La morte et son mystère, Paris, 1920. Après la mort, 1922 - Morton Prince, A dissociation of personality, Boston, Turner, 1906, trad. fr., Paris, Alcan, 1911 - Zollner, Wissenschaftliche Abhandlungen, t. III, Die transcendente Physik un die sogenannte Philosophie, Leipzig, Stachmann, 1878-1879 - Hyslop (J. H.) Science and a future life, Boston, Turner, 1905 - Innocenzo Calderone, La Rincarnazione, Milano, ed. Veritas, 1913 - Stainton Moses (Oxon) The higher aspects of spiritualism, London, 1880. Spirit identity, London (Spiritualist alliance, 1902) - G. Geley, De l'inconscient au conscient, Paris, Alcan, 1919. L'être subconscient, 4^o ed., Paris, 1919 - Grasset (J.) L'occultisme hier et aujourd'hui, Montpellier, Coulet, 1908 - Osty, Lucidité et intuition, Paris, Alcan, s. d. - Marryat (Florence) There is no death, Leipzig, Heinemann, 1892 - Chevreuil, On ne meurt pas, Paris, 1914 - Ottolengri (S.) La sugestione a le facolta psichiche occulte in rapporto alta pratica legale e medico forense, Torino, Bocca, 1900 - Almirante Usborne Moore, Glimps of the next state, Londres, Watts e Cia., 1912 - Du Prel, Das Rathsel des Menschen, Leipzig, Mutze, 1885, trad. it., Milano, Galli, 1894. Monistische Seelenlehre; ein Beitrag aut Losung des Menschenrathsels, Leipzig, Gunther, 1888 - Denis (L.) Après la mort, exposè de la doctrine des esprits, última ed., 1918, Paris, Leymarie, trad. ital., Milano,

1914 - Podmore (Fred.) *Modern spiritualism: a history and a criticism*, London, Methuen, 2 vols., 1902 - Wahu, *Le spiritisme dans l'antiquité et dans les temes modernes*, Paris, Leymarie, 2 vols. 1885 - SchrenckNotzing *Physikalische Phaenomene des Mediumnismus*, Munchen, Reinhardt, 1920 - G. Bourniquel. *Les témoins posthumes*, Paris, Leymarie, 1921 - M. Maeterlinck, *Le grand secret*, Paris, Fasquelle, 1921 - Freud, *Introduction à la psychanalyse* (trad. fr.) Paris, Payot, 1921 - Oesterreich, *Der Occultismus im modernem Weltbild*, Sibylen Verlag, Dresde, 1921 - Hyslop (F.) *Further massages across the Borderline*, London, Taylor, 1921 - Farigoule (L.) *La Vision extrarétinienne et les seus paroptique*, Nouvelle Revue, 1920 - Tischner (R.) *Monismus und Occultismus*, Mutze, Leipzig, 1921 - Lambem, *Geheimnissvolle Tatsache (Occultismus und Spiritismus)* Stuttgart, 1921 - Lewis Baule Paton, *Spiritism and the Cult of the dead in the Antiquity*, London, Hodder e Stoughton, 1921 - E. Underhill, *The life of the spirit and the life of today*, London, Methuen, 1921 - Walter Prince, *Spiritualism and the new psychology* (com prefácio de Sir William Barret) London, W. Collin, 1922 - Anne de Koven (com prefácio de J. Hyslop) *A Cloud of Witnesses*, Dutton, New York, 1920 - Liljencrents, *Can you talk to the dead*, 296 págs., New York, 1918 - Samela Glenconna (com prefácio de Sir Oliver Lodge) *The Earthen Vessel*, J. Lane, New York, 1921 - J. Mc Cabe, *Spiritualism: a popular history, de 1847*, New York, 1920, 240 págs. - Kemmerich, *Gespenster und Supk* (Lhostky, Friedrichsafen, 1922).

Podemos fazer uma idéia da riqueza da literatura metapsíquica como o acréscimo a esta bibliografia, muito sumária, que poderia facilmente alargar, e será completada

no decorrer das páginas desta obra, os artigos vindos a lume em importantes publicações especializadas, como a *Light* (Londres) o *Banner of Light* (Boston) o *Religio philosophical Journal* (New York) o *Har binger of Light* (Melbourne) a *Revue Spirite* (Paris) a *Revue scientifique et morale du spiritisme* (Paris) *Luce e ombra* (Milano, notável revista) *Zeitschrift fur Spiritismus* (Leipzig) *Psychische Studien* (Berlim).

§ 4. - Os médiuns (1)

A palavra médium, execrável sob todos os títulos, está consagrada pelo uso. Não é mais possível bani-la (2). Significam intermediários entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

(1) - No decurso desta obra se acharão acerca dos médiuns numerosos detalhes que aqui não tem cabida. O presente capítulo é necessariamente abreviado, a fim de se não repetir o que será dito mais logo. Na verdade, a história dos médiuns é quase toda a metapsíquica.

(2) - Deve-se empregar esta palavra no feminino? Parece nos que se poderá dizer a médium.

O poder dos médiuns se exprime pelo termo, aliás muito mau também, de poder medianímico. A faculdade de ser médium é a medianimidade ou a mediunidade. Que lástima não podermos substituir esse odioso patoá!

Há uma distância considerável entre os médiuns poderosos, enérgicos, que, como Home, Eusapia, Stainton Moses, Florence Cook, produzem fenômenos objetivos, notáveis, e aqueles que não produzem fenômenos subjetivos. Cumpre-nos pois classificar, à parte, os médiuns de efeitos físicos, telecinesias e materializações, os quais são seres excepcionais, extremamente raros. Mesmo aqueles que

podem provocar pancadas sem contato são assaz raros também.

A sua psicofisiologia não é muito rica em ensinamentos. Não se saberá dizer se eles são mais ou se são menos inteligentes do que o comum dos mortais. Nada os distingue do vulgar e não se pode diferenciá-los do seu semelhante senão pela estranha faculdade de que são dotados, a qual lhes permite, únicos entre os homens, produzirem, nas sessões espíritas, materializações de formas (mãos, pessoas) e movimentos da matéria (ruídos, pancadas, voz, perfumes).

A raridade extrema dos poderes telecinésicos não é objeção à sua realidade. É necessário admitir que todos os homens não são exatamente iguais. Certas crianças são dotadas, ainda quando bem novas, de memória e do poder de calcular tão surpreendentes, que ficamos de beijos caídos diante delas. Podemos admitir, sem esforço, que há na multidão humana indivíduos! aos excepcionais.

Os poderes criptestésicos são mais comuns que os telecinésicos. É assim a criptestesia tão conhecida em toda a sua escala de poder, como a telecinesia é tão rara, que não pode assimilar-se aos fenômenos criptestésicos (assaz comuns) nem aos telecinésicos (muito raros).

Com relação à mediunidade, distinguimos dois grupos muito distintos:

- 1.º Médiuns de efeitos físicos.
- 2.º- Médiuns de efeitos psíquicos.

A telecinesia é um fenômeno nitidamente caracterizado; as materializações o são mais ainda. O fenômeno telecinésico elementar, aquele que a maioria dos médiuns produz, sem contudo poder chegar até á telecinesia e à materialização, é o rape, isto é, uma vibração sonora (sem

contato) na madeira de uma mesa ou de uma cadeira. Já daí a delimitação entre médiuns capazes e incapazes de produzir raps se torna bastante difícil, porque muitas vezes se entendem ruídos muito ligeiros, apenas perceptíveis na mesa em que está o médium, obrigando-nos até quase a pô-los em dúvida.

Conviria traçar aqui a biografia dos grandes médiuns de materializações e telecinesia. Mas não o faremos senão no capítulo das materializações.

Quando citarmos Home, Florence Cook, Stainton Moses, Eusapia, Senhora d'Esperance, Eglinton, Linda Gazzera, Slade, Marthe Béraud, Srta. Goligher, Stanislaw Tomczyk, Willy, teremos citado os principais. Vê-se que o número é pequeno.

O número de médiuns produtores de raps é provavelmente maior. Mas não estaria habilitado a fornecer uma estatística a propósito.

Infelizmente, esses médiuns de efeitos físicos abusam muitas vezes do seu poder. Imaginam que podem enriquecer-se por intermédio do seu poder meio miraculoso, e então, como as irmãs Fox, como os irmãos Davenport, como Eglinton, como Slade, dão sessões públicas para tirar proveito monetário de suas faculdades. Desse ato à fraude não medeia senão um passo, passo esse que, senão sempre, pelo menos muitas vezes eles deram.

Da mesma maneira os médiuns profissionais de efeitos físicos são terrivelmente suspeitos e as precauções que se devem tomar contra as suas maquinações devem ser de uma severidade implacável. (De resto, mesmo que a sua boa-fé consciente seja absoluta, é necessário tomar as mesmas precauções).

Há muito boas razões para não se repelir a priori toda experimentação com os grandes médiuns profissionais.

1.º- Certamente puderam eles, no início de sua carreira, produzir fenômenos autênticos. Lea e Catarina Fox não teriam, de caso pensado, inventado essa história dos rapés em Hydesville, se não tivessem realmente começado a produzi-los.

2.º Os médiuns como a Senhora d'Esperance, como Florence Cook, com Linda, como Eusapia, como Marthe Béraud, nunca tomaram qualquer lição de prestidigitação e ilusionismo. Verificaram estranhos fenômenos, e, a pesar seu, seguiram o caminho que se lhes tinha aberto. É pelas necessidades da causa que se lhes atribui uma habilidade técnica extraordinária, superior àquela dos mais sagazes profissionais, como Robert Houdin, Hamilton, Maskelyne, pois que elas enganaram os mais conscienciosos sábios, em condições de controle severo, em múltiplas e variadas sessões, em que, demais a mais, nem R. Houdin, nem Hamilton, nem Maskelyne nunca puderam imitar o que elas faziam.

Quanto aos médiuns unicamente de efeitos psíquicos, as mais variadas transições se observam entre eles e os indivíduos normais. Quer-me até parecer que todo indivíduo normal é capaz, num dado instante de sua vida, de ter qualquer lucidez passageira. Mas, a fim de não nos separarmos demasiado da terminologia habitual, daremos provisoriamente a denominação usual de médiuns aos indivíduos que crêem estar em relação com personagens estranhas.

Com efeito, adotamos como definição da metapsíquica, uma ciência que tem por objeto os fenômenos que parecem

possuir uma inteligência, e uma inteligência que não a inteligência humana consciente. Os médiuns são pois indivíduos, com inconsciência parcial ou total, que pronunciam palavras, acompanhadas de atos, fazem gestos-palavra, gestos, atos que parecem estar à revelia de sua vontade e parecem ser independentes de sua inteligência. Sem embargo, esses fenômenos inconscientes são inteligentes, sistemáticos, algumas vezes coordenados com maravilhosa penetração. Então, trata-se logo em seguida de se saber se os fenômenos inconscientes são devidos a uma inteligência humana ou a uma inteligência sobre-humana.

Sirva-nos, como exemplo concreto, clássico, o caso de Helena Smith, escrevendo por escrita automática abundosas mensagens, que ela atribui a Maria Antonieta. É a inteligência de Helena que tudo produz? É uma outra inteligência que não a de Helena? Seja Maria Antonieta, seja uma inteligência qualquer, quem faz os gestos de Helena, quem pronuncia as suas palavras, quem lhe produz a escrita?

Entraremos logo mais na discussão aprofundada das duas hipóteses.

No momento, mostraremos somente que há transições graduais, imperceptíveis quase, entre aqueles que se dizem médiuns e os indivíduos normais. A demarcação não é somente difícil, mas impossível, tanto que entre os verdadeiros médiuns, isto é, os de efeitos físicos, e os normais, há um hiato enorme, um fosso profundo, uma diferença essencial.

Pode-se estabelecer a seguinte gradação.

A. - O primeiro grau do desvio com a normal é a produção dos movimentos inconscientes ligeiros, quase imperceptíveis, os quais bastam muitas vezes para fazer um

indivíduo exercitado perceber as sensações e as vontades do inconsciente. E, não há dúvida, em mais de 50 em 100 médiuns normais, um ligeiro ruído muscular, que eles ignoram, descobre o seu pensamento: como no jogo de willing game, que muitas vezes apresenta resultados notáveis.

Esses movimentos involuntários e inconscientes muitas vezes se observam tão claramente, que dariam um capítulo da fisiologia normal. Eis-nos longe de toda metapsíquica.

B. - O segundo grau é a criação, pelo hipnotismo, de uma nova personalidade. A personalidade normal reaparece no estado de vigília, mas durante a hipnose e a sugestão hipnótica, uma nova personalidade aparece, que é evidentemente fictícia, visto que o magnetizador a criou segundo a sua própria fantasia, podendo manter-se, se o magnetizador assim o quis pela sugestão verbal.

Essa nova personalidade, arbitrária, transitória, artificial, reentra ainda na psicologia normal clássica.

C. - O terceiro grau é o estado medianímico, isto é, a produção de uma personalidade nova que o médium criou para si por auto-sugestão. O hipnotismo age por heterosugestão; o mediunismo, por auto-sugestão. Não há senão uma bem fraca diferença entre a personalidade de Maria Antonieta, que Helena Smith tomou por sua, e a personalidade de Maria Antonieta, que Helena Smith tinha tomado por sua, porque assim o quis o magnetizador.

As escritas automáticas pertencem a esse grupo e não há meios de dar a essa importante manifestação psicológica um lugar qualquer na metapsíquica - pelo menos sob o ponto de vista da escrita automática - porque a hipótese de uma inteligência estranha, não-humana, não tem na maioria dos

casos, nenhuma razão de ser. Já que posso sugerir Alice que ela é Maria Antonieta, já que Alice encena admiravelmente o papel da infeliz rainha, por que vou supor, quando Helena encena o mesmo papel, e o desempenha com não menor perfeição, que é a rainha da França que está incorporada em Helena Smith? É uma suposição infantil, completamente gratuita.

D. - O quarto grau é quando a personalidade nova é capaz de criptestesia; quando ela parece verdadeiramente conhecer coisas que o médium não conhecia, fatos que só a segunda personalidade podia conhecer. É o caso da Senhora Piper, dando comunicação de Phinuit ou Georges Pelham.

O guia do médium (nova personalidade que vem à tona) parece ser também uma força estranha, verdadeiramente estranha. Podemos dar aos fenômenos o nome de fenômenos metapsíquicos, uma vez que, feitas as contas, a inteligência normal não é suficiente para explicar as estranhas e poderosas criptestesias que os sensitivos apresentam. Não tenho necessidade de acrescentar que a opinião que uma força estranha prova neles não é senão uma hipótese.

Talvez conviesse reservar o nome de médium aos indivíduos capazes de ação material mecânica, sem contato, e de materializações. É o quinto grau. Então aos fenômenos de criptestesia, as alucinações sobrevindas no transe espiritual, vizinho do transe hipnótico, vêm ajuntar-se os fenômenos materiais, as levitações, as telecinesias, os raps, e sobretudo as materializações.

Nada prova que as segundas personalidades não sejam sempre exclusivamente humanas, devidas às modalidades da inteligência humana, tanto que com os fenômenos materiais aparece alguma coisa de novo, de transcendental, de

verdadeiramente metapsíquico, que vai além da psicologia normal e não pode absolutamente explicar-se sem a intervenção das forças desconhecidas, que parece serem inteligentes.

Como este livro é sobretudo um tratado didático, vou dar, como comprovação, exemplos de cada um dos casos psicológicos, que constituem as transições insensíveis do estado normal ao estado de médium.

1.º grau - Antonieta não é hipnotizável. Mas se lhe tomo as mãos e lhe peço que pense num objeto que escondeu num lugar qualquer do seu quarto, fica admirada quando eu, guiado por ela e pelos seus movimentos inconscientes, acho objeto.

2.º grau - Alice é hipnotizada. Se lhe digo que ela é um velho general, apresenta os trejeitos de um velho general: tosse, cospe, fala duramente, jura, pede uma bebida, etc. Representa a inocente comédia, por uma hora inteira, com rara perfeição.

3.º grau - Helena Smith imaginou, por auto-sugestão, ser Maria Antonieta. Fala a linguagem da outra, tem os passos cheios de dignidade e quase tem a mesma escrita e ortografia da rainha da França. Com absoluta sinceridade, representa a comédia, durante semanas e meses, com maravilhosa perspicácia.

A Sra. Camus coloca a mão na mesa e escreve, febrilmente, um comprido fraseado, do qual ignora o sentido; não sabe o que escreve e, enquanto o faz, fala de coisas outras. É o espírito de Vincent quem a dirige e se diz o inspirador de todas as dissertações teosóficas, banais, com que enche o papel.

4.º- grau - A Senhora Piper a pouco e pouco perde a consciência normal. Ora é Phinuit, ora é Georges Pelham, ora é Myers, ora é R. Hodgson quem conversa por seu intermédio. Mas tais personagens, muito provavelmente imaginárias, consequência de auto-sugestões, são dotadas de espantoso poder criptestésico. Monições, premonições, telepatia, lucidez - tudo ressalta a cada uma das palavras que, pela voz da Senhora Piper, falam Phinuit ou Georges Pelham, ou Myers ou R. Hodgson, de modo que é necessário um grande esforço de racionalismo - que talvez seja até um erro - para deixar de atribuir a uma outra inteligência, que não à da Sra. Piper, os fenômenos de uma inteligência quase sobre-humana.

A Sra. Leonard, a Senhora Brifaut, Stella, a vidente de Prévorst, e outras muitas, são médiuns dessa qualidade.

5.º- grau - Eusapia cai, sem ser hipnotizada, em estado de transe. Então, por intermédio, diz ela, de John King, movimentava os objetos, nos quais não toca; materializa as mãos, algumas vezes a cabeça de John King, e de outros fantasmas que por lá aparecem.

Home, a Senhora d'Espérance, Florence Cook, Stainton Moses, Stanislaw Tomczyk, a Srta. Goligher, Marthe Béraud, são médiuns do mesmo gênero. E as mais das vezes, ao mesmo tempo em que os fenômenos mecânicos-físicos, aparecem as criptestesias. A possessão por uma inteligência estranha parece completa, não somente pelo conhecimento das coisas desconhecidas ao próprio médium, mas ainda pelo poder que lhe é dado sobre a matéria.

Por outro lado, com efeito, as mais das vezes os verdadeiros médiuns (de telecinesia) são também sensitivos, o que equivale a dizer que eles têm criptestesias admiráveis

algumas vezes. Stainton Moses e Home eram dessa natureza. Eusapia não era médium senão de efeitos físicos e a Senhora Piper, de efeitos psicológicos.

Sem pretender tirar daí nenhuma conclusão, É coisa assentada que os grandes médiuns, desde o início dos fenômenos produzidos, sejam mecânicos, sejam criptestésicos, atribuem todo o seu poder a um guia. Assim é que, se quisermos contar com as experiências, convém levá-las a efeito como se estivéssemos certos de que esse guia realmente existe e está incorporado no médium. E, na rigorosa significação do termo, uma hipótese de trabalho, quase necessária à produção dos fenômenos.

A ciência é uma língua bem feita, disse um filósofo. Não devemos pois dar o mesmo nome de médium a indivíduos assim tão diferentes, como, por exemplo, Eusapia e a Senhora Piper. Podemos chamar médiuns aos indivíduos que produzem efeitos físicos; sensitivos, aos indivíduos capazes de produzirem os fenômenos criptestésicos, que eles atribuem a uma força estranha; autômatos, aos indivíduos que, sem criptestesia, parece apresentarem, pela escrita automática, segundas personagens, criadas sem dúvida pela auto-sugestão, mas que parece serem espontâneas.

Como toda classificação, esta aqui é também arbitrária. Os sensitivos são sempre autômatos, enquanto os autômatos raramente são sensitivos. Poderia citar centenas de casos de escrita automática, os quais não são senão fantasias mediocrementemente interessantes do inconsciente desprendido, sem lucidez, sem criptestesia, sem nada que valha a pena de ser notado, a não ser o extraordinário poder do inconsciente.

Sem embargo, e não obstante o meu ardente desejo de fazer com que, tanto quanto possível, esses fenômenos

metapsíquicos entrem na psicologia normal, não quero desnaturá-los, mutilá-los, sob pretexto de racionalismo. O estado de monodeísmo e de automatismo que dão causa aos transe, sejam hipnóticos, sejam espiríticos, desenvolvem uma extraordinária aptidão para a criptestesia, que, como nos fenômenos produzidos pela Senhora Piper, pela Senhora Léonard, pela Senhora Verrall, somos tentados numerosas vezes, a crer que há intervenção de uma inteligência estranha. Não será neste capítulo que discutiremos a questão. Ver-se-á mais para frente que não teremos nenhum receio de encará-la francamente.

Nem os sensitivos nem os automáticos nem mesmo os médiuns podem ser caracterizados por diagnoses de qualquer verossimilhança. Eles são como todo o mundo. A idade, o sexo, a nacionalidade parece não terem grande influência.

Falou-se muitas vezes em histeria; mas convém notar que a histeria não é uma condição favorável, a não ser para dar uma desmedida extensão a esta forma mórbida. Os histéricos são muitas vezes hipnotizáveis; mas a aptidão em ser alguém hipnotizado é tão generalizada que não chega a formar uma característica. Os médiuns são mais ou menos neuropáticos, propensos a cefaléias, insônias, dispepsias. Mas tudo isso é muito pouco significativo.

Em todo o caso, nego-me em absoluto a considerá-los como doentes, como o está bastante disposto a fazer P. Janet (1). Sem dúvida, há qualquer desagregação da consciência. Porém, entre os artistas, os sábios, mesmo entre os indivíduos vulgares, não há muitas vezes análogas desagregações da consciência, com automatismo parcial? J. Maxwell insistiu na existência, na maioria dos médiuns, de uma mancha na íris. Conviria talvez fazer a propósito

algumas pesquisas estatísticas. Mas a dificuldade será sempre a de saber até onde convirá ir, visto não haver uma linha de demarcação entre um sensitivo e um normal, entre um automático e um normal. Esse indivíduo de escrita automática se limita a fazer febrilmente, e sem consciência, grandes traços orbiculares, informes, em folhas de papel branco; aquele outro escreve palavras sem nexos; outro encadeia frases; este compõe pequenos poemas incompletos; aquele escreve volumes e romances completos. Há todos os graus de automatismo.

(1) - Esta crítica em nada diminui a minha alta estima pelos trabalhos de P. Janet, feitos com rara sagacidade.

A faculdade de produzir coisas pelo inconsciente apresenta mais variedade do que a de fazê-las pelo consciente.

A sensibilidade criptestésica comporta, mós ainda talvez, todos os graus. Um indivíduo que, no decurso de sua longa vida, foi perfeitamente normal, verá um dia uma aparição verídica, entenderá vozes premonitórias. Não se pode dizer que ele seja um sensitivo. Podê-lo-á ser por alguns minutos, ou antes, por alguns segundos. Será tudo. Pessoas de aparência normal olham no cristal, e, ao cabo de alguns instantes, percebem visões, cenas mais ou menos dramáticas, que perpassam na pequena bola de cristal. Não se pode querer que sejam elas sensitivas: também não se pode afirmar o contrário. Seja lá como for, não há possibilidade de se admitir, com referência ao mecanismo de tais casos, a intervenção de uma inteligência estranha.

Até os grandes médiuns sensitivos, como a Senhora Piper, como Stainton Moses, não possuem nenhuma característica fisiológica ou psicológica que os diferencie. Esses indivíduos privilegiados, que, segundo a doutrina

espírita, recebem mensagens daqueles que se foram deste mundo, como os quais conversam, não parecem sobressair-se por nenhuma superioridade intelectual ou física. Seguramente, graças à facilidade com que a sua consciência pode desagregar-se, eles possuem uma certa instabilidade mental, uma suscetibilidade assaz delicada. A sua responsabilidade, pelo menos durante o estado de transe, é um pouco diminuída. Mas isto não são senão nuanças e concluirei de boa vontade que eles, quando não estão com as suas visões nem nos seus transe nem nas suas incorporações, são sensitivos como todo o mundo.

Nas poucas vezes é por acaso que descobrem a sua sensibilidade. A história pormenorizada das origens da mediunidade seria muito interessante, se fosse feita. Ver-se-ia, sem dúvida alguma, que o ponto de partida para cada um dos grandes médiuns, é bastante diferente. Enfim, nunca é senão por um ato de vontade deliberada, que eles vêm a ser médiuns. O seu poder desenvolveu-se espontaneamente.

O que é bem curioso - e além do mais, muito desanimador - é que esse poder não progride. Nasce espontaneamente, sem que se saiba nem por que motivo, nem como, e, se lhe dá no goto desaparecer, lá vai ele sem que alguém o possa reter. Kate King deixou Florence Cook e Crookes admitiu de boa mente que esse desaparecimento foi necessário. O meu desventurado e sábio Dr. Ségard, me disse que outrora a sua filha, menina de doze anos mais ou menos, havia produzido, por três dias, os notáveis fenômenos de telecinesia (levitação de uma mesa pesada, rapes, movimentos sem contato de grandes objetos) desaparecendo tudo depois, às súbitas. Os fenômenos se produziram há

vinte e cinco anos atrás, e a Sra. L..., filha de Ségard, nunca mais produziu qualquer fenômeno semelhante.

Toda educação é inoperante. Tenho mesmo até tentações de crer que os nossos esforços para tornar científicos os fenômenos apresentam mais inconvenientes do que vantagens. Tanto assim é que, nas minhas experiências, recuso inteiramente indicar a um sensitivo ou a um médium como devem proceder. É necessário deixá-los à vontade, porque a nossa influência, se alguma temos, provavelmente seria inconveniente. Um médium poderoso é um instrumento extremamente delicado e sensível, cujos sentimentos íntimos não se conhecem. Induzimo-los à fraude, se os não sabemos dirigir. Deixemo-los portanto agir, na produção dos fenômenos, como bem o entenderem. Comete grave erro, sem dúvida, aquele que se obstina em querer educar o seu médium.

Por que isto? Parece-nos que devemos chegar à conclusão de que há intromissão de uma inteligência estranha, mesmo porque nas crianças e nos adolescentes normais o nosso poder de transformação educativa é assaz limitado (e demais a mais talvez até é bom que assim seja).

Não se tem usado, até o presente momento, de justiça para com os médiuns. Têm eles sido caluniados, troçados, vilipendiados. São tratados cinicamente como animae viles. Deixamos em obscuridade e abandono tão logo as suas faculdades perdem o antigo brilho. Quando os remuneram, fazem-no avaramente, dando-lhes a entender que não passam senão de máquinas. Já é tempo de pormos fim a esse abominável estado de coisas.

Se por acaso se descobre um grande médium de efeitos físicos de valor ou de efeitos psíquicos excepcionais, em vez

de se exporem eles à curiosidade banal dos ignorantes, dos jornalistas, das mulheres, da alta ou baixa sociedade, as quais vão consultá-lo sobre um cão perdido ou um amante infiel - seria conveniente assegurar-lhes, com largueza de meios, o seu passado e a sua moradia, talvez até com especial atenção - a fim de se evitar que a sua mediunidade seja confundida com as adivinhações de porte ordinário. É isto o que a Senhora Bisson fez com Marthe Béraud, lorde Donraven, com Home e E. Imoda com Linda.

Numa palavra, conviria deixar os médiuns à disposição da ciência, a severa, a generosa e a justa ciência, em vez de os deixar desmoralizar os seus maravilhosos dons nas credulidades pueris ou nos sarcasmos impudentes.

Porém ao mesmo tempo conviria não se afastar da severidade científica, não pretender a realização de experiências espalhafatosas ou fazer incursões no além-túmulo. Convém que nos contentemos com pouco. Não nos afastemos do sol do nosso planeta. Cuidemos dos fenômenos de metapsíquica como cuidamos dos problemas de fisiologia pura. Façamos experiências com os médiuns, seres raros, privilegiados, admiráveis, e convençamo-nos de que eles têm direito ao nosso integral respeito, mas que também são passíveis da nossa desconfiança integral.

LIVRO SEGUNDO

DA METAPSÍQUICA SUBJETIVA

CAPÍTULO I

METAPSÍQUICA SUBJETIVA EM GERAL

§ 1 - Os limites entre o psíquico e o metapsíquico

Já logo de início topamos com uma dificuldade primordial porque, enfim, desde que se possa explicá-la por extrema acuidade da inteligência humana e por uma realização sistemática inconsciente de certos fenômenos conhecidos por lucidez, torna-se evidente que não mais precisamos invocar a metapsíquica, quer dizer, não precisamos supor que se trate de faculdades desconhecidas da nossa inteligência, de ingerências de outras inteligências. Bastar-nos-á dizer: Isto não é senão o resultado de uma inteligência humana muito penetrante.

Eis-nos obrigados a examinar, antes de mais nada, quais são os limites da inteligência humana.

É um problema igualmente tão árduo como os fenômenos intelectuais múltiplos que se produzem sem que a consciência tome conhecimento deles. E isto pertence à psicologia normal, clássica depois de Leibnitz. A mente pode trabalhar sem que a consciência assista ao trabalho; produzem-se, a nossa revelia, operações intelectuais muito complicadas; um mundo inteiro de idéias palpita em nós, as quais não conhecemos. Provavelmente, nenhuma lembrança do passado está apagada na memória.

A consciência tudo esquece: a memória nada esquece; todo o acervo das antigas imagens fica conservado, intacto quase, se bem que tendo desaparecido da consciência,

porque a consciência vela: continua a trabalhar ao lado da consciência adormecida. Sem dúvida, então, também as comparações, as associações, os juízos, se formam - fenômenos intelectuais que o nosso eu consciente não encontra em parte alguma.

Não se saberá emprestar demasiada importância aos fenômenos do inconsciente. Ora, como é necessário eliminar da metapsíquica tudo o que pode ser explicado pela psicologia normal, devemos constantemente dizer a nós próprios o seguinte, que será lei absoluta: O inconsciente é capaz de fazer tudo o que o consciente pode fazer.

Os nossos sentidos nos dão certa noção das coisas - e não conhecemos as coisas senão através dos nossos sentidos (*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*). Mas os arranjos dessas probabilidades sensoriais podem conduzir-nos a idéias de uma extraordinária complexidade. Assim é que o inconsciente pode produzir poesias, discursos, dramas, matemáticos, isto é, tudo o que a inteligência humana pode produzir, conscientemente. Não obstante esta singular riqueza não passe de uma riqueza documentária, a inteligência, consciente ou inconsciente, se não a supusermos dotada de qualquer nova faculdade de conhecimento, nunca poderá fornecer-nos mais do que aquilo que lhe foi dado. Não poderá trabalhar senão com os materiais que lhe foram levados pelas vias sensoriais normais.

Do mesmo modo, lançando mão de uma célebre comparação, um moinho de café é excelente para moer; porém jamais poderá fornecer outra coisa que não aquilo que lhe botam dentro para moer.

Suponhamos que Hélène Smith nunca tenha conhecido uma palavra de sânscrito, língua de que jamais lhe falaram, que em tempo algum leu ou pôde ler qualquer livro em sânscrito. Então, se lhe calha conversar ou escrever em sânscrito, o que equivale a dizer reinventar essa língua, darei o fato como miraculoso e verei nele um fenômeno metapsíquico, porque nenhuma inteligência humana é capaz desse prodígio.

Porém, antes de chegar a tal extremo, farei todas as suposições que a minha ignorância me sugerirá para admitir o supranormal. Será preciso primeiramente que Hélène me declare que em ocasião nenhuma abriu um livro de sânscrito, o que não será fácil de provar, mesmo porque, embora não faltando à verdade, ela, um dia qualquer, pôde ter folheado, numa biblioteca pública ou privada, um livro em que havia algo de sânscrito. Além disso, será preciso que a frase sanscítica não seja uma simples citação, mas realmente um verdadeiro discurso adaptado às circunstâncias presentes. As condições necessárias para que nesse caso possa eu admitir cientificamente a natureza transcendental do fenômeno são de tal maneira exigentes, que ponho em dúvida poder alguém encontrá-las reunida.

Assim também A..., que nunca fez um verso, que absolutamente não tem nenhuma veia poética, compõe em estado medianímico uma série de poemas curiosos em que há um sentido poético, delicado e original. Ela escreve dessa maneira vários volumes de versos, ditados com tal rapidez, que mal se pode acompanhá-la. Está aí o que é bem notável, bem estranhável. Porém, antes de dizer que outra inteligência intervém no caso, e não a de A..., suporei, o que é mais simples, que A... possui faculdades poéticas inconscientes.

Com efeito, os seus versos, por muito encantadores que sejam, não possuem, em absoluto, nada que ultrapasse a inteligência humana.

Sei perfeitamente que os espíritas e os ocultistas vão ficar indignados comigo, como o ficaram com o meu sábio amigo T. Flournoy. Mas a sua indignação não se justifica de modo algum, porque compete a eles provarem a intromissão de uma inteligência estranha. Essa prova - jamais a fornecerão, a não ser que venham a admitir a absoluta incapacidade da inteligência humana em compor tais ou tais versos, em reter inconscientemente tais ou tais emaranhados da linguagem sanscrítica.

Laplace escreveu alhures pouco mais ou menos o seguinte: O rigor das provas deve ser proporcional à gravidade das conclusões. Ora admitir que uma inteligência extraterrestre tome conta do cérebro de Hélène Smith para nele meter o sânscrito, ou o cérebro de A... para ditar-lhe versos franceses, é de tal maneira grave, de tal maneira monstruoso, de tal maneira contrário a um sentido claro e a uma lógica, que antes admito qualquer hipótese, salvo o absurdo e o impossível, do que de uma inteligência extraterrestre. No fim de contas, é assaz simples supor que Hélène fixou na sua impecável memória algumas frases em sânscrito, lidas num livro há dez anos passados e que A..., por intermédio da sua inconsciência, faz versos tão rapidamente como um poeta experimentado.

Antes que alguém ouse admitir a intervenção de uma outra inteligência, é necessário ter dado cabo de todas as hipóteses normais, tão bem como aquela de um trabalho inconsciente do espírito, como aquela de uma memória que

nada deixou passar em branco. No decorrer dos capítulos seguintes, darei exemplos desse necessário rigor.

Stella me disse, por meio dos movimentos da mesa, como se ela encarnasse Louise: Dê a Stella o mármore que está no seu salão. Eu não havia dito a Stella que havia um mármore no meu salão. Do mesmo modo, ainda que isto seja extremamente inverossímil, não estou absolutamente certo de que nada lhe tenha dito a propósito. Não ousaria condenar um homem à morte por tão pouco. Ora é necessária a gente usar também de severidade numa conclusão científica, como a usaríamos se tratasse de uma condenação à morte. Por outro lado, qualquer pessoa podia ter dito a Stella que eu tinha um mármore no salão. É pouco provável, se bem creia que Stella jamais tenha falado a respeito a alguém que tivesse estado no salão. Demais a mais, Stella pode ter dito isso por mero acaso. Em conclusão, se bem se trate de hipóteses pouco verossímeis, mais inverossímil ainda é aquela que admite que a inteligência de Louise, ou outra estranha qualquer, tenha revelado a Stella a existência de um mármore no salão.(1)

(1) - É verdade que, tão logo a criptestesia tenha sido solidamente demonstrada por meio de provas múltiplas, os fatos, que hoje não se podem admitir, poderão ser perfeitamente aceitos. Daí nasce à absoluta necessidade de se eliminar impiedosamente tudo o que, no caso da demonstração, não é irreprochável. Ter-se-á mais tarde o direito de se ser menos exigente.

Seguramente, haverá um limite para essa severidade, a qual não devemos levar até o absurdo. Ser-me-á impossível admitir a hipótese de uma memória inconsciente para explicar o caso de Hélène Smith, sabendo que Hélène, por ser ainda muito jovem, nunca freqüentou uma biblioteca, nem consultou um orientalista, nem nunca esteve no Oriente, mas que, não obstante, manteve longa conversação em sânscrito, e que, em vez de estropiar (como o fez, na

realidade) algumas palavras incoerentes desse idioma, surpreendeu as sutilezas gramaticais e filosóficas dessa língua complicada - por outras palavras, que ela sabe o sânscrito sem tê-lo aprendido. Que não estudou o sânscrito, está fora de cogitação. Então, se ela o fala corretamente, não vejo como, mesmo admitindo, em toda a sua intensidade, uma memória inconsciente, impecável (1) e um trabalho inconsciente complicado, toda uma língua sanscítica, conhecida e falada nos seus pormenores, podia ser elaborada nas raras probabilidades da memória inconsciente. A adivinhação de uma língua desconhecida passará a ser um fenômeno metapsíquico.

(1) - **Apalavra impecável não é boa. Para indicar que a memória nada olvidou, que tudo o que feriram os nossos sentidos fica no cérebro inconscientemente, proporia o termo pantomesia, o que vale dizer, segundo a etimologia, que nenhum vestígio do nosso passado intelectual desapareceu. Provavelmente, somos todos pantomesícos. Na apreciação dos fenômenos metapsíquicos, devemos admitir que absolutamente não nos esquecemos de nada que uma vez feriram os nossos sentidos.**

Stella, quando lhe pedi o nome de uma das mulheres que estavam comigo na minha infância, me respondeu: Mélanie. Não pensava absolutamente em Mélanie, e estou seguro, irreprochavelmente seguro, de que o nome de Mélanie, a qual se foi depois de cinquenta anos de convivência conosco e na qual nunca pensei durante todo esse tempo, jamais foi pronunciado por mim. Sou então nesse caso forçado a concluir que houve um fenômeno metapsíquico, porque nem a pantomesia, nem o trabalho inconsciente que elabora velhas lembranças, podem justificar o nome de Mélanie (e deixo sempre de lado a hipótese do acaso).

Poderá ficar alguém admirado se muitas vezes não admitimos como metapsíquicos fenômenos que, não obstante, aos olhos dos crédulos, têm uma aparência metapsíquica (1). Graças a pantomesia e ao trabalho

inconsciente do espírito, certos indivíduos são capazes de rapidamente construir edifícios poéticos, romanescos, científicos, muito completos, que excitam a admiração, mas que não devem mais surpreender-nos se fossem conscientes.

(1) - Repetirei aqui que, pela palavra metapsíquica, me reporto à própria definição. Um fenômeno é metapsíquico quando se supõe a intervenção de uma força estranha, ou de um poder desconhecido da nossa humana inteligência.

Stella, que no estado normal nunca compunha poesias, no estado medianímico dita versos pela mesa, algumas vezes excelentes, sobre um dado assunto, os quais têm o número de palavras pedido arbitrariamente. Mas ao mesmo tempo, sem que o mundo se perca por isso, tenho podido, por uma espécie de concurso poético com Petrarca, o qual, dizia a mesa, falava por intermédio de Stella, compor conscientemente quatro versos sobre determinado assunto, com o número de palavras pedido, e essa poesia de encomenda não tem sido, em suma, nem melhor nem pior do que aquela de Petrarca. Apraz-me mais supor até que Stella compôs inconscientemente o que conscientemente pude compor. Não é lá isto uma hipótese muito inverossímil. Em todo o caso é coisa muito mais simples do que supor a intervenção de Petrarca.

Conhecem-se - e os citaremos mais para adiante - os magníficos versos que Victor Hugo endereçou ao espírito de Molière. A resposta de Molière é igualmente muito bela, mas veio inteiramente no estilo de Victor Hugo. Mesmo que viesse no estilo de Molière, antes conviria crer do que supor a intervenção real de Molière, que o médium é que, por um pasticho inconsciente e hábil, compôs e ditou os versos à maneira de Molière.

Victorien Sardou traçou, em estudo medianímico, um desenho estranho, célebre, intitulado: a casa de Mozart. Não

há nada mais singular. Parece-me sempre mais simples admitir que a bela inteligência de Sardou fez um trabalho inconsciente do que supor que a alma de Mozart veio animar os músculos de Victorien Sardou.

Antes de se afirmar que se trata verdadeiramente de um fenômeno metapsíquico é sempre necessário que cada caso especial seja escrupulosamente estudado nos seus pormenores.

A análise delicada, difícil, de todos os casos particulares nos levará, como o veremos daqui a pouco, à conclusão de que há certa quantidade de fatos intelectuais subjetivos (muito menos numerosos, na verdade, do que o crêem os espíritas) que nem as pantomnesias nem a elaboração inconsciente dessas pantomnesias podem explicar.

Entretanto, até para os casos inexplicáveis pela pantomnesias, não aceitamos a conclusão de que há mesmo intervenção de uma inteligência estranha, porque outra hipótese é possível, tal como a de que a inteligência humana tem uma extensão maior do que aquela que costumamos atribuir-lhe.

O axioma *nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu...*, é um axioma-hipótese. Alguns filósofos acrescentaram... *nisi ipse intellectus*. E tiveram razão, porque, bem pensada a coisa, o intelecto é talvez muito mais profundo do que o podemos crer.

Demais a mais não se trata aqui somente da inteligência, mas também das sensações percebidas pela inteligência. Há talvez outros sentidos além dos cinco que nos são comuns. Certos animais, como, verbigracia, os pombos, têm um sentido de direção que, não obstante todos os nossos esforços de análise, nos escapam pouco mais ou menos

completamente. Por que motivo não hão de existir outras faculdades de conhecimento afora aquelas dos nossos sentidos? Cremos saber que o ímã, apesar de obrar no ferro, nenhuma influência tem nas nossas células nervosas. Todavia, se um dia vierem a provar que a força do ímã influencia o sistema nervoso - nem por isso ficarei extraordinariamente surpreendido. A telegrafia sem fio nos ensinou que se podem enviar, sem fio condutor, mensagens através do espaço. É pois muito possível que, por mecanismos análogos, invisíveis, inapreciáveis pelos nossos aparelhos de física e pelos nossos sentidos, o cérebro possa ser influenciado, sem que nada saibamos dizer a propósito do aparelho, seja receptor, seja transmissor. É a nossa ignorância que demarca aos nossos cinco sentidos todo o conhecimento possível do mundo exterior.

A vista disso, antes de chegar à conclusão da existência de uma inteligência exterior, admitirei de boa vontade, pelo menos provisoriamente, a hipótese de haver na nossa inteligência faculdades de conhecimento que ainda não estão determinadas, que não são nem banais nem quotidianas, mas irregulares nas suas manifestações, misteriosas ainda.

Ora isto pertence a metapsíquica, pelo que é preciso então que se opte por uma das duas hipóteses:

1.º - É uma inteligência estranha que atua na nossa?

2.º - É a nossa inteligência dotada de novas faculdades de conhecimento?

Para optarmos por uma ou por outra suposição, convirá não nos adstringirmos unicamente aos fenômenos da metapsíquica subjetiva. Convirá ver, como o faremos mais tarde, se o amontoado das diversas provas que nos levariam a admitir uma inteligência extraterrestre é bastante

concludente para a admissão, seja da hipótese de uma inteligência humana, dotada de novas faculdades, seja da hipótese de uma inteligência estranha, que se incorpora, se encarna na inteligência humana.

Em todo o caso, o que, sob o ponto de vista de método, mais importa, é nunca perder de vista o preceito de Laplace.

Antes de chegarmos a metapsíquica é necessário afastarmos todas as possibilidades do psíquico. Ora a psicologia nos ensina, em primeiro lugar, que há pantomnesias, isto é, que nenhuma lembrança antiga fica apagada, e, em seguida, que há no inconsciente, bem como no consciente, e talvez até mais no consciente, complicadas elaborações, longas e sábias.

Adotaremos, em suma, na separação entre o psíquico e o metapsíquico, o critério seguinte: Tudo o que uma inteligência humana, mesmo sendo muito profunda e muito sutil, puder fazer, será psíquico. Tudo o que uma inteligência humana, mesmo sendo muito profunda e muito sutil, não puder fazer, será metapsíquico.

Se Hélène Smith fala correntemente e corretamente o sânscrito, sem ter lido ou entendido uma única palavra do sânscrito, é metapsíquico, porque nenhuma inteligência estará em estado de reconstituir o sânscrito.

A..., crendo ser inspirada pelo seu guia, escreve versos muito elegantes, com muita rapidez; é psíquico, porque muitas pessoas - e talvez a própria A... - são incapazes de escrever, assim com tanta rapidez, versos elegantes.

Stella me dá o nome de uma velha doméstica que durante cinquenta anos morou conosco. É metapsíquico, porque, com toda a certeza, ela nunca ouviu pronunciar esse nome e nenhuma inteligência humana, consciente ou inconsciente,

estaria em condições de conhecê-lo, se alguém não lho dissesse.

T.. separa-se do seu amigo J..., a quem deixou com boa saúde. Vê-o depois aparecer-lhe, anota a hora e monologa: "J... morreu às 21 horas". É metapsíquico, visto nenhuma noção psicológica normal ter podido científicá-lo de que J... havia morrido às 21 horas.

Ora pois: o trabalho de análise, ao qual se deverá prestar escrupulosa atenção, será o de examinar se os fatos invocados são explicáveis pelas leis conhecidas da inteligência ou se não é necessário, como penso poder demonstrá-lo por múltiplas provas, supor uma sensibilidade especial, que chamarei criptestesia uma nova faculdade de conhecimento, que é a lucidez dos antigos autores, a telepatia dos autores modernos.

O CÁLCULO DAS PROBABILIDADES

§ 2 - O acaso e o cálculo das probabilidades nos fatos metapsíquicos

Dois casos podem apresentar-se nas experiências em que se estuda a lucidez. Ora é uma combinação, de probabilidade P, que aparece espontaneamente, ora é a própria combinação, com a mesma probabilidade P, que aparece na questão. O valor testemunhal não é de todo em todo o

mesmo em ambos os casos. Cometem-se graves cincadas em virtude de se não haver estabelecido essa distinção.

Pergunto a Andrée: "Que nome tem a pessoa que hoje de manhã me escreveu a carta que tenho na carteira?" Responde-me ela: "Tem o nome de uma flor: Margarida". Ora, o nome não é Margarida, porém Hélène. De repente, lembro-me de que nessa mesma manhã havia recebido uma carta com a assinatura, em letras grandes, de Margarida, que havia deixado em casa e em que absolutamente não pensava quando fiz a pergunta a Andrée. Como calcular a probabilidade?

Se eu, tendo na carteira a carta de Margarida, lhe houvesse perguntado: "Que nome tem a pessoa que me escreveu a carta que tenho na carteira", e ela me houvesse respondido: Margarida, a experiência teria sido irreprochável e o cálculo das probabilidades ter-se-ia realizado na sua inteireza. Basta-me saber que há cerca de cinquenta prenomes muito usuais. A probabilidade de uma boa resposta foi portanto de $1/50$. É pouco mais ou menos a probabilidade de, num jogo de cartas, se designar, por meios destros, a carta que vai sair.

Mas na verdade não quis obter o nome de Helena e Margarida.

Além do mais, há dois prenomes possíveis: Helena e Margarida. A probabilidade é pois pelo menos de $2/50$.

Convenhamos que é necessário irmos mais longe, porque se um prenome fosse dado, tal como Luísa ou Madalena ou Alice, dar-se-ia o caso que eu não pudesse pretender que ontem havia recebido uma carta de Luísa, trasanteontem, uma de Madalena e, anteontem, uma de Alice? Cabe-me pois, embora com mágoa, confessar que houve êxito com

uma probabilidade de $2/50$. Uma resposta, quando não é resposta direta à questão proposta, tem sempre um valor probativo muito fraco.

É mais ou menos como se, num exame, perguntasse a um meu discípulo: qual é o gás que se combina com o hidrogênio para formar água?, e ele me respondesse: o cloro se combina com o sódio para produzir cloreto de sódio.

Se bem seja indiscutivelmente exato que o cloro se combine com o sódio, não ficaria satisfeito com a resposta.

O cálculo das probabilidades não se realiza senão pela submissão a condições de extremo rigor, porque o menor defeito na experimentação pode modificar enormemente o resultado obtido. Por outro lado, se a experimentação é impecável, absolutamente impecável (o que, demais a mais, é coisa muito rara) o cálculo das probabilidades poderá ser-lhe rigorosamente aplicado.

Na prática, os sábios não admitem o acaso nas suas indagações. Aqui está um químico que quer conhecer o peso atômico do ouro e acha 108,42. Jamais lhe virá à cabeça que é o acaso que lhe deu o número. Fará de novo a experiência, e, se na experiência seguinte achar 108,34, não mais pensará no acaso; porém se tomar à metade desses dois números, achará 108,38 como peso atômico do ouro.

A primeira vista não se percebe bem a razão por que se recusará a metapsíquica o direito de se tirar conclusão das duas experiências, já que a não negam nem à astronomia nem à química nem à fisiologia. Em consequência, não se compreende, após reflexão, por que motivo em metapsíquica se propõe à possibilidade do acaso; talvez seja porque a experiência, tanto em química como em fisiologia, não vá

repetir-se em igualdade de resultados, que permitirão tomar o termo médio.

Se o químico, depois de ter achado, no primeiro dia, 108,42 como peso atômico do ouro, achar no dia seguinte 22,87, será obrigado a concluir que o primeiro resultado foi devido a um acaso. Realmente, achará no dia seguinte um número muito aproximado do achado no primeiro, como no do subsequente, de maneira que os três resultados 108,42, 108,34 e 108,35, não podem ser atribuídos ao acaso. Pelo contrário, validar-se-ão entre si.

Depois do que houve com respeito à Margarida, fiz, no dia seguinte, nova pergunta a Andrée a respeito de outro nome. A resposta veio errada. Ainda no outro dia, mais outra pergunta. Resposta errada. Sou então forçosamente obrigado a admitir que o feliz resultado obtido relativamente a Margarida foi obra do acaso, tanto quanto, pela determinação do peso atômico do ouro, os resultados, sendo aproximados, não podiam ser levados à conta do acaso.

Terrível é a mania das experiências metapsíquicas. Quase nunca podem repetir-se com certeza. Nunca se está certo se no dia seguinte se obterão os mesmos resultados que se obtiveram hoje. Com determinado médium se obteve, com êxito, uma série inteira de fenômenos de lucidez; porém alguns dias depois, com o mesmo médium, perante uma comissão severa, repetem-se uma única das experiências - e fracassa-se lastimosamente.

Não quer isto dizer que nos devemos desesperar e muito menos ainda renunciar o cálculo das probabilidades. Não, senhor. Não tememos nunca recomeçar as experiências. Não imitamos Dom Quixote, que, depois de ter construído um capacete, quis saber se o material era de boa qualidade: deu-

lhe uma espada e o despedaçou. Fez então outro, e, para evitar o risco de inutilizá-lo, não quis espadelá-lo, contentando-se com o que tinha feito de novo, sem cogitar se era de bom material.

Depois de termos feito uma experiência, que se coroa de êxito, não pomos dúvida em infirmá-la ou em confirmá-la por nova repetição. Pelo contrário, procuramos saber se ela está bem fundamentada e se resistirá a uma nova prova.

Quanto mais as verificações se multiplicarem, tanto mais aumentarão em valor. Não nos afastando do exemplo dos prenomes, vimos que a probabilidade para o caso de Margarida era de $1/50$; mas na realidade não era senão de $2/50$. Admitamos até, pelas razões dadas acima, que a probabilidade seja de $5/50$ (ou de $1/10$). Eis-nos diante de uma probabilidade que não é muito pequena e que não permitirá, com uma única experiência, chegar-se a uma conclusão formal. Mas se durante dez dias repito a mesma experiência e obtenho sempre êxito com a probabilidade de $1/10$, isso será uma probabilidade de 1 por 10, o que quer dizer: absoluta certeza (moral).

Ora nunca se obtém numa série prolongada, não interrompida, de êxito. Mas isso não impede absolutamente a aplicação do cálculo das probabilidades. Com efeito, pode-se introduzir, pelo cálculo, experiências em que não haja êxito e outras em que o haja (probabilidade composta).

Esta fórmula indica uma série de experiências de número S em que houve alternativamente êxitos com o número oc , com uma probabilidade p e desvantagens no número B , com uma probabilidade q . Naturalmente $oc + B = S$.

O sinal! indica a multiplicação sucessiva $1 \times 2 \times 3$, etc., até a cifra S , como as disposições o indicam.

Tal é a probabilidade total composta.

Exemplifiquemos com uma urna contendo seis bolas, sendo cinco pretas e uma branca. Faço doze retiradas, pondo na urna, depois de cada retirada, a bola que se tirou.

p para a bola branca é 1 por 6

q para a bola preta é 5 por 6

Suponho que a experiência me dá sobre doze retiradas 5 vezes uma bola branca e 7 vezes uma bola preta ($oc = 5$ e $B = 7$). A probabilidade de cinco bolas brancas sobre doze provas será:

$\frac{1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7 \times 8 \times 9 \times 10 \times 11 \times 12}{5/6}$ x 5 por $1/6$ x 7 x

$(1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5) (1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7)$

o que leva, pouco mais ou menos, à fração de $1/40$.

O cálculo das probabilidades é muito interessante de ser feito e a sua fecundidade é grande, mas é necessário não usá-lo senão com extrema prudência. O menor erro experimental aniquilará todos os cálculos.

Demais a mais, sem o auxílio de nenhuma aritmética, o simples bom senso permite tirar logo em seguida uma conclusão. Se a palavra Kerveguen me é dada com soletração de letras do alfabeto e desde que se trate realmente da palavra Kerveguen, é inútil contar a probabilidade, porque esta é prodigiosamente fraca $1/25$ potencia de 9 para afirmar-se que o acaso em nada influencia para uma boa resposta. Há pois certeza moral de que há criptestesia.

Objetar-me-ão que não há certeza matemática, já que, o mesmo com $1/25$ a potencia 100 certeza matemática não seria obtida.

Realmente, com $1/25$ com a potencia nove ou $1/25$ com a potencia 100 a certeza moral e a mesma.

Seria quase a mesma ainda com $1/25$ com a potencia 3 porque, quando se faz uma única experiência, nunca se terá êxito quando a probabilidade dele é tão fraca como $1/15.000$

É muito importante exercer sempre um rigor irreprochável na experimentação.

Para mostrar até que ponto o cálculo das probabilidades é falacioso, quando a experiência não é perfeita, citarei o caso das Srtas. Creery, as quais, numa longa série de experiências de transmissão mental, apresentaram resultados maravilhosos, cuja probabilidade não será senão:

$$\frac{1}{100.000.000.000.000}$$

Que haja alguns zeros a mais ou a menos, pouco vale. O que importa é a experiência ser feita sem falhas. Ora as Srtas. Creery acabaram por reconhecer que havia algumas vezes fraudes nas suas respostas, de maneira que as magníficas séries não provam absolutamente nada.

Sem que haja fraude manifesta, que dê muito na vista, pode haver nela algum erro experimental, tão sem importância como se é de desejar, mas que será o bastante para pôr a perder todos os cálculos. O erro é tanto mais perigoso quanto algumas vezes é devido a influências minúsculas. Num jogo de cartas, por exemplo, a atenção inconsciente do paciente, a qual está sempre vigilante, poderá com forte razão descobrir algumas marcas no baralho, que passam despercebidas da maioria das pessoas e permitirão ao observador reconhecer essa ou aquela carta.

Assim como quando vemos uma carta e damos, contra a nossa vontade, a conhecer por certas expressões fisionômicas, assim também não daremos a um médium perspicaz vagas indicações que o habilitam, consciente ou inconscientemente, a valer-se das circunstâncias?

No jogo do xadrez, todas as casas são rigorosamente iguais. No entanto, se há alguma que apresente uma pequena diferença de tamanho, de dois milímetros mesmo, essa imperceptível diferença talvez seja o bastante para que o cálculo das probabilidades já se não aplique. Sobre 360 jogadas, por exemplo, o número 23 (um pouco mais largo) sairá 20 vezes, quando não devia sair senão 16 vezes.

Não se tem o direito de aplicar o cálculo das probabilidades senão quando a experiência é feita absolutamente sem falha.

Há ainda outra razão por que se deve desconfiar do cálculo das probabilidades: certos fatos não se prestam a ele, tornando-o impossível. A Senhora Green percebeu duas moças que se afogavam, cujos chapéus boiavam a tona da água. No mesmo instante, na Austrália, duas moças, uma das quais era uma sobrinha australiana, que ela nunca tinha visto, se afogavam, e os seus chapéus, horas depois, foram vistos flutuando. Por quais artifícios o cálculo pode vir a transformarem cifras essa enorme improbabilidade?

Quando Stella, a quem perguntei o primeiro nome do filho de G..., me respondeu: João, é relativamente fácil calcular a probabilidade. E então?... Dar-se-á o caso que me vá lembrar de todos os nomes masculinos possíveis? (há perto de 200) ou daqueles que são assaz conhecidos (uns 100) ou ainda dos que o são conhecidíssimos (cerca de 30)?

Então o cálculo me dará, seguindo a minha fantasia, e muito arbitrariamente,

1 por 200 ou 1 por 100 ou por 30. Além disso, suponho não houve o menor gesto de G... que indicasse a Stella, quando soletrei a letra J, que era preciso parar no J.

Em suma, o cálculo das probabilidades - e isto não deixa de ser coisa muito estranha - é impotente para levar-nos a uma convicção definitiva. Por uma espécie de instinto, meio legítimo, não se recusa admitir as conseqüências que, à primeira vista, parece não serem evidentes.

§ 3. - Os erros de observação

O cálculo das probabilidades é de aplicação muito fácil e não há escolar que não seja capaz de resolver os probleminhas de aritmética elementar que se propõem, pelo menos em metapsíquica. Porém, quanto mais simples são os cálculos, tanto mais as precauções, que se deve tomar para uma observação irrepreensível, são múltiplas, delicadas, exigindo uma atenção ativa e sempre alerta.

Vou procurar dar alguns preceitos a respeito, porque nunca se aquilatará inteiramente a importância de um rigor experimental. Evitar as ilusões é provavelmente o capítulo fundamental da metapsíquica subjetiva.

1.º Erros de memória - Antes de mais nada é necessário desconfiar de sua memória, bem como da dos outros. Na realidade, pelo menos para com a metapsíquica subjetiva, não há muitos mentirosos, enganadores, trapaceiros; mas o número daqueles que contam mal uma história e a ajeitam

involuntariamente, modificando e alterando as frases, as respostas, os pormenores, as datas, as horas, as palavras pronunciadas - esse número é enorme. Nenhum de nós inspira confiança. Não me fio em ninguém em matéria dessa natureza. Nem mesmo em mim. Quando estamos seduzidos pela hipótese da lucidez, expomo-nos, contra a nossa vontade, ao compadrio na realização desse ou daquele fato, passando por cima, com ligeireza, dos pormenores contraditórios, omitindo os importunos e insistindo demasiadamente naqueles que nos são favoráveis. Uma palavrinha deixada em silêncio, uma outra acrescida - provocam mudanças profundas para a conclusão a que se podia chegar.

A força de, embora com muita boa-fé, contar uma mesma história, chega-se a transformá-la, ampliá-la, desnaturá-la. Conseguem-se resultados miríficos, porém falaciosos.

É necessário não ter absoluta confiança senão no fato relatado imediatamente, por escrito, após os trabalhos. Esse fato é o que vale. Quando se conta por diversas vezes uma história, se algum dia vem alguém se reportar ao relato feito por escrito, pode então verificar que se operaram transformações sucessivas na memória, as quais, ajuntando-se umas às outras, acabam por tornar a história contada muito diferente da que foi escrita. Costumamos dizer a nós mesmos que a memória é muito infiel. Não há um só observador que possa dispensar o cuidado de escrever, imediatamente após uma experiência, os pormenores dela.

Os pormenores nunca são demais. É preciso anotar as menores circunstâncias. Nada de sobriedade nas notas que se tomam. É, ao contrário, como uma obra que se lança à

publicidade. Sejam prolixos, longos, cansativos até. A profusão dos pormenores nunca é defeito nos relatos que se escrevem com as notas pessoais. Na realidade, peca-se sempre por excesso de concisão. Tudo está por anotar. É mesmo útil, quando várias pessoas assistem a uma experiência, escrever cada uma delas o relato do que se verificou. Nas experiências que eu e Ochorowicz fizemos com Eusábia, tornei por obrigação, a fim de que todos os pormenores fossem dados sem alteração, ditar, no curso da experiência, a um secretário colocado num canto da sala, todas as circunstâncias que aparecessem em cada fenômeno. É lamentável que nunca se possa proceder assim.

Os relatos feitos fora de tempo, relativos a experiências antigas, que não foram consignadas por escrito, nunca podem ter senão um valor medíocre.

O que é preciso é a conclusão que o experimentador tira no momento exato da experiência, sobretudo se ele souber observar bem. A opinião que ele forma durante a própria experiência, quando então todas as circunstâncias se apresentam intensivamente ao seu espírito, fará muito mais fé do que uma história contada dez ou vinte anos depois.

Com efeito, quase sempre, quando fazemos uma experiência e continuamos com ela, operamos, enquanto a realizamos, uma síntese rápida de todas as condições ambientais, de maneira a tirarmos uma convicção pessoal, antes intuitiva do que racional, entretanto, muito mais importante. Muitos detalhes podem escapar da nossa memória, mas fica a lembrança da nossa convicção.

Por minha parte, dou grande importância à gravidade da convicção do momento (convicção, apreciação que será bom fixar por escrito nas nossas notas logo após a experiência)

por que seremos mais tarde, e geralmente sem razão, em consequência das deficiências da lembrança, levados a modificar a nossa primeira impressão no sentido, seja do ceticismo, seja da credulidade, o que igualmente será deplorável.

Concluamos que uma grande parte dos erros de observação é devida à insuficiência dos documentos imediatamente escritos e à imperfeição das lembranças.

2.º - No decorrer da própria experiência, é necessário que a atenção esteja fixada em todas as circunstâncias, até naquelas que parece não apresentarem nenhum interesse. Se trata de metapsíquica subjetiva, cada uma das nossas palavras deve ser dita com reflexão, cada um dos nossos gestos deve ser medido. Os menores esgares fisionômicos, um suspiro ou um sorriso, uma interjeição banal, um ligeiro movimento de mão, um sinal, por muito imperceptível que seja, de satisfação ou de impaciência, de descontentamento ou de surpresa - são o bastante para por o médium no caminho, pelo que não convém fornecer-lhe a possibilidade do menor índice.

Tudo isto é grandemente difícil de conseguir. É necessário um longo estudo para chegar a uma impassibilidade absoluta. Eu próprio chego a imaginar que, se as experiências de telepatia parece terem êxito muito mais vezes do que as experiências de lucidez simples, é sobretudo porque, pela telepatia, como se conhece pela resposta que se virá obter, se ajuda involuntariamente essa resposta, tanto que, se trata de lucidez simples, nenhum socorro pode ser levado ao médium. Não se corrigem os seus erros, as suas displicências. Ai de mim! Em geral, desde que conheçamos a palavra que deve ser dada, desde que aguardemos, cheios de

esperança, uma resposta, somos bastante senhores de nós mesmos e bastante desazados para deixar ver, quando se inicia a resposta, se ela começa bem ou se começa mal.

As precauções, sobretudo com as experiências de mesa, devem ser extremas. Certamente, os movimentos de mesa são em geral devidos ao médium somente, mas os assistentes, se estão com as mãos nela, podem também exercer mecanicamente alguma ação nas suas elevações ou nos seus saltos. A menor pressão é o suficiente para revelar o pensamento daqueles que apóiam a mão na mesa. Ora, é sempre necessário repetir que os médiuns, com ou sem consciência, estão com a atenção muito alerta: espreita tudo o que pode vir a ser o índice revelador da palavra, da frase ou da idéia que procuram. Nada lhes escapa; as menores pressões exercidas na mesa servem de sinais que eles habilmente sabem interpretar. Essa perspicácia dos médiuns nada tem que ver com a fraude, porque as suas interpretações, deduções, observações, conclusões, evoluem no domínio do inconsciente. Elas não provocam a fraude dos resultados, a não ser que haja repetido tentativas de fraude.

Então não se permite, quando se quer fazer uma experiência séria de lucidez, deixar tocar o objeto móbil, que deve dar as respostas, por um indivíduo que conheça a resposta que se trata de dar. Muitas vezes fiquei surpreendido da assombrosa credulidade de certas pessoas que se admiravam ingenuamente das miríficas respostas que a mesa lhes dava. Ora viva! Sem dúvida, essas respostas eram exatas, se bem que nada tivessem de extraordinário, já que o perguntante lhas dava a si mesmo. Numerosas experiências de metapsíquica subjetiva pertencem a esse rol, porque nunca ninguém se preocupa bastante em subtrair à

vigilância do médium a fisionomia, os gestos, as palavras da pessoa que conhece a resposta que convém dar.

É preciso, em suma, um fino tato para não deixar seduzir-se pelas aparências. Uma boa experiência de metapsíquica subjetiva é de extrema dificuldade. Não se pode exigir que se desconfie de todo o mundo e em particular de si mesmo. O nosso desejo máximo de ver a experiência ter êxito não deve levarmos ao ponto de nos enganarmos a nós próprios.

3.º- Tanto a fraude é comum em metapsíquica objetiva quanto é rara em metapsíquica subjetiva. Suponho, claro está, que nunca se consentirá em se fazer experiência com indivíduos manifestamente fraudulentos. A boa-fé dos assistentes e do médium é as mais das vezes completa.

Mas a hipótese da boa-fé dos operadores em nada deve diminuir a severidade das precauções que se devem tomar. Deve-se proceder constantemente como se os médiuns fossem conhecidos fraudadores. Com efeito, se a boa-fé consciente é a regra, a má-fé inconsciente é também a regra. Todo médium faz, por um trabalho inconsciente sem interrupção, desesperados esforços para encontrar uma resposta favorável, lançando então mão de todos os meios possíveis para encontrá-la.

Pergunto, por exemplo, o nome do irmão de Margarida. Ora é bem possível que, em certa ocasião, em dado momento, a médium tenha ouvido dizer que Margarida tinha um irmão, que era um dos meus amigos. Então o seu cérebro trabalhará por saber qual entre os meus amigos, que ela conhece talvez pelos nomes de Henrique, Luís, Carlos, Gustavo, Paulo, Gastão, Luciano, Roberto, se acha o irmão de Margarida. A par com certos detalhes que guardou

inconscientemente, ela sabe que Luís, Henrique e Carlos não tinham irmã. Fica por consultar a mesa: deixam-se passar, sem nenhuma palavra, sem nenhum gesto, as letras do alfabeto até R, não restando senão o nome de Roberto, que ela proferirá. Se não for exigente, darei a resposta por muita satisfatória.

Assim para que a lucidez seja estabelecida, é necessário haver impossibilidade absoluta - digo absoluta - de qualquer demonstração que coloque o paciente no ponto de fazer o que convém dizer.

E somente por esse preço que as observações concludentes poderão ser tomadas. Quando se tratar de metapsíquica objetiva, as cautelas que se deverão tomar contra a má-fé dos médiuns serão outras, também severas, evidentemente, mas de natureza diferente.

CAPÍTULO II

DA CRIPTESTESIA (OU LUCIDEZ) EM GERAL

§ 1 – Definição e classificação

Quase toda a metapsíquica subjetiva pode resumir-se num só fenômeno - aquele que os magnetizadores, há um século atrás, chamaram lucidez ou clarividência (Hellsehen); chama-se agora (com pequenas mudanças de sentido) telepatia, a que chamo criptestesia. Myers dizia telestesia.

Criptestesia, segundo a etimologia grega, indica que há uma sensibilidade oculta, uma percepção das coisas, desconhecida quanto ao mecanismo, cujos efeitos não conhecemos.

Tentaremos provar que há na nossa inteligência uma faculdade especial, misteriosa ainda, que lhe permite conhecer certos fatos, passados, presentes ou futuros, que os sentidos não têm podido revelar. Para que Stella possa dizer-me o nome de uma velha criada, Melânia, o qual ela nunca viu nem ouviu pronunciar, é preciso, se isto não é obra do acaso, que uma vibração qualquer tenha tocado a sua inteligência e lhe tenha revelado o nome de Melânia. Por conseqüência, há na inteligência de Stella uma sensibilidade misteriosa, criptestésica, que lhe faz conhecer o que nunca os seus sentidos normais teriam podido ensinar-lhe. Por intermédio de que meios? Por intermédio de que vias? Não o sabemos. Procuraremos - sem conseguir nenhum êxito - sabê-lo. Em todo o caso, o fato é real, indiscutível. Há criptestesia.

É para demonstrar a existência dessa sensibilidade, nova faculdade do ser humano, que se escreveu grande parte da presente obra.

Mas antes de darmos começo aos capítulos examinaremos primeiramente dois pontos essenciais:

1.º As relações da criptestesia com a lucidez e a telepatia.

2.º- Os fenômenos psíquicos que tomam a aparência de fenômenos metapsíquicos, e que, por um exame superficial e imperfeito, podem passar como pertencentes a criptestesia.

§ 2 - Relações da criptestesia com a lucidez e a telepatia

A palavra lucidez é devida aos antigos magnetizadores (Mesmer, Puységur, Du Potet) que verificaram nos pacientes o poder de ver objetos encerrados em caixas de construção opaca, ler em livros fechados, fazer viagens em lugares que lhes eram desconhecidos, quando então os descreviam exatamente, adivinhar o pensamento do magnetizador e dos assistentes.

Mais tarde, Fred. Myers sugeriu a excelente palavra telepatia, que se tornou conhecida e significa que o pensamento humano, à distância, e sem o concurso de nenhuma vibração exterior aparente, pode ter ação noutro pensamento.

Mas não passa de hipótese supor a existência das vibrações sinérgicas de dois cérebros humanos. É conveniente pois examinar essa hipótese mais pormenorizadamente, porque há entre as pessoas que se ocupam de metapsíquica, muitas idéias acerca da telepatia, as quais tenho por errôneas e as pretendo discutir.

De boa mente se crê que, quando se fala em telepatia, se diz tudo. É o poder mágico das palavras que nos induz ao erro de que a telepatia é um fenômeno simples.

Para não fugirmos do exemplo citado acima, quando André me diz: "O Senhor recebeu uma carta assinada por uma mulher que tem o nome de uma flor.. Margarida", disseram logo: não é para admirar que André lhe tenha falado em Margarida, nome que estava no meu pensamento, onde ela o leu. Se falou em Margarida, foi porque o Sr. estava pensando em Margarida.

Apresentam-se então as duas hipóteses (deixando de lado, por momento, a hipótese do acaso e aquela de uma observação defeituosa). Andrée pronunciou o nome de Margarida, já porque ele estava no meu pensamento, já porque, graças a uma lucidez especial, ela pôde ler, no meu quarto, a dois quilômetros de distância, o nome de Margarida na carta que me fora endereçada.

Ora a dificuldade é a mesma sob o ponto de vista da ciência atual. É de todo em todo impossível compreender como o nome de Margarida pôde ser conhecido, seja porque eu o tenha lido naquela manhã, persistindo no meu cérebro essa lembrança inconsciente, seja porque estava claramente escrito num dos cantos da carta que me fora enviada.

Que tenha eu lido ou não tal carta, o problema continua no mesmo mistério. Nem mais nem menos. Se bem a estrela polar esteja, pela diferença de alguns trilhões de milhares de quilômetros, mais distante da Terra do que Sírio, a impossibilidade de chegar a Sírio é a mesma. Ler no meu pensamento é tão difícil como ler uma carta que, aberta ou não, estava na minha mesa de trabalho, a dois quilômetros ou a dois mil quilômetros de distância.

Parece-me quase tão menos difícil admitir a leitura de uma assinatura à distância como a leitura de uma palavra no meu cérebro, porque, enfim, já que estamos no domínio de inexplicado, se compreende um pouco menos mal como uma vista penetrante possa transmontar os quilômetros, varar pelos muros e papéis espessos, penetrar no sentido verbal que as células cerebrais encerradas no meu crânio podem querer significar pelas suas modalidades. Hipótese por hipótese, antes quero supor a possibilidade de uma visão retilínea, prodigiosa, das coisas escritas, do que a leitura no

meu cérebro, onde nada está escrito e onde há tantas imagens, tantas lembranças, tantas combinações possíveis que se fazem e desfazem com uma complexidade extraordinária, combinações essas que são as modificações ultramicroscópicas do protoplasma celular e não têm nenhuma relação (senão na minha consciência) com a sonoridade verbal "Margarida" ou o sinal fonético "Margarida".

Creu-se que tudo estava explicado quando se falou em telepatia. Mas absolutamente nada se explicou. A vibração cerebral, consciente ou não, continua ainda a ser um mistério profundo, muito mais misterioso do que uma assinatura. Uma assinatura é qualquer coisa de positivo, de real, de tangível. Pelo contrário, a leitura do pensamento não pode ser explicada por nenhuma acuidade de nenhum dos nossos sentidos, tão intensa como se supõem.

Há muitas razões - que não são muito boas - para as quais a hipótese da telepatia é para o público não-científico, ou mesmo científico, acolhida com tanto favor e considerada como coisa tão simples, que parece até dispensar maiores delongas.

1.º A primeira é aquela que concorda admiravelmente com a insuficiência da experimentação. Lógico é que se não conheço a palavra Margarida, que está escrita numa carta que não abri, não poderei de maneira alguma ajudar Andréa na decifração do nome. Mas se não me observo a mim mesmo com grande atenção, se Andréa hesita, procura, chacoteia, fornecer-lhe muito ingenuamente as indicações que ela terá cuidado em não desprezar. Retificarei os seus erros; serei o seu cúmplice involuntário. Isso não será a inércia absoluta, implacável, que sou obrigado a resguardar

se não sei que a palavra com que se vai topar é Margarida. Sei demasiadamente bem, por ter feito numerosas experiências, até que ponto é difícil não fornecer nenhum dado de reconhecimento ou de desaprovação quando se trata de uma palavra que o médium deverá adivinhar.

2.º- A segunda razão, não menos má, é aquela que, nas representações teatrais, muitas vezes é apresentada ao público um paciente que possui a faculdade de ler o pensamento. A habilidade dessas exhibições é muitas vezes extraordinária. A..., uma jovem, sentou-se com a frente para o público, com os olhos vendados. Ao seu lado, de pé, B..., o seu magnetizador, pede a um dos assistentes que venha até A... Provavelmente essa terceira personagem não é senão um cúmplice. Então C... mostra, sem nada dizer, o seu cartão de visita a B... B... olha para ele e quase ao mesmo tempo A..., muitas vezes com alguma hesitação, mas às vezes muito corajosamente, soletra o nome, à surdina, sem perda de tempo, sem hesitação, muito rapidamente, mesmo quando se trata de nomes difíceis.

A experiência é divertida, mas nada prova, senão a prodigiosa habilidade dos operadores. Não há dúvida de que há um código de sinais que permite a A... compreender, tendo os olhos mais ou menos completamente vendados, aquilo que B... que transmite por alguns sinais, palavras, atitude, movimentos do pé direito ou esquerdo, da mão direita ou esquerda, do tronco, da cabeça, sinais rápidos que o público não nota, os quais, graças à excelente memória de A..., lhe permitem dizer os números ou as palavras que B... lhe transmitiu por meio de sinais secretos ou de alfabeto motor convencional.

A leitura do pensamento de A... assemelha-se à captação de um telegrama de Morse entre os empregados do telégrafo, quando percebem os sons intermitentes emitidos pelo aparelho no momento em que um telegrama é transmitido, cujo sentido eles apreendem.

Porém as mais das vezes essas representações são tão hábeis, tão rápidas, que o público, que não espera senão ser enganado, fica satisfeito e vai para casa dizendo de si para consigo, muito ingenuamente, de maneira desarrazoada: "É a leitura do pensamento". Ora uma vez que façam referência à leitura do pensamento, telepatia, sugestão mental, julgam ter explicado a coisa e não dão conta de que se trata de um dos notáveis mistérios da nossa existência humana.

3.º Uma outra forma de pseudoleitura do pensamento é dada também em outras representações teatrais. Um indivíduo A..., sensível, ou que se tem por tal, em todo o caso muito inteligente, não é capaz de adivinhar o pensamento de uma pessoa qualquer, cuja mão tem entre as suas. Chama à cena o indivíduo B..., saído por acaso de entre a multidão. O infeliz B..., intimidado por se ver alvo de um espetáculo, toma, hesitante, desasado, a mão de A...; A... o obriga a caminhar ao seu lado, depressa ou com lentidão, e, depois da caminhada de B... rapidamente adivinha, graças a certa perspicácia, onde B... quer levá-lo. Assim chega, sem mais novidades, a um dos cantos da sala (É o ponto no qual B... havia pensado). Faz alto diante de um dos assistentes, e, tendo sempre entre as suas a mão de B..., que, pelos movimentos do outro, continua a dirigi-lo, mexe nos bolsos de um assistente, retira dele um lenço, toma-o e vai levá-lo a outro ponto qualquer do teatro: tudo isso é feito sob o grande delírio da assistência, sobretudo de B..., que se aprova com

esses movimentos e julga que A... Leu-lhe o pensamento. Na realidade, A... tão simplesmente interpretou, com muita habilidade, os movimentos inconscientes, involuntários e ingênuos do pobre B..., que ignora que foi ele próprio quem, com os ligeiros movimentos dos seus músculos, deu as indicações extremamente precisas. O público deixa a sala convencido, mais do que ninguém, de que houve telepatia, de maneira que a crença na telepatia, fenômeno indiscutível e simples, se impõe à multidão. Mas não há nisso mais telepatia do que a que há na contração dos músculos de uma rã, excitados por uma pilha elétrica(1).

(1) - Há uma bibliografia inteira acerca da questão dos movimentos inconscientes. Nem posso até resumi-la aqui. É o *Willing game*, algumas vezes chamado *cumberlandismo*, do nome de Cumberland, um dos primeiros que os puseram em prática. Grasset faz intervir, para explicá-los, a sua teoria do polígono, o qual é tão só um engenhoso esquema do inconsciente.

É por estas razões, sem dúvida, que a telepatia é aceita mais facilmente do que a lucidez. De fato, os dois fenômenos, que de maneira alguma são contraditórios, provavelmente são verdadeiros, pelo que não se deve considerar a telepatia senão como um caso particular e muito freqüente de lucidez.

Notemos ainda que quase sempre, senão sempre, quando se pede a um paciente A... que responda a uma questão, se faz uma pergunta cuja resposta é esperada. Quando assim não acontece, é mais ou menos fora de dúvida de que há outra inteligência humana que a conhece, de maneira que se podia pôr de lado a telepatia e dizer: "Se A... leu a palavra Margarida numa carta que não foi aberta por B..., A... não podia certamente ler no pensamento de B... o que lá não existia. Mas há uma pessoa, C..., isto é, a própria Margarida, de quem A... leu o pensamento. É o pensamento de

Margarida que foi lido e não a palavra Margarida escrita na carta que não fora aberta".

Vai-se mesmo algumas vezes mais longe ainda. Havendo fatos que ninguém conhece, mas sendo eles conhecidos por B..., que já morreu, têm ainda a sua explicação pela telepatia. B... morto conheceu o nome Margarida. É ainda pela telepatia que se explica a coisa, porque o pensamento de B... morto é transmitido a A...

Estas explicações alambicadas provam amplamente que em absoluto nada se conhece das vias pelas quais o conhecimento criptestésico chega até à nossa inteligência.

E sobretudo em razão dos casos, muito freqüentemente observados, de monições no momento da morte, que se convém discutir se há ou telepatia (transmissão de um pensamento humano) ou simplesmente lucidez (isto é, conhecimento de um fato exterior).

Tomarei um exemplo quase esquemático, se bem que seja real. A... vê uma noite, enquanto dorme, aparecer-lhe B..., seu amigo, pálido como um cadáver. A... escreve o prenome de B... no seu caderno, com as seguintes palavras: God forbid. Ora nesse mesmo instante B..., que está no outro lado do hemisfério, perece num acidente de caça.

Então as duas hipóteses - as mesmas hipóteses de todo o momento - se apresentam. Ou é a noção do fenômeno exterior que foi percebido por A... (a saber, que B... morre de um acidente) ou é o pensamento de B... que, morrendo, atravessa o espaço e vai impressionar o espírito de A...

Não ousou em caráter definitivo optar nem por uma nem por outra das hipóteses, porque elas me parece serem igualmente misteriosas, supondo, no ser humano, uma faculdade de conhecimento que não entra na ordem de seus

processos de conhecimento habituais. Não obstante, antes quero que o assunto fique no frio domínio da ciência, e dizer - o que nada explica, mas deixa a porta aberta a todas as explicações futuras - que em certos momentos o nosso espírito conhece as realidades que os nossos sentidos, a nossa perspicácia e os nossos raciocínios não nos permitem conhecer. Entre essas realidades, evidentemente está o pensamento humano, mas o pensamento humano não é senão uma condição necessária. A realidade da coisa é o suficiente, sem que ela tenha passado por um espírito humano. Não vamos mais longe e contentemo-nos em dizer, na presença dos fatos inabituais, que o nosso mecanismo mental, mais complicado ainda do que parece, possui meios de saber que escapam à análise e mesmo à consciência. Em assim falando, não se aventa hipótese. Não se supõe que o conhecimento criptestésico é devido à vibração de um pensamento humano; contenta-se com o enunciar um fato. Ora é mais científico enunciar um fato sem comentários do que se emaranhar em teorias que, como a telepatia, são absolutamente indemonstráveis.

A palavra telepatia implica uma hipótese. A palavra criptestesia tem a grande vantagem de não implicar nenhuma. Se A... vê o seu amigo B... morrendo, exatamente no momento em que B... morre, é o caso de se afirmar: o pensamento de B... foi alcançado por A... Mas não é o de se afirmar: Há em A... uma sensibilidade especial que lhe fez conhecer a morte de B... A telepatia absolutamente não é contraditória com a criptestesia: é uma explicação, provavelmente verdadeira, em muitos casos, mas com certeza insuficiente na maioria de outros. Ora a respeito de

um assunto assim tão contraditório, é necessário evitar, tanto quanto possível, as hipóteses inúteis.

A... possui uma sensibilidade especial, que o torna capaz de saber da morte de B... Isto não é hipótese. O pensamento de B... transmitiu-se ao pensamento de A... Isto é hipótese, sobre cuja veracidade ninguém está certo.

De mais a mais nunca ou quase nunca existem fatos desconhecidos a toda pessoa. Poder-se-ia então dizer: é a telepatia. Muito pouco importa, pelo menos teoricamente, que B..., para transmitir o seu pensamento a A..., esteja a dois metros ou a dois mil quilômetros de distância. Desta maneira, como é difícil supor que um fato qualquer seja ignorado de todos os habitantes do globo, poder-se-ia, para quase todos os fenômenos de lucidez, quase sem exceção, supor uma transmissão telepática. Porém isso será terrivelmente inverossímil em determinados casos. Quando a Senhora Green viu em Londres afogar-se na Austrália a sua sobrinha, que não conhecia a tia, é admissível supor com lógica que o pensamento da sobrinha tivesse ido encontrar-se com o da Senhora Green? Não será mais simples admitir - sem nenhuma hipótese - que com a Senhora Green se deu um caso de lucidez, criptestesia, ou sensibilidade especial?

Outrossim, no decorrer desta obra, falaremos muitas vezes da telepatia, mas é necessário fique bem esclarecido que para nós a telepatia não é senão um caso particular de lucidez, de que é parte inseparável, constituindo, por igual, um mistério (1).

(1) - No nº de abril de 1921 das S.P.P.R., a Sra. H. Sidgwick (232-398) num admirável artigo, Na examination of Book-Tests, chega à idêntica conclusão. A ele voltarei a fazer referência noutro lugar.

§ 3 - Fenômenos psíquicos que se relacionam com a psicologia normal e não têm senão a aparência da criptestesia

Insistimos acima a respeito da necessidade de se não introduzirem na metapsíquica fenômenos que se podem explicar pelas leis da psicologia normal, clássica.

Digno de nota é o fato de que, quase todas as vezes que se leva a efeito uma experiência, os médiuns, mesmo quando não possuem da literatura espírita senão umas tinturas muito fracas (e algumas vezes até nulas, se iniciam na mediunidade) atribuem a personalidades, que atuam à revelia deles próprios, a origem dos pensamentos transmitidos pela mesa, pela prancheta, pela escrita. Parece-me, como também o parece a todos aqueles que experimentam, ser vantajoso, para alcançar êxito nas experiências, admitir a intervenção de uma personalidade estranha. Isso, seguramente, não implica a admissão de uma crença qualquer na realidade da existência dessa personalidade. Não é senão um processo de experimentação, um método de investigação, uma hipótese de trabalho, segundo a expressão de Claude Bernard.

Há, em quase todas as experiências de espiritismo, personificação. Tomo de empréstimo a palavra a J. Maxwell, que assim chama a tendência que os médiuns têm, nas suas respostas, em atribuir os fenômenos e as respostas a uma personalidade distinta. Essas personalidades algumas vezes são múltiplas, mas em geral há uma que toma a dianteira às outras, não lhes permitindo realizar o intento. É o que em

linguagem espiritual se chama um guia. Os notáveis fenômenos (objetivos) que Eusápia Paladino produzia, eram por ela atribuídos a John King. Da mesma maneira os fenômenos (subjetivos) produzidos pela Senhora Piper - Eusápia os atribuía a Phinuit.

Essa personificação explica-se perfeitamente pela ação do inconsciente, o qual é como um cidadão estrangeiro que habita em nós, que tem os seus movimentos, as suas idéias, as suas lembranças, as suas vontades, os seus sentimentos - que estão inteiramente à parte da nossa consciência. Então, muito naturalmente, o inconsciente cria uma personalidade.

Para sabermos se essa nova personalidade é real ou imaginária, é necessário estudarmos aquilo que se descreve, na psicologia clássica, com o nome de desdobramentos e mudanças de personalidade.

Observam os médicos que, em alguns casos, aliás muito raros, uma transformação se processa cabalmente na mentalidade de uma pessoa. A..., que vem a ser outra pessoa, atribui a si outro nome, o nome de B..., por exemplo, perdendo então as suas lembranças para adquirir aquelas que são próprias de B..., embora imaginário. Tudo corre como se A... e B... fossem duas pessoas, com gostos, sentimentos, gestos, atitudes completamente distintos. Conhecem-se, depois do célebre caso de Azam, muitos exemplos: o Senhor Prince, na América, relatou alguns fatos notáveis.

Os magnetizadores chegaram à conclusão de que, no estado hipnótico, embora de uma maneira extremamente vaga, podiam transformar, por ordens verbais, o paciente adormecido numa nova personalidade. Mas eles não puderam, de maneira alguma, ao que parece, compreender a vantagem dessa experiência, pelo que a repudiavam. Fiz, em

1887, o estudo metódico dessas mudanças de personalidades, as quais, depois dessa época, criaram raiz nos fenômenos clássicos de hipnotismo.

Eis em que consiste esse fato singular. Digo à jovem Alice, hipnotizável e hipnotizada: ... "Você não é a Alice; você é uma senhora idosa" (Pouco importa que se tenham ou não feito passes magnéticos: a sugestão verbal faz tudo). Logo após Alice começa a tossir, imitam o caminhar e a voz cansada de uma mulher de idade. Durante uma hora, durante duas horas, e às vezes até mais tempo, se não cansa a paciência dos observadores, ela age em pensamentos e gestos tal como se fosse a outra. Isto não passa, como se está a ver, senão de uma comédia, mas de uma comédia involuntária, fatal, desengonçada, graças à inteligência de Alice, tornada dócil pela sugestão e pelo hipnotismo. Nada é mais extraordinário e, ousarei até dizer, nada é mais divertido do que essa adaptação rápida, exata, total, a uma nova personalidade.

Não se tem que objetar à simulação. Certamente que uma simulação é possível. Mas não há simulação. A questão é ponto líquido e não nos tornaremos. Aliás muitíssimo pouco importa saber se Alice, nas profundezas de sua consciência, conservou ou não alguma vaga lembrança de que é Alice. O que é evidente, incontestável, é que ela se deixa levar, sem poder reagir, até o ponto de imitar a personagem que se lhe apresentou. Que reste nela um bocado de sua personalidade anterior, é mais do que possível, é certo; mas em todo o caso a inteligência por inteiro se adapta momentaneamente à personalidade sugerida e isso com uma energia, uma tenacidade, uma perfeição e uma sinceridade que os mais hábeis cômicos seriam radicalmente incapazes de imitar.

A aparência com a nova personalidade é tal que a própria escrita se muda.

Pode assim o magnetizador impor a Alice todas as personalidades que desejar; ela obedecerá imediatamente a ele. Fará o papel de um general, de um garçom, de um pasteleiro, de uma dama ilustre ou de uma mulher de baixa classe. Tem-se a comédia que se deseja.

A experiência pode ainda ser levada mais longe. Certos pacientes podem tomar a personalidade de animais. Digo ao meu excelente amigo H. Ferrari, hipnotizado por mim, que eu o havia mudado em papagaio. Por que você está assim tão preocupado?, pergunto-lhe. Responde-me: Posso comer o milho que está na minha gaiola?? A expressão na minha gaiola é típica, porque indica até que ponto F... havia transformado a sua personalidade em papagaio.

Agora chego onde quero chegar. Não é motivo para causar admiração o fato de alguém supor ingenuamente que as mensagens espíricas parece provirem de uma personalidade real. Nada é mais simples para o espírito humano do que criar uma personificação. Que a formação dessa pessoa tenha sido provocada por uma sugestão estranha ou por um acontecimento exterior qualquer ou por uma auto-sugestão - o fenômeno é o mesmo. Nada há de metapsíquico. A formação de uma pessoa fictícia pertence à psicologia normal. E então todas as vezes que os fenômenos inconscientes se produzem, agrupam-se eles ao redor de uma personalidade que criam.

Tenho-os comparado à cristalização de um sal em solução saturada. Os cristais vêm formar-se ao redor de tal ou tal centro. Da mesma forma as lembranças, as emoções,

vão concentrar-se em torno de tal ou tal personalidade inventada.

É sobretudo pela escrita automática ou pelos movimentos da mesa ou mais raramente pelas pancadas na mesa, que se manifestam as personalidades espiritóides. Algumas vezes se servem elas da voz do médium. A convicção é tão profunda, a comédia é tão perfeita, o inconsciente tão absoluto, que os assistentes, por sua vez, são enganados e não podem supor que todas essas atribuições psicológicas partam de um ser imaginário!(1).

(1) - O mais belo exemplo talvez dessas mudanças de personalidade é o caso de Hélène Smith, que passou a ser Maria Antonieta. Th. Flournoy fez um estudo aprofundado a respeito do assunto.

Aqui está uma mulher que pega de um lápis, e, sem nada querer, sem nada compreender, sem nada saber, escreve, com uma rapidez febril, páginas e mais páginas; a escrita vem a tornar-se inteiramente diferente da sua escrita normal; durante dez minutos, meia hora, às vezes por mais tempo, ela escreve, escreve sempre. As frases se sucedem intermináveis. Quando uma folha está cheia, logo outra começa a ser escrita por um ser que, num abrir e fechar de olhos, a enche toda. Entretanto, a pessoa que escreve absolutamente nada sabe do que escreve; pode, durante todo esse tempo, continuar a conversação, com muita naturalidade, muito corretamente, com as pessoas que a cercam. Tudo se passa como se a sua personalidade desaparecesse para dar lugar à outra, que lhe tomasse a mão para escrever.

A mulher então exclama com muito boa-fé: Não sou eu! Os assistentes acompanham-na com a mesma dose de boa-fé: Não é ela! A escrita, por pequena que tenha sido, é sempre, no decorrer dos demais dias, coerente na sua grafia, no seu estilo, nas suas idéias - porque em geral é extremamente

coerente mesmo. Por muito pouco hábil que seja a imitação do estilo dessa ou daquela personagem evocada, cada um dos assistentes está convencido, profundamente convencido, de que a personagem (ou espírito) interveio, escrevendo e inteirando-nos de suas vontades.

Mas na verdade não se pode admitir aí nenhuma personalidade, tanto que se digo a Alice: Eis que você é um velho general, ela começa a falar como um velho general. Que da personalidade anterior, normal, reste uma consciência precisa, ou vaga, ou nula - em nenhum caso a realidade da intrusão de uma personalidade estranha é aceitável.

E isso é tão verdadeiro para os médiuns como para os sonâmbulos. Somente, em vez de ser, como nos sonâmbulos, uma personalidade que foi trazida por sugestão, é nos médiuns uma personalidade que foi pela auto-sugestão criada com todas as suas porções. Mas isso pouco importa. A personalidade que chega é fictícia, arbitrária: não tem mais realidade exterior do que as crianças dos poetas: A Esmeralda ou Carmen, Fígaro ou Dom João.

Darei alguns exemplos dessa escrita automática, (*) quando não para mostrar a grande inverossimilhança dos escritos das personalidades que pretenderam voltar (1)

(*) A tradução das mensagens citadas é feita ao pé da letra para ressaltar a inverossimilhança apontada pelo autor. (Nota dos tradutores).

(1) - A Senhora Noggerath, mulher de muito bom coração. falecida já idosa, há alguns anos atrás, realizou, com diferentes médiuns, durante cerca de meio século, um grande número de sessões, e consagrou a vida inteira a propagar a doutrina espírita, em que acreditava profundamente. Publicou um livro. *La Survie, sa réalité, sa manifestations, sa philosophie. Echos de l'Au-delà*, Paris, Flammarion, 1897, no qual transcreveu as mensagens que diz ter recebido dos mortos, tais como: Pitágoras, Sócrates, Buda, Fénelon, Bosuet, Molière, Abélard, Moisés, São João, Robespierre, Cuvier, Diderot. Esta enumeração é o bastante para mostrar até que ponto ia a sua fé.

"Vós me desdenhais e me esqueceis nos lufas-lufas do vosso mundo. Obrigais-me a estar presente, quando solicito uma simples reunião de família. Deixais-me tal como numa máquina pneumática: não posso caminhar para o desconhecido, para o vazio das coisas - Molière."

"Veneza, que tantos autores célebres cantaram, Veneza, a florescente, que resta dos seus palácios suntuosos, de sua glória? A glória de Veneza já não existe: mataram-na os vícios dos seus dignitários arrogantes! Ó sublimes ensinamentos de Jesus, que fizeram de vós? Tudo desapareceu. A cruz lançou uma sombra funesta, porque os fantasmas interceptaram os seus raios. - Pitágoras."

"A vida planetária serve para por em prática as resoluções tomadas no estado errático, isto é, durante a vida sideral. Nesta última, os cuidados do corpo não estando mais lá para forçar o espírito a agir, a vida não poderia ser senão contemplativa. - J. J. Rousseau."

"Que tristes tempos! Que tristes dias! Como a minha alma está entristecida! Como pude cair assim tão baixo? Por que não posso esquecer? Por que fulgores diante dos meus olhos e logo depois trevas? E o vago sentimento de um passado que sinto ser cruel e não poder reconstituir! Oh! grito de terror, sangue que corre, fumegante ainda!... - Fouquier-Tinville."

Sem dúvida a expressão sangue fumegante ainda trouxe ao espírito da médium a lembrança da Srta. de Sombreuil, porque logo após ter sido dada a mensagem de Fouquier-Tinville, a Srta. de Sombreuil chegou e lhe disse estas extraordinárias coisas:

"Amo Fouquier-Tinville. Amei-o desde o instante em que me salvou a vida. Vi-o belo, vi-o grande à sua maneira.

Sim! Amo-o! Sofro tanto quando exaltam a minha virtude como quando o chamam monstro, a ele que eu amo, ah! o amor! o amor! - Srta. de Sombreuil."

Mas deixemos tais divagações: elas se prestariam mais a fazer rir se não tivessem - o que igualmente é para lamentar sido considerado, por pessoas de caráter íntegro, como documentos positivos. Realmente, não são mais do que manifestações da inteligência inconsciente dos médiuns, que muitas vezes está acima da mediocridade.

Há evidentemente exceções na pobreza fisiológica das comunicações espíricas. O Sr. Carmelo Samonal (1) tendo perguntado a um espírito a razão por que nada lhe dizia a respeito do além-túmulo, obteve imediatamente, por meio de pancadas, esta resposta simbólica, na verdade assaz formosa: Non mangerai pane il cui seme non abbia dormito prima nello nuda terra, la cui bionda spiga non si sai curvata al soffio del vento, e non sai caduta poi sotto l'inexorable falca dei mietitore.

(1) - *Psiche misteriosa* (1910, Palermo) 64.

Em alguns minutos, Laura, dirigindo-se a Petrarca, lhe diz (por intermédio de Esteia, que, no estado normal, nada entende de poesia):

Si j'étais l'air que tu respires,
Ami, comme je serais doux!
J'effeuillerais sur ton sourire
Des baisers exquisément fous!

Porém entre as mais notáveis exceções estão ditados a Victor Hugo, que cria no espiritismo. (2)

(2) - A mesa girante, ou falante, foi metida a chuças. Falemos claro. Essa zombaria é sem procedência. É cômodo trocar o estudo pela troça - mas não é

científico... A ciência nada sabe e não pode entregar-se a devaneios. O sábio que ri do possível não passa de um idiota. O inesperado deve sempre ser esperado pela ciência (Shakespeare). Na *Revue des Deux Mondes*, 1 ° de agosto de 1922, M. P. Berret escreveu um artigo sobre Vitor Hugo espírita (555-583).

Jules Bois, numa interessante obra (3) dá-nos pormenores curiosos a respeito de Victor Hugo espírita. Foi convertido pela Senhora Émile de Girardin, em Jersey, no dia 16 de setembro de 1853. Na primeira sessão, pergunta Vacquerie: "Em que palavra estou pensando?" Responde-lhe a mesa: "Você está pensando na palavra sofrimento". Não; era "amor" a palavra. Resposta ingênua e precipitada.

(3) - *Le Mirage moderne*, Paris, Ollendorff, 1907.

Victor Hugo, nas sessões ulteriores, não tomava parte na mesa. O médium era Charles Hugo, que não conhecia a língua inglesa. Um cidadão inglês invocou lorde Byron, que lhe respondeu na língua materna:

Vex not the bard, his lyre is broken,
His last song sung, his last word spoken.

Respostas extravagantes, apocalíticas, são atribuídas a Ezequiel, ao leão de Androcles. No manuscrito, à margem, há esta assombrosa frase de Victor Hugo: "Os livros ditados pela mesa ao meu filho Charles contêm uma resposta do leão de Androclo".

Cada um dos versos é, em si, admirável; mas há uma relevante incoerência no seu desenvolvimento.

Eis aí como se exprime Ésquilo:

Non, l'homme ne sera jamais libre sur terre:
C'est le triste captif du bien, du mal, du beau,
Il ne peut devenir - c'est la loi du mystère –
Livre quem devenant prisonnier du tombeau.

Fatalité, lion dont l'âme est dévorée,
J'ai voulu te dompter d'un tirs cyclopéen,
J'ai voulu sur mon dos porter ta peau tigrée,
Il me plaisait qu'on dit: "Eschyle néméen".

Je n'ai pas réussi: la bête fauve humaine
Déchire encor nos chairs de son ongle éternel.
Le coeur de l'homme est plein encor de cris de haine,
Cette fosse aux lions n'a pas de Daniel.

Après moi vint Shakespeare, il vit les trois sorcières,
O Némée, arriver du fond de la forêt
Et jeter dans nos coeurs sés troublantes chaudières,
Les philtres monstrueux de l'imense secret.

Il mit dans ce grand bois la limite du monde,
Après moi, le dompteur, il vint, lui, le chasseur.
Et, comme il regardait dans son âme profonde,
Macbeth cria: "Fuyons", et Hamlet dit: "J'ai peur".

Il se sauva. Molière, alors sur la lisière,
Parut, et dit: "Voyez si mon âme faiblit.
Commandeur, viens souper". Mais ou festin de Pierre
Molière trembla tant que Don Juan pâlit.

Mais que ce soit lê spectre, ou la sorcière, ou l'ombre,
C'est toujours toi, lion, et ta griffe de fer.
Tu remplis tellement la grande forêt somber,
Que Dante te rencontre en entrant dans l'enfer.

Tu n'es dompté qu'à l'heure où la mort, belluaire,
T'arrache de la dent l'âme humaine en lambeau,
Te prend, dans ta forêt profonde et séculaire,
Et te montre du doigt ta cage, l'ê tombeau.

Algumas vezes, em versos naturalmente admiráveis,
Victor Hugo inquire os espíritos. Dirigiu-se um dia a
Molière:

Les rois, et vous, là-haut, changez-vous d'enveloppe?
Louis quatorze au ciel n'est-il pas ton valet?
François premier est-il le fou de Triboulet?
Et Crésus, le laquais d'Esopé?

Não lhe respondeu Molière, porém a Sombra do
Sepulcro:

Le Ciel ne punit pas par de telles grimaces,
Et ne travestit pas em fou François premier,
L'enfer n'est pas um bal de grotesques paillasses,
Dont le noir châtiment serait l'ê costumier.

Não satisfeito com a resposta, dirigiu-se novamente a
Molière:

Toi qui du vieux Shakespeare as ramassé le ceste,
Toi que près d'Othello sculptas le sombre Alceste,
Astre qui resplendis sur um double horizon,
Poète au Louvre, archange au ciel, ô grand Molière!
Ta visite splendide honore ma maison.

Me tendras-tu là-haut ta main hospitalière?
Que la fosse pour moi s'ouvre dans le gazon.
Je vois sans peur la tombe aux ombres éternelles;
Car je sais que l'âme y trouve une prison,
Mais que l'âme y trouve des ailes.

Então a Sombra do Sepulcro, provavelmente irritada,
replicou-lhe:

Esprit qui veux savoir le secret des ténèbres,
Et qui, tenant em main le terrestre flambeau,
Viens, furtif, à tâtons, dans nos ombres funèbres,
Crocheter l'immense tombeau!

Rentre dans ton silence, et souffle tes chandelles,
Rentre dans cette nuit don't quelquefois tu sors,
L'ocel vivant ne lit pas les choses éternelles
Par-dessus l'épaule des morts.

Belos versos, mas que certamente tanto pertencem a
Molière e a Ésquilo como ao leão de Androcles.

Hélène Smith, nas suas primeiras sessões, foi inspirada
por Victor Hugo. Ora o Victor Hugo interpretado por Hélène
Smith escrevia versos curiosamente burlescos(1):

(1) - Flournoy, loc. cit.

L'amour, divine essence, insondable mystère,
Ne le repousse point. C'est le ciel sur la terre.
L'amour, la charité seront ta vie entière:
Jouis et fais jouir; mais n'en sois jamais fière.

O leão de Androcles era mais poeta do que o Victor Hugo de Hélène Smith.

Demais a mais a Sombra do Sepulcro se exprimia também em prosa - uma prosa igualmente magnífica. Como Victor Hugo lhe havia reprochado o uso das expressões simbólicas, respondeu-lhe a Sombra:

- "Imprudente! Diz Você: a Sombra do Sepulcro não fala a linguagem humana e lança mão, para dizer a verdade, de imagens bíblicas, de palavras, de metáforas, mentiras... A Sombra do Sepulcro não é um disfarce - sou a realidade. Venho até Você para falar-lhe de acordo com o seu jargão, em consequência do qual as coisas sublimes se limitam a tão pouco. Sois todos de entendimento reduzido a determinadas proporções. A palavra é a corrente do espírito; e a imagem, é a golilha do pensamento; o vosso ideal é a gargalheira da alma; o que vos parece sublime não passa de enxovia; o vosso céu é o teto de uma cava; a vossa linguagem nada mais é do que um murmúrio captado num dicionário. Mas a minha linguagem é a Imensidade, é o Oceano, é o Furacão. A minha biblioteca é composta de milhares de estrelas, milhões de planetas, milhões de constelações... Se Você deseja que eu lhe fale a minha linguagem, suba até o monte Sinai e Você então me entenderá nos fulgores de lá; desça ao túmulo e sentirá a minha clemência."

Como a hipótese é verossímil, não há dúvida de que o inconsciente de Charles Hugo provocou as mensagens em prosa e verso. Ele, o seu inconsciente, apreendeu o gênio do mestre.

Há outros casos interessantes, para os quais também é necessário supor uma intervenção exclusivamente humana.

Hermance Dufaux, moça de quatorze anos, apresentou uma Vie de Jeanne d'Arc, ditada pela própria Joana d'Arc (1) e as Contessions de Louis XI. Allan Kardec se faz fiador da sinceridade dessa moça, tão logo ela afirma ter escrito os livros por inspiração, sem consultar os arquivos e documentos da história.

(1) - *Revue spirite*, 1858, pág. 73, e a *Vérité*, 29 de maio de 1864 (1 vol. E. Dentu, Paris, 1858). Página 74, da edição em português, da LAKE.

Quatro hipóteses se apresentam:

1.º - Uma fraude grosseira, simples, que consiste em ir procurar, nas bibliotecas públicas ou nos livros de fácil consulta, a documentação necessária. Dessa maneira pôde P. Mérimée escrever, com brilhante talento, aliás sem nenhuma pretensão espírita, o théâtre de Clara Gazul.

A hipótese é bem verossímil; todavia seria preciso uma astúcia, uma habilidade, uma trapaçaria de que a jovem talvez fosse incapaz (?)

2.º Uma memória irrepreensível, com inconsciência parcial, que faz encontrar em Hermance, num dado momento, tudo aquilo que ela leu e entendeu. A sua inteligência inconsciente, mais ativa do que a sua inteligência consciente, apanha todos os pormenores lidos e entendidos para os classificar, condensar, verificar, atribuindo à chamada personalidade de Joana d'Arc e de Luís XI a lembrança de todas as suas leituras. Que poderíamos dizer e escrever se achássemos assim todos os vestígios de todas as nossas leituras! Com a idade até de quatorze anos pode a gente já ter lido muito!

Hermance Dufaux, falando como Joana d'Arc ou Luís XI, é mais ou menos como Hélène Smith, que, muito sinceramente e com maravilhosa faculdade de adaptação, se julga ser tanto a rainha Maria Antonieta como Cagliostro.

É esta hipótese que admito como quase tão verdadeira como a primeira, ainda que, a rigor, uma terceira hipótese seja aceitável.

3.º- Por noções criptestésicas, Hermance, que é médium sensitiva, conhece os fatos, os nomes, as datas, os acontecimentos, que os seus sentidos normais não lhe puderam dar a conhecer. E então esses conhecimentos de ordem metapsíquica se agrupam ao redor da personalidade que a auto-sugestão criou.

Antes de admitir essa aventureira hipótese, conviria - o que, passado já meio século, é Impossível - saber exatamente até que ponto chegou às leituras da jovem Hermance.

4.º- É Luis XI, é Joana d'Arc, cujas lembranças o mundo ainda guarda, que escreveram pela mão de Hermance.

Aí está uma hipótese espantosamente absurda. Isto não deve ser questão pacífica antes de, primeiramente, não ter sido demonstrada a impossibilidade das três primeiras suposições.

Se insisto no caso de Hermance Dufaux é porque ele se aplica exatamente a todos os casos de escrita automática invocados na identificação das pessoas falecidas.

Bersot (1) conta que em 1853 se publicou em Guadelupe, *juanita*, novela ditada por uma cadeira, acompanhada de um provérbio e de outras inépcias análogas do mesmo autor.

(1) - Citado por Grasset, *loc. cit.*, 195.

A história de Charles Dickens, ditando, depois de sua morte, o fim do seu romance: *The mystery of Edwin Drood*, é ainda mais notável (2). Em 1872, um jovem operário, sapateiro de profissão, por nome James, de educação escolar quase nula, descobriu possuir aptidões mediúnicas para a escrita automática. Em outubro de 1872, Dickens, que

acabara de falecer, manifestou o desejo de terminar um romance que havia começado e que, por motivo de sua morte, não pudera terminar. James meteu ombros ao trabalho, isto é, à escrita. Sob a direção de Dickens, terminou o livro, que veio a ser volumoso, considerado por certos críticos como coisa digna da pena Dickens. Sou incompetente para apreciar o fenômeno, bem como para verificar a semelhança das escritas, o emprego do dialeto de Londres em lugar das expressões americanas, e o conhecimento da topografia daquela cidade; mas todos nós sabemos que os pastichos são de feitura fácil (Ver o livro *A la manière de...*, por Muller e P. Reboux.). Assim como assim, mesmo que o pasticho fosse mais perfeito, não iria eu concluir daí que a alma de Dickens tivesse invertido. Admitimos até que a boa-fé de James fosse reconhecida, que a incapacidade da inteligência normal para criar esse pasticho genial fosse claramente provada, mesmo assim veria no caso outra coisa qualquer, mas não a sobrevivência de Dickens. Quaisquer suposições parece serem preferíveis à admissão dessa hipótese ingênua e simples, mas terrivelmente inverossímil, e para mim inadmissível, isto é, que Charles Dickens tenha voltado do outro mundo para mover os músculos braquiais de James.

(2) - *The mystery os Edwin Drood*, 1873, casa de Clark Bryan, Springfields, Mass. *The Spiritualist*, 1873, 322.

A linguagem marciana, criada pelo formidável gênio de Hélène Smith, indica aquilo de que é capaz o inconsciente. Ninguém pode razoavelmente supor que o tal idioma tenha qualquer cunho de realidade, isto é, que os habitantes de Marte (se é que os há lá) falem a linguagem extravagantemente derivada do francês. Flournoy mostrou, no seu incomparável livro, quais eram os mecanismos

mentais que procederam à criação de uma nova língua. A linguagem marciana de Hélène Smith faz supor que a linguagem sânscrita falada por ela traz em si a mesma inspiração inconsciente.(1)

(1) - Um outro ensaio sobre a língua e o romance marcianos, alfas de valor íntimo, foi aquele tentado pela Senhora Smead, que J. Hyslop estudou. Não há grande coisa a tirar dele (J. Hyslop. C. La médianimité de Mad. Smead, A. S. P., 1906, VI, 461-502).

Entretanto, o problema é um pouco tão mais incerto para o sânscrito de Hélène Smith como para a linguagem marciana, porque o sânscrito é uma língua real, demais a mais extraordinariamente difícil. Ora Hélène não teve livros sanscríticos à disposição (os livros de sânscrito não abundam); não frequentou as bibliotecas públicas; contudo o que ela disse é manifestamente do sânscrito, um sânscrito rudimentar, defeituoso, informe, mas enfim do sânscrito (2).

(2) - Nas Nouvelles observations (pág. 212-213) Flounoy diz que uma pessoa, em cuja casa Hélène dava sessões, tinha uma gramática sânscrita que se achava no móvel com o qual se realizavam as sessões. Mas como podia Hélène ter achado, durante uma sessão, o tempo necessário para, às escondidas de todos, estudar a gramática, assenhorear-se dos seus ensinamentos? Teria ela trazido consigo esse livro, durante algum tempo, sem que ninguém o soubesse, talvez inconscientemente?

O Senhor de Saussure, dirigindo-se aos inumeráveis leitores aos quais o sânscrito era desconhecido, e desejando que apreciassem a correção do de Hélène, teve a engenhosa idéia de mostrar, por uma comparação com o latim, o que era ele: Meate domina mea sorore forinda indi deo indesingodio deo primo nomine obero mina loca suave tibi offisio et ogurio te olo romano sua dinata perano die nono colo desimo ridere pervere nove.

E um latim selvagem, incompreensível, em que há, aqui e ali, algumas palavras que formam sentido isoladamente.

Em todo o caso - o que não deixa de ser bem estranho - não há a letra f rio sânscrito de Hélène. Ora a letra f não

existe em sânscrito e certamente é preciso ter já algum conhecimento dessa língua para saber que não existe a letra f. É verdade que não há o u mas ou, que algumas vezes Hélène pronuncia como u, ainda que escreva ou.

O problema do sânscrito de Hélène Smith é muito delicado e não pode ser tratado assim ao correr da pena. Estou propenso a crer, não certamente que houve a incorporação de um príncipe indiano, mas sim uma vaga criptestesia que permitiu a Hélène servir-se de algumas citações da língua sânscrita. É a opinião ponderada de Fred. Myers, que adoto, com todas as necessárias reservas.

Muitos outros livros foram dados a lume pela escrita automática. Mas seria preciso ser de uma doentia credulidade, quase criminosa, para admitir que foi Termutis, a filha do Faraó egípcio, quem diou, a obra intitulada *le Pharaon Merneptah* (1).

(1) - *Le Pharaon Menephtah*, 2 vols., 2º, Paris, Ghio, édit. et Libre. des sc. psycholog., e do mesmo autor: *Episode de la vie de Tibère*, 1 vol., *L'Abbaye des Bénédictins*, 2 vols.

O espírito de Rochester, que, juntamente com Termutis, ditou essas páginas singulares, é dono de um automatismo mental tão humano como medíocre. Foi ele outrora, segundo lhe parece, um certo Caio Lucílio. Não vale a pena perder tempo com fantasias desse calibre.

De mais a mais, tudo é literatura. Citarei as *Letters from a living dead man*, por X... (Londres e Nova York, 1914); X... foi um magistrado americano, versado nas ciências filosóficas (provavelmente foi ele David P. Hatch, de Los Angeles, Califórnia). É ainda X... quem escreveu, por intermédio de Elsa Barker, portanto, pela escrita automática, as *War Letters from the living dead man* (Londres, Ryder, 1918). Nota-se nelas o mesmo generoso e aéreo idealismo

existente nos escritos similares. Nada, nada absolutamente prova que houve aí outra inteligência senão a inteligência inconsciente do escritor automático. Ainda agora acaba de aparecer em Nova York um livro escrito pelas vias automáticas: é o segundo da série. Mas não há nele o menor indício da existência de uma inteligência diferente da humana ordinária. É muito nobremente idealista, mas de um idealismo que qualquer pessoa culta pode possuir sem dificuldade (1).

(1) - *To woman from Meslom, a message from Meslom in the life beyond, received automatically by Mary Mc Evilly, New York, Brentano, 1920. Ver também A Record of Psychic experiments.*

O caráter dessa literatura do inconsciente é assaz claramente malbaratado para que a gente possa facilmente reconhecê-lo. É antes de mais nada uma tendência para as bonitas frases místicas e vagas acerca dos destinos da alma, acerca das forças imperecíveis da alma humana. As divagações do inconsciente são sempre altamente religiosas, como se cuidasse de traçar os lineamentos de uma religião nova, com ritos e doutrinas. É também sempre um amor da humanidade, que seria respeitável se não se tratasse de filantropia anuviada e enfática. Os escritos automáticos repelem a precisão. Subtraem-se a qualquer indicação precisa, conformando-se com banalidades muito tolas. Mostram-nos eles poetas que não conhecem a poesia; filósofos que não conhecem a filosofia; padres que não conhecem a religião - os quais, no entanto, tudo fazem, com louvável esforço, para nos dar, se bem que em linguagem nebulosa, conselhos a respeito de uma filosofia e preceitos a respeito de uma religião.

Em todo o caso, salvo raríssimas exceções, tais produções do inconsciente, não obstante as puerilidades

cômicas, são, como o apontou Myers, com razão, de uma moralidade inegável, que tendem a desenvolver o que há de melhor na generosidade humana.

Um livrinho interessante acerca da escrita automática foi dado pela Senhora Hesther Travers Smith, a qual conta às peripécias por que passou na sua mediunidade. Além dos mais operava tanto pela escrita automática como por meio da prancheta. Tinha quatro guias: Peter, Eyen, Astor e Shamar. Os resultados não são muito demonstrativos, quer como criptestesias pragmáticas (psicometria) quer como premonições. Mas encontrar-se-ão regras úteis sobre a maneira de se proceder na consecução da escrita automática ou da prancheta.

Ao lado da escrita automática, há o desenho automático. Algumas vezes os resultados são imprevistos. Hélène Smith, traçou esboços espíritos curiosos (1). Teve uma visão (alucinação) que ela reproduziu com as suas cores. Mas como levasse muito tempo para pintar, não dando às vezes mais do que duas ou três pinceladas por dia, demorava mais de um ano para terminar tal ou tal trabalho. Mas terminava-o, e cada vez que desejava pintar, ou era impulsionada a fazê-lo, a visão reaparecia.

(1) - A. Lemaitre, *Une étude psychologique sur les tableaux médianímiques de Mad. H. Smith* (Arch. de Psychologie, de Genebra, julho 1907).

O Senhor Claparède reproduziu também outros desenhos (2).

(2) - Bull. de la Soc. Méd. de Genebra, 3 junho 1918, A. S. P., 1909, XIX, 147

Goarant de Tromelin, Comandante, muitas vezes enviou-me estranhos desenhos espíritos, feitos por ele mesmo no estado de meio-sonambulismo. As suas cartas eram acompanhadas de figuras humanas ou de animais, justapostas uma às outras.

Geley conheceu uma senhora que lhe mostrava cartões em que estavam representadas, por via automática, com muita finura, diversas abstrações, como a cólera, a guloseima, a avareza, sob a forma de caricaturas de pessoas.

Vi os desenhos produzidos, no estado medianímico, pela Senhora Blócus, de Saint-Amand (Cher). Ela não era, em absoluto, médium profissional, se bem que sua mãe tivesse, por muito tempo, praticado a escrita automática. Os seus desenhos, algumas vezes de uma estética encantadora, são desenhos de ornamentação, muito variados, e feitos com notável rapidez.

Jules Bois citou numerosos casos de desenhos mediúnicos. Conta a história de Victorien Sardou, que fez um desenho inspirado por Bernard de Palissy, a que deu o nome de A Casa de Mozart (Bernard de Palissy era um drama que Sardou tinha composto e não fora aceito pela crítica). Há também A Casa de Zoroastro desenhada no mesmo estilo, ainda por Victorien Sardou. Fernand Desmoulin, Hugo d'Alesi, pintores de talento no seu estado normal, puderam, no estado mediúnico, isto é, no inconsciente, fazer esboços curiosos e desenhos algumas vezes notáveis.

O mecanismo é inteiramente o mesmo tanto para os desenhos automáticos como para a escrita automática. A mão desenha, e colore até, em vez de escrever: aí está a diferença. A impulsão é irresistível, involuntária, parecendo ser inteiramente independente, não somente da vontade, mas ainda da consciência do médium. Num dado ponto do papel há um traço, cujo sentido nenhuma pessoa conhece, nem muito menos o médium. Esse traço se liga curiosamente a outros traços análogos, que parece, considerados

isoladamente, não terem nenhuma significação, que, finalmente, adquirem, e é muito clara. Algumas vezes indivíduos incultos, inábeis para a arte do desenho, produzem composições singulares e complicadas, sempre simbólicas. São os fenômenos próprios do sonambulismo. Parecemos difícil ver neles uma influência metapsíquica qualquer.

A literatura espírita é abundante em produções dessa natureza. Mas seria preciso uma indesculpável dose de credulidade para não ver nelas outra coisa senão elucubrações estéticas do inconsciente. Têm todos pouco mais ou menos um simbolismo vagamente oriental, que algumas vezes não está destituído de estranha beleza (1).

(1) - Ver os desenhos mediúnicos de Machner (A. S. P., 1908, XV, 86) e os de Petit Jean (A. S. P., 1911, XXI, 360).

Na realidade, todas essas escritas, todas essas pinturas podem ter sido fruto do labor humano. Não há nada que nos leve a ver nelas o quid divinum, que nos leve a atribuí-las a alguma inteligência que está acima de uma inteligência de nível médio. Por consequência, querendo rejeitar da causa metapsíquica tudo aquilo de que é capaz a razão psíquica, não aceitamos esses fatos como pertinentes à ciência metapsíquica. Não fazem elas parte senão de um capítulo muito curioso na psicologia normal - para cujo estudo cuidadoso convidamos todos os psicólogos.

§ 4 - Classificação das modalidades da criptestesia

Os fenômenos de criptestesia são tão numerosos, tão variados, tão misteriosos, que devemos, para por um pouco de ordem nesse caos, tentar uma classificação.

Mas é preciso que se não tenha ilusão acerca do valor absoluto dessa divisão em partes. Ela é necessária para um ensino dogmático; insuficiente para a interpretação adequada dos fenômenos complexos que se apresentam. Nunca as coisas reais se classificam nos nossos planos arbitrários com a precisão que nós lhe atribuímos.

Separaremos primeiramente a criptestesia experimental, aparecida intencionalmente numa experiência, da criptestesia acidental, que se manifesta de improviso. Poder-se-ia chamá-la espontânea; mas a palavra espontânea não seria completamente exata, porquanto a criptestesia acidental é provocada por um fenômeno exterior.

É muito possível que não haja diferença essencial entre essas duas classes de criptestesia; mas o método de estudo é inteiramente diferente, porquanto elas produzem os fenômenos de maneira diferente.

A criptestesia experimental se observa numa experiência provocada, e, por conseqüência, pelo menos em princípio, ela é mais bem analisada, tanto que a criptestesia acidental aparece assim repentinamente, sem ser provocada pelo experimentador, mas por acaso, sem esforço, em tais ou tais indivíduos normais, no sono ou em estado de vigília, ou meia vigília, que constituem surpresa para o próprio fenômeno.

Esta divisão metódica da criptestesia experimental e acidental prova que a metapsíquica é uma ciência ao mesmo tempo de experimentação e de observação. Menosprezá-la,

seja pela experiência, seja pela observação, seria mutilá-la dolorosamente.

A criptestesia experimental pode ser estudada:

A - Nos pacientes normais.

B - Nos indivíduos hipnotizados. C - Nos médiuns.

D - Nos sensitivos.

Daí provêm quatro capítulos distintos, ainda que a divisão nunca seja tão clara nas suas diversas condições, já porque, por uma parte, os médiuns entram em transes, que se assemelham singularmente à hipnose (algumas vezes até se chega a hipnotizar os médiuns, para a produção do estado mediúnico) já porque, por outra parte, nunca sabemos até que ponto os indivíduos, que cremos serem normais, se avizinham do estado hipnótico ou do estado medianímico.

Há, entretanto, entre os médiuns e os hipnotizados, esta diferença, que se verifica na maioria, senão na totalidade dos casos: os médiuns falam, escrevem, movem uma mesa ou prancheta, como se fossem inspirados por uma personagem estranha, ao passo que os hipnotizados não invocam nenhum guia. Mas essa distinção é mais artificial do que real, porque, sem dúvida, a educação dos sensitivos, dos médiuns, dos hipnotizados, tem um papel preponderante na manutenção ou na perda da sua personalidade normal.

Quanto aos sensitivos, são eles indivíduos de aparência normal, mas que, embora não sejam nem médiuns nem sonâmbulos, parece serem capazes de lucidez e de clarividência, em certas condições não-acidentais, mas experimentais (visão pela bola de cristal, a psicometria, etc.).

A criptestesia acidental é a que não sobrevém nem no estado hipnótico nem no medianímico, manifestando-se repentinamente nos indivíduos inteiramente normais.

Todas as criptestesias acidentais podem ser chamadas monições.

As monições são a revelação (por uma via que não é aquela dos sentidos normais) de um acontecimento passado ou presente. As premonições são as revelações atinentes ao futuro.

Como as monições são numerosas e diversas, vamos separá-las por acontecimentos quaisquer, ora de pouca monta, ora de muita (de muita porque terminam com a morte). As monições de morte, com efeito, representam um grupo considerável de fatos assaz homogêneos, em que há inconveniente de dissociação. As monições coletivas formarão um capítulo separado: elas constituem uma transição entre os fenômenos subjetivos e os fenômenos objetivos da metapsíquica, comportando, conseqüentemente, uma discussão inteiramente especial.

Enfim, é preciso a criptestesia encontrar os fenômenos de adivinhação pela vara adivinatória, bem como talvez as manifestações singulares que certos animais demonstram em calcular (1)

(1) - Se me acham demasiado severo para com essas teorias, contentarme-ei em dar uma resposta, citando Claude Bernard, o mestre das ciências experimentais, cujo saber é incontestado:

- "A existência da fé nas ciências é um erro e o ceticismo é um progresso. Todos os sistemas....,que as ciências criaram na sua fase embrionária, devem mais tarde, quando a ciência tender para a sua constituição, ser esquecido, e desaparecer, como desaparecem os meios transitórios que se tornam inúteis. O progresso não consiste por em restaurar ou acordar os antigos sistemas: o verdadeiro progresso consiste em esquecê-los e em colocá-los no seu lugar pelo conhecimento da lei dos fenômenos" (Leç. de pathologie expérimentale, 1872, 399).

CAPÍTULO III

CRIPTESTESIA EXPERIMENTAL

§ 1 - Criptestesia entre os indivíduos normais

Fizeram-se, com pessoas normais, assaz numerosas experiências, insuficientes ainda.

Consignemos que elas foram de resultados muito diversos, segundo se tratava deste ou daquele paciente. Se a lucidez, do mesmo modo, como ficou demonstrado, existe em certos seres excepcionais, é provável que também exista, considerado o mesmo traço íntimo, em outros indivíduos. É altamente inverossímil que ao lado de pacientes muitas vezes lúcidos não haja outros pacientes que possuam alguma lucidez, por muito rara ou fraca que seja.

É pois necessário procurar novamente, e, se possível, desvendar esse traço de lucidez entre as pessoas normais, o que pode ser feito na seguinte forma:

Quando um indivíduo indica, por acaso, um fato, um nome, um título, um desenho, cuja probabilidade é conhecida, mudará a probabilidade dessa indicação pelo fato da existência da criptestesia?

Já, há longo tempo, propus este método, e tenho feito, nesse sentido, numerosas experiências, repetidas e confirmadas pelos meus sábios colegas da S. P. R.(1).

(1) - Ch. Richet, *La suggestion mentale et le calcul des probabilités* (Rev. Philosoph, 1874, XVIII, 607-671) - *Phantasms of the Living*, I, 31-70.

Essas experiências, realizadas com pessoas não-sensíveis, ou pouco sensíveis, foram feitas com carta de jogo, com desenhos e fotografias. Algumas vezes para esta

adivinhação fiz uso da vara divinatória (a qual revela os movimentos musculares inconscientes). Nesses casos, a probabilidade podia ser calculada exatamente.

Ora, verificou-se que o número de êxito foi sempre ligeiramente superior ao número provável. Por exemplo, sobre 2.103 tiradas (cartas de jogo) o cálculo das probabilidades indicava 525 e o número achado foi o de 552. O excesso é muito insignificante. Mas, para bem julgar, convém eliminar as experiências feitas no mesmo dia em grande número - para lá de 100, por exemplo - porque então há, sem dúvida, fadiga e confusão. Não se levando em conta as experiências diárias, que não excedem a 100, chega-se à conclusão de que sendo 280 o número provável de êxito sobre 1.132 tiradas, o quantum de êxito obtido será de 315. Não representa quase nada ainda.

As experiências, de que falaremos mais adiante, levadas a efeito na Inglaterra, por este mesmo método, deram sobre 17.653 tiradas, um número de êxito igual a 4760, cujo número provável excede a 347. É alguma coisa, mas é pouco.

Parece-nos, demais a mais, que se podem conhecer as pessoas que possuem a lucidez em maior ou menor grau.

Os meus amigos G. F... e H. F... eram, certamente, tanto um como outro, embora longinquamente, sensitivos. Operando a vara divinatória, as probabilidades foram:

1/8 1/6 1/48

Obtiveram sobre as 5 experiências

1/8 1/6 1/48

- 1 sucesso insucesso insucesso
- 2 sucesso insucesso insucesso
- 3 sucesso sucesso sucesso
- 4 sucesso insucesso insucesso
- 5 insucesso sucesso sucesso

Desta maneira, quando a probabilidade era $1/8$, houve 5 sucessos em 5 experiências, a probabilidade desses 5 sucessos não era senão de $1/32.000$. E a certeza moral de que houve criptestesia.

Ao contrário, para A. P. e para mim mesmo, não possuindo nós dois nenhum grau de lucidez, e trabalhando ao lado de G. F... e H. F..., o resultado foi o seguinte:

- 1 sucesso insucesso insucesso
- 2 insucesso insucesso insucesso
- 3 insucesso insucesso insucesso
- 4 insucesso insucesso insucesso

Para A. P. e para mim não houve descarte apreciável entre o número provável de sucessos e o número realmente obtido, tanto que ele foi diferente para G. F... e H. F...

Mais recentemente, numa série de 5 experiências, realizadas simultaneamente com cartas que pessoa não via, por B..., por S... e por mim, houve 5 insucessos para B..., 1 sucesso para mim, 2 sucessos para S..., dotada de poderes medianímicos. A probabilidade composta (2 sucessos para 5 experiências, na probabilidade simples de $1/52$ é de $1/250$)

Mas tudo isto é bem pouca coisa.

Não podemos entrar em todos os pormenores consignados na relação de sir William Barrett (1). Convém igualmente assinalar, dada a sua importância, uma experiência de sir Oliver Lodge, realizada com moças que não estavam hipnotizadas nem eram médiuns. É o Senhor Malcolm Guthrie que instituiu o dispositivo experimental e com ele operava (2).

(1) - P. S. P. R., *Experimental Telepathy, Ph. of the L.*, I, 20-29: I, 57-65.

(2) - O. Lodge, *Nature*, XXX, 145, e a *Survivance humaine*, trad. francesa, 1912, 26.

Tratava-se da reprodução de desenhos. No caso, o desenho a adivinhar era a bandeira nacional, cuja figura foi reproduzida inteiramente, sem hesitação.

As condições dessas experiências eram perfeitas. Vinte anos depois, Sir Oliver Lodge escreveu: "Declaro com energia que a experiência era cabalmente satisfatória, não tendo eu nenhuma dúvida do seu valor para o futuro".

Foram feitas 218 tiradas por seis pessoas, sendo a probabilidade de 1/6. As Sras. H... e B... (que, tanto uma como outra, possuem fracas faculdades medianímicas) alcançaram 22 sucessos sobre 54 experiências, quando então a cifra de probabilidade era de 10; enquanto as outras quatro pessoas tiveram, sobre 162 experiências, uma cifra real de 45 sucessos, então a cifra de probabilidade era de 32; a relação da cifra real com o cálculo provável era de 220 para as Sras. H... e B...; de 140 para as outras quatro pessoas (1).

(1) - Citados por Delanne, loc. cit., pág. 268.

Numa experiência realizada em casa do Senhor professor em Cambridge, obteve-se:

Desenho Adivinhado	Desenho Real
Vermelho	Vermelho

Amarelo	Cor de Ouro
R.	R.
E.	E.
Triângulo Retângulo	Triângulo Isóscele
5 de paus	5 de espadas
Pirâmides do Egito	Um Tetraedro

Experiências semelhantes são muito demonstrativas, bem como o são aquelas que Ochorowicz indica no seu excelente livro sobre a sugestão mental (livro que é necessário ler para tornar-se conhecedor das múltiplas precauções que se deve tomar para eliminar as causas do erro).

Em Brighton, em 1882, com G. A. Smith, como percipiente, Ed. Gurney e Myers obtiveram resultados muito notáveis que as denegações esquisitas ulteriores do Senhor Smith não puderam infirmar (P.S.P.R., VII, 536).

Nome Pensado	Primeira Resposta	Segunda Resposta
Barnard	Harland	Barnard
Bellairs	Hampreys	Ben Nevis
Johnson	Johnson	Johnson
Regent Street	Rembrandt Street	Regent Street
Hobhouse	Hanter	Regent Street
Black	Drack	Blacke
Queen	Quechy	Queen
Wissenschaft	Wissie	Wisenaft

Sir Oliver Lodge, mais recentemente, experimentando com as Srtas. Lyro, verificou que elas eram uma frente à outra, muito sensíveis. Tinham-se dado as mãos, de maneira que, como o disse O. Lodge, pôde-se, com extremo rigor, admitir, não uma fraude, mas uma transmissão por contacto, o que não pertence mais inteiramente a criptestesia, mas se

assemelha a uma transposição de sentidos, fenômeno muito vizinho do da criptestesia: "As respostas, desde que o contacto cessava, tornavam-se incoerentes: parecia que se cortava ou reparava um fio elétrico (1). Note-se que a resposta era extraordinariamente rápida, mesmo para as cifras um pouco complicadas. O número pensado 3145 foi repetido muito rapidamente: 3146. Para o número 715, disseram: 714, não, 715. Em consequência, não obstante a autoridade de Lodge, penso que essas muito interessantes experiências são profundamente diferentes daquelas em que não há contacto.

(1) - *A Survivance humaine*. tradução francesa. pág. 44.

F. L. Usher e Burt, nas experiências bem realizadas de transmissão mental, verificaram consigo mesmos, se bem que não fossem sensitivos, no sentido ordinário da palavra, que a designação de uma carta pelo percipiente se aproximava mais da realidade, que não se podia supor que fosse pelo acaso, mesmo que a distância fosse considerável (como de Bristol a Londres, separados por 200 quilômetros, ou de Praga a Londres, separados por 1600 quilômetros) (1).

(1) - *Quelques expériences de transmission de la pensée à grande distance* (A. S. P., 1910, XX, 14-21 e 40-54).

Sobre 60 tiradas, obteve-se:

	Número Obtido	Número Provável
Sucessos Completos	4	1,1
Valor da Carta	14	4,5
Cor da Carta	28	30

Mas se a distância fosse menor, no mesmo quarto, todas as precauções que demais a mais tivessem sido tomadas para

que não houvesse nenhum sinal exterior dado pelo agente, ter-se-ia obtido o seguinte resultado sobre 36 tiradas:

	Número Obtido	Número Provável
Sucessos Completos	9	0,7
Valor da Carta	15	2,7
Cor da Carta	20	18

O conjunto é muito satisfatório, pois que, sobre 96 tiradas, o número de sucessos, que não devia passar de 2, foi a 13; para a designação do valor, os sucessos foram de 29, quando não deviam passar de 7.

O que prova que a experiência foi bem feita é o fato de o número de sucesso ter sido para as cores, sendo que o provável foi também 48.

Outras experiências foram realizadas com desenhos. Algumas reproduções são interessantes, mas prestam-se mal ao cálculo de probabilidades. Teremos demais a mais a ocasião de voltar ao assunto, a propósito da clarividência dos sensitivos.

Importante memória acerca da lucidez foi apresentada em 1913, em Königsberg, como dissertação inaugural, por Max Hoppe (2). O Senhor Hoppe fez a análise metódica, detalhada, dos casos de lucidez por adivinhação de cartas e de cifras. Pode estabelecer, com o que concordo com ele de boa vontade, que as provas não são extremamente rigorosas, mesmo quando se trabalha com pacientes sensíveis. Mas é necessário também reconhecer que, não obstante a aplicação fácil do cálculo das probabilidades nessas adivinhações, não é por essa espécie de experiências que se pode definitivamente demonstrar a criptestesia. Os sonâmbulos e os médiuns não gostam dessas provas, que não abalam as

suas sensibilidades como o podem fazer a labareda de um incêndio ou a vista de um automóvel tombado. Portanto, a crítica do Senhor Hoppe é penetrante. Mete à bulha, com justa razão, as minhas experiências realizadas com Léonie; mas eu não tinha esperado pela memória do Senhor Hoppe para achá-las muito medíocres. Já não admite a lucidez do Senhor Reese. Ora, as suas objeções, acerca desse ponto, me parecem sem nenhum valor. Quanto às experiências que o Senhor Hoppe fez com uma única pessoa, elas são negativas: mas isso absolutamente nada prova. Em suma, o Senhor Hoppe limitou-se à crítica, justificada demais a mais, das minhas velhas experiências de 1884. Penso que lhe seria difícil agora manter a mesma opinião sobre as minhas experiências ulteriores, bem como sobre aquelas que numerosos sábios levaram a efeito acerca da lucidez.

(2) - Ueber Hellsehen, Berlin, Hausmann, 1916.

O Doutor Blair Thaw, de Nova York, fazendo experiências com a Senhora Thaw, obteve criptestesias muito nítidas para as cores, sugestões telepáticas evidentes

(1)

(1) - Hyslop, Science and future life, 25-30.

Cores pensadas	Cores ditas – 1º vez	Cores ditas – 2º vez
Vermelho-claro	Vermelho-claro	Vermelho-claro
Amarelo	Verde	Verde
Verde	Azul	Amarelo
Amarelo-claro	Amarelo-claro	Amarelo-claro
Vermelho-escuro	Azul	Vermelho-escuro
Azul-escuro	Laranja	Azul-escuro
Laranja	Verde	Heliotrópio

As senhoritas Wingfield, que certamente possuem poderes medianímicos notáveis, fizeram uma bela série de

experiências (400) que dão a certeza absoluta, se é que elas não cometeram algum erro sistemático, o que ignoro.

Sobre 400 tiradas, o número provável de sucessos foi de 4. Ora o número de sucessos obtido pela leitura do pensamento foi de 27. Em 21 casos o número foi dado ao contrário. A probabilidade desses dois números é extremamente fraca e se não dá a certeza matemática, dá a certeza moral. O acaso não apresenta concordâncias iguais. mas é experiência irreprochável? (1)

(1) - Ph. of the L., II, 653, 669.

A senhorita Lindsay e o Senhor Shilton (2) obtiveram também notáveis sucessos, que foram além da cifra provável. (3)

(2) - A. S. P., 1909, XIX, 123.

(3) - A bibliografia é vasta. Citarei sobretudo J. Ochorowicz, *La suggestion mentale*, Paris, 1884 - Ch. Richet, *La suggestion mentale et le calcul des probabilités*, Rev. Philosophique, dezembro, 1884 - Fr. Myers, *On a telepathic, explanation of some so called spiritualistic phenomena* (P. S. P. R., 1883, 1884, pág. 217) - *Automatic writing*, ibid., 1885, pág. 1, maio de 1887, 209; junho de 1889, pág. 222. Outros casos curiosos foram citados na 2ª edição nos *Phantasms of Living*, II, 670-671. Não é necessário tomar-se conhecimento das experiências realizadas pelas senhoritas Creery (relatadas nos *Phantasms of Living*, II, 670-671. Não é necessário tomar-se conhecimento das experiências realizadas pelas senhoritas Creery (relatadas nos *Phantasmas of Living*, I, 25) porque ficou provado que houve fraude aí (*Note relating to some of the published experimenta in thought transference*, P. S. P. R., 1884, 269-270).

Mas em tais experiências, por interessante que seja a apreciação matemática, é sempre necessário lembrar-se de que essa apreciação não tem valor senão quando o processo experimental não contenha em si algum defeito. O rigor experimental absoluto é que é a condição essencial.

Lombroso observou um paciente de orelhas e olhos completamente rasgados, que tentou ler qualquer coisa que lhe foi escrita atrás das costas. Escreveu-se primeiramente Margarida: ele escreveu Maria, depois Margarida. Escreveu-

se Aurore: ele escreveu Moirier, depois Aurore. Escreveu-se Andrea, e ele Andrea.

O Doutor J. Ch. Roux, quando ainda estudante de medicina, fez com um maço de baralho de 32 cartas, em condições irrepreensíveis, diversas experiências que demonstram claramente a criptestesia. Obteve 5 sucessos completos, o que dá uma probabilidade composta de 1/3000.

Numa outra série de 81 experiências, foi dado o valor 54 vezes, quando então o acaso comportava somente 20 sucessos. Houve 8 sucessos completos, quando então a probabilidade não indicava senão 1(1).

(1) - A. S. P., II, 1893, 205.

Um instrutor, cujo nome não foi indicado, fez uma experiência desse gênero numa classe, não já com cartas, porém com letras (seis letras). Sobre 7 experiências de 30 tiradas feitas com vários alunos simultaneamente, o número provável foi de 5.940 por 6 ou seja 990; o número de 1.050, ultrapassando um pouco, porém muito pouco, o acaso, em consequência, nas 7 séries de experiências, houve, constantemente, excesso:

Número provável	Número obtido
180	196
170	180
150	154
140	149
40	44
175	179
135	148

A probabilidade de um excedente qualquer (sobre os números prováveis) de números obtidos, sendo de 1 por 2

segue-se que a probabilidade de 7 séries com um excedente é de 1 por 2 por potência 7 ou seja 1/128.

Se, em lugar de tomar a totalidade de 30 tiradas, não se tomassem senão as 12 primeiras, então o resultado seria bem melhor:

Número provável	Número obtido
108	128
102	109
90	105
84	86
24	32
105	110
81	90

Ou seja: 594 o número total provável e 661 o número obtido.

Uma experiência de telepatia pelas cartas com uma menina de treze anos deu a O. Lodge (1) resultados interessantes. Mencionamos somente os resultados obtidos quando então o pai da menina não havia visto a carta.

(1) - Report on a case of telepathy, J. S. P. R.. maio. 1913, 103.

Carta Real	Carta designada
Cinco de ouros	Cinco de paus
Quatro de copas	Dois de copas
Quatro de copas	Três de copas
Quatro de copas	Quatro de copas
Ás de copas	Ás de copas
Rei de Ouros	Um oito
Rei de Ouros	Um rei
Rei de Ouros	Um reis de paus
Rei de Ouros	Um rei de copas
Dez de ouros	Dez de ouros
Ás de ouros	Dois de paus
Três de ouros	Quatro de espadas

Três de espadas	Dois de copas
Três de espadas	Quatro de espadas
Três de espadas	Dois de espadas
Três de espadas	Dois de copas
Valete de paus	Uma figura
Valete de paus	Valete de paus
Dez de paus	Uma figura
Dez de paus	Um seis
Dez de paus	Nove de paus
Dez de paus	Um oito
Dez de copas	Uma figura
Dez de copas	Um sete
Dez de copas	Copas
Dez de copas	Dez de copas

O que é bem instrutivo na experiência de Lodge é o fato de a menina ter êxito quando a carta era vista por Lodge e não o ter quando ele a não via. De maneira que Lodge, sem que o dissesse expressamente, se inclina a pensar que havia telepatia e não lucidez (não telepática) enquanto por outro lado dizia que a criptestesia tinha a sua ação pela transmissão mental.

As experiências do Senhor Henry Rawson com desenhos são inteiramente positivas e trariam consigo a certeza absoluta da criptestesia telepática, se não houvesse aí algum erro experimental, que demais a mais não posso achar senão pelas experiências das Senhoritas Wingfield. Nas primeiras experiências, o Senhor Rawson estava só no seu quarto com a Senhora I..., a agente, e a Senhora B..., a percipiente (as Sras. B... e I... são irmãs). Estavam de costas e era absolutamente impossível a Senhora B... ver o desenho que a Senhora I... fazia (1).

(1) - Myers, *Human personality*, I. 614.

Fatos análogos foram observados pelo Senhor Kirk. Houve grandes êxitos, conquanto a percipiente, a Srta. G...,

estivesse muito longe da agente à distância de 600 quilômetros (2). Houve nessas condições êxitos notáveis: uma mão, principalmente, foi desenhada pelo Senhor Kirk e ela foi reproduzida pela Srta. G... (*). Outro caso foi o que se passou com um cãozinho. Mais tarde o Senhor Kirk não conseguiu ter êxito quando tentou magnetizar a Srta. G..., sem que ela o soubesse.

(2) - Myers, *Human personality*, I. 620.

(*) - Outros pormenores no 3º tomo desta obra.

Fred. Myers menciona também, segundo o Senhor A. Glardon, experiências de transmissão de pensamento a grande distância, de Tour de Peilz, na Suíça, a Ajaccio, na Córsega, ou Florença, entre o Senhor A. Glardon e uma sua amiga, a Senhora M... Os resultados algumas vezes foram excelentes. Houve contratempos, mas os sucessos foram tais que nos levam à convicção de uma verdadeira criptestesia.

Veremos mais adiante que as correspondências cruzadas, muito análogas a essas experiências, tiveram também bons resultados, talvez menos decisivos.

O Senhor Max Dessoir, muito entendido em assuntos hipnóticos, tentou, consigo mesmo, ver o que provocava a adivinhação, os desenhos. Os resultados foram muito medíocres, não indo além do que o acaso podia fazer (1).

(1) - *Phantasms of the Living*, II, 642.

Experiências semelhantes, mencionadas mais acima, foram feitas anteriormente pelo Senhor Guthrie, de Liverpool (2), com a Srta. Relph e a Srta. Edwards. O número das experiências foi mais ou menos de 150 (em outubro de 1883). Algumas vezes o êxito foi completo para que se possa fazer uma idéia da semelhança das reproduções, daremos (figura I, pág. 139) três, o que consideramos suficiente. O percipiente tinha os olhos vendados e o

desenho que ia ser reproduzido, em lugar de estar num envelope opaco, foi fixado pela pessoa que queria transmitir a sua impressão, tanto que o paciente tinha os olhos vendados.

(2) - *Phantasms of the Living*, I, 38.

O Senhor J. Edgar Coover (3) numa memória volumosa, relatou muitas experiências feitas com cartas de jogo, que não são absolutamente negativas, conquanto afirmem o contrário. Parece indicarem que há nas pessoas normais um certo grau (extremamente fraco) de criptestesia (lucidez).

(3) - *Experiments in Psychical Research, Stantord University (Calif.)* Analisado em *P. S. P. R.*, por F. G. S. Schiller, novembro de 1861, XXX, 261-273.

Os números prováveis, sobre 5.135 experiências de telepatia, foram 513 e 128 (êxitos completos). Os números obtidos foram 438 e 153 (êxitos completos). Isto é muito pouco, dolorosamente pouco; mas já é alguma coisa.

Sendo 486 e 122 (êxitos completos) os números prováveis sobre 4.865 experiências (de lucidez) os números obtidos foram de 588 e 141. É ainda um quase imperceptível excesso sobre os números prováveis.

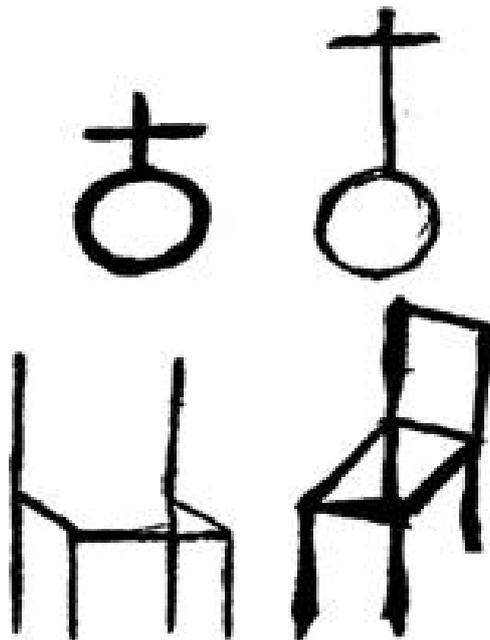


Fig. I - Três experiências realizadas pelo Senhor Guthrie e a Srta. Edwards. À direita, o desenho reproduzido pela Srta. Edwards; à esquerda, o desenho original. A Srta. E... estava com os olhos vendados: por estar demasiado longe, nada podia ver, mesmo que a venda não lhe tivesse sido posta nos olhos.

É bom frisar que certas pessoas parecia serem dotadas desse dom em grau maior do que outras.

Escolhendo-se quatorze pessoas que pareciam possuírem algum dom de lucidez, obtiveram-se como resultados 119 e 54 (711 experiências), sendo 71 e 18 os números prováveis.

O excesso é considerável, mas convém estarmos de sobreaviso quanto a esse método de fazer as melhores experiências.

Não podemos acompanhar o Senhor Coover nos detalhes apresentados, demasiado longos para serem expostos aqui. Em definitivo, não obstante todos os seus esforços, o Senhor Coover demonstrou muitas vezes, graças às suas próprias experiências, o fato de haver um pouco (muito pouco) mais

do que o acaso na designação de uma carta tirada, seja isto por intermédio da telepatia, seja por intermédio da lucidez.

Pickmann, que fazia num teatro demonstrações públicas de transmissão de pensamento (muito provavelmente por causa dos movimentos musculares do indivíduo cuja mão ele tinha entre as suas) talvez não deixasse de possuir alguma faculdade criptestésica assaz desenvolvida. Fez para Lombroso, com muito êxito, uma sessão de sugestão mental (1).

(1) - Lombroso. citado por Delanne. Gaz. litt.. Turim. 1892: mas, não tendo eu podido recorrer ao original, não saberei dizer exatamente em que condições a experiência foi realizada.

Veio ele um dia à minha casa e consigo fiz uma experiência que, quer-me parecer, foi irreprochável quanto ao método. Estendo numa mesa de jogo, estando Pickmann numa outra sala, um baralho com 52 cartas. O acaso me mostra uma dessas cartas (por sorteio num jogo de cartas ou por outro qualquer meio). Olho então, atentamente, mas sem confundi-la, a carta que o acaso me designou, procurando eu representá-la visualmente. Depois vou procurar Pickmann na sala vizinha, e, dando as costas para o baralho esparramado na mesa, peço-lhe dizer-me a carta em que eu havia pensado. Houve na primeira experiência um sucesso completo (1/52) que nos surpreendeu enormemente, encantando-nos a todos. Mas as experiências ulteriores não obtiveram êxitos (três fracassos).

Por curiosidade relatarei, sem dar-lhe importância, uma experiência pessoal. É digna de ser relatada, se bem se realizasse uma única vez e o acaso possa ser chamado à tona.

Comprara, na parte da manhã, um baralho de tarô, para o dar a adivinhar a alguns dos pacientes com quem fazia experiências. Durante o dia Henri Ferrari veio ver-me. Disse-

lhe: "Façamos uma experiência; olhe atentamente uma dessas cartas e tentarei dizer-lhe o que você viu". Depois de alguns instantes, não sei por que, disse-lhe: "São paisanos que segam, que ceifam". Realmente, a carta representava o esqueleto da morte, que tinha à mão uma foice. Não havia senão uma carta com uma foice em todo o baralho e para ela eu não havia olhado.

É lamentável que esses estudos de criptestesia entre os indivíduos normais não sejam mais vezes praticados, porque o cálculo da probabilidade é muito simples e é um método que permite descobrir se tal ou tal pessoa possui ou não lucidez.

Mas não é necessário crer que seja fácil realizar-se uma experiência irrepreensível. Pelo contrário, essa experimentação é muito delicada e certas regras devem ser observadas:

1.º O agente deve estar absolutamente imóvel, mudo, com as costas viradas. É uma regra fundamental.

2.º A escolha da cifra, da carta, do desenho, deve ser feita somente pelo acaso.

3.º O resultado (êxito ou insucesso) não deve ser comunicado ao percipiente antes do fim da sessão.

4.º O número de experiências não deve ultrapassar de vinte, no máximo, por dia.

5º Todos os resultados, sejam quais forem, devem ser integralmente dados.

6º É necessário que o percipiente não possa, de maneira alguma, ver o que quer que seja, mesmo pela visão indireta. Melhor é ter os olhos vendados e as costas voltadas.

Vem à baila aqui uma questão importante, que examinaremos mais para frente. Há lucidez (sem telepatia)

ou lucidez (com telepatia)? A criptestesia telepática, sem dúvida nenhuma, existe, como se provou por múltiplas experiências. A criptestesia não-telepática está também provada, porém novas experiências são necessárias (1). Esse método não nos conduz a resultados dramáticos comovedores, como as demais experiências de lucidez realizadas com médiuns poderosos, como as monições de morte; porém a experimentação, quando é bem realizada, e os resultados são claros, é indiscutível, precisa. Não se admite o acaso nas ciências físico-químicas: por que admiti-lo nas ciências metapsíquicas? Se dá-se um acontecimento, cuja probabilidade não é senão de 1/100.000 não irei daí concluir que é o acaso, e se o acontecimento me é apontado, bastar-me-ão duas ou três indicações, por pouco prováveis que sejam, para me darem a certeza da coisa. A questão inteira está em saber até que ponto a experiência foi bem feita. É para a impecável consecução dessa experiência que os nossos esforços devem convergir.

(1) Eis aqui, segundo quer parecer-nos, como, para esclarecer esse problema árduo e essencial, a experimentação pode ser tentada. Achar-se-á sem dúvida numa escola primária um instrutor inteligente e devotado que estará disposto a fazê-la. Consideremos uma classe com 30 alunos, aos quais o instrutor pedirá que digam o que pensam e lhes dará 36 imagens para escolherem uma. Haverá, suponho, 6 grupos, ficando cada um constituído por 6 imagens homólogas, porém diferentes, que dou abaixo, como esquema possível:

1 - Reino Vegetal

Carvalho
Rosa
Cogumelo
Maças
Campo de trigo
Palmeira

2 - Reino animal

Peixe
Aranha
Cavalo
Elefante
Pombo
Carneirada

3 - Homens célebres

Esopo
César
Cristóvão Colombo

4 - Objetos fabricados

Chaves
Livro
Lâmpada

Napoleão
Carlos Magno
Presidente Carnot

Carruagem
Navio
Fuzil

5- Figuras anatômicas

Orelha
Olho
Esqueleto
Mão
Coração
Boca e lábios

6 - Cena histórica ou painel

A crucificação de Cristo
A batalha de Eylau
A morte de César
As pirâmides
O *Ángelus* de Millet
As bodas de Caná

Cada um desses desenhos levaria um número de ordem de 1 a 36 e seria reproduzido num jogo de 36 cartões. Os pacientes escolhidos para esse fim seriam de tal natureza que a confusão não fosse possível. Em cada grupo haveria desenhos de cores azul, vermelho e amarelo, de maneira que a probabilidade da escolha seria: 1°, 1/6 sobre o grupo; 2°, 1/3 sobre a cor; 3°, 1/36 sobre a totalidade; 4°, 1/18 sobre o grupo e a cor.

A experiência seria feita então da seguinte maneira:

1° Para a lucidez telepática. o preceptor tiraria pela sorte uma dessas 36 cartas e a olharia com atenção, procurando representar a imagem e pronunciando-lhe mentalmente o nome. Pediria depois a cada um dos alunos que, silenciosamente, sem ter nenhuma comunicação com os desenhos, reproduzisse o desenho pensado. Isto seria a primeira resposta.

2°- Para a lucidez não-telepática. Um ou dois minutos depois da primeira experiência, o instrutor tiraria pela sorte uma das 36 cartas, mas não a olharia nem pessoa nenhuma poderia saber qual seria ela. Então os alunos dariam uma segunda resposta.

Repetindo-se essa experiência, durante seis dias, com 30 alunos, ter-se-ia um total de 600 experiências, o que já permitiria uma conclusão.

No instituto de Metapsíquica de Paris teremos esses jogos de 36 cartas à disposição daqueles que quiserem tentar uma experiência decisiva.

Sem dúvida nenhuma, convirá dar todas as respostas, sem exceção, evitar toda possibilidade de os alunos verem a fisionomia do paciente durante a lucidez telepática, e, se possível, tomar nota dos nomes daqueles que responderam, a fim de se saber se, entre os 30 alunos, não se encontram alguns que, mais do que os outros, possuam poderes criptestésicos desenvolvidos.

O Senhor Carré, instrutor em Oissery, tomou por obrigação fazer essa experiência. Pela telepatia, isto é, o conhecimento do desenho por intermédio dela, a probabilidade, sendo, sobre 1215 respostas (27 alunos) de 1/36, o número de sucessos foi de 31 e o provável, 33; é o acaso, sem tirar nem pôr. O número das respostas, sem conhecimento por intermédio do instrutor, foi de 1.25 (25 alunos); o número de sucesso foi 48, quando o número provável não era senão 31. Houve uma diferença notável entre os diversos alunos. Sendo 2 para cada aluno o número provável sobre 90 respostas, houve apenas um que acertou 7 vezes; dois outros, 6 vezes.

Há aí, segundo nos parece, matéria vasta para numerosas e curiosas pesquisas.

O Senhor Warcollier lançou mão de um processo engenhoso, como o de utilizar o jogo (antigo) chamado encontro. Imaginemos, por exemplo, 13 cartas de ouros; tomam-se 13 cartas de espadas, e escolhe-se para ajuntar a uma das cartas de ouros (que se não viu) uma de espadas (que se viu). A probabilidade de sucesso, considerando-se as mesmas condições para ambas as cartas é de 1 por 13 . Pode-se tornar o jogo interessante, dizendo-se que o banqueiro pagará, para cada encontro, 13 vezes mais, e receberá um franco para cada desencontro. Nestas condições, o jogo vem a ser franco e divertido. Terá o problema outra feição se o banqueiro conhecer a carta de ouros (telepatia) ou se a ignorar (lucidez)?

Concluamos portanto que para essas experiências, às quais se pode aplicar o cálculo, a lucidez ou a transmissão de pensamento existe até entre as pessoas normais, sem que seja necessário apelar para o hipnotismo ou o espiritismo. Falando as coisas de outra maneira: existe entre os homens, pouco mais ou menos, até na aparência, nos menos sensíveis, uma faculdade de conhecimento que outra não é senão as faculdades de conhecimento habituais. Porém, essa faculdade de conhecimento, entre os não-sensitivos, é extremamente fraca, desmerecedora de atenção quase.

Não há dúvida nenhuma de que esse conhecimento tem a sua influência motivada mais facilmente por uma grande emoção, por uma cena tumultuosa, do que pela representação de uma cifra abstrata ou de uma carta de jogo. Por conseguinte, alcança-se êxito (muito fracamente) mesmo em se empregando uma cifra abstrata ou uma carta de jogo.

Dessa maneira, entre a maioria dos não-sensitivos, a criptestesia não existe senão muito vagamente, muito indistintamente, sendo apenas notada e de verificação difícil. Porém, multiplicando-se as experiências, chega-se a provar que ela não existe senão como esboços.

E provável que essa criptestesia muitas vezes seja telepática. Mas sem dúvida a telepatia não é senão um caso particular, se bem seja talvez o mais freqüente da criptestesia. Em todo o caso, nas experiências realizadas com

os anormais, verifica-se muitas vezes tão bem a telepatia como a lucidez. Ambas as duas, por muito fracas e por muito imperfeitas que sejam, são prováveis.

Então, por liames misteriosos, o pensamento de um homem é religado ao pensamento de outros homens. Não estamos mais isolados, mas sim em comunhão obscura com todos os humanos. Em dúvida há qualquer verdade no que se chama a alma das multidões. Uma corrente vaga e poderosa de simpatia ou de cólera, de indignação ou de entusiasmo, determinam numa assembléia, reunida num teatro ou num foro ou num Parlamento, um sentimento quase unânime: é a torrente que leva após si todos os diques. É permitido comparar essa emoção de uma multidão com a transmissão mental observada nas experiências mencionadas mais acima?

As matemáticas, infelizmente, não têm grande força de convicção. Objeta-se sempre com o acaso e talvez se tenha razão, porque a diferença entre o número provável e o obtido pela criptestesia não é suficiente para convencer. Não há pois outra maneira senão a de estudar demasiado longamente a criptestesia entre os anormais, porque entre os médiuns e os sonâmbulos a criptestesia vem a ser tão poderosa que o estudo realizado entre os normais parece não nos levar senão a resultados muito pobres. Pelo contrário, vamos ver que o estranho fenômeno da criptestesia se desenvolve enormemente pelo hipnotismo e pela mediunidade. A convicção, então, será completa.

§ 2 - Criptestesia no hipnotismo e o sonambulismo

A história do hipnotismo é muito singular: dá-nos um brilhante exemplo da evolução das idéias, a qual equivale a uma revolução, porque durante longos anos, de 1790 a 1875, o sonambulismo e o magnetismo animal passavam por ciências ocultas e era quase proibido aos sábios não somente crerem neles, como deles se ocuparem. Eram um domínio maldito, uma terra infame.

Certamente, Mesmer, e depois dele Puységur, Deleuze, Husson, Braid, Liébault, tinham feita notáveis experiências, as quais eram tão imprecisas, que não conseguiram atrair para si a consagração oficial, sempre muito lenta, retardatária sempre. Não puderam separar a fisiologia do hipnotismo - nuvens mágicas onde esse fenômeno se ocultava.

Pude, em 1875, sendo ainda estudante, mostrar que o hipnotismo não era uma ilusão devida a fraudes hábeis ou grosseiras, que era um fato fisiológico e psicológico, tão natural, tão experimentalmente demonstrável como o tétano provocado pela estriquinina e o sono provocado pelo ópio.

Demais a mais, para mostrar qual era a opinião pública em 1875, quando, dois anos antes de Charcot e Heidenhain, publicavam as minhas pesquisas, bastar-me-á citar a minha memória: "Il faut un certain courage pour prononcer le mot de somnambulisme". Talvez hoje seja preciso menos coragem para pronunciar a palavra fantasmas.

O sonambulismo, atualmente, é um fato averiguado, incontestado, que não pertence mais a metapsíquica.

Do mesmo modo, há na história do sonambulismo dois ou três capítulos que dependem da criptestesia. Pode-se com efeito perguntar: 1.º - se a ação dita magnética do magnetizador tem qualquer coisa de específico, ou em outros

termos: se há eflúvios magnéticos, apreciáveis somente pelos sensitivos; 2.º se o estado de hipnotismo cria a críptestesia.

EFLÚVIOS MAGNÉTICOS

Trata-se de saber se quando magnetizam pelo processo antigo, por passes magnéticos, como o faziam Du Potet, Deleuze, Lafontaine, como o fiz diversas vezes, como o fazem ainda muitas vezes, se desprende um certo fluido magnético, especial, uma força humana, que age nos seres humanos. Não podemos, infelizmente, dar uma resposta satisfatória à tão importante questão, porque tudo é incerto. A hipótese mais simples, que tende a ser adotada hoje, é aquela que ensina ser por sugestão que se adormece um paciente, sugestão essa que pode ser verbal ou não, dando em consequência que todos os passes chamados magnéticos são acessórios, inúteis - pois que não passam de símbolos de sugestão. Dessa maneira, afirma-se, não se desprende fluido magnético; porém o meio silêncio, a meia obscuridade, uma certa tensão de espírito provocada por essas manobras, uma série de sugestões, expressas ou não, colocam o paciente no estado de hipnose. A emoção um pouco dramática, que os passes provocam, contribui também para o sono. Mais tarde, depois que um meio sono foi pela primeira vez obtido, a educação e o hábito entram em jogo, desempenhando um papel preponderante nos sonos ulteriores. Os passes nunca são mais do que símbolos. Se um indivíduo foi adormecido uma vez, sai-lo-á novamente, com facilidade, não somente pelo mesmo magnetizador, mas também por outros

indivíduos. Não haverá para isso nenhuma necessidade de invocar um fluido magnético, uma nova força energética. Essa é, pelo menos, a opinião atual da maioria dos médicos (Babinski).

A sugestão por imitação é muitas vezes suficiente, dizem eles ainda, para explicar os fenômenos do hipnotismo. Sabe-se que numa sala de doentes, por exemplo, ou numa caserna, ou numa escola, ou num claustro, se consegue-se adormecer um doente, um soldado, um menino, ou uma religiosa - sem nenhuma dificuldade se consegue adormecer a maioria dos seus companheiros. Existe um verdadeiro contágio nervoso, como testemunham as epidemias demoníacas, observadas na Idade Média - as convulsionárias ou histéricas dos dias modernos.

Entre os animais se produz uma espécie de sono hipnótico pela fixação de um objeto brilhante. Pode-se, como já mostrou o padre Kircher, no XVII século, paralisar os movimentos de uma galinha, colocando-se ela de costas e traçando-se, a partir do seu bico, uma risca branca no solo. De igual modo, fazendo se com que certas pessoas olhem fixamente um objeto brilhante, uma bola de cristal, por exemplo, provocar-se-á, segundo afirmam, a hipnose.

Nunca pude verificar coisa dessa natureza. O sono magnético, entre os pacientes de praxe, pode ser conseguido, sem dúvida, pela fixação de um objeto brilhante. Mas entre os que não são, o sono é certo. Logo os olhos se fecham, há insensibilidade, pouco acentuada, a princípio, mas que brevemente se vai aumentando, na medida que a consciência desaparece.

A esse método de hipnotismo, por meio de um objeto brilhante, convém ligar sem dúvida o hipnotismo pela

fascinação. Um indivíduo chamado Donato era dotado a esse respeito de um poder (ou de uma habilidade) prodigiosa. Numa sala de teatro, repleta de espectadores, ele escolhia cinco, seis, doze, vinte pessoas, que seguramente não eram seus comparsas. Levava-os para o tablado, olhava-os fixamente, pondo-lhes os olhos nos seus olhos, e, ao cabo de meio minuto, talvez menos ainda, conseguia torná-los autônomos, fazendo-os perder toda a iniciativa. Se ao cabo de meio minuto, não conseguia êxito - o que acontecia muitas vezes - punha de lado o paciente rebelde e tomava outro. Em alguns minutos, recrutava uma quinzena de indivíduos, geralmente os mais jovens, que lhe obedeciam com docilidade, acompanhando-o nos movimentos e aceitando-lhe as mais inverossímeis sugestões (verbais).

Aproximaram-se esses casos de fascinação daquela que algumas vezes os olhos dos animais exercem, como o do cão, ou o da serpente, que imobiliza. Mas isso não passa senão de analogias muito vãs.

Seja como for, o sono hipnótico pode ser provocado não entre todos os indivíduos, porém entre muitos deles, por certas artimanhas, as quais são diferentes: passes, fixação de um objeto brilhante, fixação pelo olhar, sugestão verbal. A imitação e a repetição favorecem muitas as produções dos fenômenos.

Porém isso é tudo? Temos nós alguma prova positiva de que se desprenda uma vibração voluntária do corpo do magnetizador, e que, por conseqüência, uma força desconhecida, a que chamam magnética, intervenha, transmitindo-se ao indivíduo hipnotizado? Poder-se-ia alegar algumas razões a favor da hipótese de um fluido humano se, como o foram os magnetizadores de 1840, fossemos tão

pouco exigentes e imprecisos. Porém nós hoje somos mais incontentáveis.

Deixarei pois de lado as teorias de Reichembach acerca do od, de Baraduc, acerca dos eflúvios, de Chazarain, acerca da polaridade humana, porque as suas alegações, em geral mais místicas do que científicas, não são baseadas senão em dados insuficientes. Mas por outro lado haveria certa imprudência em repudiar, sem exame, a hipótese de um fluido magnético (1). Limitemo-nos, também, a um estudo sumário a respeito do assunto.

(1) - Baréty. *Lé magnétisme animal étudié sous le nom de force rayonnante et circulante dans ses propriétés physiques, physiologiques et thérapeutiques*, Paris, Doin. 1887 - Baraduc (H.) *Les vibrations de la vitalité humaine*, Paris. J. B. Baillière. 1904 - *La force vitale, notre corps vital, fluidique, une formule barométrique*, 1905 - M. Benedikt. *Die latenten Emanationen der Chemikalien* (C. Konegen, Wien, 1915).

Em primeiro lugar é de muita verossimilhança que certos magnetizadores possam, mais do que o comum das pessoas, exercer uma ação hipnotizadora, o que, absolutamente, não é contestável, por pouco que se tenha observado o fato.

Se me é permitido citar o meu próprio exemplo, direi que outrora, quando trabalhava, certamente menos bem do que hoje, provocava o sono muito facilmente em numerosas pessoas até pouco sensíveis. Hoje já o não faço, senão em proporção muito menor. Os drs. Maingot e Émile Magnin, que foram poderosos magnetizadores, fizeram igual observação... Eles faziam o que queriam, disseram-me. No entanto agora, se bem não sejam muito idosos, admiram-se de sua quase impotência para provocar uma hipnose profunda.

Cri ver, nas diversas vezes em que tentaram hipnotizar-me, que algumas pessoas, como por exemplo J. Ochorowicz, o magnetizador Cannelle, o Doutor Faivre, operavam com bastante rapidez sobre mim para provocarem claramente um

estado de vaga sonolência, enquanto redundava em nada à tentativa de outras pessoas.

O Senhor Sydney Alritz, professor da Universidade de Upsala (1) propende a crer- e é esta também a opinião de sir William Barrett - que pelo magnetismo humano se desprende um certo fluido, que opera diretamente na sensibilidade, Magnetizando-se o dedo de um paciente, através de um vidro espesso, estando vendados os olhos do paciente, produz-se a insensibilidade absoluta desse dedo. Mas é quase impossível evitar toda a sugestão e a experiência parece ser uma das mais difíceis de fazer.

(1) - Sydney Alritz, *Erscheinungen in der Hypnose* (Zeitsch, für Psychologie, 1909). - W. F. Barrett, *Some recent hypnotic experiments* (J. S. P. R., janvier, 1912, 179-186).

A questão, portanto, ainda até hoje continua em aberto. Seria interessante fazer dela um estudo aprofundado. É um fluido magnético? É a sugestão verbal? É a hipersensibilidade dos sentidos normais? É a telepatia? Todas as hipóteses são igualmente admissíveis. Não obstante os numerosos trabalhos é impossível chegar a uma conclusão. Dizia Myers: “É provável que os passes magnéticos tenham um certo poder específico per si (1)”.

(1) - *Human personality*, I, 404. Ver também a Senhora Sidgwick e A. Johnson. S. P. R., janeiro de 1912, 184.

Vou um pouco mais longe na dúvida e direi que é quase provável.

De maneira alguma se pode emprestar muito valor às afirmativas dos magnetizadores acerca da visibilidade dos eflúvios. "A maioria dos sonâmbulos, dizia Deleuze, em 1813, vêem um fluido luminoso e brilhante cercando o seu magnetizador e saindo-lhe com força da cabeça e das mãos". Mas isso não foi repetido e a visibilidade é sem dúvida um caso de sugestão. Igualmente, A. de Rochas, não obstante o

seu grande talento e os seus admiráveis esforços, não pôde demonstrar, com todo o rigor científico, a exteriorização da sensibilidade. Ponho de lado a percepção dos eflúvios do ímã, porque o estudo da radiação do ímã não entra no domínio da metapsíquica.

Se não posso aceitar as idéias de A. de Rochas a respeito da exteriorização da sensibilidade é porque verdadeiramente ele não pôde resguardar-se da sugestão. Salvantes os casos em que agia com os doentes de Luys, na Casa de Misericórdia (doentes que certamente fraudavam) os pacientes de A. de Rochas eram de boa-fé; porém os êxitos que obteve - que outros, diga-se a verdade, raramente puderam obter - parece não serem devidos senão a sugestões.

Segundo J. Maxwell, pode alguém, que se colocou numa obscuridade profunda e ficou por muito tempo com os olhos fechados, ver eflúvios luminosos que se desprendem dos dedos. Esta questão dos eflúvios luminosos foi tratada por A. de Rochas de maneira aprofundada (2).

(2) - *Les radiations lumineuses du corps humain* (A. S. P., XXI, setembro de 1911, 264).

Relata ele observações que o Doutor Walter Kilner, do Hospital de São Tomás, em Londres, levou a efeito, bem como outras do Doutor O'Donnelli, do Mercy Hospital, em Chicago. Pareceu-lhe que, olhando, com a ajuda de certos anteparos, um corpo humano desnudo, podiam-se perceber, em completa escuridão, eflúvios luminosos que se desprendiam do corpo e lhe acompanhavam o contorno. Mas como esses dois médicos não nos disseram quais fosse a natureza desses anteparos - damos o dito pelo não dito (1).

(1) - *Será a dicianina?* Ver G. de Fontenay, *L'aura humaine et les écrans du* Doutor Walter Kilner (A. S. P., março de 1912, 74).

A propósito, A. de Rochas cita, aliás com muita razão, as belas pesquisas de Reichembach, as quais, não obstante serem contestáveis, são dignas de meditação e atenção.

Com relação à auréola dos santos e às mãos luminosas - absolutamente não se lhes pode dar o menor valor científico.

Resumindo: todo esse estudo está ainda por ser feito ab ovo, com os processos rigorosos da investigação com que contamos nos dias de hoje.

Isto não quer dizer que o problema seja fácil de resolver. A curiosa história dos raios n de Blondot, mostra-nos como é difícil defendermo-nos contra as ilusões e as hipóteses.

A aura, o corpo astral, o perispírito, o eflúvio ódico, são expressões diversas para exprimir um mesmo fenômeno, uma radiação humana (ou animal). É possível que essa radiação exista, já que tudo é possível; mas até o presente momento ninguém a pôde demonstrar. O dia em que ela for por fim demonstrada, poder-se-á então sem dúvida relacioná-la com tudo o que foi dito por Reichenbach, por A. de Rochas, pelos antigos magnetizadores e não nos admiraremos muito se essa grande descoberta for levada a cabo. Mas infelizmente não o foi ainda nem há mesmo qualquer possibilidade de prova.

O Doutor Joire fez algumas experiências a respeito da exteriorização da sensibilidade (2) pelas quais parece ter provado que há mesmo certa exteriorização. Porém não há razão para supor que essa sensibilidade se exerça na superfície cutânea à distância de 1, 2 e 10 centímetros. É mais provável não ser senão um caso especial de lucidez ou criptestesia. O mecanismo da coisa é certamente menos simples do que o que supõe de Rochas (ver a figura esquemática, na página 57, figura A, que o autor apresenta

dele) quando figurava uma série de envolvedouros sensíveis que formam um invólucro imaginário do sistema cutâneo (1).

(2) - *L'extériorisation de la sensibilité. Étude expérimentale et historique*, por A. de Rochas, 1 vol., 8°, Paris, Chacornac, 6ª edição, 1909.

(1) - A. S. P., 1897, ver a discussão a respeito no J. S. P. R., no mês de dezembro de 1906, pág. 535. Ver também: Reichenbach, *Lê fluide des magnétiseurs, précis d'expériences sur ses propriétés physiques et physiologiques, classes et annotées*, por A. de Rochas, d'Aiglun, 8°, Paris, Carré, 1891.

Os magnetizadores chamam relação àquilo que se supõe existir entre o magnetizador e o magnetizado, a ponto tal que as sensações que o primeiro sente o segundo recebe, adivinhando este o pensamento daquele, mesmo que nenhuma palavra seja pronunciada. P. Janet, observador atento e cético, verificou que Léonie B..., adormecida por ele (ou pelo irmão com o qual magneticamente ela o confundia) reconhecia exatamente a substância que lhe punham na boca, como açúcar, sal ou pimenta. Um dia, num quarto vizinho, o seu irmão J. J. queimou-se no braço direito, perto do pulso. Léonie, sem nada saber normalmente, sente então uma verdadeira dor e mostra a P. Janet, que ignorava o fato, o ponto exato onde estava a queimadura. Evidentemente não entrou aí o acaso; mas antes do que crer na transferência de sensibilidade, direi que é um caso de criptestesia, o que não precisa de nenhuma hipótese.

G. Delanne cita diversas experiências em que o sono foi provocado à distância sem que o paciente tivesse tomado conhecimento normal dos esforços do magnetizador para adormecê-los (2). Mas a perspicácia, consciente ou inconsciente, dos pacientes é tão grande que absolutamente não se pode aceitar uma conclusão formal. Nas célebres experiências do Doutor Husson com a Senhora Sanson, não

se tomaram, segundo tudo faz crer, as necessárias precauções (3).

(2) - G. Delanne, *Recch. sur la médiumnité*, 1902, 259-280.

(3) - Pode-se consultar sobre o mesmo assunto, que continua muito obscuro, Fred. Myers (*Human personality*, I, 524-533). Há observações de J. Héricourt, de Dufay, de Wetterstrand, de Man, de Tolosa-Latour; mas, repito-o. parece-me difícil chegar a uma conclusão.

Nada está pois menos demonstrado do que a existência de um fluido vital, de um eflúvio magnético. Em consequência, pendo a crer que se indivíduos sensíveis ao hipnotismo, mas que ainda nunca foram hipnotizados, se forem magnetizados sucessivamente por duas pessoas, A e A', sendo o primeiro dotado de forte poder magnético, procede (na aparência) exatamente como o segundo, porém desprovido de todo poder magnético pessoal. Nesse caso, quase todos os sensitivos seriam adormecidos por A, quando então quase nenhum o poderia ser por A'. Trata-se, entendido está, de alegação temerária, sem apoio em provas. Indico tão só o fato, porque me parece poder prestar-se a uma experimentação direta que daria alguns resultados claros se fosse feita como o deve ser.

Se Donato - bem como outros - provoca uma rápida e brutal fascinação, qual é a parte da habilidade adquirida por uma longa experiência? E qual é à parte da ação pessoal? Não saberei dizê-lo, porém presumo que não se disse tudo a respeito da habilidade de Donato e que uma ação fisiológica, que lhe era peculiar e emanava dele próprio, não é de todo em todo sem alguma verossimilhança.

Na realidade é muito vago tudo isto.

Os passes magnéticos têm ação sobre os animais? Pode se hipnotizar os coelhos, as rãs ou ao menos pô-los em certo estado de torpor e de inércia que se aproxima um pouco do estado hipnótico no homem. Mas se a hipnose dos animais

(cataplexia de Preyer) é verdadeira, absolutamente verdadeira e fácil de verificar tanto como uma experiência de fisiologia elementar, nada se pode deduzir do ponto de vista dos chamados eflúvios humanos. Se, assim como o pude notar muitas vezes, uma rã, depois de ter sido acariciada docemente durante alguns minutos, fica inteiramente imóvel e parece estar paralisada, é necessário ver nisso o efeito de pequenas excitações cutâneas repetidas, esgotando o sistema nervoso da rã? É necessário admitir um temor possível, porque certos animais (notadamente os insetos) têm como processo de defesa à faculdade de ficar subitamente imóveis, imitando a morte?

Por via dessa ação fisiológica dos eflúvios magnéticos, desandamos num terreno absolutamente desconhecido. Não sei até como a experiência poderia ser feita - e bem feita - para demonstrar a realidade desses eflúvios.

O magnetizador Lafontaine conta que hipnotizara um leão. É uma história divertida, mas que não resiste à crítica.

O magnetismo humano obra terapêuticamente nas moléstias? Não há dúvida - e isto acontece muitas vezes - que se um magnetizador exercitado coloca a mão numa região doente, suaviza a dor. Mas de que espécie é a sugestão que interfere na doença, já que sabemos por Bernheim e por muitos outros médicos, que pela sugestão se suavizam enormemente certas nevralgias, cefaléias, dores reumáticas?

Liébeault obteve efeitos terapêuticos em meninos com menos de três anos. Cita ele também 46 casos de tratamento em meninos com menos de quatro anos, o que exclui a sugestão. Ochorowicz por muitas vezes me afirmou ter podido perfeitamente suavizar, pela imposição das mãos, a

dor em meninos com menos de dois anos. Certos curadores procedem algumas vezes assim e a ação curativa não pode ser imaginárias (1).

(1) - A. e Fred. Myers, *Médium Faithcure, and the miracles of Lourdes, 1893*, e Mangin (A. S. P., dezembro de 1906, 815-866).

Em suma, tudo isto pouca coisa representa, ou até, sob um ponto de vista estritamente científico, coisa alguma representa. Nada há ainda que demonstre claramente que um fluido particular é produzido pela vontade (2).

(2) - Não posso tratar aqui da historia do magnetismo curador, terapêutico, que começa com Paracelso e Goclênio, *De magnetica vulneris curatione cifra ulla et superstitionem et dolorem et remedü applicationem, Marpurgi, 1610* As curas pela fé, os milagres de Lourdes, os estigmatizados, poderiam também ser examinados agora. Mas a ação do sistema nervoso central psíquico nas células vivas não toma parte absolutamente no rol da metapsíquica. É verossímil que tudo não passa de sugestão no magnetismo terapêutico. Mas qual é a parte que a sugestão toma na coisa? É o que ainda está por determinar.

O único processo demonstrativo para provar a ação magnética seria mostrar que o magnetizador pode adormecer um paciente à distância.

A experiência não é, infelizmente, assim tão simples de todo, porque é necessário levar em consideração a vigilância extraordinária dos pacientes, os quais, consciente ou inconscientemente, apegam-se aos mais insignificantes indícios, procuram com desconcertante sagacidade - mas que nada tem de metapsíquico - adivinhar as intenções do magnetizador. O menor ruído, o menor olhar das pessoas presentes - são o suficiente para que se perceba a presença do magnetizador ou as suas intenções e se apressem os pacientes a estar de acordo com ele. Du Potet adormeceu, numa experiência célebre, em 1827, a Senhora Sanson, sem que esta - disse ele, tivesse dado pela sua presença. Mas estavam todos bem seguros disto? Husson e Récamier

assistiam à experiência; porém a sua própria presença não seria um indício para a Senhora Sanson?

Fizeram-se numerosas experiências, por muitas vezes, para comprovar a ação fluídica à distância. Entre as últimas, citarei as de Pierre Janet e Gibert, Boirac, J. Héricourt, Doutor Dusart e as minhas próprias (1). Mas para usar logo de franqueza: nem as minhas nem as dele nos levam à convicção do fato.

(1) - P. Janet e Gibert, *Sur quelques phénomènes de somnambulisme*, Bull. de la Soc. de psychologie de Paris. Revue philosophique, 1886 (1) XXI. 190-198 - Ch. Richet, *Um fait de somnambulisme a distance*, *ibid.*, 199-200 - J. Héricourt, *Un cas de somnambulisme à distance*, *ibid.*, 200-204 - A. Ruault, *Le mécanisme de la suggestion mentale hypnotique*. Revue philosophique, 1886 (2) 691 - Boirac (citado por Flammarion) *L'inconnu et les problèmes psychiques*, 310 - Dusart (citado por Flammarion) *ibid.*, 308.

Em consequência, se, como o demonstraremos abundantemente mais para adiante, na realidade existe uma sensibilidade especial, criptestésica, que nos mostra fatos que os nossos sentidos normais não podem apreender, concebe-se então com justiça que a influência do magnetizador possa ser percebida mais ou menos claramente por um paciente sensível. Desta forma a magnetização a distância não é senão uma das modalidades da criptestesia.

Admitindo-se mesmo o eflúvio humano, a emissão de um fluido especial, uma vibração particular - nada nos leva a crer que essa vibração seja comparável à força rábica, aquela que faz movimentar a varinha adivinhatória, força que emana das coisas e provoca a criptestesia. As emanções das coisas não são por certo idênticas ao fluido dos magnetizadores. A vontade então em nada influi aí, visto tratar-se da ação de coisas ininteligentes.

A distância não tem influência na consecução do fenômeno. Conhecem-se casos de lucidez produzidos a uma

distância de mil quilômetros entre o agente e o paciente. Desse modo, a exteriorização da sensibilidade por meio de círculos que rodeiem o nosso tegumento cutâneo e não vão além de alguns metros, não pode consistir numa explicação plausível.

Enfim parece-me que a impressão algumas vezes é perfeitamente precisa (uma figura, um nome, uma imagem) pelo que não nos podemos contentar em dizer: um eflúvio conduz o paciente ao sono. O conhecimento das coisas é pormenorizado, minucioso, completo. Falando por outras palavras: está provado que certos indivíduos adquire, graças a criptestesia, conhecimentos que os sentidos ordinários não facultam. Aí está tudo o que se demonstrou. Não se pode ainda demonstrar que há eflúvios humanos que provenham da vontade do magnetizador e tenham o poder de provocar o sono.

Quanto à influência do pensamento humano sobre outro (thought transference, sugestão mental, telepatia) isto já não é um capítulo de hipnotismo, mas sim um capítulo fundamental da metapsíquica subjetiva, que estudaremos logo mais, com minúcias. O sono sonambúlico à distância e a ação do fluido magnético têm, sob esse ponto de vista, entrada franca na criptestesia. Mas a criptestesia está tão provado quanto é certo ainda não ter podido ninguém demonstrar a realidade do fluido magnético, emitido pela vontade do magnetizador e determinando o sono.

DESENVOLVIMENTO DA CRIPTESTESIA PELO HIPNOTISMO

Não há dúvida de que, em determinados casos, se verifica a lucidez fora da ação da hipnose ou do sono, visto a maioria dos exemplos de monições (que a todo o instante iremos dar) é pertinente a indivíduos normais. Igualmente, determinados fatos muito notáveis de lucidez experimental, observados durante as sessões espíritas, foram produzidos por médiuns que nenhuma pessoa hipnotizara, os quais parece-nos, isto não passa talvez senão de aparências - estarem em completo estado normal.

Assim dessa maneira torna-se evidente que há criptestesia fora do estado hipnótico. Por outro lado, não está menos demonstrado que o hipnotismo aumenta a criptestesia. Muita gente, incapaz, quando os seus sentidos estão despertos, de produzir algum fenômeno transcendental, torna-se, por instantes, lúcida, quando a hipnotizam.

Em vez de supor a existência, por si muito duvidosa, de um fluido magnético (desconhecido) que provocaria a criptestesia, melhor é a admitir que o estado hipnótico facilita a criptestesia, porque suprime ou diminui a estesia normal.

É hipótese - porém hipótese verossímil.

Temos, no estado normal, consciência da nossa existência; percebemos muito distintamente sensações múltiplas, graças aos nossos sentidos. A vista, o ouvido, dão-nos a cada momento indicações múltiplas que chegam até a nossa consciência e a mantêm sempre ativa. Essas sensações são tão pronunciadas e tão numerosas que não dão aso a que outras noções, vagas e confusas, possam proporcionar-nos

misteriosas sensibilidades. Parecemo-nos mais ou menos com um indivíduo que, debaixo do ardente sol de um meio-dia, passeia por uma estrada. Não poderá perceber então a fosforescência extravagante do pirilampo, que volteja numa folha. Mas tão logo caia a noite, a luminosidade do pirilampo será muito fácil e claramente perceptível.

Isto não é senão uma comparação, que, embora o seja, explica bastantemente por que motivo o hipnotismo e o sono normal, que suprimem ou diminuem as sensibilidades normais, favorecem a lucidez.

Os pacientes muito profundamente hipnotizados são insensíveis. Fazem-se, em pessoas hipnotizadas, operações cirúrgicas, sem provocação de dor. Vi muitas vezes uma moça que, caída em profundo sono hipnótico, não fazia um movimento nem um gesto, não obstante moscas estarem passeando pelo seu rosto, voando-lhe pelos lábios e pelas narinas. Algumas vezes os mais violentos ruídos não despertavam essas pessoas nem elas os percebiam. Os grandes pacientes magnetizados são insensíveis às excitações sensoriais ordinárias, o que os torna talvez mais sensíveis a essas excitações de natureza desconhecida, as quais dão causa a criptestesia.

Desse mesmo modo, muitas monições foram relatadas, que se verificam durante o sono normal. O Senhor Warcollier verificou estatisticamente a frequência das monições durante o sono ou o meio sono. É que então, como no hipnotismo, os sentidos estão embotados. As vibrações desconhecidas, muito fracas, sem dúvida, que provocam a criptestesia, podem ser mais bem percebidas. Para perceber certo ruído, fraco, não é necessário senão estarmos entre ruídos múltiplos e reboantes, que sufocam o leve ruído que é

necessário perceber. O hipnotismo e o sono põem a consciência no silêncio e na obscuridade necessárias à percepção de energias minúsculas.

É necessário ligar o estudo da criptestesia às chamadas adivinhações feitas pelos sonâmbulos (consultações) acerca do diagnóstico ou da terapêutica das doenças.

Não insisto a respeito da terapêutica. A apreciação de uma ação terapêutica eficaz, até na medicina não oculta, é tão delicada, que é impossível dizer o que quer que seja de sério a propósito da terapêutica recomendada pelos sonâmbulos. Por outra parte, a sugestão pode exercer ação nas doenças, com muita força, como em certos casos em que ela foi superabundantemente demonstrada. Ninguém ignora que se contam casos de curas extraordinárias observadas em Lourdes, nos nossos tempos, como aqueles que há dois séculos se observaram no túmulo do diácono Paris. Talvez fosse o caso de se introduzirem na ciência metapsíquica algumas dessas curas milagrosas e autênticas. Contentai-me-ei, sem chegar a nenhuma conclusão, em consignar três delas, o que reputo necessário, por causa da complexidade dos fenômenos, que a certos respeitos pertencem a metapsíquica.

Trata-se primeiramente de uma observação notável, muito bem considerada por Émile Magnin (1).

(1) - *Devant le mystère de la névrose. De la guérison de cas réputés incurables*, in-12, Paris, Vuibert, 1920.

A Srta. B..., moça de vinte e oito anos, era paraplégica desde a idade de dois anos e um mês: "só os braços podiam fazer alguns movimentos; mal podia virar a cabeça. Tinha duas convexidades na espinha dorsal, os pulmões eram fracos e mirrados; a temperatura era de 39 graus na sombra".

Três médicos fizeram sucessivamente os seguintes diagnósticos:

- 1.º - Paraplegia; prognóstico muito grave;
- 2.º - mal de Pott: compressão da medula e paraplegia;
- 3.º - paraplegia: lesão medular; prognóstico muito grave.

A Srta. B... percebeu ao lado do Senhor Magnin, quando este a visitou no dia 26 de fevereiro, a forma de uma mulher bonita, que lhe disse que ela havia de sarar, precisando-lhe até o dia 8 de maio, quando então se levantaria. O Senhor Magnin a magnetizou muitas vezes entre 26 de fevereiro e 8 de maio. Ora, durante o sono magnético a mulher bonita lhe aparecia sempre. A Srta. B... no dia aprazado estava completamente curada. Levantou-se, colocou os pés no chão, andou, abraçou a cabeça imaginária da sua amiguinha (a mulher bonita) e no dia 15 de maio parecia ter voltado ao estado normal: as lesões torácicas e raquidianas tinham desaparecido. A Srta. B..., que não recaiu da doença, casou-se e teve duas crianças. (1)

(1) - O Senhor Magnin conta um fato de premonição muito singular que lhe foi relatado pela Srta. B...

Um dia, depois de ter sido adormecida, a sua amiguinha voltou (ela não era senão a segunda personalidade da Srta. B...) e assegurou ao Senhor Magnin que o faria morrer. O Senhor Magnin a dissuadiu, não sem trabalho, desse sinistro projeto, recebendo então a resposta: «Mostrar-lhe-ei que me seria fácil cumprir o meu intento». Dois dias depois o Senhor Magnin foi às praias do mar, em Veules. Para ler, sentou-se então num rochedo das incomensuráveis escarpas rochosas do lugar. Depois de algumas horas de leitura, retornou ao cassino. Mal se fora quando uma rocha se desprendeu.

E um caso, não há que ver, notável: absolutamente não é possível admitir a possibilidade de ter havido erros colossais de diagnóstico, bem como admitir se tratasse unicamente de fenômenos histéricos.

Aqui vão dois casos, apontados por Marcel Magnin, cuja explicação, pela histeria, é igualmente insuficiente.

Um operário por nome Derudder se havia ferido na perna em 1867. Os dois ossos estavam partidos. Agravou-se o mal, houve supuração abundante, sem nenhuma tendência para a consolidação óssea. A parte inferior da perna estava desgovernada e jogava-se por todos os lados. Fazendo, oito anos depois, uma visita (com preces) a Oostaker, perto de Grand (Bélgica) - há lá uma gruta sagrada, mais ou menos como a gruta de Lourdes - Derudder sentiu-se de repente curado, pode ter-se em pé, caminhou com as próprias pernas. Ora durante oito anos ele não andava senão em muletas.

É claro que este caso depende da exatidão com que o observaram os dois médicos.

O segundo não é menos estranho. Gargam, em 1897, em consequência de grave acidente ferroviário, ficou paralisado, com atrofia muscular e começo de gangrena. Dois exames médicos (num processo contra a Cia. P. O.) concluem pela incurabilidade da doença e pela sua evolução.

Ora chegando a Lourdes Gargam ficou quase que subitamente curado quando entrou na gruta. Pôde dar uns passos titubeantes. No dia seguinte as feridas do pé, que supuravam, parecia estarem curadas. Pôde caminhar sem apoio, não obstante a atrofia muscular. Teve, três semanas depois, um aumento de peso de 10 quilos e ficou em condições de trabalhar. (1)

(1) - A. S. P., dezembro de 1907.

Estas duas observações, sendo mesmo até exatas, não provam absolutamente a existência de uma nova força metapsíquica e indicam somente que o sistema nervoso central possui, em determinadas condições, um poder, inabitual e inteiramente extraordinário, sobre os fenômenos orgânicos.

O que complica enormemente a questão não é somente a dificuldade até da apreciação terapêutica, mas as considerações estranhas que a obscurecem. Para as curas milagrosas são necessárias as idéias religiosas, como o testemunha o entusiasmo das multidões que hoje vão a Lourdes e outrora iam ao cemitério de Saint-Médard (1).

(1) Há as Faith Cures e os numerosos casos relativos a Christian Science. Essa sociedade foi fundada cerca de 1866, pela Senhora Mary Glover Eddy, falecida em 1910. Ver Ramacharaka (o iogue) *The science of psychic Healing*, Chicago, Yogi, Publication Society, Masonic Temple, 1909. Formou-se uma seita dissidente, aquela do bispo Oliver Sabin, que escreveu numerosos livros que tiveram múltiplas edições. *Christology, Science of Health and Happiness, etc.* Washington, 32ª edição. Mas o ponto de partida de todos esses livros é a obra da Srta. Mary Eddy obra que, em 1898, contava já com 140 edições. *Science and Health, with Key to the Scriptures*, Boston, Armstrong, 1898. Para o completo histórico dessa seita, consulte-se também Dresser H. W., *Health and the inner Life*, New York, Putman, 1906.

Deve-se, com relação aos milagres de Lourdes, consultar obras:

Diday P., *Examen medical des miracles de Lourdes*, Paris, Masson, 1873.

Boissarie (D.) *Histoire médicale de Lourdes, 1858-1891*, 1 vol. in-12°, Paris, 1891.

Baucher, *Lourdes et um cas de tuberculose aigue généralisée*, A.S.P., 1895, 156-158.

Berteaux, *Lourdes et la science*, *Rev. de l'Hypn. et Psychol. physiologiques*, Paris, 1894, 1895, IX, 210-216 e 275-278.

Backer (F. de) *Lourdes et les médecins*, Paris, Maloine, 1905, in-12.

Artus (E.) *Les miracles de Notre-Dame de Lourdes, guérison de Juliette Fournier*, Paris, Palmé, 1872. *Histoire complète du défi à la libre pensée sur les miracles de Lourdes*, Paris, Palme, in-12.

Noriagof, *Notre-Dame de Lourdes et la science de l'occulte*, Chanael, Paris, 1898, e sobretudo as diversas obras de H. Lasserre (um dos primeiros doentes curados em Lourdes) *Notre Dame de Lourdes*, 4ª edição, Palme, 1885, e nova edição, Paris, Sanard, 1898, 2 vols. in 4°.

Quanto às curas que se pretende levar à conta dos sonâmbulos, não passam elas de artimanha comercial, muito pouco lucrativa, sem dúvida, mas que é praticada intensivamente em todos os países, não obstante ser condenada, em todas as legislações, como sendo um exercício ilegal da medicina.

A exploração abusiva do comércio dos sonâmbulos profissionais faz com que as chamadas curas maravilhosas

conseqüentes das revelações sonambúlicas não possam ser consideradas como autênticas.

Entretanto temos certo escrúpulo em admitir que as numerosas consultas dadas durante mais de um século em todos os países do mundo por sonâmbulos pudessem tomar tal extensão e alargar-se com tanta força e prontidão - se não possuíam eles a menor parcela de clarividência terapêutica nos seus arrazoados, sem a qual não podiam continuar a exercer o seu mister, abandonando-o logo. Ademais, diziam eles, voluntariamente, de si para si: "X... tem muita lucidez; Y.. já a teve, não a tem mais; Z... poucas vezes a possuiu, mas em determinados dias a possui inteiramente". Conviria talvez não pôr de lado, desdenhosamente, a história dessa adivinhação terapêutica praticada pelos sonâmbulos.

É necessário sermos ainda mais reservados antes de negarmos clarividência no diagnóstico das doenças. Parece-nos que naturalmente, instintivamente, por assim dizermos, os sonâmbulos sejam induzidos a falar do estado de saúde das pessoas que os cercam. Eles, mesmo que ninguém lhes faça uma consulta, têm tendência para dizer que tal ou tal pessoa que lhes fala ou os toca, sofre do coração, tem dores de cabeça ou está mal do peito. Tudo se passa como se eles experimentassem, por vera telepatia (antes orgânica do que psíquica) as afecções mórbidas das pessoas que estão ao seu lado.

Percebe-se claramente essa telepatia orgânica em todas as palavras pronunciadas por elas. Alice, que não deu consultas, que nem sonâmbula era, nem médium profissional, assim falou quando lhes mandaram os cabelos de um doente: "Sufoco-me, estou inteiramente tolhida, provoca-me isto câimbras, espasmos e um nó na garganta".

Eugênia, que é uma profissional, muito jovem, além do mais, ingenuamente crente de sua arte, pronuncia-se do mesmo modo. De igual maneira procede Helena, que não é uma profissional, mas que, em outros tempos, deu consultas. (1)

(1) - P. S. P. R., junho de 1888, 119.

Mas tudo é ainda demasiado incerto para que possamos afirmar o que quer que seja o respeito da lucidez dessa criptestesia orgânica especial. Talvez chegaremos a resultados curiosos se a estudarmos metodicamente, sem prevenção, se assim o entendermos. Nas 53 experiências (diagnósticos de doenças por meio de sonâmbulos) que dirigi com muito cuidado para evitar qualquer sugestão de minha parte ou qualquer perspicácia normal por parte dos sonâmbulos, não obtive senão resultados muito medíocres. Houve respostas muito precisas, mas insuficientes para eliminar a hipótese das coincidências fortuitas. Disse Eugênia a um indivíduo que padecia de forte diarreia: "Inflamação do intestino". De um menino com sarampo, falou Helena: "E sarampo, vi o seu rosto todo vermelho". A melhor experiência talvez seja aquela de Helena (Exp. XIII). Disse ela: "Angústia, sufocação, dor ali (mostrando a cavidade epigástrica). É como um saquinho que é necessário esvaziar. Há febre. Esse saquinho, que está debaixo do coração, me provoca angústia". Ora tratava-se de um doente tuberculoso, tendo uma caverna tuberculosa cheia de pus, na base do pulmão esquerdo, com sufocação, dispnéia, esofagismo. A consulta, em todos os casos, era dada sem que o doente estivesse presente: tratava-se de psicometria - o que chamo criptestesia pragmática - isto é, consulta baseada nos cabelos, objetos ou numa carta proveniente do doente em apreço.

Isto não passa senão de resultados muito imperfeitos. Achar-se-á portanto, sem nenhum trabalho, nos numerosos tratados de magnetismo animal de 1825 a 1855, documentos para encorajarem os metapsiquistas - entre os quais há muitos médicos - a estudar de novo a questão, a retomá-la ab ovo, sem temer as galhofas. A história do sonambulismo e do espiritismo nos mostra dolorosamente quanto à ciência oficial foi mal inspirada quando rejeitou a priori, sem exame, fatos que mais tarde, em louvável retratação, foi obrigada a reconhecer.

E um caso particular de criptestesia orgânica que merece alguma atenção; foi assinalado e indicado pelos magnetizadores da primeira metade do XIX século: é aquilo a que dão o nome de autoscopia.

Muitas vezes, com efeito, os sonâmbulos estão em estado de ver os seus órgãos, dos quais fazem curiosas descrições.

Mas é pena se a autoscopia foge dos limites da metapsíquica, visto quase pertencer ao domínio da psicofisiologia.

Os nossos órgãos viscerais, estado normal, não despertam na consciência nenhuma sensação precisa. O coração, os pulmões, o fígado, os intestinos, o cérebro, funcionam sem que haja percepção do órgão e conhecimento do seu funcionamento. Entretanto, como o provam todas as experiências de fisiologia, as nossas vísceras possuem nervos de sensibilidade que levam aos centros nervosos algumas noções acerca do estado desses órgãos.

Essas noções são indistintas. Chegam certamente à medula, ao bulbo e ao cérebro, mas não tocam, senão raramente, a consciência. Somente sentimos que temos estômago, intestinos, fígado, quando eles estão doentes. Não

é por defeito de condução nervosa sensível que ignoramos a existência desses órgãos, mas sim porque os seus nervos de sensibilidade não tocam a consciência. Podemos assim admitir como verossímil que em certas condições psicofisiológicas especiais, como por exemplo o estado de hipnose, a consciência modificada (ampliada) possa ser abalada por essas sensações viscerais.

Ainda que a autoscopia seja facilmente observada desde os princípios do magnetismo, foi provavelmente Feré quem pronunciou pela primeira vez o termo (?) (1). Porém ele o aplicou na visão do seu duplo pela personagem com certeza alucinada. Ora essa espécie de alucinação (autoscopia externa) por muito interessante que seja sob o ponto de vista médico, não apresenta nenhum interesse metapsíquico, se bem os teóricos do espiritismo não tenham poupado esforços no sentido de lhes atribuir uma importância de que ela, segundo me parece, está inteiramente destituída.

(1) - *L'autoreprésentation de l'organisme chez quelques hystériques*. *Revue neurologique*, 1901, 491.

A autoscopia interna, mencionada por Du Potet, foi bem estudada pelo Doutor Comar (2) e em seguida pelo Doutor Sollier, que a tomou por assunto numa monografia interessante (3).

(2) - *L'autoreprésentation de l'organisme chez quelques hystériques*. *Revue neurologique*, 1901, 491.

(3) - *Les phénomènes d'autoscopie*, Paris, Alcan, 1903. É necessário distinguir, para que não haja confusão, a autoscopia interna da autoscopia externa. É externa quando o alucinado vê o seu duplo fora de si; é interna quando um sonâmbulo percebe os seus órgãos, o coração, o fígado, os intestinos, descrevendo-lhes as formas, patológicas ou não.

Não vamos examinar aqui, pormenorizadamente, as modalidades da autoscopia, já por estarmos às bordas do verdadeiro *borderland*, que separa o psíquico do metapsíquico. Para que a nossa consciência tenha a

representação visual das nossas vísceras, não há que supor propriedade alguma nova do espírito ou do sistema nervoso.

Isto nos leva, de igual maneira, a uma conclusão curiosa.

Se for verdade que certos indivíduos, hipnotizados, histéricos, anormais, têm a noção visual dos seus órgãos - e somos obrigados a considerar a coisa como fato consumado, por muito excepcional que seja - daí concluímos que, em determinados casos de doença, a paciente (hipnotizada ou histérica) poderá capacitar-se de que sofre de tal ou tal lesão orgânica, que, por vê-la, poderá apontar onde esteja localizada. Às vezes os doentes magnetizados têm, com efeito, tendência para descrever a sua doença, a sua extensão, a sua localização, indicando os remédios apropriados.

É talvez até que por meio dessa autoscopia interna se possam explicar os casos assaz numerosos e muito autênticos de autopremonições. Ora as autopremonições de morte ou de doença não são premonições verdadeiras. É a autoscopia que permite a um sonâmbulo fazer uma previsão a respeito de sua morte ou de sua doença, tão bem como um médico experimentado pode, ao examinar os órgãos de um dos seus doentes, prever o perigo de morte que o ameaça e anunciar a evolução da doença.

§ 3 - A criptestesia no hipnotismo

A criptestesia experimental tanto pode ser estudada nos indivíduos hipnotizados quanto nos médiuns. O médium, as mais das vezes, fica, durante a sessão, em estado de transe; porém esse transe espontâneo se confunde singularmente

com o estado hipnótico propriamente dito, como se a médium estivesse, por assim dizer, hipnotizado por si mesmo, sem que fossem necessárias as artimanhas do magnetizador.

Ora isto não constitui diferença essencial. A diferença principal consiste em que o médium crê estar em comunicação com personalidades reais, diferentes dele. Essas novas personalidades, que são os seus guias, falam pela sua voz e escrevem pela sua mão. Há, em todo o caso, tanto no hipnotizado quanto no médium, graus diversos, adormecimento dos sentidos normais e diminuição da consciência.

Entretanto a consciência, em muitos médiuns, persiste, na aparência, intacta. Continuam a falar, a galhofar com as pessoas presentes, enquanto a sua inconsciência elabora outras conversações, outros atos, os quais se traduzem por movimentos musculares que eles conhecem e controlam com dificuldade (escrita automática ou movimentos da prancheta). É o a que dou o nome de hemissonambulismo.

A discrepância entre a personalidade consciente, normal, e as novas personalidades que aparecem, é às vezes mais complicada ainda, porque o médium em certos casos escreve, com a mão direita, frases coerentes, como se partissem de uma personalidade que se dá a conhecer pelo nome D... - enquanto escreve, com a mão esquerda, outras frases, porém coerentes, como se proviessem de uma personalidade que se identifica como G... O médium, durante todo esse tempo, parece continuar no seu estado normal: ri, pilheria, canta e trava discussões com as pessoas que o cercam.

Porém essa discrepância de personalidade nada tem, quer no sonambulismo, quer no hemissonambulismo, de metapsíquico. É ainda a psicologia clássica. Basta admitir o fato banal, que muitas vezes verificamos, de um desdobramento, e até às vezes, se bem que de modo mais raro, a tríplice repartição da personalidade.

Ora o que nos interessa no momento não são tanto as variações da personalidade quanto o são as manifestações de lucidez, isto é, a criptestesia.

As provas dessa admirável criptestesia são tão numerosas e certas que se torna necessário limitarmo-nos a escolhê-las, não citando senão as principais (1).

(1) - Permitir-me-ão os leitores que cite, com certa predileção, as minhas experiências pessoais. Peço escusas pela imodéstia, provavelmente demasiado grande, em dar valor às minhas pesquisas; porém muitas são inéditas e merecem, quero crer, ser trazida a lume da publicidade.

A - EXPERIÊNCIAS COM PACIENTES HIPNOTIZADOS

Os antigos magnetizadores porfiaram sempre, desde o começo do magnetismo animal, a respeito da clarividência ou da lucidez.

Citarei alguns casos a propósito delas (1).

(1) - Acham-se, nos velhos jornais de magnetismo (alemães, franceses, ingleses, italianos) numerosos casos de lucidez dos magnetizados. Mas é certo que a venda nem sempre tenha sido colocada devidamente nos olhos, a fim de impedir a visão. Mesmo que se colocasse o batoque de algodão em cada lado do nariz, aquele podia deslocar-se e permitir um pouco a visão. Ora um pouco é o bastante. É provável que a clarividência da filhinha de Pigeaire: fosse, por exemplo, autêntica; mas a prova que se fez com ela não é suficiente (ver o Journal du magnétisme animal, por J. J. A. Ricard, Paris, Bourgogne e Martinet, 1840, e Toulouse, 1839, t. I, pág. 624).

O general Noizet (2) conta que uma sonâmbula lhe relatou, em 1842, com extrema precisão, o que ele tinha feito na campanha. Entretanto nada há de extraordinário nisto. Havia estado nas Tulherias no apartamento do duque de Montpensier, no Hotel dos Inválidos, a fim de estudar os planos relativos a praças de guerra. Tudo isto foi apontado muito exatamente (O relato é demasiado longo para ser transplantado para estas colunas).

(2) - Citado por Flammarion, loc. cit., 339.

Segundo uma carta do Doutor Despine ao Senhor Charpignon (3) a Senhora Schmitz, estando doente em Gênova, pediu ao Doutor Julliard que fizesse uma consulta para ela. O Doutor Julliard, na mais completa obscuridade da sala, colocou-lhe a carta sob os pés. Disse-lhe ela: "Eis a minha luz!" e leu o que o Senhor Julliard havia escrito. Charpignon narra também outros casos de clarividência ou transposição de sentidos. Mas naqueles tempos não se procedia com a mesma severidade com que o fazemos hoje para a verificação de fatos dessa natureza, o que nos autoriza (e isto é até necessário) a pô-los de quarentena.

(3) - *Physiologie, médecine et métapsychique du magnétisme*, Paris, J. Baillière, 1848, 114.

É-nos sempre necessária muita prudência antes de chegarmos a qualquer conclusão. A propósito, desejo relatar um exemplo de criptestesia, que traz em seu bojo um erro. Servirá ele como uma indicação relativa às precauções precisas que se devem tomar para a boa consecução de uma experiência.

O Doutor Binet Sanglé (4) (*Ezpér. sur la transmission direct de la pensée*, A. S. P. 1902, XII, 131-143.) procedeu em presença do Senhor Legludic, diretor da Escola de Medicina de Angers, a algumas experiências de criptestesia. Uma senhora dos seus

quarenta e cinco anos foi adormecida com o rosto virado para a parede e com os olhos vendados. O Doutor Legludic abriu um livro, ao acaso, e sublinhou a palavra abutre (ave). O Senhor Binet Sanglé desenhrou, sem nada dizer a ninguém, a cabeça de um abutre. Falou-lhe então a paciente: "É a cabeça interessante de um pássaro, não tem asas, é um abutre". Em outra experiência, M. J... abriu também à ventura outro livro e salientou, com um traço, a palavra lesma. Disse a Senhora M...: "É uma lesma". Em outra, ainda mais admirável, M. J... marcou o verso seguinte:

Assopro, aquilão, cai em borbotões, chuva!

Disse O...: S...SS...S..., e por fim: Assopro, aquilão...

M. J..., abrindo, finalmente, o mesmo livro ao deus-dará, marcou em relevo o verso: Deus não vem. A igreja caiu. Falou a Senhora M...: Deus não vem.

Essa experiência seria decisiva se uma cumplicidade não fosse possível, e, segundo parece, provável entre O... e M..., presentes à reunião. Em tais condições, não seria conveniente admitir senão as experiências das Senhoritas Creery. É necessário duvidar, em toda a experiência de criptestesia, de cumplicidade, conscientes ou inconscientes.

William Gregory (1) professor de química na Universidade de Edimburgo, verificou que o major Buckley pôde desenvolver a lucidez em muitos indivíduos hipnotizáveis, o bastante para fazê-los ler, com exatidão, os símbolos, as cartas, os endereços, os impressos postais, fechados em envelopes ou em caixas de papelão ou madeira. Siri. Wilshire, certa vez, escreveu a palavra concerto e creu ter escrito correto. O vidente leu concerto. Sir Wilshire disse-lhe que estava errado, mas ao abrir a caixa verificou que era realmente concerto a palavra que escrevera.

(1) - *Letters to a candid inquirer on animal magnetism* (1851) citado por E. Boirac, em A. S. P., 1893, III, 242.

A estatística apresentada pelo major Buckley seria absolutamente decisiva se não houvesse possibilidade de qualquer erro de sistema. Leu os símbolos contidos em 4.680 cascas de noz, as quais compreendiam cerca de 36.000 palavras.

Herbert Mayo, eminente médico e fisiologista inglês, que tratou, na Inglaterra, do Coronel C..., enviou a um amigo americano, residente em Paris, uma mecha de cabelo do militar. Uma sonâmbula de Paris declarou que C... sofria de uma paralisia dos quadris e das pernas e que, em consequência de outra afecção, tinha o hábito de se servir de um instrumento de cirurgia.

Se trago para aqui esse caso de lucidez, não é porque ele seja mais notável que muitos outros, mas somente porque é verificado por um fisiologista experimentado, sábio distinto, tal como o Senhor H. Mayo, que, por ser o caso de grande clareza, pode convencer-se da existência da lucidez (1).

(1) - Citados por Boirac, *La métagnomie* (A. S. P., novembro de 1916, 159162).

O Doutor Dufay, de Blois, teve uma sonâmbula, não profissional, chamada Maria, que produziu bons fenômenos criptestésicos (2).

(2) - C. Wallace, *loc. cit.*, tr. fr.. 92.

Certa manhã recebeu carta de um oficial, conhecido de amigos seus, o qual se achava na Argélia, doente, com disenteria, obrigado a estar numa barraca, deitado. Colocou a carta em dois envelopes, que não traziam nenhuma indicação, e, numa tarde, a pôs nas mãos de Maria, que revelou tratar-se de um militar, doente de disenteria; que, para ir procurá-lo, tomava (imaginariamente) um vapor, tinha enjôo, via mulheres vestidas de branco, que tinham

barcas (eram os arábios, sem dúvida). Viu o oficial, muito magro, doente, num estrado de três tábuas postas em piquetes fincados em areia úmida.

Outro exemplo apontado pelo Doutor Dufay é talvez ainda mais notável. Um indivíduo acabara de suicidar-se, estrangulando-se com a gravata, numa prisão de Blois. O Senhor Dufay cortou um pedaço da gravata, colocou-a, envolta em numerosas dobras de papel, num envelope, e a remeteu a Maria, que declarou tratar se de qualquer coisa que havia morto um homem, uma corda... não, uma gravata; é um prisioneiro que se enforcou por haver assassinado um homem. Disse ter ele o assassinado com um podão (instrumento recurvado para cortar madeira) e indicou o lugar onde fora atirado. Na verdade, seguindo as indicações fornecidas por Maria, os interessados chegaram a encontrar, no lugar indicado, o podão, instrumento do crime.

O Doutor Vidigal, em São Paulo (Brasil) levou para casa uma jovem doméstica de doze anos, chegada da Espanha como emigrante. Foi ela, na mesma tarde de sua chegada, adormecida por um amigo daquele senhor. Viu então uma senhora idosa, cuja descrição se assemelhava à pessoa da mãe do Doutor Vidigal, falecida havia três meses. A moça declarou ainda que no quarto da defunta havia um vestido de seda preto e um bolso costurado no vestido, no qual se achavam 75 mil réis. Entraram no quarto, onde, até aquela data, nenhuma pessoa pusera os pés, e encontraram, com efeito, aquela importância no lugar indicado. Convém frisar que o Senhor Vidigal não pudera ocorrer às despesas funerárias com o passamento da genitora (1).

(1) - Bozzano, A. S. P., 1910, 120.

Em 1837, em Nova York, Loraine Brackett, de Dudley, moça que um traumatismo tornou completamente cega, fez mentalmente, estando hipnotizada, diversas viagens que comprovaram a sua lucidez. Pôde, notadamente, descrever, com muita exatidão, um quadro visto pelo Senhor Stone numa vila, representando três indianos ao redor de um enorme tronco de árvore, no qual havia hieróglifos. Disse Loraine: Three Indians sitting in a hollow tree, which looks as though it had been dug out on purpose; and the three filled with marks. Ninguém, a não ser o Senhor Stone, conhecia esse quadro (2).

(2) - *Animal magnetism, Letter of M. Stone to Doutor Bigham. P. A. S. P., 1907, 106.*

A Senhora Sidgwick (E.H.) relata diversos casos de lucidez magnética apresentados por Jane (3). São extremamente interessantes e, para maiores detalhes, reportamo-nos à memória daquela senhora.

(3) - *A. S. P., I, 280.*

O Doutor F..., que magnetizava Jane, avisou a um dos seus clientes, o Senhor Eglinton, convalescente de uma doença, que ia tentar fazer Jane contar o que ele, Eglinton, fizera das 8 às 10 horas da noite. Disse Jane: Vejo um senhor gordo, com uma perna de pau, sem cabeça. Chama-se Eglinton. Está sentado diante de uma mesa onde há brandy ; porém ele não bebe.

Essa foi uma prova muito curiosa, porque o Senhor Eglinton, que é muito magro, tinha posto numa cadeira um manequim entulhado de roupa, de modo a dar-lhe grande corpulência. Colocara o manequim diante de uma mesa onde havia uma garrafa de "brandy".

Alexis, numa série de quatorze sessões realizadas em Brighton, jogou cartas com os olhos vendados, nomeando as

dos seus parceiros tão bem como o fazia com as suas próprias; leu linhas em livro fechado e descreveu o conteúdo guardado em caixas opacas.

Robert Houdin, o célebre prestidigitador, teve uma entrevista com Alexis. R. Houdin tirou um livro do bolso, e, abrindo-o, pediu a Alexis que lesse uma linha que, oito páginas atrás, estivesse no mesmo nível de impressão da página anterior. O clarividente espetou um alfinete, a fim de marcá-la, na linha da página anterior e leu quatro palavras naquela outra, as quais foram encontradas na linha da página anterior. Houdin achou maravilhosa a experiência e assinou a seguinte declaração: "Afirmo que os fatos relatados mais acima são escrupulosamente exatos".

Robert Houdin, depois de ter verificado que os fenômenos de clarividência produzidos com Alexis não podiam ser imitados por nenhum prestidigitador, relata que o Doutor Chomel, tendo mostrado uma medalha a Alexis, este lhe disse (o que era absolutamente exato): "Esta medalha lhe foi dada em circunstâncias bastante singulares. D. Senhor estava numa mansarda, estudando em Lyon. Um operário, a quem o Senhor havia prestado serviço, achou-a nos escombros e lha ofereceu" (1).

(1) - Delanne, *Rech. sur la médiumnité*, 1902, 236.

Alexis deu também ao primeiro Presidente Séguier uma prova de lucidez (e não de telepatia) muito curiosa (2). Fazendo uma viagem na sala de trabalho do Presidente (que não havia dado o seu nome) vê na mesa uma campainha. "Não, diz-lhe o Senhor Séguier, não há campainha nenhuma". Porém o Presidente verificou, ao chegar em casa, que ao meio-dia uma pequena campainha tinha sido posta na mesa.

(2) - Citado por Delaage, *Les mystères du magnétisme*.

Muitas outras provas de lucidez extraordinária de Alexis foram relatadas por C. Flammarion. Por outro lado, o Doutor Bertrand, os magnetizadores Petetin e Lafontaine, e sobretudo o Doutor Frapart, reuniram numerosos exemplos a respeito, variados e probantes, pelo que é impossível pôr em dúvida as faculdades metapsíquicas estupefacientes de Alexis Didier.

Robert Houdin, que foi certamente um dos mais hábeis prestidigitadores de todos os tempos, verificou e comprovou, em diversas outras reuniões, a clarividência de Alexis (1). Afirma que durante o tempo em que jogava cartas com Alexis, este adivinhava as que ele, Robert Houdin, tinha em mãos e até as que ia tirar de um maço de cartas novas.

(1) - *Confidentes d'un prestidigitateur, une vie d'artiste*, Paris. libr. nouvelle. 1859, 2 vol. in-8°. Se não se puder recorrer aos jornais do tempo, poder-se-á ler com proveito o trabalho que Camille Flammarion acaba de publicar: *La morte et son mystère*, Paris, E. Flammarion. 1920, I, 12°. 209-233

Alphonse Karr e Victor Hugo obtiveram também com Alexis (adormecido por Marillat) provas decisivas de criptestesia. Os testemunhos de Alphonse Karr e Victor Hugo seriam, evidentemente, insuficientes, se não se tratasse de uma partida de cartas que jogaram com Alexis, que estava com os olhos vendados. Em matéria de jogo de cartas, os prestidigitadores fazem o que bem entendem. Mas há coisa melhor. Alexis disse a Alphonse Karr que este havia posto um ramo de azálea branca numa garrafa vazia (o que era verdade). Victor Hugo fizera em casa um pacote amarrado com barbante, no qual escrevera a palavra política: foi lida por Alexis. Alexandre Dumas narrou também uma sessão memorável, porém o seu testemunho é menos preciso.

Alexis (2) que o Senhor Vinant acabara de consultar, lhe disse que a consulta se prendia a qualquer coisa que havia

perdido: quatro bilhetes de mil francos, o que era exato. E acrescenta: "Não apresente queixa à polícia, porque não roubaram os seus bilhetes; o Senhor os achará na sua secretária, pois que caíram atrás de uma gaveta daquele móvel". Com efeito, chegando em casa, o Senhor Vinant encontrou os bilhetes no lugar que lhe fora indicado por Alexis.

(2) - Citado por Delaage, *Le sommeil magnétique*, segundo Bozzano, *Dei fenomeni dielestesia. Luce e ombra*. 1920, XX, 124.

Não compreendo de maneira alguma como Hyslop se recusou a admitir a criptestesia de Alexis, se admitiu o fenômeno criptestésico, tão perfeito e tão completo, na casa da Senhora Piper (1).

(1) - *Enigms of psychical Research*, Boston. 1906, 274.

O Senhor Osty (2) apresentou numerosos documentos acerca das condições de hipnose e lucidez na casa da Senhora M... Demais a mais acaba de publicar uma obra pormenorizada (a que me reporto) em que os interessantes casos de lucidez produzidos pela Senhora M... são apontados. Alguns são notáveis. A obra antiga, que representa um esforço perseverante, não é senão o prefácio de *La connaissance supra-normale*, Paris, 8.º-, Alcan, 1923, recentemente publicado. Esse belo livro, rico em pormenores e em engenhosas considerações, deve ser consultado atentamente. Não quero dar dele aqui um resumo; porém exorto a todo psicólogo a meditá-lo, porque as provas de conhecimento supranormal, isto é, de criptestesia, são muito abundantes.

(2) - *Lucidité et intuition, Étude expérimentale*, Paris, Alcan. s. d.

O Doutor Sousa Costa, de Lisboa, numa sessão a que o Doutor O..., também de Lisboa, assistia, pediu a um médium, em estado de transe, que fosse visitar a casa do

Doutor. O médium respondeu que via lá duas senhoras, uma das quais era jovem e lia o livro: *Le Diable à la cour*. Descreveu o aposento, a sala de jantar, com dois vasos, de um dos quais deu a forma, e um piano (3).

(3) - A. S. P., 1905. XV, 707.

O Senhor Melvil Roux, arquiteto, relata que teve ocasião de ver uma mulher dos seus sessenta anos, doméstica, ser magnetizada pelo Senhor Sales, numa livraria em Nimes. Três anos antes, o Senhor Roux, como arquiteto, tinha sido encarregado de proceder a umas reparações no ossuário do Colégio de Alais. A paciente do Senhor Sales descreveu exatamente o ossuário e não obstante o temor, olhou, e, antes de mais nada, falou: "Está tudo branco"(a brancura era proveniente da cal); depois disse que havia vestimentas sacerdotais. Leu até algumas palavras (1).

(1) - Flammarion, loc. cit., 329.

Dariex cita o caso de lucidez de uma mulher chamada Maria. A pessoa que a magnetizava dava, muitas vezes, mentalmente, ordens que eram executadas. Esconderam um dia, na biblioteca, um relógio. Ela vai lá, mexe nos livros, e, toda satisfeita, apanha o relógio. Era a ordem mental que lhe haviam dado. Outra vez, ainda de acordo com uma ordem mental, vai à procura de um copo e mete-lhe água dentro juntamente com algumas gotas de água-de-colônia.

Em 1850, logo que onze barcos de pesca partiram para Peterhead, a fim de darem caça a baleia, um indivíduo, magnetizado, anunciava que o primeiro barco a voltar seria o Hamilton Ross, bem assim como o seu sota-capitão, o Senhor Cardno, perderia, em consequência de um acidente, alguns dedos de uma das mãos. Tudo aconteceu exatamente (2).

(2) - A. S. P., 1891, I, 270.

Um dos meus parentes, distinto magistrado, me contou que na sua mocidade, sendo ainda estudante de Direito, ouvira de uma velha ama de um dos seus amigos, posta em estado sonambúlico, a comunicação de que o irmão do amigo, talentoso oficial, então em Sebastopol, estava gravemente ferido no braço direito. A notícia era verdadeira (3).

(3) - A. S. P., 1893, III, 145.

A esposa do major de artilharia de Colaba, distante duas milhas de Bombaim, magnetizara uma indiana, Rute, mestiça, que via num copo de água e lhe dava muitas provas de lucidez. Antes de um grande torneio de pólo, descreveu ela um dos oficiais que devia tomar parte no jogo, a quem chamou capitão X..., anunciando que ele seria mordido na perna por um cavalo, o que na realidade aconteceu. Outra vez, perante um juiz de vizinha comarca, descreveu o quarto deste, a burra que lá se achava e indicou os papéis que tinham sido roubados por um indivíduo cujos traços descrevera e foram reconhecidos pelo juiz, que demonstrou a sua culpabilidade.

O Doutor Ferroul, juiz ordinário de Narbonne e deputado em Aude, fez algumas experiências notáveis de lucidez com uma moça chamada Ana B..., a quem pusera em estado de sonambulismo. Um fato jocoso foi registrado por ele. Sendo diretor do *Republique Sociale*, jornal socialista de Narbonne, e tendo que dividir certo numerário com o prefeito de Aude, pôde obter por intermédio de A..., hipnotizada, informações confidenciais, que publicou no jornal. Em seguida a essa publicação, o prefeito, julgando que a revelação fosse devida à indiscrição de dois agentes do serviço secreto, prendeu-os. Ficou depois provado que eram inocentes. Foi unicamente

pela lucidez de Ana que o Senhor Ferroul teve conhecimento dos fatos que divulgara no seu jornal.

Foram feitas ainda outras experiências interessantes com a mesma Ana, as quais, à primeira vista, parecia estabelecerem claramente a visão através de papéis opacos. Fechou-se um sobrescrito com as seguintes palavras: "O vosso partido desaparecerá certamente pela escravidão". Esse papel estava num envelope exterior, verde, opaco, que fechava outro envelope de papel inglês e estava coberto com duas folhas de papel quadriculado. As linhas foram lidas por Ana. Grasset, o eminente professor da Faculdade de Medicina de Montpellier, deu em seguida a Ferroul outro envelope, o qual continha dois versos que em um minuto foram lidos por Ana (1).

(1) - A. S. P., 1896, VI, 145.

Houve, entretanto, depois dessa experiência, que pareceu decisiva a Grasset, outra, que foi negativa. Nomeou-se uma comissão e o êxito foi nenhum. Sabe-se porém que, por razões diversas, as comissões científicas não podem, senão raramente, chegar a conclusões formais. Não obstante, grave dúvida persiste nas experiências do Doutor Ferroul com Ana B...

Os corpos, sem que a visão seja interceptada, podem ser mais opacos ainda. Abelous, meu sábio amigo, Professor de fisiologia na Faculdade de Montpellier, colocou numa caixa espessa de madeira, ao lado de placas fotográficas, não impressionadas, um envelope branco, fechado com lacre vermelho. A cera, sob a pressão do lacre, se derreteria, formando ao derredor rebarbas vermelhas. Um moço, sensitivo, hipnotizado pelo Doutor Marquès, viu alguma coisa de redondo e vermelho que parecia desprender raios.

Abelous havia posto, numa caixa, um escrínio contendo a medalha do Professor Grasset. O vidente disse que aquilo era "uma medalha que representava a fisionomia de um homem com cabelos emaranhados e barba". Era a descrição, muito característica, do retrato do Professor Grasset. Não é provável que se tratasse de uma hiperacuidade natural. Parece-nos que estamos frente a frente de uma nova faculdade, ainda desconhecidas (1).

(1) - *Sur une observation de vision extra-sensorielle. Mélanges biologiques pour le jubilé de Ch. Richet. Paris, Alcan. 1913, 1-5.*

O Rev. Lefroy, que de maneira alguma cria na lucidez, procedeu em Zermatt a uma experiência com a Srta. X... Escreveu ele a palavra heautontimoroumenos na ponta de um papel, de maneira que a Srta. X... nada podia ver. Disse ela: "É uma palavra muito longa; há dois m e começa com um h". A vista disto, o Senhor Lefroy começou a escrever palavras mais simples como ink, a que ela respondeu certo e Toy, a que respondeu com Yot (2).

(2) - *Phantasms of the Living, II, 1885, 655.*

O Doutor Terrien, presidente da Sociedade de Medicina de Nantes, foi visitar uma doente em Chauché, distante 8 quilômetros da vila onde morava. Aí, outros doentes necessitaram dos seus serviços, entre os quais um menino que havia caído de uma escada e se ferira nos joelhos. Tudo isto fora dito por uma menina de quatorze anos que trabalhava em costuras com a Senhora Terrien e tinha momentos de sonambulismos (3).

(3) - *Essas d'interprétation d'un cas curieux de vision et d'audition à grande distante chez une hystérique de quatorze ans, durant l'état de somnambulisme, (A. S. P., julho de 1914. XXIV. 198-203).*

O Senhor Adamson, que ocupa uma posição de destaque na administração da Austrália do Sul (4) perdeu um porta-lápis a que dava grande valor. Consultou então uma jovem,

considerada clarividente, que lhe comunicou ter sido o objeto achado numa estrada e guardado numa caixa; descreveu a casa e a pessoa que o achara. Esse porta-lápis, na verdade, foi reavido na manhã seguinte e verificou-se a exatidão de todos os pormenores, como o estilo da casa, a maneira como se descobriu o porta-lápis e a sua colocação na caixa.

(4) - A. S. P., 1891, I, 159.

O Doutor Osty estudou, com grandes minúcias, um caso admirável de criptestesia, um dos mais completos que se puderam até hoje verificar. Infelizmente, por circunstâncias diversas, não podemos dar maiores detalhes a respeito de pessoas e coisas, pelo que nos contentaremos em usar de pseudônimos, mudar as datas e dar outros nomes aos lugares.

Em 23 de setembro de 1919, o Senhor Nicolas Cordier, conselheiro municipal, celibatário, possuidor de grande fortuna, dado às pesquisas botânicas, partiu para uma excursão de estudos nas montanhas do Vosges; mas, vindo à noite, não voltou para casa. Sua mãe e os parentes que residiam com ele ficaram inquietos; toda a noite de 23 para 24 procuraram obter detalhes sobre a excursão. No dia seguinte cedo, não o tornaram a ver. Soube-se, apenas, que às 3 horas dois caminhantes o tinham visto na montanha, numa região acidentada e relativamente perigosa. Então fazem buscas mais ativas; não somente a polícia, mas também os soldados do regimento vizinho exploram os barrancos e os pequenos vales abruptos: não encontraram nenhum indício. Os jornais da localidade, e mesmo os jornais de Paris, mencionam o desaparecimento do Senhor Cordier. Sua família promete uma recompensa de 5.000 francos àquele que descobrisse seu corpo e as buscas,

assíduas, persistentes, continuam do dia 23 de setembro até 7 de outubro.

No dia 7 de outubro, em desespero de causa, o irmão do Senhor Cordier dirige uma carta ao Doutor Osty, suplicando-lhe experimentar a clarividência de algum sonâmbulo. O Senhor Osty, avisado por um telegrama, apenas está a par das condições sob as quais o Senhor Cordier desapareceu. Envia-lhe as vestes habituais de Cordier; ele apenas toma uma liga e, sem nenhum outro objeto, sem dar a mínima indicação sobre Cordier e seu desaparecimento, põe a liga entre as mãos da Sra M..., adormecida. Esta imediatamente diz tratar-se de alguém que descreve com bastante exatidão, que esteve na montanha, que tinha molhos de ervas na mão e que foi precipitado em um barranco, que também descreve, mencionando um lago e fornecendo mais algumas indicações.

No dia 8 de outubro, novas indicações mais precisas e, enfim, no dia 9 de outubro, graças aos esclarecimentos dados pela Senhora M... ao Dr Osty, e transmitidos por este ao irmão do Senhor Cordier, encontram o cadáver despedaçado do Senhor Nicolas Cordier.

Outros detalhes, muito exatos, foram dados, que não posso indicar aqui. Basta-me constatar ser "absolutamente impossível" que a Senhora M... tenha podido, pelas vias normais do conhecimento, saber: 1.º - que se tratava do Senhor Cordier; 2.º - que havia estado na montanha; 3.º - em que lugar preciso havia caído.

A recompensa de 5.000 francos não foi atribuída à pessoa alguma, pois que foi a família, guiada pelas indicações do Senhor Osty, quem fez a busca e a descoberta

do corpo. Não sei se a Senhora M... que tinha, no entanto, algum direito, recebeu a recompensa.

O Senhor Suhr cita o caso de Baile (1) magnetizado por Hansen, um advogado de Copenhague. O Senhor Baile, hipnotizado, faz uma viagem (imaginária) para ir procurar a mãe do Senhor Suhr em Roeskilde. Baile a vê ligeiramente doente, acamada, na Rua Skromagerstrade. O Senhor Suhr acredita num duplo erro, mas ficou provado que a mãe contrariamente a toda previsão, estava de fato doente na Rua Skromagerstrade. O Senhor Baile nunca estivera em Roeskilde. Dois outros casos de clarividência foram positivados com o Senhor Baile.

(1) - Citado por H. SIDGWICK (P. S. P. R., VII, 1892, 366).

Eis um belo caso de criptestesia sonambúlica que me foi enviado pela Senhora D..., uma mulher de grande elevação moral e de grande inteligência.

A Senhora D... veio, pela primeira vez em sua vida, em companhia de sua filha, a Senhora R..., consultar uma sonâmbula (cujo nome não pôde saber), a propósito de um roubo de que acabara de ser vítima. A sonâmbula lhe diz: "É o nome de um morto que serviu para penetrar em sua casa, e que morto! Um verdadeiro herói, extraordinariamente corajoso, e que fez mais do que seu dever. Sacrificou-se por um outro". Tudo isto estava absolutamente exato, ultrapassando de muito o acaso, ou a sagacidade. O filho da Senhora D... havia sido mortalmente ferido no bosque de La Caillette, indo, sob pavoroso bombardeio, em socorro de um de seus homens que se achava ferido. Em 1919, no dia do aniversário dessa morte gloriosa, um indivíduo introduziu-se em casa da Senhora D..., dizendo-se amigo de Marcel D..., o

filho, e que, enquanto esperava a senhora, furtou um quadro, um Corot, pelo qual a Senhora D... tinha grande estimação.

A lucidez da sonâmbula foi mais longe ainda, até a premonição. Disse que o quadro era uma paisagem, que o ladrão havia dado seu nome, e que o quadro seria devolvido à Senhora D...: "pois foi o morto quem quis". Com efeito, o que é bem singular, o ladrão havia dado seu verdadeiro nome, e no dia seguinte mandava devolver em casa da Senhora D... o quadro roubado.

No "grande hipnotismo" espontâneo de Charcot (que é a manifestação de um ataque histérico) houve às vezes acessos de lucidez e de criptestesia. Os acasos de "vidência" relatados nas vidas dos santos referem-se, na maioria das vezes, a períodos de crise ou de êxtase, qualquer que seja a forma tomada pela crise (catalepsia, letargia, convulsões). Os demoníacos que falavam línguas desconhecidas (?) nos fornecem cabedal para numerosas citações. Mas havia tanta credulidade e cegueira por parte dos juízes, que não se pode jamais estabelecer cientificamente.

Eis, com relação a isto, uma observação mais moderna devida ao Doutor Fanton (1). Em Marselha, este recebe do Senhor X..., residente em Gênova, uma carta na qual o Senhor X... lhe anuncia a sua volta. Ao mesmo tempo, o Senhor Fanton é chamado para perto da Senhora X..., residente em Marselha e presa de um violento ataque histérico-cataléptico. Desde o momento da entrada do Senhor Fanton, a Senhora X... lhe diz: "Comeis omeleta e mandais dizer que não estais em casa!" o que era exato. A Senhora X... ajunta: "Meu marido vos enviou um telegrama e vos disse que chega, mas não chegará, porque dorme no trem".

(1) - A. S. P., dezembro de 1910.

No entanto, a Senhora X... não podia saber de nada, nem da omeleta, nem do telegrama do marido, nem sobretudo do fato singular, que se verificou (premonição, de que o Senhor X... dormiria no trem (em Culoz).

Relatei uma experiência de lucidez admirável obtida por mim há muito tempo. Impressionou-me grandemente. E, durante quase trinta anos, não obtive nada que se lhe assemelhasse. Quando jovem estudante no Hôtel-Dieu, magnetizei uma mocinha convalescente, mas que ainda estava no hospital. Um dia levo comigo um dos meus companheiros, estudante americano, "que não tinha ainda vindo ao Hôtel-Dieu", eu digo a T..., adormecida: "Conhece o nome do meu amigo?" Ela se põe a rir. Então eu lhe digo: "Olhe... qual é a primeira letra de seu nome?" - "Há cinco letras", diz ela, "a primeira é H, depois E, não veja a terceira, a quarta é R, e a quinta N". - Meu companheiro chamava-se Hearn (1).

(1) - *Phant. of the Living*, II, 1866. 665.

Fiz com vários hipnotizados, em particular com Alice, experiências de viagem, como faziam os antigos magnetizadores com os seus pacientes e muitas vezes o sucesso foi espantoso.

Alice vai visitar a casa do Senhor C..., em Mans, casa que não conheço, mas conheço muito bem o Senhor P. Renouard, presente à sessão. Ela vê um jardim cercado de muros e um balanço (detalhe exato, mas que P. Renouard ignorava, pois o balanço havia sido colocado depois que ele havia estado em Mans). Ela vê um pêndulo de colunas, que descreve tão exatamente, que eu posso fazer o desenho. Segundo esse desenho (veja mais adiante figs. 2 e 3, pg.

181), P. Renouard desenha o pêndulo que realmente se encontra no salão do Senhor C...

Um outro dia, Alice descreve a casa do Doutor P. Rondeau (que se encontra presente). "Sobre a chaminé, tapeçarias, um quadrante, uma personagem apoiada num madeiro, que olha o quadrante, vendo-se o ombro. Um grande quadro representando uma paisagem. Entre a cidade e o mar, alguma coisa de pontudo, como uma torre ou o teto de uma igreja..." Com efeito, na casa de campo do Senhor Rondeau, que Alice jamais podia ter visto, existe uma chaminé e uma estátua (Penélope) cujo ombro se acha em saliência e a cabeça está virada para o quadrante. O quadro é uma cópia de Canaletti representando Veneza. No primeiro plano, o canal e no segundo destaca-se a igreja San Giorgio Maggiore.



Fig. 2 – Pêndulo que eu desenho grosseiramente (após as indicações de Alice)

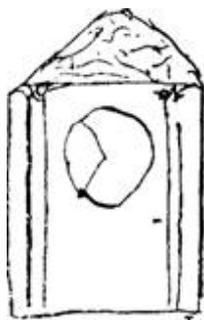


Fig. 3 - Pêndulo real da casa de M.C. desenhada por Ph. Renouard

Certos fatos referentes à lucidez me foram dados por Léonie B...(1) raramente, no entanto, se bem que haja experimentado bastante com ela.

(1) - LÉONIE B... é a pessoa com a qual o Doutor GIBERT, do Havre e PIERRE JANET, experimentaram provar que se pode provocar o sono a distância.

Um dia, Pierre Janet a fez realizar, quando estava no Havre, "uma viagem", no sentido que os antigos magnetizadores ligavam à palavra viagem. Ela vai (em um sonho hipnótico) a Paris - o Senhor Gibert tinha partido para Paris onde eu estava então - para ver a mim e ao Senhor Gibert. De repente, ela diz: "Está queimando". P. Janet experimenta acalmá-la. Ela volta a dormir e acorda de novo, dizendo: "Mas, Senhor Janet, asseguro-vos que está queimando".

Com efeito, às 6 horas da manhã, algumas horas antes, meu laboratório da Rua Vauquelin, no dia 15 de novembro, era destruído por um incêndio. Janet adormecera Léonie nesse mesmo dia, às 17 horas e, há essa hora, ninguém no Havre podia ter conhecimento dos incêndios (1).

(1) - A propósito desse Incêndio, houve dois estados premonitórios bem interessantes (premonitório ou apenas «monitório», pois a hora do sonho não está determinada). Nessa noite de 14 para 15 de novembro, meus dois amigos mais íntimos, H. FERRARI e J. HÉRICOURT, sonharam, independentemente um do outro, que ali havia grandes labaredas e fogo.

Léonie deu-me um dia um magnífico exemplo de lucidez, se bem que não se tratasse senão de uma lucidez

acidental antes que experimental, e os detalhes dados por ela referem-se a fatos menores. Uma noite, fazendo experiências com ela, no entanto, sem nenhum resultado, sobre as cartas e os números, falei-lhe de meu amigo J. P. Langlois, e perguntei-lhe: "O que aconteceu ao Senhor Langlois?" Então, muito depressa, ela me disse (pouco respeitosamente): "Queima a pata. Por que não presta atenção quando despeja?" - "Quando despeja o quê?" - "Um licor vermelho num vidrinho... Sua pele ficou imediatamente irritada". Ora, nada mais exato. Duas horas antes, preparando uma solução de hipobromite de sódio, J. P. Langlois, que era meu chefe de laboratório, despejara muito depressa o bromo (licor vermelho) que se espalhou sobre sua mão e antebraço. A queimadura instantânea provocou imediatamente formação de uma flictena, assaz grande. Ora Léonie não pudera ir ao laboratório e ninguém, vindo do laboratório, tinha estado em minha casa. Estava então só em Paris e não havia falado a quem quer que fosse a respeito desse pequeno incidente ocorrido duas horas antes.

O Doutor Backmann (de Kalmar, na Suécia) observou uma mocinha, Alma L..., empregada em sua casa, que lhe deu freqüentes exemplos de lucidez em sono hipnóticos (2). Em um caso muito interessante e que parece indicar mais do que a lucidez, Alma é solicitada a ir à casa do diretor geral da pilotagem, em Estocolmo, onde ela nunca estivera. Ela vê o diretor sentado diante da sua mesa de trabalho e descreve exatamente o quarto onde se encontrava. É-lhe dada então a ordem formal de pegar o molho de chaves que vê sobre a mesa, apertar as chaves e colocar a outra mão sobre o ombro do diretor para atrair sua atenção. Alma declara que o diretor-geral lhe estava dando atenção. O diretor, que não

tinha a mínima idéia de que estavam fazendo uma experiência com a sua pessoa, disse mais tarde que havia sentido qualquer coisa de singular no dia e hora em questão. Achava-se sentado, ocupado com um trabalho, quando, sem nenhum motivo razoável, seus olhos caíram sobre o molho de chaves, colocado ao seu lado sobre a mesa; no entanto, ele jamais tivera o hábito de colocá-lo ali. Entreviu então como que uma forma de mulher. Pensou que fosse a criada de quarto, não dando importância ao fato, que se repetiu, pelo que chamou por alguém e se levantou para ver o que se passava. Ora ninguém, nem sua empregada nem nenhuma outra mulher viera ao quarto. No entanto, não observou nenhum barulho, nenhum movimento vindo do molho de chaves.

(2) - A. S. O., 1892, II, 98.

Tendo sido detido por um assassínio um certo indivíduo, um dos pacientes do Doutor Backmann, Agda Olsen, descreveu com muita exatidão a casa onde o crime fora praticado, se bem que não tendo jamais visto o criminoso, disse que ele tinha uma cicatriz na mão direita. A autoridade policial de Kalmar, Senhor Ljung, que havia interrogado o assassino, a princípio não havia constatado a cicatriz e foi somente depois que o Doutor Backmann lhe disse ter verificado que, com efeito, o criminoso, devido a um antigo abcesso, tinha uma cicatriz na mão direita.

Alma, tendo dado provas notáveis de lucidez, resolvi, com Fr. e A. Myers, ir a Kalmar, para fazer algumas experiências com ela. Eis o caso interessante de lucidez que me apresentou, tal qual foi narrado por Fr. Myers, cuja sagacidade e perspicácia eram notáveis (1).

(1) - Fr. MYERS, *Notes sur une visite a Kalmar*, A. S. P., 1893, II, 160.

"O Senhor Richet entregou-me uma carta que acabava de receber e que eu não conhecia ainda; saí da sala onde Alma, hipnotizada, estava sendo interrogada pelo Doutor Backmann. Alma disse: "O autor desta carta exprime um desejo. É questão de alguma coisa de metal; um objeto de metal que se pode abrir e fechar. É uma questão de tempo e oportunidade. É alguma coisa científica que será determinada". Ora essa carta era de V. Tatin com quem fazia experiências na ocasião (abril de 1891) sobre aeroplanos. Estava escrito nela: "Experimentamos a pequena máquina; virava sempre do mesmo lado. Tivemos tempo satisfatório. O funcionamento das lâminas esteve perfeito".

É preciso que se diga que eu nunca havia falado com o Senhor Backmann sobre meus ensaios de aviação (1891) mantido por mim em absoluto segredo.

Evidentemente, a resposta de Alma não é senão um resultado incompleto: portanto, é difícil que não se veja senão uma simples coincidência. Porém Alma, sem dúvida, devido à nossa presença, estava então num estado de grande emoção. Quando se achava só com o Doutor Backmann, às vezes era mais lúcida. Leu uma vez a primeira letra H de uma palavra escrita pelo Doutor Kielmann, que se encontrava na sala vizinha; outra vez, a palavra escrita era "Land" (país), ela disse: "a primeira letra M, a segunda A, a terceira R ou N e a palavra sugere a idéia de primavera". Não é muito demonstrativo, mas, ver-ser-á logo, estudando as extraordinárias criptestesias da Senhora Piper, que a lucidez pode ir muito mais longe.

As provas de lucidez dadas pela reprodução ou descrição de desenhos fechados em envelopes opacos, são de grande interesse: inúmeras vezes conduziram a resultados notáveis.

Mas aí, mais do que por todas as outras provas de lucidez talvez, é preciso ter cuidado contra duas causas de erros possíveis:

A. - Uma assistência inconsciente dada ao paciente lúcido.

B. - A possibilidade de uma coincidência fortuita.

A. - É preciso abster-se, quando se conhece o desenho fechado, de qualquer sinal de aprovação ou impaciência. É muito difícil. Com efeito, quando se vê o paciente durante uma hora, duas e, às vezes, mais ainda, tatear, perguntar, hesitar aflitivamente, fica-se tentado a ter pena, e ingenuamente ajudá-lo "para que a experiência dê resultado". É no entanto necessário ficar absolutamente impassível. Não se chega, senão com muito sacrifício, ao mutismo absoluto, á imobilidade absoluta, pois fica se tentado a reforçar os bons resultados e corrigir os maus. Costuma-se calarem um silêncio reprovador quando o paciente se acha em má via e encorajá-lo a continuar quando se encontra em bom caminho. Falo por experiência. Não é sem longos estudos que se pode chegar, imperfeitamente talvez, a esta impassibilidade glacial. E supondo que as pessoas menos experimentadas do que eu não poderiam todas elas conservar sempre a mesma atitude silenciosa e imparcial.

Assim, o melhor meio para obter, nessas provas de lucidez, experiências irrepreensíveis, é de meu parecer ignorar completamente qual seja o desenho fechado no envelope. É verdade que se exclui assim a transmissão mental e que não resta mais nenhuma explicação de sucesso senão a criptestesia não-telepática. Mas assim como disse, a transmissão mental não é senão um caso particular de lucidez, e estarei disposto a acreditar que, se julga realizá-la

melhor com a transmissão mental do que com a lucidez sem transmissão mental, é muitas vezes porque, conhecendo a resposta que se deseja obter, opera-se com menos rigor.

B. - A hipótese do acaso e da coincidência fortuita, apesar da perfeita similitude entre o desenho fechado e o desenho reproduzido, não é desprezada.

Eis nesse sentido urra constatação instrutiva. Fiz adivinhar aos diversos pacientes sobre quem eu tentava experiências de lucidez, aproximadamente, 180 desenhos (1).

(1) - Não dou aqui o detalhe dessas experiências e contento-me em resumir o relato que apareceu na P. S. P. R., 1888, XII, 18-169. *Relation de diverses expériences sur la transmission mentale, la lucidité, et autres phénomènes non explicables par les données scientifiques actuelles.*

Sobre esses 180 desenhos, tive inúmeros revezes; mas, sonhando tudo, 20 resultados, dos quais, alguns absolutamente notáveis.

Então, por uma série de combinações, no sentido da matemática, associei esses desenhos uns aos outros, e assim, cheguei a realizar 5.408 experiências, nas quais, pela associação de dois desenhos quaisquer, o acaso seria difícil. O número de sucessos foi de 192, e sobre esses 192, houve 10 que foram inteiramente notáveis como identidade. Por conseguinte, o acaso deu-me (para 100 provas), 3,5 sucessos e a lucidez 12. A diferença é notável, porém menor do que se pode supor "a priori".

Observamos, no entanto, que nessas experiências é quase impossível aplicar rigorosamente o cálculo das probabilidades, pois para julgar se um desenho é mais ou menos reproduzido, a apreciação de um fracasso ou de um sucesso é eminentemente arbitrária, ao passo que a probabilidade é facilmente calculada se, em vez de se

tomarem desenhos, tomarem-se cartas de jogar ou então números.

Entretanto, logo mais poderão julgar a que ponto é difícil admitir o acaso para alguns dos sucessos.

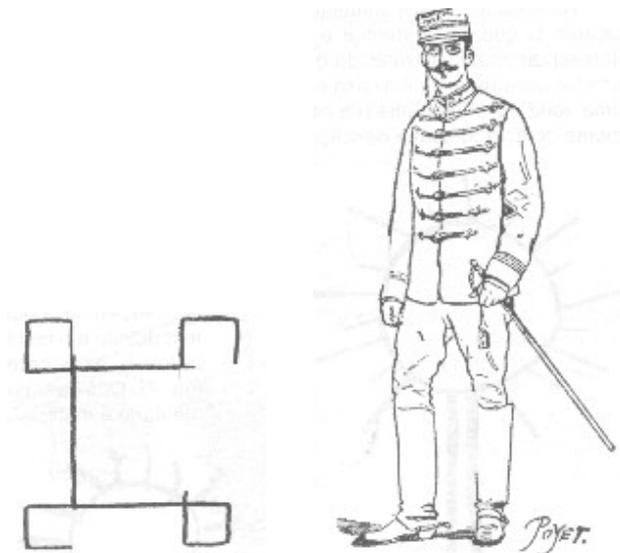
Não posso, bem entendido, citar todas as minhas experiências relativas aos desenhos, nem reproduzir todos os desenhos, o que seria, no entanto, quase necessário.

Alice, que não é médium profissional e nunca fora adormecida por mim, deu-me belos casos de lucidez.

Um dia, J.Héricourt, em sua casa, fez na minha frente, para o submeter a Alice, um desenho, escolhendo um quadro para estampas que tinha a seguinte forma: (fig. 4, pg. 187).

Alice respondeu: "É um medalhão, um oval no quadro, uma cabeça de homem. Tem cordões transversais na frente, subindo, e isso fecha. Tem seis ou sete cordões transversais. Não está com a cabeça descoberta, mas com um quépi. Esse quépi tem três galões. Nas mangas quatro galões, que estão em baixo da manga, circulares. É a imagem de alguém que é magro, e talvez esteja sentado. dizer quem "é". (fig. 5).

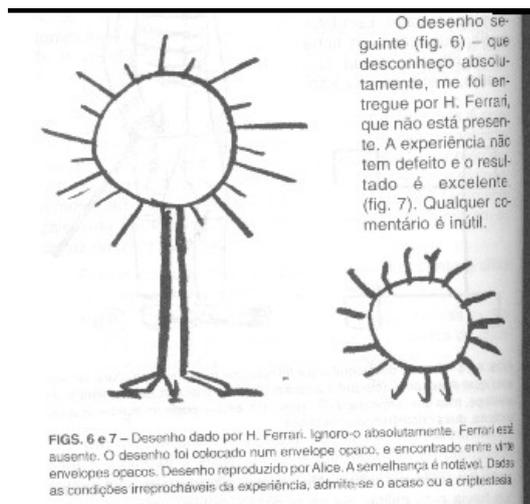
A experiência é admirável, pois a semelhança é absoluta entre a descrição e a fotografia, "cujo quadro apenas havia sido desenhado", e entregue a Alice, em envelope lacrado. Esta fotografia, que Héricourt tinha sob os olhos ao desenhar o quadro, é sua própria fotografia em uniforme militar. Alice nunca o vira assim e não sabia que havia sido militar. Se pudesse deduzir uma conclusão, dir-se-ia que houve telepatia e não lucidez. Alice viu o velho pensamento de Héricourt, mas de jeito algum o desenho que estava dentro do envelope.



Figs. 4 e 5 - Quando de fotografia que foi colocado num envelope opaco lacrado e no qual Alice viu a fotografia seguinte (fig.5), que não estava dentro do envelope, mas que, em casa do Senhor Héricourt, estava posta no quadro. Houve, portanto, duas criptesthesias sucessivas

Em uma outra experiência feita com Alice, estava presente meu eminente amigo Th. Ribot, diretor da Revue Philosophique. Ribot havia trazido uma fotografia num envelope opaco. Eu disse a Alice que se tratava da fotografia de uma cidade.

Alice disse: "Não é somente uma rua; é o conjunto de uma cidade. O que se vê melhor é uma grande casa. Desejaram apresentar esta casa mais do que o resto. Ela domina tudo. É preciso subir para ir até a casa e passar pela esquerda, fazendo uma volta". E a fotografia (da cidade de Toledo) estava inteiramente de acordo com a descrição dada por Alice.



FIGS. 6 e 7 - Desenho dado por H. Ferrari. Ignoro-o absolutamente. Ferrari está ausente. O desenho foi colocado num envelope opaco, e encontrado entre vinte envelopes opacos. Desenho reproduzido por Alice. A semelhança é notável. Dadas as condições irreprocháveis da experiência, admite-se o acaso ou a criptestesia.

O Senhor Hanriot entregou-me um desenho a traço ligeiro, o papel triplo dentro de um envelope fechado. Ignoro absolutamente a sua natureza. Alice faz uma descrição confusa, porém muito nítida, que desperta em mim a idéia de uma serpente. Alice havia dito: "Rodas entrelaçadas como pequenos anéis ao longo da haste, como uma âncora". Então pensei na marca de livraria das edições A. A. Renouard, meu bisavô, e a desenho.

O desenho de Hanriot era uma serpente.

No dia 24 de janeiro de 1888, dei a Alice três desenhos que eu desconhecia:

- A. - Uma espada: ela desenha dois floretes, juntos.
- B. - Um tambor: ela diz um chapéu.
- C. - Um chapéu: ela não diz nada.

Eugénie, sonâmbula profissional, que muitas vezes deu bons exemplos de lucidez, disse: "É uma cabeça de cavalo, uma cabecinha de carneiro ou de boi".

Ora, o desenho original representava uma silhueta de gazela (1).

(1) - Experiments in Thought transference, P. S. P. R., 1888, XII, 169-216.



FIG. 8 - Desenho (um cacho de uvas) posto num envelope opaco, e do qual ignoro o conteúdo. Desenho feito por Alice. Sucessivamente ela fez cinco desenhos (que não dou aqui, brevi tatis causa) aproximando-se, mais e mais, do resultado final.

Mas, não posso insistir ainda mais, pois seria preciso entrar em muitos detalhes, fora de proporção com os outros fenômenos metapsíquicos.



Essas experiências feitas com Eugénie e Alice sobre desenhos têm um interesse muito especial, pois não pode ser questão de telepatia, nem de transmissão mental: é a criptestesia. Supondo-se que os raios luminosos podem filtrar-se através dos corpos opacos, esta prodigiosa hiperestesia da retina seria evidentemente uma modalidade da criptestesia.

Não citarei senão seis exemplos:

Desenhos Fechados em envelopes	Designação
1º Uma mesa	1º Um oval com um porrete (Eugénie)
2º Uma âncora	2º Uma espada em cruz
3º Uma garrafa	3º Um passaro com uma cabeça e um pescoço
4º Um Valete de copas	4º Uma cruz de Malta
5º Uma espada	5º Dois floretes
6º Um chapéu e um tambor	6º Um Chapéu

Schmoll e Mabire fizeram 121 experiências de desenhos, talvez em condições menos rigorosas, pois que o paciente que adivinhava estava rodeado de diversas pessoas que sabiam, todas elas, qual era a natureza do desenho a ser reproduzido pela visão mental. Ainda mais, esse desenho não estava fechado em envelope hermeticamente opaco: mas o papel estava aberto, o paciente estava de costas e os olhos vendados.

Os resultados foram às vezes excelentes. Sobre 121 experiências, houve 6 sucessos notáveis, o que vai além do limite do acaso sem que, no entanto, o excesso seja bem considerável.

B – CONCLUSÕES

Estudando de perto esses exemplos de criptestesia (que eu poderia tornar muito mais numerosos), sem dúvida se encontrarão alguns julgados pouco demonstrativos. Há os que podem ser devidos ao acaso: há outros cuja explicação é uma demonstração defeituosa. Mas há tantos que foram tão bem observados e com tanta exatidão escrupulosa, que é impossível a dúvida.

Em conjunto, é inadmissível que esse erro imenso e repetido se prolongue depois de quase um século, propalado por ilustres sábios de todos os países, aceito pelos incrédulos, sujeito a controles múltiplos. O acaso não tem nas experiências um papel muito considerável para que probabilidades de 1/1000 de 1/10.000 intervenham sem cessar. Longe disso. Nós nos estribamos em probabilidades bem mais fortes. O resultado que tem 1/1000 de probabilidade não se produz.

Não se pensou suficientemente nisto: é que, na vida quotidiana, os acontecimentos improváveis não aparecem senão raramente. Evoluímos no encadeamento de pequenos acontecimentos muito prováveis. As visitas que recebo, as cartas que me chegam, as pessoas que encontro, as novidades que me dão, raramente são inverossímeis. O provável e o verossímil conduzem nossa vida. É uma banalidade e ingenuidade dizê-lo; no entanto, é preciso que se diga.

Daí, com efeito, uma conseqüência que se impõe: é que "nós não prevemos o inverossímil". Portanto, quando, por

meio de alguma criptestesia monitora ou premonitória, o inverossímil é anunciado e previsto, é por que há uma razão de ser para esta indicação. E esta razão de ser é o aviso dado ao nosso inconsciente por alguma vibração desconhecida.

Para se tomar, entre centenas de monições, um exemplo concreto, o Senhor Fraser Harris vê pelo pensamento sua mulher conversando com um mendigo que segura uma vassoura. Eis um fato bem pouco provável, no qual o Senhor Harris não teria certamente pensado; se alguma coisa não tivesse provocado em seu cérebro essa imagem.

É absurdo dizer-se: é o acaso. É mais ou menos como se houvesse estendido no caminho uma corda. Se um ciclista vem cair nesse ponto, não se dirá nunca: foi o acaso que o fez cair. Conclui-se com razão que, se ele caiu, foi por causa da corda. Não há efeito sem causa. Anunciar um fato inverossímil e ver realizado esse fato inverossímil, isto só pode ser devido à criptestesia, pois, no curso de nossa existência - salvo exceção, bem estendido - não prevemos o inverossímil e este não se produz.

Se faço uma experiência sobre um peso atômico da prata e encontro 108,4, não vou atribuir o resultado ao acaso. Se interrogo Stella e lhe pergunto o nome do filho de N... e ela me responde Jean, porque irei dizer: "É o acaso" o que não teria dito por ter encontrado 108,4 no peso atômico da prata?

Certamente, seria preferível, em vez de operar com desenhos, viagens, pronomes, quaisquer acontecimentos, experimentar unicamente com cartas e números, pois as indicações das cartas e dos números comportam cálculos matemáticos rigorosos; mas é preciso saber que os sonâmbulos se prestam mal a essa espécie de experiências.

Osty diz com razão que é pedir à lucidez o que ela não nos pode dar.

Quando experimento fazer adivinhar as cartas ou números a Léonie, não tenho senão fracassos desastrosos (talvez porque sua vontade intervenha, que disfarça os ensinamentos de seu senso criptestésico), enquanto, trata-se de um incêndio em meu laboratório, ou da queimadura de meu amigo Langlois, ela diz a realidade com muita exatidão (sem que, no entanto, eu lhe haja feito o pedido) com uma precisão tal que a probabilidade (ainda que ela não possa ser expressa por um número determinado) é muito fraca.

Os fatos de lucidez nos sonâmbulos apresentam-se na maioria das vezes com a mesma imprevisão como com a queda dos aerólitos. Não se pode - salvo raras circunstâncias - contar com sucesso quando se faz uma experiência, muito mais não se pode gozar com antecedência, com hora marcada, em um determinado lugar, a chegada de uma bólida.

Coisas verdadeiras, inacessíveis aos nossos sentidos normais, são indicadas, mas muitas vezes - o que é desagradável - não são respostas precisas dadas a perguntas precisas. Os sonâmbulos (e também os médiuns) não respondem exatamente às perguntas que lhes são feitas e, mesmo dizendo coisas verdadeiras que seus sentidos normais não puderam fazê-los conhecer, dizem coisas "à margem".

Confesso, é triste, que com pacientes hipnotizados, cuja sensibilidade moral é muito aguda, não se pode agir como se faria com uma máquina de calcular. Mas "uma viagem" interessa-os muito mais do que a indicação de um oito de paus. Interessar-se-ão muito mais por uma casa que está pegando fogo ou por um navio que chega do que contar os

pontos pretos que há sobre uma carta. Reconheço que isto é uma tristeza, mas é preciso aceitar as condições das experiências.

Essas experiências são decisivas. Elas sozinhas bastariam para estabelecer solidamente a faculdade superior e misteriosa de conhecimento que denomino criptestesia. Ver-se-á que as experiências feitas com os médiuns a confirmam com mais força ainda.

§ 4 - Criptestesia Espirítica

A - EXPOSIÇÃO DE FATOS

Denominamos criptestesia "espirítica" a criptestesia experimental que se manifesta nas experiências espíritas.

Precisemos o que se deve compreender por experiência espirítica.

O espiritismo é uma teoria segundo a qual os mortos não perderam a consciência. Sua alma continua a existir sob a forma de "espírito". Esses espíritos, almas dos mortos, podem entrar em comunicação com os vivos, graças aos médiuns.

Por definição, diremos que o estado espirítico é um estado psicológico tal que o indivíduo com quem se faz à experiência, e a quem chamam médium, conservando ou não a consciência clara de sua personalidade normal, faz coisas (palavra falada e escrita, movimentos ou ruídos na mesa e da prancheta) que não são desejadas por ele. "Pretende-se que

uma outra personalidade sem ser a sua aja sobre ele e o influencia".

Esta definição, bem entendido, não prejudica em nada a realidade objetiva dessa personalidade estranha. Examinaremos a questão mais tarde com todos os detalhes necessários. Neste capítulo não indicaremos senão os resultados sob o ponto de vista da criptestesia, sem cuidar de seu mecanismo.

Falando de outro modo, investigaremos se, com os médiuns, em experiências instituídas para esse efeito, há, por um processo qualquer, revelação ou indicação de fatos que sua inteligência humana normal não podia conhecer, isto é, criptestesia.

Que seja por raps (vibrações sonoras na mesa), por mensagens escritas automaticamente, por escrita direta, por vozes ouvidas, por palavras pronunciadas, pouco importa, contanto que o fato deste "conhecimento supranormal" seja devidamente constatado.

Ora o fato está estabelecido por provas tão abundantes, tão indiscutíveis, que se fica surpreso ao verificar que foi negado e contestado. É verdade que não é contestado e negado senão por pessoas que não o experimentaram, nem leram, nem estudaram, nem refletiram.

A criptestesia, tornada bastante provável pelas experiências sobre indivíduos normais, intensamente provável por experiências com os hipnotizados, torna-se de uma evidência brilhante quando se estuda sua modalidade nas experiências de espiritismo.

"Trouxe, diz Richard Hodgson, resumindo suas experiências com a Senhora Piper, pelo menos "cinquenta pessoas" que eu sabia estanha a ela e eu havia tomado as

precauções possíveis para impedi-la de obter informações sobre essas pessoas (1). A maioria falou-se de fatos que certamente não podiam ser conhecidos da Senhora Piper. Foram até empregados detetives durante alguns dias, para segurança."

(1) - Ao lado dos numerosos fatos, tão bem estudados, meu testemunho pessoal é sem interesse. No entanto, ser-me-á permitido dizer que na experiência que fiz com a Senhora PIPER (não a vi senão uma vez) ela me indicou, após inúmeros erros diferentes, o nome de um cãozinho, DICK, que eu possuía na minha infância, nome que ela não podia, absolutamente, conhecer pelas vias sensoriais normais.

Estudando os relatórios dessas inúmeras sessões, vê-se que mais de duzentos nomes diferentes foram mencionados corretamente. Por conseguinte, é-me impossível mencioná-los aqui, num resumo que seja. A não ser que admitamos, num incrível absurdo, a má-fé ou a imbecilidade tanto do Senhor Hodgson quanto do Senhor Hyslop, é forçoso reconhecer, como duzentas vezes demonstrada, a criptestesia na Senhora Piper.

É preciso um volume para resumir todos os relatos de criptestesia que R. Hodgson nos transmitiu. Após ter lido os relatórios detalhados de suas experiências, é verdadeiramente impossível por em dúvida a criptestesia. E, no entanto, é claro que, se em geral esta criptestesia é telepática (o que se explica por que, quando se faz uma pergunta, se conhece a resposta que convém fazer) ela não o é em certos casos como por exemplo quando o Senhor Thaw traz à Senhora Piper cabelos dentro de um papel. Esta diz que é um sachet sagrado e era verdade. O Senhor Thaw enganara-se na entrega do objeto.

Se, dentre os médiuns poderosos sob o ponto de vista objetivo, os mais notáveis foram Florence Cook, Home e Eusapia, pode-se afirmar que sob o ponto de vista subjetivo,

para se manifestar uma criptestesia intensa, o mais poderoso foi certamente a Senhora Piper.

R. Hodgson, William James, James Hyslop, P. Bourget, Fr. Myers, a Senhora Verrall, Sir Oliver Lodge, tiveram com ela numerosas sessões e concluíram formalmente, indiscutivelmente, pela telepatia.

Eis o que disse Myers (2):

(2) - Citado por LODGE, loc. cit., tr. fr.. 153.

"Os fatos a mim pessoais e acessíveis - se bem não pense que o tenham sido - por documentos impressos, ou por fraudes e sindicâncias, não foram indicados em número maior do que os outros: mensagens me foram dadas como vindas de um amigo morto há muitos anos, com certas circunstâncias indicadas, das quais era impossível à Senhora Piper ter conhecimento. Conheço fatos enunciados, que foram suprimidos como muito íntimos. A relação de um ou dois desses fatos é mais concludente em favor de um conhecimento supranormal (1) do que a menção de dúzias de nomes de pessoas diferentes que, consultando-a, não tinham nenhum motivo para se calarem".

(1) - É a palavra que MYERS empregava para designar o que eu denominei "criptestesia".

"Todos os observadores estão de acordo em afirmar que muitos dos fatos enunciados não podiam ser conhecidos mesmo por um hábil detetive e que para os outros fatos fora necessário despende tempo e dinheiro de modo inverossímil".

"Estou absolutamente certo, diz William James, como o estou não importa qual fato pessoal, que a Senhora Piper conhece, durante o transe, coisas de que lhe é impossível ter conhecimento em estado de vigília."

"Introduzindo estranhos anônimos e eu mesmo interrogando-a de diferentes maneiras, diz Sir Oliver Lodge, assegurei-me de que muitas das informações que ela forneceu em estado de transe não são adquiridas por métodos banais ordinários. Ela pode então diagnosticar os doentes e designar os possuidores ou antigos possuidores de pequenos objetos, em condições que excluem o emprego das vias sensoriais normais".

Eis alguns exemplos dados por Sir Oliver Lodge:

O Professor Gonner foi trazido por Lodge sob um nome suposto. Então se falou de seu tio, William, morto de um ferimento na cabeça. De fato, o Professor Gonner havia tido um tio William, morto num motim eleitoral, há muito tempo, antes do nascimento do Senhor Gonner. Uma pedra atingira-o na cabeça. "O pai de minha mulher, diz Lodge, morreu quando ela estava apenas com quinze dias de uma morte dramática e emocionante. Phinuit fez a narração das circunstâncias dessa morte de uma maneira impressionante. Do mesmo modo, a causa da morte do padrasto de minha mulher (queda no fundo do porão de seu navio) foi exatamente precisa".

Um médico de Liverpool foi apresentado sob o nome do Doutor Jones. Sir Oliver Lodge e Lady Lodge pouco o conheciam. A Senhora Piper falou-lhe de uma de suas filhas, chamada Daisy, dizendo que ela era encantadora, mas doente (Daisy é surda e encantadora): "Junto dela está uma mulher que se chama Kate, que vós chamais Kitty". Kate é a ama das crianças do doutor.

Um estenógrafo compareceu a uma sessão para registrar o que diria a Senhora Piper. Phinuit o chamou à parte e lhe disse que ele tinha um primo chamado Charley: "Seis filhos

em vossa família (quatro rapazes e duas meninas); Minnie é vossa irmã; vós vos chamais Ed..." Todos esses detalhes estavam exatos.

Pela Senhora Piper, recordações extremamente antigas e que se verificam exatas, são mencionadas com relação aos pais e avós da pessoa que a interroga. Muitas vezes é necessário longas verificações para saber se são verdadeiramente autênticas. Um dos irmãos do pai de Lodge tinha um irmão gêmeo, do qual a Senhora Piper disse o nome, Jerry em vês de Jeremiah, assim como Robert, o irmão gêmeo. Disse mais que era cego (exato) e que na sua infância havia posto de lado uma pele de serpente, detalhe absolutamente autêntico de um fato que se passara havia setenta anos, fato que Oliver Lodge ignorava e era verdadeiro. Falou também de uma travessia a nado, de um braço de rio, que Jerry havia feito.

A Senhora Piper, em uma de suas primeiras sessões, sentou-se em uma grande poltrona. Phinuit, tocando essa poltrona, declara que fora dada pela tia Annie, que a tia Annie tinha um filho chamado Charley (todos os detalhes exatos). A tia Annie, falando por Phinuit, disse: "Estou triste porque Charley comeu o pássaro. Isto o deixou doente". De fato, exatamente nessa época, Charley, que estava no Canadá, tinha morrido indevidamente numa caçada, uma gaiivota, a havia comido e ficara doente algum dia depois.

As primeiras comunicações de Georges Pelham por intermédio da Senhora Piper são muito importantes, tanto pela criptestesia como pela possível identificação. Da-las-emos sumariamente (1).

(1) - Infelizmente não se pode recorrer aos documentos originais; encontrar-se-ão bem resumidos por DELANNE, loc. cit., 363.

Na presença de R. Hodgson, o Senhor Hart (um amigo de Georges Pelham) recebeu detalhes circunstanciados referindo-se a atos ou palavras de Georges Pelham. Georges Pelham, pela voz da Senhora Piper, disse-lhe que suas abotoaduras haviam pertencido a G. P... Ele deu os nome do Senhor e da Senhora Howard, amigos de G. P..., e de sua filha Kalérine, e ajuntou: "Diga-lhe, para que ela me reconheça, que eu quero resolver os problemas Kalérine". O Senhor Hart, não compreendendo essas palavras, foi procurar a família Howard (que a Senhora Piper não conhecia absolutamente) e lá soube que G. P..., a última vez que viu Kalérine, jovem de quinze anos, lhe falara de Deus, da Eternidade, do Tempo, do Espaço, dizendo-lhe que um dia lhe falaria desses problemas.

Após essa sessão, os Howard tiveram outras reuniões com a Senhora Piper. "As questões tratadas, diz R. Hodgson, eram características e a natureza delas a mais íntima e pessoal possível. Os amigos comuns foram citados por seus nomes. Os Howard, que não demonstravam nenhum interesse nas investigações psíquicas, adquiriram, nas sessões com a Senhora Piper, a íntima convicção de que haviam conversado na realidade com a personalidade do amigo que conheceram durante tantos anos".

Depois da morte do Senhor Hodgson, foi um outro sábio e consciencioso psicólogo americano, secretário-geral do American Society for Psychical Research, James Hyslop (morto em junho de 1920), que estudou a Senhora Piper (2). O guia da médium foi então R. Hodgson próprio e os fatos de criptestesia foram brilhantes.

(2) - Veja a análise dada por MARCEL MANGIN, A. S. P., 1902, XII, 218, *La vie après la mort*.

O Senhor Hyslop, interrogando-a sobre o seu próprio pai, a Senhora Piper fez alusão a inúmeros detalhes exatos: disse o lugar onde havia deixado seus óculos quando morrera. Falou de seus livros, de um gorro tricotado para ele, de uma faca com cabo marrom com a qual tinha o hábito de limpar as unhas. Mencionou diversas bengalas que possuía o Senhor Hyslop, pai, uma bengala com um aro, outra com um inseto dourado (um escaravelho), outra com um cabo curvo, que havia sido quebrada; detalhes que foram todos reconhecidos exatos, e que o Senhor Hyslop, pelo menos conscientemente, ignorava.

A Senhora X... se faz introduzir sob o falso nome de Marguerite Brown, trazendo, para ter alguma resposta, três cachos de cabelo, X. B. S. Ela não conhece como origem senão o cacho S... Pelo cacho X., a Senhora Piper diz: "Mas é de Fred... Imogène? O que é Imogène?" Com efeito, o cacho de cabelo era de Imogène Garnay, que o Senhor Fred. Day havia cortado para dar a Marguerite Brown. Para o cacho B., a Senhora Piper disse: "Uma pessoa muito doente". Com efeito, a pessoa cujos cabelos eram apresentados havia falecido durante o ano. Para o cacho S., a Senhora Piper disse: "Ela é avara de seus cabelos". Ora Marguerite havia cortado essa mecha de cabelos de sua mãe, de surpresa. "É vossa mãe, tem quatro filhos, dois rapazes e duas meninas." Todos esses detalhes são exatos (1).

(1) - Veja BOZZANO, A. S. P., XIX, 107.

O Senhor Hodgson, em uma sessão com a Senhora Piper, recebe uma mensagem de Eliza que diz ter assistido o Senhor F... na tora de sua morte. F... morrera na véspera e a notícia de sua morte havia sido dada pelos formais de Boston. Dois ou três dias depois, R. Hodgson soube que,

com efeito, no momento de morrer, F... disse ter visto a Senhora Eliza que o chamava. A Senhora Piper não conhecia Eliza (2).

(2) - A. S. P., 1909, XIX, 107.

Um fenômeno curioso é a mistura de diversas personalidades. Parece - mas não é sem dúvida senão uma simbolização - que quando tal ou tal personalidade, quer se trate de Phinuit, que de Hyslop, pai de Georges Pelham, não pode dar tais ou tais detalhes, então ela chama em seu socorro uma outra personalidade melhor informada. O Professor Newbold dá uma frase em grego, língua que a Senhora Piper ignora completamente. Mas Georges Pelham diz: "Vou perguntar a Stainton Moses, que é helenista", e pouco depois a tradução das palavras gregas é dada. Uma outra vez, Rector e Hodgson, falando por intermédio da Senhora Piper, não podem achar o nome da madrasta de Robert Hyslop. "Eles saem da máquina", segundo a expressão pitoresca da Senhora Piper, isto é, que se faz um certo silêncio e, algum tempo depois, Georges Pelham volta dizendo: "Ela se chama Marguerite". Mas é verdadeiramente difícil acreditar na realidade dessas diversas personificações que, no mundo dos espíritos, procuram-se, encontram-se e se informam.

O caso de Hannah Wild, bem analisado pelo Senhor Sage (1), é curioso, pois é um belo exemplo de telepatia, coincidindo com deficiência completa dos fatos conhecidos apenas do falecido. A Senhora Blodgett interroga a Senhora Piper, e é a irmã da Senhora Blodgett (Hannah Wild) falecida há dois anos, que volta. Ora Hannah Wild havia escrito uma carta onde se encontravam as palavras que pessoa alguma podia conhecer. Nada mais do que esta carta

pôde ser dito pela Senhora Piper e, no entanto, todos os pensamentos (e as ações) secretas da Senhora Blodgett foram mencionados. Deste modo, esta experiência, embora imperfeita pela teoria da sobrevivência pessoal, é excelente sob o ponto de vista da telepatia e da criptestesia.

(1) - Se não se puder ler nos textos originais os grossos volumes que HODGSON, HYSLOP, l'Americ. S. P. R. e a P. S. R. inglesa consagraram ao estudo dessa admirável Senhora PIPER, ter-se-á uma idéia suficiente pelo livro do Senhor SAGE (MADAME PIPER, por M. SAGE, 4ª edição Paris, Leymarie, 1902). É um trabalho de leitura fácil.

Com a Senhora Verral, uma observadora de espírito penetrante e sagaz, os resultados foram belíssimos. A Senhora Piper lhe disse: "Vosso avô estava paralisado, ele tinha uma irmã que se chamava Suzanne e um filho que se chamava Henri. Este tio casou-se com uma de suas parentas, uma senhora Keley". A Senhora Verral, que não mantinha mais relações com esta parte da família pôde, em seguida, fazendo laboriosas investigações, constatar que tudo isto era exato. Seu avô tinha uma irmã Suzanne, nascida em 1791, e um de seus filhos, Henri, casara-se com a Senhora Keley (2).

(2) - Ver para os detalhes, HYSLOP, *Science and a future life*, Boston, 1905, 157.

Paul Bouget (1), interrogando a Senhora Piper, que tinha então a personalidade de Phinuit, mostra-lhe um pequeno pêndulo de viagem. A Senhora Piper pôde dizer-lhe a quem havia pertencido o que fazia antigamente o possuidor desse objeto e o gênero de sua morte (suicídio com veneno). "Ela descreveu com uma exatidão notável o apartamento que eu ocupava em Paris. Falou do andar e mencionou uma escada interna. Viu na parece um objeto que descreveu e um retrato sobre a chaminé, que tomou como sendo o retrato de um rapaz. É uma fotografia de mulher com os cabelos curtos".

(1) - A. S. P., 1895, V, 72.

O Senhor Hyslop, falando com seu pai defunto (encarnado na Senhora Piper), pediu notícias do Senhor H. C... Ele lhe respondeu que o Senhor H. C... ocupava-se da igreja e do órgão da igreja. Ora precisamente, - o que o Senhor Hyslop ignorava - o Senhor H. C... retirara-se da igreja, porque aí haviam colocado um órgão, o que ele desaprovava (2).

(2) - HYSLOP, *loc. cit.*, 222.

O Senhor Vernon Briggs, que havia estado em Honolulu, interrogando a Senhora Piper a propósito de Kalua, garoto indígena que trouxera para a América, ouviu dela duas palavras havaianas lei (coroa de flores) como Kalua gostava de trançar, e aloka que quer dizer saudações. Como o Senhor Briggs lhe perguntasse o nome da ilha que Kalua habitava, ela disse: "Tawai", e sua mão escrevia "Kawai". Ora o nome, na realidade, escreve-se "Kawai", mas os indígenas dizem "Tawai".

A Sra Piper escreve os nomes de Brown e de Parker: são os nomes do doutor e da enfermeira que trataram do Senhor M... durante a sua última enfermidade. "Ele então me falou, diz a Senhora M..., pela Senhora Piper, como só o podia fazer meu marido. Os negócios que lhe diziam respeito e que só eu conhecia, foram mencionados. Falou-me também de um amigo íntimo de meu marido, designado pelo seu nome. Foi feita alusão ao nosso último passeio no parque, em T..., e respondeu à pergunta que lhe fiz quando estava moribundo e muito fraco para falar. E esta resposta foi dada de maneira que o Senhor Hodgson ou qualquer outro estranho não podiam compreender do que se tratava: mas era perfeitamente clara para mim (1).

(1) - HYSLOP, *Science and a future life*, 1905, 179.

Pela Senhora William James e seu irmão, em uma sessão com a Senhora Piper, é sabido (por Phinuit) que a tia Kate morreu às 2 horas ou 2h30 da manhã, e que vão receber carta ou telegrama confirmando. Com efeito, um telegrama chegou pela manhã, anunciando que a tia Kate morrera alguns minutos depois de meia-noite.

Poderei multiplicar tais citações, relatadas com um cuidado minucioso por observadores hábeis. O fenômeno da criptestesia é agora indiscutível.

Se, para afirmar este poder misterioso de nossa inteligência, não tivéssemos senão as experiências feitas com a Senhora Piper, isso seria amplamente suficiente. A prova está feita e de uma maneira definitiva.

Por conseguinte, podemos ir adiante, e indicar, dentre centenas de exemplos, as experiências confirmativas feitas com outros médiuns.

Se desejar fazer o estudo completo desses belos fenômenos tão demonstrativos, é preciso recorrer às P. A. S. P. R. (passim) e às P. S. P. R. (passim). Terão, porém, uma excelente noção nos trabalhos de Myers, nos de Lodge e nos de Hyslop.

Hyslop divide em três os períodos de lucidez da Senhora Piper: primeiro Relatório de Hodgson; segundo Relatório de Hodgson; Relatório de Hyslop.

Logo após o primeiro Relatório de Hodgson, quando Georges Pelham ainda não havia chegado, e que não havia senão Phinuit, Hodgson dizia (2): "Os resultados muito complicados, muito sugestivos, estabelecem que existem indicações de nomes e incidentes que são desconhecidos dos assistentes (o que exclui a hipótese da telepatia como causa única dos fenômenos)". Depois do segundo Relatório de

Hodgson, a maioria dos que assistiam às sessões haviam adquirido a certeza ("evidência indubitável") que ali havia alguma coisa de supranormal. Tal parece ser também a conclusão do Senhor J. Hyslop em suas experiências como também nas de Lodge.

(2) - Veja HYSLOP, loc. cit., 192.

É verdade que certos sábios, que apenas tiveram algumas sessões (Weir Mitchell, James Mark Baldwin, Professor Trowbridge, Professor Eliot Norton), não ficaram convencidos. Portanto, ousarei declarar-lhe que em uma questão tão difícil não se pode permitir alguma conclusão num sentido ou no outro, senão após uma longa série de experiências. Ora eles não continuaram seus estudos sobre a Senhora Piper. E é um grande erro.

O Senhor Hyslop, respondendo a Fr. Podmore, fez um estudo muito minuciosos do cálculo de probabilidade aplicada as criptestesia da Senhora Piper (1). Não tem trabalho em mostrar que a probabilidade do sucesso, na maioria dos casos, é tão fraca, que não se pode explicá-lo pelo acaso. Chega-se, fazendo a prova dos sucessos, a números consideráveis, com 1 por 10 com potência 147. Ora, como já repetimos várias vezes, o cálculo das probabilidades, quando se faz corretamente, é um admirável processo de controle, desde que as experiências tenham sido bem feitas. Tudo está aí. E parece que as experiências de Hyslop com a Senhora Piper foram irrepreensíveis.

(1) - Chance coincidente and guessing in a mediumistic experiment (Proc. Americ. S. P. R., agosto de 1919, XIII, 1-89).

Eis, para a aplicação do cálculo das probabilidades, qual foi à idéia engenhosa de Hyslop. Interrogou diversas pessoas (em grande número) fazendo-lhes as mesmas perguntas que dirigia à Senhora Piper, e comparando as respostas dos não-

sensitivos às respostas da Senhora Piper, sensitiva. Fez assim 105 perguntas (às quais a Senhora Piper respondeu bem); e ele imaginou então, com razão, que as respostas dos não-sensitivos eram aquelas dadas ao acaso, e chegou assim ao número prodigioso de uma probabilidade de 1 por 10 com potência 147.

Para dar um exemplo deste método, eis a pergunta 46:

Seu pai fez uma viagem ao Oeste?

a. - Sofreu então um acidente de trem?

b. - Sofreu algum traumatismo nesse acidente?

c. - Sua madrasta estava com ele?

d. - O acidente foi sobre uma ponte?

e. - Há algum tempo que esse acidente aconteceu?

f. - Ficou ele doente em seguida?

Para a pergunta geral, entre 420 pessoas, houve 1/4 que respondeu "sim", 10 sofreram um acidente de estrada de ferro e só uma pessoa sofreu esse acidente sobre uma ponte. Na realidade, em 420 respostas, ninguém respondeu "sim" a todas as perguntas, de modo que a probabilidade é certamente inferior a 1 dividido por 420. Mas deve-se ir mais longe e calcular a probabilidade separada de cada pergunta, o que dá uma probabilidade total de 1 por 2.500.000.000 isto é, a certeza (moral) de que o acaso não pôde dar estas respostas à Senhora Piper.

O método que empreguei em minhas experiências com Stella é mais simples, mas conduz às mesmas conclusões: impossível explicar pelo acaso os resultados, sabendo-se que a experiência foi rigorosa, como creio que foi, tanto nas minhas experiências como nas de Hyslop.

William James relata (1) as experiências feitas com a Senhora Piper, que pareciam dar-lhe uma prova não somente

de lucidez, mas também de sobrevivência, pois que se tratava de R. Hodgson, falecido, falando por intermédio da Senhora Piper. Ele cita o seguinte fato: "Há um indivíduo chamado Child que chega repentinamente e refere sua estima a William (William James) e à sua mulher (a mulher de Child) que está viva. Ele diz L..." Tais são as palavras da Senhora Piper a Srta. Robbins; ora nem esta nem a Senhora Piper conheciam Child, o qual era o mais íntimo amigo de William James (falecido). O prenome da Senhora Child começa por L.

(1) - Report on Mrs. Piper's S. Hodgson Control (Proced. Americ. S. P. R., 1909, III, 470).

E William James, esse admirável sábio, conclui pela supranormalidade dos fenômenos (unquestionably supernatural).

É impossível, mesmo aos mais céticos, não ficarem abalados por esse consenso de homens como Fr. Myers, Oliver Lodge, William James, R. Hodgson, J. Hyslop, tendo todos eles, após múltiplas investigações laboriosas, durante vinte anos, ficando de acordo ao reconhecerem a lucidez da Senhora Piper.

Se bem que a criptestesia, em todas essas experiências da Senhora Piper, seja absolutamente e irrepreensivelmente demonstrada, a sobrevivência, na realidade, não o é. Certamente, as diversas personagens que se apresentam: R. Hodgson, Hyslop pai, Phinuit, Georges Pelham, Stanton Moses, Fr. Myers, marcaram com traços impressionantes sua individualidade psicológica e conservaram-na impertubavelmente, que se tratasse da voz, da escrita, dos gestos, do estilo ou do pensamento. Mas isto será uma prova suficiente? Com personalidades fictícias, como Maria Antonieta, Hélène Smith, dá-se exatamente o mesmo.

E então uma conclusão se impõe. Se, com um médium assim tão poderoso como a Senhora Piper - superior a todos os outros médiuns - a sobrevivência não é demonstrada, menos ainda o poderá ser pelos outros médiuns. Mas não é preciso emocionar-se. A cada época basta sua tarefa. Nossa tarefa hoje em dia consiste em provar que existe uma faculdade de conhecimento supranormal, a criptestesia. E a Senhora Piper é, sem contestação possível, de todos os médiuns o que deu o maior número de provas, as mais estranhas e as mais decisivas.

Não somente essas experiências provam uma faculdade supranormal, mas estabelecem ainda que a telepatia não é uma explicação suficiente. É bela e boa a clarividência, a lucidez, isto é, o conhecimento de fatos que nenhum ser vivente conhece.

Se bem que Home fosse sobretudo notável por sua mediunidade objetiva, ele deu provas brilhantes de lucidez. Havia falado, em casa de visitantes que via pela primeira vez, em Harford, de uma mulherzinha trajando um grande vestido de seda cinza que havia entrevisto o que, parecia, era um fantasma, pois que havia desaparecido do mundo dos viventes. Home então ouviu uma voz que lhe dizia: "desagrada-me que um outro caixão mortuário seja colocado sobre o meu; não suportarei isto". Ele não compreendeu o que esta frase enigmática significava. Como no dia seguinte foram ao cemitério para visitar o túmulo da senhora do vestido de seda cinza, no momento de pôr a chave na fechadura do jazigo o guarda disse: "Perdoai-me; porém, como havia alguns lugar em cima do caixão da senhora, ontem, colocamos o caixãozinho do filho de L... Não tivemos tempo para preveni-la".

Diante de Home, a Srta. Andrews, que não é profissional, porém dotada de uma notável lucidez, recebeu a visita do Senhor Colley Grattam, distinto autor, cônsul em Antuérpia e em Boston, e que caçoava um pouco do espiritismo: "Não zombeis, disse a Srta. Andrews, tendes junto de vós um espírito que se chama Ema, está de pé ao vosso lado... - "O que sabeis dela?", disse o Senhor Colley Grattam, tremendo... "Ela vela por vós para vos proteger; pois fostes bom para ela. Em uma noite de temporal, vós a socorrestes e a fizestes entrarem vossa casa, dando-lhe para beber vinho quente: vós reprovastes seu marido pela sua conduta vergonhosa e desumana..." - "Sim", disse Colley, "o monstro, se bem que membro do Parlamento, havia merecido a forca. Adeus, não posso ouvir mais nada, nunca mais zombarei de vossa doutrina (1).

(1) - NOME, *La lumière et les ombres*, 1883, trad. fr., 247.

O Senhor Britton, célebre escritor, narra que fazendo uma experiência com Home, em Greenfield, a mesa sobre a qual eram batidos os golpes com uma inusitada violência, dirigindo-se ao Senhor Britton, disse-lhe: "Chamam-no de vossa casa: vosso filhinho está muito doente, saia imediatamente, ou será tarde demais..." "Então, diz o Senhor Britton, pegando minha valisa, parti. Na rua ouvia o apito da locomotiva; era o último trem. Correndo com todas as minhas forças, pude chegar no momento em que o trem ia partir, agarrando-me na traseira do último vagão. Tendo chegado em casa, constatei a absoluta veracidade do fato anunciado (2)".

(2) - HOME. *La lumière et les ombres*, trad. fr., 1883, 259.

O Senhor Hyslop fez experiências, também muito interessantes, se bem que menos brilhantes do que com a Senhora Piper, com a Senhora X... que não é médium

profissional. Apresentou-se em casa dela sob o nome de Robert Brown. Ora, desde que entrou a Senhora X... o chamou de James H..., dizendo-lhe que o nome Robert não era o seu verdadeiro nome, porém o nome de seu irmão. Deu também o prenome Mary da mulher (falecida) do Senhor Hyslop (1).

(1) - *Science and a future life*, Boston, 1905, 255.

Uma mensagem mediúnica anuncia ao príncipe Wittgenstein que o testamento de seu amigo, o general de Korff, morto há alguns meses, encontra-se num armário especial da casa onde morreu. O príncipe escreve então à irmã do barão Korff para lhe comunicar o fato. Ora, inutilmente haviam procurado seu papéis, e, quando chegou à carta do príncipe, encontraram o testamento justamente no lugar que havia sido indicado na mensagem (2).

(2) - *A. S. P.*, XX, 120.

O Senhor Hereward Carrington (3) narra a seguinte história: O pai de um soldado inglês, morto em novembro de 1916 em Beaumont, decide-se, após haver lido Raymond, de Sir Oliver Lodge, ir procurar (sem dizer o nome) um médium, o Senhor A. Vout Peters, que de pronto lhe diz quatro nomes: John, Elisabeth, William e Edouard. Ora, o pai do Senhor X... chamava-se John; sua mãe, Elisabeth; seu irmão William. Edouard é o nome de um sobrinho falecido há muito tempo. Peters diz ao Senhor X... que o filho falecido se chamava PO...R. Na realidade, ele se chamava Roger, o que é singular, é que familiarmente o chamavam Poger e não Roger.

(3) - *Psychical Fenomena and the war*, (New York, 1919, 272).

A Senhora X... julgou ver, uma manhã, o fantasma de seu filho em plena luz do dia. Foi consultar logo a Senhora Annie Brittain, que lhe diz: "Vosso filho me encarrega de

vos dizer que, se vós o vistes, era bem ele, e não um sonho, e que Jeanne viu também". Com efeito, a jovem Jeanne, que não conhecia em absoluto a Senhora Brittain, também tinha visto a aparição.

O capitão James Burton, por meio da escrita automática, comunica-se (4) com seu pai falecido: "Eu não sabia, diz ele, que minha mãe, que residia a uma distância de sessenta milhas aproximadamente, havia perdido um cão que meu pai lhe havia dado. Na mesma noite, recebi pela minha escrita automática uma carta dele tomando parte na dor de minha mãe. Um segredo, dos mais sagrados, conhecido apenas de meu pai e de minha mãe, concernente a uma coisa que aconteceu muitos anos antes do meu nascimento, me foi revelado com esta recomendação: "Diga isto a sua mãe, e ela compreenderá que sou eu, seu pai, quem escreve". Quando contei isto a minha mãe, até ali incrédula, desmaiou".

(4) - Citado por CONAN DOYLE, *La Nouvelle révélation*, trad. fr., 1919, 159.

E de se notar que a escrita automática do capitão Burton é de tal modo miúda, que é preciso uma lente para lê-la.

Eis um relato feito a C. de Vesme, relato que agiu sobre ele com forças bastantes para decidi-lo a ocupar-se dali em diante das ciências ocultas. O narrador era Albert de M..., que havia sido testemunha em Roma.

Uma noite, em 1871, a mãe do Senhor de N... repentinamente pôs-se a dar gritos desesperados. O jovem Albert de N... e seu pai, o Senhor de N..., acorreram. A Senhora de N... estava no chão, aterrorizada, os cabelos em desalinho. Contou que havia sido transportada pelos "espíritos" para baixo da cama.

No dia seguinte, às sete horas da manhã, batem na porta. É o coronel barão Daviso que chega, absolutamente

desconhecido do Senhor e da Senhora de N..., para pedir notícias do que havia acontecido. Foi-lhe anunciado, numa sessão espírita, que "os espíritos iam pregar uma peça" a uma senhora residente precisamente na casa onde estava a Senhora de N..., e o barão Daviso viera verificar a coisa (1).

(1) - A. S. P., 1909, 109.

Um fato de criptestesia espírita, obtido pelos movimentos da mesa, foi observado em Cambridge por Hélène Verrall (2).

(2) - Jour. S. P. R., março de 1907, 36.

No dia 29 de janeiro de 1907, às 18 horas, as seguintes palavras foram ditadas: Fellow of Royal Society Potter, dead this afternoon 4,30 Editor of Physiological Review London 43 Belsize gardens Kensington married, five children.

A mensagem é bem aplicada ao eminente fisiologista Foster (e não Potter), editor do Journal of physiology, membro da Sociedade Real, casado, pai de cinco filhos, e residindo em Londres (houve erro no endereço). O professor Foster não morreu no dia 29 às 16,30 horas, mas na noite de 28 para 29. A notícia não chegou a Cambridge senão tarde, durante a noite do dia 29 pelos jornais londrinos da noite. No entanto, Hélène Verrall e o Senhor Wayfield, que estava na mesa com ela, não haviam visto ninguém durante o dia e não haviam lido nenhum jornal.

Todavia, é de se notar que o Senhor Michael Foster foi durante muito tempo professor de fisiologia em Cambridge, e que assim como o Senhor Verrall, pai de Hélène, pertenceu à Universidade.

Fiz diversas experiências muito claras com Stella. Não é uma médium profissional, mas uma jovem que não se ocupa do espiritismo senão por acaso. Um dia ela descobriu que, pondo a mão sobre a mesa ou sobre a prancheta, esta dava

respostas curiosas. Com Stella pude obter provas brilhantes de lucidez, sem poder decidir, no entanto, se tal lucidez era ou não telepática.

Procedi com tanto rigor experimental quanto possível. Éramos, nessas oito experiências, três pessoas: Stella, G... e eu. G..., licenciado em letras, físico hábil, jamais havia visto Stella, e eu mesmo não conhecia absolutamente nada da família de G... Nessas experiências, não somente G... não punha a mão sobre a mesa (levitação da mesa a tal ou qual letra do alfabeto); mas ainda nos dava as costas, não pronunciava uma palavra e não fazia nenhum gesto. Ora, nessas oito sessões, Stella pôde dizer os prenomes da mulher, dos irmãos, do filho, do pai, do sogro de G..., prenomes esses que Stella e eu ignorávamos absolutamente. Admitindo uma probabilidade de 1/40, calculada supondo que haja tido mais ou menos 40 prenomes usuais masculinos e 40 prenomes femininos, tem-se como probabilidade de 1/40 com potência 6, isto é 1/25.000.000.000, o que equivale senão à certeza matemática, pelo menos à certeza moral.

O cálculo das probabilidades, porém, deve ser feito com mais prudência, pois não é inteiramente exato dizer que, sobre essas seis experiências, não tenha havido insucessos; dessa forma, se os insucessos estão misturados com os sucessos, não é possível admitir a probabilidade 1/40 com potência 6. Admitamos, exagerando, que houve seis hesitações, equivalendo mais ou menos a insucessos; a fórmula na qual os sucessos a têm uma probabilidade p, os insucessos 8 uma probabilidade q. Naturalmente $p + q = 1$

$$a+B=s.$$

Então, admitindo seis fracassos e seis sucessos, sobre doze experiências, a probabilidade composta torna-se

1/25.000.000 o que dá a mesma certeza moral se a probabilidade é mil vezes mais fraca.

Mesmo certos fracassos são muito instrutivos. Assim é perguntado o prenome do filho de G... A resposta é Georgette (o que é um erro, pois que a criança é um menino e chama-se Jean). Então G... nos diz (o que Stella e eu, naturalmente, ignorávamos), que sua mulher e ele, se a criança houvesse sido uma menina, a teriam chamado Georgette.

G... pergunta o nome de um irmão falecido. A resposta é "André, ele vive".

O nome do irmão falecido de G... não é André. Ora, G... tem um outro irmão vivo, que se chama André. E parece que isto foi desejado ser preciso, pois que, imediatamente depois de André, vieram as duas palavras espantosas: "ele vive". Pode-se quase dizer que este fracasso é mais interessante do que um sucesso.

Stella e eu sabíamos que G... nascera na Bretanha, mas nada mais. Perguntamos o nome da cidade onde ele nasceu. A resposta é "Loria". Pensamos em "Lorient": mas de fato, G... nasceu em "Morlaix". Ora, como há confusão possível entre as letras vizinhas, L pode muito bem ter sido dita por M e I por L. Se bem que Stella e eu ficássemos, depois das primeiras letras, convencidos que se tratava de "Lorient", a quinta letra que veio, "contra nossa vontade", foi A...

Stella pôde dizer também, sempre pela mesa, o nome de um amigo de infância de G... e a palavra "Kerveguen" que era o nome da casa de G... em Morlaix. G... acabava de receber uma carta contendo detalhes sobre seu filho, que estava com febre. Perguntou-se o que havia nessa carta, completamente desconhecida para nós. A resposta foi: "Jean

febre" e ajuntou: "Brincou carro". Ora, G..., recentemente, havia dado ao seu pequeno Jean um carro com o qual a criança se divertia muito.

Por diversas vezes, Stella deu-me provas de lucidez notável, mas eu não quero - ainda que sejam aos meus olhos muito convincentes - mencioná-las aqui. Não aceito como demonstrativas senão as experiências nas quais é rigorosamente impossível a Stella, consciente ou inconsciente, ter tido pelas vias sensoriais normais o conhecimento do que ela diz.

Citarei somente dois fatos:

1.º- Fui levar uma carta para o meu amigo o professor W. Stirling, de Manchester, que acabava de chegar em Paris, no bulevar de Saint-Michel. Bem entendido, jamais havia pronunciado diante de Stella o nome do Senhor Stirling. Ora, no dia seguinte ao que eu levara a carta, disse a Stella: "A quem fui levar uma carta, no bulevar de Saint-Michel?" Ela respondeu imediatamente: "Ao vosso amigo de Londres". Resposta inverossímil, pois nada podia fazer suspeitar Stella, dentre as numerosas cartas que eu podia ter ido levar ao bulevar de Saint-Michel, que fosse a um amigo inglês, cuja existência ela ignorava. Um amigo inglês no bulevar de Saint-Michel é bem pouco verossímil!

A seguinte observação é ainda mais notável. Vejo Stella no dia 2 de dezembro, durante o dia e, ao partir, digo-lhe: "Vou dar uma lição sobre o veneno das serpentes". Imediatamente ela me responde: "Sonhei com serpentes ou, antes, com enguias, esta noite". Então - e naturalmente, sem lhe dizer por que - peço-lhe que me conte seu sonho, e eis textualmente suas palavras:

"Eram antes enguias (duas enguias) do que serpentes; pois eu via seu ventre branco, luzidio e sua pele viscosa, e dizia a mim mesma: não gosto muito desses animais, e no entanto, me causa pena quando lhe fazem mal". Esse sonho estava extraordinariamente conforme a realidade do que havia feito na véspera, no dia 1.º de dezembro. Havia, nesse dia - pela primeira vez, depois de vinte anos - feito experiências com as enguias. Querendo tirar-lhes o sangue, eu havia posto duas sobre a mesa. "Seu ventre branco, nacarado, reluzente, viscoso, impressionou-me". Elas estavam fixas na mesa para que se lhes pudesse retirar o coração. Eu não havia, com toda a certeza, falado com Stella (que não via há muito tempo) e Stella não mantém relações com nenhuma das pessoas que freqüentam meu laboratório.

Notarei aqui, como característica da mediunidade de Stella, e sem dúvida também, em muitos outros sensitivos que, raramente, salvo no caso citado há pouco da minha carta a Stirling, ela deu uma resposta exata a uma pergunta formal que lhe dirigi. Não a havia, em absoluto, interrogado sobre o emprego do meu dia na véspera, e o sonho que ela teve não se referia de modo algum a mim em sua idéia. Ela viu duas enguias e eis tudo.

Não é um fato menos notável de criptestesia; depois das palavras pronunciadas por Stella, que respondem tão bem à impressão que na véspera eu havia tão fortemente sentido, não se pode falar no acaso.

Lady Mabel Howard, usando da escrita automática, é interrogada por uma de suas amigas a respeito de um roubo de jóias. Ela escreve que as acharão debaixo da ponte Tebayn, o que era, parece, inverossímil. Um mês depois, encontraram as jóias embaixo da ponte (1).

(1) - P. S. P. R.. IX, 44.

A Srta. A..., médium escrevente, dá a Lady Radnor o nome de Anna Chambers. Esse nome era completamente desconhecido da família atual. Após minuciosas investigações, chegou-se a descobrir pelo Office des Armoiries que uma certa Lady Exeter, antepassada de Lady Radnor, se chamava antes de seu casamento, Anna Chambers.

O Senhor Gordigiani, antigo aluno da Escola Militar de Florença, desde a idade de 15 anos, teve fenômenos mediúnicos espontâneos. Um dia, em 1883 (tinha então 17 anos) como uma senhora americana, viúva, a Senhora B. M..., posasse para tirar seu retrato com o Senhor Gordigiani, o pai do jovem, ela resolveu ter uma sessão com o médium, que escreveu: "Há uma inimizade, que não posso compreender, entre a senhora e seu falecido marido". Quando a frase escrita em francês foi traduzida para a Senhora B. M..., ela levantou-se, muito pálida e disse: "Como! Ainda!".

Depois, como pedissem uma resposta mais conciliatória, a inexorável escrita automática respondeu: "Impossível, ele está em Nigrite; tem por missão influenciar a abolição da escravatura. É um negro".

A Senhora B. M..., muito emocionada, retirou-se. No dia seguinte, contou que seu marido era um homem de cor, o que havia criado entre os dois esposos uma longa inimizade (1).

(1) - A. S. P., 1898, VIII. 261.

Na sexta-feira, 3 de outubro de 1906, em Nápoles, Zingaporoli, às oito horas da noite, fez uma sessão de espiritismo com um jovem médium e o Senhor Marzorati, diretor da excelente revista Luce e Ombra. Durante o curso

da sessão, o médium anunciou que um alferes da infantaria da caserna de Piedigrotta, Guillaume Paternostro, acabava de sucumbir com um tiro de revólver. O fato era exato e foi relatado no *Mattino*, de Nápoles, em 4 de outubro de 1906 (2).

(2) - A. S. P., 1906, XVI, 718.

Nas experiências espíritas com a Senhora Frondoni Lacombe, as respostas foram feitas por meio de raps ao eminente professor Feijão, de Lisboa. O nome de seu pai lhe foi dado. Retirou logo suas mãos da mesa e obteve as respostas claras e absolutamente exatas, às perguntas, às quais nenhuma das pessoas presentes podia responder (3).

(3) - As experiências da Senhora FRONDONI LACOMBE consistem quase que unicamente na metapsíquica objetiva. Falaremos delas mais adiante com detalhes.

O Doutor Moutin havia tratado de uma senhora Joubert, que, atingida pela cólera, gritou, alguns minutos antes de morrer:

"Espelho! Espelho!" mostrando um espelho que estava sobre a chaminé. O Senhor Joubert, o marido, marinheiro, estava ausente. O Doutor Moutin escreveu-lhe para contar o fato, e o Senhor Joubert, sabendo que a defunta muitas vezes escondia dinheiro, procurou por toda à parte o dinheiro e não achou. Quinze meses depois, em uma sessão, o espírito da Senhora Joubert voltou e anunciou ao Senhor Moutin que uma ação da Companhia Fraissinet estava escondida num espelho que ele não havia examinado e que ela havia indicado. O Senhor Moutin escreveu então a Joubert, que imediatamente fez novas buscas e encontrou a ação (1).

(1) - A. S. P., 1905, XV, 246.

Lady Mabel Howard deu a Fr. Myers bons exemplos de clarividência. Myers fora convidado para um lanche, e lhe foi dito, se bem que Lady Mabel ignorasse mesmo que esse

lanche se houvesse realizado, que ali havia seis pessoas e que o cavalheiro ao seu lado na mesa se chamava Mo... Na realidade havia seis pessoas, e o Senhor Moultrie estava ao lado de Myers.

Em uma outra experiência, perguntam: "Onde está Don?" E o lápis escreve: "Don morreu", o que era verdade e ninguém sabia. "Qual é a melhor amiga de uma menina que está aqui?" A resposta foi: "Mary", e era exato. Foi descoberto um livro que haviam procurado em vão durante muito tempo.

O caso Taush, observado por Hyslop, prova uma criptestesia espantosa. A Senhora Chenoweth (pseudônimo do médium do Senhor Hyslop) é interrogada a respeito de um alemão, cuja viúva havia escrito ao Senhor Hyslop para obter algumas comunicações de seu marido defunto. Hyslop, sem nada a dizer à Senhora Chenoweth, obtém o nome de Taussh, Tauch, Taush; é preciso dizer que Taush conhecia William James, o filósofo, que não estava em sua casa quando faleceu, que tinha a mania de colocar os relógios na hora exata, que possuía uma bolsa onde punha seus manuscritos e seus óculos: detalhes minúsculos que a telepatia não pode explicar: é a clarividência.

O Senhor Isaac Funk, o grande editor de Nova York, fazendo experiências com a Senhora Pepper, entrega-lhe uma carta lacrada na qual está escrita a palavra "Mãe". Ela então toma a carta, dá o prenome da mãe do Senhor Funk e avisa-o de que sua mãe não andava senão com uma perna. "Será que vós não vos lembrais mais desta agulha?" (A Senhora Funk ferira-se espetando uma agulha no pé). A Senhora Pepper vê também ao lado da Senhora Funk, mãe, seu neto, Chester. Nesse momento, o Senhor Funk não se

lembra de modo algum desse nome Chester. Entretanto, depois de indagações, assegura-se de que sua mãe possuía com efeito um neto chamado Chester, morto há vinte anos, na infância, nos Estados do Oeste (1).

(1) - BOZZANO, A. S. P., 1910, XX, 1222.

Yza Trisk, numa sessão espírita em Estocolmo, recebeu a seguinte comunicação: "Abandonei a terra há vinte e quatro horas e venho agradecer-lhe". Havia também um desenho mediúnico que foi reconhecido como sendo o retrato de um poeta finlandês que todo mundo acreditava vivo. De fato, esse poeta, que Yza Trisk conhecia um pouco, autor do hino finlandês, acabava de morrer na Itália (2).

(2) - BOZZANO, A. S. P., 1910, 264.

Não está evidenciado que nenhum jornal de Estocolmo não havia noticiado essa morte no momento da sessão?

O comandante Darget, acompanhado de sua mulher e de sua filha, interroga a Senhora Bonnard, uma médium profissional, que fala então como se fosse a mãe da Senhora Darget. Esta, insistindo em ter uma prova de identidade, disse: "Tive grande satisfação em ver que puseram rosas brancas sobre o meu túmulo". De fato, passando por Poitiers onde estava enterrada a mãe da Senhora Darget, uma prima havia colocado sobre o túmulo um ramallete todo branco (3).

(3) - BOZZANO, A. S. P., 1909, XIX, 322.

W. Stead, na presença da Senhora R... escreveu, pela escrita automática, vinda, por assim dizer, de Júlia, amiga da Senhora R..., que esta levava uma queda, ofendendo a espinha dorsal. A Senhora R... nega. Júlia (sempre pela mão de Stead) diz: "Ela se esqueceu: foi há sete anos, em Streaton, no Illinois: havia neve. Chegando diante da casa da Senhora Buell, ela escorregou na beira da calçada e

machucou-se nas costas". Nesse momento, a Senhora R... lembrou-se desse pequeno fato que havia totalmente esquecido (1).

(1) - A. S. P., 1909, XIX, 110.

Em 1874, depois de ter sido magnetizado pelo barão Du Potet, Stainton Moses escreve automaticamente: "Matei-me hoje". A escrita é acompanhada de um desenho muito grosseiro com estas palavras: "Sob um trator em Baker Street, por onde o médium passou". No dia seguinte, após uma investigação, Stainton Moses toma conhecimento de que um homem fora esmagado em Baker Street (2).

(2) - DELANNE, loc. cit., 34.

O Senhor Mackenzie (3), se bem que não fosse caçador, passa um dia em caçadas; à noite joga duas partidas de bilhar com seu pai e ganha as duas partidas. Ora, nesse mesmo dia, o Senhor Nicholson, que morava a 200 km e que apenas conhecia o Senhor Mackenzie, obtém pela mesa o nome de Mackenzie: "joga bilhar com seu pai, ganha duas partidas, esteve caçando".

(3) - A. S. P., 1919, XXIX, n. 30.

A Senhora Effia Bathes foi convertida ao metapsiquismo pelo seguinte fato, absolutamente demonstrativo.

Ela foi à casa de uma clarividente profissional a quem não conhecia, a qual também não a conhecia. Esta descreve-lhe minuciosamente um irmão falecido, que, tomando (mediunicamente) a palavra, lhe diz que esteve na casa paterna, viu que sua coleção de fósseis não se encontrava mais em seu quarto e isto o entristecia profundamente.

Ora, o irmão da Senhora Bathes, estudante em Cambridge, apaixonado pela geologia, havia reunido uma bela coleção de fósseis. Depois de sua morte, uma parte desses fósseis havia sido legada ao Museu de Cambridge. A

outra parte ficara em casa, em seu quarto. Algum tempo depois, a Senhora Bathes soube que sua mãe havia doado esses fósseis ao Museu de Bristol, o que a Senhora Bathes ignorava.

Em Vilna, no dia 15 de janeiro de 1887, em casa do engenheiro Kaigodoroff, a Srta. Emma Stramm, criada do médium, revelou que Auguste Duvanel morreu em consequência de um infarto. Quinze dias depois, o pai de Emma Stramm escreve uma carta à filha para lhe anunciar que Auguste Duvanel morrera exatamente como fora dito. Depois uma outra comunicação chegou anunciando, ao contrário, que Auguste Duvanel não falecera de um infarto e que entretanto, suicidara-se em Zurique no dia 15 de janeiro de 1887. Parece que o pai de Emma Stramm, assim como o guia que dava as respostas pela mesa, desejara evitar a Emma a dor de saber que Auguste Duvanel se suicidara (por desespero de um amor infeliz por Emma). Esta história romântica não significa nada. É triste que em livros sérios se faça caso de tais relatos.

Um eminente médico, o Senhor Santoliquido, diretor do Serviço de Higiene de Roma, analisou com grande penetração os fenômenos de criptestesia que teve a ocasião de observar numa pessoa de sua família, uma senhora de grande distinção, que se encontrava presente, sem os haver investigado, os fenômenos de tipologia e de escrita automática. O Senhor Santoliquido, como cada um de nós, era de início absolutamente cético a respeito de todos os fenômenos ditos espíritas. Mas teve que se entregar à evidência e aceitar que às vezes nos médiuns há conhecimentos que suplantam nossos conhecimentos normais. Uma vez , Louise - é o nome da médium - disse-

lhe, em estado de transe: Em vez de críticas às minhas experiências, deverias ocupar-te de teu relatório, que não está pronto. Ora, o importante relatório que o Senhor Santoliquido devia remeter ao Ministro do Interior, havia quinze dias tinha sido terminado e enviado. Pelo menos, o Senhor Santoliquido disso estava absolutamente convencido. Mas no dia seguinte adquiriu a prova de que, por singular negligência de um de seus subordinados, o memorial ficara escondido em uma pasta.

Muitas vezes Louise Indicou com precisão fatos imprevistos e de belíssimos exemplos, tanto de criptestesia como de premonição. Uma vez disse a Santoliquido: "Vais ser chamado a Gênova, mas o Senhor Giolitti não permitirá que vás". Eram duas coisas inverossímeis. No dia seguinte desse mesmo dia, o Senhor Santoliquido é chamado com urgência a Gênova por um membro de sua família e ao mesmo tempo o Senhor Giolitti lhe telegrafava que tinham absoluta necessidade dele e que era preciso, a qualquer preço, que ficasse em Roma (1).

(1) - "Comunicação feita em junho de 1920 ao Instituto Metapsíquico de Paris. Boletim do Instituto Metapsíquico", 1920, n. 1.

O Senhor Tola Dorian, fazendo uma experiência espírita, soube que seu amigo H. de Lacretelle acabava de desencarnar, isto é, falecerem Paris. E, com efeito, o Senhor De Lacretelle faleceu nessa noite (16 de fevereiro de 1889) em Paris, e não em Macon, como julgava o Senhor Tola Dorian (2).

(2) - A. S. P., XXIX, 242.

Alguns fatos de criptestesia espírita se encontram mencionados no livro de E. Cornillier (3). Infelizmente são raros, sendo este trabalho destinado menos a "demonstrar" a clarividência do que fazer conhecer a imaginação do

subconsciente sobre as teorias espíritas, de modo que se pode muito dificilmente citar alguns exemplos, apenas convincentes, de lucidez.

(3) - P. E. CORNILLIER, *La survivance de l'âme, et son évolution après la mort. Comètes rendus d'expériences*, Paris, Alcan, 1920, 570 pp.

Trata-se de uma moça, Reine X..., com quinze anos que, a primeira vez que fez uma experiência espírita, obteve golpes sem contato. Então foi magnetizada pelo Senhor Cornillier, e todos os fenômenos (unicamente subjetivos) apresentados em seguida por ela foram ao estado de sonambulismo. Todavia, devemos classificá-los mais como dependentes do espiritismo, pois tinha ela um guia (Vettellini?) que lhe ditava as respostas. Pouco importa, no entanto, que seja sonambulismo ou espiritismo; pois as duas modalidades psicofisiológicas confundem-se muitas vezes.

A primeira vez que o Senhor Cornillier adormeceu Reine, esta, descendo em pensamento no apartamento do Senhor Cornillier, separado de sua oficina de trabalho, onde não havia jamais estado, deu pormenores exatos: escovas de marfim colocadas sobre uma mesa, um espelho oval, dois retratos pequenos do Senhor C... sobre a chaminé.

Uma outra vez Reine vai visitar o Senhor S. O..., um amigo do Senhor Cornillier. Ela o vê sentado em sua mesa e escrevendo uma carta comercial. Ao seu lado está uma senhora em uma poltrona à direita da escrivaninha. Todos esses detalhes são exatos. Mas o que provam eles?

Reine, enviada para visitas à casa do Senhor X..., falecido há seis anos em B..., diz que há uma torre alta, datando de tempos antigos (o que é exato) e falando do Senhor X... diz: "Do que mais gostava era passear e da pintura", o que é em tudo característica de X...

Parece que ela teve também uma premonição (pg. 417). Viu no dia 26 de agosto de 1913, o Senhor Cornillier, tomando o trem, trajando um terno preto, com ar triste. Esta visão repetiu se na noite de 28 de agosto. No dia 30 ela vê o Senhor C... preparando sua valise. Ora, no dia 1.º- de setembro, este recebeu a notícia de que um seu primo havia falecido e ele tomou o trem imediatamente para seguir o comboio (de terno preto). Infelizmente, o Senhor Cornillier não nos diz se Reine não pôde, pelas vias sensoriais normais, conhecer a doença de seu primo.

Reine pôde também dar o nome de uma senhora, Jeanne B..., falecida havia quarenta e sete anos, que se incorporou nela (pg. 504) e que deu uma infinidade de detalhes exatos: sobre seu filho, chamado Marcel, soldado de cavalaria, e sobre seu marido, de quem se divorciara e que a havia tornado infeliz. Todos esses detalhes foram posteriormente verificados. Mas é impossível admitir como demonstrado (e quase que como inverossímil) que houve criptestesia: pois em lugar algum nos diz que Reine pôde conhecer a Senhora B..., modista.

Todos esses fatos não têm, portanto, senão um valor mínimo.

Assim, apesar de todo o trabalho dispendido pelo Senhor Cornillier, em seu livro há tais fraquezas e tão graves lacunas, que não podemos tirar nenhum partido. As opiniões de Vettellini, isto é, do inconsciente de Reine, sobre as coisas e os homens deste mundo e do outro, nos deixam terrivelmente indiferentes. A mais pequena contestação rigorosa de uma criptestesia ou de uma premonição irrepreensíveis, teriam outro valor científico. A este respeito, os preciosos relatórios da Senhora Sidgwick, de R. Hodgson

e de J. Hyslop são incomparáveis. É sobretudo o admirável relatório dado por Sir Oliver Lodge de suas sessões com a Senhora Piper, que me parece ser o modelo no gênero.

O Senhor Mamtchitch assiste a uma sessão espírita pela primeira vez em 1875, em Kieff. De volta a casa põe-se à mesa e interroga o alfabeto. São-lhe dados o nome de Palladia e esta frase: "Reponha o anjo no seu lugar, ou ele vai cair". O Senhor Mamtchitch vai no dia seguinte ao cemitério, "onde não havia jamais ido" e acaba por descobrir o túmulo enterrado na neve. A estátua de mármore representando um anjo com uma cruz, pendia fortemente de um lado (1).

(1) - BOZZANO, A. S. P., 1909, XIX, 324.

O Senhor Massey (2), tendo ido ver um médium, a Senhora Lottie Flower, lhe entrega a luva de um de seus amigos, de nome Pigott, absolutamente desconhecido para a Senhora Flower; ela diz: "Isto é absurdo, nada mais posso dizer senão Pig, Pig..."

(2) - MYERS, *Human Personality*, II. 562.

Sir William Barrett (3) relata um fato de criptestesia devido à mulher de um eminente médico irlandês, a qual tem a faculdade da escrita automática. Esta senhora escreve o nome de um seu primo morto no exército; este anuncia que tinha uma noiva e dá o seu nome, o prenome e o endereço. Ora esse noivado havia sido mantido absolutamente em segredo mesmo para a família do morto.

(3) - Citado pela Senhora DALLAS, A. S. P., XXVI, julho de 1916, 112.

O Senhor Speakman, experimentando duas senhoritas inglesas, em Pau, com a prancheta, lhes fala de uma senhora Sarah Lamy, falecida há alguns dias. Sarah, pela mesa, anuncia que sua filha se chama Rose (exato) e que ela, Sarah, manifestaria a presença ao seu marido, batendo ao pé

da cama. E, com efeito, na mesma noite, o Senhor Lamy ouviu os golpes repetidos nas costas da cama. Ela adiantou que ele teria dificuldades com os tabeliões, e com efeito, dificuldades imprevistas, independentes da morte da Senhora Lamy, sobrevieram. Outros detalhes verídicos foram ainda dados (4).

(4) - A. S. P., XIX, 330.

A Senhora Leonard, a mesma que deu a Sir Oliver Lodge admiráveis testemunhos de clarividência, deu a Srta. Radclyffe Hall e Lady Troubridge muito boas provas de criptestesia (1)

(1) - On a series of sittings with Mrs. Osborne Leonard, pela Srta. RADCLYFFE HALL, e Lady TROUBRIDGE, P. S. P. R., dezembro de 1919, XXX, 339-547.

O memorial está dividido em cinco capítulos (2)

(2) - Se bem que seguras da sinceridade da médium, como se tratava, em suma, de uma médium profissional, a Srta. R. H... e Lady T..., que no entanto, nunca haviam freqüentado os médiuns e os círculos espíritas, se asseguraram por «Detetive» de que nenhuma investigação secreta havia sido levada a efeito pela Senhora LÉONARD.

1.º- Descrição do comunicador, isto é, da personagem evocada. Trata-se da Senhora A. V. B..., uma amiga da Srta. R. H... e de Lady T..., falecida há cinqüenta e sete anos, totalmente desconhecida da Senhora Leonard, que foi exatamente descrita por Feda, o guia da Senhora Leonard. Em algumas circunstâncias, a Srta. R. H... tocava muito levemente a mesa; mas a maioria das vezes a resposta se fazia por palavras. Feda pôde dizer que a Senhora A. V. B... tinha uma paralisia na boca, à direita, o que era exato. Toda a descrição da Senhora A. V. B... foi feita com uma notável precisão.

2.º- Descrições completas foram dadas de lugares absolutamente desconhecidos da Senhora Leonard, os quais a Senhora A. V. totalmente desconhecidos da Senhora Leonard, os quais a Senhora A. V. B..., enquanto em vida,

visitou com a Srta. R. H... Notadamente, tratava-se de Tenerife e das ilhas Canárias. Falou de dois macaquinhos, de um clima nem muito quente, nem muito frio, onde se caminha sobre cinzas, de um lugar chamado Cruth, Vera..., Vera Cruthy... Tenerife, Mazagal. (Tenerife, Santa Cruz e (em Marrocos) Mazagra, ou sejam lugares que a Srta. R. H... e a Senhora A.V. B... visitaram).

3.º - Outras provas de grande lucidez foram dadas em seguida, das quais a Srta. R... e Lady T... não podiam fornecer detalhes, pois se tratava de coisas muito íntimas para serem publicadas. A casa de Lady T..., seu penteador azul, sua sala de jantar, foram exatamente descritos.

4.º - Detalhes abundantes foram fornecidos por Feda a respeito de uma pessoa chamada Daisy (pseudônimo) que a Senhora A. V. B... havia conhecido, sendo certo que nem a Srta. R... nem Lady T... os podiam conhecer.

Sem poder entrar em um relato mais circunstanciado, torna-se evidente, que a criptestesia da Senhora Leonard é muito poderosa, além de que tem ela, como a Senhora Piper, conhecimento de fatos que Nenhuma transmissão mental pode explicar. Assim, essas experiências notáveis provam, uma vez mais, que a criptestesia existe e que, em grande número de casos, não se pode, para explicá-la, invocar qualquer telepatia.

A Senhora Thompson deu belos exemplos de criptestesia a Fr. Myers (1) e a outras pessoas.

(1) - Ver também Doutor Fr. VAN EEDEN, *Quelques observations sur les phénomènes dits spirites*. Congr. Univ. de psicologia de Paris, 1900 e A. S. P., 1901, XI, 240-52.

Esta criptestesia se manifesta quando ela cai em estado de sonambulismo, que lhe sobrevém espontaneamente, desde que queira fazer uma experiência. Então é uma menina

(Nelly, uma filha que perdeu) que se incorpora nela e fala em linguajar infantil (como Feda, da Senhora Leonard).

Os fenômenos apresentados pela Senhora Thompson são intermediários entre a criptestesia hipnótica e a criptestesia espírita.

A Senhora Thompson deu-me uma bela prova de lucidez. Fr. Myers trouxe-a à minha casa, para experimentar. Nessa noite, meu filho Georges entregou-lhe seu relógio, perguntando-lhe se lhe poderia dizer alguma coisa. A Senhora Thompson pegou o relógio e, depois de alguma hesitação, disse: Three generations mixed. Era difícil poder expressar-se melhor. Com efeito, este relógio havia sido dado pelo avô de Georges (Felix Aubry) ao seu filho Georges Aubry. Depois da morte de Georges Aubry, morto na batalha de Vendôme em 1870, o Senhor Felix Aubry retomou o relógio e ao morrer deixou-o ao meu filho Georges.

A Senhora Thompson, estando no jardim do terraço de Mônaco, viu um casal de idade avançada, brincando com um cãozinho. Aproximou-se então deles e lhes dirigiu a palavra, imediatamente, sem nenhuma razão plausível, "ex abrupto". De pronto lhes disse que lhes falava porque viu a palavra "Carqueiranne" sobre suas cabeças. Ora, precisamente, o Senhor e a Senhora Moutonnier deviam ir a Carqueiranne para encontrar-se com a própria Senhora Thompson, com Myers, que nesse momento era meu hóspede em Carqueiranne. A Senhora Thompson nunca ouvira falar no Senhor e na Senhora Moutonnier.

O Doutor Frederic Van Eeden, médico holandês, residindo em Bussum, foi posto por Myers em contato com a Senhora Thompson. Tomou-se um cuidado extremo para

esconder seu nome e sua nacionalidade. Ora, no correr da sessão, a Senhora Thompson chama o Senhor Bussum, diz-lhe que tem um parente chamado Frederic, que era jardineiro de Éden. O Senhor Van Eeden havia trazido uma das vestes de um rapaz que se suicidara, sem fazer confidências a ninguém. A Senhora Thompson dá seu prenome e descreve seu caráter. Indica que havia sangue na sua garganta (o que está conforme ao gênero do suicídio). Quando o Senhor Van Eeden exprimiu-se em holandês, a Senhora Thompson, sem no entanto falar esta língua, compreendeu-o muito bem. Lembrou exatamente ao Senhor Van Eeden a conversa que tivera com o suicida. Van Eeden acabou por ficar absolutamente convencido de que realmente existe comunicação com uma pessoa falecida. Ora, esta convicção pessoal de um psicólogo experimentado como o Senhor Van Eeden tem um grande peso.

James Hyslop estudou com um cuidado extremo um caso de criptestesia que lhe parecia uma prova de identificação pessoal (1).

(1) - Amer, S. P. R., 1910 e A. S. P., 1910, XX, 193-264.

O Senhor Thomson, ourives-fotógrafo, havia conhecido um distinto pintor, Robert Swain Gifford, que havia encontrado uma ou duas vezes nos pântanos de Nord Bedford. Visitou-o uma vez até.

Gifford morre em janeiro de 1905, e Thomson, no verão de 1905, sente uma primeira impulsão (impulsão para esboçar e pintar).

Na exposição das obras de Gifford, pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe dizia: "Termine o que comecei". Saindo da exposição, Thomson põe-se a desenhar os quadros

inteiramente no estilo de Gifford, alguns de uma similitude espantosa.

Se fosse rigorosamente provado que Thomson não havia visto nem podido ver os desenhos de Gifford, a demonstração da criptestesia seria espantosa. Ora Thomson, apesar de toda a sua lealdade, não pôde responder por recordações pantomnéticas de seu inconsciente e então o caso não é bem convincente. Precisaria estabelecer que os desenhos de Gifford eram absolutamente desconhecidos de Thomson. Flournoy foi bem mais severo, e com razão, para com Hélène Smith.

Parece-nos impossível admitir a "possessão" de Thomson por Gifford.

Da mesma forma, o caso citado por Aksakoff não pode ser considerado como demonstrativo. Na cidadezinha de Tamboff, na Rússia, morre uma enfermeira, Anastasie Perelyguine, que se envenenou no dia 16 de novembro. No dia 18, nessa mesma cidade de Tamboff, o nome de Anastasie chega, com detalhes, sobre o seu suicídio. Pouco importa que os assistentes e o médium declarem haver tudo ignorado. Basta que tenham podido ouvir falar na cidade (e haver esquecido) do dia 16 a 18 de novembro, isto é, durante duas vezes vinte e quatro horas, para que sua memória inconsciente esteja em ação.

Aí estão dois casos duvidosos, extremamente duvidosos, os quais não se deve levar em conta, pois em metapsíquica como nas outras ciências, as demonstrações insuficientes causam mais dano do que bem.

Grasset, em seu livro de 1908, parece ter deliberadamente omitido os casos de telepatia probante e, como não faz menção senão de relatos medíocres, incertos,

ele não teve trabalho em estabelecer a nulidade da telepatia (criptestesia). Porém, esses não são sistemas de discussão eqüitativos. As histórias do Écho du merveilleux, como também as narrativas de Aksakoff, são geralmente muito contestáveis, tanto para a própria observação como para a interpretação (1).

(1) - GRASSET, loc. cit., 316. O capítulo «Exposição dos fatos» tem 13 páginas, das quais a Senhora COUESDON («A vidente da Rua Saint-Denis») tem duas, e o Senhor DACE (esse jovem oculista muito conhecido) (??) tem duas também. Será uma crítica digna de GRASSET?

A Senhora C..., que não é de modo algum médium profissional, deu uma sessão para os Srs. Venzano e Bozzano no Círculo Minerva, em Gênova. Desde o início, é indicado por rapes a Sra C..., que seu filhinho Robert, que deixara em casa muito bem de saúde, está com febre alta. Imediatamente, a Senhora C... abandona a sessão e verifica que com efeito seu filho Robert, com grande inquietação da empregada, está em plena crise febril (40°).

O fato não é nada convincente por muitas razões.

O Senhor Venzano, experimentando com as Srtas. G..., que não são médiuns profissionais e têm as mãos na mesa (as respostas se dão por rapes) pensa em seu amigo, falecido há alguns anos. Esse nome é dado juntamente com o de um dos discípulos do próprio Venzano e do amigo deste. No momento em que a experiência ia terminar, o nome de Ciompari é dado. Ora Venzano, rebuscando na memória, descobre que era o nome (familiar) de um seu parente bastante próximo, que morrera octogenário, havia alguns anos. Depois a mesa deu, sem que Venzano houvesse pedido, o nome de Teresa Bartolini, que fora a mulher de Ciompari (1).

(1) - A. S. P., 1905, XV, 694.

O conde Hugo Baschieri (2) em uma sessão particular em casa da Senhora J. H... em Paris, Rua Saint-Charles (XV Arr.) junto das fortificações, no dia 31 de julho de 1914, repentinamente disse: "Uma personagem muito importante vai ser assassinada. Quanto sangue! Que horas são?" Olham então a hora: eram 21h 40. "E então! Está se passando alguma coisa no bulevar dos Italianos". Ora no dia 31 de julho de 1914, entre 9h35 e 9h40, a uns 300 metros do bulevar dos Italianos, o grande orador Jaurès era covardemente assassinado.

(2) - DE VESME, *Un clairvoyant*, A. S. P., XXV, novembro de 1915, 263.

Não se pode fazer entrar esse caso nas premonições, pois o fato foi indicado no momento mesmo em que se produzia.

Ainda que se possa, como sempre, quando se está resolvido a negar tudo, invocar o acaso, é uma explicação bem medíocre.

Assemelhar-se-á esse caso ao do assassinio da rainha Draga, mencionado mais adiante, e também ao célebre caso citado por De Vesme, de Apolônio de Tíana, que, fazendo um discurso em Éfeso, o interrompeu subitamente dizendo que acabavam de matar o tirano Domiciano (em Roma). O relato foi dado por Filóstrato e por Dion Cássio na sua história romana. Mas pode-se acreditar nisso?

O Senhor Lemaire, professor em Gênova, experimentando com H. Smith (1) conta que a médium, no início da sessão, sentira um cheiro de pedreira dinamitada e alegava que Jean estava com a Senhora N.... que já havia assistido a algumas sessões. Ora a Senhora N...consultada em seguida, buscando velhas recordações, lembra-se de que, quando era menina, um operário de pedreira chamado Jean, lhe votara grande afeição. O gênero de seu trabalho era, no

entanto, preparar e pôr fogo nas mechas de dinamite. Isto é pouca coisa: não é nada.

(1) - A. S. P., 1897, VII, 74.

O Senhor Arthur Hill (2) relata experiências muito concludentes. Um de seus amigos, Franck Knight chega, absolutamente incógnito, à casa da Srta. Mackonald, médium profissional, que lhe diz seu prenome (Franck), o nome de sua mãe, Freda Katherine, os nomes (Janet e Herbert) de seus irmãos e irmã e de Benjamin, seu tio.

(2) - *New Evidence in Psychical Research*, com uma introdução do Sir OLIVER LODGE, London, W. Rider, 1911.

Um outro médium, o Senhor Watson, deu ao Senhor Fr. Knight o nome de sua mãe, Mary Katherine, de seu bisavô, Oliver Upton, de dois parentes do Senhor Fr. Knight, Kathleen Thornes e Benjamin Thornes, a cujos nomes Watson ajuntou o de Carter, que é o da família do Senhor Knight, porém de uma data muito remota, indo a mais de um século.

Outras experiências, assaz numerosas com Watson, foram feitas ainda, que parece haverem conduzido à evidência da criptestesia mesmo com uma pessoa tão pouco crédula como o Senhor Arthur Hill. Supondo até, o que é bastante absurdo, que o Senhor Watson haja feito uma investigação nos cemitérios, de maneira a tomar conhecimento dos nomes inscritos nos túmulos e relativos à numerosa família do Senhor Knight, nada disto é explicável. Resta o impossível. Toda esta discussão está cuidadosamente estabelecida, com todos os detalhes necessários pelo Senhor A. Hill (pgs. 113-116).

Creio que A. Hill tem razão em dizer:

1.º - Que as fraudes devidas a investigações perseverantes, difíceis, quase impossíveis e multiplicadas,

feitas pelos médiuns para melhor enganar a pessoa que o consulta, são em extremo inverossímeis. Os detetives que puseram no encalço da Senhora Piper nada conseguiram.

Observemos bem - o que é importante anotar - que os médiuns que fariam tais investigações se exporiam sempre a serem pegos em flagrante delito de impostura premeditada, o que os perderia definitivamente.

2.º - Não há alucinações por parte dos observadores.

3.º - A probabilidade de certos sucessos obtidos nas investigações criptestésicas é, às vezes, de tal modo pequeno que, decentemente, não se pode invocar o acaso.

4.º - Tudo depende, em suma, do rigor na experimentação. Se o experimentador fica completamente mudo, sem dar o menor sinal de aprovação ou negação: se fica absolutamente impassível e toma as notas completas sobre tudo o que é dito, então a experiência é válida. Entretanto, a impassibilidade, assim como o rigor e o completo registro de todas as palavras do médium, é verdadeiramente muito difícil.

A Senhora Briffaut, em Paris, deu provas admiráveis, absolutamente certas, de lucidez; contentar-me-ei, entre muitas outras, em dar as seguintes:

A Senhora M. G. Montebello, visitando a Senhora Briffaut, ocasião em que com toda a certeza esta não podia saber o seu nome nem nada sobre ela, recebe imediatamente uma prova demonstrativa da criptestesia. "Vejo alguém que se chama L... - Louis, não é?" - (Sinal afirmativo com a cabeça por parte da Senhora de M...) - "É vosso filho?..." - "Sim." - "Ele foi morto durante a guerra?" - "Não..." - "No entanto, diz a Senhora Briffaut, ele me faz sinal de que foi morto bruscamente, brutalmente, de repente..." Ora, de fato.

Louis de Montebello, antes da guerra, fora por um raro e trágico acontecimento, atingido por um raio. Observar-se-á que, se a Senhora Briffaut cometeu um erro, foi um erro de interpretação. Ela viu a morte brutal, brusca, rápida, de Louis, e ela "concluiu" (com erro, mas em tudo semelhante) que havia sido por um efeito de guerra. Outras indicações precisas e preciosas foram dadas. Ao lado da Senhora de Montebello, a Senhora Briffaut vê uma senhora de idade avançada que escreve, escreve constantemente. Trata-se muito claramente da avó da Senhora de Montebello, que passou os últimos quinze anos de sua existência a escrever suas memórias.

É de se notar que esta experiência com a Senhora de Montebello é muito bonita; e que no entanto, com outras pessoas, a Senhora Briffaut teve resultados completamente nulos. A clarividência, nesses casos, parece depender tanto do percipiente como do agente. Em geral, a Senhora de Montebello, quando vai consultar um médium, um sensitivo, um sonâmbulo, obtém respostas extraordinariamente detalhadas e precisas, de maneira que eu estaria tentado a supor que a lucidez do médium não se exerce indiferentemente em todo o mundo. Há pessoas que os "inspiram" e outras que não os inspiram.

A Senhora A. G. Le Ber, minha filha, de que a Senhora B... conhecia o nome, recebeu vários informes, cujo valor se encontra apenas atenuado pelo fato de que o nome da Senhora Le Ber era conhecido da Senhora Briffaut. Com efeito, para saber tudo o que ela disse, a Senhora Briffaut devia ter-se entregue a uma investigação prolongada e difícil. Em todo caso, a Senhora Briffaut textualmente indicou uma conversa absolutamente íntima que a Senhora

Le Ber teve com seu irmão, meu filho Albert, morto durante a guerra, e esta conversação íntima, pessoa alguma viva, sem ser a Senhora Le Ber, a conhecia.

Arnaud de Gramont, com o pseudônimo de Doutor X..., vai ver a Senhora Briffaut e lhe diz que perdeu um filho na guerra. A Senhora B... lhe diz, o que é verdade: "Foi morto por um ferimento na cabeça, caiu de muito alto: ele estava na aviação..." Ela vê o prenome S... Mont. (O prenome do filho de A. de Gramont era Sanche).

O Bulletin de l'Institut Métapsychique de Paris, 1920, números 1 e 2, contém ainda diversas indicações muito interessantes sobre as criptestesias da Senhora Briffaut. Ao Senhor Jean Lefebre, completamente desconhecido dela, a Senhora Briffaut diz o nome de seu irmão Pierre e do outro irmão Joseph. Diz que a mulher de Joseph morreu há menos de um ano, em consequência de uma operação do fígado, o que é exato. Ao Senhor Lange, a Senhora Briffaut dá detalhes que pessoa alguma podia conhecer. Ao Senhor Lemerle, observador avisado e sagaz, que a Senhora Briffaut não pôde conhecer, diz imediatamente: "Vejo Jacques, um rapaz morto de uma maneira trágica... Ouço-o chamar; ele escreve Jean, Henri..." Realmente, os dois filhos do Senhor Lemerle haviam sido vítimas de um grave acidente de automóvel: chamava-se Henri e Jacques. Henri foi morto e Jacques escapou da morte. Há também da Senhora Forthuny (Revue spirite, maio de 1921, 144), um belíssimo caso de clarividência dado pela Senhora Briffaut.

Fatos igualmente análogos a esses da Senhora Briffaut, em Paris, e da Senhora Leonard, em Londres, foram obtidos por um sensitivo chamado Ludwig Aub, de Munique (1). Um estudante de medicina, não dando seu nome, nem sua

profissão, vai procurar Aub, que lhe diz: "Sois estudante de medicina, gostais da música, sobretudo Mozart. Vosso pai era médico; vosso avô, médico rural em Stettin". Ao Doutor O..., Aub diz: "Vosso pai era um filósofo, vossa mãe é de origem inglesa, mas viveu na Áustria. Casastes há pouco". Todos os detalhes eram exatos. Ao Doutor S..., Aub diz: "O que há de característico é que tendes em vossa casa um grande quadro, uma pintura do tempo de Albert Durer. É preciosa e é o vosso orgulho". Tudo isto está exato. Ao Doutor G., Aub diz: "Tendes predileção por Gustave Flaubert". De fato, nessa mesma manhã, o Doutor G. escrevia um prefácio para as obras de Flaubert.

(1) - VON R. TISCHNER, *Eine physiologisch-okkultistische Studie (Psychische Studien, XLVII, 1920, 598-612)*. TISCHNER cita diversas publicações sobre AUB, que apareceram em Munique, do Doutor DINGFELDER, de G. W. SURGA, etc.

O Senhor Hayward analisou metodicamente as respostas da Senhora K... (perto de Montreal). Mas não parece ter tido alguma lucidez superior (Fortune Telling, Am. P. S. P. R., 1921, 185).

Em resumo, de todas as experiências de criptestesia, tanto sobre os sensitivos como sobre os médiuns e sonâmbulos, ressalta uma conclusão muito clara, incontestável: é que existe uma faculdade de conhecimento por outras vias que não são as vias sensoriais ordinárias.

Nos dias que correm (1923) não é mais permitido duvidar dessa faculdade, que já se está tornando um acontecimento quase banal, que logo virá a ser clássico e que um dia nos admiraremos de ter desconhecido assim dessa maneira, bem como de ter sido ele tão criticado e posto em dúvida pela ciência oficial.

Ser-me-á permitido lembrar, com algum orgulho, que em 1888, P. S. P. R., (V), eu havia claramente afirmado esse fato estranho que hoje domina toda a metapsíquica subjetiva.

"Existe, em certas pessoas, em certos momentos, uma faculdade de conhecimento que não tem relação com as nossas faculdades de conhecimentos normais".

Não tenho nada a mudar do que disse em 1888; a não ser que hoje esta proposição, que parecia terrivelmente temerária, está no ponto de ser unanimemente aceita, particularmente pela Senhora H. Sidgwick, por Sir Oliver Lodge. Futuramente parecerá de tal modo simples, que será difícil acreditar que foi necessária alguma temeridade para sustentá-la.

O fenômeno da criptestesia é também tão certo como todos os fatos provados, reconhecidos pela ciência. Para negar esta criptestesia, seria preciso ser rebelde a tudo o que é demonstração científica.

Todas essas experiências da Senhora Briffaut, como as da Senhora Leonard, da Senhora Piper, parecem - e isto o confesso contra a minha vontade - trazer uma espécie de confirmação à teoria espírita. A lucidez dessas "videntes" não parece ter ação somente porque um espírito parece intervir para lhes ensinar tal ou qual fato. Não vou a ponto de inferir que as coisas se passam assim, porém tudo se passa como se o espírito do morto interviesse para dizer seu nome, suas relações, os fatos que conhece, e conversas com o "guia" do médium.

Mas isto não é sem dúvida senão uma aparência. O processo de conhecimento permanece misterioso. A hipótese de que os fatos não são comunicados por um ser de aparência humana é uma hipótese além de tudo

antropomórfica. Pode a gente ficar predisposto a crer nisso, mas provisoriamente: portanto me é permitido tomar a posição científica que nesta matéria delicada adotei: considero a criptestesia como absolutamente demonstrada, porém, recuso, pela insuficiência de provas, toda hipótese sobre a origem dessas revelações e dessas adivinhações.

Existem muitíssimos outros fatos interessantes, que não mencionamos, assinalados por Myers, por Bozzano e por outros autores; pode-se explicá-los - se bem que na maioria das vezes a explicação seja assaz inverossímil - por noções esquecidas, inconscientes, porém normais. Para nós é preciso que haja absoluta impossibilidade de um conhecimento normal para permitir a introdução da hipótese de uma criptestesia. O Senhor Heintzer, por exemplo, viu seu pai aparecer de fraque, com uma barba branca. Sabia que o pai estava morto, mas ele não o conhecera senão com uma barba que não era branca. Ora, enquanto o Senhor Heintzer filho estava no estrangeiro, haviam enterrado o Senhor Heintzer pai, de fraque, e sua barba tornara-se rapidamente branca durante o curso de sua última doença. Não é possível que o Senhor Heintzer filho tenha sabido, ainda que afirme, sem dúvida muito lealmente, ignorar?

E possível que Flournoy tenha razão supondo que o nome de Burnier não chegou por vias metapsíquicas ou criptestésicas. Se bem que a explicação por vias normais seja terrivelmente embrulhada e inverossímil, é preciso admiti-la todas as vezes que é possível.

E preciso admitir também que a memória latente possui extraordinários poderes que tornam a ilusão possível. Stainton Moses, pela escritas automáticas (1), ditado por Rector: "Ide à biblioteca, pegai o penúltimo livro na segunda

prateleira, vede o último parágrafo da página 94 e encontrareis esta frase..." Segue-se uma longa frase.... Então Stainton Moses levanta-se, vai procurar o livro e verifica que a citação está exata e na página 94. Mas, poder-se-á supor que isto não é senão uma reminiscência muito perfeita, muito completa, sem que seja, necessariamente, um fato de criptestesia. Pouco depois R... escreve: "Pope é o último grande escritor, etc... Pegai o décimo primeiro volume da mesma prateleira, abri-o e encontrareis esta frase". E, com efeito, Stainton Moses, levantando-se, abre o livro e na página 145 encontra a citação.

(1) DELANNE, *Rech, sur la médiumnité*, 342.

O relato é bem singular. Como o livro se abriu justo na página onde estava a citação? Será uma coincidência fortuita? Mas o acaso nada explica. Será que em estado de semi-sonambulismo o Senhor Stainton Moses já havia aberto o livro naquela página?

A Senhora R... deu-me admiráveis exemplos de criptestesia que não se podem explicar pela telepatia.

Ela é uma senhora de quarenta anos e não é uma médium profissional. É casada, mãe de família. Se ocupa do espiritismo, é porque, numa trágica ocasião, quando muito jovem, teve uma visão que a preservou, diz ela, de um grande perigo. (Para Hélène Smith houve uma proteção análoga, no início de sua vida).

As comunicações que ela dá são ora pela escrita automática (a maioria das vezes), algumas vezes por palavras e, muito raramente, por raps.

Citarei três fatos muito demonstrativos.

1.º - Trata-se de um dos mais queridos amigos, falecido há pouco, que ela jamais havia conhecido e do qual, pelo que

creio, eu nunca havia pronunciado o nome na sua frente. Disse-me que ele se chamava Antoine, que entrei em seu quarto alguns minutos antes de ele morrer e que o beijei na testa; ajuntou que ele me chamava Carlos. Ora, este nome, o detalhe relativo a esse beijo, e sobretudo esse fato de me chamar, único de todos os meus amigos, Carlos, é característico.

Antoine, falando pela Senhora R..., disse ainda que com Lucie, sua esposa, esteve em Fontainebleau. "Lá fomos tristemente felizes". A estadia de Fontainebleau e a expressão de que se serve "tristemente feliz", segundo o testemunho da viúva de Antoine, eram detalhes absolutamente desconhecidos de todos, mesmo de mim, e muito exatos. O nome Lucie não é de todo um erro. Com efeito, como me disse mais tarde à viúva de Antoine, muitas vezes Antoine lhe dizia: "Que pena não te chamares Lucie! É o nome que prefiro!".

2.º - O segundo caso é mais impressionante ainda. Um dos meus parentes próximos, um rapaz de vinte e um anos, um dia envenenou-se (com estricnina). Mantém-se absolutamente escondida de todo o mundo a causa desta morte. (Seu pai, seu tio e eu, "éramos os únicos" a saber). Nenhum jornal, bem entendido, comentou, nem comentará nunca. Três semanas depois, pergunto à Senhora R... o nome de uma pessoa, meu parente próximo, que está morta. Ela me diz: "Chama-se Georges"; e ajunta: "Estivestes no seu leito de morte, ele tinha uma espuma vermelha nos lábios..." O que é absolutamente exato... Depois ela diz: "Lulu, Lulu". Ora, na sua família tinham o hábito de chamar Georges, "Loto". Deixo de lado os erros graves e numerosos. Porém há um detalhe característico. Georges falando pela Senhora

R..., disse: "Stephen, Stephen! Oh! esta escrita, parece-me que não poderei terminá-la jamais!" Ora eis um detalhe de precisão espantosa e absolutamente ignorado de todos. Antes de se matar, o infeliz Georges havia escrito uma longa carta, deixada aberta sobre a mesa, a um seu amigo, Étienne. Esta carta, ninguém a viu (salvo seu pai, seu tio e eu). A Senhora R..., que vivia muito sozinha, que não conhecia ninguém de minha família, não podia absolutamente nada saber de todos esses fatos mantidos rigorosamente em segredo por três pessoas. Da minha parte, ignorava completamente o nome de Étienne, amigo de Georges. (A palavra inglesa Stephen corresponde à palavra francesa Étienne).

3.º - O terceiro fato de maior importância (pois após reflexão, parece-me um dos casos mais surpreendentes de criptestesia que se pode obter) é o seguinte:

Dou-o com minúcias, pois todas as condições foram rigorosamente anotadas e testemunham uma lucidez maravilhosa, exercendo-se a 2.000 quilômetros de distância.

Em junho de 1906, às 10h30 da noite, após diversas frases incoerentes, na presença de meu amigo Octave Houdaille, da Senhora S..., da Senhora R... e de sua filha, de doze anos de idade, temos a seguinte frase por meio de raps, mais claros como jamais tivemos. (Houve apenas duas ou três vezes, durante todas as minhas experiências com a Senhora R..., frases inteligíveis pelos raps).

"Bancalamo".

Então não me pude impedir de dizer: "Ah! É o latim calamo!" Mas, imperturbável, o ditado pelos raps continua: "Banca la mort guette la famille".

A partir desse momento, as respostas foram incoerentes.

Julguei de início que se tratava da palavra italiana, "Baanca - Blanche". - Porém, nenhuma das pessoas presentes pode atribuir a uma Blanche qualquer esta frase enigmática.

No dia seguinte, quinta-feira, às 14 horas, chega a Paris a notícia do assassinio de Draga, rainha da Sérvia. Dois oficiais sérvios, após haverem comprado a cumplicidade de personagens do palácio, entraram à meia-noite no palácio do rei Alexandre, e o assassinaram, a ele e à rainha Draga, sua esposa. Os dois irmãos de Draga tinham sido mortos também. Draga tinha duas irmãs que nessa noite não escaparam da morte senão por milagre.

Porém nem um instante imaginei ligar esse trágico acontecimento à sessão íntima que tivemos na véspera. Nem nenhum de nós, nem a Senhora R..., pensamos numa relação qualquer, mesmo longínqua.

Dois dias depois, sexta-feira, lendo em Le Temps alguns detalhes relativos ao crime, soube que o pai de Draga chamava-se Panka, e isto foi para mim como um raio de luz.

1.º - A palavra Banca é pouco diferente junto do nome Panka (voltarei a falar nisso logo mais).

2.º - O momento no qual a mensagem foi transmitida, 22h30, em Paris, corresponde exatamente, minuto por minuto ao momento em que os oficiais assassinos saíam do Hotel de la Couronne para ir ao palácio matar Draga (isto é, meia-noite. A hora de Belgrado avança 1h 30 sobre a de Paris).

3.º - As palavras aplicam-se exatamente, com uma impressionante precisão, a um perigo que ameaça toda a família de Panka.

De fato, mesmo procurando, não se encontraria nada melhor do que estas palavras: "La mort guette la famille". (A morte espreita a família), para indicar resumidamente qual era, à meia-noite, a situação ameaçadora das coisas, para a família de Panka.

Voltemos agora à pergunta para saber se as cinco letras Banca podem ser aplicadas ao pai de Draga.

Sobre essas cinco letras, com probabilidade de $1/25$, não há senão três que servem. A probabilidade total composta é, então, em números redondos, de $1/1.500$.

Mas na análise vê-se que a probabilidade é ainda muito mais fraca. De início, pela totalidade da palavra, há o número de letras que é o mesmo. Poder-se-ia ter 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 letras (Jean, Marie, Robert, Étienne, Julienne, Éleonore, Marguerite): por conseguinte a probabilidade que terão o mesmo número de letras é de $1/7$ e a probabilidade composta torna-se $1/10.500$, o que começa a ser bastante fraco.

Há melhor. A letra B pela letra P não é um erro completo, no caso de comunicação pelo som. Como se sabe, o B e o P são pronunciados mais ou menos do mesmo modo; os alemães dizem uma patalha, uma piblioteca, como dizem também um brofeta.

O erro relativo à quarta letra da palavra Banca é bem curioso. No nome do pai de Draga, esta quarta letra, no alfabeto sérvio, é uma só letra que se pronuncia dj ou dz ou tz, letra que nosso alfabeto romano, o único que podíamos soletrar, não contém. Era preciso, portanto, encontrar uma letra única do alfabeto romano que respondesse tão bem quanto mal à letra sérvia, e aparece que o C é mais ou menos aquela cuja sonoridade mais se lhe avizinha. Admitamos, se

desejam, que B seja um erro completo; porém pelo menos reconhecemos que C é a letra justa e temos a probabilidade total (composta) de 1/500.000. Não é a certeza matemática; é a absoluta certeza moral.

De todas as experiências de metapsíquica subjetiva não há senão três hipóteses possíveis:

A. - A de má observação, de tramóia ou de ilusão.

B. - A do acaso.

C. - A da criptestesia.

Ora, nesta bela experiência, a hipótese de uma tramóia ou ilusão deve ser em absoluto afastada. A monição foi registrada antes que o acontecimento fosse conhecido. Ninguém em Paris sabia, no dia 10 de junho, às 22 horas, que um complô ia estourar contra a rainha Draga. Com mais forte razão, dentre as cinco pessoas que ali se encontravam, que provavelmente ignoravam que havia uma rainha Draga, nunca tiveram relações com um balcânico qualquer e não tinham sobre a Sérvia senão noções primárias.

Portanto, não resta mais, como hipóteses, senão o acaso ou a criptestesia.

Mas não é o acaso! Não somente um nome foi dito, cuja probabilidade não era senão 1/500.000, mas ainda a frase fatídica: A morte espreita a família pronunciada às 22 horas, não se aplica talvez somente a uma dos cinquenta milhões de famílias existentes nessa noite na Europa, com tanta precisão como à família de Panka, da qual três filhos iam perecer dentro de alguns minutos.

Grasset, no entanto, não tem receio em dizer que o acaso havia dado Banca por Panka, e que as palavras: a morte espreita a família, podiam nesse mesmo minuto dirigir-se a

milhares de outras famílias, que não fosse a família de Panka. A objeção é verdadeiramente ridícula.

Com efeito, se uma força inteligente inspirou esta frase - e a aparência é para esta hipótese, corajosa - parece que esta inteligência quis fazer uma "designação cuja autenticidade podia ser constatada". Se Panka tivesse sido um velho operário padeiro dos arrabaldes de Belgrado, ter-me-ia sido radicalmente impossível jamais saber se esta monição seria verídica ou fantasia. Não é sobre cinquenta milhões de famílias do planeta terrestre que há verificações possíveis; é sobre uma centena de famílias no máximo.

B. - MÉTODO DO ALFABETO OCULTO

Aqui devo indicar um método diferente que imaginei para constatar a criptestesia. Entretanto, este método não deu resultado porque experimentei somente com um médium dotado da sensibilidade especial que aí se adaptava. Porém, o Senhor William Barrett mostrou que com outros médiuns podia ter sucesso. Em todo o caso, seria desejável fazer-se uso sempre desse método, pois possui vantagens apreciáveis. É o método que denominei "o alfabeto oculto" (1). No entanto, não ousarei recomendá-lo com insistência, pois me parece mais prudente deixar cada médium agir segundo sua inspiração, sem lhe indicar as vias pelas quais deve dar suas respostas.

(1) -Veja Ch. RICHTER, *La suggestion mentale et le calcul des probabilités*, Ver. Philosophique, outubro de 1883, 609. - *Des mouvements inconscients (Hommage à M. Chevreul)*, Paris, Alcan, agosto de 1886 e *Revue de l'hypnotisme*, 1886, 170 e 209. - Uma excelente análise foi dada in *P. S. F. R.*, 1884, fasc. VII, 239. - *Relation de diverses expériences, etc.*, P. S. P. R., junho de 1888, 138.

Estas experiências foram feitas com Gustave Ollendorff, Henri Ferrari, Louis Olivier, Albert Père e Gaston Fournier, quase todos falecidos, ai de mim! meus amados e fiéis companheiros. O médium era meu pranteado amigo Gaston Fournier, que contava então trinta e dois anos de idade, homem amável, de inteligência segura e perspicaz (falecido em 1917).

A experiência era feita da seguinte maneira:

G..., o médium, tem as mãos sobre a mesa e cada movimento da mesa aciona uma pequena campainha elétrica: C... e D... têm também as mãos sobre a mesa, mas não têm nenhuma ação. A três ou quatro metros de distância, em uma outra mesa, está colocado um alfabeto atrás de um grande papelão, disposto de tal modo que G..., que lhe dá as costas, não possa ver nada mesmo que não houvesse o papelão para esconder o alfabeto. Nesta mesa estão sentados A... e B... A... percorre o alfabeto, B... tem um lápis e escreve a letra que responde ao movimento da mesa, movimento que se passa longe dele, mas que ele conhece pela campainha (fíg. 10, pg. 239).

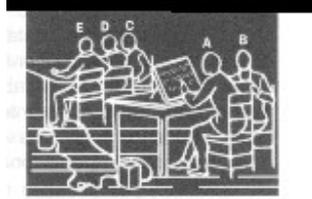


FIG. 10 - Disposição da experiência chamada do alfabeto oculto. E, D, C, estão à mesa. Os movimentos da mesa são indicados por uma campainha, graças a uma disposição elétrica tal que a campainha ressoa quando um dos pés da mesa se levanta. A percorre o alfabeto que ele tem, e oculto a E, D, C, os quais estão voltados de costas. B, no momento em que a campainha (indicando o movimento da mesa) ressoa, inscreve a letra correspondente àquela em que A havia parado um instante o lápis.

Fig. 10 - Disposição da experiência chamada do alfabeto oculto. E, D, C, estão à mesa. Os movimentos da mesa são indicados por uma campainha, graças a uma disposição elétrica tal que a campainha ressoa quando um dos pés da mesa se levanta. A percorre o alfabeto que ele tem, e oculto a E, D, C, os quais estão voltados de costas. B, no momento em que a campainha (indicando o movimento da mesa) ressoa, inscreve a letra correspondente àquela em que A havia parado um instante o lápis.

Ora, acontece que as letras assim indicadas dão palavras e frases que têm sentido. Por conseguinte, as pressões musculares inconscientes que G..., o médium, exerce sobre a mesa, são determinadas por uma espantosa lucidez, a percepção da letra que deve ser dita. Tudo se passa como se G..., desejando enviar uma mensagem, olhasse o alfabeto. Ora ele não pode vê-lo, pois este alfabeto, ao qual dá as costas, está escondido por um papelão, e os movimentos, forçosamente irregulares do lápis que passa sobre as diversas letras do alfabeto, são feitos sem o menor barulho. É preciso ajuntar que, durante a experiência, intencionalmente, falamos, cantamos, recitamos versos, fazendo uma tal algazarra que A..., que escreve, apenas pode ouvir a campainha.

Um dia, por excesso de precaução, em vez do alfabeto quadrado, empreguei um alfabeto circular. Além disso, não comecei pelo A, mas por uma letra qualquer, e percorri o alfabeto com uma rapidez muito diferente. A resposta foi uma resposta inteligente: Fa zol do. Ora isto é um fenômeno de criptestesia, pois Fa zol do não são letras atiradas ao acaso.

Também todas as respostas que têm sentido, mesmo que em si não indiquem nada de interessante, são uma indicação da criptestesia, uma criptestesia de natureza especial, que é o conhecimento (por Gaston, o médium) de tal ou qual letra do alfabeto escondido, sem que nem a vista normal, nem a audição normal, lhes possa ensinar.

Houve poucas frases completas dos versos franceses trocados, como por exemplo:

"Cai aos pés desse sexo a quem deves tua mãe" ou dos versos latinos:

"Infandum, regina, jubes renovare dolorem" ou frases de francês arcaico, quando era o suposto Villon que respondia:

"Onde estão as neves de antanho?"

"Luis, o Cruel,

"Ensaio sobre demonomania"

Estas frases são, em si, inteiramente insignificantes, mas todas elas testemunham a criptestesia, pois que era absolutamente impossível a Gaston, cujos músculos movimentavam a mesa, saber em que ponto estava o lápis que eu passeava irregularmente, silenciosamente sobre o alfabeto oculto.

O ilustre William Crookes veio um dia à minha casa para assistir a uma destas experiências. Havia feito uma pergunta mental: "Qual é o nome do meu filho mais velho?" Gaston

não sabe em absoluto o inglês. Entretanto, pelo alfabeto oculto, tivemos a resposta: “I know only the slang”: Não somente o alfabeto estava oculto, mas ainda não estava iluminado senão por uma pequena lâmpada que apenas permitia ver as letras. A resposta pode aplicar-se mais ou menos a todas as perguntas mas, o que é importante, é que os movimentos da mesa correspondam aos movimentos do lápis sobre o alfabeto, movimentos que não podiam ser normalmente percebidos por Gaston.

Essas experiências demonstram, além de tudo, o poder do inconsciente, pois Gaston, como todos nós, durante as experiências muito complicadas (às vezes o ditado ao reverso de um verso latino), cantava, ria, falava, discutia. Toda a parte consciente de sua personalidade estava em grande atividade enquanto a parte inconsciente, independentemente da consciente, tinha uma atividade não menor e exercia-se num domínio completamente diverso.

Essa criptestesia especial pelo alfabeto será telepática? É muito possível. Nada nos permite afirmá-la ou negá-la. Portanto, num caso, houve certamente criptestesia não telepática, pelo menos para as pessoas presentes, ainda que o resultado (calculado pelo método das probabilidades não seja de todo impressionante. Eu disse ao Senhor D..., muito cético, que não assistia a estas experiências: "Pensai num nome qualquer, que seja uma personagem histórica ou desconhecida, nós a acharemos pela mesa, e eu vos direi amanhã". A resposta foi F. N. T. B. T. Se toma-se a letra precedente (o que é perfeitamente autorizado a fazer) tem-se E. M. S. A. S.

Ora o nome pensado pelo Senhor D... era César ou Coesar. Sobre 5 letras há portanto, com a probabilidade de

1/25, 2 boas, seja como probabilidade total, segundo a fórmula citada mais acima, aproximadamente 1/42, o que é pouco. Mas na realidade, houve muito mais, pois é uma palavra de 5 letras, respondendo a uma palavra pensada de 5 letras, ou seja uma probabilidade 1/7 aproximadamente, de ter 5 letras. Então isto se torna 1/294 E mesmo mais ainda, pois se a mesma atrasava a resposta, a última letra R foi indicada com o S, a primeira letra C foi indicada com um atraso um pouco maior e então se tem D M S A R, o que se aproxima passavelmente de COESAR.

Se indico esta experiência, que ao lado de todas as belas experiências que mencionei mais acima, parece terrivelmente medíocre, não é porque queira conjeturar: é apenas para demonstrar que o cálculo das probabilidades, quando a experiência é irrepreensível, como esta, é de uma grande utilidade. De minha parte, prefiro uma experiência irrepreensível, que se apresente com uma probabilidade bastante forte, a uma experiência com uma probabilidade muitíssimo fraca, mas onde um leve vício lhe tira todo o valor.

Mencionarei ainda outra experiência. Paul, o irmão de Gaston, bastante cético, que não é de modo algum médium, assistia à sessão sem tocar na mesa. Pedimos-lhe para pensar num nome qualquer. O nome em que pensou foi indicado: Cheval por Chevalon. Ora, uma Senhora Chevalon, falecida há algum tempo, era amiga da família de Gaston e de Paul. Pedimos então ao espírito Chevalon para nos dizer alguma coisa de característico. Pela mesa e o alfabeto oculto, tivemos esta frase: "Como está tua mãe?" Com isto (é preciso confessar) Gaston ficou verdadeiramente amedrontado. A partir desse momento, não quis mais fazer,

nem nessa noite, nem nas noites seguintes, experiências onde desempenhasse o papel de médium. Nunca consegui decidirlo a continuar.

As experiências sobre o alfabeto oculto, que julgo extremamente importantes para dar uma prova maravilhosa da criptestesia, foram prosseguidas recentemente com grande sucesso pelo Senhor William Barrett (1).

(1) - Relatório pela Srta. DALLAS. *Expériences avec l'Oui-já, les médiums opérant les yeux bandés* (A. S. P., março de 1916, XXVI, 46).

Os médiuns, amigos pessoais do Senhor William Barrett, tinham os olhos completamente vedados; uma máscara impenetrável cobria-lhes o rosto; as letras do alfabeto não lhes eram, portanto, visíveis e, além disso, essas letras, colocadas em desordem, eram recobertas por uma placa de vidro e por uma toalha de mesa. Nessas condições, houve mensagens com sentido. Pouco importa, no caso atual, o sentido de mensagem; basta estabelecer que as letras indicadas pelo movimento muito rápido e muito vigoroso da prancheta não se sucediam por acaso, mas comportavam uma significação muito precisa.

Em um caso muito bem observado por Senhor W. F. Barrett, o médium H. Travers-Smith tinha uma venda sobre os olhos, bem como o Senhor Lennox Robinson, e as letras do alfabeto estavam colocadas ao acaso sob um espelho transparente. Uma noite, poucas horas após o torpedeamento do "Lusitânia", foi indicado pelo alfabeto assim manipulado que o Senhor Hugh Lane (um amigo dos dois médiuns que, no entanto, sabiam estar na América) tinha-se afogado. Mesmo durante a sessão, quando esta indicação já havia sido dada pela mesa, um jornal, na sua edição da noite, deu o nome de Hugh Lane como uma das vítimas do desastre do "Lusitânia" (2).

(2) - A narração bem detalhada desta «monição» foi dada pela Senhora HESTHER TRAVERS-SMITH, *Voices from the void*, London, W. Rider, 1919, 35.

Não é possível considerar esta monição como muito probante, pois o médium sabia que houvera torpedeamento no "Lusitânia". Sir Hugh Lane havia partido para a América havia alguns dias. Daí, para o inconsciente, seria fácil concluir que Sir Hugh Lane era uma das vítimas.

Parece que a experiência seguinte, muito análoga no entanto, relatada também pela Senhora H. Travers-Smith, é bem melhor. Uma noite, após uma sessão infrutífera, de repente a mesa disse: "Ship sinking, all bands lost, William East over board. Women and children weeping and wailing; sorrow, sorrow, sorrow, sorrow!!" Nesse momento, um jornaleiro na rua anuncia: uma grande notícia! A Senhora Smith vai buscar o jornal. Era o naufrágio do "Titanic". William East significava "inverossimilmente" William Stead.

Se estes casos não são definitivamente convincentes pela própria monição, resta pelo menos a produção de mensagens pelo alfabeto oculto, assim como a Senhora Travers-Smith deu muitas, é uma belíssima e decisiva prova de criptestesia.

Um sábio professor de filosofia na Universidade de Groningen, o Senhor Hetnann, empreendeu, por método um pouco diferente, experiências que lhe deram resultados admirável. Experimentava com um médium que não era profissional, um estudante. Enviou-me, por esse motivo, uma carta muito explícita, que transcrevo textualmente:

"Nossas experiências de telepatia são executadas em dois quartos superpostos ao meu laboratório; no quarto inferior, que está iluminado, encontra-se o paciente, com os olhos vendados e colocado numa espécie de armário fechado de três lados, e por cima, tendo na parede da frente uma

abertura pela qual o paciente passa a mão. Esta mão pode mover-se acima de um quadro horizontal dividido (assim como um tabuleiro de xadrez) em $6 \times 8 = 48$ compartimentos quadrangulares. No teto desse quarto (que está construído em betume armado) encontra-se uma janela de 32×52 centímetros, fechada por cima e por baixo por uma vidraça; e por esta janela um de nós, que se acha no quarto superior, olha o quadro e a mão do paciente e procura dirigir "mentalmente" (R) esta mão para um compartimento determinado com antecedência pela sorte. Como esse quarto superior, durante as experiências, fica escuro, o paciente não poderia ver nada do que se passa ali, mesmo que a venda e o armário fossem retirados.

"O som não pode penetrar através do teto. Mesmo gritando, não é possível fazer-se compreender, e no entanto, o bom compartimento (probabilidade $1/48$) foi indicado 32 vezes em 80 experiências". A probabilidade desses 32 sucessos é $1/10$ à 21° potência.

Há talvez, nessas experiências elegantes, telepatia; mas em todo caso há criptestesia, pois que o sucesso na indicação do compartimento comporta dois elementos: $1.^{\circ}$ - a execução do pensamento do agente e aí há telepatia, isto é, uma das modalidades da criptestesia; $2.^{\circ}$ - depois que se pensou no compartimento, a indicação mesma desse compartimento não pode ser senão criptestesia, pois que o quarto superior, durante a experimentação, fica escuro, e o agente não pode ver nada, nada mais do que o percipiente.

O cuidado com que estas experiências foram feitas pelo eminente psicólogo dá muito apreço a esses excelentes resultados. Parece que haveria grande interesse em retomar ainda estas experiências do alfabeto oculto com médiuns

muito poderosos, que poderiam sem dúvida exercitar em corresponder-se deste modo.

Vê-se, em todo o caso, que a criptestesia é de grande elasticidade na própria experimentação e está sempre sujeita a resultados imprevistos.

C. - CORRESPONDÊNCIA CRUZADA

O método da correspondência cruzada (cross-correspondence) é um processo engenhoso para constatar a lucidez, processo que, nestes últimos tempos, os ingleses e americanos desenvolveram amplamente.

Eis qual é o princípio. Duas pessoas, A... e P.... combinam escrever simultaneamente uma carta, para saber se seus pensamentos coincidem. As duas cartas são datadas e trazem os selos do correio. Portanto, há um agente A... e um percipiente P... A experiência é perfeita, sobretudo se é o acaso que determina A... a escolher tal ou qual pensamento, tal ou qual imagem. Mas mesmo quando não é o acaso que faz a escolha, há pouca probabilidade de que os dois correspondentes, cuja boa fé é certa, concordem sobre tal ou qual idéia.

As Srtas. Ramsden e Miles tiveram pela "Cross-Correspondence" fatos dignos de serem anotados (1). A Srta. Miles estava em Londres e a Srta. Ramsden em Bulstrode (30 km de Londres). M... era o agente, e R.... o percipiente.

"27 de outubro" - Srta. M... óculos.

"27 de outubro" - Srta. R... óculos.

"30 de outubro" - Srta. M... um relógio

"30 de outubro" - Srta. R... um medalhão com uma corrente.

"31 de outubro" - Srta. M... penteando-se à noite, olha o poente sobre o oratório de Brampton, cuja cúpula, encimada por uma cruz, desenha-se no céu. É esse mesmo objeto que ela quer transmitir pelo pensamento à Srta. R...

"31 de outubro" - Srta. R... julga que M... lhe desejou fazer uma crucificação. Fica admirada por não ver senão a cruz sem as santas mulheres ao pé da mesa.

"4 de novembro" - A Srta. Ramsden descreve: duas arcas góticas como claustros; garças de pescoço comprido e pássaros d'água; fileira de fuzis com os quais fazem fogo; uma mulher vestida com um manto de pastor; cão com longos pêlos, um galgo e um belo retriever (2).

(1) - *Expériences de transmission de pensée à distance*, A. S. P., 1906, XVIII, 160 e P. S. P. R., outubro de 1907.

(2) - *Cão de caça que conduz o produto da caçada*. (Nota dos tradutores).

"4 de novembro" - A Srta. Miles vai à igreja de Malnesburg onde existem arcas góticas parecidas com as de um claustro. Falou-se da caça ao coelho; há cisnes; viu-se uma garça; havia galgos e retrievers. A Senhora De Beaufort, uma amiga da Srta. Miles, vestia um manto de pastor.

Pelo método de correspondência cruzada, outras provas de criptestesia foram dadas. Citarei apenas, segundo a Senhora Johnson, o seguinte fato (3) "O escrito da Senhora Forbes, que se pretendia vir de seu filho Talbot, mencionava que ia tirar férias com ela porque procurava um outro sensitivo que escrevesse automaticamente a fim de obter a confirmação de seus próprios escritos. No mesmo dia, a Senhora Verrall escreveu uma mensagem, na qual havia o caso de um pinheiro plantado num jardim. A comunicação

estava assinada por uma espada e um clarim suspenso. (Tal era o escudo do regimento ao qual havia pertencido Talbot Forbes). A Senhora Forbes tinha no seu jardim alguns pinheiros provenientes de sementes enviadas por seu filho. Todos esses fatos eram absolutamente desconhecidos da Senhora Verrall. Esta, num outro caso (1904) deu detalhes, verificados depois, sobre as ocupações da Senhora Forbes: teve a impressão de que esta se achava sentada em seu salão e que seu filho, em pé ao seu lado, a olhava. No mesmo dia, a Senhora Forbes escrevia que seu filho estava lá e que uma prova decisiva havia sido dada nesse momento, em Cambridge, de sua sobrevivência".

(3) - Veja O. LODGE, *La survivance humaine*, trad. fr., pág. 257.

É ao método da correspondência cruzada que se deve ligar os laboriosos estudos do Senhor Hubert Wales (1). Ele recebia as notas que lhe enviava de Londres a Srta. Samuel quase que diariamente e ele mesmo tomava notas, em Hindhead, a 20 kms de Londres. Tratava-se de ver se havia uma relação entre essas notas. O método é excelente; mesmo assim, parece que os resultados não são muito demonstrativos sob o ponto de vista da criptestesia.

O Senhor Wales classificou as notas em três grupos:

1.º- Verídicas, isto é, dificilmente atribuídas a coincidências, 16.

2.º- Parcialmente incompletas e confusamente verídicas,

3.º - Sem relação, 159.

Portanto, são 375 observações recolhidas durante 8 meses.

Ora mesmo para os 16 casos considerados pelo Senhor H. Wales como verídicos (seja aproximadamente 4 por 100) é difícil formular-se uma conclusão firme. E, no entanto,

houve resultados que encorajavam bastante, particularmente para as *apparent premonitory impressions* (pgs. 200-205).

(1) - *A Report on a series of cases of apparent thought transference without conscious Agency. P. S. P. R., XXXI, 1920, 924-218.*

O estudo da correspondência cruzada foi levado muito longe. Com paciência ininterrupta, a Senhora Verrall, Srta. Hélène Verrall, Senhora Holland, Srta. Alice Johnson, Senhor Piddington, Dr. Verrall, Senhora Sidgwick, instituíram uma série de experiências notáveis, exigindo longos esforços e que não podiam ser levados a bom termo senão por pessoas como a Senhora Verrall que possuía, a par de uma sagacidade científica admirável, um conhecimento profundo da literatura antiga e poderes mediúnicos excepcionais. Porém a análise é difícil e minuciosa.

Seguramente, em certas palavras da Senhora Piper, parece que a personalidade de Myers é encontrada; do mesmo modo, em certos escritos da Senhora Verrall. A Senhora Piper nada sabe de latim, nem de grego, e entretanto, faz citações e alusões tão numerosas, tão hábeis, tão complicadas, que é inadmissível que ela haja preparado esta perversa farsa. Então imaginaram que era Myers em pessoa, falecido há pouco, e durante sua vida muito versado na literatura antiga, o inspirador desses escritos. Numerosas tentativas foram feitas para encontrar relação entre os escritos da Senhora Verrall (Myers V.) e as palavras da Senhora Piper (Myers P.). A coincidência dessas palavras teria sido, não a prova absoluta, mas um começo de prova em favor da sobrevivência pessoal (1).

(1) - Ver a respeito deste assunto as *P. S. P. R.*, de 1910 a 1914, *passim*.

Não é possível entrar aqui em mais detalhes. Basta-me citar as opiniões, ou melhor as conclusões (entretanto, diametralmente opostas), de J. Maxwell e da Senhora

Sidgwick (2). J. Maxwell julga que há exagero no lugar cedido ao simbolismo e à interpretação, às vezes fantasia, às vezes rebuscada, desses símbolos. Está tentado a acreditar que, cedendo esta confiança audaciosa à escrita automática e querendo sempre reconhecer nela símbolos longínquos e complicados, acabaria por encontrar relações transcendentais em tudo.

(2) - J. MAXWELL, *Les correspondences croisées et la méthode expérimentale*, P. S. P. R., Part. LXV, 1912, 54-144.

Também não admite que se possa concluir no mesmo sentido que os da Senhora Verrall e Senhor Piddington. "É impossível, diz ele (pg. 139), concluir pela intervenção de um espírito. Temos necessidade de uma prova e de fatos. Ora, o sistema da correspondência cruzada está baseado em fatos negativos, o que é uma base instável. Ao contrário, os fatos positivos têm um valor em si, o que não podem dar (pelo menos, até o presente) a correspondência cruzada".

A Senhora Sidgwick pensa de modo completamente diverso ao do Senhor J. Maxwell (1). Segundo ela, a probabilidade da entidade pessoal (pg. 399) está apoiada pelo caráter geral das comunicações, que demonstram com toda evidência que as idéias e os arranjos de palavras estão mais em relação com as idéias dos comunicadores (no sentido espírita) do que com as idéias dos médiuns. Ora este argumento da Senhora Sidgwick não tem grande força, pois a leveza do inconsciente nos médiuns é bastante grande para reconstituir de uma maneira impressionante as personalidades de Myers ou de qualquer outro. A Senhora Sidgwick ajunta, com grande razão, que é preciso provas novas mais positivas.

(1) - *A reply to Dr. Joseph Maxwell's Paper on cross correspondences and the experimental method*, P. S. P. R., julho de 1913, Part. LXVII, 375-401.

O Senhor Gerard W. Balfour (2) (pg. 236) conclui que este estudo longo e laborioso, conduz lenta, mas seguramente à convicção de que muitos fatos que aparecem na correspondência cruzada não podem receber explicação satisfatória senão pela hipótese espírita.

(2) - *Some recent scripts affording evidence of personal survival*. P. S. P. R., 1914, XXVII, 221-243.

O Senhor Balfour formula assim suas conclusões sobre os longos escritos automáticos obtidos simultaneamente:

"Os três médiuns mencionam o nome de Eurípide. Todos os três indicam mais ou menos claramente, que Eurípide é o paciente da Cross-Correspondente. Dois dentre eles ligam Eurípide a "Hercules furens".

Em um outro caso, considerado bom pelo Senhor Balfour, a Senhora Piper diz: "Light in West" e a Senhora Verrall diz: "Les mots étaient de Maud: vermeil est l'est". A verdadeira citação de Maud é: "vermeil est l'ouest".

Certamente são casos de criptestesia bem caracterizados. Porém que aí haja criptestesia, lucidez ou telepatia, isto não implica de modo algum a sobrevivência de uma consciência pessoal.

Por outro lado, o Senhor Hereward Carrington conclui assim (cito suas palavras porque elas me parecem resumir com precisão o que convém, segundo eu, para conclusão desta correspondência cruzada):

O conjunto destes fatos, are all fully explained upon purely psychological and naturalistic lines. They almost invariably resolves them into simple subconscious memory associations. O acaso desempenhou a maior parte do que se imagina. Todas estas comunicações, apesar do grande trabalho que representam, trazem para a sobrevivência uma

prova mínima de que nas sessões da Senhora Piper se incorpora Georges Pelham (1).

(1) - A. S. P., 1909, XIX, 294.

Parece que este julgamento do Senhor Carrington está justificado: mas é preciso, no entanto, reconhecer com ele que muitos dos fenômenos da correspondência cruzada, se não provam a sobrevivência, estabelecem assim mesmo que há fenômenos de telepatia e de criptestesia que se manifestam com evidência.

§ 5. - Leituras de Livros

Um método um pouco diferente das experiências acima mencionadas é o a que chamam em inglês os Book-Tests.

Quase todas as experiências que trouxe para aqui, segundo a Senhora H. Sidgwick e o Senhor Ch. Thomas Drayton, foram feitas com a Senhora Leonard, cujo poder criptestésico é notável (2)

(2) - A. SIDGWICK, *Em examination of Book-Tests* (P. S. P. R., XXXI, 1921, 241, 401). - Ch. DRAYTON-THOMAS, *Some new evidente for human survival*, 1 vol., 8°, London, Collins, 1922. - Ver também *Veridical References to the contests of closed Books*, S. P. R., 1922, 195.



Fig. 11 - O canapé azul.

Não mencionarei aqui senão as experiências mais demonstrativas, aquelas que estabelecem definitivamente a realidade da criptestesia.

E estou autorizado a não indicar todas as experiências: pois mesmo que houvesse o que não é o caso, duzentas experiências negativas, não provariam, em presença de cinco experiências positivas com probabilidade de 1/100.000, que a criptestesia não existe. Por exemplo, a Senhora Leonard (com Feda por guia) diz o nome de Leticier ("a funny sounding narre") no começo de um livro que está quase no meio da segunda fileira de uma biblioteca (que ela não pode conhecer). Na realidade, o nome do autor é Alexius Lépicier.

Uma única experiência deste gênero basta para neutralizar um grande número de experiências negativas.

Uma das experiências mais notáveis é aquela em que Feda (Senhora Leonard) descreveu um quadro denominado "O canapé azul" (ver fig. 11, pg. 249). A descrição é minuciosamente exata. Neste quadro há uma mulher nua,

sobre um canapé, que esconde o rosto. As palavras de Feda são, abreviadas, as seguintes:

"É alguém que não tem vestes (F... mostra-se chocada com esta ausência de vestimentas). Ela estende o braço direito e apóia sua cabeça sobre seu braço estendido. A perna direita levanta-se até tocar seu corpo. A perna esquerda está estendida de maneira que o joelho quase que toca o soalho".

Uma outra descrição foi dada, que é conforme a descrição que se pode dar da estatueta cuja fotografia está ao lado (fig. 12, pg. 251).

"As mãos estão sobre a cintura e estendidas para frente, com saliência dos cotovelos. O que está por baixo é bastante bobo (silly and incongruous)". Esta figura está decotada e F... indica por gestos muito exatos a forma do decote.

Estas duas experiências muito convincentes não são em absoluto Book-Tests, mas foi olhando (mentalmente) o que existe nas bibliotecas onde ela devia procurar um livro, que Feda viu essas duas imagens e pôde dar indicações excelentes que suplantam muitíssimo o que o acaso pode dar.

Passo aos Book-Tests propriamente ditos, dando alguns exemplos.



Fig. 12 - Estatueta de que fala o texto.

1. - Feda diz: "No terceiro livro à esquerda, nas páginas 2 e 4, há uma descrição do Oriente (Ásia Oriental); do Oriente muito antigo, de 2.000 anos!".

Ora esse livro é a história de Tucídides e na página 2 ele se refere à história da Grécia, no ano 3.000, e à guerra de Tróia na Ásia.

2. - Feda diz: "Sobre uma mesa, num quartinho de dormir, há um só livro de poesias; trata-se da descrição de um país adorável, onde desejaria estar: é na página 31".

Ora com efeito no quarto de dormir indicado havia não um livro, mas sete, dos quais um só era em versos. E na página 31, um poema de Tennyson fazendo a descrição de uma paisagem encantadora.

Em certos casos as referências de Feda a tal ou qual passagem de um livro que ela indica se referem a páginas que não foram cortadas.

Sir William Barrett conta que Feda indica exatamente quando se trata de um livro connected with studies of his youth, quando com efeito a empregada, por distração, havia colocado no lugar citado dois volumes de Tyndall (Heat e Sound) livros que, efetivamente, estavam em estreita relação com os estudos de Sir William Barrett em sua mocidade.

Outros fatos são inteiramente perturbadores, pois quase implicam em premonição, a premonição, o mais sério de todos os terríveis problemas da metapsíquica. Foi dito pela Senhora Leonard a Sir William Barret que o Times do dia seguinte teria, no meio da segunda coluna, o nome de um de seus grandes e queridos amigos, atualmente falecido, de quem Sir William possuía os livros e em quem pensara recentemente. Ora no dia seguinte, abrindo o Times,

exatamente no meio da segunda coluna, encontrou impresso, em grandes caracteres, o nome de Drummond, and old and beloved friend, de quem possuía os livros e cujo nome havia inscrito recentemente (havia dois meses e meio) num dos seus livros.

O Senhor Drayton menciona várias outras experiências análogas, menos concludentes talvez, mas também muito interessantes e muito demonstrativas.

Estes fatos provam, assim como muitos outros, a criptestesia; porém, contrariamente ao que julga o Senhor Drayton, não trazem nenhum apoio à teoria espírita: é bastante, para se dar conta, admitir, sem intervenção de nenhuma inteligência estranha, o poder, desconhecido e maravilhoso, da inteligência humana, estremecida pelas vibrações da realidade.

O que há de mais notável e de novo nestes Book-Tests ou Newspaper-Tests, é que as indicações comentam algumas vezes não sobre o que "está" impresso, mas sobre o que "será" impresso.

Por exemplo: "Na segunda coluna da primeira página do Times de amanhã, mais ou menos no meio, está vosso nome e o nome de vosso pai em seguida".

Ora com efeito na segunda coluna do Times, na primeira página, mais ou menos no meio, estava Charles John W. O prenome de M. D... era Charles; o prenome de seu pai era John.

Por estas experiências parece provável que a criptestesia deve ser bastante ampla para incluir também a premonição (??).

§ 6. - Criptestesia nos Sensitivos.

Se denominamos espíritos os fenômenos nos quais uma personalidade estranha parece intervir, todas as reservas feitas quanto à própria realidade dessa personalidade, vemos que a criptestesia aparece com uma intensidade crescente:

1. - Nos normais.
2. - Nos hipnotizados.
3. - Nos médiuns.

Porém existem criptestesias que não podem entrar neste quadro: pois certos indivíduos são dotados de uma lucidez manifesta, ainda que não se possa classificá-los nem entre sonâmbulos, entre os médiuns, nem entre os normais.

Nós lhes chamaremos os sensitivos.

Como os fatos desafiam sempre toda classificação, trata-se aqui de distinções eminentemente arbitrárias: pois os médiuns, mesmo quando não estão em transe, são sensitivos, e os indivíduos hipnotizáveis, mesmo quando não estão hipnotizados, são muitas vezes sensitivos. E enfim certos indivíduos que não são hipnotizáveis, que não são médiuns, têm poderes criptestésicos assaz frequentes e muito intensos para que não se possa considerá-los como normais: esses também são sensitivos.

Entretanto, sempre a passagem do estado normal para o estado de transe, do estado de hipnose para o estado de vigília, é gradual, às vezes incompreensível, e todas as transições se observam. Nada mais fictício do que a separação cortada destes quatro estados: o estado normal, o estado de hipnose, o estado de transe mediúnico, o estado de sensitivo. Esta diferença não tem senão um valor didático.

Para que nos sensitivos a lucidez experimental se exercite há, às vezes, certas condições exteriores que vão ajudar o fenômeno: a psicometria: a visão pelo cristal.

A - A PSICOMETRIA OU A CRIPTESTESIA PRAGMÁTICA

A palavra psicometria ('medida da alma') é tão detestável, que não temos coragem de mantê-la na linguagem científica: foi imaginada por Buchanan (1).

(1) - Ver sobre este assunto BUCHANAN, Manuel de Psychométrie, Boston. - W. DENTON e ELISABETH DENTON, Nature's secreto or psychometric researchs, Londres, Houstlon et Wight, 1863. - W. DENTON, The soul of things. - L. DEINHARD, Psychométrie, Sphinx, X. - Jos. PETER, Psychométrie (Die Uebersinnliche Welt), trad, in A. S. P., 1910, XX, 231-240, 276-280. - THANEG (pseudonimo de DESCORMIERS), Méthode de clairvoyance psychométrique, Libr. des Sc. Psych., Paris, 1902. - COATES (JAMES), Seeing the invisible: Practical studies in psychometry, thought transference, telepathy and allied phenomena (London and New-York, Fowler and Wells, 1909, in-8°-). - DUCHATEL (EDMOND), Enquête sur des cas de psychométrie. La vue à distance dans le temes et dans l'espace (prefácio de J. MAXWELL). Paris, Leymarie, 1910, in-8°-.

Na realidade, a psicometria de Buchanan e de alguns experimentadores não é senão um processo para desenvolver a criptestesia. Também proporemos denominar criptestesia pragmática, isto é, pelas coisas o que foi até aqui tão deploravelmente chamado psicometria.

A criptestesia pragmática deve ser compreendida num sentido bem diferente do sentido que Buchanan deu no início à psicometria. Este início é assaz singular. Elisabeth Denton (Senhora Buchanan) olhando e tocando um fragmento de uma fiada geológica, reconstituiu a paisagem de outrora, das épocas silurianas ou jurássicas! Mas seria preciso ser muito ingênuo para se admirar. Não há nisso senão o resultado de uma brilhante imaginação da esposa de um geólogo

experimentado: não podemos, portanto, a todos os relatos de E. Denton, atribuir senão uma importância literária.

Desde então, a psicometria tomou uma extensão muito grande. Se dá um objeto qualquer a um sensitivo, este vai fornecer inúmeros detalhes curiosos sobre as pessoas a quem pertenceu o objeto; nestas condições obtêm-se às vezes belos fenômenos de lucidez criptestésica. Os magnetizadores de 1820 a 1850 procediam assim; sua única superioridade sobre Buchanan é que eles não haviam empregado a palavra "psicometria".

Apesar desses belos casos de lucidez muitas vezes observados, não está de todo provado que a presença mesma do objeto seja indispensável. Do mesmo modo não é de todo certo que a tão falada transmissão de pensamento seja outra coisa do que um conhecimento de um fato real, conhecido porque é real, do mesmo modo não é certo que o contato de um objeto seja indispensável para o conhecimento (metapsíquico) desse objeto. A criptestesia - cuja realidade, como vimos, não pode ser negada - exerce-se quase tão bem sem contato material com contato material.

Portanto, é possível que os objetos, apesar de sua aparência inerte, emitam algumas vibrações (desconhecidas) capazes de despertar a criptestesia. Porém a inclusão de vibrações crípticas num objeto é apenas uma hipótese apresentável e estamos reduzidos a lamentáveis conjecturas para a apreciação das forças que excitam o sentido criptestésico.

"Os mares são ainda agitados pelo sulco dos navios de Pompéia". Certamente. Mas quantos outros navios agitaram essas vagas! Todas as vezes que falamos de criptestesia, não podemos falar senão do fenômeno em si mesmo. É um fato:

eis tudo. E estamos impedidos de citar as modalidades, as condições e os limites.

A clarividência, diz G. Delanne (1) é uma faculdade cuja existência é certa. Porém, diz ele, desejar servir-se dela para tudo explicar, é ir contra a lógica e as regras do método científico, e ajunta: "Ela obedece a leis e se produz em condições determinadas".

(1) - Loc. cit., 334.

Certamente que sim, a clarividência ou criptestesia, obedece a leis, porém estas leis, nós a ignoramos totalmente. Elas não são, ai de mim!, de modo algum ainda determinadas, se bem que Delanne orgulhosamente assim o pretenda. Sabemos que certas pessoas são mais bem dotadas do que outras e que talvez a criptestesia, embora em grau mínimo, não faça falta a pessoa alguma. Sabemos que há pacientes pouco sensíveis e pacientes muito sensíveis. Sabemos que, na hipótese, a criptestesia desenvolve-se; sabemos que, nos médiuns, nas experiências "espiríticas", acentua-se ainda, para se tornar, nos grandes médiuns, extremamente intensa. Porém eis mais ou menos tudo o que podemos dizer. Por que Gallet previu o número de votos que Casimir-Perier ia obter em quatro horas? Por que Thoulet leu o telegrama que enviariam ao seu amigo dentro de dois dias? É tudo tão difícil para se compreender - nem mais nem menos - do que compreender por que a Senhora Piper conhece tão bem tudo o que toca a Georges Pelham. Quando dizemos lucidez, clarividência, premonição, criptestesia, estamos na presença de uma faculdade que nos é totalmente desconhecida e da qual não podemos ver senão os resultados. Suas condições nos escapam plenamente. Em Londres, a Senhora Green vê em sonho suas duas sobrinhas se afogar

(na Austrália) e seus chapéus flutuar na superfície. A Senhora R..., em Paris, faz alusão à morte dos filhos de Panka, toda uma família que os oficiais sérvios vão assassinar, naquele mesmo minuto, em Belgrado. Não compreendemos nada. E, mesmo, não vemos por que mecanismo se pode produzir o despertar da sensibilidade criptestésica.

No entanto, as aparências são tão mais fortes de que os médiuns, que em certas condições de transe, recebem as inspirações de um guia que se teria incorporado neles - falo da linguagem dos espíritas, sem que isto implique uma adesão qualquer às suas doutrinas - e então os fenômenos de criptestesia tornam-se às vezes muito intensos.

Com referência à psicometria, não se poderia precisar qual é o papel verdadeiro do objeto seguro na mão pelo sensitivo, nem a parte que toma na sensação sentida. A Senhora Thompson, de quem, mais acima, narrei a história, segurando na mão o relógio do filho, diz: "Three generations mixed"; porém esta observação prova que a criptestesia não estabelece em absoluto que é pelas vibrações (anteriores) acumuladas e contidas naquele relógio, que o conhecimento do passado foi adquirido. O Senhor Dufay cita o caso de Maria B... Enquanto Maria está hipnotizada, ele lhe mostra um objeto, que pertenceu a um assassino. Então, ela descreve o assassinio (1). Mas o objeto era indispensável? A Srta. X... contou a S. P. R. (2) que lhe mostraram papéis que pareciam ser insignificantes; porém imediatamente ela teve um intenso sentimento de horror e de sangue. Ora os papéis haviam sido recolhidos do campo de batalha de Sedam.

(1) - DUFAY e AZAM, *Rev. philosoph.*, setembro de 1899 e fevereiro de 1889, citados por BOIRAC, *La psychologie inconnue*.

(2) - *General Meeting*, maio de 1895, *J. S. P. R.*, V, 247.

A Senhora Piper, inúmeras vezes, mexendo com mechas de cabelos ou objetos que haviam pertencido a tal ou qual pessoa, menciona detalhes precisos sobre a referida pessoa.

Citarei somente, entre muitos outros, o admirável exemplo de criptestesia pragmática que foi dado pela Senhora Piper a Sir Oliver Lodge (3).

(3) - *La survivance humaine*, trad. fr., 1912, 169 e 177.

O rev. John Watson envia a Lodge, com uma carta, uma corrente de relógio que havia pertencido ao seu pai. "A Senhora Piper leu a carta tão bem quanto mal; viu as palavras: "Envio cabelos Sefton Drive Poole J. N. W." (dizendo Cook no lugar de Poole, e J. B. W, no lugar de J. N. W.). Ela diz também que o relógio havia pertencido a um velho que denominou James Watson, um pregador ausente por causa da saúde; e ajuntou uma quantidade de detalhes meus conhecidos e todos exatos" (1).

(1) - *Télépathie et psychométrie en rapport avec la médiumnité de Mrs. Piper*. A. S. P., novembro de 1911, XXI, janeiro de 1912, XXII, 9-15.

E. Bozzano, como sempre, estudou muito bem a parte possível da psicometria nas experiências da Senhora Piper, e crê, com alguma razão, parece, que nem a telepatia, nem a criptestesia pragmática, explicam tudo. Chega a esta conclusão de que só a hipótese espírita é suficiente. Mas por que vai ele tão longe? Não seria mais sensato dizer, comigo, que a criptestesia, uma faculdade de conhecimento que não é habitual, existe? Ele é imprudente indo além quanto à sua causa e ao seu mecanismo.

Uma comissão de investigação, na Sociedade de Ciências Psíquicas, de Paris, examinou quatro psicômetros dentre os quais o Senhor Phaneg (2). O relatório, redigido pelo Senhor Warcollier, diz que os resultados foram muito pobres.

(2) - Enquête sur la Psychométrie, A. S. P., 1911, XXI, 203-210.

No entanto, não sei se houve estudos metódicos empreendidos sobre esses indivíduos, que não são nem médiuns nem hipnotizáveis.

O manejo de objetos foi praticado correntemente por todos os sonâmbulos de profissão e parece ser uma das condições de sua lucidez.

Toda a questão consiste em saber até que ponto o objeto exterior é útil. A esse respeito somos de uma ignorância absoluta.

Não é de todo absurdo supor que os objetos imitam certas vibrações aptas para nossas faculdades criptestésicas.

Esta criptestesia especial, que deve chamar-se "criptestesia pragmática", para substituir o odioso vocábulo psicometria, talvez se ligue a uma outra propriedade singular dos corpos, a de emitir vibrações que afetem o sistema nervoso e provocar reações intensas sem que haja ação química ou física conhecida.

Não podemos negar que alguma vibração das coisas na aparência inertes não seja às vezes capazes de perturbar nossa sensibilidade. Os fatos relativos à varinha mágica aí estão para a estabelecer. Ver-se-á mais adiante que atualmente está demonstrado existir uma força rábica que determina indiretamente, isto é, provocando nossas contrações musculares inconscientes na inclinação da varinha. Não se pode explicar o fenômeno senão por uma certa ação radiante, uma força desconhecida, que é a força rábica. Desde que esta força existe, é verossímil que não é somente sobre os experimentadores, segurando a varinha, que esta força poderia manifestar-se.

Por outros processos, sem ser o da varinha, a influência dos corpos e substâncias químicas foi muitas vezes estudada, desde Reichenbach e os metaloterapistas. Mas poremos de lado as experiências para cuja consecução se possa atribuir uma ação magnética ou elétrica.

Os Drs. Bourru e Burot (1) estudaram a ação das substâncias químicas fechadas em frascos bem arrolhados. Ora apesar do cuidado com que procederam esses distintos médicos, não parece provado que os efeitos bem claros que se observam não são pois devidos à sugestão (verbal) e à expectante atenção.

(1) - *La suggestions mentale et l'action à distance des substances toxiques et médicamenteuses*, 1 vol., 12º, Paris, J. B. Baillièrre, 1887. Veja também *Revue philosophique*, março de 1886. - ALLIOT (E.), *Méme sujet*, Paris, J. B. Baillièrre, 1886.

Os Srs. Bourru e Burot experimentavam com pacientes hipnotizáveis, apresentando todos os fenômenos de grande hipnotismo. Em tais pessoas, as sugestões são extremamente poderosas. Que se lhes ponha na mão um frasco de láudano, arrolhe-o com fogo e lhes diga: "Atenção!" eles sentirão inúmeros efeitos fisiológicos tão acentuados como se deseja, sim que seja justificada a hipótese de que as vibrações do láudano hajam atravessado o vidro. Não se pode eliminar a hipótese de uma sugestão, sem ser provando que esses efeitos são específicos, isto é, pondo dentro de um frasco uma solução de morfina que faz dormir; em outro, de emético que faz vomitar; num terceiro, de estriçnina que convulsiona; num quarto, de álcool que embebeda, ter-se-ão efeitos fisiológicos de tal modo claros que o experimentador (ignorando o conteúdo desses frascos) poderá dizer: este aqui contém uma solução de morfina, aquele outro, de emético, este, de estriçnina e aquele de álcool.

Ora, esse diagnóstico, necessário para concluir por uma ação específica que não seja a sugestão (verbal) não foi feito com precisão. Em alguns casos, pouco numerosos, experimentei isto com uma vaga aparência de sucesso, porém proibi a mim mesmo toda e qualquer conclusão. Em suma, Bourru e Burot contentaram-se em anotar efeitos fisiológicos intensos, muito singulares, entretanto. Mas não é suficiente para falar de alguma ação específica; pois a sugestão pode explicá-las.

O Senhor Wasielewski (1) tentou uma prova semelhante com a Srta. de B... E sua experiência dava bom resultado quando se tratava de substâncias odorantes, como a menta e o conhaque. Desse modo estou completamente convencido de que se trata simplesmente de uma hiperestesia do olfato. Por muito cuidado que se tenha ao arrolhar um frasco (com cortiça) é muito impossível que fique algum odor apreciável aos sentidos hiperestesiados. Houve para quatro substâncias sem cheiro - quinino, sacarina, ácido cítrico, água destilada - fracasso para o quinino e a água destilada, sucesso para o ácido cítrico e a sacarina.

(1) - *Sur un cas de lucidité spontanée*, A. S. P., julho de 1914, XXIV, 193.

A Srta. Edith Hawthorne deu bons casos de criptestesia pragmática. O Senhor Samuel Jones enviou-lhe um fóssil encontrado por um mineiro nos leitos de carvão. Ora o pai desse mineiro havia sido vítima de um acidente, morrendo na mina, há vinte anos. A Srta. Hawthorne diz que teve uma visão terrível, um homem estendido no solo, inanimado, lívido, com sangue na boca e no nariz. Outras indicações interessantes, mas vagas, são dadas sobre numerosos objetos enviados pelo Senhor Jones a Srta. Hawthorne.

O Senhor Pagenstecher (2) empreendeu algumas investigações com a Senhora Z... que lhe pareceram provar uma hiperestesia sensorial de tal modo intensa que se tornava quase criptestesia. Mas é preciso esperar, antes de se formar uma opinião, que as experiências do Senhor Pagenstecher, do México, sejam dadas com mais detalhes. Desde já, parece que elas dão um real apoio à criptestesia no hipnotismo.

(2) - A notable Psychometric Test, Am. S. P. R., XIV, 386-418, 1920.

Em suma, esses diversos resultados são bem pouco satisfatórios. Todavia é o bastante para tentar a curiosidade dos experimentadores que teriam grandes candidatos hipnóticos ou médiuns à sua disposição. Não se trata bem de metapsíquica. Mas quem sabe se a ação dos corpos a distância não trará algum esclarecimento ao fenômeno metapsíquico da criptestesia?

A ação dos metais, a ação dos imantados, a ação das substâncias tóxicas a distância, eis os problemas que me parecem bem dignos de suscitar novos trabalhos e investigações (1).

(1) - Loc. cit., pg. 240. - Sobre a origem da metaloterapia e a ação a distância dos metais, fenômenos que não entram em absoluto na metapsíquica, consultar-se-ão BURCO (V.), Étude expérimentale sur la métallothérapie et la métatloscopie, Relatórios feitos à Sociedade de Biologia, 1877-1878, 8°, Paris, 1879. - MORICOURT (J.), Manuel de métallothérapie et de métatloscopie, appliquées au traitement des maladies nerveuses, etc., 12°, Paris, 1888. - DUMONT PALLIER, Métatloscopie et métallothérapie. Union médicale, Paris, 1879, XXVI I I, 333, 381, 421, 457, 473, 567.

Será preciso fazer entrar na criptestesia pragmática todas as superstições relativas aos amuletos, aos fetiches, que não somente os selvagens, mas também os civilizados olham como protetores eficazes? Os antigos magnetizadores acreditavam firmemente que se pode magnetizar a água e um objeto qualquer, de maneira a dar a esses objetos uma virtude particular. Porém não o demonstraram

suficientemente, mesmo como A. de Rochas que esboçou esse estudo e eliminou a sugestão.

Posso dar, com efeito, um caso que conheço e é um belo exemplo de sugestão, que não tem nada de feitiçaria, apesar das aparências.

Um dos meus alunos, rapaz muito leal, muito ingênuo, de uma probidade e delicadeza raras, o Dr. Mar..., algumas semanas depois de sua tese, veio fazer-me uma dolorosa confidência. Era atormentado por idéias de suicídio, tão tenazes, tão ameaçadoras, que me disse: "Estou convencido de que acabarei por me matar. Será que não me podeis salvar?". Entretanto, não tinha nenhum motivo, nem de amor, de dinheiro, ou de saúde, que justificasse essas idéias sombrias. Então tive uma inspiração. Havia sobre a minha mesa de trabalho um sinete tendo na parte inferior uma figurinha de bronze, um capacete de cavaleiro (o cavaleiro da Morte) cuja viseira se levantava e deixava ver os ossos da cabeça. Eu disse ao meu amigo, o Dr. Mar...: "Tome esta estatueta e guarde-a para sempre consigo: ela tem virtudes mágicas e o protegerá". Mar... agradeceu-me efusivamente. Uns seis meses depois, voltou a ver-me. Estava curioso, alegre, sorridente e não pensava absolutamente em suicídios (1).

(1) - O Dr. MAR... morreu, alguns anos depois, de morte natural.

Será coincidência? Não seria antes uma sugestão? Em todo caso, não sou tão criança para atribuir alguma influência pragmática ao cavaleiro da Morte.

Parece-me que os fetiches, amuletos, chifres de coral, etc., não agem senão por sugestão. Porém a sugestão não deve ser negligenciada. E depois, além de tudo, quem sabe?

Devemos ser mais ou menos reservados tanto nas nossas negações como nas nossas afirmações.

É ainda à influência das coisas que a história das bruxarias e dos malefícios se deveriam reportar se houvesse qualquer sombra de uma prova em favor de sua eficácia. De todas as lendas populares, são as mais difundidas, e ainda hoje em dia, em muitas regiões supersticiosas, se crê que existem feiticeiras e feiticeiros, objetos funestos, pedras que trazem a infelicidade, jetaturas e outras frivolidades da mesma espécie. Portanto se as coisas inertes não são inertes senão na aparência, compreende-se que deve haver as que são favoráveis e outras que são funestas. Até o presente, porém, nesse domínio, não há nada sério e é preciso deixar aos contemporâneos de Catarina de Médicis ou da Senhora De Montespan a crença nas missas negras e nas figurinhas de cera para as bruxarias (2).

(2) - Lêem-se com interesse as páginas espirituais e eruditas que A. DE ROCHAS escreveu sobre a bruxaria (De l'exteriorisation de la sensibilité).

Mas repito, mesmo para essas superstições ridículas, é preciso ser prudente na negação. Se admitimos, como parece provado, que existe, às vezes, nas coisas, como que uma emanção que age sobre nossa criptestesia, não seria absurdo que uma vibração qualquer se desprendesse das coisas, capaz de agir tanto sobre nossa inteligência como sobre a dos outros homens.

E depois há uma tal confusão de acontecimentos, que tudo é possível.

Não se deve, porém, ir atrás desses sonhos. E no entanto, mesmo admitindo que haja algumas relações entre tal e qual objeto e tal e qual acontecimento, não podemos absolutamente saber qual é esta relação, e o mistério fica tão

profundo, tão inabordável, como se esta relação não existisse.

A criptestesia, nos indivíduos, é ajudada por certas condições exteriores.

As sonâmbulas profissionais, que são periodicamente lúcidas, - pois se elas de algum modo não derem exemplos de lucidez não poderão de nenhuma forma vencer na sua singular profissão - servem-se muitas vezes das cartas para ajudar a lucidez. Seria loucura imaginar qualquer relação, além de uma coincidência fortuita, entre tal ou qual carta e tal ou qual fato. O que porém não é loucura é supor que a cartomancia das tiradoras de cartas seja uma "preparação" à sua lucidez. Uma cartomante conhecida confessou isto a Osty.

A quiromancia já se encontra um pouco mais próxima da fisiologia sã, pois é fora de dúvida que as formas da mão são absolutamente diferentes nas diversas pessoas, e que muito vagamente, mas com muita certeza, as mãos, assim como a fisionomia, traduzem qualquer coisa da constituição físico-psicológica dos indivíduos. Daí tirar qualquer conclusão sobre acontecimentos passados, presentes ou futuros, vai-se longe.

Distinguem-se as mãos de uma duquesa e as de uma cozinheira. Porém não há nada de mais banal.

Entretanto os quiromantes têm a pretensão de "ler nas linhas da mão" (1).

(1) - Veja DESBAROLLES, *Les mystères de la main*, Paris. - GARNIER D'ARPENTIGNY, *La science de la main*, Paris, 1857. - E. MAGNIN, *Journal du magnétisme e du psychisme experimental*, dezembro de 1911. - Citarei também o seguinte curioso livro: HOPING, *Institutiones, chiromanticae, oder Kurtze Unterweissung, Wie man aus denen Linien Bergen, und Nageln deren Hande, auch das Jahr, Monat, Wochen und Tage in welchen tinem was Gluck oder ungluckliches bevorsteht, muthmaslich judiciren kann, sampt einer gantz neun und ausfuhrlichen Harmonia oder Uebereinstimmung aller Linien auch ausfuhrlichen Abmessung der*

Saturninae, des Berges Lunae, und anderer Berge, mit Fleiss verfestiget, 3^o edç., 8^o léna, 1681. - Sobretudo veja-se VASCHIDE (N.), *La psychologie de la main*, Paris, 1900. - CHÉIRO'S, *Language of the hand: Complete practical work on cheirognomy and cheiromancy containing the System, Rules and experiente of Cherio* (conde DE HAMOND), NewYork, Tennyson, London, Nichocs and C^o. 1897.

Se, às vezes, tem havido adivinhações impressionantes, deve-se levá-las à conta do acaso, mesmo em lucidez estimulada por um fato exterior como por exemplo o exame da mão, feito por um sensitivo.

A grafologia, com certas considerações, aproxima-se da quiromancia. Não se deve porém desconhecer que a grafologia tem uma base fisiológica, de algum modo metapsíquica, que é inatacável. É absolutamente certo que os nossos gestos, e por conseguinte nossa letra, respondam aos nossos sentidos lentos e ao nosso caráter. Um indivíduo embriagado mostraria sua embriaguez pela letra. Quando está furioso ou calmo, sua letra não será a mesma. É impossível que uma pessoa muito ignorante não deixe transparecer um pouco de suas asneiras. Os imbecis e as pessoas espirituosas não podem ter a mesma grafia. *Quid mens ima ferat scripto tua dextra notabit*. Porém não estamos, absolutamente, mais na metapsíquica, e se sensitivos como a Senhora Fraya, empregam a grafologia, não é, sem dúvida alguma, senão para ajudar a lucidez. A carta que se confia a um grafólogo lhe revelará inúmeras particularidades psicológicas do escritor, com a condição de que esse grafólogo, anteriormente, tenha estudado muitas grafias e seja um observador sagaz e prudente. Mas não se pode falar de lucidez (1).

(1) - Ver sobre a grafologia, sobretudo, CRÉPIEUX-JAMIN, *L'écriture et le caractère*. Existe na França um jornal de grafologia, órgão de uma interessante sociedade, que tem a prudência de não misturar a metapsíquica com esse fragmento da psicofisiologia normal. Minha experiência com H. FERRARI e J. HÉRICOURT, *Revue philosophique*, 1886, tornou-se clássica. Com duas pessoas hipnotizáveis e

completamente ignorantes a respeito de grafologia, obtivemos total transformação de letra e adaptação desta à nova personalidade criada por sugestão hipnótica.

Para ser completo, precisaria mencionar a astrologia, que antigamente alcançou grande apogeu e que não tem nada de sério, se bem que jornais enigmáticos, os Nouveaux Horizons, continuem, obscuramente, a defendê-la.

Somos portanto, de fato, ainda absolutamente ignorantes das condições da criptestesia. Não podemos mesmo dizer - o que seria um começo de ciência - que os objetos exteriores exercem uma ação qualquer emocionante e produzem uma sensação crítica que, por associação de idéias, desperta tal ou qual lembrança (como por exemplo o odor de um perfume nos faz pensar na pessoa nossa conhecida que usa esse perfume). Temos que nos resignar a ignorar as vias pelas quais é posta à luz do dia a faculdade criptestésica.

B. - TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS

Existem casos em que a sensibilidade tangível, enormemente acrescida, parece desempenhar seu papel.

Um médico de Lyon, Petetin (1744-1808), já havia, há mais de um século, observado o fenômeno da "transposição dos sentidos" (conservamos a expressão de que se serve, sem que ela implique, pelo nosso modo de pensar, qualquer hipótese) (2). Ele pôde, com três grandes históricos, verificar o fenômeno ria hiperestesia - ou para melhor dizer da criptestesia - que conta com pormenores, no estilo singular de seu tempo. Parece que a observação foi tomada exatamente.

(2) - PETETIN pai, *Electricité animale. Catalepsie hystérique ancestrale. Decouverte du transport des sens, dans l'épigastre, à l'extrémité des doigts et des orteils. - Rapports du fluide nerveux, principe de ce phénomène, avec le fluide électrique. Expériences que les confirment.* (Lyon, 1808).

É preciso por de lado, evidentemente, a chamada anestesia auditiva do ouvido; pois a surdez não era senão aparente; os doentes não ouviam quando se lhes falava ao ouvido, mas ouviam quando se lhes cochichavam algumas palavras nas pontas dos dedos ou na cavidade do epigástrico. Ora a insensibilidade das palavras pronunciadas no ouvido é uma dessas "alucinações negativas" cujas investigações modernas sobre o sonambulismo demonstraram a realidade.

Não acontece a mesma coisa com a sensibilidade visual. Aqui a transposição dos sentidos é evidente. Eis como se exprime Petetin (pg. 44). Sua doente a Senhora A..., com a idade de dezenove anos, encontrava-se em estado cataléptico (isto é, sonambúlico):

"Escorreguei sob as cobertas uma carta de baralho, que tinha numa das minhas mãos, fixando-a sobre seu estomago... vi sua fisionomia mudar; exprimia tudo de uma vez, a atenção, o espanto e a dor. "Então, que doença tenho? Vejo uma dama de espadas". Imediatamente retirei a carta e entreguei-a à curiosidade dos espectadores. Empalideceram, reconhecendo a dama-de-espadas. Coloquei uma segunda carta com os mesmos cuidados. "É, diz ela, o dez-de-copas". Enfim uma terceira.... "Saudades ao rei-de-paus!..." Fiquei transtornado. Ouvi um barulho confuso à minha volta e não observei mesmo a consternação estampada em traços enérgicos sobre todas as fisionomias".

Como a doente histérica de Tambow, a doente histérica de Lyon distinguia, pelos dedos, o sabor de diversas substâncias: pastel, abricotes, carneiro assado, pão no leite,

carne de vaca cozida; porém todas condições eram bem notadas?

Por outro lado, a Senhora A... parece ter apresentado fenômenos de criptestesia e de premonição que o transporte dos sentidos não pode explicar. Reconhecia os objetos colocados dentro de uma caixa. "Formava-se um pensamento, sem manifestá-lo pela palavra e a doente era logo instruída e executava o que se tinha a intenção de lhe ordenar".

Sobre uma outra doente histérico-cataléptica, a Senhora E. Saint P..., com a idade de vinte e quatro anos, os resultados foram menos claros. Entretanto Petetin não tomava as precauções que hoje julgamos absolutamente necessárias. É provável que ele anotasse então criptestesias interessantes, porém elas não nos são relatadas com precisão suficiente.

Em todo o caso, a primeira observação de Petetin é notável, pois os fenômenos são espantosamente idênticos àqueles que foram observados com a doente de Tambow. Porém nós nos tornamos mais exigentes do que eram em 1830 a respeito do caráter metapsíquico dos fenômenos.

Talvez a Senhora Pigeaire, que foi uma sonâmbula muito lúcida, tivesse uma sensibilidade desse gênero. Ela lia uma carta (lacrada) que lhe punham sobre a fronte. Sir. O. Lodge observou que experimentando com as Srtas. L... os fenômenos (sugestão mental de uma irmã para a outra) eram muito mais claros quando elas se tocavam apenas pelo dedo mínimo, mesmo que fosse para a reprodução de um desenho. Boirac assinalou um belo caso de leitura por hiperestesia táctil (1). A Senhora V..., sonâmbula, deixa tapar os olhos com uma forte venda. Colam-lhe um papel gomado sobre os

olhos e então lê sem hesitação as linhas impressas, mesmo em caracteres muito finos. Lê a hora num relógio envolto por um lenço. Tal foi o relatório do Dr. G. D... a Boirac, que resolveu experimentar com um outro paciente, preparado por ele. Este foi um certo Ludovic S... que chegou a ler com a ponta de seus dedos, como se tivesse alguma exteriorização da sensibilidade. Uma leitura foi feita quando a escuridão era completa, estando apagadas todas as luzes do quarto e Ludovic com os olhos vendados. "Não me parece mais possível duvidar, diz E. Boirac, que o fenômeno apresentado por Ludovic S... seja exclusivamente, como nós dissemos, um fenômeno do tacto, ao qual á vista permanece estranha".

(1) - E. BOIRAC, *La psychologie inconnue*, Paris, Alcan, 1908, pg. 215. Un cas d'apparente transposition des sens.

Uma outra experiência, talvez mais curiosa ainda, foi feita por E. Boirac. Colocou Ludovic junto dele, de costas viradas, os olhos vendados e sentado num banco, e pediu a Ludovic para tocar-lhe o cotovelo. Então E. Boirac colocou os dedos sobre as letras de um jornal e, à medida que passava sobre esta ou aquela letra, Ludovic soletrava e lia. O resultado foi igual, mesmo quando E. Boirac, fechando os olhos, não podia mais ler as letras que seus dedos percorriam.

É de se desejar que novas investigações sejam feitas sobre esta hiperestesia do tacto. Talvez isto nos permitisse concluir que, pelo menos em certos casos, o sentido do tacto tomou uma tal acuidade que isto se tornou quase criptestesia (1).

(1) - Não se pode atualmente imaginar a situação das espantosas investigações, ainda inacabadas, de LOUIS FARIGOULE: *La vision extra-rétinienne et le sens paroptique*. (Nouvelle revue française, 1920, 104 pp.).

Um belo caso de criptestesia, explicável talvez, se bem que dificilmente, por uma prodigiosa acuidade do tacto e da

visão, foi assinalado pelo Dr. A. N. C. Chowrin, diretor do asilo de alienados de Tambow (2).

(2) - Este memorial apareceu em russo, em 1898. Porém não o conheço senão pela tradução alemã feita por A. DE SCHRENCKNOTZING, *Experimentelle Untersuchungen auf dem Gebie des raumlichen Hellsehens, der Kryptoscopie und inadaequaten Sinneserregung*, E. Reinhardt, Munchen, 1919, 80 p.

Trata-se de uma mulher muito inteligente, a Senhora M..., de muita cultura, com trinta e dois anos, solteira, que foi tomada de perturbações nervosas bastante graves (grande histerepilepsia). O Dr. Chowrin foi levado a cuidar dela porque, um dia, na sua presença, tendo recebido uma carta que ela apalpava, sem abri-la, pôs-se de repente a chorar, dizendo que havia uma grande infelicidade nessa carta. Com efeito, a carta anunciava a morte de uma de suas sobrinhas.

Diversas outras experiências foram então empreendidas pelo Senhor Chowrin, perfeitamente ao corrente das fraudes de que as histéricas são capazes; fez experimentações rigorosas, de acordo com alguns colegas da Sociedade Médica de Tambow. As cartas eram lacradas, envoltas em anilina preta, às vezes fechadas em papéis fotográficos sensibilizados, escritas em caracteres tão miúdos que não se podia distingui-los senão com a lente. (É preciso estudar no memorial original os detalhes de todas as excelentes precauções tomadas).

A leitura dessas cartas foi feita, aproximadamente, quarenta vezes, e o Senhor Chowrin adianta: "Se M... tem a propriedade de abrir estas carta e lacrá-las integralmente, de maneira a trazer ao statu quo ante os sinais, os sinetes, os envelopes, os papéis fotográficos sensibilizados e não impressionados, é também extraordinário ler as cartas sem as ter aberto".

Em uma outra série de experiências, M... leu, em presença de diversas pessoas, cartas hermeticamente fechadas. Ora a carta era lida com seu texto, ora o sentido da carta era indicado por imagens que se apresentavam a ela. Por exemplo, em uma carta escrita pelo Dr. Andreoff, estava: "Nas areias da Arábia, elevavam-se três palmeiras entre os quais corria um riacho murmurante". M... diz: "Um grande espaço. É areia, branca como a neve, porém não é neve; três árvores, muito altas. Jamais vi coisa igual. Poucas folhas, porém largas, um riacho, cujo murmúrio ouço distintamente".

Em noutra experiência, o Dr. Troitzki escreveu num pedaço de papel (que enrolou dezesseis vezes) estas palavras: "Sophie Alexandrovna está na cama e olha para a parede". Nesse dia, Sophie Alexandrovna, isto é a Senhora M..., estava com uma infecção dentária e achava-se de cama. Tomou o papel, durante algum tempo segurou-o com uma das mãos e disse: "Vejo uma cama, sou eu que estou nela, com um lenço no queixo", e olhou fixamente a parede. Troitzki e Speranski, que estavam presentes, não perderam de vista, um instante sequer, o papel enrolado.

Outras experiências ainda foram mais significativas. Pelo tacto, a Senhora M... pode distinguir as cores. Em presença dos membros da Sociedade de Medicina de Tambow, ela pôde reconhecer a cor de três frascos, de diversas cores, colocados sob uma espessa coberta e enrolados em papel. Do mesmo modo, pelo tacto, M... podia distinguir os sabores. Pegavam frascos contendo soluções de sódio, de cloridrato de quinino, de sulfato de zinco, molhavam pequenos fragmentos de papel em uma dessas soluções, colocavam-nas

num prato e ela logo sentia um gosto do salgado, do ácido, do adstringente ou do amargo.

Como os experimentadores não sabiam qual havia sido a solução empregada, toda transmissão de pensamento, como todo erro experimental, era afastado.

É por uma extrema hiperestesia auditiva que se devem explicar os casos de telepatia obtidos pelo professor Gilberto Murray, nas aparências admiráveis, porém, somente na aparência (1).

(1) - Ver o endereço de G. MURRAY, na R. P. R., julho de 1915, e da Senhora VERRALL, P. S. P. R., XXIX. Ver também S. M. KINGSFORD: *Psychical Research for the Plain Man*, London, Kegan Paul, 1920.

O Senhor Murray saía do salão e ia para um quarto vizinho. Então, alguém no salão, geralmente a filha mais velha do Senhor Murray, pronunciava em alta voz algumas palavras que eram imediatamente escritas. Estas palavras indicavam um quadro, um gesto, uma cena, um incidente. O Senhor Murray voltava, dizendo logo o que lhe vinha ao espírito e confrontavam as palavras da Srta. Murray e as de G. Murray. Ora a semelhança era impressionante e é inútil mencionar essas identidades indiscutíveis. No entanto, assim como a Senhora Verrall indicou, pode-se explicar tudo ou quase tudo por uma hiperestesia auditiva. O Senhor Murray não tinha, em absoluto, consciência de ter ouvido alguma coisa. Trata-se assim de uma "hiperestesia auditiva inconsciente", fenômeno muito curioso e que seria interessante estudar novamente de um modo mais aprofundado. Em todo caso, a hiperestesia levada tão longe é surpreendente e se aproxima um pouco da criptestesia. Entretanto algumas vezes a exatidão das palavras pronunciadas pelo Senhor Murray, confrontadas com a

realidade, iam muito mais longe do que as palavras emitidas em voz alta pela Srta. Murray.

Os fatos invocados pelo Senhor Murray são de todo insuficientes para se admitir a criptestesia, mas há tantos outros exemplos de criptestesia metapsíquica, que se pode, com rigor extremo, supor que ela desempenha também algum papel nessas experiências, se bem que eu adote, para esse caso especial, unicamente, a hipótese de uma hiperacuidade auditiva.

Trata-se, sem dúvida da hiperestesia visual de M..., uma grande histórica, tratada no asilo de Alexandria pelo Dr. Frigerio (1). Fechavam-lhe os olhos com os dedos sobre as pálpebras e ela lia correntemente o título de um livro e do mesmo modo, contra a luz, os olhos igualmente fechados pelos dedos, lia o conteúdo manuscrito de um cartão postal. Ainda da mesma forma, quando se segurava um livro tão alto que seria impossível lê-lo, mesmo com os olhos abertos. Mas este caso de hiperestesia retinina não foi seguido com tanta precisão como o caso de Chowrin.

(1) - *Rari fenomeni osservati in una ipnotizzata et in particolare delta suggestione recíproca e delta lettura ai occhi chiusi da essa presentati.* (Arch. di psichiatria, etc., Torino, 1894, 101).

O Dr. Naum Kotik (2) obteve bons resultados de criptestesia com uma menina de quatorze anos, Shopie B... Quando o pai de Sophie (um alcoólico que terminou por se suicidar num hospício) estava com sua filha, ainda que não se pudesse revelar uma palavra ou um gesto que indicassem o que devia ser adivinhado, Sophie adivinhava o pensamento de seu pai de uma maneira espantosa. Não se deve, porém, levar em conta essas experiências, pois a fraude é muito fácil. Entretanto, de outras vezes, estando ausente o pai de Sophie, esta pôde adivinhar o pensamento do Senhor Kotik.

(2) - Die Emanation der psycho-psysischen Energie, Wiesbaden, 1908.

Coisa pensada pelo Kotik	Coisa dita por Sophie
“Spitschka”	Spitschka
“Noshik”	?
Pressímetro	Instrumento análogo ao dos vidraceiros
Um Níquel	Um botão, um níquel
Patrão	Uma pa...da...
Bulewa	Bulawka
Noshnizy (3)	Noshik...Noshhiiry

(3) - Estas diversas palavras significam em russo: fósforo, faca, tesoura, borracha, anel, etc..

Estas experiências ainda tinham êxito, mesmo quando Sophie se encontrava separada do agente (o pai ou o Senhor Kotik) por uma porta completamente fechada.

Também para o Senhor Kotik, o fato da transmissão mental está absolutamente estabelecido. Chega mesmo a ponto de indicar as leis dessa transmissão mental, dizendo que ela se dá principalmente sob uma forma fonética e que pode atravessar as paredes, perdendo uma parte de sua força.

O Senhor Kotik pôde fazer outras interessantes experiências com uma moça, Lydia W..., de dezoito anos, capaz da escrita automática e de espírito muito culto.

As provas de criptestesia espiritual foram abundantes, para não citar senão um exemplo:

Pensamento do Senhor Kotik	Resposta de Lydia
Luz	Luz
Beijo	?
Neve	?
Daprer	D'après (Segundo)
Cavalo	Cavalo
Jornal	Jornal

Havia sempre uma analogia fonética entre a coisa pensada e a coisa indicada por Lydia, mesmo quando se enganava.

Esta transmissão, porém, pode ser também uma transmissão visual, pois em uma outra série de experiências o Senhor Kotik, olhando um cartão postal (que, bem entendido, Lydia não podia ver) pela escrita automática, esta descrevia - às vezes, com uma exatidão admirável - o que se achava no referido cartão postal. Parece que a condução dessa transmissão mental se faz melhor quando se une o agente e o percipiente (Lydia e o Dr. Kotik) por um fio metálico.

Enfim, em suas últimas experiências, hábeis, o Senhor Kotik tentou fixar seu pensamento (pensamento de um objeto, uma paisagem, um sentimento) sobre uma folha de papel branco e deu essa folha a Lydia para que adivinhasse o que havia sido fixado pelo pensamento. Os resultados foram absolutamente notáveis.

Não citarei senão um exemplo dessas fixações no papel. O Dr. Bernstein pensa na seguinte paisagem - à beira do mar: um vapor onde há pessoas; sobre a margem uma construção rodeada de verduras. - Ora o que Lydia viu é: "A superfície da água, como um espelho; à margem, aqui e ali, casas rodeadas de árvores; sobre a água, um vapor".

O acaso de forma alguma podia dar essas semelhanças, se bem que haja alguma monotonia nas paisagens dadas a adivinhar. Assim mesmo a similitude é impressionante entre a imagem vista por Lydia e a imagem mental que o Dr. Bernstein fixou no papel dado a ela.

Eis as conclusões do Senhor Kotik. O pensamento é uma energia que irradia para fora. Esta energia tem propriedades

físicas e psíquicas, de modo que se pode chamá-la energia psico-física. Esta energia, nascida no cérebro, passa às extremidades do corpo. Dificilmente ela se transmite pelo ar, propaga-se pelos condutores metálicos e pode fixar-se no papel.

Segundo o Senhor Kotik, há duas condições a encarar: a sensibilidade do paciente e a energia vibratória que sua sensibilidade põe em jogo. É sobretudo esta energia vibratória que o Senhor Kotik estudou; porém não parece que seja peculiar ao pensamento humano; é possível que todas as coisas irradiem uma certa energia vibratória, pois que os pacientes sensíveis indicam não somente as coisas que tais indivíduos pensaram, mas também as coisas inertes às quais nenhum pensamento ficou ligado.

Parece-nos mais prudente não adotar outra hipótese do que a de uma sensibilidade especial, que permite aos indivíduos hipnotizados e aos médiuns (talvez porque seu inconsciente tem uma grande força) "saber o que é", quer se trate de um pensamento ou de um objeto.

O Dr. Rudolf Tischener (1) acaba de publicar um trabalho importante sobre a lucidez. Não o seguirei na sua discussão teórica. Os tempos não estão amadurecidos e tudo é de uma fragilidade desoladora; mas dedicar-me-ei aos fatos: e o Senhor Tischener relata alguns bastante notáveis.

(1) - *Uber Telepathie und Hellsehen, München, Bergmann, 1920.*

Após haver experimentado com a Senhora De B... que deu à Wasielewski bons resultados criptestésicos, o Senhor Tischener experimentou com um indivíduo chamado Re..., um homem de trinta e dois anos, filho de um empregado do correio e ele mesmo empregado no comércio. Várias palavras, ao abrigo da vista de Re..., eram escritas e

colocadas num envelope opaco. As frases ou palavras eram dobradas e colocadas em envelopes lacradas, opacos (lichtdicht... mas qual era o grau de opacidade?).

Os resultados de numerosas experiências foram notáveis. Não se pode tratar de leitura do pensamento, pois que diversos dos envelopes lacrados eram misturados e o Senhor Tischener ignorava o que continha o envelope entregue a Re...

Em 68 experiências, houve 24 negativas. Mas isto não importa; pois, nas 44 que deram resultado, o sucesso é tal, que radicalmente é impossível supor uma coincidência.

“Athen”	por “Athen”
“Bárbara”	Por “Baelbara”
“Eberhard”	Por “Ebarhard”
“Madalene”	Por “Madelene”
“Pater”	Por “Dater”

O Senhor Albert Hofmann (de Mehlen) (1) fez curiosas experiências de telepatia com um doutorem medicina, Senhor Freudenberg. O Senhor Hofmann havia sido percipiente nas experiências do Senhor R. Tischener: desta vez agiu como agente. Permaneceu numa casa, à distância de 28 metros. Na experiência, I. Hofmann sugeriu Alaof Koln e Freudenberg disse Koln. A experiência II não deu resultado. Na experiência III, H... sugeriu Groenendael, Freudenberg viu uma linda mata, com lagos, em tudo semelhante às matas de Groenendael, perto de Bruxelas. Numa outra série de experiências mais recentes, os experimentadores habitavam duas casas distintas, a 800 metros de distância. Houve sucessos muito nítidos, transmissão de cores e de visões. A palavra "tinteiro" pôde ser transmitida. Também notamos um

resultado bem singular. Freudenberg havia sugerido "Júlio César": Hofmann pensou na ponte de Bom, onde existe uma estátua de J. César. Infelizmente, após estas sessões que deram resultados, houve uma série de fracassos.

(1) - *Versuche über Telepathie* (Psycho, Stud., janeiro de 1921, 1-12).

É inútil continuar a enumeração. Não é acaso: também não é telepatia. Será a hiperacuidade retiniana levada a ponto de ser criptestésica? Ou então existe - o que não creio - algum erro sistemático com relação ao que pôde ver Re... de que escrevesse o Senhor Tischener? É de se notar que o Senhor Tischener é muito instruído sobre as possíveis fraudes assinaladas pelos psicólogos americanos.

O Dr. Waldemar de Wasieliwski (1) relatou casos interessantes de criptestesia pragmática, que convém ligar a fatos de rãdomancia, pois verdadeiramente parece que seja um fenômeno desta ordem. A Srta. Von B..., observada por ele, em condições tais que nenhuma fraude era possível, pôde muitas vezes dizer quais eram os objetos fechados numa caixa bem amarrada, dizer se eram de maneira ou de tal ou qual metal. Na estatística muito imperfeita que nos dá, diz que houve cinqüenta experiências e seis insucessos. Mas seria preciso saber qual era a probabilidade do sucesso.

(1) - *Un cas de lucidité spontanée*, A. S. P., junho de 1914, XXIV, 165.

O Senhor Wasieliwski fez também algumas outras experiências com desenhos e palavras fechadas em caixas. Seria necessário ler o detalhe no original. O Senhor de W... escreveu em escrita virada; a Srta. de B... leu como se a escrita não houvesse sido virada. É verdade que nesta última experiência o escrito não estava fechado numa caixa, mas simplesmente posto dentro de um envelope.

Com razão, o Senhor de W... pensa que não se trata de telepatia, mas antes da influência das coisas, mais ou menos

análoga à força rábica, esta vibração misteriosa, que se desprende das águas subterrâneas ou dos metais e determina os músculos dos experimentadores a fazer curvar a varinha de aveleira.

O Senhor Warcollier, engenheiro químico, fez sobre a telepatia numerosas experiências, muito metódicas, que relatou em um livro importante (1).

(1) - *La Télépathie*, 1 vol. in-8°, Alcan, 1921, com prefácio de Ch. RICHEL.

Várias experiências de telepatia foram feitas pelo Senhor Warcollier, como percipiente, com desenhos. São bem interessantes.

Entre 10 experiências, teve uma vez um sucesso retumbante (experiência IV).

O desenho feito era um balão dirigível com uma hélice; o resultado foi um balão dirigível e uma hélice.

Em outros casos, houve meio sucesso: o desenho para adivinhar era uma bandeira tricolor; houve 9 desenhos sucessivos, entre os quais uma bandeira tricolor. Na experiência VIII havia uma corneta de caça; entre 5 ensaios de adivinhação, houve uma concha de caracol que se parecia em tudo com a corneta de caça. No desenho n.º- 10, havia um papagaio; o percipiente traçou, entre doze desenhos, um pássaro ferido que cai por terra.

Resumindo suas investigações, o Senhor Warcollier chega, sobre 35 fatos, a constatar que houve apenas 13 negativos; 5 a serem eliminados por causa de uma coincidência verossimilmente devida ao acaso, 10 meio sucessos e 7 sucessos completos. Porém a parte de probabilidade é difícil para se calcular. Comparando as diversas telepatias, que ele teve ocasião de observar e por métodos muito longos, para serem expostos aqui, que se

podem ler no livro original, o Senhor Warcollier classifica assim as diversas faculdades de transmissão:

Cores	70 por 100
Atitudes	55 por 100
Desenho	45 por 100
Objetos	38 por 100
Idéias	37 por 100
Imagens mentais	10 por 100
Palavras, número	10 por 100

É uma interessante tentativa de classificação, ainda rudimentar, que somente as mais numerosas experiências poderão justificar; porém não será fácil encontrar sensitivos como o Senhor Warcollier, que serão ao mesmo tempo capazes de cálculos e análises de penetração.

O que prova que o Senhor Warcollier é um sensitivo, é a bela criptestesia que observou em si mesmo. De volta, à noite, para a casa de um amigo que morava no campo, ele se deita, adormece e, meio desperto, percebe no cômodo iluminado por uma lâmpada, um grande pacote amarrado de forma quadrangular, enrolado em papel de embrulho amarelo. Grita: "O que significa este embrulho?" A Senhora Warcollier acorda, espanta-se - pois não há mais pacote no quarto - e então o Senhor Warcollier lhe descreve o objeto que, com efeito, fora levado por engano para o quarto onde havia permanecido antes da chegada do Senhor Warcollier e que fora retirado depois.

O Senhor Abronowski (citado pelo Senhor Warcollier) entre 324 sugestões, cujos sucessos tinham uma probabilidade de $1/3$, teve 157 sucessos, seja 50 por 100, o que ultrapassa notavelmente o número provável. É verdade

que nessas experiências havia contacto das mãos, o que diminui muito o valor da experimentação. Todavia com um percipiente mais sensível do que os outros, Jeanne Hirschberg, ele teve, sem contacto das mãos, 62 para 100 resultados.

O Senhor Warcollier de um lado e do outro lado o Senhor Abronowski timidamente fizeram hipóteses para explicar a telepatia e tiveram razão em sua timidez.

Além de tudo, a hipótese da telepatia, por vibração do cérebro A, em seguida à vibração do cérebro B, não é válida, pelo menos como explicação geral adequada, pois muitas vezes há lucidez sem vibração do cérebro B. Os espíritas têm uma explicação muito simples: é a dos espíritos oniscientes e onipotentes. Porém isso não é uma explicação.

Mais vale refugiar-se na minha confissão de absoluta ignorância quanto ao mecanismo e à causa.

Lombroso (1) relata o caso de uma moça histérica que, em certos momentos, perdia a faculdade de ver pelos olhos e via pelos ouvidos. Lia, com os olhos vendados, algumas linhas impressas que eram colocadas no seu ouvido.

(1) - Citado por FLAMMARION, *La morte et son mystère*, 1920, pg. 255.

A propósito desta transposição dos sentidos, Flammarion diz que os pacientes Imaginam "erradamente" ver pela frente, pelo epigastro ou pelo ouvido. No entanto, serei tentado a acreditar que, na realidade, há uma impressão sensitiva, talvez táctil, uma excitação sensorial periférica, pelo menos em alguns casos.

Estes fatos de hiperestesia ou de parestesia são, portanto, indubitáveis, como no caso de Ludovic S... relatado por Boirac. Mas não é possível adaptar à parestesia sensorial, os múltiplos fenômenos de criptestesia. A experiência pela

acuidade inverossímil dos sentidos normais ou pela transposição dos sentidos não é válida senão para um pequeno número, muito restrito, de observações. Mesmo aqui, ainda não estamos seguros de que esta interpretação seja exata. Uma retina capaz de perceber os raios luminosos que passaram através de um tríplice envelope de papelões opacos é uma retina de tal modo diferente da retina normal, que seu estudo se eleva a metapsíquica ultrapassando a fisiologia.

Todavia, talvez seja um real progresso o fato de se permitir, pelo menos para alguns casos excepcionais, atribuir à acuidade sensorial os fenômenos que passavam até então como inabordáveis. Será muito interessante estudá-los nos sensitivos. Não se sabe nunca, quando se começa um estudo experimental, se resultados inesperados, imprevistos ou inopinados, não serão o fruto.

C. Lombroso indicou alguns casos de criptestesia muito claros (2). Nessas experiências, ajudado pelos Drs. Ottolenghi, Sartoris e Roncarini, encontrou um rapaz de vinte e um anos, Régis, caixeiro de loja, que conseguiu reproduzir algumas das experiências de Pickmann (porém sem contacto). O Senhor Lombroso escreveu em um quadro negro a palavra "Pitckerel". Então Régis, com os olhos e ouvidos vendados, a uma distância de 10 metros, escreveu "Pitche" sobre um outro quadro negro. Entregam-lhe um desenho dentro de um envelope: está com os olhos vendados, mas consegue um fac-símile surpreendente. No entanto, teve alguns fracassos. Régis bebeu nesse dia um meio litro de rum, de modo a ficar ébrio, o que não é boa situação para se maquinar uma fraude hábil. O Senhor B... (de Nocera) de vinte anos de idade, deu também ao Dr. Grimaldi, na

presença de Lombroso, interessantes exemplos de criptestesia.

(2) - *Mon enquête sur la transmission de la pensée*, A. S. P., 1904, XIV, 264-273.

Experiências de telepatia foram recentemente empreendidas pelos Dr. F. H. Van Loon e A. Winberg (1).

(1) - *A Method of investigation into thought transference* (J. S. P. R., janeiro de 1921, 3-23).

Como seu memorial não apareceu na totalidade, não se pode julgá-lo definitivamente. Parece que os resultados são favoráveis à telepatia; os sentimentos emocionais parecem ser percebidos antes dos nomes, os números, as figuras. Com as cartas, houve fracassos. Houve sucesso quando um dos agentes punha na boca ácido clorídrico ou um bombom (mas teriam sido tomadas todas as precauções?) Em suma, é difícil concluir o que quer que seja dessa laboriosa experimentação, inspirada por certas observações extremamente duvidosas de *thought transference* e de *willing game*.

A boa-fé dos percipientes não é contestável. Porém pode ter havido excitações sensoriais, fracas e inconscientes, que determinam, sem nenhuma influência metapsíquica, vagas percepções. Mesmo quando os percipientes são de boa-fé, é preciso ser tão severo como se fossem suspeitos de falcatrua, pois o inconsciente está sempre desperto e recolhe os mais leves indícios que possam colocá-lo sobre a vida. Quando o agente levanta um grande peso e o percipiente diz ter uma sensação de fadiga, devem-se tomar precauções extremas para que o percipiente, cujos sentidos são extraordinariamente hiperestesiados, não compreenda que atrás dele se levanta um peso. Todo movimento do agente deve ser absolutamente eliminado antes que se possa concluir tratar-se de uma criptestesia.

Devem-se ligar a criptestesia pragmática os belos fenômenos dados pelo Senhor Reese (1).

(1) - SCHRENCK-NOTZING (A.), *Um clairvoyant*, A. S. P., 1913, XXIII, 65. - MAXWELL (J.), *Même sujet*, *ibid.*, 67. - CARRINGTON. *Comte rendu d'une séance avec Bert Reese* (*ibid.*, 357).

Os fatos, cuja breve relação vamos dar, foram constatados por observadores bem avisados, Carrington, A. de Schrenck-Notzing e J. Maxwell, que, isoladamente, experimentaram com Reese.

Notamos que o Senhor Carrington estudou especialmente a prestidigitação e que ele é um psicólogo experimentado.

O Senhor Reese, em 1913, estava com setenta e dois anos de idade. Nasceu na Polônia prussiana, em Posen, depois passou para a América, onde viveu. Conta, de bom grado, que teve entrevistas com todos os poderosos deste mundo, sobretudo com os grandes financistas americanos, pois um dos seus poderes, parece, é descobrir nascentes de água ou mesmo minas de petróleo. O fato é que deu provas brilhantes de lucidez.

Édison relatou (2) experiências feitas com Reese, que lhe pareceram decisivas. Ele vai para um cômodo distante do quarto onde ficava Reese e escreve esta pergunta: "Existe alguma coisa melhor do que o hidróxido de níquel para uma bateria de matérias alcalinas?" Depois entra na sala onde estava Reese, que lhe diz imediatamente: "Não, não existe nada melhor do que o hidróxido de níquel para uma bateria de matérias alcalinas". Dois anos depois, anunciam a Édison a inopinada visita de Reese. Então Édison escreve em caracteres microscópicos a palavra Keno e põe o papel no seu bolso. "O que escrevi?" pergunta ele a Reese, e este lhe diz sem hesitação: "Keno". O Dr. Jamet Hanna Thompson,

médico alienista e cético evidente, ficou, em seguida a uma sessão que teve com Reese, absolutamente convencido.

(2) - A. S. P., agosto de 1913.

A. Schrenck-Notzing declara que Reese é um dos homens mais extraordinários de seu tempo. Schrenck escreveu em cinco pedaços de papel as diferentes perguntas: 1.º - Qual é o nome de minha mãe? 2.º - Quando ireis para a Alemanha? 3.º - Meu livro terá sucesso? 4.º - Uma questão de ordem íntima? 5.º - Qual é o nome de meu filho mais velho?

Reese, sem haver tocado nos papéis, respondeu corretamente a quatro perguntas, muito depressa, em quatro ou cinco minutos, no máximo, e não pode tratar-se da leitura do pensamento, pois que, após haver misturado os papéis, Schrenk ignorava o que continha qualquer deles.

Com J. Maxwell, Reese obteve resultados igualmente surpreendentes. Não tocou no sete papéis que Maxwell havia escrito e respondeu a cada um, se bem que Maxwell, misturando-os, ignorasse então o que continha cada um deles. O prenome, pouco comum da mãe de Maxwell (Marie Angeline) foi dado com um insignificante errozinho. Marie Angeline é o nome verdadeiro.

H. Carrington descreve com muitos detalhes uma experiência análoga. Anota com cuidado que os truques clássicos dos prestidigitadores não foram postos em uso. H. Carrington, após várias experiências muito metódicas, ficou completamente convencido de que se tratava de um autêntico caso de clarividência e não de um sistema qualquer de escamoteação.

M. F. Hollander (1) também fez uma interessantíssima narração de uma sessão que teve com Reese. Segundo ele,

Reese pôde, numa sociedade comercial, indicar a página onde se encontrava uma fraude na contabilidade. Concederam-lhe 5 por cento da soma desviada e ele recebeu 2.500 marcos. Tanto a Maxwell, a Carrington, como a Schrenck-Notzing, Reese deu respostas exatas às perguntas absolutamente pessoais, íntimas, especiais, que Hollander havia escrito, na ausência de Reese, em papéis que guardava em seus bolsos.

(1) - *Encore le voyant Reese, le juif éternel*, A. S. P., setembro de 1913, XXIII, 257-261.

O Senhor Drakoulès confirmou esses fatos, segundo a Srta. Felicia Scatchered (2). É sempre a mesma experiência, que igualmente se resolve. O Senhor Drakoulès escreveu diversas frases em dezoito papéis que colocou em gavetas diferentes, e o Senhor Reese leu-os todos, quando estavam ainda dobrados e fechados na gaveta. Ele pôde dizer o nome das moças (Penélope, Anastasie, Giuletta), filhas da Senhora Drakoulès.

(2) - *International Psychic Gazette*, março de 1916.

Em 1916, em Nova York, Reese foi condenado por disorderly conduct. Apelou e convenceu o juiz Josalsky, não somente de sua inocência, como também de sua lucidez (1).

(1) - A. S. P., maio de 1916, 80.

Os testemunhos obtidos (em seguida a experiências independentes) por homens também experimentados, sagazes e prudentes como Von Schrenck-Notzing, J. Maxwell e H. Carrington, põem fora de qualquer contestação a criptestesia pragmática de Reese. É uma grande pena não ter ele consentido em se submeter a novas provas (2).

(2) - MAX HGPPE (Ueber Hellsehen, Diss. in, Berlin, 1916) formulou várias críticas a essas experiências de REESE, porém a hipótese que ele propõe (uma parte do acaso, uma parte de sagacidade), parece-me bem fraca.

Um outro caso admirável de lucidez foi dado por Ludovic H..., israelita, com quarenta anos de idade, observado pelo professor Schotelius, de Stuttgart (3).

(3) - A. S. P., março de 1914, XXIV, 65.

As experiências são todas idênticas àquelas que fez Reese. Schotelius, fechando-se no seu quarto, escreveu em três papéis frases que lhe vinham à mente; pegou um papel na mão direita, outro na mão esquerda, e ficou com as mãos fechadas; e o texto desses papéis foi imediatamente revelado por Ludovic. Um juiz de direito, um médico alienista, um médico conselheiro do distrito, o escrivão de justiça, todos, personagens pouco suspeitos de credulidade, fizeram com Ludovic experiências análogas (4).

(4) - *Quelques épisodes remarquables de clairvoyance* (A. S. P., 1914. 175).

Acabo de verificar um fenômeno de criptestesia em todo o seu esplendor, em um indivíduo admirável, que não é profissional, o Senhor O..., engenheira polonês. Geley, Lange e eu, tivemos em Varsóvia, em abril de 1921, ocasião de observá-lo cuidadosamente. Pusemo-nos perfeitamente a par de que os fatos maravilhosos que nos haviam contado do Senhor O... não eram de modo algum exagerados.

No fim de um jantar, Lange, distante do lugar onde estava o Senhor O..., escreveu algumas palavras num pedaço de papel, e colocou-o dentro de um envelope, que fechou. O Senhor O... disse-lhe, amassando o papel na sua mão e sem abrir o envelope: "Está escrito em inglês... vejo uma letra isolada, depois cons... e depois sexta-feira. Ora, o Senhor Lange havia escrito em inglês: "I consider that you are wonderful". Isto é interessante porque é, ao que parece, mais uma leitura visual (vendredi (sexta-feira) por Wonderful) do que uma leitura do pensamento.

No dia seguinte cedo, no Hotel d'Europe, o Senhor O... veio retribuir minha visita: escrevi num papel, muito depressa e com uma péssima letra, uma frase que me veio à mente: O Senhor O... em pé no quarto, bastante longe de mim, não pôde ler nada; em todo caso, não teria podido ver senão de muito longe e do avesso. A frase escrita que me veio à mente, sem ter sido lembrada por qualquer conversação anterior, era a seguinte: "Jamais o mar parece maior do que quando está calmo. Suas cóleras o diminuem". Dobrei o papel e o pus num envelope, que fechei e que o Senhor O... amassou febrilmente, sem abri-lo. Após uns dez minutos, disse-me: "Vejo muita água! É o mar! porém colais uma idéia ao mar... uma idéia que não vejo muito bem. O mar é tão grande, que ao lado de seus movimentos.... não vejo mais".

Resultado admirável, tornado talvez pouco incerto porque com rigor extremo, o Senhor O... pôde inconsciente e imperfeitamente ver o que eu havia escrito.

Esta objeção não é válida para a seguinte experiência, mais demonstrativa apesar de alguns erros graves.

Peguei duas cartas que recebera na antevéspera, e, estando só no meu quarto, coloquei-as cada uma num envelope, fechado cuidadosamente; depois peguei ao acaso uma dessas duas cartas, ignorando entretanto se era a carta A ou a carta 8, e a entreguei a O..., quando chegou. Então O... disse-me: "É uma carta em francês, que não vem de Paris, é uma resposta a uma carta sua: um senhor de cinquenta anos fala de uma senhora que tem um nome antes alemão do que francês: convidado para ir lá onde está, à beira-mar; ele tem a intenção de vir a Paris" e ajuntou vários detalhes, apropriados ao caso ou errôneos. Disse-me então: "Guarda a

carta, o Senhor Geley ma entregará amanhã e eu acabarei de descrevê-la". Ora no dia seguinte, Geley, a quem eu havia entregue o envelope sempre fechado, sem entretanto nada lhe dizer sobre o assunto desta carta, obtive do Senhor O... a seguinte resposta, imediatamente: "Ele fala de uma senhora Berger. É um senhor de cinqüenta anos quem escreveu esta carta; é um convite; vem de um lugar perto do mar".

A carta da qual nem o Senhor O... nem Geley nada podiam conhecer, e que era absolutamente impossível ver pelos sentidos normais, era de um alemão, o professor R. Berger, que em resposta a uma carta minha, me escreveu de Berlim, para me pedir que parasse em sua casa na minha volta. R. Berger tem aproximadamente cinqüenta anos.

Com Geley a experiência foi talvez mais bela ainda.

Geley escreve sobre um cartão de visitas: "Nada é mais emocionante do que o apelo à oração, pelos muezzins (padres muçulmanos)". Geley escreveu estas palavras sob a mesa, nos joelhos. O cartão foi posto (debaixo da mesa) num envelope espesso, lacrado. O Senhor O... disse: "Há um sentimento de oração, um apelo, dos homens que são mortos, feridos... não, não é isso... Nada dá mais emoção do que o apelo à oração; é como uma oração dirigida a quem? uma certa casta de homens, mazzi, madz... Um cartão..., não vejo mais".

A estas experiências admiráveis, o Senhor O... mais tarde juntou mais algumas, que é preciso resumir aqui, pois elas são as mais decisivas que jamais foram obtidas.

Estas novas experiências, feitas simultaneamente por Geley e por mim em Varsóvia, são de tal modo precisas que toda fraude, toda confusão são impossíveis (1).

(1) - *Revue métapsychique*, 1921, I, 421, e 1922, II, 158; 247; 299.

I. - Uma carta lacrada do Senhor Magnin, cujo conteúdo ninguém sabe.

O... diz: "É curta, algumas palavras, cumprimentos à Polônia, não está assinada".

Havia: "Bons sucessos em Varsóvia".

II. - Uma carta lacrada do Senhor Sudre.

O..., diz: "Idéias de Pascal. O homem é fraco, um caniço frágil, o caniço mais pensativo".

Havia: "O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, porém é um caniço pensante". (Pascal).

III. - Carta lacrada.

O... diz: "Que caos! Um peixe! Que relação com o peixe e a Polônia? Viva a Polônia! e perfumes deliciosos".

Geley havia posto sobre esse papel:

1.º - Camelos; 2.º - um peixe (com um desenho); 3.º - um tocar de sinos; 4.º - o perfume da mimosa; 5.º - viva a Polônia!

IV. - O Dr. Piery (de Lyon) prepara um papel que põe num envelope lacrado.

O... diz: "A Polônia é um país encantador". Havia: "A China é um país encantador".

V. - O Dr. Gliskman (de Varsóvia) põe num envelope lacrado um papel que segura em sua mão. O... contentase em pôr sua mão na do Dr. Gliskman. O... diz: "O amor... e a criança, é o amor mundial, como a criança da Boêmia".

Havia: "O amor é filho da Boemia".

VI. - Escrito por Geley e posto dentro de um envelope.

O... diz: "Um jardim zoológico. É uma luta, um elefante. Ele nada na água; há uma história com sua tromba; vejo sangue".



FIG. 13 - Desenho colocado num tubo de chumbo.

Havia: "Um elefante que se banhava no Ganges foi atacado por um crocodilo que lhe cortou a tromba".

VII. - Um papel é posto dentro de um tubo de chumbo, cujas paredes tinham três centímetros e que foi soldado. Ninguém dentre os assistentes sabia o que estava escrito.

O... disse: "Um desenho. Um homem com grandes bigodes e grandes sobrancelhas. Não tem nariz. Tem uma veste militar. Assemelha-se a Pilsudski. Esse homem não tem medo de nada, é como um cavalheiro".

Havia abaixo do desenho ao lado: "O cavalheiro sem medo e sem mancha". (figura 13, pg. 285).

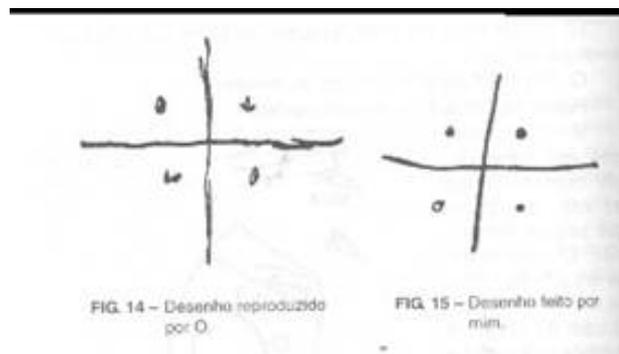


FIG. 14 - Desenho reproduzido por O.

FIG. 15 - Desenho feito por mim.

VIII. - Fiz na penumbra um desenho que lacrei imediatamente (a seis metros de distância de O... e dando-lhe as costas de modo que ele não podia ver o que eu havia desenhado). (Fig. 15).

O... reproduz o desenho seguinte (Fig. 14).

IX. - A Senhora de Noailles me havia remetido de Paris uma carta lacrada, cujo conteúdo eu ignorava completamente.

O... diz: "Uma inspiração de um grande poeta francês, Rostand. Chantecler. Quando a Senhora de N... fala de Chantecler, ela escreve alguma coisa do galo. Existe uma idéia de luz durante a noite".

Havia: "É à noite que é belo acreditar na luz. Edmond Rostand. Verso que se encontra no Chantecler e pronunciado pelo galo".

X. - A Senhora Sarah Bernhardt envia-me de Paris para Varsóvia uma carta lacrada, que recebo diretamente do carteiro e cujo conteúdo todo mundo em Varsóvia ignorava.

O... diz: "A vida parece humilde quando existe ódio - não, nada de ódio, mas uma palavra francesa que eu não compreendo e tem oito letras. Com a assinatura Sarah Bernhardt e uma exclamação".

Havia: "A vida nos parece bela porque nós a sabemos efêmera! Sarah Bernhardt".

XI. - Após diversos ensaios que deram resultado, com números e com frases, O... pediu-me para lhe escrever alguma coisa, num pedaço de papel, que eu amarrotei. Escrevo "Toi" (tu).

O... diz: "É muito curto. É um número, há um Te um zero e um 1".

Outras experiências foram feitas ainda, outras observações anotadas. Porém não posso entrar em mais detalhes. Sem que haja necessidade de insistir, o mais elementar bom senso indica que o acaso não pode ser levado em conta e não restam senão duas hipóteses: ou a fraude ou a criptestesia (lucidez).

(Pois é preciso, evidentemente, eliminar a hipótese da telepatia que, na maioria dos casos, não pode ser invocada).

A hipótese da fraude é tão absurda como a do acaso. Todas as experiências eram feitas em plena luz: algumas vezes desenrolavam-se rapidamente; algumas vezes duravam (no máximo) duas horas. Mas mesmo quando demoravam muito tempo, o envelope lacrado que nossos olhos não abandonavam permanecia lacrado. Todos os movimentos de O... eram estritamente fiscalizados. Em um caso, o papel estava inserido num tubo de chumbo; em outro caso, O... não tocou no papel; em um outro ainda, o papel estava todo amassado, formando uma bolinha que eu tinha na mão. Mesmo com a cumplicidade de todas as pessoas presentes, nada poderia ter sido obtido.

Portanto, não é a fraude; e estou tão certo da ausência de fraude que não hesitaria em condenar um homem à morte sobre isto. Nunca se está bastante seguro da culpabilidade de tal ou qual assassino (que, no entanto, condenam) como estou certo deste fato: que a fraude não explica esses fenômenos.

Estamos portanto inteiramente com o direito de discutir de um modo bem profundo o mecanismo desta nova função da inteligência humana.

Ai de mim! imediatamente devo reconhecer que ela continua, para nós, profundamente misteriosa, impenetrável.

Necessariamente, a perturbação de nossa inteligência, perturbação que culmina com um conhecimento da realidade, supõe uma força exterior - uma vibração - que age sobre ela. Não há efeito sem causa. Se nada viesse excitar nossa sensibilidade, nossa sensibilidade não seria excitada. E nisto está toda a evidência.

E portanto a minha primeira proposição, que é incontestável: "Há vibrações exteriores, de natureza desconhecida, que tocam nossa sensibilidade". Como pode esta vibração exterior ir até a inteligência?

"Provisoriamente" parece-me mais prudente não pensar numa nova sensibilidade, cujos órgãos receptores e transmissores seriam totalmente desconhecidos de uma das sensibilidades do nosso organismo animal.

A psicofisiologia clássica, que seria insensato não levarem conta, nos ensina que o conhecimento do mundo exterior nos chega por cinco vias diferentes: o nervo ótico (para a visão); o nervo auditivo (para a audição); o nervo olfático (para o olfato); o nervo do sabor (para o paladar); os nervos periféricos da pele e mesmo das vísceras, para o sentido táctil. Antes de inventar outras sensibilidades fantásticas, deve-se procurar saber se estas não dariam alguma indicação.

Ora quando Ossowiecki trabalha, compreende-se imediatamente que não é pela vista, nem pelo ouvido, nem pelo olfato, nem pelo Paladar, que ele tem alguma noção da carta que se lhe dá para decifrar. Indica ele antes a grafia do que o sentido; ou para melhor exprimir, tem ele em parte a compreensão do sentido, em parte o conhecimento da grafia.

E como lhe chega isto? Não é nem ouvindo, nem aspirando, nem olhando: é apalpando e amassando fabrilmente o objeto que lhe submeteram.

“Tudo se passa como se a noção do conteúdo da carta chegasse à sua consciência por uma espécie de sensibilidade táctil. Talvez não seja senão uma aparência. Mas não se pode negar essa aparência”.

Entretanto, entendamo-nos sobre esta palavra sensibilidade táctil. Ela não é de tal modo diferente da sensibilidade táctil conhecida, que seja uma sensibilidade nova.

A sensibilidade táctil, com efeito, aumentou, não na proporção de 1 para 100, mas de 1 para 100.000, e mesmo ainda mais.

É em desespero de causa que faço esta hipótese de uma formidável hiperestesia táctil aumentada. Apóia-se ela portanto não somente nos gestos, mas ainda nas palavras de Ossowiecki mesmo (*Revue Métapsichique*, 1922, pg. 251). Para descrever um broche que foi perdido, com efeito, ele diz: "Desejaria ter alguma coisa de material concernente ao broche". E então ele coloca seus dedos sobre o vestido no lugar onde o broche estava preso.

Entretanto, a experiência de Geley, que consiste em fechar uma carta dentro de um tubo de chumbo, o que não impede que a carta seja decifrada por Ossowiecki, não é de modo algum incompatível com a hipótese de hiperestesia: pois se o tato é tão prodigioso para perceber grafia através de um envelope, não há nenhum motivo sério para supor que, se o envelope fosse mais espesso, de metal, em vez de ser papel, a estesia seria suprimida.

Geley disse um pouco temerariamente: Esta faculdade não tem nada a ver com o funcionamento das neuroses cerebrais. Porém eu não posso aceitar esta negação. Em lugar de procurar aí uma faculdade divina – desta palavra divina não compreendo de modo algum o sentido – Antes quero ver nisto uma faculdade do nosso organismo nervoso. Pouco importa que as modalidades me sejam absolutamente desconhecidas. Verifico que ela parece chegar à consciência pelo sentido do tato. Portanto, parece-me mais prudente, em vez de admitir uma função nova, conceder às funções conhecidas uma prodigiosa extensão.

Após estas experiências brilhantes, após todas as experiências mencionadas acima, durante o curso das inúmeras páginas deste livro, parece-me que a criptestesia é um fato incontestável, irrepreensível e demonstrado como os mais incontestáveis fatos de toda a ciência.

Os fatos têm uma tal evidência que retomo por minha conta a palavra enérgica de Sir Oliver Lodge: "É diminuir-se querer a gente recusar admiti-las".

Y. - VISÃO PELO CRISTAL

A visão pelo cristal é às vezes uma boa condição para o desenvolvimento da criptestesia nos sensitivos.

Parece que esse processo foi empregado pelos mágicos de todas as épocas (espelho mágico).

Grasset (1) cita os antigos processos de adivinhação pela água de uma fonte ("hidromancia") ou dos vasos cheios de

óleo ("lecanomania" - foi assim que Ulisses interrogou Tirésias); ou dos espelhos ("cataptromancia") ou das bolas de vidro ("cristalomania"). Mais simplesmente olhava-se a unha da mão coberta de óleo ("onicomania"). No século XVI, um pequeno cristal era mostrado por um inglês, John Dee, e podia-se ler o futuro. Saint-Simon conta nas suas memórias que um João-ninguém mostrava ao Duque D'Orléans, num copo cheio d'água, tudo o que ele desejava saber (2).

(1) - Loc. cit., 135-143.

(2) - Um histórico bastante detalhado foi dado pela Srta. X..., *Recent experiments in Crystal vision*, P. S. P. R., maio de 1889, V, 486-504. - Ver também ADELIN Fr. BON MAY, *Visionen im Wasserglasse*, 1876. - HYSLOP, *Experiments in crystal vision*, P. S. P. R., XII, 259. - MYERS (F.), *Experiments in crystal vision*, *Ibid.*, XV, 385. - A. LANG, *On crystal vision*, *Ibid.*, XV, 48-50. - Fr. MYERS, *De la conscience subliminale*, A. S. P., 1897, n. 5; 1898 ns. 2, 3 e 4; 1899, ns. 3, 4 e 5; 1900, ns. 1 e 2.

A vidente de PRÉVORST via às vezes cenas inteiras nas bolhas de sabão que se faziam na sua presença.

Além dos escritos de Fr. MYERS sobre a Conscience subliminale, consulte-se P. JANET, *Automatisme psychologique*, e ANDREW LANG, *The Making of religion*, 1897, trad. e anal., por E. LEFEBVRE, A. S. P., 1898, VIII, 129-148. - ANDREW LANG, *Dreams and Ghosts*, 1897. - W. STEAD, *Real Ghosts*, 1897, 65-66. - P. JOIRE, *Méthode d'expérimentation, etc.*, A. S. P., 1901, XI, 329.

Quando uma pessoa sensitiva olha no cristal, muitas vezes percebe objetos, cenas vivas, figuras. Eis como se exprime a Senhora Verrall: "As visões obtidas quando olhando intencionalmente um copo d'água ou uma bola de cristal, são diferentes das impressões visuais: uma certa obscuridade favorece a aparição de imagens.

"A imagem parece ser feita com os pontos brilhantes do cristal, e, uma vez produzida, tem uma realidade que nenhuma imaginação pode dar. Algumas vezes há movimento. Algumas vezes eu sei que é tal ou qual cor, ainda que não possa ver (ópticamente) a cor".

Eis como a Senhora A..., que não é médium profissional e cujo nome não foi publicado, descreve as emoções sentidas: "Eu não conhecia nada da Crystal Vision. Um dia, quando lanchava com alguns amigos, a conversa recaiu nesse assunto. Sustentava-se que, com um pouco de água clara, se obtinha resultados de visão... Olhei e imaginei ver no fundo do meu copo uma chavinha de ouro. Estava tão perfeita, que procurei sobre a toalha da mesa, julgando aí encontraria realmente uma chave". Tendo feito, em seguida a esta primeira tentativa, outras experiências com uma bola de cristal, a Senhora A... assim descreve suas sensações: "O cristal está envolto num tecido preto e só uma parte fica descoberta. Pouco importa que haja obscuridade. Ao fim de um ou dois minutos aparece uma luz muito brilhante, que desaparece, torna-se uma neblina, na qual surgem paisagens, letras... que são algumas vezes escritas de trás para diante. As imagens que se apresentam são às vezes muito interessantes, às vezes sem relação com um acontecimento real". Segundo a Srta. X... as coisas vitais no cristal têm cores verdadeiras: são como imagens, recordações, somente mais distintas.

O Senhor J. Hyslop deu alguns exemplos (1) da visão pelo cristal, obtidos pela Senhora D... que viu cenas muito claras. Ele constata que há coincidências freqüentes entre a visão e o acontecimento, mas não crê que se possa eliminar a hipótese da coincidência fortuita. OS exemplos são, no entanto, numerosos e bastante impressionantes para que se conclua que a visão seja devida a uma verdadeira lucidez. Em um caso, a Senhora D... vê uma pessoa que ela não conhece e que está perto de sua irmã, em um caixão (2). Ora, nesse momento, uma amiga, desconhecida da Senhora D...,

estava em casa da irmã da Senhora D... muito doente. Em sete fotografias que Hyslop trouxe, ela reconheceu-a. Em um outro caso, no cristal, ela viu o velho cemitério disposto de outro modo que ela não imaginava. O novo arranjo dos túmulos e dos monumentos era na realidade tal qual ela vira, como constatou quando ali foi para verificar a exatidão de sua visão. Mas tratava-se talvez de paramnesia. Em suma, o Senhor Hyslop conclui dizendo que as visões, pelo cristal, não dão, pelo menos no caso da Senhora D..., esta certeza de um conhecimento superior que exige a ciência rigorosa (strict science).

(1) - *Some experiments in Crystal vision, P. S. P. R., 1898, XII, pg. 259 276.*

(2) - *Nesse caso especial não se trata de visão pelo cristal, porém de sonho.*

O Rev. P. Lescoeur (3) conta ter conhecido uma mulher que, olhando num copo de água, viu, com "grande surpresa sua", desenhar-se uma cabeça de Cristo, infinitamente dolorosa. "Retirei-me, com uma exclamação de espanto; mas, olhando de novo, desta vez o rosto do verdadeiro Ecce Homo apareceu-me de perfil; depois diminuiu pouco a pouco e desapareceu. Isto durou apenas um minuto".

(3) - *Citado por GRASSET, loc. cit., 140.*

É um fato de alucinação provocado pela visão do cristal, mas em que, em absoluto, não há nada de criptestesia.

Myers descreve assim a visão no cristal, com o qual fez, experimentando sobretudo com a Senhora Freet, um estudo atento (4):

(4) - *Loc. cit., trad., fr., 208.*

"Induz-se o paciente a olhar atentamente, mas sem fatigá-lo, em um espelho ou no fundo transparente e claro, arrumado de jeito a refletir o menos possível, tanto o rosto do observador como os objetos que o circundam. Envolve-se a bola de cristal num tecido preto. É preferível que o

paciente fique sozinho no cômodo e que se encontre em estado de passividade mental. No fim de uma dezena de minutos, ele começa a perceber que o vidro ou a bola de cristal começa a se anuviar e a distinguir algumas figuras dentro da própria bola. Uma pessoa sobre vinte pode, talvez, conseguir esta experiência, e sobre esses vinte visionários, só um talvez será capaz de desenvolver essa faculdade de visão interna até o ponto de receber informações (verídicas), que lhe é impossível obter por meios normais".

A visão no cristal, no entanto, não produz o sono hipnótico, como às vezes se afirma. Não parece ter nenhum inconveniente para a saúde, salvo um pouco de cansaço, se a experiência se prolonga.

Poucas fenômenos, adianta Myers, são tão fantásticos e tão inverossímeis. As visões parecem não ser submetidas a nenhuma lei; é uma mistura de recordações, de sonhos, de conhecimentos telepáticos ou telestésicos, de recognições e precognições. Para dizer tudo, é um meio empírico, desconhecido quanto ao seu mecanismo, de pôr em jogo a criptestesia.

A Senhora Leeds (1), cujo marido estava de serviço à noite na estrada de ferro, acordou em sobressalto no meio da noite; percebe um copo de água que havia posto sobre o criado-mudo e no momento em que ia levá-lo aos lábios vê na água uma pintura movediça representando um trem de estrada de ferro com uma guarita na extremidade. Vê então os carros rolar uns sobre os outros; o do guarda-freios, espatifado. Duas horas depois, o Senhor Leeds entra em casa e conta à sua mulher que um acidente dessa natureza se verificara e o guarda-freios ficara gravemente ferido.

(1) – J. S. P. R., dezembro de 1903.

A Srta. A...(2), olhando no cristal na presença de Sir Joseph Burnby, descreve uma senhora alta, morena, que se encontra num quarto de hotel, cuja porta está aberta: está lavando as mãos. Sir Joseph, de início, pensa que se trata de sua mulher. A Srta. A... adianta: "Ela traja um vestido de sarja com muitos galões sobre a blusa e uma série de galões de um lado da saia". Sir Joseph, por essa descrição, imagina que não se trata de sua mulher; porém quando, alguns dias depois, voltou a Eastburne, onde residia então Lady Burnby, constatou que ela acabava de comprar e vestir um vestido de sarja tal como a Srta. A... havia descrito. A atitude de Lady Burnby lavando as mãos, diante da porta aberta do quarto de hotel, era exata. A Srta. A... em absoluto não conhecia Lady Burnby. Ora, alguns meses depois, quando por acaso, viu uma senhora entrar numa sala de espetáculo, disse: "Eis a mulher do vestido de sarja que eu vi na bola de cristal".

(2) - Citado por MYERS, A. S. P., 1901, XI, 297.

Em certos casos, em vez de olhar no cristal, pode-se ouvir pela concha (as conchas marinhas de certos grandes gasterópodes marinhos, com as quais as crianças brincam em ouvir, dizem elas, o barulho do mar). É ainda um meio empírico, empregado às vezes para desenvolver a criptestesia. Quando a Srta. X... ouve pela concha, percebe ruídos confusos, às vezes sons musicais, às vezes vozes humanas e palavras distintamente pronunciadas. Um dia, ela ouve de repente as palavras "Endsleighstreet", uma rua que não conhecia. Alguns minutos depois, dizem-lhe que o Senhor H... chegou de Oxford a Londres.

- Reside aqui como de costume? Não, responderam-lhe. Tomou um quarto em "Endsleighstreet".

Uma outra vez, a Srta. X... ouve estas palavras: "Sois portanto vegetariano?" como se fossem pronunciadas pelo Senhor Smith, que ela acabava de deixar. Ora alguns instantes depois o Senhor Smith conversando com o Senhor M..., que encontra por acaso, pergunta-lhe: "Sois portanto vegetariano?" A carta que a Srta. X... endereçou ao Senhor Smith precede o momento em que ela soube que realmente o Senhor Smith pronunciara estas palavras.

A visão pelo cristal, ou audição pela concha, não parece dar resultados senão em pessoas sensíveis. Não é pois um capítulo de criptestesia em pessoas normais, mas em sensitivos.

Ao lado de belos resultados obtidos em sessões espíritas, a visão pelo cristal dá pois bem pouca coisa.

§ 7. – Xenoglossia

É preciso fazer entrar no grupo dos fenômenos criptestésicos o da língua desconhecida (o que denominei "xenoglossia") (compreensão, leitura, escrita, pronúncia de uma língua que não se aprendeu). Há alguns casos que, sem permitir uma conclusão firme, são perturbadores (1).

(1) - São citados por C. DE VESME (A. S. P., 1885, XN, 319).

De início, não podemos chamar xenoglossia às linguagens imaginárias, criadas pelos médiuns.

O caso mais célebre, maravilhosamente analisado, é a linguagem marciana de Hélène Smith. Flournoy demonstrou, com todo o rigor, que esta nova língua não era senão o francês modificado. Que memória espantosa! Que

estupefaciente riqueza de invenção! Hélène Smith em seis meses chegou a falar corretamente a nova língua que sua imaginação havia criado. Hélène, tendo-lhe Flournoy feito algumas objeções, mudou sua linguagem marciana e encontrou a ultramaricana. É admirável.

Inspirada pelo romance marciano de Hélène Smith, a Senhora Smead, na América, imaginou também outra linguagem marciana (2).

(2) - Veja HYSLOP, *La médiumnité de Mme. Smead*, (A. S. P., 1906, 461).

Essas criações indicam a fecundidade do inconsciente. Elas não têm nada a ver com a criptestesia. A xenoglossia permanece ao se falar uma língua estrangeira que era desconhecida do médium e que é uma linguagem verdadeira existente.

O caso mais extraordinário é o de Laura Edmunds, a filha do juiz Edmunds, que foi presidente do Senado e membro da Corte Suprema de Justiça de Nova York, pessoa de elevada inteligência e de uma lealdade irrefutável. Laura, sua filha, católica fervorosa, muito piedosa, não falava senão o inglês. Aprendera na escola algumas palavras de francês, mas era tudo quanto sabia de línguas estrangeiras. Ora um dia (em 1859) o Senhor Edmunds recebe a visita do Senhor Evangélidès, de nacionalidade grega, "que pôde entreter-se em grego moderno" com Laura Edmunds.

No decorrer dessa conversa, à qual assistiram diversas pessoas, o Senhor Evangélidès chorou, pois Laura Edmunds comunicou-lhe a morte (na Grécia) de seu filho. Ela encarnava, ao que parece, a personalidade de um amigo íntimo de Evangélidès, morto na Grécia, o Senhor Botzaris. Se deve acreditar em Edmunds, é por intermédio de Botzaris que Laura podia falar em grego moderno e saber que o filho

de Evangélidès acabava de morrer na Grécia (o que, na verdade, foi reconhecido exato).

E o Senhor Edmunds adianta: "Negar o fato é impossível, é muito flagrante e eu poderia então negar que o sol nos ilumine. Considerá-lo uma ilusão, não o saberia com vantagem, pois não se distingue em nada de qualquer outra realidade constatada não importa em que momento de nossa existência. Isto se passou na presença de oito ou dez pessoas, todas instruídas e inteligentes. Não havíamos visto nunca o Senhor Evangélidès. Foi-nos apresentado por um amigo nessa mesma noite. Como pôde Laura comunicar-lhe a morte de seu filho? Como pôde compreender e falar o grego, língua que nunca havia ouvido falar (1) ?".

(1) - DE VESME, *Xénoglossie, L'écriture automatique em langues étrangères*, A. S. P., 1905, XV, 317-353. *La xénoglossie de Miss Laura Edmunds*, A. S. P., 1907, XVII, 603.

O juiz Edmunds conta ainda a xenoglossia da Senhora Young, de Chicago, a qual, encontrando-se sob a influência de espíritos alemães, fala e canta em alemão, numa reunião onde pessoa alguma conhecia essa língua. "Solicitei, diz o Senhor Edmunds, a um médium alemão, o Senhor Euler, para vir. Ele veio duas vezes e entreteve-se com o médium em alemão, durante mais de uma hora em cada visita. Em outras ocasiões, a Senhora Young fala espanhol e italiano. Era uma operária que não recebeu outra instrução senão a das escolas primárias".

Observei um caso curioso e de difícil interpretação, parecido com a xenoglossia, pois não se pode dizer que seja uma xenoglossia verdadeira. Eis a exposição sumária.

A Senhora X..., senhora de trinta anos aproximadamente, nunca aprendeu o grego e é absolutamente certo que o ignora. Entretanto, na minha frente, ela escreveu longas

frases em grego, com alguns erros que indicam claramente que era a visão mental de um ou vários livros gregos. Pude, após inúmeras investigações, ajudado pelo acaso, mais que por minha perspicácia, graças aos meus amigos Courtier e o Dr. Vlavianos, de Atenas, encontrar o livro principal de onde a Senhora X... havia tirado as longas frases do grego que ela escrevia à minha frente. É um livro que não é encontrado em Paris (que existe, no entanto, na Biblioteca Nacional) o Dictionnaire grec-français et français-grec de Byzanios e Coromelias. Como é um dicionário grego moderno, não está nunca em uso nas classes de nossos liceus (1).

(1) - (Athènes, 1846, 1ª edição, 1856, 2ª edição.).

Ora, a Senhora X..., de memória, escreveu na minha frente umas vinte linhas do grego, com poucos erros (8 para 100 aproximadamente, sobretudo nos acentos). Os erros são os que se fazem quando se transcreve o grego sem compreendê-lo. Assim, em vez de, a Senhora X... escreveu; em vez de; em vez de; em vez de; todos erros que indicam claramente que são uma cópia visual e que a Senhora X... não sabe o grego, pois que não comete tais erros senão pela transcrição imperfeita de uma imagem visual (2).

(2) - Deixamos de transcrever as palavras gregas em virtude de não existir caracteres semelhantes em nosso alfabeto (N. da E.).

A reprodução destas palavras erradas é certamente uma reprodução visual defeituosa.

Estou absolutamente certo de que a Senhora X..., escrevendo essas linhas, não teve nenhum texto sob os olhos. Ela olhava o vácuo e escrevia como se copiasse imperfeitamente o texto de uma língua desconhecida, de que ela via os sinais, mas apenas conhecia o sentido. Se bem que, certamente, não as compreendesse, é admirável que as frases assim escritas se aplicavam muito bem às circunstâncias.

Uma noite, ao pôr-do-sol, a Senhora X... escreveu em grego uma frase que se encontra no Dictionnaire de Byzancios.

"Quando o sol está em seu nascente ou em seu poente, a sombra projeta-se longe". A frase é transcrita sem acentos. (há um ligeiro erro, por).

Não restam senão duas hipóteses: ou a hipótese de uma fraude, ajudada por uma prodigiosa e inusitada memória visual, ou a hipótese de uma criptestesia visual extraordinária.

Deve-se sempre supor uma possível fraude. Portanto, admitamos a fraude; saibamos aceitar as inverossimilhanças psicológicas que ela supõe. Admitamos: 1.º - que a Senhora X... comprou em segredo o livro de Byzancios, a Apologia de Sócrates, o Fedro de Platão, o Evangelho de São João, isto é, os quatro livros dos quais ela tirou as frases que escreveu na minha frente; 2.º - trabalhou longamente sobre estes quatro textos, para reter a imagem visual dos caracteres dos quais não compreendia o sentido.

As duas hipóteses são admissíveis se aceita uma maquinação longa, metódica e persistente, o que, depois de tudo, é impossível. Porém o que é singular é que a Senhora X..., sem haver compreendido essas frases, pois ignora absolutamente o grego, haja guardado uma imagem visual bastante nítida para reproduzir de memória umas vinte linhas (622 letras com 6 por cento de erros). O caso da Senhora X... não é completamente a xenoglossia; pois ela não falava nem compreendia o grego. Escrevia, segundo uma visão mental - como adquiriu ela essa visão? - longos textos gregos. E isto é bastante diferente do que falar em uma língua estrangeira. Em definitivo, é preciso admitir, para explicar o estranho caso da Senhora X... ou a criptestesia ou uma memória

visual prodigiosa, da qual não se poderia jamais citar exemplo análogo.

Encontram-se ainda, aqui e ali, diversos exemplos de xenoglossia (1).

(1) - Empenharam-se numa discussão a respeito da Senhora X... na S. P. R. (veja J. S. P. R., junho de 1906, 276). Sir WILLIAM CROOKES, que a ela presidia, considerou que era segundo uma representação visual (in a visionary manner copied from their visionary prototype). Encontrar-se-ão também a este respeito, nas P. S. P. R., anotações muito interessantes da Senhora VERRALL, Sir OLIVER LODGE, Senhor PIDDINGTON, e Senhor F.C. CONSTABLE. Ver afinal as críticas, no entanto, bastante justas, do Senhor DESSOIR, Vom Jenseits der Seele, 4^o edição, 1920, 97-100.

A filhinha (11 anos) do Senhor e Senhora Brown (Melbourne) pela escrita automática, escreveu caracteres chineses (manejando a caneta como fazem os chineses). Parece que esta mensagem estava mal escrita, porém em parte compreensível. Ora, a escrita chinesa é, como se sabe, de uma dificuldade extrema. Mas se o fato foi mesmo bem observado, o que concluir?

Um caso notável foi citado pelo Senhor Chedo Miyatovitch, diplomata sérvio (1). O Senhor M... viera, como um de seus amigos croatas, Senhor Hinkovitch, advogado em Agram, consultar uma médium profissional, a Senhora Wriedt, americana. Um velho médico croata incorporou-se nela, falou croata com o Senhor Hinkovitch e eles conversaram algum tempo na sua língua materna. Uma outra vez a Senhora de Wriedt falou sérvio em nome da mãe do Senhor Miyatovitch. Uma outra vez ainda, a Senhora Selenka, alemã, estando presente o marido dessa senhora (incorporado na Senhora Wriedt) cantou uma canção alemã.

(1) - Deux extraordinaires séances avec la médium Mad. Wriedt à Londres. Light, 8 de junho de 1912, e A. S. P., junho de 1912, 161.

Levantaram-se dúvidas, às quais o Senhor W. Barrett respondeu vigorosamente, defendendo a autenticidade dos

fenômenos da Senhora de Wriedt. Em todo caso, é difícil admitir que ela fale correntemente o croata e o sérvio.

Eglington, que não conhecia o alemão, deu (pela escrita direta) mensagens em alemão (2). Em uma experiência na qual tomou parte o ilustre Gladstone, houve respostas pela escrita direta, em espanhol, francês e em grego. Ora Eglington não sabe uma palavra de espanhol nem de grego, apenas compreende algumas palavras de francês. Mas a sinceridade de Eglington é bem problemática.

(2) - Citado por ENRY, *loc. cit.*, 57

A Senhora Thompson pôde, em estado de transe hipno-espírico, falar holandês com o Dr. Van Eeden, se bem que ignore absolutamente o holandês.

O Senhor Damiani em um relatório dirigido à Sociedade Dialética de Londres, indica que teve na Sicília numerosas comunicações em alemão, em francês, em latim e em inglês, dadas por um médium completamente iletrado, pertencente à classe operária.

O Senhor Burns, erre um relatório feito à mesma Sociedade, viu sua cunhada, Mary Burns, escrever mensagens em línguas que não conhecia.

Encontra-se na *Revue Spirite* (15 de janeiro de 1886), a história, relatada pelo Senhor Didelot, preceptor, de um cônego da catedral de Nancy, o Abade Garo, que, com diversos padres veneráveis da diocese, experimentou um menino que era o médium observado pelo Senhor Didelot. Uma resposta foi dada em latim a perguntas feitas pelos padres, e fechada dentro de um envelope lacrado e colocado na mesa (1).

(1) - Citado por DELANNE, *Rech. sur la médiumnité*, 423.

Alguns casos de xenoglossia muito passageiros foram observados pelo Dr. Cadello, de Palermo (2).

(2) - *Storia di um caso d'isterimo com segnazione spontina. Palermo, 1853, Anal, por HAN, in A. S. P., 1901, 149-159.*

Trata-se de uma jovem de Palermo, Minfa Filituto, de dezesseis anos, que foi tomada, em 1849, de acessos de sonambulismo espontâneo. Em uma de suas crises, disse que era grega e escreveu frases italianas com letras gregas. Não conhecia o grego, porém emprestaram-lhe uma gramática grega (3). No dia seguinte falava correntemente francês, língua de que apenas conhecia os elementos. No terceiro dia, ela, que não havia jamais aprendido uma palavra inglesa, e que nunca tinha ouvido falar inglês, falou um inglês excelente, diz o Senhor Cadello, diante de dois gentleman ingleses que puderam sustentar uma longa conversação com ela. Nesses três dias (de grego, de francês e de inglês) esquecera completamente a língua materna. No quarto dia, falou o italiano que conhecia mal (siciliano) e que não falava nunca. No quinto dia, terminada a crise, voltou a falar siciliano tendo esquecido completamente os episódios de xenoglossia anteriores.

(3) - Citado por DELANNE, *Rech. sur la médiumnité, trad. fr., 618.*

O que dizer da história relatada pelo Dr. Grand Boulogne? Uma senhora, pela escrita automática, quando não conhecia de modo algum o latim, escreveu "com uma rapidez incrível", "Sacerdos a deo dilecte, cur manifesta negas? Cur concedens omnia potenti Deo non fateris veritatem, oculorum aciem perstringentem. Sacrae litterae memento, crebae sunt manifestationes angelicis. Vide et crede". O estilo é espantosamente do mau latim de igreja e não deixa de ser mais curioso. Mas precisaria, para firmar nossa convicção, conhecer melhor as condições da experiência, e sobretudo ter obtido a repetição do fenômeno.

O Dr. Grand Boulogne faz observar que durante a experiência retiniam golpes na mesa e no teto.

O Dr. Bohm (1) observou uma pessoa que dava, escrevendo com giz no quadro, uma resposta à pergunta feita. Escrevia em grego, ou em latim, e em hebraico, quando ignorava essas três línguas. Porém o relatório dessas experiências é muito sumário para permitir uma conclusão.

(1) - *Über wissenschaftlich durchgeführte Versuche und Gedankenlesen* (Psych. Studien, 1917, XLIV, 575).

O Rev. Shirman (2), que havia passado uma parte de sua vida nas ilhas do Pacífico, realizou sessões com uma médium profissional, a Senhora Allams, em Providence (Rhode-Island), e lá ele viu uma forma de mulher indígena das ilhas Marquises, que lhe falou na sua língua materna. Mas é bem provável que tenha havido alguma fraude; pois foi seis meses após haver conhecido o Senhor Shirman que a Senhora Allams produziu o fenômeno.

(2) - AKSAKOFF, *Animisme et spiritisme*, trad. fr., 618.

A Senhora D'Esperance não conhecia o grego. Quando dava uma materialização, aparecia na forma de uma mulher de rara beleza, que se chamava Népenthès, a qual escreveu em grego clássico no livro de notas do professor L...: "Eu sou Népenthès, tua amiga. Quando tua alma ficar oprimida por muita dor, invoca-me, Népenthès, e eu correrei prontamente para suavizar tuas penas (1).

(1) - Citado por BOZZANO, A. S. P., 1910, 9. O caso de NÉPENTHÈS é interessante; mas é preciso ser sempre bastante reservado com as experiências dadas pela Senhora D'ESPERANCE.

E preciso ser muito severo para com certas pseudoxenoglossias. Gibier cita o caso da Senhora Salmon que não falava o francês e que disse em francês sem acento: "Minha tia, minha tia, sou tão feliz vendo a senhora". Na verdade, é sempre possível aprender essas palavras em

francês e dizê-las sem acento. Adiantemos que a Senhora Salmon é uma médium profissional de lealdade duvidosa (2).

(2) - Veja DELANNE, *Apparitions matérialisées*, II, 505.

Mencionarei como lembrança os relatos que, inúmeras vezes, deixaram os exorcistas que, nos séculos XVI e XVII, tiveram o que fazer com os possessos, em Loudun e alhures. Os diabos que se debatiam nesses pobres históricos respondiam correntemente em latim aos pedidos que lhes fazia o exorcista. Mas qual é a parte de engano, de trapaça e de ilusão?

Na xenoglossia é preciso, sem dúvida, ligar também os casos muito raros nos quais crianças escrevem sem conhecer as letras do alfabeto. Bozzano menciona vários casos; cita também alguns fatos relatados por Aksakoff (3).

(3) - *Des cas d'identification spirite* (A. S. P., 1910, XX, 10).

Myers e R. Hodgson viram as palavras "tua tia Ema" que escreveu uma meninazinha de quatro anos que não sabia uma palavra das letras do alfabeto. Os doutores Dusart e Ch. Broquet deram um lápis e papel a uma menina, Celina, de três anos e meio, completamente iletrada, e que no entanto escreveu. "Sou feliz por me manifestar com um encantador pequeno médium de três anos e meio que promete muito. Prometa-me não descuidar dele".

Porém não se pode afirmar nada desses fatos isolados.

O Dr. Quintarde comunicou, em 1894, à Sociedade de Medicina de Angers, o curiosíssimo caso de uma criança de sete anos, que não somente fazia cálculos bastante complicados, mas ainda adivinhava o pensamento de sua mãe. Para dizer a verdade, suficientes precauções, talvez, não tenham sido tomadas para eliminar toda colisão, consciente ou inconsciente, entre mãe e filho. Quanto à

precocidade da criança, é muito espantosa, mas conhecem-se diversos exemplos análogos (1).

(1) - DELANNE, Rech. sur la médiumnité, Paris, 1902, 206. PEPITO ARRIOLA com três anos e três meses já era um bem hábil musicista. Mas nem eu, nem ninguém, pensamos em imaginar, para explicar essa precocidade maravilhosa, a intervenção de um espírito.

Não posso, em absoluto, considerar como metapsíquicos os casos de precocidade musical relatados pelo Senhor Gower e por ele atribuídos a algum poder mistérios (2) pois se trata de um menino de onze anos (Eric Rorngond). O Senhor Gower cita também o caso de Blanche Cobacker, com a idade de doze anos, que toca e compõe maravilhosamente. Ora, com onze ou doze anos, tudo é explicável por um desenvolvimento intelectual mais rápido do que nas crianças comuns (3).

(2) - J. S. P. R., 1913, 56. Musical prodigies and automatism.

(3) - Observarei aqui, mas sem inferir nada, que o Senhor GOWER tornou a ver PEPITO ARRIOLA em 1911, esse mesmo PEPITO ARRIOLA que, em 1900, já era um verdadeiro artista. Verificou, com surpresa do próprio PEPITO, que este tinha o dom da escrita automática.

O Dr. Urysz (4) conta à história de uma pequena camponesa de quatorze anos, apenas sabendo ler, que lhe escreveu como se fosse uma das doentes que o Dr. Urysz, há seis anos, havia tratado em Lemberg: "Obrigada pela injeção que me deste no meu leito de morte no dia 18 de novembro de 1900. Caroline C...". É possível, se bem que improvável que, há seis anos esta menina de dezoito anos tenha conhecido esta Caroline C... (?). Em todo caso, Caroline C... morava em Lemberg e a pequena camponesa em Bralyhanen. A caligrafia da menina, no estado normal, era muito grosseira, infantil, porém a mensagem era absolutamente a caligrafia de Caroline C... Havia sido, no entanto, transmitida pela escrita direta (?).

(4) - Psychische Studien, setembro de 1906.

Esta história é, sob todos os pontos, contestável.

Resumindo, nenhum destes fatos, seja de xenoglossia, seja de escrita automática com crianças ou iletrados, não tem um suficiente valor probativo. Portanto, não podemos dar-lhes direito definitivo de estado no rico reino da metapsíquica subjetiva. Estou quase a acreditar que um dia, talvez logo, possam ser admitidos alguns como autênticos. Mas, enquanto se espera, deve-se procurar achar melhores exemplos conhecidos até o momento. Hoje em dia, limitamo-nos aos fatos que, por milhares de exemplos, são provados e bem provados e não consideramos os fenômenos raros e singulares de xenoglossia senão como estacas da futura ciência metapsíquica, sobre a qual ninguém ainda pode escrever.

§ 8. - Conclusões relativas a criptestesia experimental

Em definitivo, quer se trate de normais, de sensitivos, de sonâmbulos, de médiuns, o fenômeno da criptestesia é indiscutível. Se admitirmos mesmo - o que é bem absurdo - que os três quartos dos fatos aqui relatados são errôneos, resta pelo menos uma série de contestações que desafiam toda crítica e que tornam absolutamente certa essa estranha faculdade do homem - a de ter conhecimento que seus sentidos normais não lhe podem trazer.

Limitar esse poder criptestésico, dizer que não entrará em jogo senão em tal dia, tal hora, em tais condições, isto me parece completamente anticientífico.

Pois que existe a faculdade de conhecimento superior (supranormal, dizia Myers), porque não dizer: “nihil a me alienum puto?” Vimos que a criptestesia não é limitada nem pelo tempo nem pelo espaço. Então sirvamo-nos dela para caracterizar os fenômenos de monições, de premonições, de clarividência, tão numerosos, tão incontestáveis. Ela é bastante para dar conta de quase tudo que aparece de tão maravilhoso. Desde o instante em que possamos, por um processo qualquer, saber o que está contido numa carta fechada, o que diz respeito à pessoa que está ao nosso lado ou ao amigo distante que pensa em nós, que limites poderemos assinalar a esse poder? Da minha parte, não vejo nada. Em presença de um fato de metapsíquica subjetiva, tão admirável quanto o imaginem, eu me reservarei o direito de dizer: "A lucidez não pode dar a explicação!".

Certamente, a criptestesia é muito estranha e nós não a compreendemos de modo algum, porém não é uma razão para fazer intervir, quando não a compreendemos, os deuses, os anjos, os demônios, os espíritos, à moda dos selvagens que atribuem às forças da Natureza uma Divindade, e uma Divindade fantástica recompensando ou atormentando os pobres mortais.

Portanto é pouco racional fazer intervir os mortos. Não reconhecemos na criptestesia senão um poder humano, uma faculdade superior e desconhecida ainda na inteligência. Não devemos parar aí, pelo menos provisoriamente.

Iremos pois um pouco mais longe ainda. Para que haja criptestesia é preciso que alguma coisa em nós seja perturbada, pois não há efeito sem causa. Portanto, há alguma vibração exterior misteriosa agindo sobre nosso organismo. É nesse sentido que a criptestesia é forçosamente

pragmática; pois, se não houvesse nada fora para excitar, a inteligência não poderia perceber nada.

Mas qual é essa vibração? Nós a ignoramos completamente e, devido ao estado embrionário de nossa ciência, nós não a procuraremos.

O que importa é a conclusão de que às vezes certos indivíduos conhecem as coisas, sentem as impressões que estão em relação a fatos reais exteriores, sem que os sentidos nos mais possam justificar-se desses conhecimentos ou dessas impressões.

Resulta esta afirmação de diversas provas. Nós as resumiremos aqui:

1.º- Se fazem experiências de transmissão mental ("thought transference") ou de telepatia (o que não é senão um caso particular de criptestesia) vê-se, mesmo experimentando com pessoas normais, por pouco que se multipliquem as experiências, que há constantemente um ligeiro excesso do número real de sucessos (boas respostas) sobre o número provável dado pelo cálculo das probabilidades, porém o excedente é muito fraco para que se possa concluir definitivamente.

2.º- Nos hipnotizados e nos pacientes hipnotizáveis, a separação entre o número provável e o número real de sucessos é de tal modo grande, que é absolutamente impossível supor que o excedente do número de sucessos foi dado por felizes acasos. Em certos sonâmbulos houve, às vezes, respostas tão preciosas, descrições tão exatas, reproduções de palavras, de escritas, de desenhos, tão completas, tão abundantes, que a realidade da criptestesia, já provável pelas experiências sobre os normais, se torna incontestável.

3.º - Nas experiências espíritas, onde uma personalidade estranha parece surgir e ditar as respostas, e especialmente nos grandes médiuns, como a Senhora Piper, por exemplo, "a prova da criptestesia aparece com uma evidência brilhante", sem que no entanto seja possível, com todo rigor científico, concluir pela intervenção de personalidade estranha, inteligente.

4.º- Nas experiências como "sensitivos" há exemplos múltiplos, às vezes maravilhosos, de belas criptestesias também demonstrativas como nas experiências sobre os hipnotizados ou sobre os médiuns.

5.º- A criptestesia se manifesta com uma frequência relativamente muito maior pela telepatia (leitura do pensamento); mas existe também pelo conhecimento dos fatos que são desconhecidos das pessoas presentes.

E agora, que, pelo acúmulo de provas, a demonstração da criptestesia está feita, experimentemos compreendê-la um pouco.

Uma comparação tornará a explicação mais simples e abordável a cada um.

Suponhamos que nenhum indivíduo da espécie humana possua o sentido do olfato e ninguém terá a mínima idéia do que possa ser o odor. Passando ao lado de um monte de estrume ou de um campo de violetas, não sentiremos nem o estrume nem as violetas; e então, se o estrume ou as violetas estão escondidos atrás de uma prancha ou de um muro, como nem as violetas nem o estrume são visíveis e não fazem barulho, não saberemos absolutamente dizer se passamos junto das violetas ou perto do estrume.

Se um indivíduo qualquer, excepcional, for dotado de olfato, ele nos surpreenderá enormemente, porque, mesmo

quando não visse nada, passando ao lado de um monte de estrume dirá: "Ali há estrume", e passando ao lado das violetas dirá: "Há ali violetas".

Ainda mais, esse indivíduo, que sozinho, entre os homens, é dotado do olfato, poderá por ele conhecer fatos muito antigos. Se dentro de um velho armário foi colocado, há uns dez anos, uma miligrama de iodofórmio, depois de dez anos esse armário exalará ainda iodofórmio. Então que lucidez espantosa, no caso em que toda a raça humana fosse desprovida do olfato, se, depois de dez anos, um dia, qualquer indivíduo dotado da sensibilidade olfática transitória, dissesse: "Houve iodofórmio neste armário".

Já temos algum trabalho para compreender a finura do olfato de que são dotados certos animais, como por exemplo os machos das borboletas que são atirados a distâncias consideráveis pelo odor da borboleta fêmea, como o cachorro pode seguir o rastro, numa campina, da lebre que passou há uma hora. Ficamos surpresos, mas enfim compreendemos, assim, a hiperestesia extrema de um sentido que possuímos em estado rudimentar. Se fossemos totalmente desprovidos desse sentido, não compreenderíamos mais nada.

Voltemos ao indivíduo que, excepcional entre os homens, é, de tempos em tempos, capaz de perceber algumas vagas sensações olfáticas. Se ele não pode analisar sua sensação imperfeita, rudimentar e fugitiva, ficaria muito embaraçado para explicar por que disse: "Existe estrume à esquerda; há violetas à direita". Como sua sensação é fugaz, experimentará fazê-la voltar, mas terá ela desaparecido e ele não encontrará mais nada. Ele disse: "Há ali violetas" e de repente o perfume das violetas desapareceu. Não sabe

mesmo por que disse: "Há ali violetas". Esse conhecimento, do qual ele não se dá conta, atravessou seu pensamento como um clarão e agora tornou-se igual aos outros homens. Não há mais a menor sensibilidade olfática: ignora mesmo o que seja um odor. Sabe que teve a idéia das violetas e eis tudo. Quanto mais experimentar aprofundar, menos compreenderá o que o fez dizer: "Eis violetas!".

Seguramente, não se deve tomar esta analogia por outra coisa senão por uma analogia. Apesar de tudo, podemos, graças a este exemplo, conceber como certas vibrações do mundo exterior, despertando noções confusas e passageiras, são capazes de chegar até nós e nos dar conhecimentos cuja origem não podemos penetrar e pode ser impenetrável.

É no domínio do inconsciente que se movem essas idéias, esses conhecimentos. O "eu" consciente é apenas perturbado. Lodge ingenuamente compara o consciente e o inconsciente a um indivíduo que nada. Só a cabeça emerge e está na luz. Todo o resto do corpo está na obscuridade, mas não deixa de existir.

É provável que a criptestesia exista sobretudo nos indivíduos cujo "eu" consciente seja pouco ativo. Os movimentos automáticos, inconscientes, da escrita ou da prancheta, produzem-se quase sempre quando o "eu" consciente está em estado de semi-sonolência. Então as sensações inconscientes tornam-se mais eficazes e vão determinar os movimentos mais precisos do que se o "eu" fosse invadido pelo turbilhão de idéias refletidas, desejadas, meditadas, conscientes. Se, no sono hipnótico, a lucidez é mais freqüente do que no estado normal, se no sono existem mais monições do que em vigília, é sem dúvida por que, quando estamos bem acordados e conscientes, as energias

mecânicas externas, ambientes, perturbam fortemente nossos sentidos normais e então nos impedem de perceber as energias desconhecidas (provavelmente muito mais fracas) que afetam nossa criptestesia.

Mas seja qual for a teoria a criptestesia existe. Falando de outro modo, "a inteligência humana tem processos de conhecimento que nos são desconhecidos".

Por pouco que se reflita, não há nada para ficar surpreso, pois de início é evidente que existe na Natureza, na imensa e fecunda Natureza, forças que nós não conhecemos. Seria preciso ser desprovido de todo traço de inteligência e de bom senso para supor que não existem outras forças no Cosmos do que aquelas que estão enumeradas e analisadas em nossos tratados de física.

Portanto, já que existem forças desconhecidas no Universo, é possível que elas perturbem o nosso ser. Toda a questão consiste em saber se o nosso ser é perturbado. Afirmar que existem forças desconhecidas, não significa provar que a criptestesia existe, mas simplesmente que é possível.

Ainda falando de outro modo, existem forças que nossa consciência normal não percebe; mas é possível que nossa inconsciência as perceba "algumas vezes". Se fosse provado que não existem outras forças na Natureza sem ser o calor, a luz, a eletricidade, a gravidade, então, quase que teríamos o direito de negar toda criptestesia, mas desde que admitamos a existência de outras forças (1) - e isto não pode nunca ser negado, ainda que não as haja descrito ou descoberto - então a criptestesia torna-se não somente possível, mas verossímil mesmo.

(1) - Ver sobre este assunto a admirável conferência de Sir WILLIAM CROOKES sobre a continuidade provável dos fenômenos vibratórios do Universo e as lacunas do nosso organismo animal para a percepção da maioria dessas vibrações.

Quer isto dizer que a criptestesia irá transformar a ciência e estabelecer uma nova era na psicologia, na fisiologia ou na física? Pode ser que sim, sob o ponto de vista teórico, mas praticamente, por interesse que seja esse fenômeno, ele modificará, talvez, bem pouco, a nossa existência social.

A criptestesia parece apresentar-se em casos tão excepcionais ou com artifícios de experimentação tão particular, que na vida quotidiana de cada um pode ser que não desempenhe senão um papel bastante apagado.

É provável, no entanto, que o mundo exterior, não perceptível, normalmente - e por mundo exterior entendo também o pensamento dos outros homens - pode influenciar nossos atos, nossa vontade, nossos sentimentos, porque age constantemente sobre nós, se bem que não possamos dar-nos conta disso. Por serem sempre fracos e sempre vagos, muitas vezes ineficazes, os pensamentos humanos ambientes e as vibrações desconhecidas das coisas não têm pelo menos qualquer ação.

Em todo caso, não é porque elas sejam ainda profundamente misteriosas, que se deve recusar estudá-las.

Essas vibrações desconhecidas existem. São certas. São, em raros momentos, capazes de tocar os elementos inconscientes de nossa inteligência e chegarem seguida até à consciência. Já é demais fazer esta precisa afirmação na presença das negações desdenhosas da ciência oficial e da incredulidade sarcástica do vulgar.

§ 9. - Da identificação das personalidades espíricas

Estudando a escrita automática, fizemos alusão à hipótese admitida, quase como um artigo de fé para todos os espíricas, que existe a intervenção de uma personalidade humana desaparecida, incorporação, isto é, um morto volta, e que sua inteligência anima o corpo do médium (seja pela palavra ou pela escrita). A identificação das personalidades espíricas com os mortos é uma grave questão que se deve abordar resolutamente. Ela necessita de uma discussão aprofundada; pois as personalidades que aparecem verdadeiramente parecem reais, e é preciso um grande esforço de "racionalismo" para não admitir a hipótese simples e sedutora de que os mortos voltam.

A célebre médium de Flournoy, Hélène Smith, tomara a personalidade de Maria Antonieta, cujo papel desempenhou durante longos meses com uma perfeição que as mais hábeis comediantes poderiam invejar. Mas, mesmo assim, é difícil ver outra coisa a não ser uma prolongada e maravilhosa auto-sugestão. A menos que existam provas formidáveis - que Hélène Smith não forneceu - eu me recuso, bem como meu sábio amigo T. Flournoy, a admitir que é a alma da infelizmente rainha da França que veio incorporar-se na humilde pessoa de Hélène Smith.

A Senhora Piper teve uma primeira incorporação, a de um certo médico francês, trazendo o bizarro nome de Phinuit, seu guia, que falava pela voz da Senhora Piper. Porém nunca se pôde achar o nome de Phinuit nos arquivos de Metz e no entanto Phinuit não falava nunca o francês. Quando se lhe perguntava por que havia esquecido o francês,

respondia seriamente que havia entre os seus clientes em Metz tantos ingleses que ele desaprendera a língua materna.

Entre a primeira hipótese, que Maria Antonieta se incorporou em Hélène Smith; Phinuit, na Senhora Piper; Dickens, cujo médium era James, e na segunda hipótese, que Hélène Smith, a Senhora Piper e James, têm uma inteligência muito aguda e penetrante (inconsciente) para desempenhar o papel de Maria Antonieta, de Phinuit e de Dickens, não hesito um instante em preferir a segunda hipótese. A inteligência humana é tão magnífica e misteriosamente aquinhoada que permite sem dúvida desempenhar com perfeição o papel das personagens mais complicadas. Seguramente isto é muito estranho; porém esta estranheza não é pelo menos o enorme absurdo que, apesar da guilhotina e os vermes do túmulo, Maria Antonieta e Dickens voltem para nos ver e que sua alma se misture à nossa existência.

Ainda mais do que na realidade, como inúmeras experiências o ensinam, a alma dos desencarnados (para me servir ainda da expressão dos espíritas) é extremamente diferente da sua alma real, isto é, da que tinham quando de sua passagem pela vida terrestre. Os casos extraordinários como os de Maria Antonieta e Dickens são exceções raríssimas. Quase sempre os desencarnados são de inteligência muito medíocre e abandonam-se a banalidades que têm um tipo especial, uma atitude "espiritóide" para empregar o barbarismo pitoresco que Flournoy e Lombroso adotaram. Têm apenas as lembranças do que foram. Respondem mal às mais elementares perguntas. Em uma sessão com Eusapia Paladino (que não produzia quase nunca fenômenos subjetivos dignos de interesse) uma mão tocou-

me e foi dito por John King que era a mão de meu pai. Como primeira sinal de identidade, perguntei-lhe seu prenome (que era tão fácil saber). Mas até o prenome de meu pai não me pôde ser dito.

Em outra experiência, feita com médium profissional, pela escrita automática, e não me conhecendo em absoluto, obtive uma longa mensagem, verbosa e insignificante, que terminava por um trocadilho. "Eu fiz uma - ; eu disse nós; admiro a arte; reúne estas três palavras e terás o nome de tua mãe". Minha mãe chamava-se, com efeito, Renouard. (Raie nous arte (1)). Seguramente é um fato de criptestesia; pois estas palavras - raie nous art- não podem ser fortuitas; porém eu me recuso formalmente a concluir que a alma de minha mãe não tenha encontrado nada para me dizer senão este infame trocadilho.

(1) - Tradução: linha ou risco, nós, arte. (Nota dos tradutores).

Que Aristóteles volte entre nós para nos dizer em francês, em inglês ou em italiano, que o futuro da humanidade está na crença dos espíritos, terei sempre uma repugnância extrema em admitir a hipótese de que é bem Aristóteles quem fala. O que é ditado por ele está de tal modo longe de Aristóteles, que certamente não é ele.

O que faz uma personalidade é o corpo e a inteligência. Não falemos do corpo, há dois mil anos transformou-se em pó e em lama, mas da inteligência. Ora a inteligência de um ser humano são a sua imaginação, suas esperanças, suas vontades, seus sentimentos, seu linguajar, e sobretudo, mais do que o resto, suas lembranças. Se nada resta desta coleção de imagens, de sentimentos, de vontades, de lembranças ligadas entre si pela consciência que era ele, tenho quase o

direito em afirmar que a Inteligência, como o corpo, desapareceu.

Portanto, não quero deixar-me cegar pelo meu racionalismo. E reconheço que existem certos casos, extremamente perturbadores, que tenderiam a fazer admitir a sobrevivência da personalidade humana; sobretudo o caso da Senhora Piper (Georges Pelham), o caso de Raymond Lodge, e alguns outros.

E, devido à importância da questão, devo entrarem alguns detalhes.

O caso da Senhora Piper é, sem dúvida, o mais interessante. Em toda a metapsíquica subjetiva, a Senhora Piper é verdadeiramente o médium que mais se notabilizou. Estudaram-se, demais a mais, as manifestações de sua clarividência com um cuidado extremo como jamais antigamente se teve a paciência de fazê-lo. Quase três grossos volumes foram impressos pelos cuidados da América S. P. R. Compreender-se-á que num trabalho didático, que compreende toda a metapsíquica, eu não possa dar senão um resumo imperfeito e incompleto (1).

(1) - Uma análise, entretanto, bastante medíocre, foi dada por MARCEL MANGIN nas A. S. P., 1898, I, XVIII, 228-254, 268-294. Veja-se também o livro de SAGE. Sir OLIVER LODGE deu uma análise excelente, modelo de investigação científica.

A Senhora Piper teve a boa sorte de ser estudada durante vários anos, primeiro por Richard Hodgson, depois por Hyslop, de Boston. R. Hodgson não era nada menos do que um crédulo, pois estivera na Índia para examinar os fatos estranhos atribuídos à Senhora Blavatski, os quais deu como feitiçarias, como também, muito levemente, concluiu que havia fraude nas sessões de Eusapia em Cambridge. Mas a Senhora Piper convenceu-o da realidade metapsíquica dos

fenômenos, Fora o ilustre William James (crendo na força metapsíquica da Senhora Piper) que havia apresentado a Senhora Piper a R. Hodgson.

De início, o poder criptestésico da Senhora Piper não é duvidoso. Demos acima alguns exemplos formais. Porém neste capítulo de personificações, que a criptestesia está fora de causa, não se falará senão da personificação de Georges Pelham na Senhora Piper. Realmente houve uma incorporação de Georges Pelham? Eis o ponto que se trata de examinar e não a criptestesia, que é manifesta e da qual a Senhora Piper deu provas magníficas.

Durante muito tempo o guia da Senhora Piper foi o Dr. Phinuit, esse surpreendente médico francês de Metz, que apenas falava francês. Ora, um dia, Phinuit declarou que ia partir e que seria substituído por outra personagem. Esta outra foi Georges Pelham (um pseudônimo) de quem a Senhora Piper apenas conhecia o nome, e que, no dia 7 de março de 1888, havia assistido a uma sessão dada pela Senhora Piper, sem, entretanto, ter ficado convencido. Georges Pelham faleceu em fevereiro de 1892. Phinuit, em uma de suas últimas sessões, cita Georges... o tio de John Hart. E de repente diz: "Há um outro Georges que vos deseja falar". Então imediatamente o outro Georges, isto é, Georges Pelham, chega, dá seu nome, seu prenome, o nome de seus amigos mais íntimos, insiste em que seu pai e sua mãe venham conversar com ele. Chama ainda outras pessoas, e então, nos dias seguintes, não somente o pai e a mãe, mas ainda vários amigos de G. P... obtiveram pormenores abundantes e precisos sobre as variadas conversações que teve com eles, G. Pelham, quando em vida. Disse à Senhora Howard: "Será que ainda tocais violino tão mal?".

Fala com Evelyne do livro que lhe deu e onde escreveu algumas palavras. A um amigo de G. Pelham, a Sra Piper tomando sempre o papel de G. Pelham, escreve uma longa carta contendo coisas muito íntimas, e, depois de havê-la escrito e de o Senhor H... a ter lido, bruscamente a retoma e rasga com violência.

Para assim transmitir as idéias e as recordações de G. Pelham, a Senhora Piper serve-se, ora da voz, ora da escrita, indiferentemente. Isto pouco importa, sob o ponto de vista por que tratamos o assunto. Trata-se de saber se a hipótese da sobrevivência de Georges Pelham é mais racional do que a hipótese de uma criptestesia intensivamente desenvolvida.

Da minha parte, considero como um pouco menos inverossímil a hipótese da criptestesia intensa. Mesmo com Phinuit como guia, a Senhora Piper já havia dado provas decisivas de lucidez. Ora, Phinuit jamais havia sido uma personalidade vivente. Portanto, desde que a Senhora Piper tem um poder criptestésico tão intenso, não há lugar para supor ausente esse poder, quando G. Pelham pretende incorporar-se nela. Por que acreditar numa outra inteligência, além da Senhora Piper, extremamente lúcida? Por que não admitir que essa lucidez se "cristalize", por assim dizer, ao redor da personalidade de Pelham?

Examinaremos mais tarde o que, para a personificação, outrora chamada sobrevivência, nos poderá ensinar a metapsíquica objetiva. Mas a partir desse momento não podemos formular estas conclusões a não ser pelos dados da metapsíquica subjetiva.

Quaisquer que sejam as surpreendentes respostas de Georges Pelham, a hipótese da sua sobrevivência é muito frágil. Enfim, se fora de toda hipótese de personificação ou

de sobrevivência, nós admitimos, como somos forçados a admitir, que existem, na inteligência humana, faculdades de conhecimentos criptestésicos que escapam às nossas constatações habituais, é possível que a Senhora Piper tenha a noção das coisas conhecidas por Georges Pelham, e mesmo conhecidas só dele. Parece simples admitir a criptestesia, mesmo vasta e intensa. Esta nova faculdade do espírito é muito mais simples do que a sobrevivência; pois a sobrevivência admite quantidade de fatos inverossímeis, que chocam de frente todas as verdades fisiológicas admitidas e que são contrárias também à lógica, a qual nos avisa que o que nasceu deve perecer.

A aptidão da inteligência humana em agrupar suas recordações e seus conhecimentos, metapsíquicos ou não, transcendentais ou não, em volta de uma personalidade qualquer, imaginária, não é uma hipótese: é um fato. E então a hipótese simplista, que é a consciência de Maria Antonieta, ou a de Dickens, que voltam é absolutamente inadmissível, na presença de outra explicação (a criptestesia) pois a criptestesia é um fato, e um fato muito elementar, que se apóia sobre duas preposições seguras:

A. - Há na inteligência faculdades misteriosas de conhecimento.

B. - Esses conhecimentos misteriosos têm uma tendência invencível em se agrupar em volta de uma nova personalidade.

Seguramente seria mais agradável talvez (digo talvez, pois não é bem certo) supor que a morte não é a morte, que somos chamados a sobreviver, que os mortos nos ouvem, nos envolvem, nos protegem. Mas não se trata de procurar o que é agradável ou cômodo. Em coisas de ciência é preciso,

hipótese por hipótese, aceitar que aquela que tem por si a simplicidade e a veracidade, aquela que é mais racional. Pois bem! a doutrina da sobrevivência parece-me cheia de impossibilidades, enquanto a outra hipótese, a da criptestesia intensa, é (relativamente) tão fácil de admitir, que não hesito entre as duas.

Vou mesmo até a ponto de pretender - com o risco de ser desmentido por alguma nova descoberta imprevista - que a metapsíquica subjetiva será sempre provavelmente impotente para demonstrar a sobrevivência. Mesmo que um caso novo, mais prodigioso ainda do que o de Georges Pelham se apresentasse, quereria antes admitir uma extrema perfeição de conhecimentos transcendentais fornecendo múltiplas noções, agrupadas em volta de um centro imaginário, o qual se atribuiria a uma certa personalidade imaginária, do que admitir que este centro não é imaginário, que tem uma realidade pessoal, que é uma sobrevivência, isto é, uma alma, uma vontade, a consciência do eu que desapareceu, de um eu que dependia de um cérebro agora reduzido o impalpável pó.

Entretanto, estamos nos princípios de uma ciência tenebrosa, bastante para que toda afirmação - como toda negação - seja temerária. Quanto mais a incerteza e mesmo o absurdo sejam espessos, tanto mais é preciso ser prudente nas conclusões doutrinárias (pois para as experiências a audácia não será jamais bastante grande).

Ora para afirmar a sobrevivência, temos como prova principal, ou para melhor dizer, por prova única, a afirmação do médium. Ele disse: "Sou Georges Pelham" (depois de haver sido Phinuit) "e provo que sou Georges Pelham, porque sei tudo o que sabia Georges Pelham". Mas o fato de

ele saber tudo o que sabia Georges Pelham, não é absolutamente suficiente, pois precisaria provar que, por qualquer faculdade metapsíquica transcendental, a Senhora Piper não possui o conhecimento das coisas que Pelham, ao tempo em que era uma pessoa humana, terrestre, conhecia. Esta prova, necessária, é impossível. Eis por que, provisoriamente, a metapsíquica subjetiva não pode demonstrar a realidade da sobrevivência.

É verdade que os espíritas, quando objetamos sobre a pobreza das palavras ditas pelos "espíritos", seu linguajar numa língua que o "espírito" no tempo de sua vida terrestre não conhecia, sua indiferença absoluta e sua surpreendente ignorância das idéias que outrora os apaixonava, pretendem que o instrumento está defeituoso: "O instrumento", dizem eles, "é o médium, e o espírito" não pode manejá-lo a seu gosto. Tem trabalhado em se fazer compreender e em comunicar seu pensamento. Assim mesmo, o desacordo (salvo em certos casos extremamente raros) entre a mentalidade do desencarnado durante sua vida e depois de sua morte é tão grande que, na maioria imensa das experiências espíritas, é completamente impossível admitir a sobrevivência, mesmo como hipótese muito provisória. Admitir-se-ia mais facilmente uma inteligência que não é humana, por sua vez distinta da inteligência do médium e da inteligência do desencarnado, do que a sobrevivência mental do desencarnado.

Um livro admirável sobre a sobrevivência (1) foi publicado por Sir Oliver Lodge, e esse livro merece uma atenção especial, tanto pelo interesse dos fatos em si mesmos como pela autoridade que dá a esses fatos, escrupulosamente examinados, o pensamento de um grande sábio, tal como

Oliver Lodge. Ele me perdoará se, aceitando como autênticos e também prudentemente observados como analisados os fatos que ele nos relata, eu não fique de acordo com ele quanto à conclusão.

(1) - RAYMOND, or Life and Death, por Sir OLIVER LODGE, Methuen, W. London, 1918.

Eis os fatos. Raymond Lodge, segundo-tenente do regimento South-Lancashire, foi morto durante a guerra, em 14 de setembro de 1915, em Flandres, perto de Saint-Eloi.

A notícia de sua morte chegou a Londres no dia 17 de setembro de 1915.

Em 25 de setembro, Lady Lodge, mãe de Raymond, tendo uma sessão com a Senhora Leonard, obtém o nome de Raymond e estas palavras: "Diga a papai que encontrei vários dos seus amigos... Myers...".

Em 27 de setembro, Sir Oliver Lodge teve uma sessão com a Senhora Leonard. O guia desta é uma menina chamada Fedá. A partir desse dia as sessões se sucederam, numerosas, ora com a Srta. Leonard, ora com W. A. Wout Peters, ora com outros médiuns. Os que tomavam parte nas sessões eram, ora Sir Oliver Lodge, ora Lady Lodge, ora alguns dos irmãos e irmãs de Raymond.

Um fato característico anunciado por esses médiuns foi que existia uma fotografia de um grupo de oficiais do qual fazia parte Raymond. Ninguém em Londres suspeitava da existência dessa fotografia. Muitos detalhes exatos foram dados antes que esta fotografia chegasse à Inglaterra, e especialmente, esse fato (altamente importante em fotografias análogas de grupos de oficiais) que uma das personagens em pé, atrás de Raymond que estava sentado no chão, lhe colocara a mão num dos ombros.

O episódio da fotografia é um dos mais belos casos de criptestesia que tenham sido mencionados. Eis a sucessão dos acontecimentos (1)

(1) - Sir OLIVER LODGE, Raymond, trad. fr., Paris, Payot, 1920, 177.

"20 de julho de 1915". - Última visita de Raymond.

"24 de agosto de 1915". - Fotografia tomada no fronte. O jornal de R... comenta; mas ele não escreveu aos seus pais.

"14 de setembro de 1915". - Morte de Raymond.

"27 de setembro de 1915". - Peters anuncia que existe uma fotografia.

"15 de outubro de 1915". - A fotografia (negativo) é enviada pelo capitão B... para Aldershot.

"25 de novembro de 1915". - A Senhora Cheves espontaneamente escreve que tem um grupo fotográfico dos oficiais do 2.º regimento dos South-Lancashire. Oferece-se para enviá-lo.

"3 de dezembro de 1915". - A Senhora Leonard completa, em uma sessão, a descrição dessa fotografia.

"6 de dezembro de 1915". - Lady Lodge encontra no diário de Raymond uma nota indicando que a fotografia foi tomada em 24 de agosto de 1915.

"7 de dezembro de 1915" (de manhã). - Antes da chegada da fotografia, Sir Oliver Lodge escreve ao Senhor Hill sua impressão sobre o que deverá ser essa fotografia.

"7 de dezembro de 1915" (à tarde). - Chegada da fotografia a Mariemont.

Em outras experiências, Raymond, falando por intermédio da Senhora Leonard e conversando com Fedá, indica quantidade de pequenos fatos muito significativos, que a Senhora Leonard não podia absolutamente conhecer; o nome de um de seus companheiros, Mitchell, oficial aviador;

os nomes das duas irmãs de Raymond; o canto de My Orange Girl que Raymond gostava de cantar; uma espécie de "monição" bastante vaga sobre a morte de um velho empregado de Lodge.

É curioso o episódio relativo ao Senhor Jackson. Feda diz que falam muitas vezes do Senhor Jackson e que misturam seu nome com o de um pássaro, sobre um pedestal. E Raymond, a propósito de Jackson, do pássaro e do pedestal, faz brincadeiras e parece divertir-se bastante.

Nas experiências "cruzadas", feitas simultaneamente em Esgbaston e em Londres, a palavra Honolulu foi pronunciada por Raymond (Feda) na mesma hora.

Entretanto, para se dar conta do valor destas provas, evidentemente será preciso recorrer ao próprio livro, do qual não podemos dar aqui senão uma síntese curta e insignificante.

De todos estes documentos, Sir Oliver Lodge concluiu pela sobrevivência de Raymond. Discutimos e afastamos esta conclusão a propósito dos fatos, pelo menos tão probantes como de Georges Pelham e da Senhora Piper.

Verificações múltiplas estabelecem forçosamente que existe lucidez, criptestesia, telepatia, isto é, que existe, por uma via que ignoramos, noções de fatos reais, porém tudo isto é importante para provar que a consciência de Raymond persistiu.

Se supomos como admitidas estas duas verdades (que não podemos, entretanto, pôr em dúvida): primeiro, que certos médiuns conhecem coisas que os sentidos normais não ensinam; em seguida, que têm tendência para agrupar estes conhecimentos normais ou supranormais em redor de tais ou quais personalidades, reais ou imaginárias; isto nos basta

amplamente para tudo explicar. A Senhora Leonard e Wout Peters perceberam, relativamente a Raymond, tais ou quais pormenores, então imediatamente seu inconsciente fabricou a personagem de Raymond, personagem "imaginária", no sentido que Raymond não existe mais, personagem "real" no sentido que eles agrupam ao redor dessa auto-sugestão muitos fatos verdadeiros que seus sentidos normais não lhes podiam haver ensinado.

Enfim, se fosse realmente Raymond falando por intermédio de Feda, por que seria ele tão avaro nas provas? Por que tantas palavras (como aquelas relativas a Faunus e a Myers), tão obscuras, tão simbólicas? Por que tão poucos nomes, datas e mesmo recordações precisas? A criptestesia é sempre parcial, insuficiente, simbólica, misturada de tantos erros e infantilidades, que é difícil acreditar que a consciência sobrevivente de um falecido possa ser a esse ponto insuficiente, quando, para poder afirmar cientificamente nossa crença na imortalidade, teríamos grande necessidade de testemunhos mais instrutivos.

A Senhora Leonard diz que Raymond é fotografado com a mão de um companheiro sobre seu ombro. Ninguém em Londres conhecia essa fotografia; e eis um fato de lucidez incontestável. Mas eu não vou concluir que é Raymond que sobrevive e que nos dá esse detalhe. É mais simples admitir a lucidez da Senhora Leonard. Ainda mais que, em muitos casos, ela deu provas de lucidez, nos quais a intervenção de um falecido não podia ser invocada. Muito inverossimilmente, se o bravo Raymond não fosse morto, a Senhora Leonard teria podido tão bem falar dessa fotografia, pois que ela, em inúmeras ocasiões, provou, sem o socorro

de um morto, que conhecia certos fatos por vias supranormais.

Ai de mim! Não! Assim a sobrevivência não está completamente provada; e o belo livro de Sir Oliver Lodge, apesar de todo o gênio do autor e sua nobre fé no futuro da consciência humana, não conseguiu dar o passo decisivo.

Mesmo que eu precisasse formular uma conclusão, concluiria que a sobrevivência da consciência não existe, tanto essas ditas consciências se apresentam fragmentárias, simbólicas, incertas, surpreendentemente pobre de precisões. E é com profundo pesar que chego a esta negativa; pois me custa separar-me tão formalmente de Myers e de Lodge, que têm toda a minha confiança e admiração.

Entretanto, mesmo em meio a minha negativa, faço todas as minhas reservas. Não estamos senão na aurora da ciência metapsíquica e qualquer negação definitiva deve ser proscrita.

Em resumo, há três hipóteses: A) - é a inteligência do médium; B) - é a inteligência de um morto; C) - é uma outra inteligência, que não é humana, um anjo, um demônio, uma força qualquer.

Se não se levasse em conta senão a metapsíquica destas três hipóteses, a primeira seria talvez a mais verossímil, pois que bastaria para admitir que o espírito humano tem processos de conhecimento misteriosos; a segunda parece bem pouco admissível, pois está em absoluto em desacordo com toda a fisiologia e comporta inúmeras inverossimilhanças de ordem psicológica; a terceira, parece, no momento, "sob o ponto de vista somente da metapsíquica subjetiva", absolutamente inútil e não há nenhuma razão séria para admiti-la.

Mais tarde, estudando a metapsíquica objetiva, veremos se há possibilidade para modificar esta primeira opinião.

Um grande número de casos das ditas identificações espíritas foram publicadas em formais espíritas, especialmente no Banner of Light. O Senhor J. Burns, diretor da revista The Medium and Day break recolheu muitos casos devidos ao Senhor Morse como médium.

Infelizmente, não se pode tirar proveito, nem pela identificação, nem pela criptestesia; pois a boa-fé do médium - que estarei disposto a aceitar - não prova absolutamente nada. A pantonesia explica muito bem que o Senhor Morse pode escrever: "Sou Thomas Wallers, resido em Chirfton Road em Manchester. Morri em maio deste ano, com a idade de sessenta anos". Porque seria preciso dar a demonstração rigorosa que foi absolutamente impossível ao Senhor Morse saber, consciente ou inconscientemente, que um certo Thomas Wallers, de Manchester, morreu em maio com sessenta anos. Ora mesmo que essa demonstração difícil, quase impossível, nos fosse fornecida, nada poderíamos deduzir a não ser a criptestesia e de modo algum a persistência da consciência de Thomas Wallers.

Como prova da sobrevivência, muitas vezes citam o caso de Abraham Florentine (1). Mas se este caso prova a criptestesia, de forma alguma prova a sobrevivência.

(1) - Veja BARRETT loc, cit., página 208.

Eis o fato. Em agosto de 1874, Stainton Moses recebe uma mensagem provinda de um certo Abraham Florentine, velho combatente de 1812, que morreu em Brooklyn, com a idade de oitenta e três anos, um mês e dezessete dias. Após inúmeras buscas, com efeito, ficou estabelecido que morreu em Brooklyn um antigo combatente de 1812, com a idade de

oitenta e três anos, um mês e dezessete dias. Nenhum jornal americano ou inglês havia disto feito menção, de modo que o conhecimento desse fato não pôde ser dado ao Senhor Moses senão por vias supranormais.

Mas deve-se concluir que esta via de conhecimento criptestésico comporte como única explicação a sobrevivência de Abraham Florentine? Isto me parece muito temerário e resolutamente anticientífico. Pode-se imaginar quantidades de outras hipóteses, inverossímeis, porém menos loucamente inverossímeis do que esta de Abraham Florentine voltando a animar a mão de Stainton Moses.

Com efeito, se damos à criptestesia toda sua misteriosa força, vemos que ela se estende a todas as realidades, por longínquas que sejam, por insignificantes que pareçam. Os fatos aí estão para estabelecer que existe a criptestesia, mesmo quando não houve morte de homens. Por conseguinte, é inútil admitir sobrevivência dos mortos, pois que outros fatos são conhecidos criptestesicamente, sem a intervenção de nenhum morto. Tanto para Georges Pelham, como para Raymond Lodge, não existe meios para Abraham Florentine concluir pela sobrevivência. É a clarividência muito bonita, muito impressionante, mas não se deve ir além.

Um caso pouco probante foi citado por Bozzano. Em um centro espírita em Nancy, o espírito de Cauchy (morto em 1855) dita esta frase latina que, ao que parece, está sobre seu mausoléu em Sceaux: "Beatus qui intelligit super egenum et pauperem". Ora foi provado que a inscrição (real e conforme à ditada pelo médium) estava recoberta de verdura, que foi preciso retirar e arrancar para se decifrar as letras. Mas quanta coisa para provar: 1.º - que nenhuma palavra,

nenhum escrito haviam dado a conhecer o fato ao médium, conscientemente ou não; 2.º - - que a inscrição era absolutamente ilegível, apesar da verdura há um, dois, ou dez anos; 3.º - que nenhum livro nem nenhuma biografia de Cauchy mencionassem a inscrição latina posta no túmulo.

Não temo repetir uma vez mais que não se deve admitir a criptestesia para tal ou qual fato senão depois de se haverem esgotado todas as outras explicações ditas naturais ou normais.

Um certo número de casos foi reunido por Bozzano (1).

(1) - A. S. P., 1910, XX, 267-268.

É verossímil que esses casos, que em geral testemunham algum poder criptestésico, não sejam muitas vezes senão ilusões pantonésicas. Em todo caso, eles não provam nada quanto a sobrevivência da consciência humana. Também, apesar do interesse dessas belas observações recolhidas por Myers e Bozzano (2) não cremos dever mencioná-las aqui. Um dia virá, talvez, quando elas encontrarão alguma explicação, mas provisoriamente não iremos até a hipótese de uma sobrevivência, absolutamente indemonstrada e quase indemonstrável.

(2) - *Des cas d'identification spirite*, A. S. P., 1910, XX, 145-149.

Citarei, portanto, o seguinte caso, muito emocionante (3) , que acaba de ser publicado, se bem que date de 1904.

(3) - *Di un caso drammatico d'identificazione spiritica* (Luce e Ombra, XXI, 1921, 119-123).

O guia do médium era seu pai Luigi. Porém, nesse dia, Luigi, como que aterrorizado, diz que espíritos maus estavam à volta do médium e que, de fato, de repente, L. D..., o médium, fica furioso, lançando olhares furiosos à sua volta e precipitando-se com violência sobre um certo X... que ali se encontrava. Espumava de raiva e tentou

estrangular X... gritando: "Encontrei-te, afinal, miserável! Fui soldado da Marinha Real. Recordaste de Porto... foste tu quem me assassinaste, mas eu vou me vingar e estrangular-te". Sua violência era tal que o infeliz X... estava quase asfixiado. Com grande trabalho puderam livrá-lo e foram precisos os esforços reunidos de quatro assistentes.

Ora X... outrora havia sido oficial da Marinha e havia, há muito tempo, pedido sua demissão. Se abandonou a Marinha foi bem em seguida a um incidente trágico. (Seria bem interessante saber - o que não nos diz Bozzano - se, como é provável, a causa dessa demissão era conhecida dos assistentes). Há muitos anos, S..., oficial da Marinha, estava com seu navio no Porto, em Portugal. Uma noite, em terra, como passasse por uma rua afastada, ouve, vindo de um cabaré, cantorias italianas. Entra, encontra marinheiros tocados pelo vinho dos quais um lhe responde mal e o injuria. Então X... pega seu espadim de ordenança e mata o agressor. Por esse fato foi condenado a seis meses de prisão em uma fortaleza e convidado no final de sua pena a pedir sua demissão. O médium sabia que X... passara por essa história terrível e antiga? Mesmo que a ignorasse, podia ser-lhe revelada pela criptestesia. Então a reconstrução da cena é mais facilmente explicável somente pela criptestesia do que pela volta do soldado assassinado no Porto.

O problema da sobrevivência era o que apaixonava Fr. Myers. Ele acreditava e esperava. Ele havia proposto aos seus amigos das S. P. R. escrever sob sobrescrito lacrado, antes de morrer, um fato só dele conhecido. O envelope não deveria ser aberto senão depois que um médium, pretendendo entrar em comunicação com o espírito do morto, tivesse acreditado ler o conteúdo da carta. Ora o

resultado dessa experiência foi nulo, como Sir Oliver Lodge a indicou. Nula também a pretensa promessa de voltar de R. Hodgson (1).

(1) - A. S. P., 1906, 124 e 392.

Canius Julius, caminhando para o suplício, dizia aos seus amigos (2)?: "Estou pronto para ver se, neste instante da morte, tão curto e tão rápido, poderei perceber algum desalojamento da alma, e se ela sofrerá algum ressentimento de sua saída para, se eu souber qualquer coisa, voltar a dar depois, se puder, avisos aos meus amigos". Porém Canius Julius não voltou.

(2) - MONTAIGNE, *Essais*, II, VI, Ed. d'Amsterdam, 1659, 571.

É preciso falar de Gaston Cremieux, fuzilado em Marselha em 1871? Em sua prisão, antes do suplício, ele declarou acreditar na imortalidade da alma e prometeu aos seus amigos, entre os quais Clóvis Hugues, que voltaria. No momento exato em que era fuzilado, Clóvis Hugues, que ignorava a morte de seu amigo, ouviu, em seu cubículo, golpes muito distintos, parecendo inteligentes.

O Senhor Harpperfield havia prometido ao seu velho amigo John Harford, quando este se achava em seu leito de morte, olhar por sua viúva. E, com efeito, tomou medidas para que a Senhora Harford ficasse ao abrigo das necessidades. Foi confiada aos cuidados de um seu sobrinho que se ocupou dela. Muito tempo depois, uma manhã, ao clarear do dia, o Senhor Harpperfield viu aparecer seu amigo que lhe disse: "Não mantiveste tua promessa, minha mulher é infeliz". Entretanto, o Senhor Harpperfield não ficou amedrontado, acordou sua mulher e imediatamente foram informar-se da Senhora Harford. Estava reduzida a extrema miséria.

Parece inútil ver aqui outra coisa do que um vago remorso, simbolizado, do Senhor Harpperfield.

Inúmeras vezes, dois amigos, dois esposos, prometeram entre si que o primeiro que morresse se manifestaria ao sobrevivente. Mas os raros casos constatados entram, nos fenômenos bem averiguados, nas monições criptestésicas.

E para terminar farei observar a freqüência das personagens conhecidas e ilustres. Por que os médiuns não incorporam, na maioria das vezes, seres vulgares, desconhecidos? Se a consciência persiste, esta persistência deve existir tanto para a gente da plebe como para as individualidades célebres. E há cem mil vezes mais gente da plebe do que de individualidades célebres. Ora as incorporações só se realizam com seres fantásticos como "Rector", "Imperator", John, King, Katie King, Phinuit, ou com notabilidades.

Em definitivo, seria temerário negar a sobrevivência; mas é mil vezes mais temerário ainda afirmá-la.

Em todo caso esta negação da sobrevivência não implica absolutamente na negação da criptestesia. "É preciso desassociar completamente a criptestesia da sobrevivência". A criptestesia, faculdade extraordinária, supranormal, de conhecimentos, é um fato. A sobrevivência da consciência dos mortos não é senão uma hipótese (1).

(1) - O próprio AKSAKOFF, apesar de sua fé robusta na sobrevivência, disse (pg. 623): "A prova absoluta de identificação espírita é impossível obter-se: devemos contentar-nos com uma prova relativa." Ora, em bom francês, prova relativa significa hipótese.

CAPÍTULO IV

A VARINHA MÁGICA

Os fatos singulares relativos à varinha mágica parecem, à primeira vista, não ter relação com a metapsíquica: mas logo se vê que esses fenômenos - conhecidos há muito tempo e atualmente muitos bem demonstrados - permitem hipóteses interessantes sobre a criptestesia, autorizando mencionar certas analogias e lançando alguma luz sobre as forças desconhecidas que excitam o inconsciente.

§ 1. Histórico

A história da varinha mágica é muito antiga (1).

(1) - **Importantes monografias têm sido publicadas. Existem mesmo aquelas que falam unicamente sobre a bibliografia. Encontrar-se-ão muitos documentos no trabalho de HENRI MAGER, Les Baguettes des Sourciers et les forces de la nature, 1 vol. 8º-, Dunod, 1920. É necessário dar um lugar à parte ao primeiro livro, de aparência científica, que apareceu sobre a varinha: La Physique occulte ou traité de la baguette divinatoire, pelo Abade DE VALLMONT. Paris, 1693. - Consulte-se também o memorial de CHEVREUL, Divinatoire, da pendule dit explorateur et des tables tournantes, 1º vol. 8º, Paris, 1854. - J. MAXWELL, L'étude de Chevreul sur la baguette divinatoire, et les tables tournantes (A. S. P., 1904, XIV, 276-290, 337-358). Sobretudo é necessário reportar-se ao admirável trabalho de Sir W. BARRETT: On the so called divining Rod, P. S. R., XIII e XIV. A bibliografia está esplendidamente feita em C. V. KING KOWSTROEM. Bibliographie der Wunschelruthe (O. Shonbuth, Munich, 1911).**

Eis em que consiste o fenômeno. Quando certas pessoas seguram entre seus dedos uma varinha flexível de aveleira, sem a intenção de curvá-la, distendê-la, ou movimentá-la, parece que a varinha, sob certas condições, se inclina. Vira-se entre as mãos do indivíduo que a segura e parece mesmo virar-se sozinha, com bastante força, independentemente da vontade do operador.

Quando essas pessoas seguram a varinha na mão e passam sobre uma região atravessada por lençóis de águas subterrâneas e desconhecidas, a varinha inclina-se bruscamente e com uma força quase que irresistível. Durante algum tempo esse meio foi usado para se descobrir as nascentes. Daí o nome de sorciers ou sourciers (2) dado aos indivíduos dotados desse misterioso poder. Mager propôs em 1908 a palavra baguettisant, que é bem aceitável (3).

(2) - Feiticeiros.

(3) - Derivado de Baguette - varinha.

Nós propomos o termo varinheiro para substituir o sorcier dos antigos ou baguettisant de Mager. Eiro é sufixo português, proveniente do latim ariu, que designa, entre outras coisas, a profissão, como sapateiro, merceiro, farinheiro (e tantíssimas outras palavras). Se de sapato, mercearia e farinha, varinheiro é a pessoa que se dedica às pesquisas da varinha - isto é, da varinha mágica.

É pelo menos português de lei, o que é preferível a criar neologismos como baguetisar, o qual, a exemplo de numerosos outros, é um verdadeiro mostrenço. Ademais cumpre notar que, conforme o disse Richet e todos nós o sabemos, a pesquisa por meio da varinha, ainda chamada mágica nos dias andantes, é uma indústria de largas possibilidades comerciais. Se for indústria, é uma profissão. Nada mais natural pois do que chamar varinheiro à pessoa que se entrega a esse comércio. (Nota dos tradutores).

Em 1854, em seguida a um trabalho de Riondel, sobre a procura de águas subterrâneas, foi nomeada uma comissão pela Academia de Ciências de Paris para examinar a realidade desse fenômeno. O célebre químico Chevreul foi encarregado do relatório. Mas assim como o demonstra tão bem J. Maxwell, Chevreul, em seu memorial - pois o relatório não foi apresentado à Academia, mas publicado como livro independente - estabeleceu somente isto, que o movimento não é produzido pela força física, mas sim pelas mãos e músculos do varinheiro.

Retomava assim, desenvolvendo-as, as idéias engenhosas que havia emitido em 1833 sobre os movimentos

inconscientes que são a causa dos movimentos do pêndulo explorador.

Este é um instrumento que serve à arte da adivinhação há muito tempo. Consiste em um objeto suspenso a um fio. A extremidade superior do fio é segura na mão. Os movimentos do objeto que se balança servem como indicação. Algumas vezes é um anel que é suspenso no meio de um círculo sobre o qual estão escritas as letras do alfabeto. O anel toca sucessivamente diversas letras que formam então as palavras e as frases.

Vê-se imediatamente, sem que haja necessidade de insistir, que são movimentos inconscientes (involuntários, e no entanto, inteligentes), da pessoa que segura a fio, que determinam esses movimentos indicando letras, palavras, frases, respostas. Essencialmente, o fenômeno é exatamente o mesmo que aquele da escrita automática, das conversações pela prancheta, do Willinggame, do "Cumberlandismo", e outros fatos análogos, presentemente bem conhecidos, isto é, movimentos musculares involuntários e inconscientes, os quais se podem agrupar uma espécie de síntese. Esta síntese inconsciente é, às vezes, incoerente porque faz supor a intervenção de uma nova personalidade.

Com um garoto ingênuo, pode-se fazer a seguinte experiência bem demonstrativa: coloca-se em sua mão o pêndulo, dizendo-lhe que este vai indicar a sua idade; com efeito, se o menino tem 12 anos, o pêndulo baterá 12 pancadas sobre o "écran" disposto junto da bola terminal. O menino ficará estupefato e dirá então: "Mas eu fiquei imóvel". Ora, na realidade, ele não ficou em absoluto imóvel: foi ele quem bateu as doze pancadas. Mas ele "não quis fazê-lo" e não percebeu seus movimentos. Teria podido

assim também ditar qualquer frase pelos movimentos do anel à volta do círculo alfabético: é o seu subconsciente que, após haver "pensado" essa frase, traduziu-a por movimentos musculares quase imperceptíveis nas letras designadas pelo anel.

Esses fatos são atualmente incontestáveis. Chevreul teria tido o mérito de indicar esse princípio, em 1833, embora vagamente (4). Segundo Chevreul, Balbinet, Barret e a maioria dos autores que se ocuparam da matéria, os movimentos da varinha são unicamente determinados pelas contrações musculares inconscientes do varinheiro.

(4) - H. MAGER, loc. cit., PAUL LEMOINE, *Quelques observations sur la baguette divinatoire* (Boletim da Sociedade Filomática de Paris), 1913, V, 10, 17.

A questão, vista assim, parece muito simples; mas esta simplicidade não é senão aparente.

§ 2. Exposição dos fatos

O fato de se dar à inclinação da varinha ao nível das nascentes ou dos metais é incontestavelmente verdadeiro. Experiências recentes o estabeleceram com toda a certeza.

Medidas seguras foram tomadas em grande número e não é possível negar o fenômeno, tão certo como todo fenômeno de química e de fisiologia. Contentar-me-ei em citar as mais recentes experiências, notadamente aquelas de Paul Lemoine, feitas em Toulouse, no laboratório de química do Instituto Católico. O Abade Caubin, varinheiro muito experimentado, pôde, com suas varinhas, descobrir várias massas metálicas.

A natureza da varinha exerceu sua influência. Sobre oito experiências, uma varinha de madeira deu 8 resultados positivos; uma varinha de cobre, 4 resultados em 7 experiências; uma varinha de ferro, 2 resultados em 4 experiências; uma varinha de vidro, nenhum resultado em 5 experiências.

A experiência seguinte é totalmente interessante. Diferentes pesos de ouro determinaram os movimentos da varinha a distâncias cada vez maiores, de acordo com o maior peso do ouro. O Abade Caubin não ignorava a quantidade de metal colocado ali para acionar a varinha, mas P. Lemoine assegurou-se de que os movimentos voluntários do operador não influíam em nada.

Eis os números achados. Notar-se-á que os movimentos inconscientes não foram em absoluto postos à parte.

Quantidade de ouro	Distância na qual a varinha começava a virar (em metros)
3	1,70
16	2,20
32	2,7
48	3,3
64	4,0
90	4,6

Uma série de experiências publicadas em 1913, no bosque de Vincennes (provas relatadas por H. Mager) demonstrou claramente que as massas metálicas escondidas no solo podem ser descobertas, tão bem como reconhecida à existência de lençóis subterrâneos de água. Que o movimento da varinha corresponda à existência de lençóis subterrâneos, não se tem mais o direito de duvidar, pois isto se tornou quase uma indústria. Em vários países utiliza-se

administrativamente a faculdade dos varinheiros: em várias regiões da França, na Tunísia, na Argélia, nos Estados Unidos, na África Alemã. Se existe diferença de habilidade entre os feiticeiros, não é pela varinha que não se vira entre suas mãos; é porque não podem, com igual domínio, interpretar seus movimentos para indicar qual a extensão da corrente de água, em que profundidade se encontra e para onde se dirige.

Se bem que a história da varinha não se relacione senão indiretamente com a metapsíquica, o fato é de tal importância que devemos mencionar os trabalhos recentes que a estabeleceram (5).

(5) - Mencionarei em primeiro lugar os trabalhos de ARMAND VIRÉ, doutor em ciências, presidente da sociedade pré-histórica, que é um varinheiro hábil (Boletim do Museu de História Natural, e Relatórios da Academia das Ciências, 22 de dezembro de 1913, CLVII, 1460). Veja-se também E. A. MARTEL, *Traité des Eaux Souterraines*, Paris, Doin, 1921, 740-752, e P. LANDESQUE, *Hydrologie et Hydroscopie*, Paris, Dunod, 1920.

Em presença de A. Martel, bastante céptico, A. Viré pôde determinar "exatamente" (palavra sublinhada por Marte)) na superfície do solo, sobre um quilômetro de comprimento, o curso de um riacho subterrâneo. Pouco importa se ele tinha conhecido anteriormente a região; pois o conhecimento do solo exterior não pode fornecer documentos sobre a direção das águas subterrâneas. Martel cita também os resultados demonstrativos obtidos na África Alemã (6).

(6) - Veja *Verband zur Klärung der Wunschelruthetrage*, Stuttgart, 1912.

Resumindo suas pesquisas em uma nota inédita que teve a gentileza de me enviar, Viré estabeleceu a estatística seguinte, resultado das experiências verificadas e executadas desde 1913 por Pélaprat, o Coronel Vallantin, Probst, o Abade Mermet, Jouffreau e A. Viré.

	Número de experiências	Proporção centesimal dos resultados
Águas subterrâneas	19	89
Cavidades subterrâneas	23	87
Metais e pilões metálicos	11	80
Carvão de pedra	9	55

Observar-se-á que é um cálculo desfavorável o de contar a proporção centesimal dos resultados; pois um caso seguido de um retumbante sucesso compensa muito os insucessos. De outro modo, a probabilidade de um sucesso não é de 50%, porém muito mais fraca.

Por exemplo, Pélaprat e Viré (experiência inédita) deram a M. A. C., Conselheiro de Estado, indicações para furar um poço em sua propriedade de Juillac (Lot). Várias sondagens haviam sido feitas sem resultado. Pélaprat e Viré indicaram um "filete de água" a 13 metros de profundidade. Um poço foi furado no ponto indicado, e a 13 metros encontraram um filete de água suficiente para o gasto.

As observações dos ingleses (7) concordam com as dos alemães e dos franceses (8).

(7) - Além do trabalho de BARRET, veja-se Sanitary Record, 2 de maio de 1913.

(8) - A análise dos trabalhos do Congresso de Halle foram dados por E. NOEL no jornal L'Eau (15 nov. 1913). V. Das Wasser (Leipzig, 1913). ARGNER é o diretor de uma revista especializada consagrada unicamente a este estudo. Die Wunschelruthe. Leipzig (1909-1921).

Landesque, encarregado de pontes e estradas, em um livro muito interessante, dá a relação de suas próprias experiências na Tunísia. Citarei apenas o seguinte fato, característico. O posto de Ramsa possuía um poço fora do campo. Landesque, no campo, indicou uma nascente a uma profundidade de 6 metros. Furaram e não encontraram nada.

Então Landesque disse que não se devia perder a coragem, porém furar um pouco mais, e a 7 metros encontraram água.

Esses fatos são muito importantes, e Martel, que resume todas as opiniões, conclui imparcialmente pela probabilidade de uma força rdbomânica, ajuntando, no entanto, ser evidente que novas experiências são necessárias: eu acrescento que sim, mas para esclarecer as condições do fenômeno e nunca para estabelecer esse fenômeno em si mesmo, que parece incontestável.

O que nos interessa é verificar esse fato, confirmado por experiências múltiplas e rico de conseqüências teóricas importantes, que acima de uma massa de água a varinha se vira vigorosamente na mão do varinheiro.

Em uma experiência (9) dois varinheiros, Falcoz e Probst, reconheceram pela varinha as placas de metal envolvidas em papel. Os cinco metais eram diferentes. Os dois experimentadores concordaram no reconhecimento desses cinco metais, e isto estava certo. Assim, em 10 experiências com probabilidade de $1/5$, houve 10 sucessos, o que dá a certeza.

(9) - MAGER, loc. cit., 24.

Mas desde que o fato está averiguado, não precisamos aqui calcular a probabilidade mais do que o necessário para saber quantas vezes a agulha imantada irá mover-se quando a aproximarem de uma corrente.

Se há ainda tantas hesitações para as conclusões relativas à varinha influenciada pelas nascentes, ou mesmo pelos metais, é porque querem fazer um instrumento de medida. Pretendem a sua utilização industrial para a direção e a captação dos cursos de água subterrâneos e então as interpretações sobre o sentido e a profundidade das correntes

dependem do observador mais ou menos experimentado. Mas o que procuramos aqui não é a previsão exata e a minúcia das informações fornecidas pela varinha, mas somente saber se realmente há uma emanção, uma força rabdomânica - é a expressão nova que proponho - agindo sobre o organismo nervo-muscular do homem, e, por intermédio desse organismo, sobre a varinha.

Parece que não se pode duvidar disso hoje em dia (10). Mas é um fenômeno de física ou um fenômeno metapsíquico?

(10) - Afim de não citar senão fatos bem recentes, mencionarei os trabalhos de LANDESQUE, encarregado de pontes e estradas, sobre os lençóis subterrâneos da Tunísia. Suas indicações foram verificadas pelos engenheiros de pontes e estradas (Veja MARAGE: *Ce qu'il faut penser de la baguette des sourciers*, *Revue scientifique*, 14 de fevereiro de 1920).

Pela definição mesma, o movimento da varinha pareceria escapar a metapsíquica, pois que não se trata de forças "inteligentes" agindo sobre nossa sensibilidade.

Portanto, a história da varinha mágica deve ocupar-nos. Se forças naturais (lençóis de água subterrâneos, metais escondidos) exercem uma ação desconhecida sobre nossa inteligência inconsciente, é porque há vibrações desconhecidas que despertam nossa sensibilidade criptestésica. Por aí entramos na metapsíquica, que estuda as vibrações desconhecidas das coisas.

A inclinação da varinha é um fenômeno de contração muscular inconsciente do varinheiro ou uma ação direta sobre a varinha de uma força física qualquer emanando das coisas?

Eliminemos imediatamente as hipóteses da fraude, do movimento voluntário, do acaso. Não é nem pelo acaso, nem pela fraude que os varinheiros descobrem as nascentes subterrâneas. A varinha vira fortemente entre suas mãos,

contra sua vontade, por assim dizer, e vira nos lugares certos, dando, pelo sentido de sua força e de sua rotação, indicações - aliás muito difíceis para interpretar corretamente - sobre a profundidade e a direção da camada subterrânea.

Não há, em definitivo, senão duas hipóteses:

A - Os movimentos da varinha são devidos a contrações musculares inconscientes.

B - Os movimentos da varinha são independentes das contrações do operador.

A primeira hipótese é muito simples, e sem dúvida a única aceitável: é a que adotaram Chevreul e Barrett. Excitada por uma força física (força rabdomânica) desconhecida, o inconsciente do varinheiro faz contrair seus músculos, que então fazem virar a varinha.

Mas esta hipótese levanta algumas dificuldades.

Com efeito, os movimentos da varinha são de tal maneira fortes que às vezes ela se quebra. As partes que se encontram na mão do observador não se movem; é o resto da varinha que vira. Pode-se mesmo, como fez P. Lemoine, colocar as duas pontas numa espécie de estojo que se segura na mão. "A varinha vira dentro do estojo".

Será uma observação suficiente, apesar da sua precisão, para nos fazer admitir que os músculos estão sem ação? Não pensamos assim. Como supor que a varinha está influenciada "fisicamente" e "diretamente" pelas correntes de água, os metais ou os sais metálicos? É possível que se movimente sozinha, enquanto os músculos da mão permanecem absolutamente inertes?

Se assim fosse, não haveria necessidade de varinheiros para descobrir as nascentes. Um aparelho de física de deslocamento angular bastaria e se notaria o ângulo por uma

simples leitura, como se lêem as medidas galvanométricas, barométricas ou termométricas. Mas não é assim que as coisas se passam. Nessas condições, todas as varinhas ficariam desastrosamente imóveis. É preciso um varinheiro, um rãdomante. A influência da personalidade humana é necessária e preponderante.

H. Mager inclina-se a pensar que todos os indivíduos, se tomarem as precauções necessárias, são aptos a se tornarem varinheiros: mas não há nenhuma prova desta afirmação. O fato positivo, indiscutível, é que entre as mãos de certas pessoas, a varinha move-se com muita força, ao passo que, segura por outras, fica absolutamente imóvel.

Mager construiu, para denunciar os metais, um aparelho (indicador galvanométrico das águas subterrâneas) que não deu resultado ainda, mas que parece - sem que a presença de um varinheiro seja necessária - é impressionado pelo potencial das forças que acompanham as águas subterrâneas em movimento. Mas até que ponto essas ligeiras variações da agulha imantada são comparáveis às enormes curvaturas das varinhas de aveleira? A ação de uma corrente de água sobre um galvanômetro é um problema de pura física, sobre o qual nada temos a insistir. Em todo caso, esta ação, se existe, é extremamente fraca. Portanto parece impossível atribuir a esses minúsculos fenômenos elétricos a fortíssima inclinação da varinha de aveleira.

Tudo está obscuro no entanto nesta difícil questão. As varinhas de diferentes substâncias não têm a mesma aptidão para virar: o que parecia indicar bem a existência de uma ação física sobre a própria varinha, pois se fosse unicamente contração inconsciente, não se vê por que a varinha de cobre

se moveria menos do que a varinha de aveleira e melhor do que a varinha de ferro.

Não se deve no entanto concluir que não há nenhum movimento próprio da varinha sem o auxílio dos músculos humanos. Então diríamos com Chevreul, com Barrett, que há unicamente contração muscular inconsciente.

Mas, muitas vezes, o varinheiro opõe-se (ou parece se opor) ao movimento. "A varinha, diz P. Lemoine, move-se contra a vontade do operador. Em certos casos, quando se move com rapidez, há muito trabalho para retê-la; algumas vezes isso é mesmo impossível".

Observemos a analogia desse fenômeno com o movimento violento das mesas giratórias, movimento que tem uma energia extrema, quando um médium poderoso pousa as mãos sobre a mesa, apenas tocando-a.

No final de duas investigações, ajunta P. Lemoine, as mãos do Abade Caubin estavam cobertas de calosidades, não somente na palma, mas também nas articulações de diversas falanges.

Alguns varinheiros estão persuadidos de que a varinha gira por si mesma, sem que haja ação muscular. E é de se notar que se a mão estiver calçada com uma luva de seda ou de lã, ela não se move mais.

Mas a opinião desses profissionais da varinha mágica - opinião que não se deve por certo desprezar - não é um artigo de fé. Evidentemente são muito sinceros, mas não podem, francamente, ter consciência de seus movimentos inconscientes. Ficamos, portanto, também embaraçados quando se trata de saber se os movimentos da mesa giratória, quando são violentos, e quando o médium apenas a toca, são devidos a contrações musculares.

Mostraremos mais ainda que alguns médiuns, excepcionais, produzem raps e movimentos a distância (telecinesia). Se as influências da varinha não são devidas às contrações musculares, constituiriam então uma espécie de telecinesia especial? Assim evidentemente as forças que acionam a varinha não agem senão por intermédio de um indivíduo humano.

Seria muito interessante averiguar metodicamente se os varinheiros não são médiuns que podem agir sobre mesas e, paralelamente, se os médiuns, agindo sobre as mesas, não seriam também varinheiros. Seria uma questão toda nova, que merece ser aprofundada.

Não parece impossível de ser resolvida. Segundo J. de Tristan e H. Mager, haveria sobre 100 pessoas perto de 20 indivíduos capazes de acionar a varinha, possivelmente ainda mais. Isto deveria ser objeto de novas averiguações, certamente bem sucedidas.

Se fosse provado que o movimento da varinha não é produzido por uma contração de músculos humanos, teríamos então um verdadeiro fenômeno de telecinesia. H. Mager experimentou demonstrar que a matéria desprende forças e que experimentou mesmo indicar a direção e o potencial capazes de fazer virar a varinha: fenômeno de física absolutamente novo e ainda desconhecido. Mas sua demonstração é fraca, verdadeiramente nula. Em todo caso, um ser humano é necessário para a produção desses movimentos e não há rotação da varinha se não houver um varinheiro: portanto, se uma varinha, podendo mover-se em um aparelho, não se move porque a mão do varinheiro é indispensável, deve-se admitir que é devida à contração

muscular da mão ou então que é uma espécie de ação de telecinesia humana.

Não é de modo algum permitido hesitar entre essas duas hipóteses. Se bem que não tenha experiência pessoal, prefiro a opinião dos varinheiros à dos sábios. Para aqueles a varinha move-se sozinha; para estes, a varinha move-se porque os músculos do varinheiro a fazem virar (11).

(11) - Veja o capítulo XVI, muito obscuro, de H. MAGER e J. DE TRISTAN, *Recherches sur quelques effluves terrestres* (1826), e os Relatórios do II Congresso Internacional de Psicologia Experimental de 1913.

§ 3. Da força ráb dica

Portanto os movimentos da varinha são devidos à contração muscular inconsciente do indivíduo que a segura. Assim acontece que camadas de água subterrâneas, metais, escondidos sob a terra ou em uma caixa, exercem uma ação sobre nosso inconsciente e que esta ação misteriosa é uma força física desconhecida, pois não é nem a umidade, nem o calor, nem a eletricidade.

Evidentemente, essa força, emanando das coisas, é profundamente desconhecida; mas a hipótese de que ela exista é uma hipótese necessária; pois não se compreenderia, se não houvesse movimentos musculares em estreita relação com a realidade de tal ou qual coisa exterior.

Essa força ráb dica foi suficientemente estudada para que já se possam indicar algumas leis.

Tudo se passa como se aí houvesse condução dessa força pelo corpo humano do solo à própria varinha e como se a força pudesse ser, assim como a eletricidade e o calor,

sustada por maus condutores, por luvas de seda ou de lã, por calçados de borracha.

A força não é somente aquela que se exala de uma camada de água subterrânea. Nas antigas observações tratava-se quase que unicamente da detenção de água pelos varinheiros; mas experiências recentes mostraram que os metais têm também a mesma ação manifesta.

Há diferenças de ação entre os diferentes metais. Isto foi provado por J. de Tristan, H. Mager e Paul Lemoine (12).

(12) - Veja H. MAGER, *Les moyens de découvrir les eaux souterraines et de les utiliser*, Paris, Dunod, 1912.

Os resultados obtidos independentemente um do outro por H. Mager, de um lado e do outro por P. Lemoine (com a ajuda do Abade Caubin), são bastante concordantes.

Para se obterem os mesmos resultados que uma grama de ouro tem numa varinha, seria preciso:

Prata	1 / gr. 2
Níquel.....	6 / gr.2
Alumínio	15 / gr.2
Zinco	40 / gr. 2
Chumbo.....	75 / gr. 2
Cobre	125 / gr.2

Bem entendido, não se deve considerar esses números como tão precisos quanto à medida de uma ação magnética, mas é o bastante para estabelecer que a emissão e a transmissão da força rábica sejam abordáveis às determinações físicas precisas.

Em definitivo, eis estabelecido um fato de primeira importância: é que uma certa força se desprende dos metais, das camadas de água, dos saís metálicos, força que age sobre o organismo de certos indivíduos com bastante energia para

determinar em seus músculos contrações violentas, involuntárias.

Não há efeito sem causa. Se as camadas de água subterrâneas provocam inflexões da varinha, é porque elas agem como uma causa - como se diz, como uma força - sobre a varinha. Evidentemente é por intermédio de nossos músculos; mas não é menos verdade que ali existe uma força física nova e uma força da qual não podemos medir o sentido e a condução.

Essa força ráb dica que age assim sobre os músculos não age certamente sobre os próprios músculos, mas sobre o sistema nervoso que dá o movimento aos músculos: esses não são jamais senão os servidores passivos do mistério nervoso. E eis nos assim levados a esta conclusão cuja importância não escapará a ninguém: é que uma força emanando dos metais, das camadas de água, dos sais metálicos, força desconhecida que se pode denominar ráb dica, age sobre o sistema nervoso.

Vamos mais longe ainda no estudo do fenômeno. Será por uma ação direta sobre q sistema nervoso inteligente? Ou será por uma ação sobre a inteligência inconsciente que elabora a noção recebida? Essas são duas decisões idênticas. A luz de um sinal não provoca nossa corrida senão porque compreendemos o sentido. Em si, esta fraca excitação luminosa seria completamente ineficaz para determinar um movimento qualquer. Se ela nos faz caminhar e correr, é porque tem, por um reflexo psíquico complicado, provocado a inteligência a responder. Parece-nos provável que o movimento da varinha é dessa ordem; e que se os músculos a curvam energicamente, não é porque o sistema nervoso esteja diretamente excitado, mas sim porque a inteligência

inconsciente foi despertada para a força ráb dica. É uma "noção" recebida pelo inconsciente, depois elaborada por ela e transformada em uma ordem de contração: em todo caso, não é por uma excitação grosseira dos centros motores. A inteligência inconsciente intervém para transformar esta excitação muito fraca em uma excitação muito forte.

Se em vez da varinha se empregasse o pêndulo, os resultados não seriam menos extraordinários. Entre as mãos de um sensitivo, em aparência inerte, de repente, quando passa por certos lugares, o pêndulo se põe a oscilar com energia; em alguns casos, é como um turbilhão. São, bem entendido, movimentos musculares, mas perfeitamente inconscientes, de tal modo inconscientes que até o operador fica surpreendido. O pêndulo, como a varinha, não é senão o índice de uma certa excitação nervosa.

A excitação nervosa é, algumas vezes, muito violenta para que certos sensitivos, como A. Viré contou-me, sejam tomados de uma crise convulsiva, ao passarem por cima de uma nascente subterrânea (que no entanto ignoram). Uma hiperestesia também intensa é muito rara; mas em um número de casos o sensitivo experimenta uma espécie de estremecimento, de vibração geral.

Assim o abalamento do sistema nervoso determinado pela força ráb dica aproxima-se da criptestesia: isto é que em vez de dar uma simples sensação, dá uma sensação acompanhada de um certo conhecimento das coisas; e, bem entendido, esse conhecimento das coisas permanece sempre inconsciente.

O que a prova é que se colocar na mão que segura o pêndulo e que o faz inconscientemente oscilar, um metal qualquer, ferro, ouro, cobre, o pêndulo não se vira senão

quando o sensitivo passar por cima de uma massa de ferro, de ouro ou de cobre. Se for água, basta-lhe segurar uma garrafa de água na mão; e se é uma grota, uma caverna, pegará um tubo vazio furado, que segurará, o que não deixa de ser bastante cômico. O fato de poder distinguir bem ou mal ossadas, grotas, pedaços de fundição, barras de ouro, nascentes, é mais do que uma simples excitação nervosa, é o "conhecimento das coisas", isto é, somando tudo, a criptestesia. Assim, os estudos feitos com a varinha mágica são extremamente importantes para edificar qualquer teoria sobre a criptestesia. A adivinhação pela varinha é uma espécie de criptestesia pragmática.

Não se pode, portanto, negar a existência de forças pragmáticas, ou telúricas (13), mas que prefiro denominar ráblicas, que põem em jogo a criptestesia do varinheiro, como com um sensitivo o contato de um objeto lhe traz conhecimentos especiais que seus sentidos normais não lhe podem revelar.

(13) - É o termo de que se serve o professor M. BENEDIKT. *Ruten und Pendellehre*, 1 vol., 12°, Hartleben, 1917.

§ 4. Conseqüências sob o ponto de vista da criptestesia

Parece-nos, pelo estudo da varinha mágica, que nos afastamos da metapsíquica e eis que a existência da força ráblica nos faz entender completamente na história da criptestesia.

Com efeito, no capítulo da criptestesia pragmática, ou psicometria, pude mostrar que as coisas exercem certamente sobre nossa inteligência uma certa ação. Se dá a um médium

ou a uma sonâmbula algum objeto que pertenceu a uma pessoa A..., o médium ou a sonâmbula algumas vezes irão dar alguns característicos de A..., ainda que não possam por seus sentidos normais nada conhecer. Denominei criptestesia "pragmática", porque parece ligada a uma emanção (desconhecida) das causas. Certo, a criptestesia pragmática está longe de explicar todos os casos de lucidez; não explica até senão um pequeno número. Assim mesmo é incontestável que ela existe.

E então concluirei dizendo:

"A varinha mágica é um instrumento capaz de por em jogo a criptestesia pragmática: isto é, o de revelar sobre as coisas fatos que nossos sentidos normais são impotentes para nos ensinar".

O estudo dos condutores, das resistências, dos obstáculos a esse fluxo de força, mostra-nos que poderíamos, sem dúvida, por uma análise atenta, ter alguns dados precisos sobre essas forças desconhecidas, emanando das coisas e capazes de impressionar senão nossa consciência pelo menos nossos órgãos. Não há senão uma analogia assaz distante entre a força que se desprende de uma camada de água subterrânea para fazer contrair os músculos de um varinheiro e a força misteriosa que se desprende de uma mecha de cabelo, de um relógio, de um anel, para fazer dizer ao médium que esses objetos pertenceram a Marguerite, Georges ou Robert.

"Assim mesmo é um fenômeno de igual ordem de grandeza". Não os assimilamos: não pretendemos que os movimentos da varinha sejam idênticos à criptestesia pragmática, nem mesmo que expliquem os movimentos da mesa girante. Portanto distinguem-se duas leis, que, bem

compreendidas, dão um sólido ponto de apoio a metapsíquica:

A. - Forças desconhecidas desprendem-se das coisas, obedecendo a leis que serão sem dúvida suscetíveis de medida.

B. - Essas forças desconhecidas não influenciam nem nossa sensibilidade consciente, nem nossos aparelhos de física, e no entanto agem - dentro das condições pouco conhecidas ainda - com uma grande energia sobre nosso organismo inconsciente, de maneira a lhe fazer conhecer as realidades que os sentidos normais não lhe poderiam ensinar.

Não se pode comparar os varinheiros aos médiuns que fazem girar as mesas. Na realidade, a analogia é muito grande. A força rábica que age sobre um organismo humano e faz contrair os músculos, revela à consciência fatos que a consciência não poderia saber sozinha; do mesmo modo que um médium dá por intermédio da mesa respostas que o deixam a si próprio estupefato.

Os movimentos musculares inconscientes são, portanto - tanto para a varinha mágica como para a mesa girante - “reveladores de vibrações que as emanções das coisas provocam em nossa inteligência inconsciente” (14).

(14) - Este capítulo relativo à varinha mágica, está muito abreviado; deveria ter dado outros desenvolvimentos a esta questão importante. Mas este livro já está tão desenvolvido que não me era possível insistir ainda mais a respeito do assunto.

CAPÍTULO V

METAPSÍQUICA ANIMAL

Pode-se perguntar se existe uma metapsíquica animal, sem ser humana. O assunto merece ser estudado, pois se procurou explicar por fenômenos mediúnicos os estranhos fenômenos apresentados pelos cavalos calculadores de Eberfeld e os cães de Mannheim. Cremos que este problema - entretanto, extremamente interessante e tão obscuro quanto interessante - não releva da metapsíquica. No entanto, devemos mencionar estes fatos, ao menos para saber se deve eliminá-los dos quadros de nossa ciência ou conservá-los.

Em meados de 1892, em Berlim, Wilhelm Von Osten deu a conhecer fatos estranhos; havia ensinado o cálculo a um cavalo: "derkluge Hans". As coisas teriam ficado aí, se um engenhoso e entusiasta negociante de Eberfeld, Karl Krall, não houvesse retomado as experiências de Von Osten e desenvolvido com muito talento e energia o gênio calculador de alguns cavalos (15).

(15) - Para a bibliografia, já muito extensa, mencionarei sobretudo o trabalho de K. KRALL, *Denkende Thiere*. Não se pode citar os numerosos artigos de polêmica que este trabalho provocou na Alemanha, porém é preciso dar um lugar à parte ao livro de O. PFUNGST. MAETERLINCK consagrou páginas espirituosas aos cavalos de Eberfeld que foi ver (*L'hôte inconnu*). C. DE VESME resumiu muito bem o assunto nas *A. S. P. Les chevaux pensants d'Eberfeld*. *A. S. P.*, 1912, 352-363. *Toujours les chevaux d'Eberteld*, *ibid.*, 1913, 117-128. Sobretudo, é necessário mencionar duas excelentes memórias de Ed. CLAPAREDE, *Arch. De Psychol. De Genève*, 1912, XII, 263; e 1913, XIII, 243-235. Também se poderão ler os artigos de MACKENSIE, (*Riv. di Psicologia*) e de AIEGLER (*Deutsche Zeitung*, dezembro de 1912). Mas estas indicações não dão nada a idéia de todos os artigos que foram publicados sobre o assunto. E. DUCHATEL. *Les animaux savants de Mannheim* (*A. S. P.*, 1913, 289-303).

Eis, muito resumidos, os fatos relativos a este poder de cálculo dos cavalos.

Quatro cavalos, amestrados pelo Senhor Kral, ou sejam "Muhamed, Zarif, Hanschen (um pônei), Barto" (um velho

cavalo cego), foram capazes de resolver problemas de aritmética simples e mesmo cálculos bem complicados. Davam sua resposta batendo com o casco de um certo número de pancadas. Por exemplo, para dizer 54, batiam 5 pancadas com o casco esquerdo e 4 pancadas com o casco direito.

Esses cavalos são capazes de fazer adições, subtrações, multiplicações, e o que talvez não seja mais extraordinário senão na aparência, extrações de raízes quadradas.

O Senhor Assagioli, sozinho com um pequeno pônei "Hanschen" escreve no quadro negro: $33 + 44$. E "Hanschen" responde 77. Depois o Senhor Assagioli escreve $12 + 33 + 33$; a resposta é 87; isto é, os números invertidos (o que é bastante comum), 87 por 78.

Na ausência do Senhor Krall e do palafrenero, "Muhamed" diz, em "alguns segundos", ao Senhor Claparede a raiz quadrada (!!) de 456 776; e a raiz cúbica de 15 por 376. Maeterlinck espirituosamente contou que havia indicado ao acaso um número para que "Muhamed" desse a raiz quadrada, porém "Muhamed" não respondeu porque esse número não tinha raiz quadrada exata, ficando Maeterlinck bastante surpreso.

Mas, talvez, haja melhor ainda.

Os cavalos de Eberfeld, escolhendo sucessivamente os cartões, representando cada um as letras do alfabeto, podem entreter conversações. Na realidade, eles falam pelo alfabeto e falam foneticamente, sem introduzir as vogais na sua transcrição de linguagem.

Sua conversação é singular, como bem se pode imaginar. Um dia, "Muhamed" denunciou o palafrenero como tendo batido em "Hanschen". Algumas vezes eles dizem que estão

cansados e não querem responder. Segundo eles, uma das pessoas presentes era uma senhora, porque tinha longos cabelos.

Tudo isto é curioso e barroco; mas antes de ir mais longe, trata-se de saber se há trapaça ou ilusão.

A trapaça do Senhor Krall é inadmissível. Todos os observadores estão de acordo a esse respeito, mesmo os seus contraditores. Sua lealdade é incontestável. E entretanto, em inúmeras circunstâncias, ele saiu da sala onde seu cavalo trabalhava e deixou o observador sozinho com o animal. Em numerosas experiências assim procedeu. "A presença de Krall ou dos palafreiros é desnecessária para que a resposta dada seja justa". Às vezes, mesmo, deixaram o cavalo sozinho na estrebaria e observavam seus movimentos através de uma pequena abertura envidraçada perfurada na muralha.

E depois, muitas vezes, a solução de um cálculo é rápida demais para que um indivíduo, mesmo excelente calculador, possa dá-la com a mesma rapidez. O Senhor Krall escreve no quadro negro o 91125, número que lhe deu o Senhor Assagioli, e imediatamente, em alguns segundos, mais depressa do que não teria podido fazer um hábil calculador, "Muhamed" deu a solução justa.

Em presença desses fatos singulares, inverossímeis, os sábios alemães (oficiais) redigiram um surpreendente protesto. Vinte e quatro professores assinaram esse manifesto ridículo, e entre esses vinte e quatro professores, "não houve senão dois que viram os cavalos". Estes dois tinham o direito de dizer que as observações de Krall eram ilusões, mas os outros vinte e dois não tinham o direito senão de se calar.

Também esse protesto não traz nenhum elemento novo ao assunto. Aí está dito que conceder a cavalos o poder de calcular como os homens, contradiz "completamente a concepção evolutiva (sic)" (16).

(16) - Esse curioso manifesto está relatado por CLAPAREDE (Loc. cit., pg. 265).

Eis provisoriamente quais seriam nossas conclusões:

1.º - A hipótese de um adestramento para responder a sinais convencionais deve ser completamente eliminada. Uma mistificação é coisa absurda e impossível.

2.º - É preciso eliminar também a hipótese de Pfungst que, após haver longamente estudado a linguagem e o cálculo dos cavalos, havia suposto que eles respondiam a sinais inconscientes dados pelos observadores. Com efeito, muitas vezes os cavalos responderam na ausência de qualquer testemunha e por conseguinte de qualquer sinal exterior.

Uma metódica análise das condições nas quais se faz a resposta permitiu a Claparede estabelecer os seguintes fatos, importantes pela teoria.

1.º - Após quatro ou seis meses "de escola", os cavalos não fazem mais progressos. Krall considera seus alunos como tendo a inteligência das crianças de seis a oito anos, inteligentes mas ignorantes.

2.º - Eles não são capazes de invenção e não fazem senão as operações que lhes foram ensinadas. Por mais complicada que seja a extração de uma raiz cúbica, é uma operação aritmética que toda criança de mediana inteligência, de dez anos, está em estado de fazer depois de alguns meses de estudo.

3.º - - Muitas vezes, eles estão fora de estado para resolver problemas muito simples, por exemplo, dizer

quantas pessoas estão à sua volta, na estrebaria. É muito mais fácil - segundo nossas idéias antropomórficas - do que extrair a raiz elevada ao quadrado de $456 \cdot 776$.

4.º - Eles não parecem "trabalhar" nem procurar. Limitam-se apenas a olhar os números inscritos no quadro. Ferrari e Probli insistiram sobre esta desatenção do cavalo "Trípoli", que eles na Itália haviam experimentado adestrar como os cavalos de Eberfeld. "Trípoli" respondia olhando por alto e distraidamente.

5.º - Muitas vezes os erros são transposições de números, como se fossem erros de leitura. Quando o animal não está seguro do resultado, dá uma pancada tímida, mas bate com força quando o resultado é bom.

Assim, para o que diz respeito ao fato em si, em vista desses resultados incoerentes, devemos ficar incertos, como, muitas vezes, fomos forçados a fazê-lo em outras questões metapsíquicas.

Portanto, eu me inclinarei a acreditar, em vista das afirmações positivas de excelentes observadores como Claparede, Ferrari, Edinger, Ziegler, Assagioli, Hartkopft, etc., que os cavalos realmente calculam e que essas operações aritméticas são manifestações de sua inteligência.

Entretanto, não existem somente os cavalos capazes de cálculos semelhantes. Krall pensou que o elefante, cuja inteligência é tão admirável, poderia dar resultados mais belos. Tomou um elefante novo, "Kana", mas o pequeno "Kana" era tão preguiçoso que não deu senão desgostos.

O cão "Rolf", de Mannheim, e a gata "Daisy", apresentaram fatos curiosos do mesmo gênero. Parece que "Rolf" indicou espontaneamente que sabia calcular e havia

aprendido o cálculo ouvindo as lições dadas a uma crianças (17).

(17) - Veja *Buchstabierende Hunde, Psych. Studien, 1928, XLV, 242.*

Ora não podemos supor que "Muhamed", "Rolf", "Hanschen", "Barto", sejam seres excepcionais. Se eles deram provas de inteligência, é mais ou menos certo que outros animais as dariam também. Então, porque os fatos relativos aos cavalos de Eberfeld e aos cães de Mannheim não são repetidos? Por que ficaram isolados na ciência, ou na lenda?

Se a aptidão dos cavalos para o cálculo era um fenômeno verdadeiro e não uma ilusão, deveriam também fazê-lo centenas de cavalos calculadores. Ora não é assim. O silêncio se fez sobre os cavalos de Eberfeld. Não mostraram outros. Por que, se não foi uma ilusão, "idola temporis"?

Tal é, no meu sentir, a objeção mais grave que se pode opor aos fatos alegados por Krall (18). É de tal modo grave essa objeção, que arrasta quase à negação.

(18) - DEPLER, diretor do Instituto Veterinário de Praga, ousou dizer que a inteligência do cavalo não era possível, porque ele tem, relativamente ao peso do corpo, 10 vezes menos de cérebro do que um homem (!!)

É assim, que outrora, na Sociedade de Antropologia, alguém disse que GAMBETTA não era inteligente, porque o peso de seu cérebro estava abaixo da média dos cérebros humanos.

A incerteza em que ainda estamos sobre a realidade dos fatos nos ordena a ser breve sobre a teoria.

Emitiu-se a opinião de que era um fenômeno de telepatia. Mas isto é de todo inadmissível. Grabow obteve respostas exatas a números que ele apresentava ao cavalo, e que ele, Grabow, não conhecia. Em certos casos, o cavalo respondeu quando estava sozinho na estrebaria.

De fato, não há nenhuma razão plausível para procurar admitir a telepatia. Não se explica *obscura per obscuriora*.

C. de Vesme sustentou uma interessante hipótese: é que se trata de feitos mediúnicos. Depois de tudo, pois desde que há rapas inteligentes em uma mesa, porque não haveria uma força intelectual estranha acionando os músculos e o cérebro de um cavalo, como faz vibrar as pranchas de uma mesa?

C. de Vesme cita a este propósito uma curiosa observação de um rapaz de dezenove anos, pertencente a uma família muito honrada, que, por meio da prancheta (espírita), podia dar, instantaneamente, isto é, ao fim de três ou quatro segundos no máximo, o resultado de adições de diversos números, de seis a sete números cada um, operação aritmética que ele não poderia fazer, com um lápis e papel, senão em alguns minutos. O automatismo inconsciente, no caso, faz mais depressa e melhor do que não poderia fazê-lo o consciente.

Também De Vesme pensa que existe nos cavalos de Eberfeld um automatismo mental assemelhando-se ao do médium. E isto me parece que deve ser aceito, se bem que, falando a verdade, não seja senão uma explicação.

Em todo caso, o automatismo da inteligência calculadora dos cavalos não implica de modo algum a hipótese de um fenômeno metapsíquico, isto é, de uma força inteligente diferente das forças desconhecidas.

Depois de tudo, não sabemos nada (ou muito pouca coisa) sobre a inteligência dos animais. Pessoa alguma nos indicou quais são os limites. Portanto, se um cão e um cavalo fazem o que pode fazer uma criança de dez anos, devidamente educada, isto indica somente uma grande extensão da intelectualidade dos animais.

Também direi, provisoriamente, que a inteligência calculadora dos cavalos de Eberfeld, se existe, como isto é

possível, prova que os cavalos são aptos para os cálculos e os raciocínios, mas que esses cálculos e esses raciocínios não ultrapassem a inteligência das crianças.

É extraordinário; é inverossímil; mas isto nada tem a ver com a metapsíquica que nos abre mundos desconhecidos.

CAPÍTULO VI

MONIÇÕES

1. - DAS MONIÇÕES EM GERAL

§ 1. - Classificação e definição

Não se terá senão uma noção muito incompleta da criptestesia, tanto pela demonstração do fenômeno como pelo estudo de suas modalidades, se for omitida aquela que se manifesta nos indivíduos normais sem que tenha sido provocada por alguma tentativa experimental.

Esses fenômenos de criptestesia acidental, sobrevindo de improviso nas pessoas normais, nós os denominaremos “monições” (19), sem que esta palavra implique a hipótese de uma vontade monitora exterior. Dividi-la-emos em três capítulos:

1.º - Monições que se relacionem com acontecimentos importantes ou não (que não se relacionam com a morte);

2.º - Monições de morte;

3.º - Monições que têm provavelmente um objetivo material, pois elas são coletivas.

É intencionalmente que não emprego para estas monições o termo alucinação, mesmo adicionando-lhe epítetos explicativos: "verídico", "telepático", "simbólico".

(19) - Segundo sua etimologia latina, a palavra "monição" indica o aviso de alguma coisa. Mas isto não indica necessariamente a intervenção de uma inteligência estranha. A palavra, com efeito, é ainda aplicável no caso em que a monição viria de nossa inteligência inconsciente, que teria adquirido o conhecimento - pela criptestesia - de uma realidade exterior, e que a simbolizaria.

Com efeito, parece-me que se deve reservar a palavra alucinação para um fenômeno mórbido, que se pode definir: uma imagem mental exteriorizada sem que haja realidade exterior objetiva.

Ora, nas alucinações ditas "telepáticas" ou "verídicas", isto é, correspondendo a uma realidade exterior próxima ou longínqua, há certamente uma realidade exterior objetiva (pouco importa que nós a conheçamos ou não), uma vibração qualquer do éter (de natureza desconhecida), uma força exterior que condiciona a própria alucinação.

Ao contrário, na alucinação do absintismo, do alcoolismo, da paralisia geral, da mania aguda, na alucinação provocada por sugestão nos sonâmbulos, na alucinação do sonho, não há nada do exterior: tudo é vibração cerebral interior.

A alucinação é um dos sintomas mais claros da alienação mental: ela se produz quase que em todas as formas de delírio. Há alucinações depois de certas intoxicações: no absintismo e no alcoolismo agudos. No envenenamento intenso pelo haxixe (cânhamo), as ilusões são tão fortes que vão até à alucinação verdadeira: talvez mesmo a beladona e a atropina produzam, quando a dose é forte sem ser mortal, alucinações passageiras. Pode-se, nos sonâmbulos, provocar

longas e metódicas alucinações, fazê-los viver um sonho; pois, além de tudo, o sonho assemelha-se à alucinação. Sonhar acordado e não acreditar que se está sonhando é ter uma alucinação.

Mas estas alucinações não têm nenhuma realidade objetiva. Quando um alcoólico vê ratos que se precipitam sobre ele, que ouve seus guinchares e sente suas mordidas, não existem ratos. Quando se diz a um paciente hipnotizado: "entre nessa casa que está aí, suba ao terraço e sente-se na poltrona", não existe nem casa, nem terraço, nem poltrona. Quando um perseguido ouve vozes, não existem vozes.

É extremamente raro que um indivíduo normal, que não está doente, nem ébrio, nem hipnotizado, tenha, em estado de vigília, uma representação visual, auditiva, tátil, das coisas que não existem absolutamente. A velha opinião dos médicos alienistas de que a alucinação é o melhor sinal de um doente mental e a característica infalível de alienação, esta opinião me parece ainda absolutamente válida. Salvo exceção - pois existem sempre exceções em tudo - um indivíduo normal, são, acordado, não tem alucinações. Se ele vê aparições é porque elas têm uma realidade objetiva qualquer.

Em definitivo, não há alucinações, quando toda realidade objetiva é falha, como nos alienados e alcoólicos.

Mas é preciso compreender-se bem as palavras "realidade objetiva". Por exemplo, para tomar um caso concreto, em Menton, a Senhora Bagot vê seu cãozinho "Judy" atravessar a sala de jantar e isto no momento exato em que, na Inglaterra, "Judy" acabava de morrer. Não é uma alucinação no sentido comum da palavra, pois a imagem que apareceu responde ao fenômeno real: a morte de "Judy". Mas

por outro lado, não vamos pretender que houve, na sala de jantar de Menton, um fantasma de "Judy" com um desprendimento de energias mecânicas e luminosas, correspondente a uma fantasmização de "Judy". O fenômeno material exterior que fez nascer na Senhora Bagot a imagem de "Judy", não permanece, quanto à sua própria natureza, profundamente desconhecida e é provavelmente em tudo diferente de uma fantasmização. E não vou, como alguns teóricos entusiastas do espiritismo, sustentar que o corpo fluídico de "Judy" transportou-se de Londres para Menton. Assim mesmo, existe uma relação entre a morte de "Judy" e a visão da Senhora Bagot. É uma monição que, por uma via qualquer, desconhecida, misteriosa, tocou na inteligência da Senhora Bagot, e então se apresentou a ela sob uma forma adaptada à inteligência humana, isto é, por um fenômeno visual.

Em todo caso, não se pode assimilar esta visão à alucinação de um alienado, pois existe uma realidade objetiva (a morte de "Judy") que foi a causa determinante desta visão, ao mesmo tempo, verídica e simbólica.

Portanto, não empregaremos a palavra alucinação (pois a alucinação que não condiciona nenhuma realidade externa é um fenômeno mórbido), mas somente a palavra monição, que significaria uma alucinação ao mesmo tempo verídica e simbólica.

Vistas assim, as monições podem ser consideradas como um caso de lucidez: no entanto, diferem da lucidez precedentemente estudada por dois caracteres completamente particulares.

1.º - Elas não são experimentais, mas acidentais. Os dados que possuímos sobre as monições são devidos a

observações esparsas e não a experimentações metódicas. Portanto, como definição, denominaremos "monições" os fenômenos de lucidez acidental, não experimental.

2.º - Para que haja perturbação do espírito do percipiente, é preciso que haja um fenômeno objetivo qualquer. Mas esse fenômeno, na maioria das vezes, não tem nenhuma semelhança com os fenômenos objetivos habituais.

Quando a Senhora Hutchins viu seu marido aparecer-lhe e chamá-la "Mary, Mary", no mesmo instante em que o Senhor Hutchins morria subitamente, deve-se admitir que essa representação visual e auditiva não é o fenômeno mecânico, físico-químico, comum, de uma pessoa presente que chama. É uma força qualquer produzindo-se junto da Senhora Hutchins e provocando a imagem por emoções criptestésicas, cujo sentido nos escapa. Essa vibração desconhecida tocou no espírito da Senhora Hutchins, mas sem dúvida não teria tido efeito sobre outra pessoa.

Em certos casos, em tudo análogos ao caso da Senhora Hutchins, o fenômeno exterior objetivo assemelha-se às objetivações comuns. Então, com efeito, diversas pessoas têm simultaneamente a mesma imagem, como, por exemplo, no caso da Senhora Telechoff. Seu cachorro e cinco crianças vêem a aparição de um meninozinho, André, que plana sobre o quarto, no momento exato em que a criança morre em uma casa vizinha. Certamente então existe um fenômeno exterior, um fantasma, que tem os contornos reais, como teria uma pessoa viva. Provavelmente teria impressionado uma placa fotográfica se uma aí estivesse.

Não se pode, portanto, fazer demarcação absoluta entre o que é subjetivo e o que é objetivo; e certas monições

estabelecem uma relação estreita entre a metapsíquica objetiva e a metapsíquica subjetiva.

1.º - "As monições são todas objetivas", mas de uma objetividade especial que não tem nenhuma relação com o que chamamos objetividade comum.

2.º - Se nos conformamos com a linguagem usual e se não denominamos objetivo o que é a habitual comoção de nossos sentidos pelas vibrações mecânicas, físicas ou químicas, então diremos que "quase todas as monições são subjetivas".

Assim reconhecendo, entretanto, tudo o que esta distinção tem de fictícia, classificaremos as monições entre os fenômenos da metapsíquica subjetiva, e imaginaremos que em todos os casos de monições não coletivas, a imagem (visual, auditiva ou tátil) não foi suscitada no espírito do percipiente por uma força exterior, mecânica, físico-química, análoga às forças exteriores conhecidas.

Mas as monições acidentais assemelham-se muito, por certos caracteres, as monições coletivas e mesmo às materializações experimentais, para que tenhamos o direito (porque é mais cômodo) de eliminar, em muitas das monições, a hipótese de uma materialização, ou alguma coisa semelhante. Discutiremos a questão mais adiante. Para o momento, classificaremos as monições entre os fenômenos subjetivos, porém fenômenos que tenham dupla característica:

1.º - São acidentais, não experimentais;

2.º - - Têm relação com tal ou qual fato real, que não pôde ser conhecido do percipiente pelas vias comuns do conhecimento.

§ 2. - Das condições necessárias para que as monições mereçam ser consideradas como tais:

1. - A primeira condição é a sinceridades dos testemunhos. Ora não parece possível supor- salvo bem entendido, aqui e ali, algumas exceções raríssimas - que as histórias a nós relatadas foram contadas com prazer; que, nos milhares dos casos assinalados, se encontrem um, ou dois, ou quatro, ou mesmo dez, que sejam devidos a mistificadores, é possível, se bem que inverossímil. Estarei mesmo tentado a acreditar que não houve jamais, e a quase nunca, mistificações intencionais nesses relatos.

2. - Mas por outro lado a "inexatidão é tão certa como a sinceridade". E aí está uma causa de erro grave.

Quando um relato e dado de segunda mão, depois de haver passado pela imaginação e memória (criadora e infiel) de duas ou três pessoas, esse relato está disforme. Contra a vontade, tende-se a "curti-lo", isto é, ajuntar-lhe detalhes que o tornarão mais maravilhoso, mais extraordinário, e omitir outros detalhes que o tornariam mais naturalmente explicável.

A boa-fé é, na imensa maioria, quase que na totalidade dos casos, absoluta, mas a inexatidão é também absoluta. "Não se engana nunca, mas engana-se quase sempre".

A este propósito, citarei um fato: o do livro de bordo do veleiro "Jacques-Gabriel". No livro de bordo está escrito, mas com uma tinta diferente, a seguinte anotação:

"Chegando na ilha Maurício, tomamos conhecimentos da morte da esposa do sota-capitão Senhor Penaud, falecida na mesmo dia e na mesma hora em que o ruído se fez ouvir". No livro de bordo, é na data de 17 de julho que está anunciado o fato de que uma voz de mulher, em pleno mar, foi ouvida no "Jacques-Gabriel". Ora, o registro de óbitos de Paimboeuf indica que a morte da Senhora Penaud teve lugar no dia 16 de junho. Portanto, deixando em seu livro de bordo a anotação relativa do falecimento da Senhora Penaud, o capitão Mangot, com toda a boa-fé, sem dúvida, e sem se dar conta de que em fatos de ciência são necessários dados de uma precisão absoluta, relatou a data do falecimento da Senhora Penaud no dia em que ouviu a voz, se bem que tivesse havido a diferença de um mês.

Certamente existem inúmeros casos análogos pelos quais, como no do "Jacques-Gabriel", o controle rigoroso não foi possível, de modo que, muitas vezes, quando não existe qualquer documento escrito com a data exata, estritas reservas devem ser feitas. Mas essas reservas reportam-se menos ao fato em si e à monição alucinatória do que ao momento em que ela se produziu, momento que, se coincidissem com o acontecimento, daria uma correspondência de tempo com a realidade objetiva. Portanto seria injusto criticar todos os casos em que, sem outra maneira de comprovação, há falta de documentação feita na hora; pois a memória, infiel talvez quanto à data precisa, dando algumas horas aproximadas, não pode sê-lo para uma certa quantidade de pormenores.

As monições - é mesmo um fato bem singular - talvez devido ao seu caráter um pouco teatral, ou porque foram contadas muitas vezes, ou ainda por outra razão mais

profunda - gravam-se em traços indelévels no espírito das pessoas que as tiveram e, ao fim de dez, vinte, trinta anos, guardam ainda toda a sua vivacidade, todo seu frescor de impressão. Realmente, existe alguma deformação, mas o fundo permanece verdadeiro. Sem dúvida pode-se esquecer se a luz estava acesa ou apagada; que se falou muito alto, ou se permaneceu em silêncio; que nesse dia chovia ou fazia sol; porém, o fato essencial subsiste. Não há que ver que há ilusão sobre a concordância rigorosa das horas, talvez mesmo dos dias (concedo-o voluntariamente); em todo caso, são mudanças que, apesar de sua importância, não desvirtuam profundamente o fato em si no que existe de essencial e de característico.

3. - Um ponto mais difícil talvez para se estabelecer é o de constatar em tal ou qual caso especial a impossibilidade para o percipiente de haver tido, pelas vias habituais de conhecimento, a noção do fato anunciado pela monição.

Eis um caso, por exemplo, no qual se trata verossimilmente de uma recordação inconsciente (20).

(20) - Hall. tél. tr, fr., 327.

O Senhor Newnham, outrora passeando em Haughton, colheu violetas que trouxe para sua esposa doente. Doze anos depois, como passassem no mesmo lugar, e pensasse nas violetas outrora colhidas ali, a Senhora Newnham lhe disse: "Sinto que existem violetas na sebe". Sem dúvida foi uma recordação inconsciente da Senhora Newnham (talvez uma coincidência). A Senhora Newnham disse: "Eu havia esquecido completamente o fato". Ela é perfeitamente sincera; mas a memória inconsciente não esquece jamais.

Cada caso merece ser estudado de maneira especial.

Muitas vezes trata-se de uma pessoa doente, quase moribunda, e então a hipótese de uma imaginação alucinatória torna-se possível. Mas não se deve exagerar essa possibilidade.

De início, no estado normal, "não se tem alucinação". E em seguida, a concordância entre a hora da morte e o momento da monição é, às vezes, de tal modo precisa, que não pode ser devida à tão falada imaginação alucinatória (muito rara). O Senhor William sabia que seu cunhado Georges estava extremamente doente, quase moribundo. Uma manhã vê junto de sua cama a figura de Georges e diz à esposa: "Vi Georges; veio durante um minuto ao nascer do dia". Longe dali, Georges morria nos braços do pai, que dizia: "O sol se levanta justo no momento em que nosso querido filho se eleva para a pátria celeste".

A concordância da hora é tão exata, que o fato de Georges estar na iminência da morte pouco diminui o valor dessa monição, por causa da concordância precisa no tempo.

O. Houdaille, chamado para junto do avô, muito doente, estava no trem que o levava a Mirecourt, quando ouve um profundo suspiro; levanta-se, olha a hora e diz ao irmão: "É uma hora da manhã, meu avô deve estar morto ou a morrer". O Senhor B..., o avô de O. Houdaille, entrava em agonia exatamente a uma hora da manhã.

Mesmo que se eliminem - e não se deve eliminá-los - todos esses casos nos quais se trata de uma morte muito proximamente esperada, resta um grande número de casos em que o percipiente acreditava estar o indivíduo, que reconheceu por uma monição, em perfeita saúde, ou apenas doente.

Assim se deu quando o Senhor Z... deixou seu jovem amigo B..., que estava em perfeita saúde. Conversaram a respeito de diferentes coisas, e no entanto, duas horas depois, Z... teve um terrível sonho, no mesmo momento em que B... se suicidava (21).

(21) - Pareceu-me - mas não é senão impressão que uma estatística exata precisaria comprovar - que os casos de monição são relativamente freqüentes após os suicídios. Sem dúvida se saberia de mais casos se nas famílias onde houvesse suicídios não se evitasse maneira tão reservada contar o sucedido e as condições em que ele se deu.

Sem dúvida se poderiam dividir as monições em "verossímeis" e "imprevistas".

São "verossímeis" aquelas de morte em que se trata de um moribundo; "imprevistas" aquelas de morte que se referem a indivíduos cheios de saúde. Ora, a semelhança, para não dizer a identidade, na modalidade de umas e de outras, é tal, que se trata certamente do mesmo fenômeno, de sorte que seria irracional rejeitar essas monições de fatos verossímeis sob pretexto de que os fatos são verossímeis. E no entanto será suficiente pensar que um irmão está muito doente, quase na agonia, para ver aparecer o seu fantasma? A "expectante atenção", à qual se atribuem tantas maravilhas, francamente, não pode, num indivíduo normal, fazer uma voz, fazer ver uma figura. É preciso, portanto, dar direito na metapsíquica as monições mesmo quando se relacionem a fatos muito verossímeis.

4. - Todas as vezes que uma simples explicação, não metapsíquica, possa ser dada de uma monição, deve-se adotá-la logo e, de outra forma, ser de extrema severidade na crítica.

Os Srs. Barwell e Earle vêem num trem seu amigo W... no gradil. Percebem-no no momento em que o trem se põe em marcha: W... lhes faz sinais com a mão e logo o trem vai

longe. Nesse mesmo momento, W..., em sua casa, sofre uma grave síncope. Mas será isso bastante para afirmar que o duplo de W... estava no trem? Quem sabe se não era alguém que se assemelhava a ele, um estranho qualquer, que, vendo que lhe faziam sinais, respondeu saudando com a mão? Eis uma hipótese muito mais simples do que a hipótese do duplo de W... Então, resolutamente, deve-se rejeitar esse relato (22).

(22) - Hall, tél. tr, fr., 327.

O interessantíssimo caso do Senhor Noell, jovem estudante de farmácia em Montpellier, que vê durante a noite sua irmã moribunda e a ouve chamá-lo, tem um lado defeituoso. Dois telegramas lhe anunciam a doença grave da irmã. Ora a criada que lhes devia entregar, tolamente colocou-os numa gaveta. Quem sabe se no estado de semi-inconsciência, o Senhor Noel não leu e abriu esses telegramas? É muito improvável mas não é impossível. Isso basta, portanto, para tornar o caso do Senhor Noell duvidoso.

Mesmo que as explicações não metapsíquicas sejam pouco verossímeis, contanto que tenham alguma possibilidade longínqua, deve-se aceitá-las, antes do que recorrer a uma faculdade misteriosa.

Assim o Rev. Killick crê ouvir uma voz lhe dizendo que sua filha Etta se afoga (23). Alguns meses depois, ele vem a saber que no dia e na hora que havia julgado ouvir a voz; sua filha Etta se havia quase afogado. Haverá segurança de que não existe nisso um caso de parenesia, uma ilusão de memória? Haverá segurança de que o desastre de Etta não foi, depois de tudo, exagerado?

(23) - Hall, tél., trad. fr. 305

O Dr. J. Smith ouve uma voz que lhe diz três vezes em seguida: "Envie um pão à casa de James Gandy". Então

decide se a enviar um pão à casa de J. Gandy, do qual conhecia (porém vagamente) a existência. Com efeito, os Gandy estavam reduzidos à extrema miséria e as crianças choravam de fome. Mas é possível que o Dr. Smith tenha podido saber que os Gandy estavam na penúria. O conselho caridoso que lhe foi dado pela alucinação auditiva não necessita de explicação criptestésica.

Cada caso particular de monição com criptestesia acidental comporta uma crítica particular. Ela já foi feita antes que tal ou qual fato tenha sido publicado pelos autores dos *Phantasms of Living*, por C. Flammarion, pelos diretores dos *Annales des Sciences Psychiques*, pelos membros da *Society for Psychical Research*. Mas esta crítica não impede que tenham sido publicados, ao lado de casos excelentes, casos fracos, pouco probantes, pouco demonstrativos, porém aproveitados junto daqueles que são plenamente demonstrativos. Procuramos não dar aqui senão casos pouco repreensíveis; mas assim mesmo há alguns, sem dúvida, muito numerosos ainda que, se estivessem isolados, estariam sem nenhuma autoridade.

5. - Como nossa intenção é, sobretudo, provar a realidade da criptestesia, eliminaremos os casos em que existe uma noção vaga, sem novo exame. Assim a Senhora Martin tem uma sensação intensa de medo e terror. Não associa nada de preciso a essa sensação, no dia seguinte toma conhecimento de que uma pessoa, que pouco havia visto naqueles dois anos, morrera. Francamente não há lugar para falar aqui de monição. Talvez seja uma; porém nada a prova.

É preciso dizer outro tanto da observação do Rev. Wilson, que teve uma sensação vaga e intensa de doença, no momento em que morria seu irmão gêmeo. "Era, diz ele, um

terror pânico: tremia como na aproximação da morte. Meu irmão morreu mais ou menos quatro horas antes que eu tivesse sido tomado dessa impressão dolorosa". Que tenha havido, nesse caso, monição, é bem possível; pois se trata de seu irmão, e de seu irmão gêmeo. Mesmo assim, o Senhor Wilson não pensou então nele, de modo que é melhor imaginar uma simples coincidência entre este mal-estar indeterminado e a morte do irmão do Senhor Wilson (24).

(24) - Hall. tél., trad. fr., 88.

Se nos colocarmos sob o ponto de vista da lucidez, não devemos fazer conta dessas monições vagas, que não se relacionam com um fato real, concreto, determinado, totalmente desconhecido do paciente. Nós mesmos não as denominaremos monições, pois reservamos esta palavra para o aviso de um fato exterior real. Enquanto o percipiente não tem nenhum conhecimento, mais ou menos preciso, da realidade, não é mais uma monição verdadeira.

DA HIPÓTESE DE UMA COINCIDÊNCIA FORTUITA

A crítica mais freqüente que se dirige à realidade das monições é a de que o acaso pode dá-las.

Vamos apresentar, como convém, esta objeção em toda a sua força.

"Há, tanto na França como na Inglaterra, aproximadamente 1.500.000 mortes por ano e, mil mais de

quedas, de ferimentos, de acidentes sérios, seguidos de síncope, de hemorragias, de delírios, sem contar os minúsculos incidentes tais como esses em cujas monições são indicados; isto faz aproximadamente 1.500 milhões de casos. Ora como a investigação se estende sobre sessenta anos aproximadamente, são mais ou menos cem milhares de casos fortuitos que podem ser objeto de monições. Conseguiu-se pois (com muito trabalho) recolher 500 casos; a proporção das monições nos fatos que podem provocá-las é, portanto, de 500 sobre 100 milhares ou seja de uma centésima milionésima parte, sem dúvida, menos ainda. Por conseguinte, houve na França e na Inglaterra, em sessenta anos, um centésimo milionésimo somente de casos (com possível monição) em que existiram monição. É muito pouco; é tão pouco que se pode considerar este centésimo milionésimo adulterado; ainda mais se eliminassem as observações inexatas, os exageros, as falhas de memória, em dúvida precisaríamos elevar esse centésimo milionésimo a uma quantidade muito mais fraca".

Esta objeção é de algum modo análoga à observação do incrédulo que, vendo em uma capela os testemunhos de agradecimento que os marinheiros salvos do naufrágio haviam dirigido ao seu padroeiro São Pedro, pediu para ver os nomes de todos os que pereceram afogados apesar de suas orações.

N. Vaschide não pôde obter resultados positivos (25), mas a sua crítica é bem pouco precisa. Contrariamente a qualquer bom senso, nega de início, ainda que alegue em seu poder o bom senso, a aplicação do cálculo das probabilidades. Sobretudo após haver estabelecido, por uma investigação pessoal, que as alucinações constatadas por ele

não eram verídicas, conclui que a investigação da S. P. R. não é senão uma ilusão; porém a ciência em caso semelhante não pode provar uma negação, e compararei voluntariamente esta negação de Vaschide àquela do médico veneziano Primero se, que, respondendo a Harvey lhe disse: "É possível que em Londres tenhas ouvido o coração bater no peito, porém nós, em Veneza, não ouvimos nada de parecido".

(25) - *Les Hallucinations télépathiques*, obra póstuma, Paris, 1908.

Pode-se responder a Vaschide.

1. - O número de pessoas que, por uma ou outra razão, por descuido, por preguiça, por desatenção, por receio, não queiram dar seu testemunho, é muitíssimo considerável. Mas sobretudo é enorme o número desses que nunca ouviram falar de nós e de nossa investigação. Qual é a proporção dos indivíduos passando por Trafalgar Square, ou pela Praça da Ópera, que ouviram falar de uma investigação sobre as alucinações verídicas e que pensariam em escrever uma carta para contar o fato que lhe é pessoal? E nos campos e pequenas cidades? Pode-se, corajosamente, dizer que não houve uma sobre 100.000. Por conseguinte, a proporção de um centésimo milionésimo torna-se de um décimo milionésimo, o que já é bem diferente.

2. - Se em vez de se tomarem os casos de telepatia e de monição, que se relacionam com quaisquer acontecimentos, se tomassem os de monição que se relacionam com a morte, ou seja, não aceitando senão os casos bem autenticados, com documentação e testemunhos para apoiá-los, ter-se-iam somente 250 casos. Ora, em 250 casos, teria havido em sessenta anos, 750 milhões de mortes; suponha-se que 1/10.000 somente teria sido alcançado pela investigação,

250/75.000°, ou seja 1/300°, é pouco, mas não é também uma quantidade negligenciável.

3. - A hipótese de uma coincidência fortuita torna-se completamente insustentável quando a monição coincide exatamente, sob o ponto de vista do tempo, com o acontecimento. J... deixou seu amigo F... quando F... não tinha senão uma ligeira indisposição. Ora, pouco depois, em seu quarto, J... vê nitidamente a aparição de F... Pergunta a hora à esposa: "9 horas menos 12 minutos". - "É portanto às 9 horas menos 12 minutos, diz J..., que F... morreu. Acabo de vê-lo". Ora, F... morreu entre 8,35 e 9 horas da noite. Admitamos 8,45 horas coma média. Temos exata concordância na hora.

Que J... tenha uma alucinação em sua vida e que esta alucinação coincida exatamente com a morte de F... isto quase que se pode calcular. A coincidência é exata com 15 minutos de diferença. Por conseguinte durante vinte anos, para J..., à razão de 96 quartos de hora por dia, e de 365 dias por ano, isto faz uma probabilidade de 1 /700.000° para que esta coincidência tenha existido (26).

(26) - Para um outro método de cálculo, C. FLAMMARION (Revue Spirite), fevereiro de 1921, pg. 34, chegou a uma probabilidade de 1 / 800.000.000 para o mesmo caso: mas que seja 1 / 700.000 ou 1 / 800.000.000 e completamente a mesma improbidade moral.

Não é muito mais racional supor que J..., que não é místico, nem sujeito a alucinações, haja tido, nesse dia, nesse minuto preciso, uma alucinação, a única de toda sua vida, porque uma vibração objetiva despertou seu poder criptestésico?

4. - Porém a principal razão pela qual se deve resolutamente eliminar a hipótese do acaso, é que às vezes

existem detalhes tão precisos, tão abundantes, que não se pode falar em coincidência fortuita.

A Senhora Escourrou, em Paris, vê a fotografia de seu filho animar-se, com uma vista (a esquerda) vasada e sangrante, saindo da órbita. Ora, nesse mesmo dia, seu filho, capitão dos zuavos, no assalto de Puebla, no México, tinha a vista esquerda vasada por uma bala.

A Senhora Green sonha com duas moças num carro puxado por um cavalo, que se afogam num lago e ela vê dois chapéus de mulher flutuando na superfície da água. No mesmo momento, do outro lado do mundo, uma sobrinha da Senhora Green, fazendo, com uma amiga, um passeio num carro puxado por um cavalo, afogasse num lago e encontraram os dois corpos, porque viram dois chapéus flutuando à superfície. A probabilidade de uma coincidência fortuita entre esse sonho e a realidade é tão insignificante, que equivale à certeza moral de que não se trata de acaso.

Não falemos da certeza matemática. Esta, não se tem nunca. Não é certo que se atirando ao acaso todas as letras do alfabeto, estas não vão se reunir para formar a Ilíada. Esta combinação existe entre todas as combinações possíveis, mas, no entanto, ninguém vai supor que se a Ilíada está assim formada, houve nisso só um efeito do acaso.

5. - Em reduzido número de casos, houve, não se podendo duvidar, fenômenos objetivos acompanhando a monição. A hipótese do acaso torna-se então mais insustentável ainda.

A Senhora Bettany viu em seu quarto uma mulher velha com um mantô muito comprido, de cócoras no chão. O Senhor Bettany também vê a mesma forma. E eles reconhecem que é a Senhora X... Será possível que não

houve nisso um fenômeno exterior? É verossímil que esse fenômeno exterior não esteja ligado à morte da Senhora X... morte que se deu no mesmo instante?

6. - Há pouco, fizemos apelo ao cálculo das probabilidades. Porém esse cálculo, já bastante decepcionante quando se trata de dados matemáticos abstratos, torna-se absolutamente ilusório quando intervêm os elementos complexos e confusos que rodeiam uma monição. Então é preciso recorrer-se mais ao bom senso do que ao cálculo.

O Senhor Wingfield escreveu no seu caderno de notas: "R.B., W.B." nomes e prenomes de seu irmão, Richard Baker, William Baker: anota a hora e a data, e ajunta: "God forbid": Na mesma hora, seu irmão morria de um acidente de caça.

O mais elementar bom senso concluirá que existe uma relação entre os dois acontecimentos e que não é um simples acaso que fez ver ao Senhor Wingfield a aparição de seu irmão.

Ainda se esse caso fosse isolado, a rigor, poderiam pretender que o acaso pode trazer num indivíduo normal uma alucinação (fenômeno extremamente raro quando se é normal) e que essa alucinação foi precisamente o fantasma de seu irmão, justo no momento em que esse irmão morre. É enormemente inverossímil; mas enfim, se esse caso fosse único, ou quase único, não se poderia jamais tirar qualquer conclusão. Ora houve várias centenas de casos análogos, e a repetição dessas mesmas coincidências faz com que, decididamente, não se possa falar do acaso.

Que, um dia, na roleta, em 100 apostas, o vermelho saia 80 vezes, é bem pouco verossímil; portanto, nada se poderá

concluir. Mas se, durante um mês, constantemente, sobre 100 apostas, o vermelho sai sempre, umas 80 vezes mais ou menos, dever-se-á concluir, com toda a certeza, que a máquina está viciada. No caso da roleta, pode-se calcular a probabilidade; no caso das monições, não se pode fazer cálculo tão preciso; porém a conclusão é a mesma.

Estudando a lucidez experimental, pudemos demonstrar que a alma humana possui uma faculdade misteriosa e que certos elementos de conhecimento chegam à nossa inteligência, além das noções devidas aos nossos sentidos e às nossas sensações. Eis que o estudo da lucidez acidental conduz a esta mesma conclusão e a corrobora com uma força de evidência incontestável.

EXISTEM OUTRAS VIAS DE CONHECIMENTO QUE NÃO SÃO AS VIAS HABITUAIS. Aí está nossa conclusão firme, tão solidamente estabelecida como os mais certos fatos da física, da química e da matemática.

§ 3. - Das condições em que se produzem as monições

As monições produzem-se nas mais variadas condições e no entanto existem entre elas certos pontos de semelhança que se verificará lendo-se as narrações que damos mais adiante.

1. - Em geral, para as monições visuais, é uma forma indecisa, vaporosa, uma nuvem, que permite ver os objetos que estão atrás, se bem que em outros casos, os objetos

colocados atrás estejam ocultos, como se a imagem fosse um ser real, opaco.

2. - Os pormenores da figura são às vezes percebidos com uma nitidez extrema. Distinguem-se os olhos, o nariz, as rugas, a cor dos cabelos, a aparência de alegria ou de tristeza. Em uma palavra, tudo se passa como se tratasse de um ser vivo movendo-se no mundo real.

3. - Algumas vezes a forma fala; outras, existe fenômeno auditivo, sem fenômeno visual: outras ainda - porém raramente - existe fenômeno tátil, de modo que a impressão da realidade é absoluta, pois que todos os sentidos contribuem para fazer admitir a exteriorização da imagem. Muitas vezes existe a nítida compreensão do que a forma quis dizer, sem que haja percepção de tal ou qual palavra nitidamente pronunciada. Absolutamente como num sonho, sabe-se o que é dito, sem que nisso haja lembrança de uma emissão verbal particular ou de uma palavra que tenha atraído nossos sentidos.

4. - A monição, muitíssimas vezes, realiza-se por um sonho. Então o indivíduo, ao despertar, lembra-se das circunstâncias exatas de seu sonho. Muitas vezes também esse sonho o desperta sem que a aparição desapareça imediatamente. Raramente (como no caso do Dr. Orsi), o sonho monitor repete-se muitas vezes em seguida. Geralmente esse sonho chega no estado intermediário entre a vigília e o sono (Bordeland, alucinações hipnogógicas de Maury).

5. - A reconhecimento é variável. Geralmente a forma é indecisa, de modo que o percipiente não pode estar seguro de tal ou qual pessoa. É um mal-estar, uma agonia, uma vaga inquietude. De início o percipiente não pensa em tal ou qual

pessoa mais do que em outra. Mas pouco a pouco precisa sua noção e liga o fenômeno visual constatado à visão de tal pessoa determinada, sem que a haja verdadeiramente reconhecido. Sabe, compreende que é ela, sem saber bem porquê e como o sabe.

Essa dificuldade na reconhecimento é interessante para se averiguar: pois ela parece provar dois processos intelectuais sucessivos. De início é uma perturbação do nosso espírito por uma vibração qualquer, que tem um sentido, o qual é obscuro. Em seguida, esta sensação obscura se precisa; porém, para se precisar, isto é, para sair do inconsciente e penetrar no eu consciente, tem necessidade de se manifestar sob uma forma acessível à nossa constituição mental: uma visão, uma audição. Até aí não havíamos compreendido nada. A reconhecimento se produz porque o inconsciente tomou o meio da alucinação simbólica para revelar um fato ao consciente.

Quando a reconhecimento é duvidosa, não se pode nunca mais falar de criptestesia. Também conceder uma importância fundamental a que o percipiente, antes que o fato real lhe seja anunciado pelas vias normais, tenha formalmente contado sua monição a esta ou àquela testemunha, ou, melhor ainda, que a tenha escrito numa agenda.

Não pode existir monição lúcida a não ser quando a reconhecimento foi nítida. Assim, a Senhora Woodham vê uma figura na sua frente, muito distintamente, o bastante para que desperte e diga bem alto, de maneira a ser ouvida por sua irmã, que estava deitada ao seu lado: "Quem sois? Que desejais?" No dia seguinte cedo, toma conhecimento da morte de uma velha empregada que muito estimava e que estava doente e então ela diz imediatamente: "Foi ela que eu

vi esta noite". Mas como, no momento da aparição, ela não a havia reconhecido, o caso não o demonstra.

Deve-se sempre desconfiar da paranesia, fenômeno relativamente freqüente, e que o narrador, apesar de toda sua boa fé, não pode conhecer; pois é esse mesmo desconhecimento que constitui a paranesia.

6. - As monições em geral referem-se à morte; geralmente também sobre doentes ou sobre acidentes graves, às vezes sobre acontecimentos leves e insignificantes.

Não deixam de ser monições. A monição é um fenômeno minúsculo e tão interessante como a monição de uma morte ou de um cataclismo, pois em inúmeras circunstâncias as monições de pequenos fatos são acompanhadas de pormenores precisos que tornam a criptestesia evidente. Por exemplo M... vê sua esposa conversar com um mendigo que segura uma vassoura. A monição em si é inteiramente insignificante. Ela tem grande interesse pela abundância e precisão dos pormenores.

7. - Não existe relação necessária entre a vivacidade da alucinação (ou do sonho) e a precisão da monição. Muitas vezes mesmo não existe nada ou quase nada; é como uma visão interna, muito leve, muito fugitiva, mas que revela no entanto um detalhe de maior importância. Algumas vezes, ao contrário, a visão é muito viva, percebida com uma intensidade extrema, e no entanto, sob o ponto de vista da criptestesia, não se pode tirar grande partido. Esse contraste aparece bem no sonho. Quantos sonhos muito animados, tendo toda a aparência de realidade, que no entanto não significam nada, enquanto algumas vezes sonhos passageiros foram monitórios!

8. - O tempo latente entre o próprio acontecimento e a monição é variável. Fr. Myers supõe, sem desconhecer que é uma hipótese, que a impressão telepática é imediata, mas que a impressão fica latente no espírito do paciente não emergindo em sua consciência senão após um certo intervalo, seja como visão durante a vigília, seja como sonho, ou sob outra forma. Em quase todos os casos, diz ele, onde um fantasma verídico precedeu a morte, é que houve doença e não acidente. E então, a agonia, com seu coma e suas convulsões, antes que haja a parada definitiva do coração, isto é, a morte, pode tornar-se a origem da transmissão telepática e por conseguinte preceder a morte. Nos casos de acidente, a visão é quase sempre consecutiva à morte. Myers, pág. 273 (27) cita dois casos que parecem fazer exceção à regra: porém, em um desses pôde existir premonição; no outro, como se trata de um suicídio, Myers supõe que a agitação mental do infeliz que desejava matar-se bastou para provocar o fenômeno telepático.

(27) - *Phant. of the Living*, 1ª edic., 1.952.

Se traçasse a curva, segundo o tempo, da frequência dessas aparições depois da morte, ver-se-ia que o seu número vai decrescendo rapidamente, para tornar-se quase nulo no fim de alguns dias.

Talvez, quando o fato casual está muito próximo, o atraso seja menor do que quando está distante (?)

O Senhor Warcollier, analisando as condições das monições telepáticas mencionadas pelas principais investigações, chegou a esta estatística:

Agentes.....	Homens.....	194	64	p.100
	Mulheres.....	106	36	p. 100

Percipientes.....Homens.....161 54 p.100
Mulheres.....139 46 p.100

Assim também comparou o estado de vigília e de sono (assimilando ao sono o desmaio, o coma, a agonia).

Agentes	Percipientes	Nº de Casos
Vigília	Vigília	7
Vigília	Sono	15
Sono	Vigília	19
Sono	Sono	59

Ele chegou à conclusão, corroborada por suas numerosas experiências pessoais, de que o estado de sono, de semi-sono (borderland) é favorável à telepatia ou à clarividência.

9. - A aparição visual não se prolonga nunca. Geralmente desaparece no fim de alguns segundos. É completamente excepcional quando persiste muito tempo, como no caso do marinheiro Spring, que viu, em seu navio, durante uma tempestade, seu pai (que acabava de morrerem terra firme) passear no tombadilho ao seu lado, durante duas horas.

10. - Não existem monições que sejam certamente objetivas. São as coletivas. Então é muito difícil, talvez impossível, admitir que não tenha havido algum fenômeno exterior, análogo aos fenômenos exteriores habituais, de ordem mecânica, que perturbam nossos sentidos normais.

O Senhor Lemonnier, farmacêutico em Rennes, ouviu um barulho violento na porta de sua casa. O barulho repetiu-se três vezes. Levanta-se e não vê nada. Em uma outra casa, o Senhor Nivot, amigo do Senhor Lemonnier, ouve no mesmo momento na porta um barulho violento que o

desperta. E ambos pensam na morte de um de seus amigos que, com efeito, morria nesse momento. É admissível que os Srs. Lemonnier e Nivot hajam tido nesses dois pontos diferentes da cidade um e outro uma alucinação? Não é também provável que, se outras pessoas aí estivessem, teriam ouvido os mesmos ruídos?

O filho da Senhora X...., com a idade de doze anos, vê (e sua mãe também vê) uma forma que atravessa o quarto e ele diz: "Mãe, é o major". - Citei o caso da Senhora Telechoff e de seu cão "Moustache" e de seus cinco filhos. - O Senhor e a Senhora Bettany viram uma senhora de idade em seu quarto. - A Senhora Paget e suas filhas ouviram os passos de Arthur no corredor. - O coronel Wyntard e o Senhor Sherbrooke viram passar o Senhor Wyntard. - O Senhor Weld e sua filha viram caminhar numa avenida Philippe Weld, que acabava de morrer. - A mãe e as irmãs do coronel Aylesbury ouviram a voz do Senhor Aylesbury. - O Senhor e a Senhora L... ouviram, os dois, a voz de seu filho. - O Senhor Done e Rosy ouviram Eustaché chamá-los, cada um sucessivamente, pelo seu nome; porém não parece que Done tenha escutado chamar Rosy, nem que Rosy tenha escutado chamar "Tio, tio".

Assim mesmo, apesar da aparência, não se pode admitir que tenha havido, em todos os casos de alucinação coletiva, um fenômeno exterior da ordem dos fenômenos exteriores conhecidos, pois que a alucinação foi diferente.

11. - Quase sempre, com toda certeza, a monição foi absolutamente subjetiva. O Senhor F..., do Royal Military College, vê no campo uma mulher que carregam, mas é o único a ver. O amigo que o acompanha não vê nada. - A Senhora Tauton vê, no teatro, entre ela e a orquestra, a forma

de seu tio. O Senhor Tauton, que estava ao seu lado, não vê nada e lhe diz: "O que tendes?" - O Senhor B... tomava chá com seu filho e sua nora, vê uma figura na janela, mas nem seu filho nem sua nora a viram. - A Srta. Stella vê um rapazinho entrar; ela lhe fala, oferece-lhe um capote; o Dr. G..., que chega nesse momento, espanta-se e diz: "Com quem fala você?" - Kate Shermann vê o fantasma de seu irmão; ela o diz a sua irmã, que descansa a seu lado, porém Elisabeth Shermann não vê nada.

Muitas vezes o percipiente interroga as pessoas da casa para saber se eles viram entrar ou sair alguém; mas, em geral, quase que sem exceção, nada foi visto.

E no entanto, em todos esses casos diversos, a aparição revestiu-se de todas as aparências de realidade.

Os casos de aparição verídica unicamente subjetiva são de tal modo freqüentes que, se não se levasse em conta às materializações experimentais, quase se poderia concluir que todas as monições são subjetivas. Mas, ainda uma vez, é preciso que se entenda bem a palavra subjetiva. É o que vou procurar explicar no capítulo seguinte.

§ 4. - Da forma simbólica que tomam as monições

Desde o momento em que o percipiente tem noção de um fato, conhecimento de um fenômeno que os sentidos normais não lhe podem revelar, é absolutamente necessário que uma vibração exterior se tenha produzido para tocar a sua inteligência. Por conseguinte, é possível que esta vibração se tenha comunicado a outros sem ser ele, e então que uma

pessoa além dele tenha sentido também esta monição. É assim talvez que se podem explicar certas monições coletivas (porém não todas). O Senhor Done ouve uma voz que grita: "Tio! Tio!" e no mesmo momento Rosy ouve uma voz que diz: "Rosy! Rosy!" Parece que o chamado, ouvido por duas pessoas ao mesmo tempo, se tenha produzido por um símbolo diferente no tio Done e em Rosy.

O que domina a história de todas as monições é a tendência ao símbolo. Nós nos vemos, mesmo no estado normal, como disse um grande poeta, em uma floresta de símbolos. E as criptestesias tornam-se simbólicas para comover nossa consciência. Tudo se passa como se, para fazer compreender nossa inteligência, essas monições, seguramente de origem intelectual, tinham necessidade de se adaptar à nossa própria inteligência. Elas se dramatizam e é impossível não admitir a fecundidade dessas invenções dramáticas - pois são certamente invenções - que culminam finalmente numa monição determinada.

E. Bozzano, o psicólogo a quem se devem tantos estudos penetrantes e sagazes sobre os diversos pontos da metapsíquica, insistiu sobre a forma simbólica das criptestesias. Assim, a Senhora Thompson, cuja força criptestésica é de todo notável, em vez de dizer: "Merrifield"; diz "Merri man, Merri thought, Happy field (28).

(28) - A. S. P., 1907, 638.

Contei a curiosa história da Senhora X... que, estando só em sua casa, em uma experiência de lucidez, procurou adivinhar o nome da pessoa que conversava comigo. Ela vê uma forma humana bem caracterizada, que toma o nome de Henri. Mas ao mesmo tempo, em frente à sua porta, estava

um arauto de armas, com talabarda, sapatos com fitas, e tricórnio engalanado, impedindo os outros espíritos de vir ao quarto; pois eles se precipitavam para entrar e fatalmente uma confusão estabeleceu-se entre eles e Henri (29).

(29) - Ch. RICHET, *Discours presidential à la Soc. Fr. Psycho. Res.*, 6 de fevereiro de 1905, P. S. P. R., fase 4. O nome HENRI foi dito exatamente, com uma probabilidade (calculada) de 1/20.

A Senhora A... contou-me que, em sonho, ouviu tocar a campainha da porta. A arrumadeira entra assustada e lhe diz: "Senhora, é a Morte". Então a Senhora A... diz que não se deve fazer esperar a Morte, e, subitamente encontra-se na presença de um caixão. Nesse caixão reconheceu a Senhora Gaston Tissandier, cuja morte recente ela ignorava.

Jean Jules Bigard sonha que está morto e que um empregado do Cartório lhe mostra sua certidão de óbito, o que o faz rir. Nessa mesma noite era mortalmente ferido o soldado Jean Jules Bigard, seu tio.

O Rev. Mark Hill vê um homem que se atira sobre ele com tanta violência que o Senhor Mark Hill, assustado, pega um copo sobre a mesa e atira-o na cabeça do fantasma.

Emma Burger vê entrar o noivo no seu quarto. A porta abre-se e fecha-se.

Longet, professor de fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, viu em sonho seu amigo Cloquet, que acabava de morrer sem que Longet soubesse, entrar em seu quarto, atirar seus livros sobre o soalho e dizer: "Agora não tenho mais necessidades de nada".

O Senhor Weld viu seu filho Philippe passear na estrada com duas outras pessoas (imaginárias).

A Srta. Barr vê uma mão que agita o cortinado de sua cama: esta mão traz um anel que ela reconhece ser o anel de

seu primo, o capitão X..., que, no mesmo momento, morria acidentalmente no Canadá (30).

(30) - *Phant. of the Living*, pg. 406.

O Senhor Brighton, estando em sua cabine, tem um sonho muito complicado. Vê dois fantasmas que estão suspensos ao lado do tubo da chaminé, os quais desciam pelas cordas que retinham as amarras do navio. Esses dois fantasmas emitiam sons musicais que se transformam em gritos de triunfo quando as duas sombras percebem que elas desamarraram o navio. Este então vai ao léu, é agarrado pelos turbilhões. O Senhor Brighton acorda, pula de sua cama, e sobe ao tombadilho. A noite estava calma, porém a amarra que retinha o navio estava partida. Com sacrifício, o Senhor Brighton e seu companheiro puderam encontrar outras cordas e evitar assim um grave perigo (31).

(31) - *Fr. MYERS, P. S. P. R., VIII, 401.*

É um belo exemplo de sonho simbólico; porém é difícil ver nisso alguma criptestesia. É muitíssimo provável a noção inconsciente do perigo que chegou à consciência do Senhor Brighton sob esta forma pitoresca e dramática.

Assim também simbólico é o jantar sonhado pela Senhora B..., jantar onde todo o mundo conversava, salvo o tio A..., que fica mudo. Nesse momento, o tio A... acabava de morrer. Ora a Senhora B..., que sonhava, ignorava a morte do tio A... Ela não compreendeu porque nesse jantar o tio..., era o único que não falava (32).

(32)-*A. S. P., XVII, 728.*

A Senhora J. Adam vê a imagem de sua avó que, para avisá-la de que está bem morta, mostra-lhe seus olhos, cujas órbitas estão vazias (33).

(33) - *BOZZANO, Symbolisme et Phénomènes métapsychiques, A. S. P., 1907, XVII, 716.*

Os exemplos de simbolismo, recolhidos por Bozzano, são admiráveis, e testemunham a fecundidade da inteligência inconsciente, certamente mais rica do que a inteligência normal para a imaginação de detalhes. Entretanto, a forma imaginativa, criadora do sonho, é, como se sabe, de uma variedade infinita. A Senhora Johnson, todas as vezes que tem uma preocupação, vê moscas a persegui-la, que surgem de baixo e vão contra seu rosto. A ilusão é completa e ela não separa essas moscas imaginárias da realidade.

A Senhora Wilve, esposa do Dr. Wilve, vê um cavalo branco e um cavalo preto galoparem nos campos, conduzindo um carro, no qual a Senhora Wilve reconhece alguém a quem deve ocorrer um acidente grave.

Freqüentemente a idéia de morte se apresenta sob a forma de caixão.

A Senhora A... vê em sonho sua mãe chegar com três ramalhetes; ela quer pegar um (o segundo); porém ele cai, e a Senhora A..., que tem três irmãos, pensa no segundo de seus irmãos. Com efeito, esse rapaz morria algum tempo depois.

Um caso inverossímil de simbolismo foi narrado por Flammarion (34). A Senhora Marechal, em Paris, vê, em uma sonolência pesadelo, um espectro que lhe diz apertando seu braço: "É preciso que teu marido ou tua filha, um dos dois morra. Escolhe". Momento de agonia terrível. Ela se decide (mentalmente) a aceitar o sacrifício de seu marido para salvar a filha. Cinco dias depois, o Senhor Marechal, que não estava na aparência, de modo algum doente, morre. "Interroguei separadamente sobre esse assunto a Senhora Marechal e sua filha, diz Flammarion, e para mim, sobre a autenticidade dessa história estranha não existe dúvida".

(34) - *La morte et son mystère*, pg. 95.

A Senhora Wickman, uma noite, despindo-se, sente uma mão pousar sobre sua cabeça e seu pescoço; uma boca fria e gelada resvala a sua e ela ouve uma voz que lhe diz: "Adeus! Adeus!" - O Senhor Bard vê a Senhora Freville passear no cemitério. - O Senhor Jones vê um caixão, e nesse caixão, a imagem de sua irmã. - A Senhora Beaugrand ouve um ruído pavoroso de tempestade no momento em que seu marido perece num naufrágio. - O Senhor T... percebe a imagem de um túmulo onde está inscrito o nome de seu amigo... - O tenente V... sonha que seu amigo o tenente L... caiu num buraco de obuzes, rodeado de inimigos, e chama por socorro. - A Senhora Paget ouve o passo pesado de seu criado no corredor, parar no lugar em que existe um bico de gás para apagar. - A Senhora Matthews vê Suzanne que levanta as cobertas de sua cama e deita-se ao seu lado. - O fantasma do pai de Sings passeia no tombadilho do vapor, toca seu filho no ombro e diz: "Cuidado com teu leme, Joe". - O Senhor Noell ouve sua irmã que o chama em voz lacrimosa e lhe diz: "Venha, Luís, então venha!".

Ora todas essas imagens eram monições; pois elas correspondiam a mortos, acontecimentos que o percipiente não podia conhecer pela via normal.

É bem verossímil - e mesmo quase certo - que em todas essas circunstâncias dos fatos objetivos exteriores, mecânica e fisicamente análogos à imagem alucinatória, não se produziram; que, se houvesse chapas fotográficas, microfones, balanças, fonógrafos, não teria havido inscrição gráfica. A monição - cujo processo nos é radicalmente desconhecido - traduz-se para o percipiente por um símbolo. E quem diz símbolo, diz o contrário da realidade. "O

símbolo corresponde a uma realidade: ele não é a própria realidade".

O que parece provar que na maioria dos casos a alucinação é simbólica, é que, quando se trata de um fenômeno visual, o fantasma não está nu, mas vestido. Tem tais ou quais vestes, habituais ou fora de uso. Ele abre uma porta e a fecha. Ele retira as cobertas da cama. Tratando-se de materializações, seria necessário, portanto, admitir a materialização simultânea de tecidos, de vestimentas, de objetos diversos, aparecendo ao mesmo tempo em que o fantasma. Certamente, isso é possível, como indicam as materializações experimentais. Assim mesmo, é mais simples admitir que não existe materialização de tecido ou de objetos, e que tudo se passa no espírito do percipiente. Parece-me evidente que a maioria das monições são unicamente subjetivas. Não ousarei dizer que todas elas o são, mas as monições nitidamente objetivas são raras, ou pelo menos a objetivação não se apresenta sob uma forma de objetivação comum, mecânica, luminosa, térmica.

Mesmo quando na aparência a objetividade é completa, pode-se ainda duvidar.

Alguns minutos depois da morte da Senhora L... todas as pessoas que estavam na câmara mortuária (salvo a Srta. H...), isto é, Eliza W..., Charlotte e o Dr. G... que havia tratado da moribunda, ouviram durante alguns segundos vozes femininas, três vozes, uma música extremamente suave, como uma harpa eoliana. Mesmo Eliza W... julgou ouvir as palavras: "The strife is over, the battle done". Duas pessoas que haviam saído do quarto voltaram de novo para ouvir essa música. A noite estava perfeitamente calma; não havia ninguém do lado de fora.

E no entanto os fenômenos foram certamente subjetivos, primeiro porque o Senhor L..., que estava presente, não ouviu nada e em seguida porque as diferentes pessoas, que ouviram esses cantos, cada uma os representou de uma maneira diversa (35). Eis aí, portanto, um caso extremamente interessante, pois estabelece que podem existir alucinações que, se bem que coletivas, guardam, no entanto, um evidentíssimo caráter de subjetividade.

(35) - *Phant. of the Living*, I, 446.

Não separamos as monições recebidas durante o sono e as que foram recebidas em estado de vigília. Com efeito, existe uma série de estados intermediários (*borderland*) entre a vigília e o sono, transições e nuances, que não permitem, em absoluto, classificar resolutamente todas as monições em um ou outro grupo. Muitas vezes elas começam durante o sono e terminam durante a vigília; algumas vezes, o percipiente é tomado de uma espécie de preocupação e de estupor que se aproximam singularmente do sono.

Mesmo quando o percipiente permanece acordado, a visão toma nitidamente o caráter de um sonho. Então é o mesmo estado de credulidade, segundo a feliz expressão de A. de Rochas: a ausência de admiração, a aceitação das mais imprevistas coisas. Com efeito, não existe senão uma única diferença entre o estado mental de um indivíduo que sonha e o de um indivíduo que vela: é que o indivíduo adormecido não pode fixar sua atenção sobre os objetos reais que o rodeiam. É transportado a um mundo imaginário e ele não corrige, por sensações precisas, as divagações de seu pensamento. É esta ausência de correção que constitui essencialmente o estado de sonho. Não se sabe mais onde se está. Não se é chamado à realidade concreta pelas energias

mecânicas e físicas do meio ambiente. A atenção não se pode fixar e não existe mais vontade diretriz. Tal é mais ou menos o estado mental dos indivíduos que recebem uma monição.

Para a maioria das monições, não supor que elas são subjetivas, é também insensato supor que, em nossos sonhos, as imagens que nos aparecem não são unicamente subjetivas. Se vemos em sonho um enterro, um caixão de defunto e, nesse caixão, nosso irmão, seria desmesuradamente absurdo supor que um caixão foi trazido em nosso quarto com o corpo de nosso irmão dentro. Por que seria de outro modo na alucinação verídica? Sonha-se completamente acordado. Eis tudo. E não é uma razão suficiente para acreditar num fenômeno objetivo o dizer: "Mas eu estava acordado". Como se a construção de um sonho devia ser impossível porque se julga estar acordado!

Que elas se produzam durante o sono, no estado intermediário, ou durante a vigília, as monições têm sempre o mesmo caráter simbólico. Em si mesmas, os detalhes da visão não têm mais importância do que os detalhes bizarros, múltiplos, extraordinariamente fantasistas, que acompanham em geral todos os sonhos. Portanto, os narradores têm absolutamente razão em insistir sobre esses detalhes; pois, ao lado do fato principal, da monição essencial, existem fatos acessórios, muitas vezes exatíssimos, que permitem precisar o fenômeno. Nesta singular mistura de realidade e de construções imaginárias, a lucidez vai exercer-se não somente sobre o fato essencial mas também, e algumas vezes, com uma curiosa predileção, sobre as circunstâncias exteriores acessórios. Portanto, numa história não se deve nada omitir, pois se correria o risco de silenciar o que é mais

interessante. E isto se aplica tanto ao sonho quanto ao estado de vigília.

Não fiquemos em consequência, surpresos ante a forma simbólica de muitas dessas monições e não liguemos um valor demasiado à forma desses diversos símbolos. O que importa é a lucidez, isto é, a percepção (criptestésica) de um fenômeno verdadeiro, fenômeno que nossa imaginação majora de detalhes ora exatos, ora fantasias. E eu não penso que exista melhor expressão para definir essas monições de forma alucinatória do que chamá-las sonhos que se têm completamente despertos.

DA HIPÓTESE TELEPÁTICA DAS MONIÇÕES

Se bem que os autores dos "Phantasms of the Living", em seu admirável trabalho, considerem as monições como casos de telepatia, e tendam a admitir que, muitas vezes, senão sempre, houve da parte do paciente como que um esforço para fazer chegar seu pensamento ao percipiente, estou longe de considerar esta hipótese a mais racional (pois evidentemente não se pode falar senão de uma hipótese).

Parece muito simples dizer: "O pensamento de A... transmite-se ao pensamento de B...".

Mas, com já indiquei mais acima, inúmeras vezes, esta proposição não é simples em absoluto. Então, no estado de ignorância em que estamos das leis e das causas, prefiro uma outra hipótese que não prejudica nada e eu me contentarei em dizer - pois nossa pobre ciência não pode mesmo ir mais

longe - que B..., por um fenômeno que me é desconhecido, sabe o que A... pensou.

Porém, sabe ainda mais. Ele sabe o que pensou A..., certamente, mas é porque o pensamento de A... é. Com efeito, ele pode saber o que ninguém sabe: ele sabe o que é.

Digo a Stella: "Dê-me o nome de duas empregadas que estavam comigo durante minha infância". Ela me responde (mas somente no dia seguinte), Mélanie. Ora eu não pensava em absoluto em Mélanie. Durante mais de cinquenta e cinco anos, seu nome não se apresentou à minha memória. Não é mais simples supor que Stella disse a realidade, a verdade, antes de admitir que ela leu um dos meus mais inconscientes pensamentos e penetrou uma recordação relegada num dos mais obscuros recantos de minha memória?(36).

(36) - Para ser exato, pensava apenas no nome de duas outras empregadas: DOROTHÉE e LOUISE. Não pensava de modo algum na terceira, que era MÉLANIE.

Quando a Senhora Green percebe duas mulheres, que na Austrália se afogam, é verossímil que essas moças, que nunca vieram à Inglaterra e não conheciam a Senhora Green, tia de uma delas, tenham pensado na Senhora Green com tal força, que esta vibração pode atingir 20.000 Kms., em vez de ir emocionar seus parentes que estavam mais próximos. A Senhora Freville não conhecia o Senhor Bard, ou o conhecia ligeiramente. O Senhor Phibbs vê seu cão Fox mortalmente ferido junto de um muro. É muito mais razoável supor que é a noção desse fato que tocou seu espírito, em vez de admitir que a alma de Fox foi perturbar o cérebro do Senhor Phibbs. Finalmente, a lucidez acidental, que se traduz por monições, nos conduz à conclusão de que trouxemos a lucidez experimental, a saber, que existem processos de

conhecimento, pela inteligência, que são diferentes de nossos processos de conhecimento habituais.

É possível que haja em certas famílias uma aptidão hereditária à lucidez. O Dr. Ludwig (37) cita um caso bastante interessante de dois irmãos e duas irmãs, com os quais se passaram fenômenos de criptestesia muito nítidos.

(37) - *Telepathische Veranlagung (Psychische Studien, XLVII, 1920, 456).*

O Senhor Emile Laurent (38) insistiu com razão sobre certos caracteres gerais das monições, mostrando que elas parece pararem desde que a monição seja compreendida. Quero crer que o efeito escolhido pelo manifestante tenha sido precisamente aquele que tinha menos possibilidade de passar despercebido, sendo o mais susceptível em despertar a atenção. Fica-se tentado a admitir que uma espécie de escolha foi feita entre as possíveis manifestações, que não podiam dar em resultado causas vulgares. O Senhor Laurent conclui que as monições são inteligentes. Esta conclusão parece necessária. Porém não se segue daí, em absoluto, que a inteligência produzindo a monição não seja a do próprio percipiente. Assim mesmo, somos forçados a supor, pelo menos provisoriamente, que as monições, seja qual for à hipótese que se adote sobre sua origem, geralmente são escolhidas e bem escolhidas.

(38) - *Remarques sur les manifestations télépathiques, A. S. P., 1907, XVII, 161-176.*

Ajuntemos: 1.º - que são simbólicas; 2.º - que causam na memória do percipiente uma impressão de tal modo forte que ele guarda todos os detalhes presentes no espírito durante muito tempo; 3.º - que não provocam o prodigioso terror que se poderia supor.

Não se podem mencionar as legendárias histórias (e pouco verossímeis) dos sonhos monitores históricos.

Parece que Sófocles, o grande poeta, teve um sonho criptestésico. Hércules apareceu-lhe e indicou-lhe onde estava uma coroa de ouro que havia sido roubada. Uma recompensa considerável estava reservada àquele que pudesse descobri-la e Sófocles obteve a recompensa (39).

(39) - FREUDENBERG. *Ein Hellscher im klassinschen Alterthum (Psychische studien, XLVII, 1920, 495).*

Uma célebre monição de Swedenborg chama a atenção de Kant (40). A Senhora Martiville, viúva do embaixador da Holanda em Estocolmo, foi convidada com ameaças, por um ourives, a pagar uma certa quantia de dinheiro (compra feita pelo falecido marido). A Senhora Martiville, convencida de que esta quantia havia sido paga, tem o estranho pensamento de pedir a Swedenborg se ele não poderia, conversando com seu falecido marido, saber a verdade. Três dias depois, Swedenborg, sem nada explicar quanto à origem de seu conhecimento, foi procurar a Senhora Martiville e lhe diz que a quantia em apreço havia sido paga e que o recibo se achava em tal gaveta, de tal móvel, de tal quarto. Era exato.

(40) - Veja OLIVER LODGE, *La survivance humaine, trad. fr., 98.*

De todos esses fatos, novos ou antigos, concluiremos uma vez mais:

Existem na natureza vibrações desconhecidas que emocionam a inteligência humana e lhe revelam fatos que os sentidos são incapazes de explicar.

Se admite a telepatia, não há senão uma palavra a modificar nesta proposição. Bastará dizer vibrações do pensamento humano, em vez de dizer, vibrações desconhecidas. Mas isto é restringir singularmente a criptestesia e por conseguinte desvirtuá-la, limitando-a as vibrações do pensamento humano.

§ 5. - Da freqüência das monições

Os fatos referentes as monições são muito mais freqüentes do que se acredita. Quando se chega a falar com alguém que demonstra ser cético, ele geralmente responde: "poderia citar um fato dessa ordem, que me é pessoal e que é bem singular".

E esse fato singular, que lhe parece convincente, ele o aceita voluntariamente, conta-o com uma satisfação ingênua; no entanto, em sua infantil inseqüência, recusa-se a admitir outros fatos, sem dúvida mais convincentes, que não venham dele.

Não temo dizer que, quase que em cada família, sem exceção, se poderiam recolher relatos mais ou menos bons de telepatia. Se não os dão à publicidade é antes porque são bem pouco probantes (então há de fato razão para não atravancar a literatura) e, por outro lado, porque se teme o ridículo e sobretudo porque não se quer fazer um pequeno esforço que consistiria em rodear de documentos precisos, de datas, de números de cartas, de papéis oficiais, um fato que, simplesmente contado e desprovido de documentos, não possui grande valor.

As monições produzem-se mais ou menos independentemente da idade e do sexo. Elas se realizam de dia talvez um pouco menos vezes do que de noite, no início do sono, ou no momento do sonho.

Estejamos sobretudo certos que é um fenômeno psicológico mais comum do que em geral se crê. Desde que não se tenha mais medo de ser tomado por visionário porque se teve uma monição, os casos vão multiplicar-se. Seria loucura atribuí-los seja a uma colossal fraude, repetindo-se

há cinqüenta anos em todo o país, seja a uma série de ilusões grosseiras. Seria tão desarrazoado considerar todos esses casos como fortuitos. A multiplicidade, a inverossimilhança, a precisão de alguns detalhes contradizem esta conclusão.

Estamos, portanto, na presença de um fenômeno inexplicável, porém conhecido. Não é este o caráter da maioria dos fatos da ciência? De fato, desde que se tenha a assinalar um novo caso de monição, podemos quase sempre lhe achar uma analogia com os casos classificados. Do mesmo modo que um botânico, que traz na sua caixa algumas plantas que acaba de recolher, poderá sempre ligar essas plantas a espécies conhecidas. Eis em que constitui o caráter científico de um conhecimento.

Graças à experimentação tivemos a prova irrepreensível da criptestesia. Graças à observação, por outros métodos, diferentes, mas quase tão certos, a mesma prova nos é trazida também.

Para que se possa dar conta do interesse dessas monições, reuni nas páginas que se vão seguir, um elevado número. Que a leitura seja monótona, é mais do que certo, mas se trata aqui de um livro de ciência, de uma demonstração a fazer e não de um livro de divertimento.

É intencionalmente que quisemos reunir aqui muitos dos numerosos casos de monições que foram devidamente constatados. Com efeito, eles valem, não somente pela sua qualidade, mas ainda pela sua quantidade. Não é possível, é extremamente absurdo que todos esses fatos, dos quais muitos são autenticados por investigações e contra-investigações, sejam falsos ou errôneos. Cada pessoa não prevenida que ler esses testemunhos adquirirá a certeza que

não existem mentiras, nem exageros, nem acasos multiplicados que possam explicar todas essas monições.

Os fatos que damos provêm de diversas fontes. A principal, a mais abundante, e ao mesmo tempo a mais justamente severa, é a investigação conduzida pela Society Psychical Research. Os sábios e conscienciosos autores dos *Phantasms of the Living*, Ed. Guernsey, Fr. Myers e Podmore, consignaram nesse livro admirável suas observações. Foram, com razão, muito exigentes para os testemunhos e não admitiram, salvo raras exceções, senão os relatos feitos pelo próprio percipiente. Ainda mais constantemente, tomaram cuidado, quando se tratava de uma monição de morte, de comprovar também com a certidão de óbito.

A investigação da Society Psychical Research pode ser considerada como um modelo de perseverança e de coragem. Tem uma precisão científica que as outras investigações não podem nunca esperar igualar.

Esta investigação continua em nossos dias. Os *Proceedings* da Sociedade contêm, em cada um de seus números, dados de um interesse extremo, e não se pode fazer nada, mesmo de passagem, sem haver consultado esses documentos, bem como os da sociedade americana similar.

Uma outra investigação importante, corajosa e científica também, foi empreendida por Camille Flammarion nos *Annales politique et litteraires*, *Petit Marseillais* e *Revue des Revues*. Houve 4.280 respostas: 2.456 responderam que não tinham fenômenos metapsíquicos para narrar, 1.824 responderam que sim. Foi preciso eliminar um elevado número de respostas insignificantes. Sobraram 786, das quais somente umas cinquenta mereceram ser considerada,

pois é preciso, como sabiamente decidiu a Society for Psychical Research, eliminar mais ou menos todos os relatos que não são de primeira mão. Encontram-se esses documentos consignados em um excelente livro de C. Flammarion (41), livro rico de fatos e de idéias, porém às vezes muito acolhedor para relatos de autenticidade duvidosa.

(41) - *L'inconnu et les problèmes psychiques*, Paris, in-12°, 1900.

Na investigação inglesa, houve 5.705 respostas. Sobre essas 5.705, houve 590 alucinações subjetivas e 423 em que a alucinação parece ter sido exteriorizada.

Porém tais estatísticas são inoperantes, pois, em geral, quando não se tem nada de interessante a dizer, não se responde. A pequena investigação que empreendi no *Bulletin des Armées*, durante a guerra, trouxe-me uma centena de respostas, das quais, umas trinta é para se considerar; e entre essas trinta, há sete ou oito que são de um interesse poderoso. Serão mencionadas mais adiante.

É preciso ajuntar a esses documentos os fatos consignados nos livros e jornais especializados, nos *Annales des Sciences Psychiques*, os *Psychische Studien*, *Light*, *Religio-philosophical journal*, *Luce e Ombra*, *Banner of Light*, etc.

O conjunto é uma imponente massa documentária. Francamente, quando se considera em separado cada um desses relatos, se vê que são imperfeitos e não fornecem senão uma vaga demonstração. Mas é pela sua própria condição de ciências de observação que não podem jamais atingir a certeza que dão as ciências experimentais, pelo que há necessidade de serem multiplicadas para autorizar uma conclusão.

Se, após haver lido com cuidado as narrações que damos aqui, não se ousa concluir que existem monições, isto é, uma relação (cujo mecanismo permanece misterioso) entre tal acontecimento exterior e nossa inteligência, sem que nossos sentidos nem nossa razão nos tenham podido fazer conhecer nada sobre esse conhecimento, então é preciso renunciar a toda ciência de observação ou de tradição. É preciso duvidar de que existem aerólitos e de que Carlos Magno existiu.

Definitivamente, as monições (lucidez acidental) confirmam a lucidez experimental, do mesmo modo que a lucidez experimental corrobora fortemente a lucidez acidental.

II. - DE ALGUMAS MONIÇÕES NÃO COLETIVAS, ALÉM DAS MONIÇÕES DE MORTE

O ilustre William James cita e analisa um magnífico caso de criptestesia (42).

(42) - P. Americ. S. P. R., I, 2.

Uma jovem, Berthe, desaparece no dia 31 de outubro de 1898, em Enfield (New Hampshire). Procuram-na ativamente. Mais de cem pessoas são enviadas para explorar os bosques e as margens do lago. Sabia-se que ela se tinha dirigido para a ponte Shaker; porém não foi vista além. Um escafandrista havia feito sondagens no lago e junto da ponte, mas nada pode encontrar. Ora na noite de 2 para 3 de novembro, a Senhora Titus, em Levanon, que está a 8 km de Enfield, sonha que vê o corpo de Berthe, num lugar determinado. No dia seguinte de manhã, ela vai à ponte

Sharke e indica ao escafandrista, com muita exatidão, o lugar onde devia achar-se o corpo de Berthe, a cabeça para baixo, diz ela, e de maneira que não se podia ver senão a galocha de um de seus pés. O escafandrista, seguindo as indicações da Senhora Titus, encontra o corpo, que estava envolvido nas ramagens, a 6 m de profundidade; a água estava muito escura. "Fiquei muito impressionado, diz o escafandrista. Os cadáveres na água não me causam medo, mas eu tinha medo da mulher que estava na ponte. Como uma mulher pode vir de 8 km de distância para me dizer onde está o corpo? Jazia num buraco profundo, a cabeça para baixo. Estava tão escuro que eu não podia ver nada".

O Rev. Drake vai um dia ver um de seus amigos, o Senhor Wilson, cuja filha Jessie havia partido para as Índias havia já algum tempo e lhe diz: "Sei que sua filha chegou às Índias hoje, "5 de junho". "Mas é impossível, diz o Senhor Wilson, o vapor não deve chegar senão lá pelo dia 15 de junho, o mais cedo". - "Não acredita no que digo. Escreva-o na sua caderneta e anote a data". Então o Senhor Wilson escreve na sua caderneta: "Rev. J. Drake e Jessie, 5 de junho de 1860". Nunca se pode saber como o Senhor Drake tivera esse sonho, essa visão, ou, como ele tinha o hábito de dizer, esta clarividência, que lhe havia dado tal certeza.

O Senhor Bachelot, de Angers, recebe do sargento Morin um anelzinho de alumínio, tal como os soldados artistas comumente fabricam nas horas de lazer, nas trincheiras. Uma noite (noite de 7 para 8 de março) o Senhor Bachelot está acordado devido a uma dor muito viva no dedo que está com esse anel, e sente a sensação que apertavam seu dedo num torno. Maquinalmente, meio adormecido, retira-o e, no dia seguinte, julga tê-la perdido. A idéia de que aconteceu

alguma desgraça ao seu amigo Morin apodera-se de seu espírito. Manda saber notícias suas, e fala dos seus temores a três pessoas: Senhor G..., Senhor S..., e a Senhora S... (que comprovam esses detalhes). No dia seguinte vem a saber que Morin foi ferido (pouca gravidade) na noite de 7 para 8 de março, exatamente em 8 de março às 4 horas da manhã (43).

(43) - *Sindicância do Bulletin des Amées.*

A história é curiosa, porém, talvez, não haja nisso senão uma coincidência.

Na noite de 23 para 24 de setembro, a Senhora K... escreve a sua mãe: "Que fazem vocês três? Espero que estejam com boa saúde, se bem que sonhei estes dias que mamãe havia quebrado a perna. Pensem um pouco!" Ora no sábado, 23 de setembro, a filhinha da Senhora K..., com a idade de 12 anos, que se achava em vilegiatura em casa de sua avó, a mãe da Senhora K..., havia quebrado o braço. Em seu sonho, a Senhora K... entre os numerosos pesadelos viu nitidamente a casa de sua mãe e teve a impressão de que um acidente havia ocorrido a um dos seus (44).

(44) - *Sindicância do Bulletin des Amées.*

Não me refiro a esse caso senão para indicar esses que de modo algum se devem aceitar, pois que existem dois enormes erros: o braço quebrado da menina em vez da perna quebrada da mãe.

A Senhora Claughton deu um belo exemplo de lucidez que foi controlado com o maior cuidado por Fr. Myers. Somos obrigados a abreviar bastante este interessante relato, talvez mais admirável como premonição do que como monição (45).

(45) - *Deve-se ler com cuidado na narração original, P. S. P. R. XI, 547.*

A Senhora C... residia em uma casa (Slake Street, n. 6) pertencente à Senhora Appleby. Esta casa era, ao que parece,

assombrada pela mãe da Senhora Appleby, a Senhora Blackburn, que ali morrera. A Senhora C... aí estava havia cinco dias, quando viu uma forma semelhante à da Senhora Blackburn: "Se duvidais que sou eu, disse o fantasma, eis a data do meu casamento nas Índias". O fantasma indica então à Senhora C..., que devia ir a Maresby ver o túmulo do Senhor Georges Howard (cujo nome, data do casamento e data de óbito foram dados), que se encontraria na igreja a sepultura de Robert Hart; que, chegando a Maresby, não lhe pediriam a ela, Senhora C..., sua passagem de trem; que ela se alojaria em casa de um homem moreno, chamado J. Wright; que a esposa desse Joseph Wright tinha um filho enterrado no cemitério; que ela encontraria rosas brancas sobre os túmulos. Na realidade, tudo se passou como a Senhora Claughton o havia previsto.

Note-se que jamais a Senhora Claughton ouviu falar de Maresby nem de nenhuma das pessoas mencionadas.

O Senhor Fred. Marks, estando em Newhaven, viu, durante o dia, porquanto adormecera em sua cama, seu irmão que estava num pequeno navio à vela, pronto a afundar devido a uma tempestade. Viu dois rapazes, dos quais um era seu irmão, no navio. Um dos dois procurava atirar fora a água, enquanto o outro tentava suspender a vela do mastro. O navio levantou-se afinal e pareceu chegar à margem. Ora nesse mesmo dia, a 200 milhas dali, em Wallingford, sobre o lago Oneida, Charles Marks e um amigo seu quase morreram afogados devido a uma tempestade terrível que os assaltou no lago Oneida.

O Dr. Marcel Baudouin, que conheço como observador escrupuloso, pode (o que é raro) observar um caso de monição.

Estando em visita em casa da Senhora X..., viu-a de repente, às 11,30 horas da manhã, derramar abundantes lágrimas, em meio a uma conversa banal. Uma hora depois, vinham procurar a Senhora X ... para lhe dizer que sua irmã estava gravemente doente. De fato a Senhora Z..., irmã da Senhora X... havia sido tomada de uma crise aguda (e mortal) de angina de peito, na mesma hora em que a Senhora X... teve, na presença do Dr. M. B... uma crise inopinada de lágrimas, ela que não chora quase nunca, que jamais o Dr. Baudouin vira chorar e que também não viu chorar depois (46).

(46) - A. S. P., 1900, X, 129.

O capitão M... é abatido, no dia 27 de agosto de 1914, com uma bala em pleno peito e deixado como morto sobre o campo aproximadamente às 23,30 horas. Ora nessa noite, na mesma hora, um de seus filhos, com a idade de 15 anos, que dormia profundamente, levanta-se, vai acordar sua mãe e lhe diz: "Mamãe, papai está ferido, mas não está morto".

O Senhor Fryer ouve ser chamado por seu irmão "Rod", com tanta nitidez, que o procura em toda a casa. Vários dias após, seu irmão lhe diz que descendo do vagão, caiu violentamente sobre o cais e que caindo havia gritado o nome de seu irmão "Rod!" As horas correspondiam exatamente.

A Senhora X..., nada mística e não possuindo nenhuma tendência para acreditar nas coisas chamadas ocultas. viajando de trem durante o dia, adormece um instante, e vê uma cena que lhe parece real. Um de seus amigos, a cavalo, experimentando galgar um murinho, leva uma queda sem grande gravidade. Ora esse fato, que nada habitual lhe podia fazer conhecer, era exato.

A Senhora West, na Norvégia, esperando seu pai e sua mãe que viajavam, sonha que ela os vê num trenó que se choca com outro que vinha em sentido contrário. A Senhora West vê seu pai fazer empinar o cavalo, que passa sobre ele; ela grita então: "Papai, papai!" depois desperta assustada, e quando pela manhã seu pai chega, ela lhe conta seu sonho: "Então o Senhor não está ferido? Eu vi o cavalo empinar-se! Porém não pude ver se o Senhor estava ou não ferido". Na realidade, o Senhor Cowes, pai da Senhora West, descendo rapidamente uma ribanceira, cruzou uma carriola, e por pouco não foi de encontro a ela, fazendo empinar o cavalo, que se afocinou. O Senhor Cowes, filho, que o seguia, ficou bastante inquieto e não sossegou senão quando viu que seu pai não tinha ferimentos.

No hospital de Munique (47), um soldado aviador, retido no hospital em virtude de uma afecção pulmonar, desperta no meio da noite, no pátio; tivera um acesso de sonambulismo, e sonhou que ele, no avião, voara até Schleisheim, que viu lá uma sentinela, seu amigo N..., que se pusera a tremer de medo: "Pois não me reconhece?" disse-lhe então A... - "Ah! é você?" respondeu-lhe N..., "que vem fazer aqui?" No dia seguinte cedo. A..., persuadido de que havia qualquer coisa de real em seu sonho. escreve a N..., para lhe contar o caso. Ao mesmo tempo. como indica o selo do correio, N... escreve a A... para lhe dizer que, estando como sentinela durante essa mesma noite, o viu chegar e o ouviu dizer: "É você, Joseph?" Ouvi distintamente sua voz, ajunta ele. As duas cartas cruzaram-se.

(47) - *Zwei deutsche Professoren gegen die Telepathie*, por S. CLERICUS (Psychische Studien, XLIV, 1919, 350).

A Senhora May Lichfield, lendo uma noite em seu quarto, tem a sensação súbita de que alguém entra na casa.

Não vê nada, mas sente um longo e terno beijo na fronte. Levantando a cabeça, percebe seu noivo, de pé, atrás de sua cadeira e que se debruçava sobre ela como para beijá-la ainda. Depois tudo desaparece; porém ela tem tempo de distinguir todos os traços de sua fisionomia, sua alta estatura, seus ombros largos. Nesse mesmo dia, longe dali, o Senhor Lichfield, seu noivo, era vítima de um grave acidente de cavalo, que não termina mal; porém perdeu os sentidos e durante muito tempo ficou bastante doente. No momento em que ocorreu o acidente, ele pensou em May e dizia: “Minha pequena May, que eu não morra sem revê-la” (48).

(48) - Hall, tel., tr. fr., 315.

A Senhora Paget, às 22 horas desce à cozinha e súbito vê seu irmão Miles que entra e se dirige a ela para se sentar. Estava com seu uniforme de marinheiro e a água brilhava na blusa e no boné. Ela supõe que foi a chuva que molhara suas vestes, e lhe grita: "Miles, de onde vem?" Então ele lhe responde com a sua voz habitual. porém muito depressa: "Pelo amor de Deus, não diga que estou aqui". E desaparece. "Fiquei com muito medo, diz a Senhora Paget, e escrevi a data numa folha de papel, sem dizer nada a ninguém". Três meses mais tarde Miles voltou e contou a sua irmã que quase se afogara no porto de Melbourne e que o recolheram sem sentidos. As datas coincidem. Em vista da diferença de longitude, há um atraso de 10 minutos entre o acidente e a aparição (49).

(49) - Hall, tel., tr. fr., 317.

A Senhora A. Dudley, da Comédie Française, relatou diversos fatos de monições relativas à guerra, porém as narrações são muito pouco detalhadas e não têm uma precisão suficiente (50).

(50) - *Quelques visions véridiques dans le sommeil sur les faits de guerre*, A. S. P., 1919, XXIX, 13-16.

O major Kobbé sentiu um dia desejo de visitar o cemitério de Green Wood a seis milhas de Nova York. Ora jamais ele ia ao cemitério nem ninguém de sua família. A viagem era longa e difícil. Chegando ao cemitério encontrou seu pai que aí vinha para a exumação de um membro de sua família. A carta na qual seu pai lhe marcava esse encontro inesperado não lhe chegara às mãos. O Senhor Kobbé chegou exatamente na hora necessária (51).

(51) - *Hall. tel., tr. fr.*, 90.

Um caso de monição produziu-se em uma sessão da Senhora D'Esperance (52). Mas é muito complexo, pois ao mesmo tempo houve materialização.

(52) - *Light*, 1905, 43.

No dia 3 de abril de 1890, a Senhora D'Esperance escreve automaticamente com letras grandes, sem saber porque: "Svens Stromberg". Nem a Senhora D'Esperance, nem ninguém à sua volta conhecia esse nome. Dois meses depois, em uma sessão espírita, na qual tomavam parte Aksakoff e Boutleroff, foi dito que Stromberg, nascido em Jemtland, havia morrido no dia 13 de março em Wisconsin. E ao mesmo tempo, por uma fotografia (espírita?) uma imagem apareceu (?) e o guia da Senhora D'Esperance disse que essa fotografia era de Stromberg, que havia falecido não em 13 de março, mas sim em 31 de março.

Após inúmeras buscas, longas e laboriosas, chegou-se a descobrir que um certo Svens Stromberg, nascido em Jemtland, havia emigrado para o Canadá e falecido na noite de 31 de março. A fotografia foi identificada e foi provado que de New Stockholm, a localidade canadense onde falecera, a notícia não podia, mesmo pelo telégrafo, ter

chegado a Gothenbourg, na Suécia, no momento em que seu nome havia sido dado.

Bozzano considera que este caso pode ser contado entre os melhores documentados, porém isto nos parece exagerado.

Eis um caso extremamente interessante, pois houve, o que é muitíssimo raro, várias aparições sucessivas que culminaram na mesma monição.

A Srta. Minnie Wilson, de 17 anos de idade, educada num convento católico na Bélgica, no momento de se pôr de joelhos, vê seu tio Oldham vir ao seu encontro; ela ficou extremamente surpresa. O tio Oldham então lhe diz que é preciso orar por ele, pois se suicidara com um tiro de revólver por causa de um amor repellido. No dia seguinte houve a volta da mesma visão, e no outro dia, também. Ela sentia o contato de sua mão, porém, não o ouvia caminhar, nem fazer estalar o banco. Quando desaparecia, era apagando-se aos poucos. Mais tarde soube que seu tio Oldham suicidara-se com um tiro de revólver por desespero de amor (53).

(53) - A. S. P., 1908, XVII, 266.

A monição toma algumas vezes o caráter absolutamente nítido de uma monição, isto é, de um aviso formal.

Hyslop (54) autenticou a curiosa história do Senhor Mc Cready, diretor do Daily Telegraph, que na igreja de Saint-Joseph (N. B.), um domingo, teve uma impressão bastante forte... assim como uma voz que lhe disse: "Volte ao seu escritório". A ordem era tão imperiosa que o Senhor Mc Cready atravessou a igreja correndo, como um louco, chegou ao escritório do jornal, diante de seus redatores estupefatos e abre a porta de uma sala vizinha; uma lâmpada de petróleo

queimava, com grandes labaredas e despejava torrentes de fumaça pelo quarto. Todo o quarto e a própria pessoa do Senhor Mc Cready ficaram completamente cobertos por uma camada espessa de fumaça.

(54) - A.m. S. P. R., 1907, 487, citado por BOZZANO, *Del Fenomeni di telestesia*. Luce e Ombra, 1920, XX, 136.

A este propósito e a propósito de outras monições similares, Bozzano discute a questão, procurando saber se tais fatos necessitam da ingerência de uma inteligência estranha.

A Senhora Tonelli, em Saint-Marin, vê, uma noite, quando procurava adormecer, seu filho tombado por um carro e parecendo agonizar. Então ela levanta-se, caminha cinco km sobre a estrada que conduz à Costa di Borgo e vê seu filho estendido num campo, no fundo de um barranco no qual havia rolado. Assim, apesar da escuridão e da tormenta, apesar de sua idade, a Senhora Tonelli levantou-se no meio da noite, sem ter nenhum motivo normal de inquietude, para fazer esta longa caminhada (55).

(55) - A. S. P., 1905, V, 470.

O Senhor Seade, advogado, estava em seu escritório, no Temple, quando vê, de repente, tão distintamente como num espelho, a fisionomia de sua esposa, a cabeça caída para trás, lívida e como morta. Exatamente, nessa hora, sob a influência de vivo pavor, a Senhora Seade que nunca anteriormente tivera desmaios, desmaiara (56).

(56) - Hall. tel., tr. fr., 229.

Em Siracusa o Senhor Lee no meio de seu sono desperta bruscamente. Viu seu pai cair da escada com grande ruído. (O pai do Senhor Lee era bispo em Owa). Levanta-se, acorda sua esposa, pergunta-lhe se ouviu o barulho, olha a hora em seu relógio (2,45 horas). Ora exatamente nessa mesma hora,

em Owa, o bispo Lee caía de uma escada, ocasionando isto uma grave queda e morria algum tempo depois.

O Senhor Hunter Watt (57) sonha que um molde de gesso da Vênus de Milo, relegado num canto de seu jardim, havia caído fora decapitado com a queda, o que foi exatamente o caso.

(57) - Fr. MYERS, *Human personality*, I, 379.

A Senhora Severo, às 7 horas da manhã, desperta em sobressalto. Julga sentir que recebeu um violento soco na boca, sentiu a sensação de que o lábio estava cortado e sangrava o lábio superior. Passa o lenço e espanta-se por não ver sangue. Nesse mesmo minuto, seu marido, que saíra muito cedo para fazer um passeio no lago, foi surpreendido por uma rajada de vento. A barra do leme batera-lhe no lábio superior. Por esse ferimento perdeu muito sangue (58).

(58) - CHEVREUIL, *loco cit.*, 53.

A Senhora Swithinbank viu seu filhinho (10 anos) em pé sobre um muro elevado que está em face à janela. Levanta-se precipitadamente para lhe perguntar por que abandonou a escola. O menino olha-a assustado e desaparece. Porém não consegue encontrá-lo. Ao cabo de alguns minutos, um de seus amigos de classe o traz em um cabriolé, quase desmaiado. Parece que durante um ditado caiu de repente para trás sem sentidos, gritando: "Mamãe saberá (59)".

(59) - Hall. *tel.*, tr. fr., 251.

A Senhora Richardson, nas Índias, sonha que seu marido, major-general, que combatia a 150 milhas dali, na campanha de 1848 (cerco de Moultan), caía gravemente ferido e ela ouve sua voz, dizendo: "Retirai esse anel do meu dedo e enviái-o à minha esposa". Aproximadamente há esta hora, às 21 horas, o general, gravemente ferido, dava seu anel ao major Lloyd, que comandava as forças e lhe dizia: "Retira

este anel do meu dedo e enviai-o à minha esposa". O general R ... sobreviveu ao seu ferimentos (60).

(60) - Hall, tel., tr. fr., 144.

O Senhor Gigon, intendente militar (61), estava em Aurillac, num café, jogando uma partida de cartas com seus amigos. Súbito, apertado por uma agonia irresistível, levanta-se rapidamente e escreve a sua mulher: "Ouvi um chamado apressado, desesperador. Oh! diz-me o que tu querias. Será tristeza? Será perigo?" Ora exatamente na mesma hora, isto é, às 9 horas do dia 22 de dezembro de 1878, a filhinha do Senhor Gigon havia sido queimada (em Saint-Servan), devido a uma bolsa de água muito quente, posta em seu berço.

(61) - FLAMMARION, loco cit., 166.

A Senhora R... escreve na manhã do dia 15 de março em seu caderno de notas: "Noite deste dia, março de 1874". Ela viu junto de si a cabeça e os ombros de um homem desenhando-se na neblina como uma nuvem. Grita então: "É o capitão W..." O capitão W..., um de seus amigos, estava então na Nova Zelândia e havia prometido à Senhora R... que se morresse lhe apareceria. Ora o momento desta visão concorda exatamente com a violenta queda de carro que sofreu o Senhor W..., queda tão grave que ficou durante muito tempo sem sentidos e da qual levou tempo para se restabelecer (62).

(62) - Hall, tel., tr. fr., 184.

O Senhor Phibbs, estando em Infracombe, tem entre 22 e 22,30 horas, um sonho em que se lhe mostra seu cachorro Fox estendido, ferido e morrendo junto de um muro. Diz isto à esposa. Nesse momento, em sua casa em Nailsworth, seu cachorro Fox fora atacado por dois buldogues, que ficou mortalmente ferido e tombava ao pé de um muro (63).

(63) - A. S. P., 1905, XV, 428.

O Senhor J. P... vê de repente, em dia alto, enquanto lia, passeando, um companheiro seu, Louis, que caía de costas chorando, com o gesto clássico dos soldados feridos, a mão sobre o coração. Conta esta visão à família. Alguns dias depois vem a saber que Louis, tendo numa caçada ferido seu irmão, desmaiara de terror, dizendo: "Se Charles morre, eu me mato (64).

(64) - FLAMMARION, loco cit., 155.

O Senhor Martial Lagrange sonha que tem um câncer no estômago e que é operado pelo Dr. Guinard. Nessa mesma noite, o Dr. Guinard (cirurgião dos hospitais) não podendo dormir devido a uma intensa nevralgia dentária, passa a noite trabalhando num memorial sobre o tratamento cirúrgico do câncer do estômago, e naturalmente pensa também em ir visitar o Senhor Martial Lagrange, que no entanto não era seu dentista habitual. Assim que ele entrou no gabinete do Senhor Lagrange, este lhe diz: "Sonhei com o Senhor esta noite; eu tinha um câncer no estômago e o Senhor iria abrir meu ventre" (65).

(65) - A. S. P., 1893, II I, 140.

O Senhor Haggard (66) tem um sonho muito doloroso: uma sensação de opressão como se estivesse a ponto de se afogar. Pouco a pouco o sonho toma uma forma ainda mais precisa.

(66) - A. S. P., 1905, XV, 424.

"Eu via, diz ele, o bom velho Bob (um cachorro que estimava muito) estendido entre os caniços de um lago. Bob esforçava se por falar-me e não conseguindo fazer-se compreender pela voz, transmitia-me a idéia de que eu estava em vias de morrer". De manhã, não se preocupou; viram Bob com boa saúde na véspera, mas durante o dia, o

cão não apareceu. Constatou-se, alguns dias depois, que fora esmagado por um trem nessa noite do sonho do Dr. H... e o choque o jogara dentro do lago vizinho.

O conde Nicolas Gomanys, major-médico no exército grego, é enviado à guarnição de Zante. Ao aproximar-se da ilha, ouve uma voz que lhe diz em italiano: "Vá ver Volterra". Esta frase, diz ele, foi repetida tantas vezes, que fiquei como que aturdido e mesmo alarmado, porque acreditava numa alucinação auditiva. Nada me fazia pensar no nome de Volterra, que residia em Zante, que eu não via fazia dez anos e com quem nunca havia falado. No hotel, enquanto desfazia minha mala, a voz não cessava de me atormentar. Subitamente, vieram avisar-me que o Senhor Volterra ali estava. Vinha me implorar para segui-lo imediatamente a fim de cuidar de seu filho, que estava muito doente (67).

(67) - Hall. tel., tr. fr., 306.

O comandante Grima fora, com sua esposa, a um sarau nacional, na Sorbonne e no Châtelet (14 de julho de 1915). De volta a Saint-Denis, à noite, a Senhora Grima percebe que perdeu um diamante em Paris. No dia seguinte cedo, o filhinho do Senhor e da Senhora Grima, diz à mãe: "Sonhei esta noite que uma menininha havia encontrado o anel e o trouxera. Então você o perdeu, mamãe?" E, no entanto, quando o casal Grima havia voltado à noite para casa, seus filhos estavam deitados e dormiam.

Porém não está aí o lado estranho desta história, pois, talvez as crianças, meio adormecidas, puderam ouvir seus pais falar do anel perdido. Três meses depois, pelo maior dos acasos, o anel foi encontrado. Era uma menina de doze anos, pertencente a uma honrada família parisiense, que havia

achado a pedra nos degraus da Sorbonne. Portanto este foi um caso bem extraordinário de premonição.

A Senhora Bagot, estando em Menton, na mesa do hotel, viu seu cãozinho Judy, que deixara na Inglaterra, atravessar a sala e, sem refletir, ela diz: "Como! Judy está aqui!" Conta o fato à filha doente e, com seu marido, sua outra filha e sua mãe, brincam a respeito do fantasma de Judy. Isto foi anotado no Diário da Senhora Bagot. Assegurou-se de que não havia nenhum cachorro no hotel. Nessa mesma hora, Judy, na Inglaterra, morria bruscamente, abatido por um mal súbito (existe alguma incerteza sobre a data) (68).

(68) - A. S. P., 1895, XV, 434.

O Senhor G..., de Boston, viu na sua frente, bem viva, a imagem de sua irmã morta havia muito tempo: observa na face direita do fantasma um grande arranhão. Imediatamente conta à mãe, que fica estupefata e quase desmaia de terror. Acontece porém que a mãe de G..., vestindo sua filha, arranhara o rosto e ninguém no mundo sabia desses incidentes (69).

(69) - Citado por BOZZANO, A. S. P., 1909, XIX, 3221.

O Senhor G. Parent, prefeito de Wiege, sonha uma noite que o fogo tomava conta da granja de Chevennes. Faz esforços impotentes para correr para ali, e assiste, terrificado, ao incêndio onde tudo desaba. Levanta-se trêmulo e conta o sonho à Senhora Parent. No dia seguinte, uma parte da granja de Chevennes fora destruída por um incêndio (70).

(70) - FLAMMARION, loco cit., 456.

A seguinte narração é muito importante para que não apresentemos, sem nada mudar, a carta que nos foi escrita pelo capitão V... 04 de janeiro de 1917) (71).

(71) - Sindicância inédita do Bulletin des Armées.

"No dia 3 de setembro de 1916, por ocasião do ataque do Chemin-Creux (entre Maulpas e Cléry), o alferes D..., do 13º batalhão de caçadores alpinos foi atingido por uma bala nos dois braços e abandonou a linha para se fazer pensar na retaguarda. À noite, e quinze dias seguidos, faltou à chamada. Procuraram-no em vão em todas as ambulâncias. Foi dado como desaparecido.

"No dia 18 de setembro de 1916, o 13º batalhão voltou ao mesmo setor, onde a linha fora levada aproximadamente 3 km para frente. Na noite de 18 para 19, um amigo íntimo de D..., o alferes V..., viu em sonho, num ninho de obus, à beira do Chemin-Creux, ao pé de um salgueiro, D... agonizante, que o repreendia violentamente por deixar morrer assim, sem socorro, o seu melhor amigo.

"V... oficial, o mais frio de mundo, calmo, cético, estava portanto obcecado por seu sonho. Foi procurar S... seu comandante, que de início não o levou a sério, mas depois, por complacência, e para pôr fim ao caso concedeu uma curta licença a V... para fazer uma investigação no Chemin-Creux. V... ali chegou e encontrou o quadro de seu sonho. Ao pé de um salgueiro. uma vareta com esta inscrição: "Aqui dois soldados franceses". Nada podia fazer suspeitar a presença nesse lugar dos restos de D... Remexendo, descobriu que era bem D... que havia sido inumado havia 15 dias, aproximadamente. Esse fato estranho poderia ser atestado pelos oficiais do 13º batalhão de caçadores; mas eles têm outra coisa a fazer".

O Dr. Ollivier (em Huelgot, Finistère), parte a cavalo para ver um doente no campo, às 20 horas. A noite está negra. Seu cavalo tropeça, o Senhor Olivier cai e quebra a clavícula. Nesse mesmo momento (21 horas) a Senhora

Ollivier, indo deitar-se, é tomada de um tremor nervoso, chama sua criada e lhe diz: “Aconteceu alguma desgraça, meu marido está morto ou feridos”(72).

(72) - Hall. tel., tr. fr., 78.

Pode-se supor a monição; porém uma coincidência fortuita: é possível e mesmo verossímil.

Um soldado, camponês da Creuse, conta em termos muito simples ao Senhor Raymond Mialaret, que uma manhã sua filhinha de sete anos o vira em sonho, estendido por terra e com sangue no braço esquerdo. Ela contou-o à mãe, que disse ser um pesadelo. Porém nessa mesma noite o soldado fora ferido no braço esquerdo (73).

(73) - Sindicância inédita do Bulletin des Armées.

O Senhor Fraser Harris, mestre de conferências em Saint-Andrew, estando ausente de Londres, vai passar seu domingo num pequeno hotel familiar, quando subitamente percebe a fachada de sua casa em Londres. Sua esposa estava na frente à porta e falava com um operário que segurava uma grande vassoura entre as mãos. "Minha mulher estava com ar muito aflito". O Senhor Harris compreendeu que esse homem, muito miserável, pedia-lhe um auxílio. Exatamente nesse momento a Senhora Fraser Harris, em Londres, via um infeliz que procurava trabalho. Este pedia-lhe para varrer a neve que atravancava a rua e declarava não ter nada para comer, nem para ele, nem para seus filhos. Mais tarde, de volta à Londres, o Senhor F. Harris reconheceu que esse indivíduo correspondia na realidade à sua visão (74).

(74) - CHEVREUIL, loco cit., 45.

O tenente G... no setor das proximidades de Reims, não recebia cartas de sua esposa havia três dias. Uma noite, sonha que a vê estendida numa cama, pálida, parecendo

morta. Levanta-se soluçando e espera notícias com impaciência. Somente três dias depois vem a saber que, na noite de seu sonho, sua mulher quase perecera asfixiada e queimada. O quarto ficara todo enegrecido e foi preciso mudar as liteiras. Durante muito tempo a Senhora D... ressentiu-se desse começo de asfixia (75).

(75) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

Uma menina de dez anos. em Montluçon. vê em sonho seu pai (o tenente D..., oficial no fronte) no trem, vindo em licença, e ela adianta que ele estava com um casaco de borracha (que não conheciam). No dia seguinte, cedo, o tenente D... chega um mês antes do tempo esperado com um casaco de borracha comprado durante a viagem (76).

(76) - *Comunicado pelo Senhor MIALARET, Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

O professor S. Venturi, diretor do asilo de alienados de Garófalo, conta que estava para partir para o campo, em Possuoli, quando, atraído por um pressentimento de força desconhecida, apesar de inúmeras dificuldades. quer a qualquer preço voltar para casa em Nócera. Volta, e encontra a esposa muito emocionada. Sua filhinha fora atacada de crupe e achava-se em perigo de morte. A Senhora Venturi. agitadíssima, gritava e chamava por seu marido, agoniadas (77)

(77) - *TAMBURINI, Observ. sur la télépathie, (A. S. P., 1893, III, 292).*

O Senhor Krulemanns, desenhista ornitólogo de fama, teve diversos casos de criptestesia bem interessantes. Sem entrarem estado de transe característico, tem uma espécie de visualização bastante nítida quando desenha. fazendo uma cabeça de pássaro, ou melhor, olhos de pássaros. Porém os casos de telestesia assinalados por Krulemanns não são tão

preciosos para determinar uma convicção. São muito interessantes por sua forma simbólicas (78).

(78) - A. S. P., 1903, XII, 217.

Vão permitir-me, para terminar essa enumeração muita incompleta das monições que não foram acompanhadas de morte, referir uma que me é pessoal. Não é em absoluto um testemunho de criptestesia, pois não existe coincidência de datas e não houve recognição. Todavia os fenômenos psicológicos são muito idênticos aos que acompanham as monições lúcidas, para que eu a deixe de mencionar aqui.

Sucedeu durante o segundo mês da guerra, na noite de 22 para 23 de setembro de 1914. Eu estava então na Itália, em Roma, pois julguei necessário fazer, desde o início da guerra, pela nossa santa causa nacional, uma propaganda ativa na Itália. O Hotel Quirinal, em cujo primeiro andar eu residia, estava absolutamente deserto. Era, creio bem, o único viajante que morava nesse andar. Uma noite, como dormia profundamente, fui acordado por três pancadas, muito nítidas, porém, bastante fortes, batidas na porta de meu quarto. Sento-me na cama; acendo a lâmpada elétrica e, imediatamente, de novo, ouço três pancadas. Então digo: "Entraí". Súbito, atrás da porta, mas parecendo estar junto a mim, ouço muito distintamente uma voz, uma voz de mulher, implorando, como uma mulher falando baixo e bem lentamente: "Doutor! Doutor!" carregando muito sobre a última sílaba. Então, completamente desperto, sentado na cama, digo belas alto: "Está bem, eu vou". Minha resposta foi quase automática; pois meu primeiro pensamento, muito fugitivo, havia sido que me vinham pedir qualquer socorro médico. Mas não houve mais nada. Abri a porta (mas disto não estou absolutamente certo) e, não vendo ninguém,

escrevi sobre um pedaço de papel a hora exata, 1:20 horas (pois depois de alguns segundos, dei me conta de que se tratava de uma alucinação). No entanto, não estava de modo algum assustado, e pude, sem dificuldade, ao fim de uma meia hora mais ou menos, dormir de novo.

Meus cinco filhos estavam nesse momento na batalha, expostos aos piores perigos. Porém, como havia uma voz de mulher e naqueles dias uma de minhas noras devia dar à luz, eu imaginei que era a monição do parto. Assim sendo, escrevi também a precisa previsão desse acontecimento na minha caderneta.

Não era essa monição. Não se pode mesmo falar de uma outra monição qualquer. Seis dias antes, sem que a notícia me tivesse chegado ainda, no dia 17 de setembro, em Reims, durante à tarde, meu filho Jacques havia sido seriamente ferido e fora aprisionado.

A não ser esta experiência pessoal, não posso portanto me dar conta do caráter de uma monição auditiva. (Que seja lúcida ou não, pouco importa sob o ponto de vista do caráter psicológico de que se reveste). Se posso julgar dele pelo meu caso, é ele tão nítido como um fenômeno da vida normal. De início, quando despertava e ainda me achava no borderland, houve um pouco de incerteza; porém, em alguns segundos, a exteriorização tornou-se precisa. E é notável que todos os detalhes tenham sido fixados solidamente em minha memória. Sem dúvida se deformam um pouco, porém a trama continua sólida.

Com referência a esta monição pessoal, é absolutamente impossível provar que se trata de uma monição relativa ao ferimento e à prisão de meu filho Jacques. Portanto fico convencido - sem no entanto pedir que esta convicção seja

partilhada - que se trata de uma monição verdadeira. A analogia é muito grande com os inúmeros casos observados.

Foi a única monição alucinatória que recebi.

No entanto, tive duas vezes, durante o curso de minha vida, já tão longa, dois clarões de criptestesia, um em vigília, outro em sonho.

Uma noite de inverno em 1899, estava na minha biblioteca da Rua da Universidade, trabalhando. Minha mulher havia ido à Ópera com nossa filha Louise. De repente, pelas 22,30 horas, imaginei (a primeira vez em minha vida e sem que houvesse o mínimo cheiro de fumaça no quarto) que havia um incêndio na ópera. Minha convicção foi tão forte que escrevi sobre um pedaço de papel: "Fogo! Fogo!" Alguns minutos depois, julguei que não era o bastante, e escrevi: "Att!" (isto é, atenção). Depois, no entanto, sem inquietude, pus-me a trabalhar. Pela meia noite, assim que a minha mulher e a filha entraram, imediatamente lhes perguntei: "Houve um incêndio?" Elas ficaram extremamente surpreendidas. "Não, disse minha mulher, não houve incêndio, mas nós ficamos com muito medo. Num momento dado, num entreato, uma fumaça levantou-se da orquestra e houve rumor; saí precipitadamente da friza para saber o que era e disse à minha filha: "Quando eu voltar, parta imediatamente sem esperar nada!" Tranqüilizaram me e a representação continuou sem dificuldade".

Porém não está nisso o único elemento singular desta criptestesia. No momento em que escrevia sobre minhas notas: "Fogo! Fogo! Att!" minha irmã, a Senhora L. Ch. Buloz, cujo apartamento não está separado do meu senão por uma porta, imagina que há fogo em minha casa. Ela vem até a porta e, no momento de abri-la, compreendendo que seu

temor era quimérico, pára, dizendo: "Não, não vou com esta tolice atrapalhar meu irmão".

Assim, no mesmo momento, minha irmã e eu tivemos uma impressão de incêndio. É a expressão a mais exata que encontro para indicar a noção muito vaga que senti, enquanto a 1 km dali havia na Ópera onde se encontrava a Senhora Charles Richet e minha filha, uma séria ameaça de incêndio.

É coincidência? E por que na Rua da Universidade houve um cheiro de fogo e de fumaça, tão fraco que não foi percebido pelo consciente?

Eis agora para o sonho a semi-criptestesia.

Estava profundamente adormecido às 8 horas da manhã, em 1907. Sonhava nesse momento que estava com a Senhora Charcot (por que a Senhora Charcot, que absolutamente não conhecia, a quem nunca falei e que, mesmo, nunca vi); estávamos juntos, de automóvel, numa avenida de plátanos. Porém o auto ia tão depressa que eu estava com receio de um acidente. O acidente se dá, eu acordo. O acidente era simplesmente o carteiro que me trazia uma carta registrada. E, imediatamente, pegando essa carta - francamente, não sei a que atribuir esta impressão - imaginei que havia uma relação entre meu sonho e a carta registrada que me chegava. Estava de tal modo certo que, para ter um sinal material de minha certeza, fiz uma cruzinha (que sem dúvida se pode ainda achar) sobre o registro postal das assinaturas, testemunho comemorativo. Ora a carta vinha das ilhas dos Açores. Era do meu amigo, o coronel Chaves, que me solicitava uma palavra de recomendação para Jean Charcot (que, no entanto, eu não conhecia absolutamente) o qual devia, dentro de algumas semanas, chegar aos Açores com seu iate.

Para esses três casos pessoais que acabo de citar, creio bem que houve criptestesia e que não foram coincidências. Mas por outro lado não estou convencido a não ser que existam outros numerosos casos, bem mais demonstrativos, de criptestesia. Em si mesmos, esses três não têm nenhuma força convincente, mas beneficiam numerosos casos probatórios e demonstrativos que reuniram observadores mais felizes (79).

(79) - Os fatos de monições e de premonições que dou aqui tiveram que ser abreviados. Francamente, é muito lamentável, pois para bem julgá-los é preciso aprofundar os detalhes. O esqueleto desses relatos não traz a convicção forte e decisiva que dá a exposição circunstanciada dos fenômenos. Espero firmemente que as pessoas interessadas nesses problemas perturbadores não se contentarão somente com essas narrações sumárias e desejarão recorrer aos documentos originais.

III - MONIÇÕES DE MORTE (80)

As monições de morte são freqüentes.

Se dou tantos exemplos é porque desejo fazer penetrar a convicção no espírito do leitor, graças à variedade e à complexidade de monições de morte, graças, sobretudo, à admirável multiplicidade de testemunhos.

(80) - A ordem que foi adotada é mais ou menos a alfabética. Portanto existem exceções, pois às vezes agrupei os casos análogos. Com grande pesar precisei resumir essas comunicações, pois todos os detalhes têm grande importância. Também é preciso, repito-o, aconselhar recorrer aos documentos originais, cuja indicação bibliográfica dou.

Essencialmente, as monições de morte não diferem das de outros acontecimentos: mas é preciso, no entanto, dar-lhes um lugar à parte, devido à sua freqüência.

Os casos que relatamos poderiam ter sido bem mais numerosos ainda se não tivéssemos exercido uma crítica bastante severa, mesmo sobre esses que foram publicados.

Esta crítica, reconheço, podia ter sido, certamente, mais severa ainda, e de modo próprio, admito que a metade dos casos citados não têm um valor probatório. No entanto, ainda resta um notável número de fatos autênticos, indiscutíveis, que desafiam todo ceticismo.

Não fosse senão sob o ponto de vista histórico, é interessante citar a monição muito nítida que teve Chevreul, o ilustre químico (81).

(81) - Está relatada no livro II da *Anatomic comparée du système nerveux*, por LEURET e GRATIOLET (Paris, 1857, 534).

Foi em 1814, um pouco antes da entrada dos Aliados.

Ele viu em seu quarto, entre as duas sacadas de seu gabinete, uma forma pálida e branca parecida a um cone alongado sobre uma esfera, forma que no entanto parecia imóvel. Chevreul, tremendo, desviou os olhos e cessou de ver o fantasma; depois, olhando no mesmo lugar, tornou a ver ainda. Esta prova foi repetida três vezes, com o mesmo resultado. Então o jovem se decide a retirar-se de seu quarto de dormir. Mas este movimento obriga a passar diante do fantasma, que então se desvanece.

A visão provavelmente, não foi reconhecida. Mas, no mesmo momento, morria, longe de Paris, um velho amigo de Chevreul que lhe legou sua biblioteca, e Chevreul ajunta: "Se eu fosse supersticioso, poderia ter acreditado em uma aparição real".

Chevreul narra também a história de um ilustre anatomista do fim do século XVIII, que disse um dia ao cabeleireiro que o penteava e que ficou estupefato: "Por que me aperta o braço?"

Foi nesse mesmo momento que um de seus amigos se afogava. O sábio teve o espírito até tal modo tocado por essa

coincidência, que não quis nunca mais entrar sozinho no seu quarto.

Brierre de Boismont relata, em seu livro sobre as *Hallucinations*, a história de uma jovem que vê em sonho sua mãe moribunda, que ouve ser chamada, que descreve toda a cena da morte. Ora todos os detalhes eram verídicos e a Senhora R..., mãe da jovem, morria nesse mesmo momento.

Brierre de Boismont ajunta: "Se desejássemos citar todos os nomes das personagens conhecidas, ocupando uma elevada posição na ciência, um julgamento excelente, dos conhecimentos muito extensos, que tinham desses avisos, desses pressentimentos, ter-se-ia matéria para mais de uma reflexão".

É precisamente porque é preciso refletir, que este livro foi escrito.

A Senhora J. Adam, eminente escritora, às 22 horas estava em seu quarto e amamentava sua filhinha. Acordada pelo choro da criança, viu sua avó ao pé de sua cama: "Que alegria, diz ela, vovó, em vê-la!" Porém a sombra não respondeu e levantou a mão para a órbita de seus olhos. "Vi, escreve a Senhora Adam, dois grandes buracos vazios. Atirei-me para fora da cama e corri para vovó. No momento em que ia agarrá-la nos meus braços, o fantasma desapareceu". A avó, na realidade, morrera nessa noite, às 20 horas (82).

(82) - FLAMMARION, loc. cit., 187.

A Senhora Allom, quando jovem, com a idade de 17 anos, estudava na Alsácia. Um dia ela estava lendo no salão da escola, quando vê subitamente, do outro lado da sala, a imagem de sua mãe, deitada como se estivesse numa cama, vestida com uma camisola. Ela sorria e uma das mãos estava

levantada para o céu. A aparição passou lentamente através do cômodo, levantando-se pouco a pouco e desapareceu. Dois dias depois, a professora manda chamá-la ao quarto; a jovem, assim que entrou, disse imediatamente: "Não tendes nada para me dar a conhecer? Sei que minha mãe está morta". Ora, a Senhora Carrick, mãe da Senhora Allom, morrera no mesmo dia e na mesma hora.

Alexis Arbonsoff (de Pdkoff, Rússia) sonha de manhã, estando em sua cama, que sua mãe se aproxima, beija-o e lhe diz: "Adeus, eu morro!" Despertou com um tremor gelado e olhou a hora: eram 7,30 horas. Porém não pôde dormir de novo. Dez minutos depois, a casa toda estava emocionada. A mãe do Senhor Arbonsoff levantara-se às 7 horas, fora beijar sua netinha, depois fazer suas orações diante dos ícones, e ali morreu subitamente, às 7,30 horas (83).

(83) - FLAMMARION, loco cit., 435.

A Senhora Van B..., em Ypres, acorda sobressaltada às 4,45 horas da manhã, presa de uma estranha opressão. Imagina que seu pai está muito doente, sem dúvida morto. Acorda seu marido, que procura acalmá-la dizendo que é um pesadelo. O pai da Senhora Van B..., em Bruxelas, morria no mesmo momento (84).

(84) - A. S. P., 1899, IXm 71.

O Rev. Ball, de Cambridge, sonha que está com seu amigo Dombain, diante de uma bela paisagem. De repente, um vivo clarão aparece à sua frente. Então acorda completamente e vê seu amigo Dombain que atravessa o clarão, sorrindo. O Senhor Ball levanta-se bruscamente e grita em altas vozes: "Robert! Robert!" e a visão desaparece. Acontecia que o jovem empregado da casa chamava-se Robert. Julga que o chamam e corre. O Senhor Ball então tem a noção de que seu amigo está morto, tão nitidamente

como se estivesse à sua cabeceira na hora da agonia. Olha o relógio. São 5,03 horas. Pois exatamente às 5.03 horas, morria Robert Dombrain.

O seguinte fato devido ao Senhor Pyrrus Bessi (85), é um caso de monição de morte pela cristaloscopia accidental. O Senhor Bessi, em Panicole (na Itália, perto de Pérouse), estando, à noite, sozinho no seu quarto, trabalhando, descansa um momento. Então sua lâmpada fica meio apagada; quer reacendê-la e a lâmpada apaga-se de uma vez. Mas o quarto continua claro por um vago clarão: e ele percebe em um velho espelho que estava no seu quarto, como se houvesse uma abertura que deixasse entrever o outro cômodo da casa, um outro quarto, outros móveis, e, nesse quarto uma senhora de idade, que ele reconhece, que se senta diante de uma mesa, pega algumas folhas de papel numa gaveta e põe-se a escrever lentamente, depois coloca o papel dentro de um envelope, pousa a cabeça na poltrona e adormece. No dia seguinte cedo o Senhor Bessi soube que essa senhora havia morrido durante a noite e que na gaveta da mesa encontraram seu testamento hológrafo.

(85) - *J'ai vu et j'ai entendu*. - *Revue des Études Psychiques*, 1901, 2133; 97-168.

A seguinte narração acaba de me ser dada por um eminente membro do júri de Paris, que chamarei A ..., pois não tenho o direito de mencionar o seu nome. O fato é muito antigo pois que se trata da avó do Senhor A...

A Senhora A..., viúva muito cedo, uma noite foi cortejada um pouco vivamente por um parente muito próximo, B..., ficando ela meio ofendida. Passados alguns meses, estando no campo, durante o inverno, e cuidando de seu filho doente, acha que faz frio no quarto e como estava no meio da noite, para não acordar os criados, desce até onde

se guardava a lenha a fim de trazer umas achas. No momento em que abre a porta do lugar onde estava a lenha, vê diante de si B... que se põe de joelhos, pega Ihe as mãos e lhe diz: "Perdoa-me! perdoa-me!" Fica confundida, pois a visão é tão nítida quanto a realidade. Mas logo tudo desaparece. De manhã, vem a saber por um telegrama que B... acabava de morrer.

O Rev. Barker, às 23 horas, estando em sua casa, percebe antes de adormecer a figura (sorridente) de uma de suas tias que estava na Madeira. Estremece, conta logo a visão a sua mulher e no dia seguinte cedo a várias pessoas. Ora essa tia do Senhor Barker na mesma hora (levando-se em conta a diferença de longitude) morrera na Madeira (86).

(86) - Hall. tél., tr. fr., 249. Este caso está anotado por Grasset (*) como não provando nada. Porém a crítica de GRASSET é inoperante. Com efeito, ele fala de um sonho banal, leve, como provavelmente o Rev. P. BARKER teve centenas e milhares em sua vida. Mas não! seguramente não! Foi uma alucinação bastante nítida para que ele a conte, como um fenômeno singular, talvez único em sua vida. à sua mulher e aos seus amigos. E depois será que simultaneidade do dia e da hora não se contam?

(*) - Loc. cit., 341.

O Senhor Baeschly, de Saverna, com vinte anos de idade, está só com seu pai em casa, quando, ali pela meia-noite, faz-se uma terrível barulhada. O pai e o filho levantam-se, nada compreendendo. Uma segunda vez a mesma barulhada recomeça. O pai e o filho, após se terem deitado novamente, levantam-se e encontram-se de novo diante da porta aberta. Uma terceira vez a porta torna a abrir-se com muito barulho. Então eles a amarram com uma corda bem grossa. Algum tempo de pois uma carta lhes anuncia que o irmão do Senhor Baeschly morrera na América, no mesmo dia, à uma hora da tarde. Parece que, morrendo, tendo despertado de um coma prolongado, havia dito: "Acabo de fazer uma grande viagem; fui em casa de meu irmão em Brunatte (87)".

(87) - CHEVREUIL, loco cit., 334.

A Srta. Beale, então com a idade de 15 anos, viu entrarem seu quarto, no meio da noite, a figura de um homem vestido com um roupão de banho flutuante; parecia que com a mão procurava seu caminho e desapareceu. A Srta. B..., assustada, chama uma de suas companheiras que dormia no mesmo quarto. Esta lhe diz: "Sem dúvida é C..., meu irmão". No dia seguinte cedo, no almoço, C... afirma que não veio, mas vira, ele também, no mesmo momento, uma forma entrar no seu quarto e outra que reconheceu como sendo a sombra de um amigo (doente, mas que não julgava em perigo) que outrora lhe dissera: "Aquele de nós dois que morrer primeiro virá ver o outro". Na realidade esse amigo morrera nessa mesma noite, como se soube mais tarde (88).

(88) - A. S. P., 1891, I, 13.

O Senhor Beaugrand, jornalista do Havre, meu conhecido pessoal, contou-me com documentos para apoiar, que sua mãe, no Havre, no dia 2 de novembro de 1856, antes de se deitar, ouviu um barulho formidável de tempestade e viu a chaminé oscilar, como se houvesse uma ventania. Pensa então em refugiar-se num outro quarto. No entanto, na realidade, não havia ciclone, nem vento, nem temporal. No mesmo dia, às 11 horas da noite, seu marido, que vinha de Nova York para o Havre e embarcara de manhã, parecia num temporal a algumas milhas de Nova York (89).

(89) - O relato desse caso muito antigo não poderia em si somente ter grande força probatória: pois com o tempo as lembranças, se deformam. No entanto é provável que esses casos antigos, tão análogos aos contemporâneos sejam exatos no conjunto. Encontram-se três bons exemplos, muito longos para ser reproduzidos, narrados por C. FLAMMARION: *Les apparitions au moment de la mort* (Revue spirite, fevereiro de 1921, 33).

Elsa Barker, autora de diversos romances (*The son of Mary Bethel*, etc.) estando em Paris, é subitamente, sem causa conhecida, levada a escrever pela escrita automática:

"Estou aqui, posso ver-vos; encontrei-me diante do inevitável, etc." A assinatura era de X... uma pessoa viva na América, que ela apenas conhecia, magistrado de uns setenta anos, filósofo e escritor. Elsa Barker interroga uma de suas amigas para saber quem era esse X... que ela não via senão de tempos em tempos. Um ou dois dias depois, Elsa Barker vem a saber que o Senhor X... morrera alguns dias antes de ter ela recebido a mensagem. Ela pensa que é a primeira pessoa na Europa que tenha tido conhecimento da morte do Senhor X...

Esse escrito de X .. foi seguido de numerosas escritas automáticas publicadas num volume que não tem, sob o ponto de vista científico, senão um interesse secundário. Mas deve-se lê-lo com cuidado para se dar conta do poder do inconsciente em uma escritora tão eminente como Elsa Barker (90).

(90) - *Letters from a Living dead man*, London, W. Rider, 1917.

No dia 4 de maio, Lorde Beresford, navegando entre Gibraltar e Marselha, vê em sua cabine um caixão de defunto, e no caixão reconhece seu pai, tão distintamente como se fosse uma realidade. Conta aos seus companheiros. Chegando a Marselha, vem a saber que seu pai morreu no dia 29 de abril e foi enterrado no dia 4 de maio (91).

(91) - *A. S. P.*, 1907, XVII, 727.

O Senhor Berget, professor de física na Sorbonne, narra que sua mãe, quando moça, ouviu de repente a voz de uma amiga que estava longe de Paris e sentiu um tal pavor, que perdeu os sentidos. Quando voltou a si: "É horrível, gritou ela, Arrelie está morrendo. Ela está morta; pois acabo de ouvi-la cantar como só uma morta pode cantar". E com efeito a jovem morria nesse mesmo momento (15 horas) em Estrasburgo no convento onde era religiosa (92).

(92) - FLAMMARION, loco cit., 78.

O Rev. P. Bec (de Southland, Yorkshire) sente-se uma noite após o jantar, num estado inexplicável de tristeza. Às 8 horas menos 10 minutos exatamente, saindo no patamar da escada, percebe uma mulher que desce por ela. Porém a Senhora Bec que descia nesse momento, não vê nada. A aparição tinha a estatura, o vestido e todo o exterior da mãe do Senhor Bec. No entanto, o Senhor Bec não a reconheceu. A mãe do Senhor Bec morrera subitamente de uma doença do coração, a algumas cem milhas dali, exatamente nessa hora (93).

(93) - A. S. P., 1891, I, 367.

O Senhor Belbéder, do 6º- colonial, fora passar em casa de amigos alguns dias de férias, em Riberac (Dordogne). No momento em que adormecia, viu passar uma sombra branca e transparente que se destaca lentamente da chaminé, dirige-se para o leito, debruça-se sobre ele. "Compreendi perfeitamente que ela dizia: "Seja sempre o amigo de meu filho". Depois, tendo-se a sombra levantado lentamente, reconheci a forma da mãe de um dos meus melhores amigos, que eu havia deixado em perfeita saúde. Levantei-me para saber se era vítima de uma ilusão. Não havia luar: a noite estava muito negra". De fato, a pessoa cuja forma foi reconhecida, havia morrido duas horas antes (94).

(94) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

O Senhor Binet, tendo então 15 anos de idade, demora a adormecer. Mais ou menos à meia-noite e meia. parece-lhe ver um raio de luar caminhar, depois a sombra luminosa. que flutuava como um vestido comprido, toma a forma de um corpo e se dirige para sua cama. "Eu gritei: "Leontine!" O Senhor Binet antes de saber qualquer coisa, conta esta

aparição. Ela se produziu no dia e na hora em que a pequena Leontine estava morta (95).

(95) - FLAMMARION, loco cit., 34.

A seguinte monição está longe de ser mais notável, do que outras. Se a relato é porque acabo de ser, para assim dizer, testemunha (outubro de 1919) e posso contá-la com alguns detalhes. Ela entra completamente no quadro das monições clássicas.

Na noite de 22 para 23 de outubro de 1919, Adèle Bureau, viúva, com a idade de quarenta e um anos, empregada de minha nora, Senhora Albert Richet, em Carqueiranne (Var), ouve durante seu sono, ali pelas 3 horas da manhã, bater à sua porta como se alguém quisesse entrar. Ela tenta dizer: "Entre"; mas está como que paralisada. Parece-lhe que sua camisola a cola sobre o leito, de modo que não pode nada dizer, nem fazer. Vê então uma forma de mulher toda de branco, no umbral da porta, como se a porta tivesse sido aberta. Ela não pode distinguir o rosto, pois a forma se desvaneceu e virou as costas, quando Adèle quis olhá-la. E quase imediatamente a forma desapareceu, evaporou-se como se houvesse saído pela porta, mas a porta não se havia Fechado nem aberto. Apesar de sua emoção, Adèle pode dormir de novo, se bem que dificilmente.

Ela não pôde reconhecer a forma, porém pensara em uma sua sobrinha que amava ternamente e estava gravemente doente. No dia 23 de outubro, às 15 horas, depois que ela contou seu sonho (pesadelo, segundo sua expressão), à minha nora, ela recebe um telegrama anunciando-lhe a morte da sobrinha.

Adèle disse-me que não reconheceu a sobrinha, pois não vira o rosto, mas que pensou nela. Viu uma veste branca,

como um vestido de casamento e pensou que deviam tê-la enterrado com esse vestido (ela estava casada havia um ano). Remoção da morte (e talvez da visão) foi tão viva em Adèle que ficou bastante doente (lágrimas e dor de cabeça) na tarde de 23 de outubro (96).

(96) - O telegrama estava assim concebido: "Senhora BUREAU, Carqueiranne, 23 de outubro. Chissey en Morvan (Saône-et-Loire). Jeanne falecida esta manhã. exéquias sexta-feira onze horas, BERTHELON". Era a primeira vez que ADELE via uma aparição. Há alguns anos, depois da morte de uma de suas tias, ela teve, durante várias noites, pesadelos nos quais se julgava perseguida, sufocada por sua tia. Mandou rezar missas e os pesadelos desapareceram. ADELE BUREAU é no entanto, muito inteligente, e se dá bem conta de tudo o que sente. A defunta não foi enterrada com seu vestido de casamento.

Eis uma monição que não é, propriamente falando, uma monição de morte, mas que tem um certo caráter monitor notável, pois constitui um chamado muito singular (97). O Padre Brompton (pseudônimo) deve ir ao dia seguinte cedo dar os últimos sacramentos a uma mulher muito doente: dá à enfermeira de guarda seu número de telefone, para que o chame se a doente piorasse. De manhã, ao amanhecer, está acordado e vê uma forma humana que lhe diz: "Há uma mensagem telefônica para vós". Eram 4,15 horas da manhã. Veste-se precipitadamente e chega justo a tempo para dar os últimos sacramentos à doente.

(97) - Jour. S. P. R., julho de 1919, 84.

Ora ficou constatado que lhe não haviam jamais telefonado e que ninguém viera pela manhã despertá-lo.

Será preciso ver nisso simplesmente uma alucinação (visual e auditiva) do Padre Brompton, preocupado com o dever a cumprir junto da moribunda? Em vista dos numerosos fatos autênticos de monições que conhecemos, pode-se supor que aí se trata de uma verdadeira monição implicando lucidez, e não de um fenômeno mórbido,

alucinação não verídica, como somente têm os alienados e os alcoólicos.

A Senhora Bishop, viajando nas Montanhas Rochosas. fizera ali conhecimento com um mestiço conhecido sob o nome de Mountain Jim. "No correr de uma conversa. ele me diz: "Tornarei a vê-la quando morrer". Em 1874. dez anos depois, estando em Interlaken, de manhã, em minha cama ali pelas 6 horas, ocupada a escrever, vi Mountain Jim na minha frente; seus olhos estavam fixos sobre mim, e, quando o olhei, me disse em voz baixa, mas muito distintamente: "Vim como havia prometido", depois me fez um sinal com a mão e ajuntou "Adeus". Tomamos, a Senhora Ker que estava no mesmo hotel, e eu, nota do acontecimento, indicando a data e a hora. A notícia da morte de Mountain Jim chegou-nos mais tarde. A data, se levarem conta à diferença de longitude coincidia com a da aparição".

A certidão de óbito de Mountain Jim indica que ele morreu em Fort Collins (Colorado) no dia 7 de setembro de 1874, às 3 horas da tarde, hora que corresponde às 10 horas da manhã em Interlaken. A Senhora Bishop não diz se esta visão se deu no dia 7 ou 8 de setembro. Se é no dia 8, a visão seguiu a morte de vinte horas; se é no dia 7 de setembro, a visão precedeu a morte de quatro horas.

A Senhora Stella (98), tendo então 17 anos de idade, vê entrarem seu quarto um jovem amigo, da mesma idade, que ela, um companheiro bastante íntimo. "A porta abre-se, escreve ela, e o vejo entrar. Levanto-me para lhe oferecer uma poltrona junto do fogo, pois ele parecia estar com frio e não tinha capote, se bem que nevasse. Pus-me a chamar sua atenção por ter saído sem se agasalhar bem. Em vez de responder pôs a mão sobre o peito e sobre a cabeça. Eu

falava ainda, quando o Dr. G... entrou e me perguntou com quem falava. "Eis, disse-lhe, este enfadonho rapaz, sem capote, com um resfriado tão forte que não pode nem falar. Empréstimo-lhe pois um capote e mande-o embora para sua casa". Jamais esquecerei o horror e o espanto pintados na fisionomia do doutor; pois Bertie acabava de morrer havia vinte minutos apenas. Ouvi virar a maçaneta da porta e abri-la. O vulto caminhou na sala e sentou-se enquanto eu acendia as velas. A aparição não durou bem cinco minutos.

(98) - A. S. P., 1892, II, 173.

O Rev. Field (99), na Nova Zelândia, tendo adormecido, ouve que o chamam: "Harry! Harry!" ele reconhece com nitidez absoluta a voz da mãe (que no entanto, em geral, o chamava Henry e não Harry...) Era no dia 28 de novembro de 1873. Nesse mesmo momento, em vista da diferença de longitude, morria em Londres a mãe do Rev. Field, que sobre seu leito de morte ao expirar repetiu várias vezes: "Harry! Harry!"

(99) - A. S. P., 1892, II, 175.

O seguinte relato foi recolhido por um ilustre pintor, A. Bernard. Não é senão de terceira mão e por conseguinte não deve ser aceito senão com extrema desconfiança. No dia 13 de julho de 1842, a Senhora B..., muito doente, morrendo, ao meio-dia, desperta em sobressalto e grita: "Que infelicidade, o duque de Orléans acaba de perecer!" Era verdade. Quando às 3 horas, o Dr. Vidal veio ver a moribunda, ele diz: "Sabe o Senhor qual é a novidade? o Duque de Orléans acaba de ser morto em Neuilly em um acidente de carro". Então, o Senhor Brémon, virando-se para a moribunda, diz: "Ela não lo deu a conhecer, eu já o sabia (100)".

(100) - Carta de A. BERNARD a JULES BOIS, *L'au-Delá et les forces inconnues*, Paris, 1903, 127.

A Senhora Bloch, estando às 7 horas em seu toucador (em Roma) vê, de repente, ao lado, seu sobrinho René Kraemer, que lhe diz rindo: "Mas sim, estou bem morto". Assustada, ela vai prevenir seu filho, que tenta animá-la. Ora René Kraemer, com 14 anos de idade, fora atacado de uma peritonite aguda, na manhã do mesmo dia; entrava em agonia às 7 horas e morreu ao meio dia (101).

(101) - FLAMMARION, *L'Inconnu et les problemes psychiques*, 70.

A Senhora Boniface, diretora da escola de Étampes, quando muito criança (sete anos), em Niort, sonhou que entrava em um quarto sombrio onde estava um caixão de defunto. Saiu precipitadamente e no cômodo vizinho ela sente uma mão pousar-lhe no ombro. Reconhece seu pai que, ia para dois anos, não via, o qual lhe diz com voz muito terna: "Não tenha medo, beije-me, pequena". Ora, seu pai morrera durante à tarde, em Paris (102).

(102) - FLAMMARION, *Toco cit.*, 407.

Lorde Brougham narra em suas memórias (103) que em 1799, estando em viagem na Suécia, em Gothemberg, tomando um banho, viu, na cadeira onde havia colocado suas vestes, um de seus íntimos amigos (que havia partido para a Índia e ao qual não escrevia há muito tempo). G... estava sentado e olhava Lorde B... com uma grande calma. Era no dia 18 de dezembro e G... morria no dia 19 de dezembro.

(103) - *Life and times of Lord Brougham, 1871*, 201-203.

O Dr. Rowland Bowstear (104), correndo no encalço de uma bola de críquete, viu subitamente junto de uma sebe o cunhado, em traje de caçador e trazendo nas mãos um fuzil. O amigo que acompanhava o Senhor R. B... não viu nada, se bem que o Senhor R. B... lhe assinalasse a aparição, que desapareceu de repente. Eram 15,10 horas. O dia e a data coincidem com a morte súbita do cunhado do Senhor R. B...

, que vestia nesse momento uma vestimenta de caçador e trazia nas mãos um fuzil.

(104) – Relatado por FLAMMARION. *La pensée productrice d'images cinématographiques. Revue spirite*, dezembro de 1920, pág. 356.

O Dr. Bock (105) vai uma noite com seu irmão a um music-hall em Munique. Divertem-se muito, quando num entreato o Senhor Bock ouve uma pancada muito forte e vê o rosto da mãe, estendida, cadavérica, sobre sua cama, com uma cruz entre as mãos. Então, persuadido de que sua mãe está morta, quer partir, contra a vontade do irmão que não compreende esse terror, sua mãe não estando doente. Porém o Senhor Bock diz: "Minha mãe está morta; poderei afirmá-lo por juramento". Arranja-se com um de seus colegas para ser substituído e prepara seus trajes de luto.

(105) - *quelques notes sur la clairvoyance*, A. S. P., julho de 1913, 195.

No dia seguinte cedo recebe de W...., onde residia sua mãe, um telegrama anunciando que ela morrera na mesma hora em que havia tido a visão.

Emma Burguer (106) na noite de 15 para 16 de agosto (era a criada de quarto da condessa de Ussel) dormia num quarto contíguo ao da condessa com a porta de comunicação aberta. De repente, vê distintamente a pessoa de Charles B..., seu noivo, que fica no vaivém da porta (da escadinha). "Ele trajava seu terno de viagem e percebi com extrema nitidez todos seus traços, sua fisionomia e o corte de seu terno. Estava com um rosto sorridente e olhava-me sem dizer nada. Disse-lhe então: "Parti! Parti, pois!"... A Senhora de Ussel que estava no quarto vizinho, ouve-me e me diz: "Mas Emma, o que tem você? Sonha?" Então disse a Charles em voz mais baixa: "Mas, parti, parti, pois!" Ele desaparece, não subitamente, mas como alguém que fecha uma porta e vai embora... No dia seguinte perguntei se haviam enviado

alguém ao meu quarto". No dia 18 de agosto, Emma recebe a notícia que Charles B... morrerá de uma doença do coração durante a noite de 15 para 16 de agosto (107).

(106) - *Phantasm of the Living*, II, 1886, 696.

(107) - EMMA BURGER esteve a meu serviço (como minha empregada) durante 15 anos, e sua boa fé não é duvidosa (Ch. R.).

O Senhor Basserolle, preceptor na Bretanha, recebeu uma carta chamando-o junto do pai doente. Na estação de Redon, às 16,40 horas, o Senhor B... é tomado de mal-estar, de um desmaio. No momento em que volta a si, antes de ver alguém na sala, percebe o rosto de seu pai que desaparece imediatamente.

O Senhor Basserolle, pai, morreu às 18 horas (108).

(108) - FLAMMARION, loc. cit., 128.

O Senhor Jacques C..., em Grenoble, acabava de se deitar, quando vê a porta de seu quarto abrir-se suavemente, quase que sem ruído, e Marthe entra (uma jovem da qual estava enamorado, mas cujo noivado fora rompido). Ela estava vestida de branco, os cabelos esparsos sobre os ombros. O Senhor C... está certo de que não dormia. A visão aproximou-se-lhe da cama, debruçou-se ligeiramente. C... quer pegar a mão da jovem. Essa mão está fria. Ele dá um grito; o fantasma desaparece e C... se acha com um copo de água na mão. Marthe morrerá em Toulouse, no mesmo minuto, nessa mesma noite (109).

(109) - FLAMMARION, loc., cit., 184

A Srta. Bibby, de 19 anos de idade, desperta com a sensação de que alguém está em seu quarto. Vê a figura do avô, que reconhece e a chama Srta. Nellie Maam... como tinha o costume de fazer brincando. No dia seguinte fala desta aparição. Algum tempo depois vem a saber que o avô tinha morrido no momento em que ela tivera essa monição.

O Senhor Bertrand, com a idade de 19 anos, sonha que um de seus primos-irmão, alferes de infantaria, em Tóquio, está rodeado de inimigos, defende-se, luta e desaparece numa nuvem. Conta o sonho à irmã e à mãe e não pensam mais nisso. Três semanas mais tarde vem a saber que esse oficial morreu no dia 30 de abril de 1888, em Yon Luong na data do sonho do Senhor Bertrand (110).

(110) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

Na noite de 13 para 14 de julho de 1916, o Senhor Jean Jules Bigard, sargento do 124.º regimento de infantaria, de licença, sonha que num combate tem as duas pernas cortadas e que em seguida um funcionário do cartório apresentava a seus pais sua certidão de óbito em nome de Jean Jules Bigard. "Ri, escreve ele, desta força macabra. Ao despertar, contei meu sonho aos meus pais, que lhe não deram atenção". Pouco tempo depois, vem a saber que seu tio Jean Jules Bigard (tinha o mesmo nome e prenome que ele), fora morto em Biache, tendo as duas pernas partidas por um obus (111)

(111) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

O Senhor Beresford Christman ouviu contar ao seu pai a seguinte história: muito impressionante (porém ela não é senão de segunda mão). Foi-lhe narrada por seu tio J... bem como por seu irmão G... Os dois irmãos, indo a Saint-Thomas, estavam em sua cabine; o tempo estava muito calmo e havia um luar que permitia ver quase que como em pleno dia. Estão acordados (Por que?) E os dois então levantam-se nas camas, vêem. durante um tempo muito curto, que lhes parece muito longo, a forma de seu pai, que reconhecem. A forma estende a mão e mostra a seus dois filhos que tinha os olhos fechados. Eles consignaram o fato em seu logbook. Parece que o momento desta visão

coincidia, minuto por minuto, com o momento em que morria o pai de J. e G. Christman (112).

(112) - *Phantasms of the Living*, II, 17

Eis um fato de grande interesse que foi dirigido ao Senhor Oliver Lodge (113) pelo tenente-aviador Larkin. No dia 7 de dezembro de 1908, um companheiro do tenente Larkin, o tenente D. M. Connell, às 11,30 horas da manhã, entra no quarto do tenente Larkin e lhe diz que vai conduzir um aeroplano a Tadcaster, mas que estará de volta na hora do chá. Três horas depois, aproximadamente, como o Senhor Larkin estava no seu quarto, diante do fogo, a porta abre-se e Connell aparece e diz: "Flallo! boy!" alegremente. O Senhor Larkin vira-se e o vê com seus trajes de aviador, seu boné, seu capote de hidroavião, e diz-lhe então: "Ei-lo já de volta..." Connell lhe responde: "Correu tudo bem, fiz boa viagem". Depois fecha a porta e vai-se. Eram 3,30 horas. Então Larkin desce à sala de jantar dos oficiais, espanta-se por não ver Connell. Dizem-lhe, que durante à tarde, Connell tivera uma queda e se espatifara todo, juntamente com sua máquina, nas proximidades de Tadcaster, às 3,25 horas.

(113) - *Apparition at the time of Death*, Journ, S. P. R., julho de 1919, 76.

Ê impossível admitir que Larkin tivesse falado a um outro oficial, que teria confundido com seu amigo Connell. O quarto era pequeno e bem claro.

O Senhor Vicary Boyle (114), estando em Simla, vê em sonho seu sogro que residia em Brighton (na Inglaterra), pálido, estendido na cama, enquanto a sogra, silenciosamente, atravessava o quarto e prodigalizava cuidados ao marido. Logo a visão se dissipa. O Senhor Boyle continua a dormir, porém despertando teve a firme convicção que o sogro (que ele não sabia em absoluto doente e no qual não pensava havia vários dias) estava morto. A

morte do sogro do Senhor Boyle deu-se nove horas antes do sonho.

(114) - Citado por MYERS, *La personnalité humaine*, tr. fr., 133. Edic. ingl.,

A Senhora Collyer, de New Jersey (115), no dia 3 de janeiro de 1856, vai deitar-se muito cedo, sentindo mal-estar. Senta-se na cama e de repente vê no quarto o irmão Joseph, em pé junto da porta. "Ele fixa em mim olhares graves e tristes. Sua cabeça estava envolta em ataduras. Estava com uma veste branca igual a uma sobrepeliz, sujíssima". Ora, exatamente nesse momento, numa colisão que houve entre navios no Mississipi, a 1.800 km dali, Joseph, o irmão da Senhora Collyer, que estava no vapor Alice que comandava, foi morto por um grande mastro que, caindo sobre ele, lhe fendera o crânio. Antes do acidente se tinha retirado para o quarto e estava de camisola quando foi morto.

(115) - *Hallucinations télépathiques*, tr. fr., 117.

A Senhora Couesnon, de Jasey, meio adormecida, vê um amigo seu, A..., sentada na cama, em traje de noite, que lhe dizia: "Oh! eu sofro!" Eram então 2 horas da manhã. Nessa noite, A... morria no Tyrol, às 2,20 horas (116).

(116) - FLAMMARION, *loco cit.*, 419.

Em 1913, P. Cotté, aluno da escola de horticultura de Villepreux, estando na cama e começando a adormecer, vê na sua frente uma forma indecisa, que se apóia sobre a barra do leito. Esta forma, precisando-se, ele reconhece seu irmão de leite, A..., com a idade de 35 anos, e sofrendo a muito tempo de uma doença incurável. Sua voz, que reconhece, lhe diz: "Como vais Pierre? Adeus! eu, eu parto!" Então C... levanta-se na cama, chama o amigo; mas a forma havia desaparecido. O momento da aparição coincide exatamente com o momento da morte (117).

(117) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées*.

O tenente R. Martin, estando em convalescença, está muito inquieto a respeito de seu melhor amigo, do qual não tem notícias há oito dias. "Tive então um sonho. Meu amigo me apareceu. Estava apressado e disse-me: "Por que não vens comigo? como você é ballot (118)! Fiquei impressionado com a fita vermelha que ele acabava de ganhar e que não lhe havia visto jamais. Conte esse sonho a dois amigos no dia seguinte cedo. A seguir, vim a saber que o meu amigo havia sido morto por um obus em Verdura, às 5 horas da tarde algumas horas antes do meu sonho... Sou estudante da Sorbonne, de matemática: nunca acreditei numa palavra sequer das ciências ocultas (119).

(118) - «Ballot» - gíria militar, significa atrapalhado, desajeitado, canhestro, capiau.

(119) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

O Senhor Conil, quando menino (onze anos aproximados) vê em sonho o tio morrer Ouve as palavras que diz como se assistisse aos seus últimos momentos. O tio morre às 2 horas da mesma noite, justamente no momento em que o Senhor Conil despertara. "Ouvia muito distintamente, diz ele, suas palavras, poderia repeti-las, pois esta visão me causou tal impressão que está presente no meu espírito como se datasse de ontem. Tudo foi de uma exatidão absoluta (120)".

(120) - FLAMMARION, *lato cit.*, 454.

Eis o que narra a Senhora Cox:

"No dia 21 de agosto de 1869, às 21 horas, estava eu no quarto de dormir quando meu sobrinho (sete anos) entra correndo e me diz: "Oh! titia, acabo de ver meu pai virar à volta de minha cama". Está tão assustado que não quer mais voltar para seu quarto e tenho que deitá-lo em minha cama. Então, à meia noite, sem estar adormecida, vi distintamente,

junto da chaminé, a forma de meu irmão que estava de uma palidez mortal. Fiquei tão assustada (meu irmão estava em Hong-Kong) que escondi o rosto em baixo das cobertas. Pouco depois, ouvi nitidamente sua voz chamar pelo meu nome, repetindo-o três vezes. Então olhei, havia partido. Tomei nota do fato". O irmão da Senhora Cox morrerá no mesmo dia em Hong-Kong, subitamente, de uma insolação (121).

(121) - Hall. tel., tr. fr., 372.

A esposa do coronel Craigie, na Índia, estando ao lado de sua filha, às 22 horas, despindo-se antes de se deitar, ouve a moça que lhe diz: "Oh! mamãe, olhe o Senhor B..., sim! mamãe, a Senhora não o está vendo? Ele me diz: "Adeus, Sissy, adeus..." Olhe que ele vai embora. Olhe que ele partiu..." Fazem imediatamente buscas na casa e não encontram o Senhor B... De fato, o Senhor B... suicidara-se no mesmo dia às 20 horas (122).

(122) - Phant. of the Living, II, 581.

No dia 13 de novembro de 1914, em Fez, o tenente C..., do 2.º de estrangeiros, desperta soluçando e diz ao seu companheiro M..., que dormia no mesmo quarto: "Acabo de ter um sonho horrível; uma desgraça aconteceu a um de meus irmãos, não sei o qual, mas, certamente a um deles". M... escreve isso imediatamente ao seu coronel, que nos transmitiu as informações. Ora o irmão do tenente C..., o comandante C..., fora morto no combate de Elhenni (Marrocos) no mesmo dia e provavelmente algumas horas antes do sonho.

A Senhora H. D... sonha que vê uma amiga sua, Maria, jogando uma partida de xadrez com o Dr. D..., porém ela está com um véu muito espesso. A Senhora D... lhe diz: "Você vai perder ficando assim velada". E Maria lhe

responde: "É que estou morta, olhe..." Levanta o véu de crepe e a Senhora D... vê uma cabeça de morto, sem dentes, as órbitas vazias. De manhã, a Senhora D... recebia um telegrama: "Vinde depressa, Maria morreu durante a noite". Maria, no entanto, estava, aparentemente, de perfeita saúde (123).

(123) - FLAMMARION, loc. cit., 430.

"Eu tinha, diz o Senhor D...(um advogado em quem a Senhora Sidgwick tem plena confiança), há trinta anos, um amigo, XY, que via constantemente. Sabia que ele podia morrer subitamente, não obstante parecer estarem estado normal de saúde. Na tarde do dia 7 fiquei muito tempo em seu quarto conversando sobre diversos assuntos. Era alegre e de bom humor. Depois voltei à casa para me deitar. Na manhã do dia 8 acordei com um sentimento de medo e de desânimo. Já era dia e em meu sonho vi através das persianas XY sobre o soalho, os joelhos levantados, as mãos atiradas para trás, a mandíbula caindo. Acordei minha mulher dizendo-lhe: "Vejo XY morto sobre o soalho". Ela me diz: "Oh! Você está sonhando". Dormi de novo. Mas às 11 horas, como XY não tinha vindo aos escritórios e sua empregada da limpeza estava inquieta, porque não tivera uma resposta batendo na porta, mandei pegar uma escada e subir pela janela. Sobre o soalho estava estendido XY morto exatamente como o havia visto no sonho. Desde o dia do acontecimento até hoje, estive sempre seguro de que não era um sonho. Não estava inconsciente desde o momento em que abri os olhos e onde vi a aparição. Tinha um sentimento de desânimo incrível, como quando se acorda em sobressalto e se encontra em face de um espetáculo terrível. Isto se passou

há trinta e três anos e cada detalhe está tão claro em minha memória como se a coisa tivesse acontecido ontem".

O Senhor D... sonha uma manhã, que vê um de seus operários, R. Mackenzie, que lhe diz: "Sou acusado de uma coisa que não fiz; sou inocente, e o Senhor o saberá logo". Apenas se dissipou o sonho, a Senhora D... entra no quarto do marido e lhe diz: "Um trágico acidente passou-se esta noite, o Senhor Mackenzie suicidou-se". - "Não, diz o Senhor D... ele acaba de me dizer que está inocente". Mackenzie com efeito, acabava de morrer, bebendo por engano aguarrás, julgando beber uísque (124).

(124) - Relatado por BOZZANO, A. S. P., 1909, XIX, 324.

A Senhora Deupes, em Nice, no meio da noite, ouve uma voz que a chama distintamente duas vezes: "Marie! Marie!" Levanta-se, acorda seu marido que dormia no quarto vizinho e pergunta-lhe se a chamou. Com sua resposta negativa, volta a dormir. De novo a voz a chama. Então diz ao marido: "Estou com medo: acenda a vela", e passa o resto da noite no quarto do marido com a vela acesa. "Lembre-se, diz ela ao marido, de que nós vamos saber da morte do Senhor Gautier, de Marselha; creio ter reconhecido, nos chamados sucessivos, o timbre de sua voz". O Senhor Gautier, parece, morreu nessa noite, na mesma hora em que a Senhora Deupes julgou ouvi-lo (125).

(125) - FLAMMARION, loco cit., 132.

O Abade Dontaz, cura de Domdidier, perto de Friburgo, na Suíça (126) quando rapaz (18 anos) sonha duas vezes seguidas que vê sua irmã morrendo. Seu pai aparece-lhe e lhe diz: "A sua irmã Josephine está morrendo; mas a sua mãe ignora a dolorosa notícia". No dia seguinte cedo, indo ao liceu, abre uma carta do pai, que lhe dizia: "A sua irmã está

morrendo em Paris, mas a sua mãe ignora a dolorosa notícia".

(126) - FLAMMARION, *La Mort et son mystère*, 172.

A seguinte monição é das mais notáveis. Para bem compreendê-la é preciso reportar-se ao relato completo, detalhada (127).

(127) - A. S. P., II, 310. Esse caso extraordinário, apoiado em numerosos testemunhos, confina por inúmeras particularidades com a metapsíquica objetiva.

No sábado, 3 de janeiro, um fotógrafo de Newcastle, o Senhor Dickinson, recebe a visita, às 8 horas da manhã, de um senhor Thompson, de quem ele tinha a fotografia. Então procura em seu livro, lê o nome e o endereço, e ao Senhor Thompson diz: "É bem isso: se o Senhor deseja voltar dentro de uns dias, terão as suas provas". O Senhor Thompson vai embora. A senhorita da loja, interrogada, fica um pouco admirada, pois na véspera o Senhor Thompson pai passara na oficina para pedir com urgência as fotografias. Ora ficou provado: 1º - que nessa data do sábado, 3 de janeiro, o Senhor Thompson, doente, com febre tifóide, estava na cama e não podia levantar-se (morria durante o dia); 2º - que em seu delírio falava sempre das fotografias, e que foi por isso que seu pai havia ido a casa do Senhor Dickinson na véspera; 3º - que a personagem vista pelo Senhor Dickinson não podia ser senão o duplo, o espectro, do Senhor Thompson moribundo e acamado.

O Senhor Charles Demay, professor na Escola Normal de preceptores de Dijon (128) , vê no dia 10 de julho, em Paris, um de seus companheiros, G..., que lhe faz um pedido urgente (ao qual o Senhor Demay não podia satisfazer) e que o deixa desesperado no dia 10 de julho às 23,30 horas junto da ponte Saint-Louis. Na noite de 12 para 13 de julho, o Senhor Demay, estando em Soulaucourt (350 km de Paris)

sonha que descia o Sena, na ponte Saint Louis, de barco. Deixava cair a mão na água. De repente sente se mordido no pulso, retira a mão vivamente; era um peixe cuja mandíbula lhe serrava o pulso. Esse peixe tinha a cabeça de G... O Senhor Demay desperta, olha a hora. Eram 2,20 horas da manhã. Alguns dias depois, o Senhor Demay (que contara o sonho à irmã de G...) soube que G... se jogara no Sena, na noite de 12 para 13 de julho e que o retiraram da água às 2,30 horas da manhã.

(128) - *Relatado por BIORAC, Deux rêves télépathiques, A. S. P., XXII, 1912,178.*

E um caso impressionante de simbolismo criptestésico.

Justinus Kerner (129) narra que Angélica Hauffe, durante os três dias sucessivos que precederam a morte de seu pai, num momento em que ainda não haviam recebido nenhuma notícia de sua doença, estando em estado de vigília, viu um caixão de defunto coberto com um pano mortuário e que pensou logo no pai.

(129) - *La voyant de Prévost, trad. franc., DUSART, Paris, Chamuel, 1900, 61.*

J. Kerner conta também a história de um senhor Haubschmann, de Stuttgart. Uma manhã, ao amanhecer, seus filhos o acordaram e lhe disseram: "Vovô chegou"; O que não era real. Alguns dias depois, o irmão de P. Hubschmann, em Estrasburgo, lhe escreve que está muito inquieto a respeito do pai, pois julgou vê-lo e reconhecê-lo e isso no mesmo dia em que os filhos do Senhor Hubschmann tinham julgado ver (em Stuttgart) seu avô. Ora o Senhor Hubschmann morre em Bothnie no momento exato em que aparecia em Stuttgart e em Estrasburgo.

A Senhora Duck, que trabalhava ajuntando lenha numa floresta, vê, às 10 horas da manhã, seu marido, David Duck, e ela lhe grita: "Olé! David! que vento o traz aqui?" Volta

para casa e não fica surpresa quando lhe anunciam que seu marido acabava de ser morto por um carro que lhe passara sobre o corpo. "Eu sabia, diz ela, não precisava que me dissessem; vi seu espectro (130).

(130) - Hall. tel., tr. fr., 257.

A cunhada do Senhor Dyne, de Londres, vê, durante o dia (16 de dezembro de 1875), um homem morto, deitado sobre uma caminha, que está com os grandes olhos abertos. O quarto está vazio, sem tapete e sem móveis. Ela pensa no Senhor X..., que partiu para o estrangeiro, há quase um ano e que cuidou dela. Ora, nesse mesmo dia, porém dez horas antes, o Senhor X... morria num hospital de uma cidadezinha num quarto que correspondia exatamente ao da visão da Senhora Dyne (131).

(131) - Hall. tel., tr. fr., 74.

Um alferes de engenharia, o Senhor E..., vindo em licença, faz de carro o trajeto da estação de desembarque até o trem do regimento de sua companhia. De repente, percebe nitidamente a imagem de um túmulo, em cuja cruz estavam pintadas estas palavras: "X..., ajudante na... companhia de engenharia, morto no campo de honra, no dia 14 de junho de 1917". Ora a morte de X... era pouco verossímil. Este ajudante era o mais antigo dos chefes de seção; tinha 37 anos e era pai de família. Por causa disso, deram-lhe antes da partida de E..., funções militares onde o perigo era menor do que alhures. X... tinha sido morto no dia 7 de junho de 1917 (132).

(132) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

A Senhora Falichon, na noite de 8 para 9 de novembro de 1916, em Paris, sonha que seu netinho, aspirante do 6.º batalhão de caçadores alpinos, entra como um furacão em seu salão para sair logo depois, tão depressa como entrou. A

visão, muito nítida, permanece e ela conta seu sonho à empregada. Algum tempo depois, a Senhora G... recebe a notícia oficial da morte do neto, atingido por um obus em Saint Pierre-Vast, no dia 8 de novembro à noite (133).

(133) - **Sindicância inédita do Bulletin des Armées.**

A Senhora Escourrou (134), entrando no quarto onde se encontrava o retrato de seu filho, oficial dos zuavos, enviado ao México, vê em seu retrato uma das vistas vasada e o sangue correndo pelo rosto. O retrato parecia animado e vivo. Um olho proeminente e parecia querer sair da órbita. Eram provavelmente 13 horas, depois do almoço. Nesse mesmo dia, domingo de Ramos, 29 de março de 1863, o capitão Escourrou fora atingido às 17 horas por uma bala no olho esquerdo. A diferença de longitude faz com que haja seis horas de avanço; verdadeira premonição, pois que 13 horas em Paris corresponde aproximadamente a 7 horas no México.

(134) - **A.S. P., 1891, I, 148.**

O caso de Escourrou foi analisado com o maior cuidado por Dariex, que, desejando fazer uma sindicância rigorosa, por diversas vezes foi visitar o Senhor e a Senhora Escourrou (135).

(135) - **A. S. P., 1891, pg. 152.**

Ora, C. Flammarion acaba de relatar, na Revue Spirite, uma narrativa extraordinariamente análoga (136). Na verdade a autenticidade desse novo relato parece-me bastante fraca, pois não temos documentos para apoio e existe a inexatidão quanto à data (17 de março, em vez de 29 de março para o assalto de Puebla).

(136) - **LXIV, 2 de janeiro de 1921.**

Eis a que se refere Flammarion.

Em 1863, num jantar em Paris, a baronesa de Boislève recebia diversas pessoas para jantar, entre outras o general Fleury e o primeiro presidente Devienne. Subitamente, entrando sozinha no salão, a Senhora De Boislève percebe seu filho, em pé na sua frente, com a vista esquerda ensangüentada. Ora o filho, oficial do batalhão de caçadores a cavalo, estava no México. A Senhora De Boislève cai por terra, sem sentidos. Oito dias depois, vem a saber que seu filho fora morto no assalto a Puebla por uma bala na vista esquerda.

É tal a analogia com o caso Escourrou (olho esquerdo ferido!!) que tenho grande desconfiança, e bem desejava saber se o tenente Escourrou e o tenente De Boislève não são uma única e a mesma pessoa.

Flammarion ajunta: "O Dr. Nélaton deu aos seus colegas da Academia de Ciências um relatório do acontecimento, escrito pela mão do primeiro presidente Devienne e assinado por todos os convivas do famoso jantar".

Antes, entretanto, de afirmar que não se trata de uma deformação singular do relato Escourrou, seria preciso saber onde se encontra esse relatório.

Vê-se, por esse exemplo, como é necessário temer as verificações, as documentações, os controles. A S. P. R. inglesa tem muita razão em se rodear de provas e de atestados. Nunca é demais nem mesmo bastante.

A Senhora Eustache, em seu leito de morte, fala com insistência do sogro, que ela chama "Tio Done". Enquanto agonizava, o Senhor Done, que no entanto a sabia muito doente, ouve uma voz que o chama: "Tio! Tio!" Nesse mesmo instante, uma menina, Rosy, sobrinha do Senhor Done e que morava em casa dele, ouve uma voz que lhe

dizia: "Rosy! Rosy!" Ela sai de seu quarto, no meio da noite, julgando que é chamada pelo Senhor Done e encontra o tio, que também julgava ter sido chamado (137).

(137) - Hall. tel., tr. fr., 345.

O Senhor Everit desperta brusca e fortemente no meio da noite. Ouve um ruído no quarto, porém nada vê. Então a voz muito suave, de sua mãe, se faz ouvir, dizendo-lhe três vezes: "Tommy" e ajunta: "Sua mãe está morta". O Senhor Everit contou o fato antes de saber da morte da mãe, que se dera naquele momento.

O Senhor Farber (138), arcediogo, acordando durante a noite, vê um amigo seu sentado aos pés da cama: estava escorrendo água. A aparição sacudiu a cabeça sem falar. Voltou duas vezes, durante a noite. Logo depois chegou a notícia de que pouco tempo antes do momento em que a aparição fora vista pelo Senhor Farber, seu amigo afogara-se no banho.

(138) - Hall. tel., tr. fr., 130.

A Senhora Ulric de Fonvielle, esposa de distinto escritor, estava deitada havia alguns minutos e ainda acordada, quando vê na sua frente, aos pés da cama, o cortinado afastar-se, e uma amiga de infância, com quem estava brigada havia três anos, aparecer-lhe com uma nitidez tão perfeita como se a pessoa ali estivesse viva. Estava vestida com um peignoir comprido, os cabelos pretos caindo sobre os ombros. Olhou fixamente a Senhora De Fonvielle e, pegando-lhe a mão, disse-lhe: "Agora me vou embora; pode você perdoar-me?" A Senhora De Fonvielle sentou-se na cama e lhe estendeu a mão, mas a visão desapareceu. O pêndulo batia meia-noite. No dia seguinte cedo, no momento em que a Senhora De Fonvielle contava essa aparição,

chegava de Haia um telegrama: "Marie faleceu ontem à noite, às 11,45 horas (139).

(139) - FLAMMARION, loc. cit., 80.

Eis um fato relatado por meu amigo Gaston Fournier, o qual deu-me, muitas vezes, provas de uma mediunidade muito forte. É possível que a presença de Gaston tenha exercido certa influência sobre este belíssimo fenômeno.

Indo jantar em casa de seus amigos, o Senhor e a Senhora B..., Gaston admira-se por não ver ali seu amigo E .. que era esperado, também amigo do casal. Jantam alegremente. Gaston, bem como o Senhor e a Senhora B..., deviam ir ao teatro juntos. A Senhora B... passa em seu quarto para por o chapéu. De repente ouvem na dar um grito de pavor. Quando estava diante do espelho, viu, pelo mesmo, o Senhor E... entrar pela porta. Estava pálido e triste, o chapéu na cabeça. A Senhora B... sem se virar lhe diz: "O que, E... afinal! sente-se pois". Como ele não respondia, ela virou-se porém não viu mais nada e então, com medo, gritou. Ela insiste para que saibam o que aconteceu com E... Vão a sua casa, da qual não havia saído. Ninguém responde ao toque da campainha: forçam a porta e encontram-no morto. Suicidara-se com um tiro de revólver provavelmente às 10 horas da manhã (140).

(140) - A. S. P., 1891, I, 22.

O Senhor Louis Noell (141), farmacêutico em Cette, conta que, quando estudante em Montpellier, na noite de 23 para 24 de novembro viu, ali pelas 4 horas da manhã, num estado entre sonho e vigília, sua irmã, pálida, sangrando, inanimada, chamá-lo em voz chorosa: "Louis, meu Louis, mas, então venha, então venha!" Ele fica durante várias horas obcecado por essa terrificante visão e de manhã conta seu sonho aos companheiros. À noite, recebe a visita de sua

irmã mais velha, toda de luto, que lhe faz saber que Héléne, sua irmã, morrera de uma difteria superaguda em Perpignan, no dia 23 de novembro às 4 horas da manhã. Enviaram telegramas a Louis, os quais não lhe chegaram às mãos (142).

(141) - A. S. P., I, 39.

(142) - Pode-se supor, ainda que seja bem inverossímil, que LOUIS NOELL tivera durante a noite um acesso de sonambulismo e havia lido os telegramas que uma empregada tinha guardado em uma gaveta.

Um distinto médico de Madri, meu amigo Manuel Tolosa Latour, quando ainda criança, é acordado durante a noite por sua mãe, que lhe diz: "Reze por vosso avô, que acaba de morrer". Ela despertara em sobressalto, tendo visto em sonho o pai morto. E a notícia era verdadeira. "A morte de meu avô, diz o Senhor Tolosa Latour, havia precedido somente de algumas horas o sonho de minha mãe (143).

(143) - A. S. P., 1891, I, 35.

A Senhora G... tendo-se deitado muito cedo, não dormia, quando vê, pelo clarão da lâmpada de cabeceira, a figura do major G... passar no fundo do quarto. Estava vestido como de costume. "Para mim, diz ela, não era sonho, nem delírio, nem febre"; era um pouco antes das 23 horas. Ora o major G... morrera precisamente às 22,45 horas. A Sra G... sabia que estava gravemente enfermo, porém ela o conhecia muito pouco e não pensava em absoluto nele (144).

(144) - Hall., tel., tr. fr., 140.

A Senhora G..., que deixara sua mãe com boa saúde, desperta no meio da noite e diz ao marido: "Minha mãe está doente; mande atrelar o carro para que eu vá à casa dela". Chegando perto da casa de sua mãe, encontra um outro carro, o de sua irmã que, inquieta, partira também no meio da noite. As duas irmãs vieram para assistir aos últimos momentos da mãe, que adoecera subitamente (145).

(145) - Caso comunicado pelo Dr. E. DE GUILFORD, in CHEVREUIL, *On ne meurt pas*, 40.

Talvez as filhas da Senhora G... tivessem, na última vez que viram sua mãe, observado algum sinal grave fazendo prever a morte, que tocara só o seu inconsciente.

A Senhora Gay, em Saint-Jean de Luz, teve dois sonhos-sonhosiões interessantes porque houve uma transformação de uma sombra para outra.

Quanto ao primeiro sonho, trata-se de um Senhor X..., morto há um ano e meio. Pouco a pouco seus traços se apagam e torna-se outra personagem, o pai da Senhora J. J... Muitas vezes, no sonho, a mesma metamorfose se produz. De manhã chegou uma carta da Senhora J. J... comunicando à Senhora Gay a morte do pai.

No dia 24 de março, a Senhora Gay vê em sonho o pai (morto) acompanhado do Senhor L..., que a Senhora Gay conhecia muito pouco. Este sonho causou uma impressão tão profunda na Senhora Gay que ela concluiu que o Senhor L... estava morto. Ora o Senhor L... não estava morto; porém, foi ele quem, em uma carta escrita alguns dias depois, anuncia à Senhora Gay que o capitão Edmond, irmão da Senhora Gay, havia morrido.

No dia 5 de abril, quando estavam sem notícias de Edmond e já havia grande inquietação, a filha da Senhora Gay, de vinte e oito meses, diz que viu, na sua cama, o tio Edmond com uma mancha vermelha na cabeça. A notícia da morte de Edmond não chegou à Senhora Gay senão algumas horas mais tarde no dia 5 de abril, pela carta do Senhor L... O irmão da Senhora Gay, capitão-de-artilharia, morrera no dia 23 de março, atingido por um estilhaço de obus na frente.

O Senhor Goodall (146) acorda, pensando ter falado muito alto: "Perdi minha queridinha May". Nesse momento,

uma outra voz (que ele não reconhece) lhe diz: "No, not May, but your youngest boy..." (*) Pouco tempo depois lhe chega a notícia de que seu filhinho estava morto.

(146) - Fr. MYERS, *Human personallty*, II, 213.

(*) - Não, não é May, mas o seu menino mais novo. (Nota dos tradutores).

A Srta. Gollin (147) no dia 25 de janeiro de 1896, às 12,30 horas, no escritório do Evening Post (Nova York) tem a sensação de que alguém está atrás de sua cadeira enquanto ela está ocupada com o seu trabalho. Vira-se e vê seu noivo vestido de preto, que, ao fim de algum tempo, desaparece. Então ela se dirige a uma de suas companheiras, a Srta. Burrows, e lhe diz: "Você viu alguém atrás de minha cadeira?" A Srta. Burrows não vira ninguém. No mesmo momento morria o rapaz, cuja fisionomia ela vira. Ele estava doente havia alguns dias, mas a Srta. Gollin julgava que se tratava de uma ligeira indisposição.

(147) - J. S. P. R, maio de 1908, 384.

A Senhora Green (148) na Inglaterra, sonha que vê duas mulheres num pequeno carro, que o cavalo cai na água, que elas perdem os chapéus e afogam-se. Ela não as reconhece. De fato, nesse mesmo dia e nessa mesma hora (com a diferença de longitude) uma sobrinha da Senhora Green afogava-se com uma de suas amigas, acidentalmente, na Austrália. Ambas as duas haviam partido de carro puxado por um cavalo. Encontraram-lhes os corpos e o do cavalo; dois chapéus de mulher flutuavam na superfície.

(148) -A. S. P., I, 49.

A Senhora Green jamais vira sua sobrinha, portanto não podia reconhecê-la.

Note-se a abundância de detalhes precisos que faz desse sonho monitor um dos melhores que possuímos.

O general Fitch, na Birmânia, vê uma manhã, ao levantar se, em pleno dia, um velho amigo que ele julgava longe, entrar em seu quarto. Depois o amigo desaparece. Ninguém na casa o vira em carne e osso. Algum tempo depois soube que o amigo morrera subitamente, no mesmo momento, a umas 600 milhas dali (149).

(149) - A. S. P., 1891, I, 362.

Marianne Griffiths, saindo da mesa no meio do almoço, um domingo, vai, sem razão apreciável, ao jardim, e contempla durante algum tempo a água do lago. Depois, à sua irmã que vem buscá-la, diz com horror: "Está acontecendo qualquer coisa de horrível! Oh! meu pobre querido H..." Nesse momento, H..., irmão de Marianne, afogava-se, tomando um banho num rio pouco profundo. Não havia nenhuma razão para que Marianne tivesse alguma inquietação pela sorte do irmão (150).

(150) - A. S. P., 1891, I, 364.

O coronel H...(151), em Londres, deitado no quarto, acorda com a aurora e vê diante de si Poole, companheiro de armas, de vestimenta cáqui, com uma espessa barba preta (que não tinha quando H... o conhecia). H... sabia que P... partira para o Cap (guerra do Transvaal). A aparição era tão nítida que H... a tomou quase que por realidade: distingue-lhe a fisionomia, os olhos bem vivos, a farda cáqui e o boné. H... senta-se no leito, olha o fantasma de P... e lhe fala; então P... lhe responde: "Estou morto (1 am shot) ... através dos pulmões". E dizendo isto, levanta lentamente a mão direita sobre o peito. "O general ordenou-me para marchar", diz ele. O Senhor H... conta esta aparição a alguns companheiros e sabe no dia seguinte que Poole tinha sido morto na batalha de Sangersbook. Estava com o uniforme cáqui, barbado, e o pulmão direito havia sido atravessado. As horas coincidem.

(151) - G. DELANNE, *Les apparitions matérialisées*, 1911, II, 18 e P.S.P.R., V.

A notícia da morte de Poole não chegou a Londres senão vinte e quatro horas depois que o coronel H... havia contado o sonho.

O Senhor Marius Griffin, na Jamaica, vê em sonho uma senhora de idade, à qual dedicava muito afeto. Ela parecia estar vestida de branco. Isto começou por um sonho e terminou por uma visão, muito nítida, que ele percebeu ao pés da cama. "E, no entanto, diz ele, eu não teria podido distinguir os traços, tanto era a negridão da noite, se fosse uma pessoa viva". Anota o sonho na caderneta. Logo vem a saber que essa senhora morrera no mesmo momento em que a havia visto. Parece que alguns minutos antes de morrer essa senhora dizia: "Diga a Marius que pensei nele (152)".

(152) - Hall. tel., 160.

O general H..., em sua tenda, perto de Bombaim, vê, às 2 horas da tarde, a forma de sua irmã em trajes de noite. Escreve logo para pedir notícias e vem a saber que morrera no momento em que lhe aparecera... "Estou tão seguro do fato como de minha própria existência", ajunta o general (153).

(153) - Hall. tel., 246.

O Senhor H..., de Genebra, quando aluno de um pensionato, conta que uma manhã, um de seus companheiros disse em altas vozes diante de várias pessoas que vira o irmão do professor (professor do mesmo pensionato e ausente por alguns dias) estendido na grama, com um buraco negro no meio da testa. Esse sonho assustador causou uma grande impressão em todos os alunos. No dia seguinte ficam sabendo, sem que o Senhor H... possa exatamente precisar a coincidência do dia e da hora, que o sonho estava de acordo com a realidade e que X... fora morto devido a um acidente

de caça. Querendo atravessar uma fossa, o fuzil disparou e toda a carga lhe penetrou na cabeça.

Suzanne H..., antigamente empregada da Senhora A..., casa se e vai residir numa granja afastada da cidade onde residia a Senhora A... Uma noite desperta e diz ao marido: "Ouve! é a Senhora A... que me está chamando". O marido não ouve nada, e Suzanne acalma-se. Ora a Senhora A... sofrera uma indisposição súbita e morria durante a noite, no mesmo momento em que Suzanne ouvia a voz da patroa (154).

(154) - FLAMMARION, L'"inconnu et les problèmes psychiques, 140.

Clovis Hugues, um poeta admirado, em 1871, após os acontecimentos da Comuna, foi encarcerado na prisão de Marselha. Com ele, prisioneiro também, estava seu amigo Gaston Cremieux, condenado à morte. Uma noite, Cremieux diz a Clovis: "Quando me fuzilarem, irei provar-lhe a imortalidade da alma, manifestando-me em sua cela". Ora na manhã de 30 de novembro de 1871, ao clarear do dia, "eu fui, diz Clovis Hugues, acordado pelo barulho de pequenos golpes secos dados em minha mesa. Virei-me; o ruído cessa, e durmo de novo. Alguns instantes depois, o mesmo ruído recomeça. Pulo então de meu leito. Plantei-me bem acordado diante da mesa. O ruído continua. Isto se reproduziu ainda uma ou duas vezes." Nesse momento Gaston Cremieux acabava de ser fuzilado (155).

(155) - FLAMMARION, L'"inconnu et les problèmes psychiques, 76.

O Senhor Martin Halle (de Cette) sonha que vê uma jovem cair da janela. Dá a conhecer este horrível sonho à sua família. De manhã, admira-se que o cocheiro, que vinha habitualmente buscar o carro, não aparecera. É um outro que chega com grande atraso. Às 5 horas da manhã, no mesmo

momento do sonho, a filha do cocheiro habitual do Senhor Halle, caindo da janela, matara-se (156).

(156) - FLAMMARION, *loc. cit.*, 460.

A Senhora Hers, entrando em seu quarto, às 14,30 horas, vê sua mãe deitada no leito, com uma touca de musselina com babados, que nunca lhe vira, e morta. Ela soluça, quase desmaia. Após alguns instantes, trazem-lhe um telegrama anunciando que a mãe (em Estrasburgo) está muito doente. "Ela morreu, diz a Senhora Hers, eu a vi". A Senhora Hers mãe, na realidade, morrera às 15,30 (hora de Estrasburgo) e estava com uma touca de musselina, de babados (157).

(157) - FLAMMARION, *loc. cit.*, 104.

O célebre Home, que deu os mais belos exemplos conhecidos de ectoplasmia, teve algumas vezes fatos de lucidez. No dia e no mesmo momento, um minuto depois, diz ele, da hora em que morreu Allan Kardec, um dos protagonistas da doutrina espírita, Home recebia a mensagem espírita seguinte: "Lastimo haver ensinado a doutrina espírita, Allan Kardec". A mensagem foi recebida na presença do conde de Duraven (158).

(158) - D. D. HOME, *Les Lumières et les Ombres du spiritualisme*, trad. fr., Paris, 1883, Dentu, 114.

Porém, mesmo assim, seria interessante saber exatamente em que condições essa mensagem foi transmitida.

O Senhor Octave Houdaille, chamado a Mirecourt (Vosges) por uma doença muito grave do avô, parte com o irmão Georges, de Paris, às 22 horas e dorme no trem. A uma hora da manhã, desperta arrebatadamente, ouvindo um profundo suspiro. Levanta-se, chama o irmão. "É uma hora da manhã, lhe diz ele, meu avô deve estar morto ou morrendo. Acabo de ouvi-lo distintamente dar o último

suspiro". De fato, a morte deu-se exatamente à 1,30 da manhã (159).

(159) - A. S. P., 1891, 99.

A Senhora Hosmer, célebre escultora, em Roma, acorda no momento em que o pêndulo bate 3 horas e vê perto de sua cama, dentro do cortinado do leito, a forma de uma jovem italiana, chamada Rosa, que era sua empregada e que sabia estar ligeiramente doente. Pareceu-lhe que Rosa lhe dizia: `Adesso sono felice, sono contenta". No dia seguinte cedo, conta seu sonho durante o café à Srta. Lydua Child, que não acredita. No entanto, manda saber notícias de Rosa e toma conhecimento de que Rosa morreu às 5 horas (160).

(160) - Hall. tel., tr. fr., 146.

O Senhor Hutchins morre subitamente em Cardiff, a 80 km da casa em que residia a esposa. O Senhor Hutchins, filho, parte de carro para anunciar a triste notícia à sua mãe que está na porta e lhe diz antes de mais nada: "Daniel, seu pai está morto". - "Como a Senhora sabe?" - "Ele veio chamar-me ontem à noite, às 9 horas, depois desapareceu de repente. Depois não me deitei mais. Ele me chamou por meu nome: "Mary! Mary!" (161).

(161) - Hall. tel., tr. fr., 297.

O Dr. Jean (em Cogolin, Var) é chamado para ver um menino de 7 anos aproximados, atingido de febre com delírio. Às 10 horas da manhã, acordando, o menino está apavorado, vê água em tudo e grita: "Socorro", dizendo que seu pai se afoga. De fato, o pai do menino, que viajava para Nice, afogara-se nessa mesma hora (162).

(162) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

Dois auxiliares de um mesmo escritório, J... e F...(163), eram amigos muito íntimos. Um dia, F... sofre uma indigestão, não aparece. O médico aconselhou-o a repousar

durante alguns dias. A noite, J..., de volta para sua casa, como estava no quarto com sua mulher, vê distintamente o amigo F... vestido como de costume e com uma bengala na mão. Fixa seu olhar em J... e vai embora. Então J... cita a si próprio as palavras de Job... "e um espírito passou diante de minha face, e o pêlo de minha carne eriçou-se..." Depois perguntou a hora à esposa: "9 horas menos 12 minutos", diz ela. - "É pois às 9 horas menos 12 minutos que F... morre. Acabo de vê-lo". Ora F... morria da ruptura de um aneurisma no mesmo momento, isto é, entre 8,35 e 9 horas da noite.

(163) - A. S. P., 1891, I, 301.

Esse caso de monição pela precisão dos detalhes e por sua imprevisibilidade é dos mais notáveis.

O Senhor Jukes (164) ouve em sonho a voz de um de seus companheiros, que lhe diz: "O seu pai Marck e Harriet, ambos partiram". Acorda, porém a impressão é tão forte, que imediatamente escreve essas palavras num pedaço de papel. Fica mesmo de tal modo emocionado, que no dia seguinte de manhã não desce para o café. Ora nesse mesmo momento, na América, seu pai Marck morria de cólera; sua cunhada Harriet morria dois dias depois.

(164) - Hall, tel., tr. fr., 126.

O Senhor Grant desperta no meio da noite e sente como que uma presença em seu quarto, mas nada vê. Adquire logo a convicção" de que o pai de seu amigo Bruce está morto. Olha a hora. É meia-noite e 14 minutos. De manhã, fala a diversas pessoas: à noite, escreve no seu diário o que contou. Ora, não era o pai do Senhor Bruce, mas seu irmão, que estava morto (na China) algumas horas (doze horas, sem dúvida) antes (165).

(165) - Hall, tel., tr. fr., 93.

A Senhora L..., em Farnborough, vê, às 3 horas da tarde, entrar-lhe um senhor de idade no quarto. Trajava um terno fora da moda e tinha uma bengala. Apesar da chuva, estava sem guarda-chuva e suas vestes não estavam molhadas. Ela reconheceu seu tio e lhe falou como se fosse uma pessoa real. Mas ele, sem responder, saiu pela porta meio aberta. Os criados, quando interrogados, asseguraram não ter visto ninguém. Exatamente nesse momento morria em Leicestershire, seu velho tio, que ela ignorava que estivesse doente (166).

(166) - Hall. tel., tr. fr., 205.

O capitão Lagarru estava em São Luís (Senegal) e começava a adormecer quando se sente energicamente sacudido com uma forte pressão no peito. Levanta-se no cotovelo, esfrega os olhos e vê diante de si sua avó que o olha com as pálpebras quase fechadas: ouve sua voz fraca que lhe diz: "Venho dizer-lhe adeus, meu queridinho, não me verá nunca mais". Então em voz alta ele faz esta reflexão: "Vejam, não é um sonho!" e levanta-se. A aparição durou apenas alguns segundos. O momento coincide exatamente com aquele em que morreu, em Rochefort, a avó do capitão, muito idosa, mas cuja saúde não inspirava cuidado (167).

(167) - FLAMMARION, loc. cit., 182.

Jules Lermina relata o seguinte caso, pouco demonstrativo no entanto, narrado por uma pessoa que ele particularmente conhece (168).

(168) - A. S. P., 1895, 202.

"Eu tinha ido pegar um prato na cozinha quando ouvi a voz de um dos meus primos na janela. Levanto os olhos e vejo-o inclinado sobre a janela, dizendo-me bom dia com a cabeça, e repetindo: "Bom dia, Loule". - "Bom dia, Wenand", respondi eu; depois fui abrir-lhe a porta. Meu pai,

admirado que fosse abrir a porta sem que tivessem batido, veio ver o que se passava. Quando lhe disse que era para ver Wenand, ele respondeu: "É impossível", e então me anunciou que Wenand estava morto, mas que ele, meu pai, não me havia dito nada ainda.

Apesar da autoridade do Senhor Carrington, não posso depositar muita confiança na história que ele nos conta da Senhora H..., uma mulher do povo, sem dúvida. Ela vê seu filho, que estava na frente, diante de sua porta e admira-se por não vê-lo à tarde. Deixa a porta aberta, porém o filho não volta. No dia seguinte aparece de novo, depois desaparece. No outro dia volta uma quarta vez. "Desta vez, diz ela, meu filho, não me deixe: sente se e tome uma xícara de chá comigo". Então o filho sobe ao quarto. Ela o segue. Atira-se no leito, depois desaparece e a cama está coberta de sangue. O primeiro dia da aparição coincidiria com a morte desse rapaz.

Esse relato é de uma tão grande inverossimilhança (psicológica) que não se pode aceitar nada. Pelo menos seriam necessários documentos sobre o estado mental da Senhora H...

Em março de 1890, a condessa E. Kapnist (169), saindo do teatro com a irmã, no momento em que vai entrar no carro, hesita, pois vê no mesmo uma figura de silhueta embotada, diáfana, quase indecisa. A visão dura apenas um instante; no entanto, pôde distinguir detalhes mínimos como o nariz pronunciado, a risca de lado dos cabelos, a barba rala e de um louro escuro, sem chapéu, e uma sobrecasaca cor de avelã. A irmã da condessa E. K... não vê nada, se bem que a Senhora E. K... lhe tenha dito: "Não vê nada na sua frente?" Daí a algum tempo a Senhora E. K... vem a saber que um

certo senhor P..., que respondia inteiramente à descrição, está morto, após uma longa enfermidade, dois dias depois da visão. O Senhor P..., em março de 1889, havia prometido a I. K... irmã da condessa Kapnist, aparecer-lhe de novo, mas sem assustá-la.

(169) - MYERS, *Human personality*, II, 49.

O Dr. Liebeault relata o caso da Senhora B..., de Nova Orleans que, magnetizada pelo Dr. Liebeault, não tardou a dar provas de lucidez pela escrita automática. Uma manhã, ela se sente impulsionada a escrever. A mensagem provinha de uma certa Marguerite que anunciava sua morte (em Conblenz, num pensionato). Em seguida verificou-se que, realmente, Marguerite, a amiga da Senhora B..., morrera nesses mesmos dias (170).

(170) - *Phant. of the Living*, I, 293.

Um dos meus confrades, médico de talento, de certo modo crédulo, escreve-me que durante a noite sonhou que passa diante de uma jovem senhora, uma de suas amigas, a Senhora L... em prantos, o rosto coberto por um grande véu de luto. Ao despertar, no dia seguinte cedo, conta a seus pais, admirando-se que essa senhora habitualmente alegre e despreocupada se tenha apresentado ao seu pensamento em trajes de luto. "Às 8 horas da manhã, minha irmã, de quem a Senhora L... é uma das cunhadas, nos telefona dizendo que o Senhor L..., enfermo há três dias, na véspera, à tarde, sentira graves sintomas, de peritonite, sendo transportado para a casa de saúde, operado à meia-noite em estado desesperador e acabava de morrer. "Eu não tinha visto, adianta o Dr. X..., o Senhor e a Senhora L... já fazia uma quinzena, e minha irmã única relação comum, ignorava antes dessa noite que o Senhor L... estivesse enfermo".

O que é muito interessante nesta monição é que ela é manifestamente simbólica. Não é em absoluto o morto que se apresenta. É uma informação. E é importante para a teoria, pois que isto parece provar que as supostas aparições não são fantasmas das mortes que ocorrem, mas informações, verdadeiras monições.

A Senhora Frances Lightfoot é despertada em seu quarto por um ruído violento. Parece-lhe que abrem a porta violentamente (no entanto, fechada à chave) e que alguém ou alguma coisa entrava no quarto. Uma figura aparece, deitada horizontalmente em cima de sua cama, e uma voz imperiosa lhe diz clara e, distintamente: "Frances, preciso de você. Venha comigo imediatamente". Pensa então na Senhora Reed, uma de suas melhores amigas, que estava nas Índias, e diz: "Ela está morta", depois escreve o sonho em seu caderninho. No dia seguinte, conversando com a irmã, ela lhe diz: "A Senhora Reed está morta". A visão deu-se de oito a nove horas depois da morte da Senhora Reed (171).

(171) - Hall. tel., tr. fr., 154.

Em Hollywood, a Senhora Kerr sonha, que um de seus filhos, maquinista de uma locomotiva, caíra de sua máquina, ficando com a cabeça quebrada sobre o parapeito de uma ponte e uma perna esmagada e também que o trem passou sobre seu corpo. Eram aproximadamente 22,50 horas. Ora alguns minutos antes, longe dali, em Paisley, às 22,35 horas, Edouard Kerr, o filho da Senhora Kerr, caía de seu tênder, no parapeito de uma ponte; a cabeça estava partida e uma perna esmagada (morreu no dia seguinte).

O caso foi discutido com muito cuidado por Sir James Crichton Browne e o Dr. Clarke (172). Certamente, havia motivos para se ter alguma desconfiança de uma narração

feita dez anos depois do acontecimento, mas os detalhes são precisos, e a boa fé da Senhora Kerr tão evidente, que parece difícil constatar a autenticidade desta bela monição.

(172) - Report of a Co-Cognitive dream. Amer., S. P. R., novembro, 1905, 145.

A Senhora De Lagenest (173) vê à sua frente uma manhã, às 8 horas em seu quarto, seu tio, o Senhor Bonnamy, que ela julgava de perfeita saúde. Era uma figura que a olhava com ternura. A Senhora De L... passa do outro lado da cama, porém o fantasma toma o lugar que ela acaba de abandonar. Então ela sai do quarto para ir procurar seu marido, que está no andar térreo. De novo o fantasma se põe na sua frente. "Mas, meu tio, diz ela então, por que o Senhor veio? Está então morto?" Imediatamente a aparição desaparece. Logo depois tocam a campainha da porta da rua, e a Senhora De L... diz ao empregado: "Vá buscar o telegrama que chega: meu tio está morto". De fato, o Senhor Bonnamy morreu à 1,15 horas da madrugada.

(173) - A. S. P., 1900, X, 65.

A Senhora Macklin (174) na noite de 27 para 28 de março de 1918 vê em sonho, e sonho muito lúcido, seu filho David, tenente da infantaria inglesa, que lhe aparece com o uniforme de sol dado, o que muito a surpreendeu. Está com um boné, seu equipamento de campanha, ela lhe diz: "Oh! meu filho David, por que você não é mais oficial e está com o uniforme de um Tommy?" Ela narra seu sonho a duas pessoas que testemunham. No dia 3 de abril recebe a notícia que o filho fora morto durante a noite de 27 para 28 de março.

(174) - J. S. P. R., janeiro de 1919, 3-7.

Não se pode encontrar o corpo de David Macklin. Para os ataques noturnos. às vezes. os oficiais vestem os uniformes de soldados.

O Senhor Marchant (de Redhill) às 2 horas da manhã, vê uma pessoa entrarem seu quarto. Vem-lhe à mente que é Robinson Kesley em quem nunca pensa e que viu uma vez por acaso há vinte anos. Reconhece seus longos cabelos emaranhados. A aparição olha-se no espelho. Assim que o Senhor Marchant se dirige a ele, afunda suavemente no solo. (Robinson Kesley morreu exatamente às 2 horas da manhã no mesmo dia). No dia seguinte cedo, antes de saber qualquer coisa, o Senhor Marchand contou seu sonho a diversas pessoas (175).

(175) - Hall. tel., trad. fr., 12.

Moritz (176) cita a história de uma mulher cujo marido estava ausente e lhe envia uma carta na qual lhe dizia que tudo ia bem. No entanto, em sonho ela o vê, morrendo com um grande ferimento de lado: um oficial estava junto dele. E era verdade. Quatro meses depois ela encontra em uma igreja um oficial e reconhece-o como sendo aquele que havia assistido aos últimos momentos de seu marido.

(176) - Citado por PASSAVANT J. C., *Unters. uber den Lebens-magnetismus*, 2 edição. Frankfort-a.- M., 1837, 132.

Esses relatos antigos são provavelmente em grande parte autênticos, pois concordam bem com o que os fatos recentes nos ensinam; porém não estão em condições, isolados, de arrastar nossas convicções; pois outrora não se tinha o mesmo rigor que se tem hoje, e que se deve ter, no controle e nos atestados das testemunhas.

O Dr. Weir Mitchell relata, segundo seu pai, médico de um asilo de alienados, que soube um dia que a esposa de um dos indivíduos internados no asilo acabava de morrer. Vai então informar seu doente, que lhe diz imediatamente: "Não tem necessidade de me dizer coisa alguma. Minha mulher está morta. Eu sei. Eu a vi esta noite e ela falou comigo".

Após sindicância, o Dr. Mitchell soube que durante essa mesma noite o doente falara muito alto. O guarda, ao aproximar-se dele para fazê-lo ficar em silêncio, foi vivamente repreendido pelo doente por ter expulso sua mulher que estava falando com ele e que lhe dissera que acabava de morrer (177).

(177) - HYSLOP, *Science and a future life*, 51.

Encontram-se no excelente livro de J. Hyslop diversos exemplos interessantes para se mencionarem; de um lado, porque o Senhor Hyslop escolheu os casos em que o percipiente era de uma lealdade irrepreensível e grande inteligência, por outro lado porque a crítica penetrante e perspicaz do Senhor Hyslop, de modo algum crédula, merece ser considerada como conclusiva.

O Senhor Andrew Lang relata em seu artigo *Apparitions* da Enciclopédia Britânica, que viu um eminente membro da Universidade de Londres, no momento em que essa pessoa morria, a 100 milhas de distância (?).

O Senhor Keulemans, hábil desenhista e colorista, ouviu uma manhã, meio sonhando, meio acordado, em Paris, a voz de seu filho Isidore, viu seu sorriso e seus olhos. A imagem e a voz eram mais reais do que um sonho comum. Durante o dia, ouviu novamente a voz de Isidore e assegurou à sua mulher que o menino devia estar morto. Na realidade, o menino morria (em Londres) no mesmo momento da aparição.

James Cotter Morison, o professor Estlin Carpenter, relatam casos semelhantes, de seu conhecimento pessoal.

O Senhor Hensleigh Wedgwood, cunhado do Senhor Darwin, relata uma visão verídica que teve sua nora, com detalhes muito precisos.

O marquês De Bute e o Dr. Ferrier descreveram o fantasma de uma pessoa morta que eles não conheciam. A descrição é bastante suficiente para permitir a opinião de que se trata de uma alucinação verídica.

O Rev. Mark Hill, uma noite, quando começava a jantar, vê a figura de um homem de elevada estatura que quer se jogar sobre ele. Levanta-se, faz a volta da mesa e pega um copo para atirar no vulto e defender-se. Porém a figura desaparece, e no entanto o copo foi lançado. Pensa então em um de seus tios que, com efeito, morreu no mesmo dia (5 de abril de 1864) (178).

(178) - *Phant. of the Living, II, 1886.*

O Dr. F. de M..., estudante de medicina em Paris, sonha que seu tio (em Havana), que lhe fazia às vezes de pai, está prestes a morrer. Desse modo, pela manhã, quando o criado entra em seu quarto, encontra o Senhor F... em prantos, o qual conta esse doloroso sonho. A coincidência do dia estava exata, menos a das horas (179).

(179) - *FLAMMARION, loc. cit., 413.*

O sargento Nègre, em 1912, ouve na noite de 8 de novembro sua mulher que estava ao lado, soluçar e chorar dormindo. Acorda-a e ela lhe diz: "Meu irmão Alexis está morto". Isto era infelizmente verdade. Um mês depois, no dia 8 de dezembro às 11 horas da noite, o mesmo sonho. A Senhora Nègre chorava acordada e quando o Senhor Nègre lhe perguntou: "Que tem você,?" ela lhe disse: "Mamãe está morta, estou certa", e isto era também verdade.

O irmão da Senhora Nègre morreu no dia 8 de novembro e sua mãe no dia 8 de dezembro de 1912 (180).

(180) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées.*

A Senhora A. Eugenie, de Lavadina (Itália), julga, no dia 8 de junho de 1916, ouvir enquanto dormia, às 22 horas, os

passos de seu filho Alphonse, soldado do 55.º de infantaria. A escada rangeu. Sai da cama: "Alphonse, meu querido filho, enfim! posso abraçá-lo!" Parece-lhe que sente seu filho suspirar entre seus braços. Mas não é senão uma sombra. A Senhora Eugenie, persuadida de que seu filho estava morto, manda rezar por ele as orações dos mortos. Alphonse havia embarcado, o que sua mãe não sabia, no "Príncipe Umberto", navio que foi afundado no dia 8 de junho de 1916, entre as 20 e 22 horas (181).

(181) - *Sindicância inédita do Bulletin des Armées*, carta do Senhor FRAGONESE.

A viúva Senhora Palliser vê em sonho seu filho único, Matteo, morto afogado. Lamenta-se e, convencido de que é a realidade, vai procurar diversas pessoas, entre as quais o Senhor Clarke, grande negociante de Hull, que tenta dissuadi-la. O Senhor Clarke promete escrever a Nova York para obter notícias de Matteo, e cada dia, durante um mês, a Senhora Palliser lhe vem perguntar se recebeu alguma notícia. Enfim, sabe-se que Matteo efetivamente afogou-se, na data do mesmo dia em que a Senhora Palliser teve esse sonho (182).

(182) - *Hall. tél., tr. fr.*, 150.

Em Chicago, a Senhora Paquet (183) vê seu irmão, que servia num pequeno vapor do porto, arrastado por duas cordas, cair na água e afogar-se. Estava com a barra de sua calça virada, de modo que se podia ver a bainha branca e sem paletó, vestindo apenas a camisa azul de marinheiro. Mais tarde, todos esses detalhes foram reconhecidos como exatos. Quando o Senhor Paquet soube a notícia, disse à mulher: "Edmundo está doente e no hospital". - "Não, respondeu a Senhora Paquet, ele se afogou, ao cair na água".

(183) - *A. S. P.*, 1891, I, 208.

O Senhor Georges Parent, prefeito de Wieve (Aisne), viajando a noite de carro, ouve seu nome pronunciado por uma voz abafada. Pára, desce do carro, nada vê. Ia entrar de novo no carro, quando de repente ouve, como se alguém estivesse dentro do veículo, seu nome pronunciado por uma voz amargurada. Reconhece a voz de uma velha empregada que o criara e que muito o queria. Apenas sobe no carro, ouve de novo a mesma voz, muito suave. A uns cem metros dali, continuando seu caminho, entra num albergue para escrever na sua caderneta esse fato extraordinário. De volta para sua casa, vem a saber que a velha Sophie acabava de morrer (184).

(184) - FLAMMARION, loc. cit, 100.

Um eminente psicólogo, o Senhor Pieron, narra com detalhes uma notável monição (185).

(185) - Un cas d'apparence télépathique, le fait e l'interpretation, A. S. P., XII, 303-309.

No laboratório de psicologia do Senhor Pieron, no asilo de Villejuif, estava trabalhando, no dia 25 de junho de 1902, uma jovem, X... que nesse dia estava muito triste e procurava em vão distrair-se. Às 15,07 horas, julga ouvir a voz de Jeanne, uma de suas amigas, que ela sabia, entretanto, estar muito doente.

Ora, nesse mesmo dia, Jeanne quase moribunda, em sua casa, repentinamente, às 15 horas precisas, chamava aos gritos sua amiga X... A agonia começa, durante a qual Jeanne pede que façam muito silêncio para que possa ouvir chegar sua amiga X... Às 16,06 horas, ela se sente esvoçar... "Se fosse para ir ver?..." não pode terminar... teve um espasmo. Estava morta.

X... sabia que Jeanne estava por pouco, mas julgava que ela viveria ainda algum tempo.

O relato, muito circunstanciado, do Senhor Pieron, menciona ainda diversos curiosos fatos que se poderia explicar pela criptestesia em Jeanne moribunda. Porém nós julgamos que eles podem explicar-se mais simplesmente por coincidências. Pelo menos não deixa de ficar averiguado que houve para X... criptestesia evidente, com uma monição auditiva, muito clara.

O Senhor Rowlinson (Cheltenham), vestia-se, quando vê em seu quarto de toalete, distintamente, o vulto de seu amigo X ..., ao qual não escrevia há muito tempo. Nesse mesmo momento, o Senhor X... morria (186).

(186) - Hall. tél., tr. fr., 231.

No começo de agosto de 1878, meu avô, o Senhor Charles Renouard, com a idade de 84 anos, fica ligeiramente enfermo (187). Mas como sua saúde fosse excelente, esta pequena indisposição não o impede de levantar-se, ir e vir, como de costume. Residia então no castelo de Stors (Seine-et-Oise)?, em casa da Senhora Cheuvreux, sua cunhada. No domingo, 11 de agosto, vou a Stors e encontro meu avô perfeitamente bem. Fica combinado que minha esposa e eu iremos à próxima semana a Stors para passar alguns dias com ele. Estávamos então em Meudon, nos arredores da Paris.

(187) - Proc. of the S. P. R., 1886, 162.

No sábado de manhã, 17 de agosto, às 7 horas, como eu já me tinha levantado e acabava de me vestir, minha esposa acorda chorando e me diz: "Isto é horrível, acabo de ver o seu avô, muito, muito doente". Estava em seu leito e sua mãe estava de pé ao seu lado".

Não levo em conta esse sonho, pois nessa época longínqua eu não acreditava em absoluto em sonhos verídicos. Facilmente persuadi minha esposa e partimos para

Paris, de carro. Lembro-me muito bem de que durante a viagem estivemos muito alegres. Chegando a Paris encontramos um telegrama dizendo-nos que, na noite de 16 para 17 de agosto, meu avô morrerá subitamente, em alguns minutos, de uma lesão no coração, às 3 horas da manhã. Adianto que, em absoluto, não sabíamos que minha mãe estava em Stors; foi por acaso que ela ali se encontrava. O sonho de minha mulher está atrasado aproximadamente de quatro horas sobre a morte de meu avô.

A observação sobre o Senhor Russell (188) é admirável.

(188) - MYERS, *Human personality*, II, 45.

O Senhor Russell, em São Francisco, morre subitamente, e o Senhor Reeve o vê vir até ele, no mesmo momento dessa morte. Pode se ler toda a observação, pois este caso é muito demonstrativo.

O Senhor R...(189), redator na administração dos Correios vê, de repente, no dia 16 de março, no momento em que ia subir no ônibus e voltar para casa, sua mãe deitada na cama, de costas, e muito doente. Pareceu-lhe dizer nesse sonho: "Espere, mamãe, eu vou!" Eram quase 18,05 horas. Entrando em casa, ele encontra um telegrama anunciando-lhe uma doença grave e repentina de sua mãe, e então conta ao amigo L... que o acompanhava, essa visão. L... lhe diz que ele estava então com um ar muito esquisito. A Senhora R... adoeceu na manhã do dia 16 de março: morria às 22 horas.

(189) - A. S. P., 1899, IX, 77.

O Senhor Riondel, advogado em Montelimar, na noite de 1 para 2 de abril de 1894, ouve um ruído insólito e violento que o desperta com um sentimento de pavor, às 1,45. Sua mãe ouve o mesmo ruído. Exatamente na mesma hora, o irmão do Senhor Riondel, que havia pouco escrevera que sua saúde era excelente, morria subitamente em Marselha (190).

(190) - A. S. P., 1885, V, 200-202.

O Senhor Runciman (191) dá detalhes precisos sobre a monição. Começou com um sonho. Viu, em sonho, o Senhor J. H. Haggit deitado em sua cama. Então acordou, perguntando: "Será que estou acordado ou estou sonhando?" Havia alguma luz do bico de gás no quarto. "Certamente, diz o Senhor R... estava tão acordado como no momento em que escrevo isto, quando a aparição desapareceu. Ia lhe falar, porém tudo desapareceu. Falei de meu sonho com diversas pessoas, ao acordar". Ora, o Senhor Haggit que ele julgou ver, morrera naquele mesmo dia, na mesma hora. Estava doente, mas não gravemente.

(191) - *Phantoms of the Living*, I, 433.

Em novembro de 1904, houve levantes populares e sangrentos conflitos no Rio de Janeiro: entre os alunos da Escola Militar (alferes aluno) encontrava-se o jovem aluno Sylvestre Cavalcante, alferes, que foi morto na noite de 14 para 15 de novembro, exatamente às 23 horas, por uma bala na cabeça. Nessa mesma noite, às 2 horas da madrugada, em Copacabana (Brasil), a Senhora Rieken, cuja filha, Maria Luiza, estava noiva do jovem Cavalcante, viu este entrar em seu quarto às 2,30 horas da madrugada, vestindo um uniforme cáqui diferente do seu uniforme habitual e com um foulard vermelho no pescoço. Diz: "Guarde Mimi". Mimi era o apelido que ele dava à noiva. Depois desapareceu. No dia seguinte cedo, a Senhora Rieken contou ao marido e ao filho essa estranha visão. Ninguém nesse momento, em Copacabana, nada sabia sobre o levante e, com mais razão, da morte de Cavalcante (192).

(192) - Este caso está relatado pelo professor ALEXANDER, J. S. P. R., abril de 1905, 59.

O Senhor Anatole France narra com muito espírito uma monição que lhe foi contada por sua avó (193).

(193) - *Le livre de mon ami*, 98.

"Na emocionante noite de 9 para 10 termidor do ano III, vieram a saber dos acontecimentos: a prisão de Robespierre e a extrema agitação que abalava a Convenção e a cidade. Não se sabia mais nada. "Minha avó, diz Anatole France, estava em seu quarto com meu pai, a Senhora De Laville e a jovem Amelie, irmã da Senhora De Laville. Às 1,30 hora da madrugada, Amelie, debruça-se sobre um espelho, parecendo contemplar uma cena trágica, e exclama: "Vejo-o! vejo-o! como está pálido! o sangue sai às golfadas da boca! os dentes e as mandíbulas estão partidos! Graças a Deus, o bebedor de sangue não beberá mais senão o seu". Depois dá um grito horrível e desmaia. Na mesma hora, na sala do Conselho do Hotel de Ville, Robespierre recebia um tiro de pistola que lhe quebrou a mandíbula". Claro está que são necessárias todas as reservas para esse fato narrado mais de um século depois do acontecimento.

A Senhora S..., de Luxeuil, meio adormecida, vê seu irmão deitado e apertado em um caixão de pedra, igual às pedras tumulares romanas da construção termal de Luxeuil. O caixão diminuía cada vez mais. Seu irmão a olhava suplicando, depois com um ar resignado. A Senhora S... então desperta. São 3,30 horas. É a hora em que o irmão da Senhora S... entretanto muito doente, morria (194).

(194) - FLAMMARION, loc. cit., 408.

A Srta. Sandars, acordada, ouve uma manhã, ser chamada diversas vezes por seu prenome. Reconhece a voz de um seu amigo em quem não pensava há muito tempo. Anota o dia e o fato no seu diário (27 de outubro de 1879).

Era nessa data que morria de cólera, nas Índias, o amigo cuja voz ela reconheceu (195).

(195) - Hall. tel., tr. fr., 296.

O Senhor Marcel Serizolles, magistrado e homem de letras, cita alguns casos de monições (196). Durante uma excursão nas montanhas subitamente sentiu na nuca um golpe violento. Parou e pronunciou em voz alta estas palavras: "Tenho um telegrama na cidade; acaba de me acontecer uma desgraça". Com efeito, seu pai, que aparentemente estava com boa saúde, acabava de morrer subitamente a 600 kms dali. O telegrama havia chegado na cidade de L... onde então residia o Senhor S..., na hora exata em que sentira a comoção.

(196) - A. S. P., 1895, V. 277.

A esposa do Senhor Serizolles também teve uma monição.

Durante uma viagem a Granada, sonha (e conta ao marido) que vira a Senhora de B... muito doente e moribunda. A Senhora de B... (em estado de gravidez adiantada, porém em perfeita saúde) morria no mesmo momento (as datas exatas fazem falta).

O Senhor Serizolles narra ainda um outro sonho monitor muito interessante. Seu pai era magistrado em Montauban. Entre suas relações, havia um jovem advogado, chamado L... Em 1883, depois da morte do Senhor Serizolles pai, o Senhor L... foi nomeado juiz em N... (Dordogne). Dois ou três anos depois o Senhor Serizolles sonhou que via seu pai como que flutuando numa nuvem. De repente sai da nuvem uma forma que toma a aparência do Senhor L... e o adormecido ouve nitidamente seu pai dizer: "Oh! é você, L...; é pois sua vez?" L... respondeu simplesmente: "Mas sim, sou eu", e eles se apertaram as mãos. Alguns dias mais

tarde, o Senhor Serizolles vem a saber que o Senhor L... (muito moço ainda) havia morrido nesse mesmo dia.

A marechala Serrano narra que o marechal, duque de La Torre, seu marido, extremamente doente e quase moribundo, uma manhã, ao despertar do torpor que lhe havia causado a morfina e a doença, levanta-se gritando em alta vozes, no silêncio da noite: "Depressa, que se monte no meu cavalo e que se corra ao Prado, o Rei está morto". Depois acalma-se, e de novo repete, porém com voz enfraquecida: "Meu uniforme! minha espada! o Rei está morto". Com efeito, nesse mesmo momento, morria no Prado, Affonso XII, muito longe de Madri, onde estava o marechal (197).

(197) FLAMMARION, loc. cit., 439.

Evidentemente, não citamos esse caso senão com múltiplas e necessárias reservas.

Kate Sherman sente uma mão que lhe toca no ombro, quando está na cama. Vê seu irmão Stewart à sua frente. Então acorda sua irmã, que nada vê, e brinca com ela por causa de seu pavor. Torna a dormir, e põe a cabeça debaixo das cobertas e novamente revê seu irmão Stewart, cuja imagem persiste algum tempo, depois pouco a pouco desaparece.

Kate novamente acorda sua irmã. Ora Stewart morria na mesma hora (1 hora da mesma noite, de 4 para 5 de julho). Eis um relato dado por Victor Hugo, nas *Choses vues*. Reproduzimo-lo textualmente; não se tem o direito de modificar as palavras do mestre. O caso é duplamente interessante: pois tem, além da própria monição, esse fato que a aparição do morto se dirigiu a uma pessoa ligeiramente enferma, que no entanto ia morrer, dizendo-lhe: "Você vem?"

"No dia 27 de novembro último uma mulher idosa chamada Senhora Guérin, com 70 anos de idade e residindo na Rua des Fossés-du-Temple, n. 34, no quarto andar, estava doente de uma enfermidade que parecia pouco grave e que o médico havia qualificado como indigestão. Eram 5 horas da manhã; sua filha, viúva, chamada a Senhora Guerard, que morava com ela, levantara-se muito cedo, havia acendido sua lâmpada e trabalhava sentada junto ao fogo, perto do leito da mãe. Trabalhando, a filha disse à mãe: "Olhe! A Senhora Lanne deve ter voltado do campo". (Essa Senhora Lanne era a antiga merceira da esquina da Rua Saint-Louis com a Rua Saint-Claude, uma boa mulher de uns 60 anos de idade, que vivia do rendimento das suas 40.000 libras e habitava o primeiro andar no bulevar Beaumarchais n...., numa casa nova. "É preciso, ajunta a Senhora Guerard, que eu vá vê-la hoje". - "É inútil", diz-lhe a mãe. - "Por que, mamãe?" - "Ela morreu há uma hora". - Ah! mamãe, o que está a Senhora dizendo! Está sonhando?" - "Não, estou bem acordada, não dormi durante a noite e como já soavam 4 horas da manhã, vi passar a Senhora Lanne, que me disse: "Vou-me embora; você vem?"

"A filha julgou que sua mãe havia sonhado. Chegou o dia, ela foi ver a Senhora Lanne. Essa mulher morreria durante a noite às 4 horas da manhã. Na mesma noite, a Senhora Guérin foi acometida de vômito de sangue; chamou-se o médico, que disse: "Não passará das vinte e quatro horas". Com efeito, no dia seguinte, ao melodia, acometida de um segundo vômito de sangue, morre.

"Conheci a Senhora Guerard, mulher piedosa e honesta, que nunca mentiu em sua vida".

O Senhor Addington Symonds, eminente escritor, quando muito moço ainda, em Harrow. desperta no meio da noite, vê seus livros em cima de uma cadeira, e se dá conta de que deve virar a cabeça. Então percebe entre a porta e ele, em pé, o Dr. Macleane, com as vestes pretas de um clérigo. Esta forma lhe diz: "Vou fazer uma longa viagem; cuide do meu filho". Depois tudo desaparece. Nessa mesma noite, o Senhor Macleane morria em Clifton. O Senhor Symonds sabia que o Senhor Macleane sofria de uma doença crônica, mas não supunha que estivesse mais doente do que o de costume (198).

(198) - Citado por HYSLOP, *Science and a future life*, 50.

O Senhor Sings, um marinheiro de pouca cultura, deixa seu pai, marinheiro também, na sexta-feira santa, e embarca num veleiro. Após alguns dias de navegação, por um temporal medonho, vê seu pai ao seu lado, caminhando no tombadilho, e dizendo-lhe, segundo o seu costume: "Cuidado com o leme, Joe". Continua a ver seu pai indo e vindo no tombadilho, durante três horas, o qual, por diversas vezes, bate-lhe no ombro e diz-lhe que tenha cuidado com a roda. Inquieto, Joe diz consigo mesmo que seu pai deve ter-se afogado, para lhe aparecer assim, de modo que ele, Joe, não quer mais ficar na direção do leme. A data e as horas correspondem com a morte do Senhor Sings, pai (199).

(199) - Hall. *tél., tr. fr.*, 318.

O Senhor Shirving, mestre pedreiro da catedral de Winchester. de repente se sente impelido, por uma força irresistível, a abandonar o trabalho, que era urgente. Volta então às 10 horas para sua casa. Sua mulher acabava de ser atropelada por um carro e chamava seu marido, em pranto (200).

(200) - CHEVREUL, *On ne meurt pas*, 31.

A Senhora De Thiriat, tia do Senhor D'Arbois de Juvainville, que narra este fato, sentindo-se morrer, quatro ou cinco horas antes de sua morte, pareceu recolher-se. "Chamo, diz ela, Midon, para meu enterro". Duas horas depois, Midon, uma antiga empregada que morava a 10 km dali, chega trajada de preto, dizendo que ouviu a Senhora de T... chamá-la para a ver morrer (201).

(201) - FLAMMARION, *L'Inconnu*.

A Senhora Storia teve um sonho muito detalhado relativo a um acidente de estrada de ferro (o detalhe desse sonho é muito comprido para ser dado aqui); vê seu irmão William, estendido no solo, com a chaminé de uma máquina junto da cabeça. A morte do irmão, por um acidente de trem, deu-se no mesmo dia, às 21,55 horas, 18 de julho de 1874 (202).

(202) - Hall. tél., tr. fr., 112.

O coronel Swiney, estando no campo de Shornolifte, viu durante o dia seu irmão, que julgava nas Índias, dirige-se para ele, depois desaparecer. Disse-o aos companheiros. A hora coincide (levando-se em conta a longitude) entre o momento da aparição e o da morte do irmão do Senhor Swiney (203).

(203) - Hall. tél., tr. fr., 253.

Eis vários casos relatados pelo Senhor Tamburini, professor da Universidade de Roma (204).

(204) - *Critiques et observations sur la télépathie*, A. S. P., 1893, III, 292.

A Senhora V. Guieciarni, esposa do médico-chefe da casa de saúde de Reggio, ouve, quando estava adormecida em seu leito, ser chamada em voz alta pelo seu nome. Vai ao quarto vizinho procurar o marido e volta a dormir. Então sonha que sua amiga G... muito doente, mas que havia dois dias escrevera sentir ligeiras melhoras, estava a morrer. Eram

6 horas da manhã. Às 8 horas chega um telegrama, anunciando a morte de G...

O outro caso, provavelmente, não é uma coincidência. se bem que a coincidência seja muito possível. Uma louca doente, no asilo de Reggio, morre no dia 21 de maio de 1892, às 11 horas da manhã. Seu marido jamais solicitara notícias suas, desde 20 de dezembro de 1890. Porém, no dia 23 pela manhã, uma carta de Mantua chega, na qual o marido solicita notícias da esposa. "Teve no dia 21 de maio um mal-estar, anunciando que uma desgraça lhe devia suceder".

O Dr. Giacchi estudante, quando estava com 18 anos, em Piza, vê seu pai lívido, morrendo, que lhe diz: "Dá-me o último beijo, pois vou deixá-lo para sempre" e sente o contato frio de seus lábios sobre a boca. Se bem que não tenha nenhuma razão para pensar numa infelicidade, no dia seguinte cedo parte para Florença e aí chegando vem a saber que o pai morrera na noite precedente, na mesma hora da visão.

Isto foi em 1853, por conseguinte numa época em que as comunicações telegráficas eram imperfeitas. Assim mesmo, o relato dado pelo Dr. Giacchi é muito antigo para que não seja duvidoso.

O Dr. G. Orsi vê em sonho (2 de julho de 1858) uma tempestade invadir o Adria Doria, no qual seu irmão embarcara. Na noite seguinte tem o mesmo sonho. Na terceira noite, revê a tempestade, o vapor partido sobre os rochedos, os naufragos correndo desvairados de todos os lados: porém sentia que seu irmão estava salvo. No dia 8 de julho recebe um telegrama de Gibraltar anunciando-lhe que o

navio soçobrara numa tempestade entre 2 e 3 de julho. mas que seu irmão estava são e salvo.

O Dr. Cornis, de Parma, narra que sua irmã, estando muitíssima doente, recebe a visita do seu irmão Henri, tenente dos bersaglieri, que parte para o exército, mas não deixa sua irmã suspeitar dessa partida. Algum tempo depois, morrendo, e meio adormecida, desperta e diz: "Mataram Henri". De fato, nesse mesmo dia, Henri foi morto em Custozza (24 de junho de 1866).

A Senhora Teale, cujo filho Walter, muito doente, devia voltar do Sudão, onde servia, vê, na Inglaterra, com grande pavor, seu filho que abaixa para beijá-la e desaparece. Soube depois que Walter morrera nesse mesmo dia, cinco ou seis horas antes (205).

(205) - Hall. tél., tr. fr., 280.

A doutora Marie de Thilo, em Lausanne, ouve, às 6 horas da manhã, pancadas na porta. A porta abre-se. Aparece uma forma envolvida numa espécie de tecido branco, vaporoso, como um véu sobre uma combinação preta. "Meu gato, que eu tinha no quarto para me proteger contra os ratos, roncava furiosamente, o pêlo eriçado, tremendo e ronronando". Algum tempo depois, a Senhora de Thilo soube que uma de suas melhores amigas, na qual, entretanto, não pensou no momento da aparição, morrera de peritonite, nas Índias, na noite que se seguiu ao sonho (206).

(206) - FLAMMARION, loc. cit., 156.

Como não houve reconhecimento, no entanto, não podemos dar muita importância a esse sonho, tanto como na monição. Notar-se-á, no entanto, o episódio do gato que demonstrou ver alguma cousa, de modo que a aparição não era talvez unicamente subjetiva. Mas a emoção do gato, talvez, mal

interpretada, ou exagerada, não é suficiente para nos fazer admitir a objetividade.

O soldado S... vai ver um de seus companheiros, doente na ambulância, o qual no momento em que S... se despede, lhe diz: "Adeus, e pense em mim". Na noite de 27 de março, S... tem um sonho. Eis os termos de seu diário de viagem: "28 de março. Vi G... morrendo: uma claridade violenta o envolvia e irradiava à sua volta... seu rosto estava terrivelmente magro e desfeito; não o verei, portanto, nunca mais... Tenho medo... 18 de abril. É pois verdade, morreu há treze dias... ninguém junto dele para amá-lo em seus últimos momentos! vejo-o no caixão e à sua volta os coroinhas de vermelho, que fazem uns aos outros cócegas no pescoço, rindo". Parece pela carta de S... que seu amigo morreu no dia 28 de março (207).

(207) - *Sindicância inédita do Bull. des Armées.*

O soldado D..., instrutor em Lieuron (Ille-et-Vilaine) estando no fronte escreve à esposa: "Dirá você talvez que estou louco, mas creio que minha mãe está morta... Diga-me a verdade". A mulher de D... recebe, ao mesmo tempo em que esta carta, um telegrama anunciando o falecimento da Senhora D... mãe. Portanto, a Senhora D... mãe não estava doente. Após uma ligeira enfermidade, havia retomado seu trabalho (208).

(208) - *Sindicância inédita do Bull. des Armées.*

O Senhor Viaud (209), professor no liceu de Bordéus, tem seu filho no exército, que partiu para as Ardenas com seu regimento, no dia 6 de agosto de 1914. Regularmente, recebem notícias dele. "No dia 22 de agosto, às 21,15 horas, tendo sido solicitado (por uma influência exterior) a ir para o meu quarto de dormir, apenas pus a cabeça no travesseiro, a luz elétrica apagou-se, percebi aos pés da minha cama a

imagem muito nítida de meu filho... uma grande marca preta cobrindo a vista esquerda... Tive a convicção de que meu filho durante o dia fora ferido mortalmente. A visão, persistindo, mentalmente gritei: "Basta!" Imediatamente a manifestação luminosa cessou. Não se tratava de um sonho".

(209) - A. S. P., março de 1916, 60.

No dia 24 de agosto chegou uma carta datada de 20. Porém a partir desse dia, mais nenhuma carta. Ora o jovem Viaud desapareceu numa batalha na Bélgica, no dia 22 de agosto de 1914.

Não houve mais notícias suas e não se sabe como morreu.

O cabo de esquadra Lebrun tem um sonho, ou antes um pesadelo, que o perturba até nas dobras mais profundas de seu ser. Anota o fato na sua caderneta (que se extraviou)... Sonha que está misturado com uma multidão de luto: é um enterro, todo mundo chora, e pensa então em uma prima de quem gosta muito. Com efeito, sua prima acabava de morrer subitamente (210).

(210) - *Sindicância inédita do Bull. des Armées.*

O Senhor Uranenko estava adormecido. Alguém o acorda tocando-lhe nas costas; abre os olhos e vê sua irmã, de 15 anos, sentada em sua cama. "Adeus, Naia", lhe diz ela, depois desaparece. Estava morta nesse mesmo dia, nessa mesma hora, às 5 horas (211).

(211) - FLAMMARION, *loc. cit.*, 436.

A Senhora D'Ulric (212), pseudônimo que esconde um, distinto escritor, ouve, durante a noite de 1 de julho de 1919, aproximadamente às 23,30 horas, repetidas pancadas na porta. Senta-se em seu leito para melhor ouvir. O ritmo é o mesmo com que seu filho, muito pequeno, dizia: "Mamãe! Mamãe!"; depois, as pancadas aumentam e se balançam dois

vasinhos de cristal. Procura persuadir-se de que não se trata de uma má notícia. Na realidade, seu filho, sargento da infantaria, estava morto.

(212) - A. S. P., XXIX, 24-29.

No dia 8 de novembro de 1864, uma manhã, Sarah Wight ouve chamarem-na de fora, pelo seu nome. O Senhor Hazhatt, que estava com ela, também ouve distintamente. Porém não há ninguém. A data da morte da Senhora Wight, mãe de Sarah, coincidia com a do dia em que Sarah ouviu que a chamavam (213).

(213) - CHEVREUL, loc. cit., 49.

L. V...(214), Bordéus, estando em sua mesa de trabalho, tem a sensação de que uma porta se abre. Vira-se um pouco na direção da porta, e vê, durante um lapso de tempo, seu tio G... Um quarto de hora depois, um telegrama fá-lo saber que este se suicidara. A monição deu-se às 9,30 horas; o suicídio às 5 horas. O telegrama chegou a Bordéus às 8 horas.

(214) - A. S. P., VII, 114.

Valentine C... possuía em seu quarto a fotografia de sua amiga Hélène. Uma noite, após o jantar, só em seu quarto, quando estudava um problema de geometria, foi constrangida a fixar sua atenção sobre essa fotografia. De repente, viu a imagem mexer as pálpebras, a boca abrir-se, como se fosse falar. O pêndulo batia 20 horas. Valentine, pensando sonhar, esfrega os olhos, e torna a olhar novamente. Desta vez, vê distintamente o retrato mexer os lábios, abrir demasiadamente os olhos, depois fechá-los lentamente e suspirar. Valentine, apavorada, não ousa mais olhar e deita-se às pressas, sem poder adormecer. Logo um telegrama lhe anunciava a morte de Hélène que, ao que parece, na véspera de sua morte, repetia: "Talvez Valentine olhe minha fotografia" (215).

(215) - FLAMMARION, loc. cit., 165.

O seguinte fato merece ser anotado, se bem que não seja narrado pelo Senhor Vogler, percipiente, mas por um amigo que ouviu do próprio Senhor Vogler. Este, viajando na Alemanha, ouve a porta em baixo da escada abrir-se e fechar-se. Depois passos que se arrastaram fazem-se ouvir e chegam até a porta de seu quarto. Esta porta abre-se sem que ninguém apareça. Porém o barulho dos passos continua e parece aproximar-se da cama. Ao mesmo tempo ouve um profundo suspiro e reconhece a voz da avó, que deixara em perfeita saúde na Dinamarca, no entanto nada vê. Olha a hora e toma nota do acontecimento. Foi constatado que a avó do Senhor Vogler morrera justamente na hora indicada.

Este caso é interessante, porque não houve somente reconhecimento mas também desassociação muito nítida dos fenômenos sensoriais, de monição (216).

(216) - FLAMMARION, loc. cit., 72.

O Senhor W... sonha, no começo da noite, que vê diante, de si uma velha senhora, de cabelos brancos, sobrancelhas pretas, quero olha fixamente, tocando de modo nervoso as fitas de sua touca. Não a reconhece, mas (sempre em sonho) sua tia chega e lhe diz: "Como, John, não vê que é a sua avó?" Ao despertar, anota esse sonho em sua caderneta. Algum tempo depois sabe que a avó morrera na mesma hora, longe dali, na ilha de Wight. A avó do Senhor W... tinha os cabelos brancos (o que seu neto ignorava, pois não a via há muito tempo) (217).

(217) - Hall. tel., tr. fr., 329.

O Rev. Wanley sonha que vê um amigo seu, afastado de Londres, no entanto em perfeita saúde, o Senhor N... professor de matemática no colégio de Guernesey. De manhã, o Senhor Wanley diz à mulher que está convencido

de que o Senhor N... está morto. Isto era exato, certamente para o dia, e provavelmente para a hora.

A Senhora Wheatcroft (218), cujo marido, capitão dos dragões da guarda, partira para as Índias, vê durante a noite de 14 para 15 de novembro de 1857, em duas vezes diferentes, a sombra do marido debruçada sobre ela e fazendo esforços para lhe falar. De manhã, fala com sua mãe e está convencida de que o marido foi morto. Um mês depois vem a saber que morreu no dia 15 de novembro. Ela diz que não foi no dia 15 mas sim no dia 14 de novembro que ele morreu e, na realidade, em seguida a uma averiguação rigorosa, sabe-se que seu marido fora morto no dia 14 e não no dia 15 de novembro.

(218) - A. S. P., 1891, I, 51.

Este caso é extraordinariamente notável e merece ser considerado como um dos mais probantes de todas as averiguações desde que uma monição metapsíquica determinou uma administração oficial a fazer uma mudança nos registros de óbito.

O Senhor William adormece em seu quarto, as mãos fora da cobertura, quando é despertado pela sensação de que suas mãos são agarradas e apertadas. Senta-se e vê, junto de seu leito seu cunhado Georges, de 19 anos de idade, que sabia, no entanto, muito doente. Olha-o com ternura e ele não se sente em absoluto assustado. O nascer do sol clareava seu quarto. Levanta-se e diz à mulher: "Vi Georges: veio por um minuto ao nascer do sol". No mesmo momento, num outro lugar de Londres, Georges extinguiu-se nos braços de sua mãe e de seu pai, o qual dizia: "O sol levanta-se justo no momento em que nosso querido filho levanta-se para a pátria celeste (219).

(219) - Hall. tel., tr. fr., 142.

A Senhora Williams ouviu a voz do filho que gritava: "Mamãe! Mamãe!" Sente uma mão pousar-lhe no peito, vê a imagem de seu filho que lhe parece muito doente. O Senhor Williams, a quem sua esposa narra esta visão, não quer acreditar. Ora o filho da Senhora Williams no mesmo momento, no mar, morria de febre amarela (220).

(220) - *Phant. of the Living*, I, 440.

O Senhor Wingfield, durante a noite de 25 para 26 de março (221) vê em sonho seu irmão Richard Wingfield Baker. A realidade desse sonho é tão grande que o Senhor W... levanta-se e vai olhar se realmente seu irmão não está no cômodo ao lado. A impressão é tal que ele pressente uma desgraça e escreve na sua caderneta: "Aparição, noite de quinta-feira, 25 de março de 1880, W. B. God forbid". Na quinta-feira, 25 de março, Richard Backer William Backer morria de um acidente de caça ocorrido durante o dia.

(221) - *A. S. P.*, 1891, I, 45.

Esta monição, seguramente, é uma das mais certas que se possui devido à anotação precisa, na agenda, do acontecimento imprevisto.

A Senhora Wright deixa sua filha, de quatro anos e meio, ir brincar na rua. Alguns instantes depois, atravessando o pátio, ela vê a criança passar à sua frente como uma sombra luminosa. Pára, não reconhece a criança e olha atentamente quase que durante meio minuto. Um instante depois, chamam-na para lhe dizer que sua filha acabava de ser esmagada por um carro, na estrada (222). Se bem que não tenha havido recognição, o fato é interessante devido à precisão de detalhes.

(222) - *Hall. tel.*, tr. fr., 268.

O Dr. Woolcott, médico do navio Plantagenet, que ia das Índias para a Inglaterra, sonha que viu sua mãe moribunda e

que um de seus primos, cirurgião da artilharia real, que ele julgava na China, estava junto do leito de morte. O sonho foi tão intenso que o Dr. Woolcott foi acordar um de seus amigos para acalmá-lo na agonia que o martirizava. Chegando às docas, o Senhor Woolcott viu seu pai, que não estava de luto, vir a ele e então diz a si mesmo: "Tudo está bem: meu sonho enganou-me". No entanto, o sonho estava de acordo com a realidade. A mãe do Senhor Woolcott morrera e seu primo a assistira nos últimos momentos. A coincidência entre o dia da morte e o momento do sonho é um pouco incerta (223).

(223) - Hall. tel., tr. fr., 108

A Senhora Wickham, estando em Malta, no dia 13 de março, ficou muitíssima agoniada com relação à saúde de um amigo seu, de Brighton. Vai jantar na cidade, porém permanece triste e inquieta. De volta para casa, enquanto desfaz seu penteado, sente uma mão pousar-lhe na cabeça e no pescoço; depois, algum tempo depois, uma boca fria e gelada parece colocar-se-lhe na face e ela ouviu a voz do amigo que lhe dizia: "Adeus! Adeus!" Adormece, mesmo assim, vê o amigo entrar no quarto. Está lívido. Beija-a e desaparece. A data do sonho foi anotada por escrito. Alguns dias depois, a notícia lhe chega em Malta que seu amigo tinha morrido na hora e no dia em que sentira a sensação, no dia 13 de março, às 10 horas.

O capitão Calt (224), acordando abruptamente, vê seu irmão, então oficial na Criméia (1854) que o olha com afeição e ternura. O capitão caminha através da aparição: assim mesmo, a aparição mostra-se atrás dele com um pouco de sangue nas têmporas. Inquieto, Calt abandona o quarto e vai para o de um amigo. No dia seguinte, seu pai o proíbe de

contar essa história. De fato, a aparição se deu algumas horas depois da morte de Oliver Calt, morto por uma bala na frente, no assalto a Redan.

(224) - A. S. P., 1891, I, 166.

O Senhor Bard, jardineiro em Hinston (225) volta para casa passando pelo cemitério e ali vê a Senhora Freville, moradora de Hinston, pessoa um pouco bizarra, que se interessa pelos túmulos do cemitério. A Senhora Freville vestia-se como de costume. Sua fisionomia estava branca. Olhava fixamente o Senhor Bard e o seguia com os olhos. Logo desapareceu sem que lhe fosse possível ver para onde. O Senhor Bard verificou então que nenhum túmulo estava aberto. De fato, a Senhora Freville, cuja doença o Senhor Bard ignorava completamente, morria nesse mesmo instante. A impressão foi em extremo forte, de modo que o Senhor Bard estava absolutamente persuadido que era a real Senhora Freville, que havia visto (pois ignorava sua doença e sua morte).

(225) - A. S. P., 1891, I, 171.

O Senhor Jones, oficial inglês, estava na Birmânia, conversando alegremente com seus amigos: de repente, vê um caixão e nesse caixão uma de suas irmãs. Pára no meio da conversa, e, como era muito cético em tais matérias, conta rindo o que acaba de ver. No mesmo dia, sua irmã morria na Inglaterra (226).

(226) - A. S. P., 1891, I, 173, 1891.

O cavaleiro Seb. Fenzi, estando em Fortoula, à beira do mar (a 100 km aproximados de Florença) levado por um grande sentimento de agonia, vê, apesar da chuva torrencial e da tormenta, caminhando tranqüilamente de rocha em rocha, como se o tempo estivesse calmo, seu irmão, o senador Carlo Fenzi, que reconhece pelos seus grandes

bigodes brancos. Então agita a mão e chama-o por seu nome, tão alto quanto possível. Mas C. F... desaparece atrás dos rochedos. Nesse momento, sai de um bosque vizinho, um jovem primo seu, completamente diferente de Carlo Fenzi, com sua barba preta, e que não havia passado pelos rochedos. Voltando para casa o Senhor Fenzi vem a saber que seu irmão Carlo estava agonizando. Parte imediatamente para Florença, mas não chega a tempo para vê-lo ainda com vida. Alguns meses antes de sua morte, o senador Carlo Fenzi havia dito ao seu irmão Sebastien: "O que morrer primeiro virá avisar o outro, porém estou certo de que morrerei antes de você; em três meses deixarei de existir". A conversa deu-se em junho e a morte de C. Fenzi data de 2 de setembro de 1881 (227).

(227) - A. S. P., 1891, I, 174.

A Senhora X...(228) vê no dia 28 de dezembro de 1906, às 23 horas, diante de sua cama, uma forma de mulher, cujos traços e detalhes das vestes, distingue perfeitamente. Essa forma dizia em voz velada: "Sou Hélène Ram, virei chamá-la; ficaremos juntas no outro mundo". A Senhora Hélène Ram morreu em Hyères no dia 28 de dezembro, às 4 horas da madrugada. Houve um atraso portanto de vinte horas. Os detalhes sobre as vestes estavam exatos. A Senhora Ram não estava doente e a Senhora X... pouco a conhecia.

(228) - A. S. P., 1907, XVII, 607.

O general X..., uma das mais altas personalidades do exército francês, escreve ao Senhor A. de Rochast (229).

(229) - A. S. P., 1891, I, 260.

"Tinha eu cinco anos em 1832. Enviaram-me para a casa de minha avó materna. Dormia com um primo da mesma idade. Estávamos em nossa cama tagarelando. Acabavam de retirar a luz quando vi, aos pés de minha cama, passar a

imagem de minha avó paterna que eu acabava de deixar e que me estimava ternamente. Esta avó, na mesma hora em que apareceu, morria".

O Senhor S... vê, durante o dia, em uma galeria muito comprida de sua residência, uma espécie de nevoeiro que se concentra, fica espesso, toma a figura de um homem cuja cabeça e ombros se tornam cada vez mais distintos. O resto do corpo está envolto numa veste de gaze, como um capote que se arrasta por terra e esconde os pés. A aparição está sem cor. A cabeça vira-se para ele com um sentimento de ternura e de paz, depois, num instante desaparece, como um jato de vapor ao contato do ar frio. Então S... pensa num amigo seu que não via há algumas semanas e no qual não pensara nesse dia. Esse amigo morrera subitamente no mesmo dia e na mesma hora (230).

(230) - Hall. tél., tr. fr., 182.

O Senhor A. Z... depois de haver amigavelmente conversado sobre causas insignificantes com seu jovem amigo B..., volta para casa e se põe a ler. De repente ouve a porta de fora abrir-se com barulho. Há passos precipitados no caminho, distintos, sonoros. O Senhor Z... tem consciência de que alguma coisa está ao seu lado, fora, separado somente pelo vidro da janela. Ouve uma respiração curta, ofegante, como a de alguém que procura tomar fôlego antes de falar. Depois, igual a um tiro de canhão, um grito pavoroso, um gemido, um lamento prolongado de horror que parecem esvair-se nos soluços de uma atroz agonia. No entanto, a esposa de Z... nada ouviu. Vendo o alarme do marido, ela diz: "O que há?" - "Há alguém fora", lhe diz o Senhor Z..." mas é tão estranho e tão horrível que não ousa enfrentá-lo". Nesse momento mesmo, a uma distância muito

grande para que qualquer barulho pudesse chegar casa de Z..., B..., de volta para casa, envenenara-se bebendo ácido cianídrico e caíra dando um grande grito (231).

(231) - Hall. tél., tr. fr., 302.

A Senhora Menneer, esposa do reitor do colégio de Torre em Torquay, tem seu pai, que está nas Índias, no exército. Uma noite, ela sonha que vê a cabeça decapitada de seu pai, o Senhor Wellington, colocada em um caixão aos pés da cama. Ora nesse mesmo momento, o Senhor Wellington, em um combate, preso pelos chineses, teve a cabeça cortada e os inimigos a haviam trazido para o seu acampamento, em triunfo (232).

(232) - MYERS, *Human personality*, I, 424.

O seguinte caso, se bem que não se trate de uma monição de morte, assemelham-se de tal modo as monições de morte que se pode colocá-la nesse grupo.

O Dr. Bruce (de Micanopy, Estados Unidos) vê, em sonho, durante a noite de 27 para 28 de dezembro de 1883, uma briga, e nessa briga, um homem ferido seriamente, o pescoço cortado. Não o reconhece, pois estava com as mãos no rosto; porém o Dr. Bruce vê em sonho sua esposa (dele Dr. Bruce) que está ao lado do ferido e diz que não deseja partir antes que ele receba tratamento. De fato, o sogro do Dr. Bruce havia sido ferido nessa mesma noite de 27 para 28 de dezembro, durante uma rixa, com um golpe de punhal que lhe atravessara o pescoço. Nessa mesma noite trágica, uma outra irmã do ferido havia sonhado com um homem cujo pescoço havia sido cortado, porém sem tê-lo reconhecido (233).

(233) - MYERS, *Human personality*, I, 413.

A Senhora Suzanne Bonnefoy, que conheci como sendo de grande inteligência e bom coração, narra que recebeu (em

1902, em Cherburgo) um telegrama anunciando-lhe a morte (em Marselha) da Senhora Bonnefoy, mãe de seu marido o Dr. Bonnefoy. Este, na ocasião, havia vinte e quatro horas que se achava no hospital. Quando soube da dolorosa notícia, disse à esposa: "Minha mãe deve ter morrido ontem aproximadamente às 10 horas da noite" (a hora foi verificada em seguida, como exata); "pois ontem, aqui, no meu leito, meio acordado, pareceu-me que alguém me beijava e me acariciava; perguntei mesmo em voz alta: "É você Suzanne?" Se bem que absolutamente cético em fatos de metapsíquica, o Dr. Bonnefoy ficou convencido de que existe uma estreita relação entre a sensação que muito nitidamente sentiu e a morte de sua mãe (234)".

(234) - FLAMMARION, *La mort et son mystère*, II, 1921, 333.

O Dr. Aug. Manceau, de Paris, vê em sonho a imagem de uma tia que estimava, muito idosa, mas em perfeita saúde. "A imagem estava pouco nítida, porém nenhuma dúvida era possível. Não era um quadro; era como um clarão semelhante".

Envia um telegrama para obter notícias suas e sabe que morreu na hora em que lhe aparecera (235).

(235) - FLAMMARION. *La mort et son mystère*, II, 1921, 408.

A Senhora Belot, de Montpellier, estava separada de seu marido que estava na Argélia. Um dia às 4 horas da tarde, como cochilava, pareceu-lhe que o marido, com os traços pálidos e emagrecido, estava à sua frente e lhe dizia: "Adeus! vou-me embora". No dia seguinte, por um telegrama, soube que ele, com efeito, morrera nesse dia, às 4 horas da tarde (236).

(236) - FLAMMARION, *loc. cit.*, II, 355.

Em 1893, o Senhor Moureau, capitão-de-fragata, estando no mar, ao largo das Antilhas, entra em sua cabine para

dormir, às 11 horas da noite. De repente, quando começava a adormecer, tem a sensação muito nítida de um pequeno corpo humano que se apóia no seu peito, sente dois braços à volta do pescoço e uma boca beijar a sua. Segura o corpo com as duas mãos e o retira com violência. Acende um fósforo para ver se há alguém na cabine e nada vê. No dia seguinte cedo conta o fato a um amigo seu. Chegado a Gibraltar, sabe que seu filho de dois anos, nesse momento, morrera bruscamente de difteria (237).

(237) - A. S. P., 1919, 71.

O Senhor X..., de Montiers (Vendéia), sonha que vai à casa de seus pais e vê no seu quarto um leito improvisado, à volta do qual está muita gente que ele afasta, e reconhece seu pai, morto, estendido num colchão colocado sobre cavaletes. Desperta soluçando e conta esse sonho sinistro à esposa. Seu sonho correspondia exatamente à realidade (238).

(238) - FLAMMARION, loc. cit., pg. 340.

O Senhor Contamine, em Commentry, vê, no espelho, ao vestir se, a porta do quarto abrir-se e um amigo seu entrar, em traje de noite. O Senhor Contamine volta-se e, muito surpreso, nada vê. Então sai do quarto, interpela o criado que estava na escada e que também não vira ninguém. Ora, esse amigo, nessa mesma hora, suicidara-se: estava trajado como o Senhor Contamine o vira. (239)

(239) - FLAMMARION, loc. cit., pg. 386.

Eis textualmente a carta do capitão-de-fragata E. P. N.: "No dia 9 de janeiro de 1892, estando deitado, em Toulon, sinto que sou acordado por alguém e vejo o almirante Peyron, em pé junto ao meu leito, as mãos nos bolsos que me puxa pelo ventre, dizendo: "Adeus, P... venho dizer-lhe adeus". Levanto-me, acendo a vela, a aparição não está mais. Apenas começo a adormecer, o almirante me puxa

novamente, como da primeira vez, renovando seus adeuses: somente, seu rosto vela-se rapidamente com uma nuvem e seu corpo dissipa-se como um vapor".

O almirante Peyron havia sido o chefe do capitão P... Estava gravemente enfermo; e morrerá, com efeito. nessa noite.

É curioso notar que o Senhor G... chefe-mecânico da marinha, teve nessa mesma noite a mesma visão em sonho. O almirante Peyron apareceu-lhe dizendo: "Meu querido G..., chegou o momento de nos separar, é preciso passar por lá, adeus!"

O caráter criptestésico desta dupla monição não fica destruído pelo fato de que o capitão P., e o Senhor G... sabiam que o almirante estava gravemente doente (240).

(240) - FLAMMARION, loc. cit., 441.

A Senhora Suzanne Ollendorff, a esposa de um dos meus excelentes amigos, Paul Ollendorff, conta que certa manhã pensou subitamente em uma tia e disse para si mesma: "Ela está morta e o cura de X... (lugar onde ela residia) virá dar-me a notícia". Paul Ollendorff, que ainda não estava casado com a Sra. Suzanne L...., visitou-a nesse dia e ela lhe contou seu sonho dizendo: "Se o cura de X... neste momento estivesse atrás dessa porta, eu não ficaria nada surpresa". Paul Ollendorff permanece cético, pois o cura de X... não estava lá. Mas durante o dia - era ele, então, diretor do jornal Gil-blas - recebe a visita do cura X..., anunciando-lhe a morte dessa senhora, acometida durante a noite de uma congestão cerebral (241).

(241) - FLAMMARION, loc. cit., 273.

O Senhor Leadbater conta que o Senhor X..., em quem tem confiança, teve durante a mesma noite, três vezes seguidas, uma alucinação muito clara: o Senhor X... viu a

forma de seu pai, à luz de um grande fogo que queimava em seu quarto, primeiro às 10,30 horas da noite, depois novamente, à meia-noite, depois de novo ainda às 2 horas menos 10 minutos. Tenta segurar a aparição, mas esta desaparece, as formas apagam-se pouco a pouco, e as mãos que queriam tocá-la não encontram senão o vácuo: o pai do Senhor X... morrera nessa mesma noite. Sua agonia começou às 10 horas da noite e ele morreu à meia-noite (242).

(242) - FLAMMARION, loc. cit., pg. 330.

As antigas monições, anteriores ao movimento espírita e metapsíquico de nossa época, são importantes para se reter.

Eis a do marquês de Rambouillet, relatada por Don Calmet (*Dissertation sur les apparitions*, 1746, 375). Abrevio-a. "O marquês de Rambouillet e o marquês de Precy prometeram um ao outro que o primeiro dos dois que morresse viria dar notícias ao outro. O Senhor de Rambouillet partiu para Flandres onde estavam então em guerra, e o marquês de Precy ficou em Paris, devido a uma febre fortíssima. Seis semanas depois ouviu puxar o cortinado de seu leito e percebe o marquês de Rambouillet, com pele de búfalo e de botas. Sai de seu leito para abraçá-lo, mas Rambouillet recua alguns passos, diz-lhe que tudo o que diziam da outra vida era verdade, que devia mudar de conduta, pois logo perderia a vida. Precy quis ainda abraçá-lo, porém não abraçou senão o vácuo. Então Rambouillet mostrou-lhe o lugar onde recebera o golpe nos rins e de onde o sangue parecia correr".

Precy, logo depois, recebeu, pelo correio, a confirmação da morte do marquês de Rambouillet, e ele mesmo, encontrando-se na guerra civil, foi morto na batalha do Faubourg SaintAntoine.

CONCLUSÕES

Eis-nos chegados ao término desta longa enumeração. É decisiva; pois não se podem explicar todas estas aparições, todas estas monições, todas estas poderosas sensações pelo delírio ou louca alucinação dos indivíduos - entretanto, perfeitamente normais - que as relataram. Seria também inepto supor-se uma série anormal e prolongada de coincidências devidas ao acaso.

Portanto está bem provado que no momento da morte, muitas vezes se produz uma vibração que perturba alguma coisa no mundo e que vai determinarem certas pessoas sensíveis o conhecimento dessa morte. Ora isto é a criptestesia, quer dizer uma faculdade de conhecimento supranormal, desabitue e especial dos sensitivos.

Geralmente é sob a forma de visão ou de audição; porém é extremamente provável que na maioria dos casos não se trata de símbolo alucinatório. A... morre e a noção dessa morte chega ao inconsciente de B... Mas para que o consciente de B... possa compreender, o inconsciente, com sua poderosa imaginação criadora, fabrica um fantasma que se assemelha mais ou menos a A ..., e, tudo como na fantasia do delírio e do sonho, envolve com inúmeros detalhes, ora simbólicos, ora verídicos, ora ao mesmo tempo simbólicos e verídicos, a aparição que parece exterior, mas que não é senão uma visão interior.

Provisoriamente, vamos supor que, se mais do que os outros fatos exteriores, a morte está apta para provocar a

monição, é porque a morte é um fenômeno mais violento, mais intensamente vibratório do que os fatos vulgares da vida quotidiana. Portanto admitamos o fato da criptestesia, que é evidente, porém não vamos mais longe, nem formulemos nenhuma teoria, digamos simplesmente: a morte de A... é uma realidade, e então B... por sua faculdade criptestésica, percebe esta realidade que é a morte de A... e representa-a sob uma forma simbólica, a única que seja acessível à nossa inteligência humana.

Assim falando não se formula nenhuma teoria: não se propõe nenhuma hipótese. É o enunciado dos fatos em si mesmos. É a adaptação (do fato que seja a morte de A...) do poder criptestésico de B...

Concordemos que essas numerosas monições de morte, que são alucinações verídicas, confirmam energicamente tudo o que dissemos acima sobre a criptestesia experimental. Se houve algumas dúvidas, apesar das belas experiências, parece que agora não se pode ter mais, depois de tão belas observações. Torna-se evidente que o conhecimento do ser humano não está limitado às noções que seus sentidos lhe podem transmitir. É evidente que existe um sentido criptestésico, uma faculdade misteriosa de conhecimento.

Experimentemos portanto um começo de análise. À vontade do moribundo desempenha algum papel?

Precisemos. No momento que A... morre, seu pensamento transporta-se para B... que é seu amigo, e a quem talvez ele prometeu aparecer; e então esse pensamento, atravessando o espaço, irá influenciar o pensamento de B...

A idéia simplista, que vem ao pensamento imediatamente, para explicar essas monições de morte, é a de que o próprio morto volta, em seu corpo astral. Mas isto é

uma concepção hipotética que é difícil defender; pois em casos bastante numerosos, não é a imagem do morto, ou seu fantasma que reaparece; é pela chegada de uma terceira pessoa, tendo assistido ou não à morte, que a monição da morte é dada (243).

(243) - Veja MAD. A. SIDGWICK, J. S. P. R., novembro de 1906, 321. Case L. 1153 e *Phantasms of the Living*, I, 357 e P. S. P. R., X, 261.

Algumas vezes, aparecem vários detalhes que o moribundo não podia conhecer, de modo que a conclusão parece ser que ele tem conhecimento da verdade, porém conhecimento, por meio de um símbolo, ou por um fantasma, como se o fantasma mesmo não fosse simbólico.

Então o que parece mais verossímil é que a alma humana, a inteligência do percipiente, está perturbada por uma força qualquer que lhe revela a verdade, ou antes um fragmento da verdade; mas é bem difícil saber se esta verdade é anunciada por uma inteligência que deseja anunciá-la, ou se resulta somente dos acontecimentos que se desenrolam.

Se, em vez de se confinar ao estudo das monições, se analise o conjunto dos fenômenos, fica-se às vezes levado a acreditar que existe uma como que intenção de monição, como um esforço de se fazer compreender, e então, para ser compreendido, apresentar-se sob forma simbólica. Mas talvez seja um raciocínio antropomórfico o atribuir às cousas tal intenção. O camponês cujo campo está mirrado pela seca, voluntariamente imagina, quando uma chuva benfeitora chega, que uma divindade boníssima lhe traz a chuva.

E no entanto é bem difícil explicar certas monições coletivas, certas premonições e certos fenômenos de trato sem ver nisso o esforço de uma poderosa inteligência exterior a nós, que vem nos revelar um fragmento da

verdade, somente abordável à nossa inteligência defeituosa, por uma representação simbólica (visual ou auditiva) do próprio fenômeno.

Com efeito, muitas vezes existe como que uma vaga intenção de A... que é percebida por B... Jeanne morrendo chama aos gritos pela Srta. X... e morre dizendo: "Se fosse para ir ver!..." e a Srta. X... ouve ser chamada. - A irmã do Senhor Noell, morrendo, chama desesperadamente seu irmão. - O Senhor Dickinson, gravemente enfermo, está preocupado com sua fotografia e o duplo que estão em casa do fotógrafo. - Jim prometeu à Senhora Bishop ir visitá-la no momento de sua morte. - O Rev. Field ouve sua mãe chamá-lo: "Harry! Harry!" no momento em que sua mãe morrendo gritava: "Harry! Harry! Harry!" - O Senhor D... vê seu operário Mackenzie preocupado em justificar sua conduta.

Por outro lado, quantos casos nos quais o fantasma, isto é, o símbolo criptestésico, mostrou-se a indiferentes! A Senhora Green não se interessava em absoluto pela sua sobrinha australiana que nunca vira. - Quando o duque de Orleans morre, certamente não pensa na Senhora Bremon mais do que Robespierre na Senhora X... - Quando o Senhor Halle viu a netinha de seu cocheiro cair da janela, a criança certamente não teve vontade de se comunicar com o Senhor Halle, mais do que o cachorro do Senhor Phibbs, ao Senhor Phibbs.

Na obscuridade em que nos debatemos, parece-me prudente guardar alguma reserva sobre o nosso julgamento. Digamos somente que na maioria dos casos a monição não parece intencional da parte de A... e que a noção da morte de A... é percebida por B... porque é uma realidade, e que 8... graças à criptestesia, percebe a realidade.

Não é portanto desfigurar os fatos o recusar admitir esta intenção dos moribundos, ou esta intervenção do corpo astral; é recusar ir além das demonstrações. É muito possível que um dia, quando a metapsíquica tiver feito progresso, cheguemos a admitir esta transmissão telepática dos moribundos aos vivos. Pessoa alguma pode prever o que reserva a ciência futura aos nossos netos; porém na hora atual ninguém tem o direito de fazer uma suposição gratuita, de construir uma teoria frágil.

Fiquemos no domínio dos fatos estabelecidos, indiscutíveis e digamos que muitas vezes a morte de um ser humano é conhecida por seres humanos vivos, sem que os sentidos normais possam explicar este conhecimento: que ainda mais este aviso da morte se manifesta por símbolos cuja diversidade é infinita; e, enfim, que as monições, quase sempre, são unicamente subjetivas, se bem que em casos excepcionais pareçam ter uma realidade objetiva.

Tais são as conclusões que se tiram das monições de morte; mas assim como Geley, Bozzano e Sir Oliver Lodge o observam com razão, a explicação que se dá para tais ou quais séries de fatos é insuficiente se não se pode aplicá-la a esta série especial de fatos. Tudo se deve manter e ser coerente. Uma teoria não pode ser edificada segundo apenas os fatos de monições de morte, ou de criptestesia, ou de ectoplasmia. É preciso que a teoria proposta satisfaça mais ou menos todos os fatos. Também é mais sábio reservar para o fim dos vários capítulos deste livro toda a conclusão geral do conjunto.

IV - MONIÇÕES COLETIVAS

As munições coletivas são raras.

Antes de estudá-las, mostraremos que certas munições não coletivas, isto é, percebidas só por uma pessoa, produziram-se em tais condições que, realmente houve fenômeno exterior ordinário, mecânico, ou físico-químico; teria havido impressão coletiva, pois que diversas pessoas estavam presentes. Essas munições são portanto indiscutivelmente subjetivas.

E volto ainda, devido à sua importância, à significação precisa, na nossa ciência metapsíquica, das palavras subjetivas e objetivas.

Todos os indivíduos normais são mais ou menos sensíveis às excitações sensoriais normais. É preciso ser surdo para não ouvir um tiro de fuzil a cem metros de distância. Solta-se um foguete luminoso que sobe ao céu; é preciso ser cego para não vê-lo. Esses dois fatos, que se podem, entretanto, verificar por aparelhos. registradores ou fotográficos, são objetivos.

Ora para que uma munição se produza, há absolutamente necessidade de uma vibração qualquer de forças ambientes; por conseguinte é de toda necessidade que haja um fenômeno exterior, objetivo. Mas esse fenômeno objetivo, que põe em jogo a sensibilidade dos sensitivos, não tem o caráter de objetividade de um abalo do ar pelo som ou do éter pela luz; é uma objetividade especial, de natureza perfeitamente desconhecida e que tem esse caráter singular de não agir senão sobre certos indivíduos, de não ser percebida pelos outros e de não ser registrada por nossos aparelhos de física.

Quando a Senhora Thompson, pegando o relógio de meu filho, diz: "Três gerações entrelaçadas", existe sem dúvida uma vibração qualquer vinda do relógio que lhe deu esta noção; porém nenhum ser vivo além da Senhora Thompson seria capaz de perceber esta vibração.

Em fato de criptestesia, a sensibilidade dos diversos indivíduos varia como de 1 a 100.000, suponho; enquanto para os diversos indivíduos, as variações da sensibilidade aos sons, às cores, às luzes, aos odores, não são senão 10.000 a 10.001.

Não é tudo. Quando uma visão aparece a B... e ele julga reconhecer A..., não está em absoluto provado que a forma A... (que ele julga ver) seja A..., no sentido que tolamentemente damos a essas palavras: ver A... Tudo o que podemos dizer é que B... tem a noção de A... Esta noção de A ... é interpretada por B... como sendo a realidade de A... É alguma coisa evocando A... que chega. Mas o que é que chega? A transformação desta confusa noção de A... na imagem visual e precisa de A... torna-se então um fenômeno completamente subjetivo.

Não se trata aí de hipóteses: são fatos. Em alguns casos bem autenticados, B... está rodeado de pessoas que não vêem nada, quando ele, B... vê nitidamente alguma coisa. Portanto, com toda evidência, a percepção de B... é subjetiva, no sentido comum da palavra.

Eis algumas dessas monições não coletivas, mas que deviam ser tais, se o fenômeno não fosse subjetivo.

A Senhora Taunton, num concerto, vê à frente, entre ela e a orquestra, a aparição de seu tio o Senhor W... que ela não sabia estar doente e que aparece deitado em seu leito, chamando-a como fazem os moribundos. A aparição não é

senão um vapor: portanto, podia-se ver a verdadeira orquestra por esse corpo. O Senhor Taunton pergunta à sua mulher porque está assim fascinada. A visão desaparece, e, após o concerto, a Senhora T... explica o que viu. De fato, o Senhor W... morria exatamente na hora em que a visão apareceu.

A Senhora Purton ouve, durante a noite, um grito horrível e gemidos de agonia que enchem toda a casa, com uma algazarra formidável. Acorda petrificada, percorre a casa, que está tranqüila e onde todo mundo dorme. De manhã, pergunta se ouviram um barulho fora do comum, mas nada se ouviu. Pouco tempo depois chega a notícia da morte de seu filho Franck, que voltava da Austrália no Royal Charter. O Royal Charter naufragou com todos os passageiros no momento em que a Senhora Purton teve essa monição.

O Senhor King, do Royal Military College, voltando para casa, com um dos seus amigos, pelo campo, às 22 horas, diz de repente: "Veja-a, veja-a!", e aponta um lugar na mata. Mas M..., seu amigo, nada vê. King cai por terra gemendo. Depois se levanta e os dois amigos retomam a caminhada. King estava como bêbado e não dizia nada. De repente grita: "Onde será que eles a levaram? Digo-lhe que eles a levaram!" No dia seguinte cedo, King não se lembra de nada; soube então que uma senhora idosa, que ele muito estimava, morrera subitamente de uma doença do coração, exatamente às 22 horas (244).

(244) - Hall. tel., tr. fr., 247.

Berta Hurly (245) ia muitas vezes visitar a Senhora Ewans, uma mulher idosa muito doente, mas não de perigo imediato. Uma noite, estando à mesa, com sua família, vê uma figura de mulher vestida como a Senhora Ewans, que

atravessa a sala e desaparece. "Eu disse: "O que é isso?" e minha mãe me diz: "Que tem você?" Respondo-lhe: "Esta mulher que passou de uma porta a outra é a Senhora Ewans". Puseram-se a rir de mim". Nessa mesma hora a Senhora Ewans, tomada de delírio, começava sua agonia. Morria às 8 horas da manhã.

(245) - A. S. P., 1891, I, 59.

O Senhor B..., tomando chá em casa de seu filho, com este e sua nora, diz de repente: "Quem olha pela janela?" Ora ninguém podia subir ali. O Senhor B... insiste, dizendo que vê uma mulher com um rosto pálido e cabelos pretos. Não fica tranqüilo senão depois de haverem feito (entretanto inutilmente) à volta da casa. São 17,45 horas. No mesmo dia morria em Guernessey, às 17,45 horas, a mãe da Senhora B..., nora do Senhor B... que teve a visão (246).

(246) - Hall. tel., tr. fr., 180.

O Senhor Mouat, indo ao seu escritório, encontra seu empregado que conversa com o porteiro e percebe diante da porta o Rev. H... Geralmente o Rev. H..., que trabalhava no escritório de Senhor Mouat, não chegava tão cedo. Um outro empregado, descendo de seu escritório, viu o Senhor H... e saiu, depois de haver tentado, sem resultado, brincar com ele. Tendo ficado só com o Rev. H..., o Senhor Mouat olha-o bem no rosto, admira-se vendo sua expressão melancólica e observa que está sem gravata: "Mas que tem você?" pergunta-lhe. "Parece contrariado?" H... não responde e continua a olhá-lo fixamente. Nesse momento chega o empregado que nada vê, e H... desaparece. Ora está averiguado por um lado que nem o empregado, nem o porteiro, viram H..., e por outro lado que H... nesse dia estava ausente de Londres (247).

(247) - Hall. tel., tr. fr., 358.

Evidentemente esse caso é muito perturbador, mais incompreensível ainda do que os outros, pois que, entre quatro pessoas, existem duas que viram o Rev. H... (e lhe dirigiram a palavra) enquanto as outras duas nada viram. A materialização - porque provisoriamente, adotamos esta palavra - não foi tal senão para duas pessoas em vez de quatro. Portanto não é um fato objetivo, ou antes, é de uma só vez, objetivo e subjetivo.

A.- MONIÇÕES COLETIVAS, NAS QUAIS A MONIÇÃO NÃO FOI SIMULTÂNEA, NEM IDÊNTICA

Retomemos o exemplo dado acima de uma raça humana insensível aos odores. Assim poderemos um pouco menos mal dar-nos conta da significação que comportam esses fenômenos misteriosos.

Vamos supor que em um quarto onde se encontram reunidas pessoas insensíveis aos odores, subitamente um golpe de vento traz o odor das violetas. Essas pessoas, sendo insensíveis, evidentemente, não sentem nada. Mas se uma das vinte pessoas presentes é sensível ao olfato (durante alguns segundos) ela terá a noção das violetas. As outras pessoas não terão sentido nada: mesmo a pessoa sensível não sentirá mais nada ao fim de um segundo ou de meio segundo.

Então, se em outros lugares vizinhos, pouco mais ou menos no mesmo momento, o mesmo vento carregado de partículas odorantes, trouxer a uma pessoa excepcionalmente sensitiva os odores desta mesma impressão de violetas, esta sensitiva terá também, sozinha entre outras pessoas presentes, a noção das violetas.

Portanto, eis uma monição coletiva, mas não simultânea. Pois podemos, não sem alguma verossimilhança análoga, comparar os indivíduos dotados de criptestesia, momentânea ou duradoura, a indivíduos que tenham olfato no meio de toda uma raça humana dele desprovida.

A Senhora Huntert (248) vê, acordada, durante o dia, um grande caixão colocado sobre o leito e aos pés do leito uma mulher idosa, alta, forte, que olha o caixão; a visão é tão nítida que ela pode descrever as vestes.

(248) - BOZZANO, A. S. P., 1907, XVI I, 631, *Symbolisme et phénomènes métapsychiques*.

A visão desaparece e a Senhora Hunter conta o fato às pessoas que vêm visitá-la. À noite, a governanta, muito assustada, lhe diz que viu uma senhora idosa no salão, que pareceu dissolver-se quando ela a olhava e descreve suas vestes, exatamente como a Senhora Hunter tinha visto. A netinha da Senhora Hunter, de cinco anos, um pouco mais tarde, põe-se a gritar, apontando um lugar onde a ama nada vê e diz chorando: "vá embora! vá embora! velha feia e má".

O Rev. Jupp, diretor de um orfanato, despertando no meio da noite, percebe um clarão no dormitório. Acima do leito de uma das crianças flutuava uma nuvenzinha luminosa. O Senhor Jupp senta-se em sua cama, pega o relógio (meia noite e 35 minutos). Teve a idéia de se levantar para pegar esse halo luminoso estranho. Mas de repente sentiu, antes de ter ouvido (tal é a sua descrição) que lhe era

dito: "Fique deitado, nada lhe acontecerá". E ele dormiu novamente. No dia seguinte cedo, uma das crianças (a que estava deitada no leito junto do qual havia flutuado a luz) lhe disse: "Minha mãe veio junto a mim esta noite; você a viu?" A criança tinha quatro anos: sua mãe morrera havia seis meses.

Os três irmãos Swithinbank tiveram, se bem que vivendo separadamente, o mesmo sonho na mesma noite. Os três viram sua mãe morrendo, ainda que não estivesse doente (249).

(249) - *Phant. of the Living*, II, 382.

A Srta. Beale vê entrar em seu quarto (que está fechado) um homem de roupão flutuante, e na mesma noite C... que dorme no quarto vizinho, vê também a forma de um homem que o visita e reconhece.

A Senhora Theloar, entrando em seu quarto às 20 horas, vê, do outro lado do leito, uma forma de mulher, pálida, com uma grande expressão de agonia. Estava de chapéu e com um veuzinho. A lâmpada iluminava todos os detalhes, o bastante para que a Senhora T... pudesse distinguir-lhes as manchas de sarda no nariz. A Senhora T... reconheceu a irmã. Depois a forma desapareceu gradualmente. Nesse momento chega uma jovem sobrinha da Senhora T..., que diz: "Vi tia Annie! Vi tia Annie!" Esta aparição não corresponde ao próprio momento da morte de Annie, mas a um ataque de difteria superagudo que a fez perecerem vinte e quatro horas. (250)

(250) - *Hall. tel., tr. fr.*, 290.

As superstições, as lendas religiosas ou pagãs, as crendices populares, não me inspiram senão fé muito medíocre, ou, para melhor dizer, completamente nula.

No entanto, talvez não se deva atirar tudo de lado, sem exame. Assim também os fatos extraordinários narrados nas vidas dos santos não são sem dúvida mentiras completas, nem enganos absolutos, como as levitações, por exemplo. Existe, muito provavelmente, alguma parcela de verdade escondida no fundo de todos esses relatos. Em vez de procurar descobri-la, esta minúscula quantidade de verdade, também em vez de negá-la cegamente, mais vale tentar novas experiências e provocar novas observações.

Se falo aqui das superstições populares é porque existem muitas que se relacionam com movimentos de objetos, ruídos peculiares, que correspondem à morte desta ou daquela pessoa. Poderia mencionar aqui muitas narrativas que estão consignadas nas monições, mas esses diversos relatos não dão senão raramente a reconhecimento; são pedaços de espelhos, quedas de objetos, quadros que caem das paredes, pancadas estremecendo as portas, todos os fatos que, segundo dizem, avisam um luto ou um desastre. Contentar-me-ei em indicar algumas dessas monições; pois, enquanto não se tiver reconhecimento precisa, pode se sempre, e mesmo se devem, admitir coincidências.

Eis, portanto, um fato desta ordem que é interessante mencionar.

Em Berlim, o Senhor Jaffé, no meio da noite, estava deitado, mas perfeitamente acordado, quando ouve o tique-taque do relógio do motel (251). Levanta-se, ouve o ruído que se desloca, conforme o lugar em que o Senhor Jaffé passeia no quarto. No dia seguinte, cedo, a Senhora Jaffé diz ao marido: "Vi em sonho tua mãe, que estava com um lenço amarrado sob o queixo e contorcia a boca". Pouco depois, o Senhor Jaffé tinha conhecimento da morte de sua mãe,

ocorrida durante a noite. Ela contorcia a boca de uma maneira horrível, de modo que precisaram imobilizar o queixo, com auxílio de um lenço.

(251) -Trata-se de uma crendice popular, segundo a qual, em caso de um falecimento, os parentes e os amigos do moribundo recebem a notícia por meio de batidas características, análogas ao tique-taque de um pêndulo.

Th. Lemonnier, farmacêutico em Rennes, tinha dois amigos íntimos, os Srs. Escolan e Nivot, cirurgião-dentista. A saúde do Senhor Escolan, enfermo, logo se agravou. Atacado de tuberculose aguda, foi conduzido ao hospital.

Uma manhã de setembro de 1891, às 5,45 horas, o Senhor Lemonnier é acordado por um ruído insólito, violento, nos postigos de fechamento de sua farmácia. "Quem é pois, pensei, o cliente que bate assim em vez de se servir da campainha da noite? pois parecia tamborilar com o pulso na porta da frente, e esse ruído persistiu algum tempo, um ou dois minutos talvez. Vesti-me às pressas e fui abrir. Não havia na rua senão as varredoras que me afirmaram não ter visto ninguém".

Aproximadamente uma hora depois, o Senhor Lemonnier vê chegar às 7 horas seu amigo, o Senhor Nivot.

Está me acontecendo alguma coisa singular. diz o Senhor Nivot. Imagine que às 5,45 horas fui repentinamente acordado por pancadas redobradas na porta do meu quarto: "Bata pois com menos força, disse, não sou surdo. Quem está aí?" O barulho continuou. Abri a porta. Não havia ninguém e todo o mundo dormia ainda. O porteiro afirmou-me que ninguém havia entrado na casa.

Os Srs. Lemonnier e Nivot tiveram então o pensamento que seu amigo Escolan acabava de morrer. Vão ao Hotel-Dieu e lá sabem que Escolan morrera exatamente às 5,45 horas.

A Senhora Matthews acorda no meio da noite, e vê, com grande pavor, uma moça chamada Suzanne, como ela, criada de quarto, que deixara a casa havia alguns meses: "Estava em traje de noite, veio direta à minha cama, levantou as cobertas e deitou-se ao meu lado. Senti um arrepio glacial e creio que desmaiei. Quando recuperei os sentidos a aparição se havia sumido; porém estou certa de que não era um sonho". Na mesma noite o filho do Senhor Matthews, que morava na mesma casa que sua mãe, sentiu-se preso de um terror anormal. Olhou mas nada viu. Assustado, escondeu-se sob as cobertas mas não pôde dormir a noite toda. Suzanne, que entrara no hospital devido a uma doença do fígado, que não parecia ser muito grave, morria nessa mesma noite (252).

(252) - Hall. tel., tr. fr., 350.

A Senhora Belby conta que um dia ouviu, bem como seu marido, a voz de uma de suas amiguinhas que chamava: "Johnnie!. Johnnie!" Esta amiguinha, a Senhora Snelle sofrendo um sério acidente, chamou por socorro, gritando: "Johnnie!' Johnnie!" Johnnie era o rapaz que geralmente a acompanhava nas excursões. A impressão foi tão nítida que o Senhor e a Senhora Belby logo chamaram os criados (253).

(253) - Hall. tel., tr. fr., 363.

O Rev. Tweedale (da Sociedade Astronômica de Londres) vê no dia 10 de janeiro de 1879, no meio da noite, aparecer sua avó. Isto durou alguns segundos. Estava com uma touca à moda antiga. Seu pai, o Senhor Tweedale, via a mesma aparição, no mesmo momento, na cabeceira do leito. A irmã do Senhor Tweedale pai, a 30 km dali, teve a mesma aparição às 2 horas da madrugada. A hora foi fixada com precisão. Para o Rev. Tweedale foi às 2,19 horas da

madrugada. A avó morrera à meia noite e quinze minutos (254).

(254) - A. S. P., 1906, XVI, pg. 610.

Em 1872, a Senhora W... partiu de Londres para Boston com seu marido. Pouco tempo depois ficou doente e morreu de varíola. No dia de sua morte (se bem que as horas e as datas não possam ser fixadas com toda certeza) sua aparição manifestou-se a três pessoas. Sua cunhada, a Senhora Coote, viu entre 5 e 6 horas, entrar uma aparição que se debruçou sobre seu leito e que reconheceu como sendo a Senhora W..., cujo rosto distinguiu bem e pode tocar. O marido da Senhora Coote, que dormia ao lado, não viu, nem ouviu nada. A Senhora W... apareceu ainda em Epping (Essex) à sua tia, Senhora B..., uma senhora idosa de setenta anos. A aparição foi de tal modo nítida, que a Senhora B... pôde distinguir o bordado da camisola. Uma outra pessoa, a Senhora N... a viu também, em um outro local quase no mesmo momento (255).

(255) - Hall. tel., tr. fr. 351.

Durante a noite em que se matou, tomando estricnina, X..., primo de meus filhos, meu filho Georges, de vinte anos, e minha filha Louise, de dezoito, comunicaram um ao outro, na hora do café da manhã, suas impressões; "Tive um sonho fúnebre, diz Georges, sonhei que morreu um amigo meu... Contanto que não seja X... nem Y.. Mas não é nem um nem outro". - "Eu, diz Louise, sonhei que nosso primo P. A. estava morto, e eu dizia a Jacques, meu irmão: "Não é possível que esteja morto, pois você foi com ele à ópera".

Ora, 1.º - P. A. é um primo de meus filhos, nas mesmas condições que X.; 2.º - X. havia ido à véspera de sua morte ao teatro com meu filho Jacques.

A Senhora Young, tomando chá com seu marido e seus filhos, ouve um ruído violento no andar superior. Um vento forte parece envolvê-la. Seu marido nada ouviu, nada sentiu. Longe dali, o irmão da Senhora Young, o capitão Adams, que navegava, no mesmo momento, ouviu chamar em voz alta... John! John! e reconhece a voz do pai... Sobe ao tombadilho: ninguém o chamou. Nesse mesmo momento, afogava-se num naufrágio, o Senhor Adams, pai do Capitão Adams e da Senhora Young (256).

(256) - *Phant. of the Living, II, 632.*

B. - MONIÇÕES COMPLETAS E SIMULTANEAMENTE COLETIVAS

Este grupo de monições é de uma importância fundamental, primeiro porque confirmam com muita força a hipótese da criptestesia, segundo porque parecem demonstrar bem que, em certos casos, a monição se reveste de uma objetividade normal, alguma cousa como uma materialização verdadeira.

Eis um relato muito antigo que, apesar de todas as prováveis deformações que o tempo traz a uma história, quando um documento escrito não fixa todos os detalhes imediatos, pode ser considerada como exata no conjunto.

Na ilha Cap-Breton, o coronel Wynyard e Sir Sherbrooke jantavam na caserna. De repente, uma forma, trajando vestes simples, passa diante deles: "Deus abençoe minha alma", diz Sherbrooke. Quem é? - "É meu pai, diz o coronel Wynyard, e estou certo de que está morto". Os dois oficiais

constatarem que ninguém pode chegar até ali. Tomaram nota nos arquivos do regimento e pouco depois se soube que o pai de Wynyard morrera no mesmo momento, na Inglaterra, de um acidente de caça.

Sir John Sherbrooke nunca havia visto John Wynyard. Porém, um dia, Pm Londres, encontrou um indivíduo que lhe assemelhava estranhamente: "Eis o homem que eu vi", diz ele. De fato, era um indivíduo que se assemelhava a tal ponto a J. Wynyard, que constantemente o tomavam por ele (257).

(257) - Hall. tel., tr. fr., 283.

A Senhora E. Wickham, em Malta, ia todos os dias ao hospital onde o Senhor B... , um oficial inglês, era tratado, de um ferimento recebido em Tell-EI-Kébir. O ferimento complicou-se, veio à gangrena, e a morte era iminente. Entretanto, pensando que o fim não seria ainda nessa noite, a Senhora Wickham consentiu em voltar para casa. Às 3 horas da madrugada, seu filhinho de nove anos chama-a aos gritos: "Mamãe, mamãe, olhe o Senhor B...!" - "Levantei-me precipitadamente, escreve a Senhora Wickham: a forma do Senhor B... flutuava no quarto, a uns 16 cm do soalho, e desapareceu através da janela sorrindo para mim. Estava em traje de noite, porém o pé gangrenado pareceu-me igual ao outro pé. Meu filho e eu notamos isso. Uma meia hora depois vieram avisar-me que o Senhor B... acabava de morrer".

Este caso é um dos mais notáveis dentre os que foram assinalados (258).

(258) - Phant. of the Living, FLAMMARION, loc. cit., 212.

Há muitíssimos anos, a Senhora De Barrau, mulher de caráter nobilíssimo e sereno, citou-me um fato análogo do qual fora testemunha. Não tomei nota no momento - o que é lamentável - de sorte que não relato o fato senão de

memória, porém a narração impressionou-me tanto, que os principais traços são, sem dúvida, exatos.

A Senhora De Barrau tinha uma parenta jovem extremamente doente à qual dispensava seus cuidados. Estava no campo, numa casa bastante isolada, que dava para um prado. Neste corria um riacho com salgueiros ao longo da margem. A moça estava morrendo e achavam-se ao seu lado, a mãe e a enfermeira profissional. A cama da doente estava na parte térrea e o quarto da Senhora De Barrau no primeiro andar. Uma noite, após uma prolongadíssima vigília, a Senhora De Barrau, a fim de descansar um pouco, subiu com a enfermeira para seu quarto. Passado algum tempo, olhando pela janela, de repente, a Senhora De Barrau vê - e a enfermeira também vê - uma forma branca flutuar sobre as árvores e desaparecer na noite. Nesse mesmo momento a doente exalava o último suspiro.

A Senhora Pearson achava-se de vigília com sua irmã, a Senhora Coppinger, à cabeceira da Senhora Harriet, sua tia, muito doente, que estava morrendo. De repente, a Senhora Coppinger, irmã da Senhora Pearson, lhe diz: "Emma, olhe, eis tia Anna!" E as duas irmãs vêem então a figura de uma mulher pequena, envolta num chalé velho, com um chapéu fora da moda sobre a cabeça. Esta forma entra no quarto da doente.

A tia Anna era uma irmã falecida da enferma. A Senhora Harriet, antes de morrer, disse que vira sua irmã que tinha vindo buscá-la. (259)

(259) - BOZZANO, A. S. P., 1906, 164.

O comandante Aylesbury, quando criança (13 anos) quase perece afogado, e, no seu desespero, chama por sua mãe aos gritos. Ora no mesmo dia, a uns dez mil km dali (de

Batávia a Londres) sua mãe e suas três irmãs estavam sentadas trabalhando no quarto. Todas ouviram um grito fraco: "Mãe!" As filhas da Senhora Aylesbury disseram: "A senhora ouviu? alguém gritou: "Mãe!" De novo a voz chama, rápida e agoniada, duas vezes seguidas, exprimindo pavor. Todas nós nos levantamos e corremos para a rua. Não havia nada: o ar estava muito calmo. A Senhora Aylesbury anota a data em sua caderneta. As horas correspondiam, tanto quanto se podia exatamente afirmar, trinta anos depois, sem documento escrito (260).

(260) - Hall. tel., tr. fr., 365.

Em outubro de 1916, a Senhora R... (de Pontluçon) durante a noite, ouve que a chamam num grito de desespero: "Mamãe!" - Corre ao quarto do filho, que também despertara em sobressalto com o mesmo grito nitidamente ouvido. No dia seguinte cedo se sabe que um outro filho da Senhora R... fora ferido naquela noite (261).

(261) - Sindicância inédita, caso enviado pelo Senhor R. MIALARET.

A Senhora P..., antes de se deitar vê, estando seu marido já na cama, no fundo do leito, uma figura representando um homem com uniforme de oficial da marinha. Apóia o cotovelo no espaldar da cama e olha seu marido. A Senhora P... acorda o esposo, que dormia. Então o Senhor P... vê a aparição e, estupefato, grita: "Senhor, que vindes fazer aqui?" A forma levanta-se lentamente e pronuncia em voz imperiosa: "Willie, Willie". Era o prenome do Senhor P... Este, lívido, muito agitado, levanta-se como que para assaltar o estranho, porém a forma atravessa o quarto, impassível e solene, projetando sua sombra sobre a parede (pois havia luz no quarto), depois desaparece através da parede. A porta estava fechada com ferrolho. O Senhor P... reconhece seu pai, que havia sido oficial da marinha em sua mocidade, e

que a Senhora P... não conhecia. O Senhor P... morreu pouco tempo depois (262).

(262) - BOZZANO, A. S. P., XIX, 1909, 326.

A Senhora Bettany sonha que uma de suas vizinhas, a Senhora J... que conhecia apenas de nome e que não estava doente, estava morta. O sonho é tão nítido que no dia seguinte cedo ela manda alguém à casa da Senhora J... para obter notícias dela. Com efeito, a Senhora J... morreu nessa noite. Por outro lado, um dos criados da Senhora Bettany tivera nessa mesma noite um sonho, um sonho pavoroso, no qual alguém lhe havia dito: "A Senhora J... está morta!"

Eis um caso, interessante por diversos motivos, sobre o qual Sully Prudhomme e eu pudemos reunir todos os documentos autênticos. "No dia 17 de julho de 1852, como testemunha o livro de bordo do barco Jacques-Gabriel, que ia de Bordéus para a ilha Maurício, três pessoas, o Senhor Pineau, meu imediato e eu, passeando no tombadilho, ouvimos uma voz de mulher. O timoneiro também ouviu... Chegando à ilha Maurício, soubemos da morte da esposa de meu imediato, a Senhora Pineau, falecida no mesmo dia e na mesma hora em que o ruído se fizera ouvir. O Senhor Pineau disse-me ter tido então o pressentimento de uma desgraça, adiantando que tinha um aviso semelhante cada vez que perdia um membro de sua família". O capitão, Senhor Mangat, adiantou mais tarde que eram gritos dilacerantes que havia ouvido e o fato o impressionou de tal modo que constantemente falava a respeito.

É verdade que o falecimento da Senhora Pineau não se deu, conforme verificação feita nos registros do Cartório de Paimboeuf, no dia 17 de julho, mas sim no dia 16 de junho. (O barco partira de Bordéus no dia 16 de abril).

Portanto, existe engano manifesto na anotação feita no livro de bordo, quando se diz que o falecimento da Senhora Pineau se deu no mesmo dia em que os ruídos foram ouvidos. Na realidade houve um mês de diferença (263).

(263) - Pode ser, dizem os espíritas, porque este monição, precedendo somente de dez dias o conhecimento da notícia e a chegada do barco, não deu durante muito tempo, e inutilmente, uma impressão desagradável. Em todo caso o que está averiguado é que houve uma voz de mulher, ouvida, muito forte e muito nítida, por diversas pessoas.

O Senhor Falkinburg, de volta para casa às 19 horas, brinca com Arthur, seu filho de cinco anos, quando de repente a criança grita: "Papai... olhe vovô!" O Senhor Falkinburg chega e percebe a figura de seu pai, tão viva quanto possível. A Senhora Falkinburg, se bem que seu marido tenha chamado sua atenção para a visão, não vê nada e tenta persuadir o marido de que se trata de uma ilusão. Algum tempo depois às 22 horas, a criança, no seu leito, diz ainda: "Papai, vovô está ali!" O Senhor Falkinburg morrera exatamente às 19,14 horas.

Se bem que verdadeiramente se trate de uma alucinação coletiva, no entanto não pode ser objetiva, pois que a Senhora Falkinburg nada viu. Não é, portanto, uma aparição completamente coletiva, pois que foi vista por duas pessoas e não o foi por uma terceira. Perguntar-se-á então se as monições coletivas, percebidas por diversas pessoas, têm a objetividade que parecem ter, dando à palavra objetividade seu sentido habitual.

A Senhora Focke estava em Dusseldorf, tomando chá, quando ouve um grande grito: "Mãe! Mãe!" Suas filhas e a Senhora Raskel, que estava com elas, ouvem o mesmo grito e reconhecem a voz. É a voz de Anna Focke, uma filha da Senhora Focke. Então, todo mundo corre à janela, porém não vê nada. Ora a Senhora Anna Focke embarcara para as

Índias Neerlandesas num vapor holandês, que, nessa mesma noite, se perdera totalmente (264).

(264) - *Phant. of the Living*, II, 631.

O professor Knes e o Dr. Obersteiner, médicos de nomeada em Viena, estavam em casa do Senhor Obersteiner, quando ouviram bater à porta. Disseram: "Entrai", mas ninguém entrou. Alguns instantes depois ouviram a porta da antecâmara abrir-se, e passos leves, mas muito distintos. Obersteiner abre a porta e não vê ninguém. Uma terceira vez, muito nitidamente os dois sábios ouviram a porta abrir-se, passos leves atravessarem o salão e pancadas na porta. "É demais", diz o Senhor Obersteiner. No mesmo momento, a Senhora S..., a doente que eles deviam ir ver juntos, estava agonizando. Estava morta quando eles chegaram. (265)

(265) - *A. S. P.*, 1891, I, 162.

A Senhora B...(266) estava à cabeceira da mãe moribunda quando vê o fantasma de sua madrinha, uma velha governanta morta há muito tempo, sentada ao lado do fogo, no lugar habitual de sua mãe. Dá um grito: sua irmã chega, vê também o fantasma, e três outras pessoas igualmente o viram.

(266) - *BOZZANO*, *A. S. P.*, março de 1906, 166.

Uma noite, a Senhora L..., que dormia ao lado do marido, ouve claramente a voz do filho falar-lhe. O Senhor L... também ouve essa voz. O Senhor e a Senhora L... estão acordados. A voz dizia: "Como não posso ir à Inglaterra, mamãe, vim vê-la". Tomaram nota deste incidente e alguns dias depois souberam da morte do filho, cujo momento correspondia ao do sonho (267).

(267) - *Hall. tel.*, tr. fr., 364.

Maria Strieffert, preceptora, com duas de suas alunas, ouve, como também as moças, distintamente, a palavra

Fraulein. Reconhece essa voz como a de uma pessoa de seu conhecimento que se portara mal com ela. Tendo anotado a hora em que a voz foi ouvida, constatou que essa pessoa tinha morrido naquele mesmo momento (268).

(268) - FLAMMARION, loc. cit., 323. O caso é bem pouco probante.

A Senhora Telechoff, em 1880, encontra-se em seu salão em Petersburgo com seus cinco filhos e seu cachorro Moustache. De repente o cachorro põe-se a latir fortemente. Então todas as pessoas presentes percebem um meninozinho só de camisa, de seis anos aproximados, que reconhecem como o pequeno André, o filho de sua leiteira, que sabiam doente. A aparição se destaca da estufa, passa por cima das cabeças das pessoas presentes e desaparece pela sacada aberta. Isto durou uns quinze segundos mais ou menos. O cão não cessava de latir, corria latindo e seguia os movimentos da aparição. Ora nesse momento o pequeno André acabava de morrer (269).

(269) - A. S. P., 1905, XV, 439.

Um rapaz de 15 anos, Phillipe Weld, enviado ao Colégio Santo Edmundo, afoga-se acidentalmente no dia 16 de abril de 1845. O diretor do colégio, Senhor Cox, quis ir pessoalmente levar essa triste notícia ao pai de Phillipe. Mas apenas se achou na presença do Senhor Weld pai, este lhe disse: "Não tendes necessidade de falar, sei que Phillipe está morto. Minha filha Catherine e eu vemo-los na estrada, havia um rapaz de roupa preta ao seu lado... e eu vi atrás deles, através de suas formas, um camponês no campo. Mas não falei a ninguém para não assustar minha mulher (270).

(270) - Hall. tél., tr. fr., 376.

A Senhora Obalechieff, em Odessa, estava deitada em seu leito com seu filho e, ao lado dela, no chão, dormia Claudine, sua empregada. De repente, levantando os olhos

para a porta, vê, diz ela, entrar lentamente seu sogro, de chinelo, vestido com um roupão de quadrados que a Senhora Obalechieff nunca vira. Aproximando-se da poltrona na qual se apoiou, passou por cima dos pés da criada e sentou-se suavemente. Nesse momento o pêndulo bateu 23 horas. "Bem certa de ver distintamente meu sogro, dirigi-me à empregada: "Vê, Claudine? Eu não o conheço". Claudine, tremendo de medo, me diz: "Vejo Nicolas Nilovitch" (o nome de meu sogro). Então ele se levantou, passou novamente por cima dos pés estendidos de Claudine e desapareceu". A Senhora Obalechieff foi acordar o marido; deram uma busca no apartamento, porém nada viram. O Senhor Nilovitch, que a Senhora Obalechieff e Claudine viram, morria nesse mesmo momento, em (271).

(271) - FLAMMARION, loc. cit., 194.

A Senhora Paget, uma noite, às 22 horas, com suas filhas, fazia sua oração, quando todas ouviram no corredor o passo pesado de um homem caminhando ao longo do corredor. Parou no fim do corredor, no bico de gás, e os passos distanciaram-se. A Senhora Paget abriu a porta e disse: "Mas ele não apagou o gás. Como seu passo se parece com o andar pesado do pobre Arthur". Arthur era um velho empregado muito ligado à Senhora Paget, que o havia enviado a Ventnor para descansar um pouco. Sabia que ele estava muito doente, mas não em perigo imediato. Antes de ouvir o barulho de passos no corredor, a Senhora Paget havia dito: "Desde que esse pobre Arthur nos deixou, nunca mais apagaram com exatidão o gás". O incidente foi anotado numa agenda e foi constatado também que ninguém havia caminhado no corredor. Ora, exatamente na mesma hora, em Ventnor, morria Arthur. Justo antes de morrer, Ele perguntou

a hora. Não é certo, se bem que um testemunho tenha afirmado que Ele dissera no momento de morrer: "Eis a hora em que é preciso apagar o gás".

A Senhora Weter, que estava com seu marido, Ouve durante a noite três soluços distintos como os de uma pessoa que está morrendo. O Senhor Weter também os ouve. Levanta-se, acende uma luz e com sua esposa, procura o que poderia produzir esse ruído. O Senhor e a Senhora Weter deitam-se novamente. De novo os soluços se fazem ouvir, clara e distintamente. A hora anotada é 22,30 horas. Não houve reconhecimento. No entanto ficou estabelecido que o irmão da Senhora Weter morreria nessa noite, nessa mesma hora.

A Senhora Elgée, estando de passagem pelo Cairo, dormia num grande quarto de um hotel, e tomara o cuidado de trancar a porta. Uma noite desperta bruscamente, como se fosse chamada e vê diante dela a forma de um velho amigo que sabia estar na Inglaterra. "Como veio aqui?" pergunta-lhe estupefata. A forma estava tão nítida que podia distinguir-lhe toda a veste e ver-lhe na camisa três botões de ônix. Avança e aponta a Senhora Dennys, que dormia no mesmo quarto. A Senhora Dennys acorda, senta-se no leito e olha a aparição com um pavor intenso. Depois a forma desaparece. A Senhora Dennys diz que viu alguém, que descreve exatamente, mas que não reconhece.

A pessoa que as Sras. Elgée e Dennys viram, com todas as aparências de vida, era o Senhor X... Nesse momento ele não estava doente, nem em perigo. A Senhora Elgée teve ocasião de ver quatro anos depois.

A Senhora Lett, às 21 horas, entra em um dos quartos da casa em que residia seu pai, o capitão Towns. O gás estava aceso. A Senhora Lett estava acompanhada de uma jovem, a

Srta. Berthon. Entrando no quarto, perceberam a imagem do capitão Towns refletida na superfície polida do armário. Dir-se-ia um retrato em tamanho natural. A fisionomia estava pálida e magra, e parecia ter uma jaqueta de flanela cinza com a qual ele costumava dormir. Nenhum retrato estava suspenso na parede. Enquanto estupefatas olhavam esta imagem singular, entra uma outra jovem, filha do capitão Towns, que diz: "Mas grandes deuses! é papai!" Depois uma arrumadeira entra também e fala: "É o patrão ..". Logo após vem Graham, a ordenança do capitão, que confessa: "Deus nos proteja, senhora Lett, é o capitão!" "Chamaram o intendente, depois a Senhora Crane, a ama de minha esposa, e as duas disseram que viram o capitão. Então chamou-se a Senhora Towns, sua viúva, que vendo a aparição, avançou com o braço estendido para tocá-la. Depois enquanto passava a mão sobre o painel do armário, a imagem pouco a pouco desapareceu".

O Dr. Isnard (272), filho de um médico militar de nomeada, que foi professor em Val-de-Grâce, teve, quando ainda criança estudante de medicina, uma visão fantasmática, que sua irmã e um amigo perceberam ao mesmo tempo em que ele. A viúva Senhora Isnard, sua mãe, estava gravemente doente, na rua Jacob, em Paris, em 1878. Acamada havia quatro meses, repousava em um quarto vizinho à sala de jantar... "De repente a porta do corredor abre-se completamente. Uma rajada de vento, com todas as janelas fechadas, levantou-se... Entre os postigos estava uma sombra de mulher, pequena, arcada, a cabeça pendida, os braços cruzados sobre o peito. Um véu cinzento e empoeirado parecia cobri-la. Avançou suavemente na sala, escorregando no soalho, mas não se via seu rosto. Passou

muito perto de nós, contornou a porta e desvaneceu-se na sombra do corredor... A Srta. Isnard e o Senhor Menou Cornuet viram exatamente a mesma sombra. Alguns dias depois, a Senhora Isnard mãe morria”.

(272) - A. S. P., 1891, I, 193-202.

Lendo o relato muito circunstanciado dado por essas três testemunhas, de forma alguma místicas, dá-se conta de que não existe nenhuma possível ilusão. Também esse caso é um dos mais claros que possuímos, tratando-se de visão coletiva. Não se terá noção satisfatória, senão lendo os testemunhos completos e as notas judiciosas que, Dariex ajuntou.

Para estabelecer a objetividade dos fantasmas, a melhor prova talvez (com a fotografia) fosse o testemunho dos animais. Ora, a esse respeito, temos documentos importantes recolhidos com grande cuidado por Bozzano (273) que pôde reunir aproximadamente 69 casos, em grande parte, segundo os *Proceedings* e o *Journal S. P. R.* Porém, convém esclarecer os casos nos quais se trata de animais e de localidades fantásticas (assunto terrivelmente duvidoso, que faz parte da história das casas assombradas). Restam 35 casos nos quais houve percepções criptestésicas pelos animais, como pelo homem. Mas a força probativa desses 35 casos não é muito grande.

(273) - *Perceptions psychiques et animaux*, A. S. P., 1905, XV, 422-474.

A Senhora T... havia feito uma visita ao Senhor e à Senhora Yver. Quando, no correr dessa visita, a conversa recaiu para um dos membros da família da Senhora T... que se suicidara, um cachorrinho terrier que estava aos pés da Senhora B... levanta-se de repente, põe-se a latir e quer precipitar-se para a porta. Todo seu pêlo se eriça e procura escapar das mãos de seu dono, como que para se jogar sobre alguém. Ora a Senhora T... (porém ela somente) vira então

um grande fantasma, vestido de branco, que estava diante dessa porta e que ela declarou reconhecer como a personagem suicida de cuja conversa era o assunto.

A Senhora H. E. S..., de 18 anos, tendo-se levantado de manhã, no verão, às 5 horas, acendeu o fogo para preparar o chá, quando um grande cão que a acompanhava põe-se a roncar surdamente e a olhar a porta. A Senhora S... vê uma figura humana, alta e tenebrosa, com olhos flamejantes, que logo desaparece.

A Srta. K... acariciava a gatinha que estava em seus joelhos quando de repente o animal se inquieta, levanta-se, rosna fortemente levantando as costas, dando todos os sinais de terror. A Srta. K... percebe, numa poltrona colocada ao seu lado, uma velha megera, de rosto feio, enrugado, fixando sobre a Srta. K... seus olhares perversos. A gata, enlouquecida, atira-se contra a porta em pulos tumultuosos. A Srta. K..., aterrorizada, grita por socorro. Sua mãe chega. O fantasma tinha desaparecido. Talvez tivesse ficado uns cinco minutos visível à Srta. K... Desde que a porta se abriu, a gata precipitou-se apavorada, fora do quarto. Parece que nessa mesma noite uma velha mulher se enforcara.

Se já difícil é admitir, quando se trata de alucinações coletivas, comuns a diversas pessoas, que os fenômenos são puramente objetivos, mais difícil é ainda quando existe percepção pelos animais, de uma realidade exterior qualquer! Com efeito, como bem o indica Bozzano, os sinais de pavor ou de cólera dados pelos gatos ou cães não provam que viram o mesmo fantasma que vêem os homens. (Assim mesmo vêem alguma coisa e essa alguma coisa desabitua) apavora-os.

E bastante verossímil que se, nesses casos, houvesse um aparelho fotográfico que pudesse tirar uma fotografia, obter-se-ia sobre o clichê uma imagem. A prova seria mais evidente ainda, para demonstrar a objetividade do fenômeno, do que não pode ser o pavor de um cão, ou de um gato, ou de um cavalo, fenômenos difíceis de se constatar, mais difíceis ainda de analisar, e cuja interpretação é lamentavelmente problemática.

CONCLUSÕES

Não se pode talvez imaginar que essas imagens, esses barulhos, esses fantasmas, que diversas pessoas podem ver, não tenham realidade objetiva (mecanicamente objetiva). E todavia, prova absoluta, rigorosa, indiscutível, faz falta. Como para todas as ciências de observação, pode-se verificar o valor das observações.

Se não houvesse, para estabelecer a realidade dos fantasmas materializados, senão as alucinações coletivas, dada a estranheza do fenômeno e por conseguinte a necessidade de uma demonstração absolutamente rigorosa, não se ousaria concluir. Mas as experiências de materialização são de tal modo probantes que tornam admissíveis as observações.

E então, apoiando-se nos fatos de materialização experimental, que estudaremos mais adiante, deve-se dizer muito firmemente que, em certos casos de alucinações coletivas, existe fenômeno objetivo (no sentido comum da palavra).

O método de observação não tem as mesmas precisões que o método experimental. Não se têm à disposição chapas fotográficas, nem microfones, nem balanças, nem galvanômetros. A única prova que se pode dar de uma materialização verdadeira com uma realidade mecânica ou luminosa, é que o fenômeno foi percebido simultaneamente e com os mesmos caracteres por diversas pessoas.

E então se torna altamente inverossímil que duas pessoas possam ter juntas, no mesmo momento, a mesma alucinação, admitindo, bem entendido, que elas não são sugestionáveis, e além disso, que sua integridade intelectual e sua boa fé são garantidas.

Evidentemente, uma fotografia teria trazido a certeza científica. Mas assim mesmo quando duas pessoas normais descrevem a mesma figura, exclamam ao mesmo tempo, comunicam-se suas impressões, enquanto a aparição está presente, seria absurdo supor uma dupla alucinação (absolutamente objetiva) idêntica.

Quando a Senhora Weld e sua filha vêm as duas Phillipe Weld passear na estrada, é difícil supor que o fantasma de Phillipe Weld não tenha passeado na estrada. O Senhor e a Senhora Balby ouviram um e outro a voz da Senhora Snell que grita: Johannie, Johannie, e os criados também ouviram essa voz. É quase evidente que houve vibrações sonoras no ar e vibrações que podiam ser gravadas por um fonógrafo. Quando a Senhora Aylesbury e suas três filhas ouviram o grito de: mãe, mãe! como compreender Esse fenômeno se realmente o ar não retiniu das vibrações da palavra mãe, mãe? Os dois filhos do Senhor Christmas vêm a imagem de seu pai em sua cabine e seus relatos (entretanto de segunda mão) a descrevem os dois como idênticos. Como

explicar esta similitude, se não houve alguma única objetivação?

Talvez, no entanto, para se ficar no domínio severamente científico, não se tem o direito de concluir definitivamente que existe materialização efetiva: talvez seja preciso contentar-se em dizer que uma vibração qualquer (de natureza desconhecida) tenha provocado em duas pessoas uma mesma imagem com todos os característicos de um fenômeno exterior objetivo.

Essas alucinações coletivas são na maioria das vezes monitoras, e a este título, poder-se-ia colocá-las entre as monições. No entanto, em certos casos, não existe lucidez, não houve reconhecimento; é uma aparição, um fantasma, uma forma que diversas pessoas viram e descreveram, mas não a ligaram a nenhum fato real. A significação - se há uma - não foi compreendida.

A fatos dessa natureza parece difícil atribuir a palavra monições; pois nenhum aviso foi dado, não houve reconhecimento. As visões coletivas não fogem portanto, do capítulo das monições; elas parecem antes se ligar aos fenômenos, se incertos, se mal estudados ainda, das casas assombradas.

É um capítulo de passagem que faz a transição entre o objetivo e o subjetivo metapsíquico.

Assim a história das alucinações coletivas confirma o que já dissemos muitas vezes, em todos os capítulos da criptestesia, que existe uma sensibilidade especial em todos os homens, talvez; em certos indivíduos, com certeza, que proporcionam noções que nossos sentidos comuns não nos podem trazer.

Mas para que esta sensibilidade se exerça, há grande necessidade de uma irradiação exterior, uma força que, escondida nas cousas ou nas almas, vá encontrar o percipiente e emocionar certas regiões do inconsciente.

Ora tanto para a natureza dessas forças como para o modo da sensibilidade, nada podemos dizer ainda que não seja prodigiosamente vão, e por conseguinte devemos ficar silenciosos sobre a teoria.

Que importa! Por que não compreendemos as leis do fenômeno, temos o direito de negar esse fenômeno? Desse modo seria preciso fechar todos os nossos livros de ciência.

CAPÍTULO VII

PREMONIÇÕES

1.- Das premonições em geral

Abordaremos aqui o mais temível dos problemas: a criptestesia premonitória.

Tanto se pode conceber como uma espécie de vista muito aguda, uma acuidade auditiva prodigiosa, uma percepção de vibrações inclusas nas cousas; pode-se admitir que a vibração de um cérebro pode perturbar um outro cérebro, mas o conhecimento do futuro? - E, entretanto, parece-me que existem numerosos casos, incontestáveis, de lucidez adivinhatória. Bozzano (274), que publicou sobre as premonições um livro excelente diz, com razão, que em todos os fenômenos de lucidez, a premonição, apesar de sua

estranheza, é talvez o que tem sido provado com mais evidência.

(274) - É preciso ler o livro de ERNEST BOZZANO, *Les phénomènes prémonitoires*, trad. fr., Paris, Livra. das ciênc. psicol., 1919. Entretanto, não se pode fazer das premonições senão uma idéia incompleta lendo-as abreviadas e resumidas, como precisei fazer aqui *brevitatis causa*.

Se a grande crença de homens de todos os países e de todas as épocas tivesse algum valor científico, certamente a adivinhação do futuro seria um dos fenômenos mais certos da metapsíquica.

No entanto, se podemos claramente afirmar a realidade das premonições, não é porque os antigos - todos os antigos, crédulos ou não - acreditavam, mas porque em nossos dias foram obtidos testemunhos múltiplos de adivinhação.

Os augúrios, as sibilas, as pitonisas de Cumes e de Delfos, davam oráculos; Sócrates tinha um demônio que o avisava dos perigos, por uma voz que ele ouvia distintamente, a voz de seu diabo, a qual, inúmeras vezes, o avisou do que não devia fazer. Cícero escreveu um livro sobre a adivinhação, porém não se preocupou muno em saber se ela existia ou não; discute suas vantagens e seus contratempos; parece concluir pela fatalidade das cousas e em alguma parte diz que vale mais ignorar do que conhecer as desgraças futuras (*ignoratio futurorum malorum utilior est quam scientia*).

Por nós, não discutiremos a questão de saber se é desejável ou não conhecer o futuro. Examinaremos apenas se é real.

E de início farei uma comparação para tentar provar que apesar de tudo a previsão do futuro não é de todo um absurdo que ordena rejeitá-lo a priori.

Seja um indivíduo A..., que escala uma altíssima montanha solitária. Suponhamos que ele tem uma excelente lente astronômica que lhe permite ver nos mínimos detalhes o que se passa na planície. Percebe então nessa planície deserta, trilhos de estrada de ferro que atravessam um subterrâneo, e vê malfeitores colocando no túnel uma enorme pedra que fará descarrilar o primeiro trem que ali entrar. Impossível avisar o que quer que seja. São 10 horas, o trem deve passar por ali ao meio-dia. Às 10 horas A... vê com sua lente, B... que se dirige à estação de uma cidade vizinha. Compreende, vendo as bagagens de B... que ele vai à estação e que tomará um vagão de primeira classe. O trem está na estação, os vagões da primeira classe estão na frente, e então A... às 10 horas da manhã prevê que B... dentro de duas horas vai ser vítima de um acidente de estrada de ferro.

Se, além disso, de repente A... esquece o que viu, os malfeitores, o túnel, a valise de B..., então não conserva senão o resultado de sua visão rápida e passageira e às 10 horas anota em sua caderneta: "Em duas horas B... será vítima de um terrível acidente de trem", sem saber por que teve essa premonição.

Se conhecêssemos a totalidade das coisas presentes, conheceríamos do mesmo modo a totalidade das coisas futuras. Nossa ignorância absoluta do futuro é devida à nossa ignorância, também, absoluta, do presente.

Laplace (275) já havia dito em termos precisos: "Uma inteligência que conhecesse todas as forças de que a Natureza é animada, e a situação relativa dos seres que a compõem, se entretanto fosse tão vasta para submeter esses dados à análise, abraçaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos mais leves átomos.

Nada lhe seria incerto, e o futuro como o passado, seria aberto aos seus olhos".

(275) - *Essai analytique sur les probabilités.*

Cada acontecimento futuro, seja qual for, é a consequência talvez fatal, do estado atual das cousas. O presente está cheio do futuro, pois o futuro depende exclusivamente do presente. Ora, com relação a criptestesia, temos sobre as realidades, mesmo as mais longínquas, conhecimentos extraordinários. Inconscientemente, somos perturbados por múltiplas vibrações que nos trazem múltiplas noções, mas que são fechadas à nossa vida psicológica normal. Assim, a noção (inconsciente) do presente talvez nos permita agarrar às vezes, num rápido clarão, as consequências, isto é, os acontecimentos futuros.

Um curioso fato médico - entretanto muito raro - foi assinalado, que dá uma idéia do que pode ser uma premonição. Pode se, com efeito, por meio de fotografias de indivíduos com uma febre passageira, notar um começo de erupção rubeólica aparecendo no rosto, embora a visão normal não distinguisse nenhum sinal dessa erupção. Pôde-se, portanto, prever a erupção.

Mas isto são apenas comparações, analogias. Elas em nada atenuam as limitações de nosso poder de compreensão.

Entretanto, quaisquer que sejam nossos esboços de hipóteses para explicara premonição, isto não passaria de uma discussão frágil e imperfeita; e não desejo aprofundar-me nesse mistério. Contentar-me-ei em estabelecer que a premonição existe. Pouco importa que a compreendamos. É um fato. Isto basta à ciência.

Logo de início é preciso indicar três condições necessárias para que se possa falar de premonição no sentido metapsíquico da palavra:

1 ° - É preciso que o fato enunciado seja independente e absolutamente independente, da pessoa que teve a premonição. Assim, por exemplo - como se poderiam citar casos freqüentes, hoje clássicos - A..., no estado sonambúlico, anuncia que vai ter uma crise de sono ou de diarreia, ou tal ou qual fenômeno, como uma síncope grave por exemplo, em dez dias, em um mês, ou mesmo em um ano. Não se trata de premonição, pois o inconsciente de A..., permanecerá desperto, e será perfeitamente capaz de agir sobre os órgãos desse mesmo paciente, para determinar, na hora desejada, letargia, diarreia ou síncope. Esses fatos entram simplesmente nos casos clássicos de auto sugestão hipnótica.

2°- É preciso que o enunciado do fato não possa ser devido à sagacidade nem ao acaso.

A parte referente à sagacidade é difícil. Um indivíduo perspicaz, examinando bem as cousas atuais, depois de ter tomado conhecimento exato delas pode, de certa forma, prever o acontecimento futuro. Por exemplo, se trata de uma eleição acadêmica, embora a eleição não se deva realizar senão dois dias depois, pode-se dizer : "X... será eleito, e não Y..., pois M... votará em X ..., e N... votará também em X... e O... não virá. Por conseguinte, se bem que Y... conte com M..., N... e O..., Y terá três votos menos do que julga. X... terá 21 votos e Y... não terá senão 17". Evidentemente não há nisso senão sagacidade. Assim também, se vê entrar numa casa de jogo um rapaz que traz duas notas de cem francos,

poder-se-á dizer: "Dentro de uma hora esse rapaz estará a zero".

Mas essas predições de sagacidade, com alguma finura de espírito, pode-se fazê-las e elas não são infalíveis. Além de tudo, é possível que Y... seja nomeado, apesar dos justos cálculos de A... e por outro lado, tem-se visto rapazes entrar em casas de jogo com duzentos francos no bolso e sair ainda com o seu dinheiro.

Ora as verdadeiras premonições são as que não podem ser devidas à sagacidade dos indivíduos que as indicaram. Referem-se muitas vezes a detalhes mínimos, ultrapassando prodigiosamente o limite de toda perspicácia e também de toda coincidência fortuita.

É preciso, para que haja premonição metapsíquica, que o acaso não possa, na espécie, desempenhar nenhum papel.

A... entra na sala de jogo de Monte Carlo e, olhando a roleta, diz: "É o vermelho que vai dar". A probabilidade é de $1/2$, e deve-se supor como certamente é o caso, seguido de uma probabilidade $1/2$, que o vermelho deu. Se ele diz: "É o 7 que vai dar", e 2 se efetivamente assim acontece, a probabilidade é de $1/37$. No entanto, a cada instante os jogadores tem suposições análogas que se verificam; e são bastante cegos para esquecer os outros 36 casos em que se enganaram em suas previsões.

Assim também cada premonição é um caso especial que merece ser estudado em todos os seus detalhes e analisada escrupulosamente, de maneira que não se possa invocar a auto sugestão, nem a sagacidade nem o acaso.

Para mostrar a parte do acaso, citarei o seguinte fato que me é pessoal e que não creio em absoluto ser uma premonição. Sem dúvida é exclusivamente fortuito. No dia

20 de maio de 1918, estava eu em Paris. No momento em que ia voltar para as ambulâncias do fronte escrevo em minha agenda, na data e na folha de 24 de setembro desse mesmo ano, as palavras: "Finis belli". Nesse momento (20 de maio de 1918) nenhuma espécie de perspicácia me poderia fazer prever que a guerra terminaria dentro de quatro meses. As aparências - e mesmo minha opinião - eram de que a guerra duraria ainda pelo menos um ano. Ora no dia 24 de setembro de 1918 deu-se a assinatura do armistício búlgaro, e essa data de 24 de setembro é quase tão importante, para o fim da guerra, como a de 11 de novembro de 1918.

Se tentar aplicar a esta suposta premonição o cálculo das probabilidades, encontra-se que havia, de 20 de maio de 1918 para 20 de maio de 1919, 360 dias; com um numerador 2, haveria duas datas para "Finis belli"; $2/360$ ou $1/180$, isto é uma probabilidade bastante fraca; como esta, por exemplo: ides tirar nesse jogo primeiro o ás de copas, depois um de paus: $1/52 \times 1/4$ seja $1/208$

Por que escrevi na minha agenda, na data de 24 de setembro de 1918, estas palavras: "finis belli"? Ignoro. Precedentemente jamais havia feito previsão análoga para nenhuma data (salvo uma, que foi errada, em 1917).

Em todo caso, seria loucura considerar esse fato como uma premonição. É uma coincidência, bastante curiosa talvez; mas é fortuita e nada mais.

Creio também que se deu a mesma coisa com a palavra "Piave"; escrita pelo Senhor Conan Doyle (observação que relatarei mais adiante).

3º - O que é preciso examinar com cuidado extremo são as condições nas quais o fato foi recolhido, indicado.

Importa desconfiar das paranesias, que fazem crer, com toda boa fé, que não é um acontecimento (ou uma paisagem) novo que se apresenta aos nossos olhos. Imagina-se que é do já visto; e às vezes a alteração da memória é bastante intensa para que se afirme ter sido uma premonição, embora não houvesse tal.

A única resposta possível a esta objeção (grave) da paranesia é que, antes que a suposta predição se realize, se faça o relato circunstanciado dela as duas ou três pessoas, ou o que é melhor ainda, se tomem algumas notas numa caderneta. Se houve um registro exato dos sonhos, supostamente premonitórios, tem-se assim um quadro fiel dos que se realizaram. Então poder-se-á fazer uma comparação instrutiva entre seu número e o número de sonhos que não se realizaram.

Diversos sábios propuseram classificações para as premonições: A Senhora H. Sidgwick, Fr. Myers e Bozzano.

A Senhora Sidgwick classificou os fatos segundo sua modalidade objetiva; Fr. Myers, segundo o encadeamento ascensional na importância teórica. Aqui, seguirei a preferência da classificação acima adotada para as monições.

Todavia, é preciso deixar um capítulo à parte para as autopremonições, sujeitas. na maioria dos casos, a algumas reservas, pois elas podem algumas vezes explicar-se por uma auto-sugestão.

- A. - Autopremonições.
- B. - Premonições hipnóticas.
- C. - Premonições espirituais.
- D. - Premonições acidentais.

§ 2. Das autopremonições

A - AUTOPREMONIÇÕES DE DOENÇAS

São aquelas que, embora sejam premonições, contestáveis; pois nada diz que uma vontade - direi mesmo uma vontade inconsciente, qualquer coisa paradoxal que seja este agrupamento de palavras - não vá determinar o acontecimento. E tomarei como exemplo a história dessa sonâmbula a quem um magnetizador havia sugestionado uma crise de 6.666 minutos. Ao despertar, ela esqueceu tudo, e entretanto teve sua crise justamente no minuto desejado.

O caso seguinte, curioso e divertido, é emprestado do Doutor Teste (276). No dia 8 de maio, a Senhora M... grávida anuncia que terá medo do dia 12 de maio e que terá uma queda com sérias conseqüências, não mortais. Ao despertar, tudo está esquecido.

(276) - Manuel pratique de magnétisme animal, pg. 140.

No dia 12 de maio, adormecida, repete esta predição, que esqueceu completamente ao despertar. Também fica ela admirada quando seu marido, temendo a realização do acontecimento predito, a proíbe de sair. Ela passa para seu quarto e de repente dá um tremendo grito de terror. Bruscamente, um rato passou na sua frente e assustou-a bastante para fazê-la cair. Daí a hemorragia e séria enfermidade durante alguns dias.

O fato é certamente autêntico e bem observado; mas nada se pode concluir dele, pois é de se supor que se não

houvesse a intervenção de um rato, por outra razão qualquer a Senhora M... poderia ter caído e tido um acidente.

Denise Blanc, de 18 anos, de uma saúde excelente e florescente, em Aramon (Gard), pertencendo a uma família muito honrada, insiste junto de seus pais para que a fotografem, dizendo que não viverá muito tempo. Não se explica por que ela fala assim; pois não tem nenhum motivo para temer uma doença iminente (277).

(277) - Este relato inédito foi-me comunicado pelo Senhor R. d'Aramon.

Um dia, como estava em sua casa em Aramon, gritam: "Fogo!" Ao lado da casa, havia, separado por um pequeno pátio, a oficina de um cesteiro: foi dali que saiu o fogo, mas sem causar grandes prejuízos. O pavor de Denise foi tão grande que se sentiu perturbadíssima, muito atingida e no fim de dois meses, tomada de uma doença mal definida (de natureza desconhecida) estava morta.

Cito esse caso de auto-sugestão, que absolutamente não tem nenhum valor probativo, tão-só para estabelecer que essas autopremonições poderiam ser denominadas pseudopremonições.

A Senhora Clary, muito doente (sem dúvida tuberculosa) adormecida pelo Dr. Teste no dia 15 de maio, diz que terá febre, uma elevadíssima febre, no dia 2 de junho e no dia 3 de Junho "E no dia:4 de junho" pergunta-IheTeste-"No dia 4 de junho, diz a Senhora Clary, eu não vejo mais". E ela morre no dia 4 de junho.

Não adianta insistir: tais fatos nada provam.

O grande pintor Giovanni Segantini compunha um quadro criptestésico alegórico onde a morte estava representada. Sobre o planalto de neve, um chalé e diante do

chalé um caixão. Um dia sonha que está no caixão e conta esse sonho à esposa.

Alguns dias depois é atacado de peritonite aguda e treze dias após sua visão, morre. As circunstâncias do enterro no chalé da Maloja reproduzem exatamente a visão que tivera. Mas isso não é senão uma pseudopremonição, pois que podia sentir vagamente sintomas mórbidos, despercebidos de sua consciência e impossíveis de serem previstos por um médico.

Assim também para o caso de Conde Hurtington, que estando em perfeita saúde, vê em sonho um esqueleto que o olha, levanta as cobertas e escorrega entre ele e Lady Hurtington.

Quinze dias depois o Conde Hurtington morreu.

O seguinte caso (278) muito singular comporta as mesmas reservas que todas as autopremonições. A Senhora X..., cujo caso R. Hodgson analisou com cuidado, vê em sonho, no dia 5 de março, seu pai, morto havia onze anos, que lhe mostra um calendário com a data de 22 de março. A Senhora X... estava grávida e ia dar à luz, de modo que julgava que essa data de 22 de março era a do seu parto. Deu à luz no dia 12 de março e caçoaram com ela, em família, da sua ingenuidade, que a fazia acreditar em sonhos proféticos. O parto foi regular, mas no dia 22 de março a Senhora X ... morreu de meningite.

(278) - Na falta de outra indicação bibliográfica, os casos serão emprestados do livro de BOZZANO.

As autopremonições para os fenômenos orgânicos não são senão pseudopremonições, e pode-se sempre supor conhecimento autoscópicos, isto é, não metapsíquicos, do estado de nossos órgãos, que chegam ao subconsciente.

A Senhora S..., casada há dois anos e meio, aflige-se por não ter filhos. Por meio da prancheta obtém esta frase: "Em seis meses a sua esperança será realizada. Felicidade do trio". De fato, exatamente no fim de seis meses, a Senhora S... estava grávida. Convém ajuntar que por diversas vezes a Senhora S... teve sonhos premonitórios interessantes.

Sem desprezar o interesse desta história singular, pode-se admitir que neste caso houve noções orgânicas subconscientes que esclareceram a consciência subliminal. Todavia esta explicação não é muito satisfatória. A hipótese do acaso não é vista com vantagem: e ainda menos a hipótese espírita.

Eis um caso (VI de Bozzano) que talvez se explique por sensações orgânicas subconscientes.

A Senhora Norris estava com boa saúde. Uma noite tem um sonho que a apavora e a conta à filha e ao Dr. Lyon, seu genro. Viu uma amiga sua, a Senhora Carleton, morta há muito tempo, que lhe diz: "O seu fim está iminente. Você morrerá amanhã cedo na mesma hora em que me viu esta noite". Então a Senhora Norris ordena que lhe dêem banho para que não façam abluções em seu corpo e morre no dia seguinte de manhã, exatamente na hora indicada.

Flammarion cita ainda vários casos significativos de autopremonições que não posso reproduzir aqui (279).

(279) - *La mort et son mystère*, Paris, 1920.

O Senhor Feron, advogado em Cherburgo, sonha que não verá o fim de janeiro; ele o diz e o repete. No entanto não está doente (pelo menos na aparência) e morre subitamente no dia 18 de janeiro.

Ed. Reed, diretor do Museu de História Natural de Conception (Chile), sonha que vê um túmulo com uma cruz

sobre a qual estava a seguinte inscrição: "Reed, 7 de novembro de 1910". brincando, narra o sonho a diversas pessoas e morre no dia 7 de novembro de 1910.

Fiel às explicações racionalistas, direi que é preciso, para todos esses casos, admitir sensações subscientes que avisam vagamente os centros nervosos do estado defeituoso de tal ou qual órgão essencial.

O seguinte caso de autopremonição de doença e de morte é admirável pela precisão dos detalhes. É um relato dramático que se prestaria a qualquer espécie de suspeita, devido à sua própria forma dramática, se não fosse minuciosamente controlado pelo Dr. Geley (280).

(280) - *Un cas d'auto-prémonition*, A. S. P., 1916, XXVI, 125-129.

Trata-se do Senhor Dencausse, pai da Senhora Freya, a qual deu, como se sabe, por diversas vezes, belos exemplos de lucidez. Em maio de 1916, o Senhor Dencausse, com 76 anos de idade, anuncia apesar de sua boa saúde, que morreria antes do inverno. Nesse comenos, emagrecia e alimentava-se mal. Em 24 de outubro declara que sabia o dia de sua morte, que seria no dia de Todos os Santos. No dia 28 de outubro, Geley, chamado, não encontra nenhuma lesão orgânica; era uma ligeira bronquite sem febre. O Senhor Dencausse declara então que morrerá no dia de Todos os Santos ao bater da meia-noite, sem sofrimento, sem agonia.

Na segunda-feira, 30, tudo ia bem, mas na terça-feira 31, declarou-se uma pneumonia com febre.

No dia 1 ° de novembro, estava mais fraco; mas podia falar e fazer suas últimas recomendações. Às 23,30 horas chama a mulher: "Que horas são?" A Senhora D... para enganá-lo, diz: "Duas horas da madrugada". O doente responde: "Não, não é meia noite. À meia-noite morrerei".

À meia-noite virou-se para o lado da parede. Aproximaram-se. Nesse momento o pêndulo batia. Sem falar, o Senhor D..., levantando a mão, indicou o pêndulo com o dedo. Porém a mão caiu sobre o leito. O Senhor D... estava morto sem um suspiro.

O Senhor Geley notou que a Senhora Freya o havia posto a par, dia por dia, antes do acontecimento fatal, das predições do pai.

Uma bonita autopremonição de morte foi indicada pelo Dr. W. de Sermyn (281). Jean Vitalis, de 39 anos de idade, homem robusto e vigoroso, viu-se atacado de reumatismo articular agudo. No 16º dia da moléstia, o Doutor de Sermyn, que o tratava, o encontra sentado no leito, sorridente, quase curado. No entanto, o Senhor Vitalis lhe diz: "Tive uma visão; meu pai, falecido há alguns anos, veio visitar-me e disse-me que era preciso receber a extrema-unção; pois sem dúvida ele precisava de mim; virá buscar-me às nove horas esta noite". Todo o dia passou bem para Vitalis. Suas dores desapareceram. Sua temperatura estava normal; comeu com bom apetite. No entanto, com grande admiração do padre que mandou chamar, recebe a extrema-unção. O Senhor de Sermyn o vê às 8 horas da noite. Vitalis está muito alegre. Ri-se e conversa-se à sua volta; ele também. Às nove horas, menos um minuto, levanta-se do sofá onde estava sentado, e diz: a hora chegou; depois pula na cama, arruma as almofadas, curva a cabeça, dizendo: adeus, adeus; logo após estende-se e não se mexe mais. Estava morto, sem um estertor, sem um suspiro.

(281) - *Contribution à l'étude de certaines facultés cérébrales inconnues.* Lausanne, Payot, 1911, 13-16.

Essas subconsciências orgânicas tomam às vezes a forma de uma alucinação exteriorizada. O Dr. Minot Savage (282)

narra a história de um estudante de Nova York que vê na rua aparecer-lhe um espírito e caminhar ao seu lado. Então imagina que vai morrer logo e o diz à mãe que tenta tranqüilizá-lo. Três dias depois tem uma crise de apendicite. Operam-no e morre.

(282) - Citado por FLAMMARION, loc. cit., 99.

É impossível, entretanto, supor que haja alguma subconsciência orgânica quando a premonição está a 70 anos de distância. O Senhor Banister, quando escolar, sonha (em 1813) que sobre uma pedra funerária tem seu nome com a data de seu nascimento e também o dia e o mês de sua morte: Jun... 9. Mas seria esse jun (abreviação em desuso de Juno) ou Jan abreviação de Janeiro? No dia 9 de junho de 1835 morre o filho mais velho do Senhor Banister, que então fica persuadido de que era 9 de junho que estava escrito, segundo o sonho. Mas na realidade o Senhor Banister morreu no dia 9 Jan (janeiro) de 1883.

Esse é um fato estranho entre os fatos estranhos e tudo nele é quase fantástico. No entanto, está bem autenticado. Porém não nos esquivamos em dar dele alguma explicação que não seja absurda.

Eis agora dois outros fatos, mais extraordinários ainda. Já seriam muito curiosos, muito admiráveis, se estivessem isolados; mas não estão isolados, pois que existem dois completamente semelhantes, e sua semelhança - ou para melhor dizer sua identidade - é tão forte que é inadmissível se trate do acaso ou de fantasia da imaginação.

O primeiro caso (VII de Bozzano) refere-se a uma criança de dois anos e sete meses, chamada Ray (1883). Um irmãozinho de Ray, de 8 meses, acabava de morrer. Então, diversas vezes, o pequeno Ray teve visões repetidas. Via

constantemente o irmão sentado em uma cadeira, chamando-o. "Mamãe, dizia ele, o maninho chama Ray; ele quer tê-lo consigo!" Um outro dia diz: "Não chore; o maninho sorriu para Ray. Ray vai com ele". Ray, que tinha uma inteligência bem superior à idade, morreu dois meses e sete dias após a morte do irmão. É impossível duvidar que ele não tenha tido alguma coisa como uma visão premonitória e o que é ainda mais extraordinário é que na sua idade não devia compreender o que era a morte.

O segundo caso (inédito) assemelha-se espantosamente ao do pequeno Ray, sobre o qual parece ter sido calcado.

Louise F... com a idade de 48 anos, morre em seguida a uma operação abdominal em janeiro de 1896. Quando doente, pedia insistentemente que lhe deixasse, após sua cura, levar consigo para o campo, sua sobrinhazinha, que adorava, Lili, filha de seu irmão, Senhor F., de três anos e três meses. A pequena Lilli, inteligente e precoce, e no entanto em perfeita saúde, aproximadamente, um mês após a morte de sua tia, por diversas vezes, interrompe-se de repente, no meio de seus brinquedos, vai à janela e olha fixamente. A mãe pergunta-lhe o que olha: "É a tia Louise que me estende os braços e me chama!" A genitora, assustada, tenta distraí-la. Então a criança volta, arrastando sua cadeira para junto da janela, vendo sempre, durante alguns minutos, a tia que a chama. "Quanto a mim, diz o Senhor F... que me narrou o caso, eu tinha então 11 anos, e minha irmãzinha Lilli me dizia: "O quê! você não vê Tatá?" (Tatá era o apelido de nossa tia Louise). Naturalmente eu não via nada". Durante alguns meses tudo cessou. No dia 20 de maio, a pequena Lilli caiu doente, e no seu leito, olhava o teto, dizendo estar vendo a tia, que a chamava, rodeada de

anjinhos... "Como é bonito, mamãe!" dizia ela. Dia a dia, a pobre criança piorava, mas repetia sempre: "É minha tia que me vem buscar e me estende os braços". E como a mãe chorasse, ela dizia: "Não chore mamãe, é muito bonito: tem anjos ao meu redor".

Morreu (de meningite tuberculosa), no dia 9 de junho desse ano: quatro meses e meio depois da morte de Louise F...

Tal é a narração que me fez F... irmão de Lilli. Suas recordações são muito precisas e foram confirmadas pela irmã G. F..., e pela mãe. Ninguém da família de Lilli, família que vivia muito retirada numa cidadezinha, conhece o inglês nem as ciências psíquicas.

Contento-me em mencionar esses dois fatos estranhos sem encontrar nem procurar qualquer explicação.

Eis um fato narrado por W. Stainton Moses, que se assemelha um pouco ao caso do pequeno Ray e da pequena Lilli (283).

(283) - Citado por BOZZANO, *Delle apparizioni di defunti al letto di mort.* Luce e Ombra, XX, 1920, 19.

A Srta. H..., filha de um ministro inglês, cuidava de uma criança moribunda. No quarto, ao lado da cama do doente, um berço onde repousava o irmão do doente, um menino de três a quatro anos. No momento da agonia do irmão, ele acorda, senta-se no leito, aponta o teto e o rosto radiante de uma alegria extática, e diz: "Mamãe! que bonitas senhoras estão à volta do meu irmão! como são bonitas! Elas querem pegá-lo". Nesse mesmo momento o menino expirava.

Um fato análogo foi relatado pelo Senhor Pelusi, bibliotecário da Biblioteca Victor-Emmanuel em Roma (284).

(284) - Citado por BOZZANO, Luce e Ombra, 1920, XX, 20.

Trata-se de uma menina de três anos, meio parálitica, Hippolyte Notari. Acha-se no quarto onde seu irmãozinho de quatro meses está morrendo. Nesse quarto estão o pai, a mãe e a avó das duas crianças. De repente, uns quinze minutos antes da morte do doente, a pequena Hippolyte, que estava na cama, estende os braços e diz: "Mamãe, olhe a tia Olga". (A tia Olga era uma moça, irmã da Senhora Notari, que, havia um ano, se suicidara por desespero de amor). Os assistentes, emocionados, perguntaram: "Mas onde está ela, a tia Olga?" A criança diz: "Ali, ali", e tenta descer da cama para abraçar sua tia. A toda força quer ir ao encontro dela. Deixam a pequena Hippolyte descer, corre a uma cadeira vazia e fica desapontada porque a visão se transportara para outro ponto do quarto. A criança volta-se e diz: "Mas ela está ali, a tia Olga", mostrando um ângulo do quarto. Depois tranqüiliza-se e nesse momento o pequeno expira.

Fatos iguais são muito importantes. Explicam-se pelas teorias espíritas muito melhor do que pela simples hipótese de uma criptestesia. Parece-me mesmo que de todos os fatos invocados para fazer admitir a sobrevivência, são os mais perturbadores. Portanto, empenhei-me em mencioná-los minuciosamente. Entretanto, apesar de sua aparência espiritóide, esses fatos são impotentes para me fazerem concluir que as consciências dos defuntos assistem, sob a forma de fantasmas, à morte dos seus parentes (!!!)

Outros casos, citados por Bozzano (casos IX e X), não me parece que devam ser mencionados; pois anunciar que se morrerá dentro de cinco anos é uma indicação muito vaga para despertar algum interesse.

B.- AUTOPREMONIÇÕES DE MORTE ACIDENTAL

Para esses casos não se pode supor alguma inferência subconsciente orgânica e o caráter é nitidamente de uma premonição metapsíquica.

Encontrar-se-á uma dezena de casos antigos dessas premonições, porém muito antigos para que alguma crítica possa ser feita e tirada uma conclusão formal (285).

(285) - A. S. P., 1898, VII, 316.

O Senhor D... (caso XIII) sonha que está numa estalagem onde encontra amigos seus. todos falecidos. Fazem-no prometer que voltará a vê-los exatamente dentro de seis semanas. Acordado, o Senhor D... conta o sonho, brincando. Seis semanas depois, exatamente, o Senhor D... é morto num acidente com um cavalo.

Se não houvesse senão esse caso na ciência, dever-se-ia admitir a coincidência, pois a explicação pelo acaso pode ser sempre aceita. Mas em casos de premonições há muito para que o acaso desempenhe sempre tão grande papel em nossa vida. O acaso é o Deus dos ignorantes.

Armand Carrel vê em sonho a mãe vestida de luto, que chora. "É por você que choro, meu filho", lhe diz ela. Ora no mesmo dia desse sonho, Armand Carrel escrevia no National o célebre artigo que lhe valeu um duelo com Emile de Girardin, duelo em que foi morto.

Nulo valor premonitório tem esse sonho, pois Armand Carrel podia supor que o artigo (no qual meditava) não estava isento de perigo para ele.

O relato seguinte, ainda que não seja completamente uma autopremonição, merece ser considerado, pois se trata de um

médico que previu a morte do filho. Não teria havido certos sinais, que atingiram seu inconsciente, permitindo então esse prognóstico (?).

O Doutor de Sermyn vê em sonho o filho, de quatro anos, cair no fogão e perecer queimado, carbonizado. Desperta, corre no quarto da criança, que dormia calmamente. "Graças a Deus, diz ele, não foi senão um sonho". Passou a noite e a criança estava perfeitamente bem, sem nenhuma perturbação. Mas à melodia é tomada de uma febre muito alta. Atormentado pela lembrança do sonho, o Senhor de S... compreende que o filho está perdido. No entanto, um colega, chamado, declara, que a doença é sem gravidade. Porém de hora em hora o mal se agrava (uma broncopneumonia generalizada) e no quarto dia a criança morre.

Aqui também, como em muitos casos de monições, serei por minha parte, bem como Fr. Myers e Bozzano, tentado a acreditar que se trata de fenômenos de ordem metapsíquica, porém a demonstração rigorosa é impossível (286).

(286) - *Contribution à l'étude des facultés cérébrales méconnues.*

O Dr. Von Gudden (caso XV) antes de partir para o castelo de Hochenswangen, sonha que se afoga e se debate com um homem no fundo da água: conta mesmo esse sonho à esposa. Alguns dias depois é encontrado no fundo da água, afogado com o rei Louis, da Baviera.

Aqui a premonição é evidente.

Mais ainda o é no seguinte caso, um dos mais notáveis (XVII).

Em 1895, o Senhor Lukawski, de S. Petersburgo, funcionário superior no Ministério da Marinha (o que não significa em absoluto que muitas vezes navegasse) sonha que

está a bordo de um grande vapor, que há colisão, que cai na água, onde se encontra com um passageiro, e que finalmente se afoga.

A partir desse momento, está convencido de que morrerá num naufrágio e como se a morte estivesse próxima põe seus negócios em dia. Entretanto, ao fim de alguns meses, a lembrança desse sonho já se enfraquecia, quando subitamente recebe ordem de partir para um porto do mar Negro. Isto lhe recorda seu sonho. Parte, dizendo à mulher: "Você não me verá mais; quando eu estiver morto, ponha luto, mas não esse véu preto que detesto..." Duas semanas depois, o Vladimir, vapor no qual o Senhor Lukawski embarcara, entra em colisão com outro vapor, e o Senhor Lukawski afogou-se. Um passageiro do Vladimir, Senhor Henike, que escapou, contou que se encontrou durante alguns instantes sobre uma bóia de salva-vidas com o Senhor Lukawski.

A Senhora Deslay, da Comédie Française, narra uma cena espírita, onde Irene Muza era médium. Irene, em 1908, põe-se a chorar quando se pergunta sobre o que se passará em 1909, e diz: "É horrível". Porém não diz mais nada. Morreu queimada viva, no dia 23 de fevereiro de 1909. Mas esta premonição é muito vaga para oferecer alguma autoridade.

A netinha do Senhor Domenico Fleres, conselheiro na Corte de Apelação de Palermo (de 8 anos de idade) quando parte para Messina, fala à avó: "Adeus, vovó, não nos veremos mais!...". Algumas horas antes da catástrofe de Messina, quando a mãe lhe colocava as mezinhas para dormir, a criança lhe diz: "Por que a Senhora me põe estas meias de

morte?" e repetiu: "minhas meias de morte". Morreu na catástrofe de Messina (caso XVIII).

Uma criança (caso XIX) com a idade de 12 anos, viu-se deitada num caixão; narra o que vê num estado semi-hipnótico. Oito dias depois afoga-se num lago.

O caso não é muito demonstrativo, pois a criança era doentia, e pode-se admitir um suicídio.

As autopremonições são sempre um pouco suspeitas, pois inúmeras vezes, pode ser dada uma explicação não metapsíquica. No entanto, às vezes, como para o caso Lukawski e para o caso Banister, também para o caso Von Gudden, existe premonição criptestética evidente.

§ 3. - Das premonições propriamente dita

Denominamos premonições verdadeiras aquelas para as quais não se pode supor interferência orgânica inconsciente, nem intervenção da vontade, nem auto-sugestão.

Em vez de seguir a classificação de E. Bozzano, classificarei as premonições em três grupos, conforme o caso: 1^o - de premonição no hipnotismo; 2^o - premonição no espiritismo, denominando premonições espíricas os casos onde uma personalidade estranha, um guia ou um espírito, parece ditar a premonição; 3^o - premonição acidental (sobrevinda nos normais, em estado de vigília ou em sonho).

As premonições no hipnotismo e no espiritismo são menos freqüentes, talvez menos interessantes, do que as premonições acidentais. Demais a mais, como para as monições, é difícil fazer a demarcação rigorosa, pois nos

médiuns existe um estado de semi-hipnose, e por outro lado, mesmo fora das sessões, suas predições parece algumas vezes serem guiadas por um espírito. Muitas vezes também as pessoas normais, no momento da premonição, caem numa espécie de auto-hipnotismo.

A. - PREMONIÇÕES NO HIPNOTISMO

A vidente de Prévost, cujo estado psicológico foi o de uma médium antes do que de uma sonâmbula, deu inúmeras profecias narradas por J. Kerner (XXV° caso de B...)

Bozzano cita cinco. O mais impressionante é este.

Ele sonha que a Senhora L..., que jamais havia visto, vinha a ela chorando com uma criança morta nos braços. Seis semanas mais tarde, esta senhora dava à luz e perdia o filho.

Numa outra circunstância, a vidente (caso CV de B...) viu em sonho um indivíduo seu conhecido, que acabava de morrer; estava preocupado por lhe falar da filha, que um acontecimento grave ameaçava. Quatro semanas mais tarde, esta jovem recebia uma telha na cabeça e quase morre.

O Dr. Rostan (XXVIII° caso de B...) diz que uma sonâmbula adormecida predissera que uma amiga sua, que não estava muito doente, ia morrer de hemorragia exatamente em seis dias, o que foi verdade, tanto como para a hemorragia como para a data.

O Dr. Liebault (XXIX° caso de B...) cita uma moça chamada Julia, que em novembro de 1883, predisse a morte, antes de 1° de janeiro de uma certa pessoa que em absoluto

não estava doente. E, com efeito, essa senhora morreu no dia 31 de dezembro.

O Dr. Liebault (LV^o- caso de B...) narra Também o seguinte fato notável e muitas vezes citado. Em 1879, em casa de uma sonâmbula, o Senhor L... sabe que perderá o pai dentro de um ano, que será soldado, que se casará, que terá dois filhos e morrerá com 26 anos. De início, isso se realiza, até a morte exclusivamente. Então, como a aproximação do acontecimento fatal o havia jogado numa hipocondria agoniaste, o Senhor Liebault prescreveu uma contra consulta, preparada com antecedência, que o tranqüiliza completamente. Mas, diz o Senhor Liebault, não se foge ao destino, e o Senhor L... morreu com 26 anos.

A Senhora G. de Montebello contou-me o seguinte fato: em 1884 (abril ou maio) encontra por acaso, em casa de uma amiga, uma sonâmbula, a qual lhe predisse que uma pessoa que lhe era cara ia perecerem acidente horrível. A Senhora de Montebello, muito emocionada, lhe diz: "Será minha avó?" - "Não, diz a sonâmbula, não é a sua avó é uma pessoa que está ligada à Senhora de muito perto e perecerá esmagada por um muro caído sobre ela."

Algumas semanas depois, a tia da Senhora de Montebello, minha querida mãe, a Senhora E. A. Richet, parecia no dia 7 de junho de 1884, esmagada por um muro de uma barragem que desabou e a sepultou sob os destroços.

O Dr. Osty recebe, em 1912, de uma sonâmbula, que via pela primeira vez, as seguintes indicações: "Residis numa cidadezinha do centro da França; vosso quarto está situado numa pequena praça. Dali ides ao vosso escritório: homens vão e vêm. É um ir-e-vir perpétuo. Quantos papéis! Vós os olhais, escreveis, entregai-los! Quantas folhas de papel!"

Ora, em 1914, o Senhor Osty era nomeado médico-chefe em Vierzon, cidade central: alojou-se numa casa, assim respondendo à descrição dada; teve durante a guerra um trabalho administrativo que consistia sobretudo em assinar diversos papéis. Em 1912, nada lhe podia fazer prever essas funções.

Uma sonâmbula clarividente (caso LXXVI de Bozzano) predisse em 1887 que Marie Thierault levaria "uma vida de prazer que terminaria de maneira impressionante, antes das três luas que seguiriam à de 14 de janeiro de 1907. Não me é dado ver a data terrível, mas a de 14 de janeiro surgiu diante de mim e vi resplender alua cheia". No dia 18 de janeiro de 1907, Marie Thierault, que mais ou menos levava a vida de uma mulher galante, foi assassinada por sua amiga Lucette Joquelet. Lucette Joquelet passou no tribunal criminal, e seu defensor alegou como peça da defesa a jurisprudência de 1887.

Trata-se aqui, como se vê, de uma premonição admirável e imprevista. Não se pode sustentar, com efeito, que a jurisprudência sonambúlica de 1887 foi fabricada com todas as peças para as necessidades da causa. O testemunho é perfeitamente autêntico.

A Senhora A... (caso LXXVII de B...) vai consultar a Senhora d'E... sonâmbula e adivinha, devido um roubo de que foi vítima. A sonâmbula, sem que a Senhora A ... lhe haja indicado, em absoluto, a natureza da consulta solicitada, lhe diz que se trata de um roubo de cheques de banco e adianta que o ladrão em dois anos sofreria a pena capital. Não pôde indicá-lo senão muito vagamente. Não é senão muito tempo depois que se sabe que o autor do roubo era o

muito famoso Marchandon, que dois anos depois, por assassinato, sofreu a pena capital.

É interessante ler o relato completo desta impressionante premonição, pois existem detalhes extremamente curiosos.

A Senhora Burton (caso XCIV de B...) narra que, quando mocinha (chamando-se Isabelle Arundell) encontra uma cigana que lhe predisse por escrito: "Atravessareis o mar e chegareis a uma cidade onde amadurecerá vosso destino. Casando-vos tereis o nome de nossa tribo e sereis altiva (Burton)". Espantosa predição (sobretudo quanto ao nome Burton).

Se bem que seja necessário aceitar com reserva os relatos metapsíquicos, narrados por literatos, é difícil não conceder alguma fé ao que nos diz Arsene Houssaye em suas *Confessions* (pág. 425). Trata-se de sua irmã Cecille, a quem outrora, em Toulon, uma espécie de profetisa italiana havia predito: "O mar !he será mau". Cecille, em 1870, por essa razão, quis ficar na França e não partir para a Inglaterra. No dia 10 de novembro de 1870, vai fazer um passeio ao pico de Penmarch: o espetáculo das vagas quebrando contra os rochedos era grandioso. Súbito, levanta-se do fundo uma onda que cobre o promontório e carrega para o abismo Cecille Houssaye e três jovens que estavam com ela.

O Dr. A. Wallace (caso XVIII de B...) recebe em sua casa a Senhora Paulet, clarividente, que diz ao Senhor Wallace filho, rapaz de 20 anos, estudante de química: "Haverá uma explosão no seu laboratório, em fevereiro ou março e alguém ficará ferido". Um outro clarividente, no dia 20 de janeiro, repete a mesma predição. Ora no dia 9 de março uma formidável explosão punha de pés para o ar o laboratório e feria gravemente um dos jovens químicos.

Apesar da autoridade de A. Wallace, não posso em absoluto considerar esta suposta premonição senão como coincidência. Mas o relato assim mesmo, ao menos para pôr os psicólogos em guarda contra a tendência de se considerar como metapsíquico um aviso prudente dado a um jovem químico.

O Senhor R... sonha no dia 25 de maio que uma sonâmbula lhe diz: "O seu pai morrerá no dia 2 de junho (1900)". No dia seguinte conta esse sonho aos parentes, em cuja casa residia, e todos riem, pois o Senhor R... pai estava de perfeita saúde. No dia 1º de junho, assistindo a um enterro, o Senhor R... brinca a respeito do sonho do filho e diz: "Se devo morrer amanhã, não tenho muito tempo a perder". Às 23 horas, de 1º de junho, deita-se, nada sentindo; mas logo é preso de sufocação aguda e morre quase que subitamente no dia 2 de junho, vinte minutos depois de meia-noite.

O Dr. Charles Roux anotou três impressionantes premonições (feitas por três sonâmbulas diferentes) a uma mesma pessoa.

A Senhora A..., esposa do Dr. A..., por acaso encontra uma sonâmbula que lhe diz: "Dentro de pouco tempo a Senhora terá um grande luto, uma catástrofe na família". Um pouco perturbada foi ver segundo sonâmbula, que lhe diz: "A enfermidade dos seus filhos (de sua filha) vai iniciar-se daqui a pouco; dores no ventre; será operada, mas não ficará curada". A terceira sonâmbula, a quem a Senhora A... entrega a luva, diz: "Esta luva foi tocada por uma pessoa que está muito doente, que ficará muito doente. O ventre está atrozmente dolorido; é uma dor difusa, há pus, é uma peritonite, mas não ficará curada".

De fato, dez dias depois desta última predição, a filha da Senhora A..., de 15 anos de idade, que estava de perfeita saúde, é repentinamente atacada de peritonite super aguda. É preciso operá-la quase que imediatamente e encontra-se pus (pneumococos) no peritônio. Por infelicidade, contrariando a predição, a pobre criança morreu.

Este caso de premonição devida a três pessoas diferentes é dos mais notáveis, não somente devido ao alto renome do Dr. Ch. Roux, muito avisado com relação aos fenômenos científicos, e nada crédulo, que a acolheu com extremo cuidado, mas ainda porque há acordo entre as três sensitivas. Isto permite supor, não que elas sejam excepcionalmente sensitivas, mas que havia um fenômeno exterior (qual?) muito poderoso, que lhes permitiu prever a doença da filha da Senhora A...

O sonâmbulo Alexis deu um magnífico caso de lucidez (caso XCI de Bozzano) e de premonição. Em 1847, Alexis diz, em uma viagem (sonambúlica) que faz a Roma, passando diante do Panteão: "Este monumento terá no decorrer do tempo uma destinação mais solene e toda italiana". Bozzano insiste com razão sobre a estranheza desta predição, feita em 1847, publicada em 1867, num momento em que ninguém podia prever que o Panteão estava reservado a guardar as cinzas dos reis da Itália. Normalmente, que se podia dizer sobre o destino do Panteão em 1847?

Alice deu-me dois belos fenômenos de premonição (em seu sono hipnótico).

No dia 10 de dezembro de 1886 (287), falou-me de alguém que ficaria doente dentro em pouco, e gravemente enfermo. "Será um dos meus filhos, um dos meus parentes,

um dos meus amigos?" - "Não! não! mas não trate disto levianamente, isto lhe dará muitos aborrecimentos... Não é um dos seus parentes, nem um dos seus amigos, nem uma mulher, nem um filho", e ela ajunta estas palavras que, gravadas em mim, fielmente transcrevo: "Haverá arrepios, uma febre muito alta com tremores, sufocamentos, arrepios de febre, bem como cólicas no ventre" (E com a mão indica, os rins) "Sua febre se declarará sem grandes sofrimentos, teve abatimento, extrema lassidão; a cabeça será atacada".

(287) - *Relation de diverses expériences*, P. S. P. R., 1888, 181.

Oito dias depois, no dia 18 de dezembro, meu colega Eugene Yung, que Alice em absoluto não conhecia, diretor da Revue Bleu associada à Revue Scientifique, é atacado, apesar da boa saúde aparente, de febre, tremores, cólicas nefríticas, devidas a abcesso nos rins. A doença faz rápidos progressos. A infecção urinária sobrevém, depois as dores desaparecem em seguida a um coma urêmico (a cabeça será atacada, havia dito Alice).

A morte do Senhor Yung causou-me muitos aborrecimentos. Tive grandes preocupações devidas à morte inopinada do eminente colega. Minha posição como diretor da Revue Scientifique esteve a ponto de ser comprometida.

Entretanto, devo dizer que havia completamente esquecido a premonição dada por Alice (premonição, no entanto, inscrita nas minhas notas) quando Alice, sabendo pelos jornais da morte do Senhor Yung e as dificuldades que se seguiram no estado hipnótico, lembrou-me a notável predição que havia feito.

A outra premonição de Alice é mais extraordinária ainda. Como é inédita, devo dá-la com todos os detalhes necessários.

Eu costumava deixá-la algumas horas em sono hipnótico; ela ficava assim absolutamente imóvel. Pareceu-me então, quando eu voltava, duas ou três horas depois, que a clarividência estava mais desenvolvida. Ora nesse dia ela me disse, quando voltei, que alguma coisa grave ia passar-se: "O Senhor ficará colérico, com uma cólera violenta, extremamente violenta. Há gente ali, lá e acolá", e indicava com a mão como se houvesse três ou quatro pessoas à minha volta... Isto não me emocionou, pois não tenho o hábito de me deixar dominar pela cólera. Mas, ela insiste, insiste tanto, fica de tal modo perturbada, que sou forçado a acordá-la. Eram 14 horas, uma quarta-feira.

Ora nesse mesmo dia, às 18 horas, vou aos escritórios da Revue Scientifique, 111, bulevar Saint-Germain, para corrigir as provas do jornal, com o Dr. Héricourt, secretário da Revue Scientifique. Henri Ferrari, diretor da Revue Bleu, estava também corrigindo as provas de sua revista. E estávamos lá, os três, atentos nesse trabalho absorvente, quando chega um dos colaboradores da Revue (o qual, entre parêntese, se tornou meu colega). Olha-nos, um pouco admirado. Digo-lhe: "Conceda-nos alguns minutos; logo acabaremos". Fica passeando de um lado para o outro enquanto corrigimos as provas. Então não sei que estranho, que inverossímil capricho lhe passa pela cabeça: planta-se diante de Henri Ferrari e lhe diz: "O Senhor me dá a impressão de um reizinho e bem sabe que pouca importância lhe dou". Vejo H. Ferrari empalidecer, mudo, estupefato, não compreendendo nada. Então uma cólera furiosa se apodera de mim e, batendo na mesa, digo a X... "E o Senhor não é senão o último dos crápulas. Saia!" Vou até a porta e abro-a.

À noite, X... enviou-me uma carta na qual me propunha um duelo (foi a única provocação para um duelo que recebi). Bem entendido, deixei essa carta sem resposta e alguns anos depois nossas relações foram reatadas, excelentes.

O que importa, não é esta história medíocre e absurda, é esse curioso fato de um acontecimento inverossímil, absolutamente inverossímil, que provocou em mim uma muito legítima e muito violenta cólera (uma das mais legítimas e das mais violentas que tive em minha longa vida), cólera que quatro horas antes, Alice me anunciara, designando com o dedo, duas, três, quatro pessoas à minha volta.

8. - PREMONIÇÕES ESPIRÍTICAS

As premonições que denominarei espíricas não são sempre claramente diferentes das outras. O que as caracteriza é que o paciente, em vez de ficar passivo e ser durante sua vida normal, de vigília ou de sonho, invadido pelo fenômeno metapsíquico, faz esforços para conhecer as cousas futuras, seja pela prancheta, seja pela escrita automática, seja pela psicometria, seja pela visão no cristal. É uma experiência que faz, não é um acidente que sofre.

A Senhora Piper, ou se desejarem, Phinuit, freqüentemente, quer com relação às doenças, aos mortos, ou aos pequenos acontecimentos, faz profecias que são realizadas (casos XXI a XXIV de B...).

No dia 10 de maio de 1892, Phinuit diz que o irmão do Senhor T... que a Senhora Piper não conhecia, tem uma

doença dos rins, que o coração parará e que então irá para o mundo dos espíritos. Com efeito, constatou-se algum tempo depois que o Senhor T... tinha uma doença dos rins, ignorada dos médicos. Morreu de uma síncope durante o sono, no dia 3 de setembro de 1892.

O Dr. Louis Cohen, de São Luís (Estados Unidos) visita a Senhora Leonard, que lhe diz: "O Senhor seu pai está morto (e descreve lhe exatamente o pai) e o Senhor será chamado por um telegrama para voltar à América". Foi no dia 20 de abril. No dia 23 de abril o Senhor Cohen recebia por telegrama a notícia de que o pai acabava de morrer e que ele precisava voltar à América.

O Senhor S. Shaw (XLI de B...) cita o fato de uma médium profissional de Londres que lhe diz: "A Senhora sua mãe está morta" (o que era falso). Retrata-se e diz: "Morrerá daqui a três meses... Ela está muito bem neste momento. O trabalho a cansa e ela tem necessidade de se deitar durante o dia. Sua morte será súbita".

Dois meses depois, o Senhor S... recebia uma carta da mãe, dizendo que estava gozando excelente saúde, mas que tinha necessidade de se deitar durante o dia.

Morreu subitamente dois meses e meio depois da premonição (288).

(288) -A. S. P., XIV, 120.

E. M..., secretária de W. Stead, era de saúde delicada e humor desagradável. Stead pensou em dispensá-la. Júlia, o guia de W. Stead, no sentido espiritual da palavra, escreveu em janeiro (pela mão de Stead): "Seja paciente, ela virá reunir-se a nós no fim do ano". E esta predição foi repetida inúmeras vezes. Em julho, E. M... esteve muito doente. Júlia escreveu: "Ficará boa, mas sucumbirá antes do fim do ano".

Em dezembro, E. M... teve uma influenza e Julia escreveu: "Ela não virá aqui de um modo natural, mas será antes do fim do ano". No dia 10 de janeiro, E. M... estava extremamente doente e Júlia escreveu: "Enganei-me por alguns dias, mas tudo o que eu disse é verdade: deu-lhe os seus adeuses". No dia 12 de janeiro, num acesso de loucura, E. M... atirou-se pela janela e sucumbiu.

Um amigo do Senhor Stead, o Senhor Tracy, vindo da Índia para a Inglaterra, para aí residir muito tempo, havia disposto tudo para uma série de conferências sobre o livre-arbítrio e outros assuntos, em Manchester e alhures. Júlia, por intermédio de Stead, diz-lhe de início que voltará à Índia antes do fim do ano. No dia 14 de agosto, torna a dizer e ainda o repete no dia 16 de agosto. No dia 11 de setembro, repete que o Senhor Tracy vai partir, apesar das negações formais deste. Porém um mês depois, o Senhor Tracy é chamado à Índia devido a uma doença grave de um dos seus, e, contrariamente a toda previsão, parte antes do fim do ano (289).

(289) - W. STEAD, *My experience in automatic writing*, *Borderland*, 1894, II, 43.

Uma médium, não profissional, neta do célebre fisiologista Tiedemann, de Heidelberg, prediz a um rapaz, Senhor S... (que não fez outra coisa senão rir, pois a notícia era inverossímil) que seria senador dos Estados Unidos pelo Estado do Missouri. Dois anos depois, o Senhor S... foi levado a se estabelecer no Missouri e algum tempo depois foi eleito senador.

Um médico de nomeada em Palermo, o Senhor Carmelo Samona, muito ao corrente das ciências metapsíquicas, perde em março de 1910 sua filhinha de cinco anos, Alexandrine. A Senhora Samona fica quase louca de dor. Três dias depois,

vê em sonho sua filhinha morta, que lhe diz: "Eu não a abandonei, fiquei pequenina como isto", e lhe indica uma coisa muito pequena. Uma nova gravidez da Senhora Samona era ainda mais inverossímil pois que no ano precedente tivera que se submeter a grave operação ovariana.

No dia 10 de abril, a Senhora Samona se dá conta de que está grávida. No dia 4 de maio, por intermédio de Alexandrine (morta e comunicando-se pela mesa) é dito que a Senhora Samona está grávida de duas crianças (duas meninas), das quais uma será absolutamente semelhante a Alexandrine. Esta espantosa predição realizou-se. Uma das pequenas gêmeas tinha, como Alexandrine, uma hiperemia na vista esquerda, uma leve seborréia na orelha direita, com assimetria da face (290).

(290) - DUCHATEL e WARCOLLIER, *Les miracles de la volonté* (pg. 239), segundo *Filosofia delta scienza*, o jornal do Dr. N. CALDERONE.

A bem dizer, esta premonição parece fazer supor um outro fenômeno, o que os espíritas chamam reencarnação. Mas sobre esse problema perturbador, o mais obscuro de toda a metapsíquica, não temos senão dados tão frágeis, tão incompletos, que sob o ponto de vista científico rigoroso é ainda o nada.

O Dr. E. Waller (291) narrou-me um fato pouco importante, que parece testemunhar que houve algumas criptestesias. Ele vê no cristal uma senhora que conhecia, a Senhora D..., com uma personagem que não conhecia, e uns dias depois, em condições trágicas que terminam por um verdadeiro drama, encontra a Senhora D... acompanhada dessa mesma personagem, no lugar que a visão pelo cristal lhe havia mostrado.

(291) - A. S. P., 1905, XV, 133-141. - *Une aventure romanesque dans le cristal*.

Em fevereiro de 1890, a Senhora R. V... vai consultar, levada por uma força irresistível (?), Zuleika, adivinha profissional. Zuleika diz à Senhora V... que o Senhor V... seu marido vai partir para a África do Sul, que morrerá durante esse ano (em novembro) e que é preciso que arrume seus negócios e seus papéis, testamentos e pensões, senão adviriam daí graves despesas e múltiplos aborrecimentos para todos. A partida do Senhor V..., que não era certa, efetuou-se. Em novembro de 1890, apesar da saúde vigorosa, morria na África. A Senhora V... não tendo tomado as precauções necessárias, indicadas por Zuleika, teve múltiplos aborrecimentos e graves despesas... conseqüências desastrosas, diz ela (caso LIV de B...).

A premonição de Zuleika fora anotada pela Senhora V... em sua agenda, em fevereiro de 1890.

O seguinte caso está autenticado por numerosos testemunhos (casos LVI e XCVII de B...).

No dia 22 de abril de 1877, a filha mais velha do Senhor Maxfield, administrador de hotel, muito conhecido em Nova York, diz ao Dr. Anthony de Nova York (que escreveu esta profecia em suas notas): "Acabo de ouvir uma voz que me diz no ouvido muito claramente: morrerá primeiro; depois de você, Harry; depois seu pai e o Dr. Anthony estará presente em cada ocasião". No entanto essas três pessoas designadas estavam de perfeita saúde.

Ora essa profecia realizou-se exatamente: no dia 6 de novembro de 1879, faleceu a filha mais velha; no dia 22 de junho de 1884, Harry; no dia 2 de julho de 1884, o Senhor Maxfield. O Dr. Anthony esteve presente na ocasião dessas três mortes.

Uma profecia foi feita por um médium à filha mais velha de Westland Marston. "Morrerá primeiro, depois Nelly, depois Philip, e enfim a sua mãe". E isto se realizou.

O Senhor Paige vai, sem se dar a conhecer, procurar uma médium, que lhe dá o nome de sua esposa Elise Anne e o nome da Marie, irmã da sua mulher. Descreve exatamente a doença (muito grave) de Elise Anne e prediz ao Senhor Paige que dentro de três dias Elise Anne veria sua mãe (morta) à sua cabeceira (o que se verificou).

Uma senhora que conhece a Senhora H... Sidgwick (caso LXVIII de B...) vai consultar uma médium, que lhe diz: "A Senhora tem consigo uma fotografia onde estão os seus filhos" (o que era verdade): indica dois dizendo: "Estes estão mortos" (o que era exato) e mostrando um outro: "Este será logo dos nossos e sua morte será rápida". Algumas semanas mais tarde o filho mais velho dessa senhora, com 17 anos de idade, é morto numa partida de futebol (292).

(292) - E. BOZZANO, A. S. P., março de 1906, pg. 169.

J. Maxwell publicou (caso LXXIII de B...) a notável premonição que me deu a Senhora X... Esta senhora, em quem se encarnara a personalidade de meu amigo Antoine B..., morto há muito tempo, me havia predito a morte da viúva de Antoine B... (vindo a ser por seu segundo casamento a Senhora L...). Então a Senhora L... gozava excelente saúde. Ora olhando algumas palavras de sua escrita, a Senhora.. disse-me: "Vejo o número 7, o que quer dizer que a Senhora L... vai morrer logo". Com efeito a Senhora L... (que a Senhora X... não conhecia em absoluto) morria justamente sete semanas depois desta predição.

A premonição foi mais longe. No dia 8 de julho de 1903, a Senhora X... escreveu-me: "Alguém me disse (??) que um

dos filhos da Senhora L... deverá morrer antes que se passem dois anos. Suponho que se trate de Jacques B..., mas isto não me foi dito".

Na noite de 23 para 24 de dezembro de 1904, às 23 horas, Louis B... e Olivier L... (o enteado da Senhora L...) foram vítimas de grave catástrofe no trem do Norte. O primeiro foi salvo miraculosamente; mas, Olivier foi morto na hora (293).

(293) - Amer. S. P. R. 1920, 320.

De fato, a premonição tornou-se mais exata ainda do que a que indiquei nessa época. Olivier L... morto na catástrofe da estrada de ferro do Norte, não era o filho, mas o enteado da Senhora L... A fatalidade de nossas existências é inexorável. A Senhora L... tinha um filho, Gilbert L..., que morreu subitamente pouco tempo depois, de uma síncope cardíaca consecutiva a uma ligeira difteria que parecia quase curada.

Alguns fatos de premonição foram assinalados por Remy (294) ainda mais interessante para assinalar porque Remy, em seu livro, se dá o trabalho de demonstrar que quase todos os fenômenos ditos espíritas são devidos a farsistas que conseguem enganar os espectadores ingênuos. A Senhora X..., filha de um inspetor primário de Lot-et-Garonne, divertia-se em fazer falar uma mesa na presença de alguns amigos. "Perguntai em que época eu teria minha aposentadoria, diz o Senhor X... brincando. "Em oito dias", responde a mesa, o que fez todo o mundo rir; pois o Senhor X..., com 45 anos de idade, estava com boa saúde e não pensava em absoluto em abandonar suas funções.

(294) - Spirites et illusionnistes, in-12°, Paris, Leclercq, 1911, 130.

Pois o Senhor X... morreu quase que subitamente quarenta e cinco dias depois.

Permitir-me-ei fazer observar que o Senhor Remy, tão severo para com as experiências dos outros, é bem indulgente com esta premonição que não prova absolutamente nada.

Um eminente escritor, Paul Adam (caso XCI de B...), podia escrever automaticamente mensagens que lhe transmitia, diz ele, a Estrangeira. Uma noite, a Estrangeira diz a um dos amigos de P. Adam, celibatário endurecido: "Em quatro anos você se casará, a sua noiva reside em tal número da Avenida Marceau. Acontece porém que nesse momento esse número da avenida Marceau estava em plena demolição.

Quatro anos depois, no hotel que foi construída ali, o amigo de Paul Adam via pela primeira vez, em uma recepção nupcial, uma jovem, da qual ficou noivo, casando-se.

O seguinte caso, muito estranho, é um dos mais notáveis de toda a literatura metapsíquica (caso CXII de B...).

No dia 11 de dezembro de 1901, a Senhora Verrall escreve pela escrita automática: "Não se deve negligenciar nada, os fatos mais insignificantes podem servir; tenha confiança..., o frio está glacial e uma vela lança uma pálida luz. Ele lia Marmontel, deitado num sofá ou numa cama à luz de uma simples vela. Certamente ela se lembrará (provavelmente trata-se da Senhora Sidgwick); o livro lhe foi emprestado, não lhe pertencia". A Senhora Verrall, no dia 17 de dezembro, teve uma segunda mensagem: "O nome Marmontel está exato... um livro francês, creio que eram suas memórias. O nome Passy pode ajudar a lembrar-se Passy ou Fleury. O livro está encadernado em dois volumes,

emprestara-o, encadernado à moda antiga. O nome Marmontel não está sobre a capa".

No dia 1.º de março, um amigo da Senhora Verral, o Senhor Marsh conta à mesa, em casa da Senhora Verrall, que havia lido as memórias de Marmontel, em Paris, numa noite glacial (no serão de 20 para 21 de fevereiro) à luz de uma vela, uma vez deitado na cama, outra vez estendido em duas cadeiras; que havia falado do conteúdo com amigos seus de Paris; que o trabalho (as Memoires) estava em três volumes, mas que ele não pegara senão dois, emprestados à Biblioteca de Londres e que no dia 21 de fevereiro lera o capítulo em que Marmontel narra a descoberta de uma pintura feita em Passy, descoberta à qual se liga o nome de Fleury.

Assim eis uma série dos mais imprevisíveis acontecimentos que foram preditos em seus mínimos detalhes, como certamente a leitura das Memoires de Marmontel (que ninguém lê nunca) à luz de uma vela; deram-se no dia 21 de fevereiro de 1902 e foram anunciados no dia 11 de dezembro de 1901.

A Senhora Freer (caso C de B...) olhando no cristal, vê, do lado de fora de uma pequena janela de seu quarto, um rosto de homem envolto em alguma coisa de indefinível, que olha.

Três dias depois, como houvesse um incêndio, um bombeiro chega por essa pequena janela, com o rosto envolto num pano molhado. Era em tudo a imagem que havia visto.

J. Maxwell cita um caso interessante de premonição. A..., no cristal, viu um grande barco com três faixas horizontais, preta, branca e vermelha, trazendo o nome Deutschland, envolto em fumaça e soçobrando com passageiros e gentes

de uniformes correndo de todos os lados sobre o tombadilho. Oito dias depois os jornais anunciavam que uma caldeira do Deutschland havia explodido.

A... não se ocupava, em absoluto, de cousas marítimas.

Não se pode falar das predições relativas à grande guerra de quatro anos: pois todas elas são muito vagas, salvo a de Saurel, que será indicada mais adiante. Apesar do cuidado com o qual Hislop as recolheu, as premonições da Senhora Chenoweth são bem incertas; isto é, que uma inteligência humana normal teria podido dizer mais ou menos tudo o que disse a Senhora Chenoweth.

Quanto às premonições não detalhadas, nas quais os graves acontecimentos (em geral de mortes) foram anunciados por ruídos violentos, pancada, existem numerosos casos, evidentemente, bem pouco probantes (295). Contentar-me-ei em indicar o seguinte caso, que é curioso, o do Rev. Trever Bail Wood que ouviu, na véspera da morte de seu pai, três pancadas bem distintas sobre os espevitadores do seu fogo. O mesmo T. B. Wood ouviu, no dia 20 de outubro de 1919, pancadas muito fortes, que sua empregada Cyril também ouviu. Então ele disse: "São pancadas dos Wood" (It is the Wood Knockings): "alguém vai morrer". Três dias depois, uma de suas primas, até então gozando boa saúde, morria subitamente.

(295) - MYERS, P. S. P. R., XI e KINGSFORD, loc. cit., 161.

C. - PREMONIÇÕES ACIDENTAIS

Denomino acidentais as premonições que sobrevêm nos sujeitos normais, sem que haja qualquer experimentação, sem visão pelo cristal, sem mãos sobre a prancheta, sem escrita automática. É a premonição que vai encontrá-los de imprevisto e surpreendê-los.

Essas inopinadas premonições são também as mais interessantes. São em geral mais notáveis e também mais numerosas do que as premonições experimentais.

Nós as classificaremos, com Bozzano, da seguinte maneira:

A.- Premonições de doenças ou de mortes:

a. - Mortes ou doenças devidas a causas naturais

b. - Mortes devidas a causas acidentais

c. - Mortes produzindo-se tradicionalmente em uma família.

B. - Premonições de acontecimentos diversos.

c.1. - PREMONIÇÕES DE DOENÇAS OU MORTES DEVIDAS A CAUSAS NATURAIS

A Srta. B... está muito inquieta a respeito da saúde do pai, que os médicos asseguram estar ligeiramente enfermo; é uma agonia que não a abandona. Apressa-se sempre a voltar para casa e não entra senão correndo, tanto medo tem de ter conhecimento de uma desgraça. Isto dura vários dias. Um dia seu pai cai bruscamente fulminado pela apoplexia.

Este caso nada tem de probatório, pois que pelos sintomas, a Srta. B... podia sem dúvida adivinhar a doença do pai Citamo-lo somente para indicar que não se deve de

modo algum, como se faz muitas vezes, mencionar casos semelhantes como se tivessem alguma importância (caso XXVII de B...).

O Senhor Salvatore Balsamo a cabeceira do cunhado doente, algum tempo antes da morte deste, ouve no cômodo vizinho um quebrar de pratos e copos. Diversas pessoas que estavam ao lado do moribundo também ouviram essa barulhada e constataram pancadas fortes, batidas no terraço, cuja causa natural foi impossível achar (caso XXXI de B...).

Ainda aí a premonição é muito vaga e a morte do cunhado do Senhor Balsamo muito concreta para que este relato seja considerado. Casos iguais não serão instrutivos senão depois que se tenha reunido e metodicamente estudado um grande número.

A irmã da Senhora Baker (caso XXXIII de B...) vê um caixão na frente do piano de seu salão; cai quase desmaiada contando essa visão. Três semanas depois, uma outra das irmãs da Senhora Baker morre, e colocam o caixão justo na frente do piano, no lugar que sua irmã o havia visto.

Moritz narra a história do pastor Ulrici que vê em sonho um amigo seu, morto. Conta esse sonho à esposa, vai à igreja e faz seu sermão habitual, sempre perseguido pela tenacidade do sonho. Durante o dia vê chegar uma empregada da aldeia de R... onde residia o pastor seu amigo, que lhe solicita para ir batizar uma criança. "Por que não vai o pastor meu amigo?" - "Porque ele não pode" - E, diz o Senhor Ulrici, porque acaba de morrer (296).

(296) - Citado por PASSAVANT, *Unters, uber den lebenmagnetismus*, 2º edição, pg. 135, Francfort, 1837.

Assim o pastor Ulrici viu a morte de X... onze horas antes da morte daquele e em condições exatas quanto à morte e o lugar.

O Rev. Dulley narra que a Senhora Jones, velando seu filho doente, nos primeiros dias de setembro, vê três caixõezinhos colocados num carro, dois brancos e um azul claro. No dia 2 de outubro, morre o pequeno Pierre Jones, e ao mesmo tempo morre também o filhinho de uma vizinha. Os dois enterros são feitos no mesmo dia, em dois caixões brancos. No último momento, trazem um caixão azul claro: era o de uma criança morta na mesma paróquia e que a Senhora Jones não conhecia. Quando o terceiro caixão apareceu, a Senhora Jones exclamou: "Eis meu sonho". Entretanto, na mesma manhã da noite em que teve o sonho, ela havia contado tudo ao seu marido.

O Senhor Adrien Dufilhol (297) narra que seu avô ouve uma voz que lhe diz: "Uma morte na família". - "Serei eu, que sou o mais velho?" pensa mentalmente o avô. - "Não, responde a voz, é Adolphe Planes (Adolphe Planes era o irmão da Senhora Dufilhol)". De fato, Adolphe Planes que na ocasião não estava absolutamente doente, dois meses depois morria quase que de súbito.

(297) - Citado por FLAMMARION, loc. cit., 538.

Eis um caso de premonição que é difícil, mas não impossível de atribuir-se a uma coincidência. O Senhor Lauritzen (298) jamais escreveu em sua caderneta de notas senão um só sonho: "Há três dias sonhei que F. F... seria liberto em quatro anos", (a palavra ser livre significa morrer). Nesse momento, o Senhor F. F... gozava perfeita saúde.

(298) - Case of Dream, Journ, S. P. R., dezembro de 1911, 173.

Morreu quatro anos e quatro dias depois do sonho do Senhor Lauritzen.

A seguinte premonição é um pouco vaga, mas é de um simbolismo muito interessante. A Senhora Munro (299), no

dia 26 de outubro de 1917, sonha com seu filho, que é oficial aviador na Palestina. Ela o vê gravemente ferido na frente e ouve uma voz que diz: "Tomou um sorvete, que lhe ocasionou uma congestão na cabeça". - Depois vê seu filho como quando tinha 11 ou 12 anos. Então ele não podia tomar sorvetes, pois que lhe causavam dores de cabeça muito fortes. A Senhora Munro ficou de tal modo emocionada com esse sonho que, pela manhã, precisou chamar o médico que a encontrou doente de emoção. No dia 2 de novembro de 1917, o filho da Senhora Munro era morto por uma bala na cabeça.

(299) - J. P. S. R., dezembro de 1920, 272.

A Senhora Morrisson, em Wellesley, nas Índias, ouve uma voz que lhe dizia: "Quando na undécimo hora as trevas se condensarem, a morte passará". A Senhora Morrisson, que estava na cama, levanta-se assustada: a mesma voz repetiu lentamente, deliberadamente, as mesmas palavras.

Dois dias depois, a filhinha da Senhora Morrisson caía doente, muito gravemente. Durante oito dias, não havia uma nuvem no céu; mas de repente, no oitavo dia, desencadeou um temporal terrível. A casa, alguns minutos antes das onze horas, tornou-se completamente sombria. A menina morreu às 13 horas caso XXV de B...(300).

(300) - A. S. P., XVII, 712.

Eis um caso de um simbolismo estranho (caso XXXVII de B...). No dia 15 de junho, a Senhora Z... visitando uma de suas amigas, vê (na imaginação) ao seu lado, um homem desconhecido que lhe enterra uma faca do lado esquerdo. Conta isto ao professor Andrew Lang, que lhe diz rindo: "Aposto cem libras esterlinas como esta visão não se realizará".

No outono, a Senhora Z... visitando sua amiga, encontra na escada, com grande pavor, as feições do homem que havia visto. Sua amiga estava à morte e a pessoa que ela havia visto era o cirurgião que lhe fizera uma operação do lado esquerdo do peito.

A Senhora Buscarlet escreve à Senhora Moratief, no dia 11 de dezembro, uma carta que foi conservada: "Tive um sonho esquisito. Estávamos, você e eu, no campo, quando passou um carro de onde saiu uma voz que nos chamou. Era Olga Popof, que nos disse: "Chamei-as para lhes dizer que a Senhora Mitchinoff abandona o Instituto no dia 17".

Duas semanas depois, a Senhora Mitchinoff morria de uma difteria aguda no dia 16, e no dia 17, às 2 horas da madrugada, levavam seu corpo para uma capela vizinha, com receio de contágio (301).

(301) - Este caso foi relatado com observações críticas de que não posso partilhar - pois elas me parecem muito insuficientes - por FLOURNOY nos Arch. de Psychologie, de Genebra, 1904. Ver também A. S. P., 1907, XVII, 710.

Trata-se aí de um dos mais belos casos de premonição; pois está rigorosamente autenticado e é de uma precisão que torna impossível qualquer coincidência.

A Senhora L...(302), sabe que um amigo seu, o Senhor C..., está muito doente. Na noite de segunda para terça-feira, sonha que o médico do Senhor C... vem dizer-lhe grave e tristemente: "O Senhor C... morrerá quinta-feira às 4 horas". Desperta e diz alto: "Quinta-feira às 4 horas". Então seu marido lhe diz: "O que quer você dizer falando assim tão alto, e dizendo quinta-feira às 4 horas?"

(302) - J. S. P. R., dezembro de 1906, 340.

De fato, o Senhor C..., na quinta-feira, restabelece-se e parece estar a caminho da plena cura. Mas na quinta-feira seguinte morria exatamente às 4 horas.

A Senhora Campbell (XLVI de B...) sonha que se encontra num enterro durante uma chuva de neve. Não pode ler o nome gravado sobre o caixão, mas percebe flores em abundância, e no centro dessas flores um grande ramalhete de rosas. Conta esse sonho: dizem-lhe que será sem dúvida uma má notícia. Ora vinte minutos depois recebe um telegrama que a chama a Montreal. Sua irmã estava com efeito muito doente.

Morria alguns meses mais tarde. Enterraram-na (durante o desencadeamento de uma chuva de neve que cegava). Seu caixão estava coberto de flores: no centro estava um ramalhete de rosas de cores vivas.

Alexandra S..., de 19 anos de idade, estando em Trieste, vê de repente, no momento em que ia sair para um passeio, um cadafalso preto e um cadáver. Aterrorizada, atira-se aos braços da mãe, chorando e dizendo: "Mamãe, mamãe, alguém morreu".

Todos à sua volta gozavam perfeita saúde. Mas três dias depois o pai de Alexandra é preso de um mal-estar durante a noite. Alexandra, olhava por seu pai, tem um pressentimento estranho e diz à mãe: "Quando se deve morrer, como se olha?" O Senhor S... morria alguns instantes depois (303).

(303) - A. S. P., 1899, IX, 196.

Eis um excelente caso devido à multiplicidade de detalhes inverossímeis exatamente preditos.

A duquesa de Hamilton viu, numa espécie de visão, Lorde L... (que conhecia apenas de vista e que não sabia estar doente) estendido numa poltrona, como inanimado, e um homem de barba vermelha debruçado sobre ele. Havia uma banheira iluminada por uma lâmpada vermelha. Tal foi

o relato feito pela duquesa de Hamilton ao Dr. Cooper, que tratava de Lorde L...

Lorde L... restabeleceu-se de sua ligeira enfermidade. Mas quinze dias depois declarou-se outra doença grave. O Dr. Cooper, chamado para tratá-lo, reviu a cena: Lorde L... quase inanimado; uma banheira, uma lâmpada vermelha e um enfermeiro de barba vermelha.

A boa fé da duquesa de Hamilton e do Dr. Alfred Cooper estão acima de toda suspeita, não se pode explicar esta premonição senão por um fenômeno de Metapsíquica; pois aí não pode existir coincidência.

Bozzano arranjou um grupo especial de premonições em longo prazo. Eis um exemplo bem notável.

O Senhor Edisburg, estudante de medicina, tem, em 1858, um sonho do qual não se lembra senão de uma data: 9 de junho de 1864; conta ao cirurgião-assistente e lhe diz: "É a data de minha morte ou de uma grande desgraça para mim", e escreve no porta-chapéus do hospital: "9 de junho de 1864; J. F. E. ".

Passam-se cinco anos. O Senhor Edisburg casa-se, e sua esposa morre no dia 9 de junho de 1864. Voltando ao hospital, o Senhor Edisburg faz constatar a dois de seus amigos o que está escrito no porta-chapéus: "9 de junho de 1864".

A este magnífico caso de premonição, se deseja aplicar o cálculo das probabilidades, poder-se-ia dar, em cinco anos, uma probabilidade $1/365 \times 5$ ou seja mais ou menos $1/1800$ (como se na roleta o vermelho saísse onze vezes seguidas). Porém raciocinar assim seria um grande erro contra o bom senso, pois então não se levaria em conta à causa que apresentou ao pensamento do Senhor Edisburg esse número

exato. Retomando a comparação da roleta, nada mais é do que, dizer "sei que o vermelho vai sair onze vezes seguidas" ou constatarem numerosas séries de rodadas que o vermelho saiu onze vezes seguidas (304).

(304) - No jogo da roleta foi verificado que uma vez, par e preto, seja uma probabilidade de 1/4, saíram 8 vezes seguidas, isto é com uma probabilidade total de 1/64.000. Não é muito extraordinário. Mas é uma admirável premonição o de anunciá-la antes da rodada.

O que constitui a premonição é que o número foi indicado uma única vez e sem engano. Se 1.800 estudantes indicassem, em cinco anos futuros uma data fatal cada um, seguramente, encontrar-se-iam coincidências, mas não houve senão um que fez esta previsão, e a previsão foi justa. Não se pode falar do acaso; pois houve uma causa que pôs esse número exato diante dos olhos do Senhor Edisburg.

c.2. - PREMONIÇÕES DE MORTES ACIDENTAIS

Pode-se, a rigor, invocar para explicar as premonições de mortes naturais - pelo menos quando são próximas - uma espécie de conhecimento sobre o estado orgânico das pessoas cuja morte (ou enfermidade) seja prevista. Nada de semelhante para as mortes acidentais. Daí a máxima importância dessas premonições de mortes bruscas, trágicas, inverossímeis, que nenhuma perspicácia podia prever.

Eis dois casos bem curiosos sob o ponto de vista histórico. Um e outro são narrados no precioso estilo do tempo.

O capitão de Montluc narra em seus *Commentaires* (305) que previu em sonho, a morte do Rei Henrique II,

mortalmente ferido num torneio em 1559. "A noite anterior ao dia do torneio, em meu primeiro sono, sonhei que via o Rei sentado em uma cadeira, tendo o rosto todo coberto de gotas de sangue e não podia descobrir seu mal nem ver outra coisa senão o sangue no rosto. Ouvia como uns pareciam dizer: "Ele está morto"; outros: "Ainda não". Via os médicos e cirurgiões entrar e sair do quarto... e ao meu despertar, encontrei-me com a face em lágrimas e não pude deixar de chorar durante muito tempo ainda. Minha mulher procurou confortar-me, porém não posso tomar outra interpretação a não ser de sua morte. Diversos amigos, que ainda vivem, blasonam que são apenas contos, pois, assim que acordei, lho contei. Quatro dias depois, um correio chegou de Nérac que trouxe ao rei de Navarra a carta do Senhor Condestável avisando de seu ferimento e das poucas esperanças de vida".

(305) - (Livro X). Citado por FLAMMARION, *La mort et son mystère*, 536.

Um outro documento histórico é relatado por Flammarion. Nicolas Pasquier escreve ao irmão: "No ano passado, no dia 30 de agosto, aproximadamente às 5 horas da manhã, sonhei que me achava junto de nosso pai, que estava deitado no leito, do qual se levantou para se pôr de joelhos a fim de rezar a Deus, o que fez devotamente, as mãos postas no alto e os olhos levantados para o céu. Terminada sua oração, mudou de cor e caiu morto entre meus braços. Acordei tremendo e contei o sonho à minha mulher e, para ter a memória fresca, estando em pé, redigi-o por escrito... Assim, vi a morte de nosso pai, um ano, dia por dia, antes de seu falecimento (Etienne Pasquier, pai de Nicolas, morreu no dia 30 de agosto de 1615, às 2 horas depois da meia noite)... e no mesmo dia que morreu, encontrei esse papel, no qual nunca mais havia pensado. A notícia não chegou senão no

dia 3 de setembro de 1615... Fazei uma anatomia desse sonho, sabereis que tudo o que aconteceu em sua morte foi por mim previsto, que não ficaria muito tempo doente (também não ficou senão dez horas), que morreria como bom cristão, que todos os sentidos permaneceriam sãos e completos".

Certamente, a próxima morte de Etienne Pasquier, com 86 anos de idade, não era inverossímil. Mesmo assim a coincidência das datas não é menos notável.

O barão L. Hellembach (caso LVIII de B...) pensa em ir procurar o célebre Hauer, seu colega, para uma pergunta científica. Na noite precedente sonha - sem nada conhecer - que vê um homem pálido e desfalecendo sustentado pelos braços por dois homens. De manhã, vai ao estabelecimento geológico que o Senhor Hauer dirigia, e não achando a porta, que está fechada (interceptada), olha pela janela, e vê a imagem exata de seu sonho. Hauer acabava de se envenenar com cianureto de potássio.

Falta a esta premonição a reconhecimento. Talvez, também, o Senhor Hellembach não tenha narrado seu sonho, ante evento, de modo que então pode-se sempre supor alguma paranesia. Pode-se também admitir que houve telepatia. A agitação mental do Senhor Hauer antes do seu suicídio é muito capaz de haver provocado a visão do Senhor Hellembach.

No seguinte caso singular falta também a reconhecimento.

A Srta. Bale ouve constantemente em seu quarto pancadas análogas ao tique-taque de um relógio, durante todo o mês de junho, mas essas pancadas cessam desde que alguém entre em seu quarto. Ao fim de um mês e meio, já estava habituada. No dia 12 de julho, percebe em seu quarto

uma forma humana em pé, os braços estendidos, que logo se evapora. No dia 23 de setembro, vem a saber que seu irmão se afogara no dia 12 de julho e a partir desse momento as pancadas não se fizeram mais ouvir (306).

(306) - A. S. P., 1907, XVII, 724.

Fr. Myers (307) relata um belo caso de premonição simbólica. O marechal-Lorde S..., dois dias antes da filha cair doente, sonha que lhe pedia para ler *Life of Charles James Fox*; mas que ela lhe respondeu: Oh! não preciso ler: é o fim (308), e mostrou lhe na última página estas palavras escritas em grandes caracteres pretos e grossos que enchiam toda a página: *The End*.

(307) - *The subliminal Self* (P. S. P. R., XI, 442).

(308) - *Aproximam-se estas palavras das que LODGE sonhou* (FROISSAC, *La chance et la destinée*).

Uma outra premonição precedeu a morte da Senhora S... Sua irmã viu-a em pé na sua frente, dizendo-lhe: "Remember I have called you, it is 5 o'clock, and now I am going away; remember".

As premonições de mortes nas quais existe como que um desdobramento, foram muitas vezes constatadas; assinalaremos o belíssimo caso do Dr. Isnard.

O Senhor Boisnard tem o sonho muito distinto do enterro de criança, saindo de uma casa vizinha. Este sonho persegue-o o dia todo.

À noite, uma das crianças dessa casa, de 4 anos, cai numa pipa e afoga-se (caso LIX de B...).

O irmão do Senhor Zipelius, pintor em Mulhouse, de 25 anos de idade, diz à sua zeladora: "Se eu não voltar esta noite, vá ao necrotério buscar-me; sonhei que estava no fundo da água, morto e com os olhos abertos". Sua mãe havia previsto (como?) essa desgraça: e quando lhe

anunciaram a má notícia, diz: "Não, continuem, sei que o meu filho se afogou". Zipelius, de início, havia, devido ao sonho, recusado banhar-se na Mosela, mas à noite não resistiu e foi assim que pereceu (caso LX de B...).

O Senhor A. Lavaut (309) encontra durante a guerra um lugar que claramente havia visto num sonho em 1911: vira-se então com um uniforme de oficial (quando nunca havia sido soldado); parece que na ocasião falara do sonho e que soldados azuis o rodeavam. Em 1918 seu sonho realizou-se. Não é certamente, diz ele com razão, uma coincidência. Mas é bem possível que seja uma paranesia. Precisaria ter o relato das pessoas a quem narrou seu sonho em 1911.

No domingo, 14 de agosto (caso LXI de B...) a Senhora Thomas vê em sonho um enterro de criança, vindo do asilo (de Treforest). Esse enterro realizou-se sobre o lançante esquerdo, porém eram crianças do asilo que carregavam o caixão. Narra o fato à diretora do asilo, a qual lhe diz que nenhuma criança morreu no asilo. Na quarta-feira, (17 de agosto) uma criança de 3 anos, não pertencente ao asilo, afoga-se. A mãe solicita da diretora que as crianças acompanhem o corpo. Faz-se então o enterro passando pelo lado esquerdo da colina, como a Senhora Thomas havia visto em seu sonho.

A esse propósito Bozzano faz observar que os fenômenos premonitores de funerais são freqüentes.

A Senhora Gwendoline Janesson (este nome é um pseudônimo) (310) sonha que vê, durante a noite de 2 para 3 de agosto de 1919, um enterro e ouve uma voz que lhe diz: "É Leonard". Vê o cortejo fúnebre seguido pelo Senhor V... e pelo Senhor L..., os dois melhores amigos de Leonard, seu noivo. Depois se encontra sozinha diante do túmulo, e o

Senhor L... segura-lhe no braço. Conta esse sonho à mãe. No dia 5 de agosto, passa o dia todo com o noivo, que parece estar de perfeita saúde. Mas no dia 6 de agosto, Leonard morre repentinamente (angina de peito, segundo um atestado médico). Nada podia fazer suspeitar a morte de Leonard, que morre subitamente (311).

(310) - *Premonitory dream, J. S. P. R., fevereiro de 1920, 161.*

(311) - *Collapsed in his chair and died of heart failure.*

Por mim, tive apenas um sonho premonitor. Esta premonição é ainda bem vaga. Uma noite (eu que nunca sonho, e logo música!) sonho que ouço distintamente a Marcha Fúnebre de Chopin. A impressão é muito nítida; e pergunto a mim mesmo qual o eminente personagem de quem vou saber a morte. Três ou quatro dias depois, sou convidado para um grande enterro, e então fico persuadido de que houve uma premonição muito interessante. Talvez por isso vou a esse enterro, esperando sempre ouvir a Marcha Fúnebre. Fiquei desapontado pois não houve nada de semelhante. Porém, voltando para casa, cruzei com um enterro militar, e a banda tocava a Marcha de Chopin. Trata-se de uma coincidência? É muito possível, se bem que eu esteja pouco disposto a acreditar que houve antes premonição.

O Dr. Haye, em Norwalk, sonha que três dos jovens colegiais de seu Instituto se afogaram e recomenda aos seus colegiais do Instituto grande prudência. No dia seguinte, no momento da partida das crianças para um passeio, renova suas recomendações. No entanto, o acidente realizou-se e três dos meninos afogaram-se (caso LIX de B...).

A Senhora Mastro Pietro, camponesa idosa, moradora de Castel di Guido, numa localidade muito deserta, vizinha de Roma, tem todas as noites, sonhos assustadores. Ouve

lamentos e distingue os gritos de sua filha Caroline, casada e residindo em Roma. Uma manhã enfim, ela se decide a ir a Roma e chega a tempo de saber que sua filha acabava de ser queimada e que estava morta havia alguns instantes (caso LXV de B...).

O Senhor Nolte vê sua sobrinha Helene, menina de 6 anos (?), esmagada por um bonde (17,30 horas). Conta o sonho e recomenda prudência na vigilância da criança.

Mesmo assim, como se não se escapasse ao seu destino, às 17,30 horas, no mesmo dia, a pequena Helene, atravessando a rua, foi esmagada e morta pelo bonde.

O caso seguinte bem estudado por J. Hyslop (caso LXVIII de B...) é de um interesse extraordinário. Poderia prestar-se a numerosos comentários.

Em julho de 1897, a Senhora D..., cuja filhinha Bettie tem 2 anos, ouve, todas as vezes que pensa no futuro de Bettie, uma voz que lhe diz: "Ela não terá necessidade". Quando quer comprar sapatos para a criança a voz lhe diz: "Ela não terá necessidade". Por diversas vezes, vê em sonho, ou em visão, no estado de vigília, o berço do bebê em chamas. Oito dias antes da catástrofe, sente um cheiro de queimado, e no entanto, não havia nada aceso na casa. Uma hora antes da catástrofe, tem a idéia de destruir os fósforos que estão no seu quarto. Mas diz a si mesma: "Farei logo mais, quando meu filho tiver entrado. Às 10 horas deita Bettie em seu berço e, durante esse tempo ouve uma voz que lhe diz: "Vire o cobertor". Como estava com pressa, diz brincando a Bettie: "Virarei o cobertor quando tiveres feito nãã".

Poucos instantes depois o berço está envolto em chamas e a pequena Bettie mortalmente queimada.

Imaginou-se que a criança havia encontrado um fósforo no cobertor, acendera-o e assim determinou o incêndio.

O seguinte fato, dos mais admiráveis, é devido ao meu sábio colega, Thoulet, professor na Faculdade de Ciências de Nancy (312), que me confirmou verbalmente inúmeras vezes.

(312) - A. S. P., 1891, I, 258.

Thoulet, então estudante, fora à Itália, a Rivazzano, para ser o auxiliar de um jovem engenheiro francês, Senhor F..., cuja esposa residia em Toulon. O Senhor F... e Thoulet dormiam em dois quartos contíguos. De repente, no meio da noite, Thoulet levanta-se, entra no quarto de F... e lhe diz: "O Senhor acaba de ganhar uma filhinha, o telegrama diz....", e se põe a ler um telegrama (imaginário) cujo desenho vê claramente, pois as palavras pouco a pouco se apagam. Algum tempo depois (313), o Senhor F... recebia esse mesmo telegrama com as mesmas palavras e o desenho que Thoulet havia tão nitidamente visto num clarão de lucidez. "Não tenho nenhuma prova material para fornecer, diz Thoulet. Se alguém me contasse essa história, eu não acreditaria, mas sou forçado a confessar a mim mesmo que ela é verdadeira".

(313) - Exatamente, quanto tempo?

O quaker Etienne de Grillet (caso LXX de B...) narra que a condessa Toutschkoff esposa de um general russo, sonha, antes da chegada dos franceses à Rússia (1812), que seu pai vivo vem a ela, levando seu primogênito pela mão, e lhe diz: "A sua felicidade acabou-se, o seu marido cairá em Borodino". Esse sonho repetiu-se três vezes. Conta ao general perguntando-lhe onde está Borodino? O general não conhecia o nome dessa aldeia obscura, que procuraram em vão sobre o mapa. Alguns meses depois, o pai da condessa

entra em seu quarto, levando o filho primogênito pela mão e lhe diz: "O seu marido está morto, caiu em Borodino!"

O Senhor Ivey, em Forney (Texas), levanta-se no dia 19 de dezembro, pela manhã, num estado de agonia inexplicável a respeito de seu filho que, com 19 anos de idade, fora se estabelecer num sítio vizinho, e entretanto, não corre nenhum perigo. Ao mesmo tempo, a Senhora Ivey sonha, às 7 horas da manhã, que fez uma viagem de carro, que está num quarto desconhecido, rodeada de uma família numerosa, onde existe uma jovem desconhecida e crianças que vão partir para a escola.

Ora nesse sonho existia de uma só vez monição e premonição. O filho de Ivey sofreu um grave acidente de carro no dia 17 de dezembro, de modo que a agonia do Senhor e da Senhora Ivey foi uma agonia monitora, e não premonitória, porque consecutiva ao acidente. O que foi premonição foi à chegada em carro da Senhora Ivey - pois ela perdeu o trem - na família desconhecida, no quarto desconhecido, no leito de seu filho, morto no dia 19 de dezembro a 1 hora da madrugada. Todos os detalhes relativos a sua chegada estavam conforme seu sonho (caso LXIX de B...).

Deve-se guardar algumas reservas sobre o caráter premonitório desta visão; pois a rigor, pode-se explicar pela verossimilhança dos acontecimentos consecutivos à própria monição.

Três vezes no decorrer do ano de 1909, a Senhora Brot (de Açais) escreve ao Conde de Tromelin para lhe dizer que tem o pressentimento de que ficará viúva antes do fim do ano e que um grave acidente de estrada de ferro causará a morte de seu marido.

Ora, no dia 10 de dezembro de 1909, o Senhor Brot, funcionário da estação de Açais, tem a cabeça fraturada por uma colisão dos carros (caso LXXXI de B...).

A Senhora Lolla sonha, na Rússia, que sua mãe entra no quarto e, lhe diz: "Lolla, não tenha medo; o fogo apoderou-se da granja". No dia seguinte, realiza-se o sonho, a mãe de Lolla entra em seu quarto e lhe diz: "Lolla, não tenha medo; o fogo apoderou se da granja". (Mas houve nisso alguma paranesia?)

Lolla em seguida, casada com o Senhor de R..., vai, no cemitério, a uma capela da família. Enquanto está de joelhos, rezando, ouve uma voz que lhe diz: "Ficará viúva; mas não terá o consolo de vir rezar sobre o túmulo de meu filho!" A Senhora de R... desmaiou, tal a emoção que sentiu.

O coronel de R..., seu marido, faleceu alguns meses depois, mortalmente ferido nas batalhas de Moukden. Seu corpo não foi achado.

C.3 - PREMONIÇÕES DE ACONTECIMENTOS DIVERSOS.

Eis um caso de premonição, admirável porque os testemunhos recolhidos ante evento são formais. Além disso, bem ou mal, pode-se calcular a probabilidade.

O Senhor Gallet, estudante de medicina em Lyon, preparava um de seus exames de doutorando, em seu quarto, às 11 horas da manhã, na manhã, no dia 27 de junho de 1894. De repente, distraiu-se do trabalho por um pensamento obcecante, com tal força, que num traço escreveu no caderno

o seu pensamento: "O Senhor Casimir-Perrier é eleito Presidente da República por 451 votos". Gallet não se ocupava, em absoluto, de política e esta frase espantou-o: mostrou-a logo ao seu companheiro Varay, com o qual trabalhava.

Depois do almoço, Gallet saiu para a Faculdade. Encontra, a meio caminho, dois companheiros, Boucher e Delorme e anuncia-lhes esta premonição, os quais nada fizeram senão rir. Ao sair do curso, os quatro estudantes entraram num café e logo chegaram os jornais anunciando a notícia da eleição de Casimir-Perrier por 451 votos (314).

(314) - Eis o resultado do escrutínio:

Votantes: 845.

CASIMIR-PERRIER 451 votos.

A. BRISSON 195 votos.

DUPUY97 votos

GENERAL FREVRIER33 votos

ARAGO.....27 votos

DIVERSOS22 votos

Gallet é atualmente médico em Annecy e senador pela Savoia; Varay, médico em Annecy; Delorme, farmacêutico em Thonon; Boucher, médico em Cruseilles. Os quatro certificam a rigorosa exatidão do fato, do qual guardaram a lembrança absolutamente clara.

A candidatura de Casimir-Perrier apenas havia sido lançada. Sua eleição era duvidosa, pouco verossímil. Foram feitas apostas para saber quem seria eleito, Brisson ou Dupuy. A probabilidade de que Casimir-Perrier teria 451 votos era, portanto, extremamente fraca. No entanto, admitamos a igualdade das probabilidades entre os três concorrentes. A probabilidade, puramente aritmética, de obter 451 votos, é de $1/845$ (845 sendo o número dos votantes). Porém este é um processo de cálculo muito defeituoso.

Pode-se sempre invocar o acaso; mas é francamente muito cômodo dispensar-se de refletir.

E depois, qual é a impressão irresistível, inverossímil, que levou Gallet a escreverem seu caderno de anatomia esta frase: "Casimir-Perrier está eleito por 451 votos?"

Este caso de premonição é incontestável e, a meu ver, um dos mais belos casos que possuímos.

Alguns casos de previsão aos jogos de azar, loterias, corridas de cavalos, foram assinalados.

Uma das minhas primas, residindo na província, e não jogando nunca nas corridas, ouve uma noite, quando a lâmpada está apagada, repetidos aplausos e o nome Clamart, Clamart, retinir junto dela. Na obscuridade, o barulho dos aplausos recomeça. Julgou de início que era o nome Clamart, repetido na estação de Clamart pelos funcionários da linha Paris-Versalhes (margem esquerda). Mas, de repente, lembrou-se de que entre os cavalos de corrida existia um cavalo com aquele nome. Faz seu jogo em Clamart, não sabendo ao certo onde isto a levaria e Clamart levanta o grande prêmio.

Ch. Cascel dois meses antes de ser sorteado para o serviço militar, vê a um canto do quarto alguma coisa volumosa e indefinível, onde o número 90 aparecia em caracteres grandes como uma mão. Fecha os olhos, depois abre-os e vê ainda 90. Então, assustado, põe-se a rezar (sic.)

No dia do sorteio, declara que tirará o 90, e diante da admiração geral tira o 90.

Diversos casos análogos foram reunidos pelo professor Hulin, na Universidade de Gand.

Mas para todos esses casos de adivinhação seria necessário saber qual o número de adivinhações que não

deram resultado, pois muitas vezes se tem o registro exato dos sucessos e negligenciam-se os fracassos. O cálculo das probabilidades não é válido senão quando se mantém conta rigorosa de todas as tiragens. Por conseguinte, diante dos sucessos, é absolutamente necessário colocar os fracassos, o que em geral se faz de uma maneira insuficiente.

Eis alguns fatos relativos a premonições nos jogos de azar, por excelência a roleta de Monte Carlo. Esses fatos me foram comunicados outrora por um dos meus amigos, físico experimentado e hábil matemático, que fez a observação metódica e calculada da probabilidade. Sua esposa Lydia, com 30 anos de idade, mãe de família, por diversas vezes teve premonições interessantes; mas não puderam ser tão exatamente relatadas como as seguintes, inteiramente notáveis.

No dia 2 de maio, depois de sete ou oito dias que Marcel constantemente perdia, ela diz: "Sonhei que vamos ganhar com o 14". Então Marcel joga por diversas vezes, 18 vezes consecutivas em 12 números diferentes, no correr da partida. O 14 ganha. Nos 12 números jogados por Marcel de acordo com um sistema seu, somente quatro deram resultado, entre os quais o 14. Por conseguinte, a probabilidade do sucesso do 14 foi de $\frac{1}{3}$ o que é nada. Mas houve repetição; de outra forma falando, o número 14 saiu uma segunda vez imediatamente após haver dado. O hábito dos jogadores é de deixar, quando ganharam, sua aposta no número que deu. Ora a probabilidade de que o número vai dar uma segunda vez é de $\frac{1}{37}$. Por conseguinte, a repetição do 14 faz com que o sucesso se realize com uma probabilidade igual a $\frac{1}{3} \times \frac{1}{37}$ seja $\frac{1}{111}$.

Isto não é muito surpreendente. Mas no dia seguinte, 3 de maio, Lydia diz: "Sonhei que você ganhará no 31".

A história do 14 se reproduz com o 31 exatamente da mesma maneira, com uma probabilidade de $1/3$ para o sucesso do 31 e houve repetição seja $1/3 \times 1/37$, seja $1/111$; o que, com a probabilidade da véspera, faz com que a premonição de Lydia para o sucesso do 14 e do 31 sejam realizadas com uma probabilidade extremamente fraca de $1/12000$.

Notar-se-á que no decorrer das numerosas partidas, Marcel nunca teve, após haver ganho num número, repetição. Os dois únicos números ganhos por ele com repetição foram o 14 e o 31.

Para se dar conta desta fraca probabilidade, basta dizer que se cada dia se anunciasse a repetição de dois números, sem indicar outros, levariam trinta e dois anos para que, se somente o acaso estivesse em jogo, esse duplo sucesso se produzisse.

Nos dois dias seguintes, Lydia indicou dois outros números que não saíram.

No quinto dia, Lydia diz 32, 35, sem saber por que dizia 32, 35: ora nesse dia os números que saíram mais em 124 rodadas foram:

34	8
vezes		
35	7
vezes		
32	7
vezes		
30	6
vezes		

19:	6
vezes		
3	6
vezes		

Os outros números saíram menos de 6 vezes.

A média provável era de 3.4 por número: seja para dois números de 6,8. Por conseguinte, o 32 e o 35 saíram duas vezes mais do que a probabilidade. Notar-se-á que o 34 numericamente está entre o 32 e o 35.

A probabilidade pode-se calcular (elementarmente) da seguinte maneira, supondo que o 35 e o 2 saíram 14 vezes, quando não deveriam sair senão 6,8 vezes, seja 7 vezes, isto é 7 vezes mais do que deveriam sair. É portanto uma probabilidade na potência ou seja 1/128.

Para simplificar, vamos supor que a probabilidade composta das cinco partes (com dois fracassos) sendo de 1/100 tem-se então segundo a fórmula clássica, em números redondos 1/130.000

No sexto dia, Lydia sonha que ganhará no 16. Num momento dado, joga no 16, e o 16 sai; a probabilidade era de 1/37; de sorte que dessas seis partes reunidas, a probabilidade composta é de 1/5.000.000.

É verdade que o cálculo não pode ser considerado rigoroso, pois se faz intervir para os dois primeiros dias a repetição; por outro lado, para o quinto dia, os números dados a maioria das vezes; enfim, para o sexto dia, o número saindo a primeira vez que se jogou; não há comparação.

Adiantemos que mais tarde Lydia não teve senão fracassos. Mesmo assim, o conjunto dessas seis partes onde a probabilidade era fraca e onde, no entanto houve indicação antes eventum, confirma os fatos anteriormente relatados de

que às vezes existe premonição para os jogos de azar. Mas o problema é muito obscuro para que possamos ir além da menção do fato em si mesmo (315).

(315) - O Senhor E. DESBEAUX publicou uma nota interessante a esse respeito (A. S. P., 1909, 133 e 215).

Mencionemos também o caso citado por Lombroso (caso LXXXVIII de B...) de Rosa Tirone. Em novembro de 1908, ela sonha que seu noivo, que morreu há pouco tempo, lhe diz: "Não quero mais sabê-la doméstica; joga nos números 4, 53, 25, 30", e ajunta: "Tenho sede, vai arranjar água num balde e dá-me a beber". Os quatro números 4, 53, 25, 30 saíram na loteria, e, se Rosa tivesse jogado no quinto número, que corresponde, na opinião popular, o fato de dar de beber aos sequiosos, teria também ganho no quinto número.

Não se podem considerar como demonstrativas as previsões assinaladas por E. Carreras, a propósito da loteria (316), pois se realmente R... podia adivinhar, mais que o acaso não o permite, os números sorteados, deveria conseguir uma fortuna considerável. Portanto, pode-se supor que a lista fornecida por ele ao Senhor Carreras não está completa, como o próprio Senhor Carreras reconhece (da veri indizi debbo credere che ve ne furono alcune oltreche andarono perdute). Em 150 rodadas (de números) de duas cifras para as quais cada rodada era de cinco números de duas cifras, a probabilidade era de 1/20. R... fez 106 vezes a escolha de números. O número provável de sucessos deveria ter sido 5,3 ou seja, 6 em cifras redondas. Ora o número dos sucessos foi na realidade de 19, Isto é, três vezes mais forte do que o número provável. Por notável que seja o excedente, não suplanta o que o acaso pode dar, sobretudo se admite

que todos os números jogados (provavelmente com perda) não foram indicados.

(316) - *La previsione dei numeri*. Luce e Ombra, 1919, XIX, 127.

Observou-se a esse propósito - e não sem razão - que se existia alguma adivinhação, mesmo inconsciente, para os jogos de azar, loterias, roletas, corridas de cavalos, poder-se-ia ganhar fortunas; no entanto jamais nada se constatou de semelhante. Mas pode-se responder que essas premonições que se verificam são sempre prodigiosamente raras, esporádicas por assim dizer, absolutamente excepcionais. "O espírito sopra onde quer", *flat ubi vult*, e não porque, de propósito deliberado, venha abancar-se diante de uma série de cifras, para encontrar a cifra profetizada.

Não somente num mesmo indivíduo a profetização é rara, mas os indivíduos capazes dessas premonições são muito raros também, de sorte que, se às vezes existem adivinhações, elas são em tão pequeno número que formam quantidades absolutamente negligenciáveis em relação ao número imenso das não-adivinhações.

Ch. Linné, na sua autobiografia (1823) narra que uma adivinha lhe diz um dia, quando estava no colégio, e passava por pouco inteligente: "O Senhor será professor, fará viagens longínquas e se tornará o homem mais célebre do reino". (Caso XCV de B...).

O seguinte caso é notável, porque foi observado pelo ilustre Schopenhauer (317).

(317) - Citado por FLAMMARION, *loc. cit.*, 133.

“Uma manhã, diz Schopenhauer, após haver escrito uma carta, peguei, para secar a tinta, o tinteiro em lugar da ampulheta, e a tinta espalhou-se sobre o soalho. Chamei a empregada, que se pôs a lavar o soalho para tirar a mancha. Então, fazendo esse trabalho, ela me conta que havia

sonhado isso durante a noite. Ora, não somente havia sonhado, mas havia contado à minha outra empregada, que o testemunhou".

"Esta história, diz Schopenhauer, cuja absoluta autenticidade garanto, põe fora de dúvida a realidade dessas espécies de sonhos... Portanto, tudo o que deve vir, necessariamente chega..."

Não vamos considerar a conclusão de Schopenhauer sob o ponto de vista da fatalidade. Basta-nos registrar o fato.

Eis uma premonição antiga, curiosa, mas pouco demonstrativa (Vie de Mr. Duguay-Trouin, Paris, Possard, 1922, 60).

"Ao fim de oito dias de espera, creio verem sonho, diz Duguay-Trouin, dois grandes navios, velas abertas, vindo sobre nós. No instante saí sobre o porto, e como a sombra do dia começava a aparecer, levantei minha vista à volta do horizonte. O primeiro objeto que chamou minha atenção foi dois navios sozinhos na mesma situação e com as mesmas velas que julguei ver, dormindo". E esse grande guerreiro ajunta estas interessantes palavras: "Como devo o aprisionamento desses dois ricos navios a secreto pressentimento, que me fez solicitar oito dias de navegação à minha marinhagem, não posso me impedir de dizer aqui que tive diversos outros que não me enganaram. Deixo aos filósofos explicar a natureza e o princípio desta voz interior. Não sinto nada de mais marcante em mim do que essa voz baixa, mas distinta, e por assim dizer obstinada, que me anuncia e me faz anunciar aos outros diversas vezes, até o dia e as circunstâncias dos acontecimentos futuros".

Sob o ponto de vista histórico, pode-se citar também uma premonição de Ch. Dickens (318) que sonha com uma

mulher chegando com um chalé vermelho e lhe diz: "Sou a Srta. Napier". Por que Srta. Napier? Escreve Dickens; não conheço nenhuma Srta. Napier. Algumas horas depois, duas pessoas vêm visitá-lo, para lhe apresentar uma senhora de chalé vermelho, que se chamava Srta. Napier, e que Dickens não conhecia em absoluto.

(318) - Está relatada por WALTER F. PRINCE. Amer. S. P. R., XIV, 362, 1920.

O seguinte caso, bem atestado, é dos mais curiosos (caso XCVIII de B...).

Um indivíduo, chamado John Lee, condenado a ser enforcado por assassinato em Babbicombe (fevereiro de 1889), sonha, na véspera de sua execução, que o alçapão não funciona e que mesmo com alguns esforços que fazem para abri-lo, ele não se abre. Com efeito, no dia da execução, o alçapão (que havia sido previamente experimentado) não pôde abrir-se. Quando Lee se achava sobre o alçapão fatal, ele estava num estado de semi-inconsciência, e não se lembrava do sonho. Entretanto, quando vieram buscá-lo para conduzi-lo à forca, contou o sonho ao guarda.

O Senhor Henri Buisson vê, no dia 8 de junho de 1887, a avó morta, estendida na cama. Sobre ela um sol resplandecente, e no meio desse sol, as palavras: 8 de junho de 1888. Esse sonho foi narrado e anotado. Um ano depois, no dia 8 de junho de 1888, morria, num quarto de hora, a avó do Senhor H. Buisson.

O Senhor Buisson teve também um sonho premonitor acompanhado de detalhes curiosos, que narrou ante eventum. Na noite de 9 para 10 de abril, sonha que o prefeito de polícia, Senhor Lépine, está na rua com um traje bizarro, sapato só num pé, um chinelo no outro. Nesse momento, há um formidável incêndio, no qual o Senhor H. Buisson,

sempre em seu sonho, faz prodígios de coragem extraordinária. Na noite desse mesmo dia, isto é, doze horas após o sonho premonitor, há um incêndio na Rua Jacquemont. O Senhor Buisson aí vê o Senhor Lépine no mesmo traje indicado, um sapato num pé e um chinelo no outro. O sonho fora, na manhã do dia 10 de abril, comunicado pelo Senhor B... à sua mãe e ao seu tio.

A Senhora S... sonha que vê no salão, junto da ama do filho, uma senhora com luto pesado; e imediatamente depois, no sonho, vê um auto táxi, indo do lado da Praça Pigalle. O auto para junto da praça. Conta esse sonho à ama. Nesse mesmo dia a Senhora S... recebe a visita inopinada da Senhora P..., uma senhora dentre suas amigas, de luto pesado, que, inopinadamente também, convida-a para jantar em sua casa. A Senhora S... entra em seu quarto para se vestir e, voltando ao salão, vê exatamente na mesma situação que no seu sonho, a ama, a Senhora P... de luto fechado e a criança. Alguns instantes depois, a Senhora P... diz: E tarde: Vamos tomar um táxi. E o auto as conduz junto da Praça Pigalle (Rua Donai).

A Senhora Ohmus (caso XCIX de B...) tem um sonho horrível que conta logo ao marido. Vê-se estendida por terra, os braços esmagados, o sangue correndo aos borbotões. Ora, à noite, seu cãozinho Nello junto dela é fraturado e esmagado pelo trem. A Senhora O... sentiu então todas as mesmas sensações que tivera durante o sonho.

Neste caso não houve premonição senão da emoção.

O Senhor Conan Doyle relata um fato a ele pessoal, que é uma espécie de premonição, premonição extremamente vaga e que não tem nenhuma força probante (319). "No dia 5 de abril, acordo com a sensação de que uma comunicação

me foi feita; não me lembro senão de uma só palavra que ressoava constantemente nos meus ouvidos, essa palavra era Piave; palavra que, segundo minhas recordações, me era absolutamente desconhecida. Segundo o índice de um Atlas, vi que era um rio da Itália, a 40 milhas atrás das operações italianas, as quais nessa época seguiam vitoriosamente. Fiquei tão impressionado que tomei nota do sonho e a fiz assinar por minha esposa e o meu secretário". Ora, seis meses depois, contra toda verossimilhança, furiosos combates se desencadearam sobre o Piave, que se tornou à linha fronteira das trincheiras entre o exército italiano e o exército austro-húngaro.

(319) - *La nouvelle révélation*, tr. fr., 118.

É impossível provar que não houve nisso alguma recordação inconsciente dessa palavra geográfica, a qual, talvez, dum momento qualquer, em 1915 ou em 1916, havia impressionado os olhos do Senhor Conan Doyle. Talvez se trate de uma premonição. Sem dúvida chegará o momento em que os fatos desse gênero serão classificados como autênticas premonições. Mas atualmente é preciso registrar, sem tirar a mínima dedução.

Uma amiga da Srta Violet Lloyd, atriz inglesa conhecida, sonha que a Srta. Violet fica queimada no rosto, abaixo dos olhos. Confia o sonho a uma amiga que não ousa ir avisar a Srta. Violet. No dia seguinte, durante a noite, desempenhando o papel de Flora na peça *Topsy Turvy Hotel*, a Srta. Violet é queimada no rosto, com dois ferimentos sob os olhos (caso CI de B...).

A Senhora Carleton (caso CIII de B...) escreve ao coronel Coghill com o qual não mantém correspondência há muito tempo, para lhe dizer que teve uma visão, que o viu

jogado por terra com seu cavalo, numa situação crítica donde algumas pessoas .estranhas tentaram tirá-la. A visão foi no dia 26 de março; a carta da Senhora Carleton, do dia 28. No dia 28, o coronel lhe responde: "Tranqüilize-se, não existe nada, os sonhos são mentiras". Mas, no dia 30, o Senhor Coghill levou uma terrível queda de cavalo. Caiu com ele numa fossa e rolou por terra. Foi libertado pelos amigos que o tiraram, não sem algum trabalho, da crítica posição.

O Senhor O... sonha - portanto, diz ele, é mais do que um sonho, é quase uma visão - que seu sobrinho, um menino de 6 anos, rola sob a roda de um carro, com um ferimento grave, mas não mortal. Como o sonho se lhe apresenta tenazmente, recomenda três vezes a pessoas diferentes uma prudência extrema. Duas semanas após, num passeio de carro, a criança rola sob uma das rodas, que lhe fratura a perna.

Sir Oliver Lodge recebeu de um eminente ministro inglês o seguinte relato (320). Por um sol esplêndido e um céu sem nuvens, o Senhor X... diz à esposa para adiantar a hora do lanche, pois sonhou que um formidável temporal ia desabar, que o raio chegaria em forma de globo na sala de jantar e quebraria as chaminés do telhado situado em frente. Todo mundo caçoou, pois o céu estava absolutamente puro. No entanto, alguns minutos depois, formou-se um temporal com uma rapidez prodigiosa; o raio entrou na sala de jantar, em forma de globo e as chaminés do telhado vizinho foram projetadas por terra.

(320) - BOZZANO, *loc. cit.*, 343.

O célebre escultor Jean Dupré (321) narra que, viajando de carro para Londa, nas margens escarpadas da Rufina, ouve uma voz que lhe diz: "Parai!". Não vê ninguém. A

Senhora Dupré. que estava com ele, não viu ninguém, mas ouviu a voz. Duas vezes seguidas como desejasse continuar seu caminho e chicoteasse o cavalo para avançar, a voz se fez ouvir e dizia: "Parai! Parai!" O Senhor Dupré desceu e percebeu que o eixo havia saído da roda e que esta, que costeava o precipício, ia se desprender. Foi preciso continuar o caminho a pé, ao lado do carro mais ou menos reparado.

(321) - BOZZANO, loc. cit., 356

Pode-se imaginar que se trata aí de uma observação inconsciente culminando nessa espécie de aviso. No entanto, como explicar que duas pessoas tenham simultaneamente ouvido uma voz nesse lugar deserto?

O Senhor Young sonha que um pedreiro, trabalhando no telhado de uma casa vizinha, vai cair na rua, e no seu sonho lhe é aconselhado narrar o fato à Senhora Young. O Senhor Young conta-lhe, depois se ocupa de seus negócios sem pensar mais, quando de repente às 16 horas, por uma espécie de impulso instintivo, vai à rua no lugar indicado pelo sonho e sabe que o acidente acaba de se dar a dois minutos e que o infeliz pedreiro está meio morto (caso XVI de B...).

A Senhora Z... é acordada à noite por um grande ruído surdo, como se um corpo humano fosse precipitado do telhado da cozinha e ela ouve gemidos. Lorde Z... que a Sra, Z... desperta, não ouviu nada. De novo a Senhora Z... dorme; novamente o mesmo barulho se repete. A Senhora Z... acorda uma segunda vez seu marido que, a instâncias suas, sai e assegura-se de que não existe nada. No dia seguinte cedo, às primeiras horas, um operário cai desse mesmo lugar e leva uma queda muito grave.

A Srta. A. Mac Lellen, de Bridgeport (Connecticut) teve diversas premonições interessantes, mas que em geral não

ultrapassavam tanto quanto seria necessário a probabilidade de tal ou qual acontecimento fortuito. No entanto teve uma que se deve levar conta (322).

(322) - J. S. P. R., março de 1920. *A group of psychical experientes*, 166-180.

Na noite de 8 para 9 de julho de 1911, em Boston, sonha que há um terrível acidente de estrada de ferro, com cadáveres e feridos que transportam para o Galen Hospital. De manhã olha nos jornais para ver se esse desastre está anunciado. Ora na manhã do dia 11 de julho houve um grave acidente, com 12 mortes e 48 feridos, perto de Bridgeport, e esses feridos foram levados ao Galen Hospital (um hospitalzinho particular de Boston).

O seguinte caso (caso CX de B...) é um dos mais notáveis que possuímos. Não se pode explicá-lo pela paranesia. Com efeito, na maioria dos detalhes, foi, antes de sua realização, ante eventum, narrado à Senhora de Figueroa, se bem que não tenha sido escrito.

O cavalheiro Giovanni de Figueroa, um dos mais brilhantes mestres de esgrima de Palermo, tem um sonho de extrema vivacidade de impressão e pela manhã narra à esposa tudo o que vira: uma estrada branca de pó, um vasto campo cultivado, uma construção rústica com um carro e arreios, um camponês de calça escura, a cabeça coberta por um chapéu preto, que convida o Senhor de Figueroa a vir: os dois entram num pequeno estábulo cheio de Iodo e estrume. No fundo, uma escada girante de pedra, uma mula, presa na manjedoura móvel e que obstrui a passagem, O Senhor de F... faz tirar a mula do lugar e sobe a escada. No alto, um quarto com soalho de madeira, e pendurados no teto, milho. tomates. melancias, cebolas. Nesse mesmo quarto, duas mulheres, uma velha, outra jovem e uma menina cujos traços

foram nitidamente distinguidos e retidos. No quarto contíguo, um leito (para duas pessoas) muitíssimo alto como jamais o Senhor de F... havia visto.

Procurando com sua mulher a significação desse sonho preciso e complicado, o Senhor de F... não pôde encontrar nenhuma. (Agosto de 1910).

No dia 12 de outubro desse mesmo ano. o Senhor de Figueroa foi solicitado para ir assistir seu concidadão, o Senhor Amedée Brucato, num duelo.

Partiram com as duas testemunhas de automóvel para Marano, uma pequena localidade de que o Senhor de F... não conhecia sequer a existência. De repente, enquanto corria pela planície, o Senhor de F... encontrou a estrada branca que havia visto no sonho, e disse aos seus companheiros: "Vi isto. Eis o que vamos encontrar, uma casa e uma cabana de madeira". E então sucessivamente todos os detalhes do sonho apareceram, mas então reais. O camponês de calça preta, chapéu preto, a mula amarrada na manjedoura que foi preciso tirar do lugar para subir a escada, o quarto de cima com suas melancias, suas cebolas, e seus milhos pendurados no teto, as três mulheres, o leito muito alto, no quarto vizinho, etc... A impressão foi tão forte e tão estranha, que o Senhor de Figueroa declarou ter então completamente esquecido o duelo pelo qual havia ido.

Se houve daqui, dali, alguma particularidade que se pudesse explicar pela paranesia, pelo menos não deixa de existir um conjunto imponente de fatos que têm um caráter metapsíquico superior (323).

(323) - Precisei resumir esse relato, porém não se terá assim senão uma idéia muito imperfeita, se não o ler no original.

O caso do Abade Garnier (324) é em tudo análogo ao caso do cavalheiro de Figueroa. O Abade Garnier, estando

no seminário, em 1846 vê toda uma paisagem desconhecida com múltiplos detalhes (carneiros, homens de chapéus pretos pontudos, um potro, um cachorro perdigueiro, crianças brincando, etc.). Três anos depois, em 1849, viajando na Itália, vê exatamente a mesma paisagem, e os mínimos detalhes de seu sonho são reproduzidos. A boa fé do Abade Garnier não é duvidosa. Mas está ele bem certo dos detalhes narrados depois de quatro anos? Com efeito. devemos olhar como possível, e mesmo como provável, qualquer paranesia, isto é, a ilusão de um já visto. Uma premonição, quando não foi narrada ou escrita, ante eventum, não pode nunca ser vista como probatória.

(324) - FLAMMARION, *La mort et son mystère*, Paris, 1920, 277.

Outras premonições citadas por Flammarion incorrem na mesma reprovação (325).

(325) - Princesse CAROLATH, pg. 274; MADAME LEBAS, pg. 283; AIMÉE ROGER, pg. 284.

O Senhor Saurel (326), em 1911, sonha que vê num país desconhecido uma campina com um riacho diante de uma grande construção. Soldados tiram água, acampados, acendem fogo e estão vestidos com um uniforme azul pálido, com um casquete original. Ele mesmo se vê em traje de oficial. O Senhor Saurel, ao despertar, narra esse sonho a alguns amigos. Ora, em 1918, esse sonho realizou-se completamente. Esta premonição, atestada pelo pai e pela senhora do Senhor Saurel, por lhe ter sido exposta em 1911, em seus múltiplos detalhes, precisaria ser lida no original com o maior interesse.

(326) - FLAMMARION, *loc. cit.*, pg. 290.

Uma premonição interessantíssima, mas para a qual, a bem dizer, talvez fossem necessários novos documentos, é a que se refere a um dos maiores acontecimentos não somente

da história contemporânea, mas de toda a história: é a premonição referente ao assassinato do arquiduque Ferdinand em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914; é o crime que desencadeou um crime maior ainda, a guerra dos quatro anos.

O Senhor Joseph de Lanyi, Bispo de Grósswarden, sonha na manhã de 28 de junho (4 horas da manhã) que vê sobre sua mesa de trabalho uma carta tarjada de preto, trazendo as armas do arquiduque (o Senhor de Lanyi havia sido professor da língua húngara do arquiduque Ferdinand). Então o Senhor de Lanyi em seu sonho abre a carta, em cujo cabeçalho vê uma rua na qual termina uma ruela. O arquiduque está sentado num automóvel com sua esposa; à sua frente, um general, e sobre o assento ao lado do cinecífiro, um oficial. Povo à volta do automóvel, e dessa gente saem dois rapazes que atiram sobre as altezas imperiais. Quanto ao texto da carta, era o seguinte: "Eminência, querido doutor Lanyi, anuncio-vos que com minha mulher, em Sarajevo, acabo de ser vítima de um crime político. Recomendamo-nos às vossas orações. Sarajevo, 28 de junho de 1914, 4 horas da manhã". Então, diz Monsenhor de Lanyi, despertei tremendo; vi que eram 4,30 horas; e escrevi meu sonho, reproduzindo a forma das letras que me apareceram na carta do arquiduque. Às 6 horas, quando meu criado chegou, me encontrou sentado em minha mesa, trêmulo, e rezando meu terço. Disse-lhe imediatamente: "Chame minha mãe e meu hóspede para que eu lhes anuncie o sonho sombrio que tive". Durante o dia chegou-me um telegrama anunciando a terrível notícia".

Tal é a carta que o Padre Edouard Panyi, jesuíta, professor em Laufkirchen, recebeu de seu irmão, Monsenhor Lanyi.

Após esta carta o Senhor Grabinski fez uma espécie de sindicância que confirmou todos esses fatos. Os resultados dessa sindicância foram dados nos *Psychische Studien* (327).

(327) - 1918, XLIV, pg. 324 e 465.

Não se trata de uma premonição onde os detalhes são extremamente precisos e exatos (salvo o caso de um tiro de fogo simultâneo, pois na realidade houve lançamento de bombas por duas vezes).

Pode-se portanto perguntar por que a publicação desta premonição extraordinária não foi feita senão em 1918. Pode se pensar também que Monsenhor de Lanyi sabia da viagem de seu aluno o arquiduque Ferdinand a Sarajevo, e que tinha receio de algum atentado.

Mesmo assim, essas reservas não me parecem suficientes, levando-se em conta o absurdo de supor uma impostura da parte do Monsenhor de Lanyi e de seu irmão, para recusar considerar como autêntico esse belo exemplo de premonição.

A premonição cuja relação um pouco pormenorizadamente vou dar agora, é talvez a mais notável que possui a ciência psíquica. Pode-se dividi-la em duas partes: uma primeira parte refere-se a fatos que se realizaram após sua predição, mas que não foram publicados ou a nós expostos, senão após sua realização; a segunda parte, mais curta e mais vaga de cousas que me foram ditas (e foram publicadas) antes de sua realização.

No mês de novembro de 1913, recebo a visita do Dr. Tardieu, antigo interno dos hospitais, médico clínico em

Montdoré, que fora um dos alunos de meu pai, e que me disse: "Tenho causas importantíssimas a vos dar a conhecer. O momento de vos falar parece-me chegado depois de certos indícios e revelações a mim pessoais. Creio que é necessário vo-las contar desde já". E então me expôs o que se segue (abrevio o relato, que foi detalhado).

Em 1868 eu saía do internato. Era jovem doutor e tinha um excelente amigo chamado Sonrel. Este, brilhante matemático e físico, saído da Escola Normal era aluno de astronomia no Observatório de Paris. Um dia, às 5 horas da tarde, em julho, quando perambulávamos os dois conversando nos jardins do Luxemburgo, de repente Sonrel parou, como em êxtase. Falou, falou, sem nada ouvir do que eu lhe dizia, sem ver o que se passava à sua volta: "Como é estranho! dizia ele, vejo-o com veste Militar! Mas sim, você tem um quépi, e nesse quépi conta o dinheiro, e está no trem! Mas aonde vai você, a Hirson, a Sedan? a Sedan? Oh! minha pobre pátria, minha pátria! Mas eis me também em traje militar, oficial superior. Será possível? E sou levado à morte... morro em três dias, mas você está ali, chega a tempo para me ver antes que eu morra, para velar sobre meus filhos!... Espera ainda, espera... Passam-se os anos. É uma grande guerra! Quanto sangue! Deuses! quanto sangue! Oh! França! Oh! minha pátria, ei-lo salvo! Ei-lo sobre o Reno! Oh! França, és sempre a rainha do mundo! e todos os povos admiram-te". (Digo essas palavras do Senhor Tardieu de memória: ele as publicou em abril de 1914, nas A. S. P. Pedi-lhe para ratificar o que existia de inexato, mas a versão que dou aqui está conforme o que ele me disse em novembro de 1913).

"Ora, ajunta o Senhor Tardieu, toda esta impressionante predição realizou-se. No fim de agosto de 1870 fui encarregado por Nelaton de dirigir uma ambulância. Tive meu uniforme militar, tendo feito o percurso dos bulevards, à frente de minha ambulância obtendo donativos para os feridos: no trem eu contava dentro do meu quepe o dinheiro recolhido".

"Somente nesse momento lembrei-me da predição de meu amigo, de maneira que, quando meus companheiros me perguntaram qual seria nosso destino, disse-lhes: "Sei, vamos a Hirson e a Sedan".

"Em setembro de 1870, Sonrel foi nomeado comandante de engenharia. Mas desde os primeiros dias do cerco foi atacado de uma varíola hemorrágica. Cheguei justamente no momento para assisti-lo no seu último suspiro. Esperava-me, não cessava de repetir o meu nome, dizendo: "Tardieu virá; vejo-o que vem".

"Em 1869, ele se casara, tinha um filho, e sua esposa em setembro de 1870 estava grávida".

O Senhor Tardieu ajunta ainda: "As predições pessoais que me fez Sonrel estão a ponto de se realizar e presumo, que a segunda parte da predição não se realizará não menos do que a primeira. Eis por que vim avisar-vos".

Diante de minhas solicitações reiteradas, não sem algum trabalho, decidiu-se a escrever o que me havia contado de viva voz, e todas essas premonições foram publicadas nas A. S. P., em junho de 1914.

O estudo crítico desta notável predição, hoje tornada célebre, deve-se fazer em duas partes:

Para a primeira parte (os acontecimentos de 1870) não temos senão o apoio da afirmação do Senhor Tardieu. Mas a

sua lealdade, a sua sinceridade, não são mais contestáveis do que a minha, ou a de Sir Oliver Lodge, ou a de William James. Admito voluntariamente que em consequência das deformações da lembrança certos detalhes sejam inexatamente relatados. Mas os fatos essenciais, a predição da guerra de 1870, a rápida morte de Sonrel, eis certamente o que foi dito no jardim de Luxemburgo em julho de 1868. Houve mesmo, com toda certeza, muito mais. Por diversas vezes o Senhor Tardieu fez o relato desse mesmo jeito. Por conseguinte, trata-se de uma premonição autêntica, extraordinariamente rica de detalhes e quase que única na ciência por esta riqueza de pormenores que certamente não nasceram da imaginação muito ponderada, muito científica, do Dr. Tardieu.

A crítica da segunda parte da predição, para 1914-1918, é de outra natureza. Seguramente existem muito menos detalhes: ou, para melhor dizer, não existem (a guerra, o sangue, o Theno, a vitória); mas a premonição foi escrita e impressa ante eventum, de sorte que sua autenticidade não contém a mínima parcela de incerteza.

Certamente, em novembro de 1913, o estado político da Europa não era muito tranqüilizador. Portanto, em novembro de 1913, a situação geral era talvez menos tensa do que em 1910. Em todo caso, o que determinou o Senhor Tardieu a vir procurar-me, não é em absoluto a situação geral perturbadora da Europa. mas o desenrolar sucessivo das profecias particulares que lhe havia feito Sonrel (profecias de que entretanto não me deu um resumo senão muito vago e imperfeito). Isto dito, é certo que as palavras da predição são bem características: "Quanto sangue espalhado! quantos

massacres!... mais eis a França até o Reno. Oh! França, és sempre a rainha do mundo e todos os povos te admiram!"

Uma premonição, impressa ante eventum, foi dada no jornal La Vie Nouvelle (Beauvais – nº. 324, 325), tendo aparecido em fevereiro e março de 1914. O Abade J. A. Petit comunicou ao Jornal La Vie Nouvelle esses documentos, provenientes de uma simples camponesa, que durante o transe fala como se fosse Joana D'Arc, guia da raça.

Existem inúmeros detalhes que são pouco comuns, decorrendo normalmente da única suposição de uma guerra próxima (na qual se pensava em fevereiro de 1914). Assinalo só o que é interessante.

"Em um futuro muito próximo, a França vai ser invadida por uma massa de inimigos do lado noroeste (com relação a Domrèmy). Sua entrada será triunfante devido ao seu número e a ignorância em que ainda está a França ante seus desígnios. No momento em que esta invasão se realizar, nossos exércitos estarão longe de esperar por isso. Será pela fronteira noroeste, que dá sobre duas divisões distritais, que se fará a invasão. A massa avassaladora será tão grande que atingirá diversas cidades pertencentes a outro departamento. Será preciso ceder. O Norte e o Leste terão muito que sofrer. O inimigo descerá em linha reta paralelamente à fronteira".

Aqui se coloca o relato imaginado de uma sanguinária batalha (ou de uma série de batalhas) em torno de uma praça forte (Verdun??) (o inimigo encontrará a praça três vezes mais forte do que esperava).

"Porém a França não está sozinha. A violação de um território neutro descontentou outras potências que se unem aos franceses; pois está claro que esta violação foi feita com

o fito de tomar posse, para ter uma passagem direta sobre a fronteira francesa ".

Sublinho as frases que são as mais características desta confusa mas curiosa premonição.

"A voz das potências aliadas se fará ouvir, mas o inimigo não levará em conta persistência do inimigo em agir em território neutro como um país conquistado. A luta vai doravante continuar no país desse pequeno povo e será sangrenta".

Enfim depois de inúmeras peripécias obscuramente descritas:

"O inimigo arriará bandeira apesar dos protestos dos chefes. Não é mais o desencorajamento, mas a consternação, o enfraquecimento. Não se defende mais; deixa-se matar; é o fim".

"Os franceses e seus aliados reúnem se para estabelecer as bases de um tratado de paz justo, em vista de unir todas as nações num mesmo sentimento de justiça e de fraternidade". Será a Sociedade das Nações?

Tal é abreviada, resumida (e por conseguinte um pouco mutilada) esta interessante premonição. Não existe quantidade de detalhes para que não se possa ter a firme convicção de que a sagacidade e o acaso não trouxeram todos os termos. Com relação a certos assuntos, existe quantidade de previsões e previsões para que dê grandemente margem para refletir (328). No entanto, parece bastante fraca, em comparação com a predição de Sonrel.

(328) - Entretanto, para julgar conscienciosamente, precisará o leitor recorrer ao original.

A Senhora Esther Stanhope teve comunicações proféticas de um gentil-homem francês, chamado Lusteneau, que anunciou que haveria em Alep uma catástrofe sísmica e que

Alep e Antioquia seriam destruídas por um terremoto. Em 1822, como o Senhor Wolff estava em Alep num jantar em que tomavam parte os Srs. Banker, de Lesseps, Maseyk, cônsul da Dinamarca, divertiram-se durante o jantar a respeito de uma carta escrita pela Senhora Stanhope ao Senhor Banker, na qual a Senhora Stanhope lhe recomendava não ir a Alep, cuja destruição estava próxima. Mas não fizeram senão rir. Alguns dias depois, um tremor de terra impressionante, que fez 60.000 mortes, destruiu Alep e Antioquia. O Senhor Banker escapou por milagre (329).

(329) - BOZZANO, 334, Segundo WILLIAM HOWITT, *History of the supernatural*, II, 26.

As premonições de terremotos são muito freqüentes, porém em geral são muito vagas para merecerem atenção (330).

(330) - Veja também o que foi dito nas A. S. P. a propósito do terremoto na Martinica.

O Dr. Santi narra que uma senhora da aristocracia romana, no dia 2 de dezembro de 1909, anunciou que havia visto, em sonho, a cidade de Messina destruída por um tremor de terra com a invasão do mar, e que esse cataclismo se daria no dia 8, 18 ou 28 desse mesmo mês. Com efeito escreveu ao rei da Itália uma carta, que o Senhor Santi viu e guardou. Messina foi destruída por um tremor de terra no dia 28 de setembro (331).

(331) - BOZZANO, loc. cit., 335.

Em Nice, na noite de 5 para 6 de março de 1921 a Senhora F... sonha "que é transportada para uma região muito longínqua, árida, deserta, desconhecida, onde não encontra nada de habitual. Em seu sonho, seu pai (falecido) lhe diz que está no Brasil. Enquanto admirada olha essas novas paisagens, vê pessoas fugirem apavoradas; pois trombas de terra caíam de todos os lados, com grande pavor

geral". Conta seu sonho ao marido e fala também com o irmão.

Ora, na manhã do dia 6 de março, os jornais de Nice e de Paris anunciavam - pela primeira vez - que um tremor de terra formidável na China havia causado a morte de quase 250.000 pessoas. Era impossível à Senhora F... ter qualquer notícia desse acontecimento no dia 5 de março. Na véspera falou-se do Brasil; mas em absoluto de um terremoto.

Será coincidência? Será criptestesia? É de se notar: 1 °- que nunca a Senhora F... teve sonhos de "trombas de terra"; 2°- que o terremoto chinês foi um dos mais graves que há muito tempo não se registrava.

As premonições que se seguem se referem a acontecimentos minúsculos, porém o que é interessante é a precisão dos detalhes.

O Senhor Mittelmayer (caso XXVI de B...), preceptor em Dingolling (Baviera), sonha que um camponês, de volta da primeira missa, vem procurá-lo para lhe dizer que o Senhor F... deseja levá-lo à Fosthart para aí procurar uma pequena sociedade de eclesiásticos e preceptores, e que lá na estalagem, observa um senhor que deixa cair de seu bolso o Munchener Post. O Senhor Mittelmayer narra o sonho à mulher. No dia seguinte, o sonho realiza-se com todas as minúcias. Um camponês chega depois da primeira missa para lhe anunciar que o Senhor F... viria. Assim que o Senhor F... chega, o Senhor Mittelmayer conta-lhe o sonho, sem que nenhuma explicação satisfatória possa ser dada. Em Fosthart existia um senhor que lia o Munchener Post.

O Senhor S. H... (caso (CXIV de B...)) vê junto de sua mesa, de costas para a porta, um senhor grisalho, em mangas de camisa, que não reconhece. Narra o fato à mulher e a três

funcionários. Depois vai ao seu escritório. Então, à distância, vê alguém na rua e diz aos seus funcionários: eis meu homem que vem. Esse senhor, entrando, acha que o calor está muito forte, tira o paletó e aparece em mangas de camisa, tal como o Senhor H... o tinha visto no sonho.

A Senhora A..., atacada de febre alta, vê num semidelírio, uma fisionomia de mulher debruçada sobre ela. Não percebe senão o busto com o prenome de Marie, prenome seguido de um nome que ela não pode ler, mas que termina por et. Dois dias depois procura alugar uma casa de campo, e na pequena aldeia de Crosmes que não conhecia encontra na pequena casa em que vai residir, uma outra locatária, que não conhecia: "Estou certa, diz ela, que vos chamais Marie". Chamava-se Marie Galechet (caso CXVII de B...).

A Senhora Z... tem um sonho muito vivo. Vê-se com sua irmã no parque de Richmond e ali, em uma cadeira, encontra um alfinete-medalhão, que dá à criada de quarto. Narra o fato e isto sem dúvida lhe dá a idéia de ir a Richmond. Dirigindo-se para uma cadeira, encontra um grande alfinete-medalhão que ali está colocado e o dá à criada de quarto.

Esse caso é muito interessante. Existe uma bem inverossímil premonição, que é o achado do alfinete. O resto parece ter sido desejado e querido após o sonho, por causa do sonho. Não é necessário, para que a premonição seja interessante, que se trate de um acontecimento grandioso. Os pequenos incidentes são muitas vezes mais curiosos, pela sua inverossimilhança e a quantidade de seus detalhes.

A Senhora Albert Richet, minha nora, fez-me o seguinte relato: No domingo, dia 28 de dezembro de 1919, às 17 horas aproximadamente, eu estava no Metropolitan Nord-

Sud; ia da estação Pasteur para a estação Pigalle. O compartimento estava cheio de gente: estava no meu estado absolutamente normal. Na estação Solferino, o trem estava quase que completamente parado, quando de repente ouço, vindo de um compartimento vizinho (de trás), gritos dilacerantes de uma mulher e de uma criança, ao mesmo tempo em que a impressão de um brouhaha geral, como se acesse gente de todos os lados para lhe trazer socorro. Levanto-me para tentar ver sobre a plataforma a causa desse tumulto; mas não vejo nada de anormal. Então, levantando-me, dirijo-me a uma senhora (que não conhecia) que era minha vizinha no compartimento e lhe digo: "A Senhora não está ouvindo nada?" Ela olha-me admirada, sem responder, e parece não me compreender. Torno a dizer-lhe: "Não está ouvindo nada? Ela me responde: "Não, não ouço nada". Dou-me então conta que os gritos, o brouhaha, o tumulto, eram somente na minha imaginação. Pareceu-me no entanto, sem que eu possa afirmar, que o trem levava mais tempo para se repor em marcha do que de costume.

"Um minuto e meio depois chegamos à estação seguinte: Chambre des Députés. O trem pára, e apenas isto se dá, ouço exatamente, vindo do compartimento de trás, os mesmos gritos dilacerantes de mulher e de criança, o mesmo tumulto na plataforma, e o rebuliço do povo. Dizem à minha volta que é uma mulher cuja criança quase ficou sufocada pelo povo. Mas, por causa da afluência de viajantes no compartimento, os quais levantam-se e tentam olhar, é-me impossível aproximar-me da janela o bastante para ver o que se passa. Desta vez, o trem parou mais tempo. Fiquei estupefata.

"O que é bastante singular, é que esta senhora desconhecida disse-me estas únicas palavras sem comentário: "É uma premonição!" Ela desceu na estação seguinte (Concorde).

"Foi a primeira vez que um tal fenômeno me aconteceu. Além disso, se bem que viaje sempre no Metropolitan, é a primeira vez que houve na minha presença um acidente semelhante. Fiquei grandemente comovida e todos os pormenores estão profundamente gravados em meu espírito".

Este caso é assaz claro. Não pode tratar-se de uma paranesia, pois que a alucinação auditiva foi contada antes da realização (ante eventum). Por outro lado, é difícil ver aí uma simples coincidência. Enfim, a alucinação foi nítida e incontestavelmente subjetiva.

Eis dois fatos do mesmo gênero, mas pouco probantes (332). Um preceptor, Senhor Savelli, (em Costa na Corsia) voltando para casa, passa, com um amigo, junto de uma casa de onde pareciam partir gritos e lamentos. Depois tudo cessa. O Senhor Savelli e seu amigo dão-se conta de que não existe nada. No dia seguinte, passando pelo mesmo lugar, ouvem os mesmos gemidos. Desta vez os gritos eram reais. Uma criança havia sido atacada de crupe e acabava de morrer.

(332) - FLAMMARION, loc. cit., pg. 114.

Um outro fato foi narrado pelo Senhor Napoleoni, oficial aposentado. Passando diante de duas casas isoladas com um amigo, ouve, à meia-noite, pancadas surdas, como se batessem na madeira com um martelo. Dois dias depois, no mesmo lugar, como tornassem a passar, ouvem os mesmos ruídos, reais desta vez. O marceneiro da aldeia fazia o caixão de um pastor, falecido na véspera.

O Senhor Bowring (caso CXX de B...) sonha que vêem seu canário favorito morto sobre a banheira, as asas abertas; di-lo à mulher, que imediatamente vai olhar na gaiola. Tudo está em ordem: mas, no dia seguinte cedo, o canário foi encontrado morto, sobre a banheira, as asas abertas. Precedentemente alguns pássaros foram encontrados mortos, mas sempre com as asas fechadas.

A Senhora Johnson (caso CXXI de B...), que tem o cuidado de anotar os diversos incidentes de seus sonhos e de suas visões - e é muito interessante que todas as pessoas sensitivas façam o mesmo - vê-se saindo de uma loja vazia, numa região estanha: diante dela uma enorme boina vermelha de bufão; todas as cousas singulares. Algum tempo depois, parte inopinadamente de viagem, vai a Riviera, entra numa florista cuja loja está vazia, e reconhece sua visão. De repente, aparece - estava-se no carnaval - um senhor que grotescamente se inclina à sua frente com muitas reverências. Tinha sobre a cabeça uma enorme boina vermelha de bufão como a que havia visto em sonho.

O seguinte caso comunicado pelo Senhor Twedale, astrônomo, é notabilíssimo. Uma manhã, às 4 horas, o Senhor Twedale sonha que vê a leste, antes do nascer do sol, um cometa. A impressão é tão viva que vai ao seu observatório imediatamente e percebe logo um cometa, invisível a olho nu, que vê com o telescópio. Vai então ao telégrafo, antes que o posto telegráfico esteja aberto, para dar a conhecer a descoberta. Alguns instantes mais tarde, recebe pelo correio a notícia da descoberta de Barnard e Hartwing (333).

(333) - J. S. P. R., novembro de 1906, 328, segundo English mecan. science, 1º de setembro de 1906.

Existe aí premonição ou criptestesia?

O seguinte caso, admirável, foi-me comunicado por um dos meus colegas, o Senhor Z..., adido à Faculdade.

Uma noite de julho vai ver um dos amigos. Este se achava ausente; estava sua irmã, a Senhora E... Meu colega devia partir dois dias depois, em férias, e de repente teve a idéia de propor à Senhora E..., que nunca assistira a um exame, ir à Faculdade de Medicina, para assistir a uma defesa de tese. Depois, como o professor Z... estivesse sozinho em Paris, disse à Senhora E... "Vou levá-la esta noite ao cinema". Mas aconteceu que o cinema estava fechado. Então vagaram ao acaso e entraram no teatro do Grand Guignol, justo no momento em que se levantava o pano. De repente, a Senhora E..., muito emocionada, pegou com força a mão do doutor Z..., e lhe disse: "É meu sonho!" Sonhara que um homem coberto com uma horrível máscara, a casquete caída sobre o rosto, a perseguia hostilmente, uma garrafa quebrada na mão. Ora na peça (Le Masque) representava-se um homem cujo rosto fora destruído por um acidente. O infeliz, tendo ficado horrível e repelente, estava com uma máscara, com uma casquete caída nos olhos. Era exatamente o sonho da Senhora E...

No entreato, um pouco para tranqüilizar a Senhora E..., ainda toda trêmula, o Dr. Z... pergunta-lhe se não teve outro sonho. "Sim, diz-lhe ela, eu o vi, vindo a mim, num palácio, com estátuas ao redor". - "Bom, diz o Dr. Z... é sem dúvida devido ao outro dia em que a Sra cantou uma canção de Mignon, onde existem homens de mármore".

No dia seguinte na sala dos Pas Perdus da Faculdade, Z..., indo à frente da Senhora E..., a vê ainda extremamente perturbada! "Eis meu sonho, diz ela, vi tudo isto, as estátuas,

a grade, e o Senhor chegou a mim como o vejo vir neste momento".

Não introduzimos na nossa classificação um elemento interessante, que é a utilidade das premonições, as quais poderiam denominar-se tutelares. Bozzano escreveu um capítulo especial sobre as Premonições que salvam. São relativamente raras; e entretanto, para ser justo, seria necessário também falar das premonições que não salvam e que são muito mais numerosas.

Todavia, em alguns casos, o aviso premonitor foi bastante normal para que seja quase autorizada esta conclusão estranha de que houve uma vontade protetora, extrínseca, nitidamente expressa. Mas não é interessante senão quando não existe alguma noção inconsciente que possa ter trazido dos acontecimentos futuros uma vaga presunção. É preciso, para dar a essas premonições tutelares o caráter de uma verdadeira premonição, que o perigo seja completamente imprevisível.

Eis alguns casos dessas premonições tutelares.

O Senhor Wiltshire (334), uma manhã, muito cedo, é acordado por uma voz que o chama muito alto e por diversas vezes. O filho nada ouve. A voz, que não reconhece, tinha um acento de agitação; e a impressão ficou-lhe de que alguma coisa de ruim se preparava e de que precisariam dele com urgência. Como era criador de gado, saiu para ir inspecionar seus estábulos. Não havia ninguém no lugar, senão uma jovem empregada que caminhava agitadíssima. O Senhor Wiltshire perdeu-a de vista, pois ela caminhava muito depressa; mas logo ouviu gritos. Era a infeliz, que voluntariamente se jogara num poço muito profundo. O Senhor Wiltshire chega justo a tempo de salvá-la. Nesse

caso, o fato que uma voz foi ouvida é muito claro para se possa supor uma simples coincidência.

(334) - BOZZANO, pg. 381.

O seguinte caso, comunicado por C. de Vesme a Flammarion (335), é notável por inúmeros motivos, pois se trata de uma premonição publicamente exposta, muito tempo antes, a diversas pessoas. Um certo Vincent Sassaroli, nomeado diretor de uma trupe de músicos em Sartano, anuncia que o local onde os músicos devem tocar vai desabar. Era a casa do Cônego Bacherini. Sassaroli insiste para que um arquiteto examine a casa com cuidado. Não encontram nada de anormal e então caçoam da loucura e timidez de Sassaroli. No dia fixado, Sassaroli repete sua predição, anunciando que a casa vai desabar. Saem rindo, e caçoando do visionário. Mas apenas estavam na rua, a casa desabou de uma vez. Houve um relatório sobre este acontecimento memorável, certificado por todos os moradores da casa.

(335) - Loc. cit., 338.

A Senhora X...(336) vê num sonho muito nítido, que está num carro em Piccadilly, perto de Downstreet, e que o cocheiro, caído do assento, rola por terra, com a cartola amassada no solo. No dia seguinte foi de carro a Piccadilly, na esquina de Downstreet, e logo percebe que o cocheiro está caído para trás, quase desmaiado. Faz parar o carro e logo o cocheiro caiu, de sorte que o sonho por pouco não foi realizado. O acidente foi evitado, escreve a Senhora Z..., pela sua pronta ação devida à súbita lembrança do sonho.

(336) - BOZZANO, pg. 387.

Um outro dos meus confrades, bastante cético em fatos de metapsíquica, o Dr. Laur, de Hyeres, narrou-me o seguinte fato que é uma bela premonição.

Sonha que é chamado para ver uma jovem camponesa, de 17 anos, que tem um abcesso na axila esquerda; que faz uma incisão nesse abcesso e vê o pus correr.

Durante o dia, que se seguiu ao sonho, recebe no fim da consulta um camponês que o solicita ir ver a filha, que está doente. "É bom o Senhor trazer os ferros, porque terá necessidade deles", e leva o Senhor Laur para junto da filha, de 17 anos de idade, que tem um abcesso na axila esquerda. O Senhor Laur faz a incisão, e quando vê, depois da incisão, o pus correr, lembra-se do sonho e fica de tal modo estupefato que deixa cair o bisturi por terra.

Esse caso seria muito bom se o Senhor Laur tivesse falado ante eventum. No entanto, afirmou-me com energia que toda hipótese de paranesia nesse caso lhe parecia inaceitável.

O seguinte caso de premonição me foi dado pelo Dr. L. Bernard, preparador na Faculdade de Medicina de Paris. A premonição não é muito precisa, mas é interessante pelo seu estranho simbolismo.

Alguns meses antes da guerra de 1914, o Dr. L. B... viu em sonho o pai, Pierre Bernard, advogado, falecido sete anos antes. Pierre B... estava em pé na sala de jantar do apartamento em que residia há muito tempo e onde morreu, na Rua Jacob, 3, em Paris. O cômodo estava vazio de móveis. Pierre de B... tinha uma atitude grave, militar. Mantinha-se direito, a cabeça erguida. Então Lucien B... dirige-se ao pai para abraçá-lo. "Este, sem responder, fez com o braço direito um gesto largo, descrevendo um semicírculo e indicando o cômodo vazio. O Dr. L. B... compreendeu que tudo o que havia sido sua família devia desaparecer. Depois, virando sobre os calcanhares, dando

uma meia volta militar, sem nada dizer, saiu por uma outra porta, marchando militarmente, andar que lembrava o passo de ganso dos alemães".

O Senhor Lucien Bernard, acordando, concluiu que íamos ter a guerra e que o lar familiar seria devastado.

De fato, o irmão de Lucien Bernard foi morto gloriosamente em 1915, e a Senhora Bernard, sua mãe, morreu em 1917.

§ 4. Conclusão

Uma conclusão se impõe de todos esses fatos, ora graves, ora insignificantes; uma conclusão que as críticas de detalhe não podem contar: é que a premonição é um fato demonstrado. Fato estranho, paradoxal, de aparência absurda, mas que enfim, somos forçados a admitir.

Assim, em certas condições mal determinados ainda, certos indivíduos, e na maioria das vezes (se bem que não exclusivamente) indivíduos hipnotizáveis ou médiuns, podem anunciar fatos a vir, e dar, para esses fatos que ainda não existem e que são imprevisíveis, detalhes exatos, e de tal modo exatos, que nenhuma sagacidade, nenhuma coincidência, nenhum caso, poderiam explicar.

É preciso, portanto, necessariamente supor que a faculdade de conhecimento especial, misteriosa, desconhecida na sua natureza e suas modalidades, que chamamos criptestesia, não se manifesta somente para as cousas passadas ou atuais, mas também para as cousas futuras.

Depois de tudo, o conhecimento metapsíquico do presente é de tal modo extraordinário, que o conhecimento do futuro não o é muito com vantagem. A... sabe que B... nessa mesma hora, afogou-se a mil quilômetros dali. Como A... pode sabê-lo? Ignoramo-lo totalmente. A... anuncia que B... se afogará amanhã. É um mistério maior ainda. Mas eis tudo. No domínio da lucidez metapsíquica, a estranheza é tão profunda, e a obscuridade tão intensa, que um pouco mais ou um pouco menos de obscuridade e de estranheza não nos devem afobar.

Vamos concluir que o tempo não é senão uma forma defeituosa de nossa constituição mental? que desde já todo o futuro está fixado, irrevogavelmente? que o livre-arbítrio não é senão uma ilusão e que não existe mais responsabilidade moral? Poder-se-ia estabelecer sobre tudo isso uma abundante discussão. Mas não quero em absoluto entrar aqui em considerações que seriam antes da metafísica do que da metapsíquica.

Não deixarei levar pelas vãs especulações. Ficarei no estreito domínio dos fatos. Ora, existem fatos averiguados, indiscutíveis, de premonição. A explicação virá (ou não virá) mais tarde. Os fatos não deixam pelo menos de aí estar autênticos, irrefutáveis. Existem premonições.

São elas devidas somente à força da inteligência humana ou a outras forças inteligentes agindo sobre nossa própria inteligência? É impossível decidir atualmente. Contentemo-nos primeiro em relatar exatamente os fatos.

E seria uma temeridade inescusável dizer, assim como dizemos corajosamente: existem premonições, se não tivessem sido dadas - como acreditamos ter feito - provas formais, abundantes.

LIVRO TERCEIRO

METAPSÍQUICA OBJETIVA EM GERAL

CAPÍTULO I

METAPSÍQUICA OBJETIVA EM GERAL

O estudo das alucinações coletivas faz a transição entre o que é objetivo e o que é subjetivo.

Com efeito quando duas pessoas vêem um fantasma e o descrevem de maneira idêntica, é difícil supor que ficaram simultânea e identicamente alucinadas.

Igualmente, eis levados, pelo fato de que as monições completa e simultaneamente coletivas existem, a presumir que existem, materializações; pois não se compreende, se não existe imagem exterior, que haja alucinação simultânea e idêntica de diversas pessoas. Mas os exemplos não são nem muito numerosos nem muito metodicamente registrados para que a demonstração seja rigorosa. Ora o método experimental vai suprir esta insuficiência de método pela observação. Múltiplas experimentações, extremamente precisas, que expormos mais adiante, trarão a prova decisiva da materialização.

A metapsíquica objetiva pode ser assim dividida:

A. - Telecinesia, isto é, movimentos de objetos a distância, sem contato. Ruídos e pancadas, sem que existam formas vivas, materializadas.

B. - Ectoplasmia, isto é, materializações de formas vivas, de objetos, de figuras, de personagens.

C. - Casas assombradas.

Os fenômenos materiais objetivos são muito mais raros do que os fenômenos subjetivos. Não existe senão um reduzido número de médiuns capazes de produzi-los. Ainda, mesmo com os médiuns de efeitos físicos, geralmente os fenômenos se resumem em pancadas e raps, sem que se possam observar os movimentos de objetos sem contato e, menos ainda, as materializações.

Os médiuns de efeitos físicos, como seres excepcionais, em geral tornam-se profissionais, como as irmãs Fox, os Davenport, Home, Eglinton, a Senhora d'Esperance, Eusapia, Marthe Beraud. Alguns, com exceção, como Stainton Moses, Linda Gazzera, Stanislaw Tomczyk, a Srta. Goligher, puderam desenvolver suas faculdades em círculos limitados sem que sua mediunidade fosse remunerada.

Mas, quer se trate de uns quer de outros, em todos os casos as mesmas precauções devem ser tomadas contra a fraude. Se eu tivesse, por mim mesmo, algum poder mediúnico, exigiria que todas as precauções fossem tomadas contra uma possível fraude, cometida ou a ser cometida por mim. Pois é mais ou menos certo que os médiuns, em estado de transe, sobretudo se este é profundo, perdem todo o controle sobre os seus movimentos, e tornam-se então, apesar de toda a sua boa fé normal, capaz dos piores conluíus.

Toda experiência exige o mais constante e severo controle, qualquer que seja o médium. Somente a esse preço uma experimentação é válida.

Esta extrema severidade tem uma parte contrária. Porque um médium fez uma experiência que tem aparência fraudulenta, não é uma razão absoluta para o desacreditar irremediavelmente. Colocai-vos em condições tais que toda fraude se torne impossível, mesmo que o médium seja suspeito. Quando a Senhora Roberts entra numa gaiola, cuja chave só eu possuo, estou seguro, materialmente seguro, da solidez de minha gaiola, e dispus a experiência de tal modo que ninguém possua a chave; e uma vez que aí tenha perfeitamente verificado que a Senhora Roberts está na gaiola e que ninguém pode entrar no cômodo onde me encontro com ela, todas as maquinações possíveis serão sem efeito. Mas se não tomei essas precauções, se quarenta pessoas estão na sala, se a gaiola (que não mandei fabricar pelo meu mecânico) superficialmente verificada por mim, está colocada longe de mim, sobre um estrado, ser-me-á impossível chegar a uma conclusão; e minha desconfiança será terrivelmente acrescida pelo fato de que se trata de uma representação pública de caráter mercenário. Eis o bastante para me dar à certeza de que a Senhora Roberts opera por um truque mais ou menos habilmente maquinado, mesmo que eu não tenha sido bastante hábil para descobrir esse truque.

Os numerosos fatos que vamos citar são aqueles nos quais toda impostura é impossível.

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS DOS OBJETOS (TELECINESIA)

Os movimentos de objetos sem contato constituem o capítulo, senão o mais importante e o mais extraordinário, pelo menos o mais comumente observado de toda a metapsíquica objetiva. Com efeito, é pelos movimentos de uma mesa ou os de uma alavanca deslocando-se sobre um alfabeto, que na maioria das vezes se manifestam às ações exteriores de origem considerada metapsíquica.

A. - MOVIMENTOS DE MESAS

Já no tempo de Tertuliano foi observado que uma mesa sobre a qual se punham (ou não se punham) as mãos, parecia dar respostas inteligentes.

O essencial é saber até que ponto esses movimentos da mesa são devidos às contrações musculares, inconscientes ou não, da pessoa que pôs as mãos sobre a mesa.

O problema parece muito simples. Na realidade é de uma dificuldade extrema.

Seguramente, na maioria dos casos, não existe nenhuma dúvida de que se trata de movimentos musculares inconscientes.

Assim também, um paciente, hipnotizado ou não, em estado de transe ou em estado de vigília, enche com um lápis ou uma caneta, páginas enormes de escrita (escrita automática) cujo sentido ele não conhece, e que no entanto

têm um sentido; assim também, pode-se, quando existem mãos colocadas sobre uma mesa, dar a esta mesa, por movimentos que correspondem a tal ou qual letra do alfabeto, conversações seguidas, metódicas, que parecem provir de uma personalidade estranha: pois quase sempre a escrita automática ou as respostas da mesa pretendem exprimir o pensamento de uma outra personalidade que não a do paciente.

No entanto, está fora de dúvida que na maioria dos casos, senão em todos, esses movimentos explicam-se simplesmente pelas ações musculares inconscientes do paciente. Vêm seus músculos contrair-se e, como sobre uma mesa em equilíbrio estável, a mínima pressão determina movimento, não se pode, racionalmente supor outra coisa senão um movimento inconsciente, tanto para os balanços da mesa como para a escrita automática.

O que perturba e às vezes faz hesitar ante esta conclusão necessária é que as respostas da mesa são verdadeiramente vivas; as emoções do inconsciente traduzem-se fielmente pela forma dos movimentos do objeto inerte. Esta mesa inanimada parece ter uma alma. Ora ela hesita, ora se irrita, ora afirma com energia, ora balança-se com solenidade. Não se pode imaginar, quando não se assistiu às sessões, até que ponto, pela freqüência ou a força, pela lentidão ou a hesitação, pelo vigor ou a delicadeza dos movimentos, sentimentos diversos podem ser expressos. É uma verdadeira linguagem, as vezes eloqüente, sempre interessante, de modo que com alguma ingenuidade é fácil concluir que uma inteligência estranha move essa mesa.

Porém isso seria uma conclusão louca. As emoções que são levados a atribuir à mesa são as emoções que agitam o

inconsciente do médium. Os movimentos da mesa são os movimentos que os músculos do médium impõem à mesa. Não existe nisso nada de metapsíquica. É um fenômeno de psicofisiologia normal que se pode resumir assim, tanto para a escrita automática como para os movimentos da mesa ou da prancheta:

"Existem movimentos inconscientes, às vezes enérgicos, que podem organizar-se metodicamente e atribuir-se a uma personalidade especial, a qual parece diferente da personalidade do médium".

De fato, o problema está longe de ser tão elementar. E um grave engano seria cometido se acreditasse ser tudo explicado pelas contrações musculares inconscientes. Com efeito, os grandes movimentos da mesa, quando esta é muito pesada, por exemplo, e as contrações musculares são quase imperceptíveis, podem dificilmente explicar-se por movimentos inconscientes, de modo que, em alguns casos, é quase impossível afirmar que as mudanças da mesa são unicamente devidas a contrações musculares. Muitas e muitas vezes vi pesadas mesas mudar de lugar intensa e rapidamente, quando o médium apenas as tocava. Viravam, volteavam, iam de um para outro lado do cômodo com uma tal agilidade que mal se podia segui-las; no entanto o médium não colocava senão levemente um dedo no centro da mesa.

Dentre outras experiências desse gênero, citarei esta que é característica. Mandei construir para as experiências que desejava fazer na ilha Ribaud com Eusapia Paladino, uma mesa quadrada de 1 metro de altura por 1 metro de largura. Além disso, os pés da mesa eram pontiagudas, para que se tornasse difícil levantá-la com os pés. Aconteceu que,

quando Ochorowicz e eu vimos essa mesa, que o marceneiro tinha vindo trazer, nos a achamos muito pesada (20 kg). Não obstante, na mesma noite a empregamos na experiência. Ora apenas Eusapia tocou com as pontas dos dedos nessa mesa pesada, houve levitações enormes, balanços consideráveis, e mesmo sem que os pés dessa mesa fossem tocados, levantou-se completamente nos quatro pés (337).

(337) - Para explicar pela mecânica natural esse fenômeno, todas as hipóteses são absurdas. Não existem nem garras, nem cordas. Estávamos à meia luz e segurávamos as mãos e a cabeça de EUSAPIA.

Não darei entretanto atenção a essas perturbadoras experiências nas quais houve contato, embora muito leve; pois é muito difícil separar o que é devido à mecânica normal muscular e o que é devido à força metapsíquica. Fiel ao grande princípio que nos deve guiar neste estudo, desde que seja possível explicar normalmente um fenômeno, será a explicação normal que adotarei, por pouco que não seja radicalmente impossível. Portanto, com risco de exagerar meu ceticismo, direi que todas as vezes que as mãos dos assistentes e do médium tocam a mesa, mesmo levemente, deve-se supor que os movimentos sejam exclusivamente devidos aos movimentos musculares inconscientes.

E no entanto é provável que em numerosos casos os movimentos são devidos em grande parte a forças metapsíquicas.

Todavia a distinção é muito difícil fazer para que se possa tirar alguma conclusão definitiva. Desde que haja contato das mãos com a mesa, deve-se resolutamente rejeitar a hipótese de outra força que não a força do médium.

Mas quando as mãos não tocam em absoluto a mesa, pode-se estabelecer que existem movimentos sem contato, telecinesias.

Primeiro, não são somente as mesas que mudam de lugar, mas os mais diversos objetos, que podem ser transportados de um ponto a outro. Mais adiante citarei numerosos exemplos, mas antes desejaria indicar resumidamente as condições necessárias para que a experimentação seja válida.

Com efeito, na maioria das vezes, ou para melhor dizer, quase sempre, não existem movimentos sem contato senão na obscuridade. Também as precauções devem ser aumentadas contra a possibilidade de uma fraude.

A fraude é para se temer ainda mais porque esses movimentos de objetos são raros, e produzidos quase que unicamente por médiuns profissionais. Os fatos subjetivos são muitas vezes observados por pessoas que não usam profissionalmente a mediunidade e por conseguinte é verossímil que não pratiquem fraudes. Mas desde que o médium seja bastante poderoso para obter movimentos de objetos sem contato, naturalmente é tentado a fazer profissão e nesse mister a tentação da fraude é quase irresistível. Ainda mais o médium, quando está em transe, muitas vezes não distingue muito bem o movimento muscular de suas mãos e de seus braços do que é fenômeno metapsíquico. O estado mental dos médiuns não é em absoluto o estado normal; no decorrer de uma experiência perdem uma parte de sua responsabilidade e então não têm senão uma boa fé atenuada; mesmo quando em estado de vigília, é de indiscutível boa fé como era a excelente Eusapia Paladino.

Portanto, na obscuridade completa, rodeado de pessoas crédulas e muitas vezes ignorantes, não sabendo distinguir onde estão seus membros, e o que podem fazer seus músculos, o médium é tentado a enganar, isto é, mover os

objetos com suas mãos, pretendendo entretanto, com toda sinceridade talvez, que não os tocou.

Por conseguinte, deve-se certificar, com absoluta certeza, de que as mãos (também a cabeça e os pés) do médium estão solidamente seguras de maneira a impedir todo movimento supérfluo. É necessária uma vigilância que não se canse e uma longa pratica de fazer contínuos movimentos. Suas mãos não estão jamais em repouso. Eusapia - o médium-típico para os movimentos de objetos - nunca tinha um instante de tranqüilidade, e era necessário velar para que suas mãos não ficassem jamais livres, pois deste que uma de suas mãos se libertava, Eusapia aproveitava para fazer movimentos proibidos e atribuir a fenômenos metapsíquicos (movimentos de uma mão fluídica) o que não era senão o movimento muscular de sua própria mão.

Em muitos pacientes, em vez de segurar o médium, amarram-se fortemente os membros. Ora o prendem nas suas vestes, que são costuradas; em certos casos, passa-se um fio nas suas unhas. Ora se lacram com cera os nós que lhe prendem as mãos. São precauções táteis, em cujos detalhes não posso aprofundar-me aqui e que devem variar com as condições experimentais, como com a psicologia do médium.

Mas não se deve esquecer que todas essas precauções, ainda que sejam indispensáveis, tendem a diminuir a intensidade dos resultados. "A certeza aumenta, mas o resultado enfraquece". Se deseja ter brilhantes sessões, é preciso deixar o médium em plena liberdade. Assim como nas experiências subjetivas, a credulidade e a confiança cegas dos assistentes intensificam os fenômenos, assim também nas experiências objetivas, quando se amarra o

médium, bem apertado, com uma vigilância inexorável, geralmente há pouca cousa.

Esta constatação, que fiz inúmeras vezes, excitará o sorriso dos cétricos. Mas creio que nesse caso os cétricos se enganam, e muitas vezes é melhor deixar o médium livre; porém, bem entendido, é preciso então observá-lo com uma vigilância e um duvidar de tudo, e finalmente ser "muito rigoroso nas conclusões", cuidado infatigáveis, ver tudo o que se passa, tudo olhar, e ao mesmo tempo "muito conciliador para as condições" da experimentação.

O verdadeiro método parece-me ser o seguinte: primeiro, para que haja uma ampla coleta de fatos, deixar o médium entregue a si mesmo; depois, na sessão seguinte, tomar algumas precauções sumárias e em cada uma das sessões ulteriores tornar-se mais severo, mais exigente, de maneira que seja finalmente impossível supor que os fenômenos sejam devidos a movimentos musculares normais: enfim, e sobretudo, repetir e multiplicar as experiências.

Um precioso meio de controle é a fotografia. A um momento dado faz-se deflagrar o magnésio, e a objetiva fotográfica, com antecedência convenientemente disposta, dá a imagem exata da situação em que estava o médium quando o objeto foi mudado.

Deve-se, ao meu ver, sempre prevenir o médium de que um instantâneo fotográfico pode ser tomado e, mesmo, que vai ser tomado. Além de tudo, talvez se está sujeito a comprometer a saúde ou as faculdades de um médium fazendo jorrar de improviso, durante o transe, a luz do magnésio. Tenho escrúpulo (exagerado talvez) de surpreendê-los, ainda menos de enganá-los. Certamente, em alguns casos, quando foram obtidas provas muito fortes que

estabeleçam a grande verossimilhança de uma fraude consciente antecipadamente maquinada, tem-se o direito, para uma verificação definitiva, de tirar essa fotografia detetive; mas, em princípio, julgo mais digno tratar os médiuns humanamente e demonstrar, à sua frente, a boa fé que deles se exige.

Para os céticos, há uma objeção muitas vezes apresentada, que de ordinário se olha como dirimente. Diz-se: "Por que a obscuridade? Se não tendes nada na luz, é porque o médium aproveita da escuridão para vos enganar. Quando tiverdes obtido esses fenômenos em pleno dia, ou com uma forte claridade, acreditarei. Então acreditarei que não existem falcatruas, pois em geral é necessária a obscuridade que torna fácil todas as mistificações".

Esta objeção é sem valor por duas razões:

1.º - Parece provado que muitos desses fenômenos de telecinesia, não todos, não podem realizar-se em pleno dia. Tudo se passa como se a escuridão fosse uma das condições necessárias para a manifestação dessas forças. Ora não é em absoluto absurdo. Conhecemos inúmeros fenômenos que não se produzem na luz, como outros que não se produzem na sombra.

Supondo, por exemplo, que se diga a um fotógrafo: "Por que, para revelar as suas chapas, você se coloca numa cabine escura ou apenas iluminada por uma lâmpada vermelha? Existe alguma falcatrua nisso? Não creio nas suas fotografias se as não revela em plena luz". O fotógrafo teria o direito de responder que a luz atrapalha a revelação das chapas. Assim também o metapsiquista tem o direito de responder que a luz atrapalha os movimentos de objetos sem contato.

2º- A segunda razão pela qual a objeção não é válida é que com certos médiuns os movimentos se realizam em plena luz, notadamente com NOME. E por outro lado, em numerosos casos, a obscuridade não era bastante profunda para que um controle visual, perfeitamente satisfatório, não pudesse ser exercido.

B. - DE ALGUMAS TELECINESIAS EXPERIMENTAIS

Os seguintes fenômenos são extremamente interessantes, não somente em si, mas ainda por que foram observados antigamente. O juiz John W. Edmunds, legista de nomeada, juiz distrital, começou suas investigações em janeiro de 1851. Somente em abril de 1853 ficou convencido da realidade desses fenômenos. “Recorri, diz ele, a todos os expedientes que pude imaginar para descobrir uma impostura e me por em guarda contra as mistificações... Vi uma mesa de acaju, com um pé central e suportando uma lâmpada acesa, levantar-se, pelo menos, meio pé acima do soalho, apesar dos esforços das pessoas presentes... Uma cadeira de acaju que se jogava de lado e movimentava-se vivamente para frente e para trás sobre o solo, sem que ninguém a tocasse, através de um quarto onde pelo menos umas doze pessoas estavam sentadas, e isto sem que ninguém fosse esbarrado. Frequentemente parou a algumas polegadas de mim. A um momento dado chegou com uma tal violência que, se não tivesse parado, eu teria a perna esmagada (338)”.

(338) - Citado por A. RUSSELL WALLACE, *Les miracles et le moderne spiritualisme*, trad. fr., Livr. das Socie. Psicológicas, Paris, 233.

Agora daremos uns poucos de pormenores referentes a algumas experiências que provam que existem com certos pacientes "movimentos de objetos sem contato (339).

(339) - Consultai sobretudo a este respeito o excelente livro de A. DE ROCHAS, *L"extériorisation de la motricité*, Paris, Chaneul, 1896.

Em 1854, A. de Gasparin publicou um livro sobre as mesas girantes (340). "No momento em que a mesa era levada por uma enérgica rotação, diz A. de Gasparin, levantamos nossos dedos, mantendo nossas mãos unidas, de maneira a formar uma corrente a algumas linhas acima da mesa; esta então continuou seu caminho" e fez duas ou três voltas... no dia seguinte recomeçamos e produzimos a rotação partindo de um repouso completo. Algumas vezes a rotação parava depois de uma volta ou meia-volta. Às vezes prolongava-se durante três voltas e mesmo quatro... Um dia, estando as mãos levantadas e todo contato cessado, a mesa redonda, sob nosso comando, levantou-se três ou quatro vezes".

(340) - *Des tables girantes*, Paris, 1854, 2 vol. Uma terceira edição apareceu em 1888.

Em seguida a esta publicação, que causou celeuma, Thury, professor da Universidade de Genebra, que havia tomado parte nas experiências de A. de Gasparin, em 1855, publicou uma brochura intitulada: "Les tables tournantes considérées ao point de vue de la question physique générale qui s'y rattache". Somente duas pessoas, as Sras. de Gasparin e Dorat, levitavam, sem tocá-la, uma mesa redonda que virava e balançava se sob suas mãos, mantidas a uns 2 ou 3 cm. de distância da tábua. Constantemente via eu o espaço entre as mãos e a superfície da mesa e estou certo de

que não houve contato durante quatro ou cinco evoluções do móvel... "Não era nenhuma dúvida".

Estas experiências foram confirmadas por experiências análogas, feitas por Fred. de Rougemont, na Suíça, e Hare, professor de química da Universidade de Pensilvânia. (341)

(341) - *Experimental investigation* (Nova York), 1855.

Em 1868, um médium poderosíssimo, talvez o mais poderoso que jamais existiu, Daniel D. Home, fez experiências diante de sábios ilustres: primeiro, diante de Varley, engenheiro chefe das companhias de telégrafo Internacional e transatlântico, depois diante dos membros da Sociedade Dialética de Londres, presidida por Senhor John Lubbock, e também perante o Senhor William Crookes.

Eis o que diz o Senhor Varley:

"Em minha casa, onde jamais o Senhor Home tinha vindo, a uma distância de sete pés atrás do Senhor Home, estava uma mesinha. O Senhor Home pediu-me para lhe segurar as mãos, colocou suas pernas sobre meu joelho esquerdo. Alguns instantes depois, a mesa começou a mexer-se, foi trazida a mim por uma força invisível; ninguém estava junto dela e eu mantinha fortemente seguros as mãos e os pés do Senhor Home. Um grande canapé, no qual oito pessoas podiam acomodar-se, foi levado através de todo o quarto, forçando-nos a recuar ..."

Os membros da Sociedade Dialética deram cinquenta sessões, às quais assistiram trinta pessoas e tiraram conclusões muito importantes (342).

(342) - Aqui indico apenas as que se referem aos movimentos de objetos sem contato.

"Uma fraude era impossível", ajunta o Senhor Varley.

1° - Sons parecem vir dos móveis, dos soalhos e das paredes, muitas vezes acompanhados de sensíveis vibrações ao tocar e produzem-se sem ação muscular ou mecânica.

2° - Movimentos de corpos pesados produzem-se sem ação mecânica de nenhuma espécie, muitas vezes sem contato nem conexão com ninguém.

3° - Treze testemunhas declaram ter ouvido trechos de música bem executados por instrumentos sobre os quais não agia nenhuma influência determinada.

Em uma experiência que declaram decisiva, onze membros da Sociedade sentaram-se à volta de uma mesa, viraram o espaldar de suas cadeiras para a mesa e ajoelharam-se com seus pés para trás, suas mãos apoiadas nos espaldares; tudo iluminado pelo bico de gás que clareava a mesa. Cada mão e cada pé eram perfeitamente vistos. A mesa mudou de lugar quatro vezes, depois, quando os espaldares das cadeiras foram afastados da mesa doze polegadas, esta se moveu ainda treze vezes e em direções diferentes, a pedido dos assistentes.

"Quatorze testemunhas certificam ter visto mãos ou fisionomias não pertencentes a seres humanos, mas que pareciam vivos, movendo-se e que algumas vezes foram tocados e mesmo apertados, o que os convenceu de que não eram joguetes de uma ilusão ou de uma impostura". Cinco testemunhas dizem terem sido tocados por qualquer ser invisível em diversos lugares do corpo e muitas vezes no lugar solicitado, enquanto as mãos de todas as pessoas presentes estavam visíveis.

Os membros do Comitê, que na maioria eram extremamente céticos antes da experiência, declaram estar convencidos que existe uma força capaz de mover corpos

pesados sem contato material, força que depende de um modo desconhecido, da presença de seres humanos".

W. Crookes fez com Home experiências muito precisas, que se devem ler no trabalho original por causa de sua grande importância.

Uma prancha estava sobre uma lâmina de madeira, em forma de faca, análoga à faca de uma balança, mantida em equilíbrio por um eixo com um peso indicador. Os movimentos do eixo podiam ser inscritos graficamente. Nessas condições Home colocou suas mãos a distância, acima do aparelho (10 cm.). Uma testemunha pôs as mãos nas de Home e um pé nos dele. Um gráfico foi obtido; em uma outra experiência, muito bonita, Home está a um metro do aparelho, suas mãos e seus pés estavam seguros; obteve ainda movimento e inscrição gráficas (343).

(343) - *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme*, trad. fr., Paris, Livr. des Ciências Psicológicas, 1872, 12°

A Senhora X..., observada por Crookes, também deu os mesmos movimentos da balança. Colocando suas mãos em baixo de um pergaminho, ouviam-se pequenos crepitações repetidos pelos pergaminhos (344).

(344) - Incriminou-se a autenticidade das experiências de HOME. Na realidade, nunca a mais insignificante prova de fraude foi verificada (veja P. PETROVO SOLOVOVO, *On the alleged exposure of D. D. HOME in France*, Journ. S. P. R., XV. 1912.274). E no entanto, para a maioria das experiências, seja de CROOKES, seja de VARLEY, seja de Lorde DUNRAVEN, nenhuma trapaça poderia dar os resultados obtidos.

Boutleroff, eminente professor de química em Petersburgo, em 1871, também fez experiências com Home. A tensão normal do dinamômetro sendo de 50 kg. foi levada a 75 kg.; as mãos de Home eram postas em contato com o aparelho de uma tal maneira que todo esforço de sua parte, teria diminuído a tensão em vez de aumentá-la.

W. Crookes relata ainda outras experiências impressionantes... "Minha própria cadeira descreveu um círculo, meus pés não pousando sobre o soalho. Sob as vistas de todos os assistentes, uma cadeira veio lentamente de um canto afastado do quarto. Numa outra circunstância, uma poltrona quase veio até onde estávamos sentados, e à minha solicitação, lentamente, voltou-se a uma distância de três pés aproximados. Em cinco ocasiões diferentes, uma pesada mesa da sala de jantar levantou-se acima do soalho de algumas polegadas a um pé e meio, em plena luz, enquanto eu segurava as mãos e os pés do médium".

Houve também experiências com um acordeão que Home segurou com as pontas dos dedos e que estava dentro de uma espécie de gaiola de fios de cobre e de madeira. O acordeão balançou-se e tocaram árias. Home então abandonou o instrumento e colocou a mão que o segurava sobre a de um espectador: o acordeão flutuou sozinho dentro da gaiola e continuou a tocar.

O Senhor C..., prefeito de Loire, falando de Home, diz: "Home fez-me empalidecer e eu não explico a mim mesmo nada, mas eu vi. Ordenou a uma campainha subir ao longo de minhas pernas e quando a quis reter, escapou, contra minha vontade, escorregando entre meus dedos. Ordenou a uma mesa responder por pancadas; a mesa respondeu; porém o que há de mais extraordinário é que os golpes eram igualmente dados sob a planta de meus pés... Uma outra vez Home ordenou a uma mesa levantar-se do chão; a mesa subiu ao teto; disse à menina de B... que puxasse a mesa para fazê-la descer; mas cada vez que a menina largava a mesa, esta subia... De repente Home disse: "Segure firme!" e os

esforços de três homens não conseguiram descer a mesa (345).

(345) - DE VIEL-CASTEL, citado por ERNY, A. S. P., 1902, XII. 147.

"Uma das cousas mais surpreendentes que vi, diz Crookes, foi o levitamento de uma garrafa cheia de água e do copo. O quarto estava fortemente iluminado por duas grandes chamas de álcool sódico e as mãos de Home estavam muito longe. Os objetos ficaram suspensos acima da mesa; foram batidos uns contra o outro, responderam três vezes sim às perguntas. Ficaram assim, durante cinco minutos, suspensos a seis ou oito polegadas de altura, aproximadamente, indo diante de cada pessoa e respondendo às perguntas. Certificamo-nos de que Home estava absolutamente passivo durante esse tempo e que nem fios metálicos, nem pequenas cordas eram usados. Enfim, Home não penetrou no quarto antes da sessão".

"Eu estava, diz Crookes, numa sessão escura (346). Segurava as duas mãos do médium com uma das minhas, enquanto seus pés estavam sobre os meus; minha mão livre segurava um lápis. Uma mão luminosa desceu do teto e após haver planado durante alguns segundos, pegou o lápis de minha mão, escreveu rapidamente numa folha de papel, jogou o lápis e em seguida levantou se acima de nossas cabeças e perdeu-se na obscuridade".

(346) - Loc. cit., pg. 158.

"Uma outra vez, em plena luz, o Senhor Home estava presente com alguns amigos; folhas de papel e um lápis estavam colocados no meio da mesa. Então o lápis levantou-se sobre a ponta, caminhando sobre o papel com saltos mal seguros e caiu. Depois levantou-se e tornou a cair. Tentou uma terceira vez, mas sem obter melhor resultado. Então uma pequena viga que se encontrava ao lado sobre a mesa,

eskorregou para o lápis e levantou-se a algumas polegadas acima da mesa: o lápis levantou-se novamente e plantou-se junto da viga; depois, juntos fizeram um esforço para escrever no papel. Após haver tentado em vôo, a viga abandonou o lápis e voltou ao seu lugar".

"Num outro dia (pág. 167) a pequena viga atravessou a mesa para vir a mim, em plena luz, e deu-me uma comunicação batendo na minha mão. Soletrava o alfabeto e a viga me batia nas letras que precisava. A outra ponta repousava sobre a mesa a uma certa distância das mãos do Senhor Home.

"Atribuir esses resultados à fraude é absurdo, diz W. Crookes (347). O que relato aqui se passou em minha própria casa, onde nada se poderia preparar com antecipação. Um médium não podia, estando eu sentado num canto do quarto com diversas pessoas que atentamente o observavam, fazer, por fraude, tocar as teclas de baixo de um acordeão que eu segurava com minha própria mão, ou fazer flutuar esse mesmo acordeão aqui e ali no quarto, tocando durante todo o tempo... Não podia trazer um aparelho para agitar as cortinas das janelas, dar um nó num lenço e colocá-lo num canto afastado do quarto, fazer ressoar as notas distantes de um piano, levantar uma garrafa e um copo em pé acima da mesa, levantar sobre uma dessas pontas um colar de coral, mover um leque e abanar os assistentes, ou então pôr em movimento um pêndulo colocado numa vitrina solidamente soldada na parede".

(347) - Loc. cit., pg. 158.

Essas experiências são tão decisivas, tão brilhantes; foram observadas com uma tal sagacidade por um sábio entre todos ilustre, que é estranho ver que não foram

seguidas por uma adesão universal. Confessarei? Antes de ver Eusapia em Milão, eu estava absolutamente convencido de que Crookes afundara-se num terrível engano... E Ochorowicz fez o mesmo. Porém arrependeu-se e o disse a si mesmo como o disse a mim batendo-me no peito: "Pater, peccavi!"

O Senhor Dale Owen (348) relata uma experiência (na qual provavelmente Home era o médium). "Na sala de jantar de um nobre francês, o conde do Ourches, residente perto de Paris, eu vi, no dia 1^o de outubro de 1858, com a linda luz do dia, no fim de um almoço, uma mesa na qual haviam tomado lugar sete pessoas, levantar-se carregada de frutas e vinhos, enquanto todos os convivas estavam de pé à sua volta e nenhum deles a tocava"

(348) - Citado por RUSSELL WALLACE, loc. cit., pg. 101.

Em relação às experiências de Home, o que permite considerá-las como tendo um valor considerável, é que se faziam em condições irrepreensíveis. Eis o que lhe escrevia, em 1876, W. Cox, doutor em direito de elevada posição social e de grande senso: "Meu querido Home, por ocasião das experiências, às quais quisestes submeter-vos na minha presença, não existia nada desse gênero de precaução e de mistério. Estáveis sentados junto a mim. Em toda parte, a toda hora, em meu jardim, em minha casa, de dia e à noite, mas sempre, salvo uma vez em ocasião memorável, era durante o dia, em plena luz. Não vos recusou nunca vos submeter a qualquer controle... Ficastes sozinho comigo e passaram-se cousas que os esforços reunidos de quatro pessoas não poderiam obter. Às vezes havia fenômenos; às vezes não. Os resultados eram de tal importância que a mão humana não teria bastado para produzi-los em meu salão, em

minha biblioteca, em meu jardim, onde toda fraude era impossível (349)”.

(349) - Home, *Les lumières et les ombres du spiritualisme*, trad. fr., 1883,198.

Slade, outro médium americano muito poderoso, forneceu numerosas provas de movimentos de objetos sem contato.

Zollner, professor de astronomia física em Leipzig (350), narra que, sem nenhum contato visível de Slade, uma tela de madeira foi quebrada violentamente (tinha a grossura de meia polegada). A escrita direta foi obtida inúmeras vezes. Uma bola de metal foi suspensa por um cordão de seda, no interior de um globo de vidro, colocado sobre a mesa e bem iluminado por velas. A bola começou a oscilar e a bater com intervalos regulares contra a superfície interior do globo (sem que houvesse contato, evidentemente, com as mãos de Slade).

(350) - *Wissenschaftliche Abhandlungen*.

P. Gibier também experimentou com Slade (351).

(351) - *Le spiritisme, Paris, 1882. Le fakirisme occidental*.

Gibier constatou primeiro a força e a frequência dos raps. Uma vez uma pancada foi dada no meio da mesa, tão violenta, que esta parecia dever partir-se. Durante esse tempo, as mãos e os pés do médium estavam bem à vista. Em uma sessão durante o dia, uma cadeira, colocada à 1,20 fez meia volta sobre si mesma e veio atirar-se contra a mesa.

“Uma outra vez, em pleno dia, um baú colocado a 0,75 cm. de sua cadeira se pôs em movimento, primeiro abandonando a parede onde estava apoiado, muito lentamente para que se pudesse certificar-se de que nenhum contato existia entre esse móvel e os objetos que o rodeavam; depois veio bater violentamente na mesa que rodeávamos”.

"Em dez vezes diferentes, a lousa segura por Slade sob a mesa quebrou-se em pedaços; essas lousas eram encaixilhadas em madeira muito dura. Inúmeras vezes tentamos mesmo quebrá-las, batendo-as contra a mesa; nunca conseguimos fendê-las ou estragá-las.

“Muitas vezes vimos uma lousa encaixilhada abandonar a mão de Slade, passar sob a mesa, atravessá-la em toda sua largura, e, quando a pegávamos, dar-nos a sensação de uma resistência produzida por uma outra mão, que a teria segurado. Não perdemos de vista as mãos do médium e percebíamos seus dois joelhos, que ele mantinha fora da mesa (352)”.

(352) - Tive ocasião de ver uma vez SLADE com GIBIER. Nesse dia, SLADE deu-me uma lousa e colocou sobre ela um pequeno fragmento de lápis. Depois segurei a lousa com a mão, segurando SLADE a outra ponta. Em pleno dia, colocamos, SLADE e eu, a lousa sob a mesa. Ao fim de alguns segundos ouviu-se o ruído característico da fricção da lousa pelo lápis. Havia escrita e o lápis fora usado. Porém faço todas as minhas reservas sobre essa experiência, única para mim: pois 1° - já é muito antiga; 2° - não encontro as notas que tomei; 3° - SLADE é duvidoso; 4° as experiências com as lousas prestam-se a todas as mistificações.

D. Mac Nab (353) narra as experiências que fez com um médium. Era na obscuridade, o que torna o controle bem difícil e necessita precauções especiais. "Entretanto, à luz de uma lâmpada vermelha", o Senhor Mac Nab viu a mesa redonda levantar-se do chão, tocar as mãos que estavam a 40 cm. acima, depois descer lentamente e tocar o chão sem ruído.

(353) - Citado por A. DE ROCHAS.

Chego agora às experiências feitas com Eusapia Paladino. São numerosíssimas e descrevê-las-ei com alguns detalhes, pois fui testemunha atenta, em Milão, Roma, Carqueiranne, na ilha Ribaud, e em Paris. Posso portanto falar com conhecimento de causa, tendo assistido a mais de uma centena de sessões. Digamos algumas palavras sobre a

própria Eusapia Paladino. Era mulher de grande simplicidade de alma, simplicidade que não excluía uma certa finura. Entretanto, nenhuma cultura intelectual. Não sabia ler e no princípio de sua vida científica falava somente o napolitano e pouco o italiano. A seguir, sendo muito inteligente, aprendeu a compreender e mesmo falar um pouco de francês. Era de pequena estatura, mais gorda do que magra, com mãos muito pequenas.

Foi sempre muito feliz. Seu pai, um camponês napolitano, morreu assassinado pelos malfeitores: seu marido, mais ou menos, explorou-a e maltratou-a. Como era muito generosa e dava aos pobres, gastavam desastrosamente tudo o que ela ganhava, pelo que acabou morrendo no abandono e na miséria. Essa excelente criatura foi médium notável, de afabilidade inesgotável, prestando-se às mais diversas experiências. A maioria dos sábios contemporâneos que tiveram alguma curiosidade, estudaram-na. E. Chiaia, de início, depois Aksakoff, Schiaparelli, Lombroso, Gerosa, G. Finzi, Morselli, Brofferio, Bozzano, Venzano, Carlo Foá, Bottazi, A. de Gramont, A. de Rochas, J. Maxwell, Segard, Camille Flammarion, Ochorowicz, Scherenk-Notzing, P. Curie, Mad. Curie, D'Arsonval, Courtier, Siemiradzi, Dariex, Watteville, Sabatier, Fr. Myers, Sir Oliver Lodge, Senhor e Senhora Sidgwick, Felding, Carrington, Herlitzka, Porro, e muitos outros (354).

(354) - Só a bibliografia das experiências de EUSAPIA PALADINO é considerável. Recomendo o livro de E. MORSELLI, muito completo e perfeito sob todos os aspectos.

As sessões que dava Eusapia, de início, eram feitas em plena luz, depois, pouco a pouco, porque os fenômenos se tornassem mais fortes, ela pedia que a luz fosse diminuída. Finalmente a obscuridade era quase completa; mas, como na

obscuridade completa o controle se tornava muito difícil, imaginamos colocar a alguma distância uma lâmpada caía luz filtrasse por uma porta ou por uma veneziana entreaberta.

Em suas experiências Eusapia pretendia ser ajudada por seu guia, chamado John King, suposto irmão de Katie King, e pai de Eusapia em uma outra existência(?). Porém a realidade objetiva de John King é muito inverossimilmente nula. Esta personalidade mediúnica que lhe veio quando de suas primeiras experiências com o Senhor Damiani, que em Nápoles começou a dirigi-la, e sobretudo com o cavalheiro Ercole Chiaia, que foi o protetor corajoso e perseverante de Eusapia e que a deu a conhecer ao mundo sábio, em uma célebre carta dirigida a C. Lombroso (9 de agosto de 1888).

As experiências de Eusapia não foram inúteis: Todos os sábios - sem exceção - que com ela fizeram experiências ficaram finalmente convencidos que ela produzia fenômenos autênticos. É verdade que em Cambridge deu uma série de experiências meio fraudulentas, porque os sábios experimentadores de Cambridge, sobretudo R. Hodgson, procediam muito desastrosamente deixando a possibilidade e a facilidade da fraude, isto é, quase que provocando à fraude (355).

(355) - Sobre essa fraude (no entanto inconsciente), OCHOROWICZ chamou a atenção num notável memorial no qual mostra em que ponto está defeituoso o método de HODGSON, que intencionalmente deixava livre uma das mãos de EUSAPIA.

No momento da experiência que deve determinar o movimento de objeto sem contato, Eusapia previne que um fenômeno se vai produzir, de sorte que não há surpresa. A atenção dos observadores aumenta e todas as precauções nesse momento fatídico podem ser tomadas para que nenhuma trapaça seja possível. É o contrário do que fazem os prestidigitadores profissionais, que executam suas

mágicas no mesmo momento em que tentam distrair a atenção dos assistentes.

Cada movimento de objeto a distância parece provocado por um esforço muscular enérgico de Eusapia. Contraí os braços, as pernas, o corpo. Tudo se passa como se sua contração muscular devesse agir à distância. Não está em estado de transe de início, mas pouco a pouco, no correr da sessão, se estabelece o transe, cada vez mais profundo, por uma passagem gradual.

Não é facilmente hipnotizável. Ochorowicz magnetizava-a após as sessões para lhe dar um sono reparador. De fato, após cada sessão (que às vezes se prolongava durante duas ou três horas) ela parecia ficar muito esgotada.

Os fenômenos metapsíquicos produzidos por Eusapia são bastante diversos. Não houve quase nada de fatos de lucidez. Foram sempre fenômenos objetivos, sobretudo movimentos de objetos sem contato e materializações. Não falarei neste capítulo senão dos movimentos de objetos sem contato.

Ora, nesse caso, o ponto essencial, único para bem dizer, é saber se o movimento do objeto pode ser determinado pelas mãos, pés, cabeça, corpo de Eusapia; pois se deve eliminar absolutamente a hipótese de uma alucinação dos assistentes, hipótese absurda, tão absurda como a hipótese de uma brincadeira de mau gosto feita por um dos assistentes. Ainda mais, com toda certeza, não existem aparelhos, nem fraudes, nem instrumentação. Eusapia, trajando um vestido preto colante, sem bolsos, nem nenhum objeto, nenhuma corda, nenhum pedaço de fio de ferro na mão. Se consegue lograr ou trapacear, só o poderia fazer com as mãos livres.

Sabem disso todos que com ela experimentaram. Também sua única preocupação era de prender bem as mãos.

Eis como, a este propósito, respondi a R. Hodgson. "Declaração: a mão está bem presa; isto significa primeiro que não se tem nenhuma dúvida a respeito da mão que se segura. Se, ao segurar a mão, enquanto um fenômeno se produzia, eu não estava mais absolutamente certo de que a mão direita (no caso em que tivesse por missão segurar a mão direita), logo parava tudo dizendo: larguei a mão e todos os experimentadores faziam o mesmo. Tomamos a deliberação de segurar fortemente a mão, todos os dedos na palma, ou pulso e uma parte dos dedos. Tínhamos o cuidado, em cada fenômeno, de nos lembrar, uns aos outros, a observação exata. Dez vezes, cem vezes no correr de uma sessão, de maneira a ser insuportável, ad nauseam repetíamos: "seguro bem a mão direita, seguro bem a mão esquerda". Não tínhamos outra preocupação senão impedir que uma das mãos de Eusapia nos escapasse. Pois bem! sem nos julgar mais perspicazes e mais hábeis do que convém, parece-me que após três meses de exercício e meditação, pode-se chegar à certeza de que se segura bem uma mão humana (356).

(356) - Em uma experiência que foi muito brilhante, em minha casa, em Carqueiranne, a Senhora SIDGWICK segurava a mão esquerda de EUSAPIA; meu sábio e pranteado amigo Ch. SEGARD, médico-chefe da marinha, segurava a mão direita. Perguntei-lhe, no momento em que o piano, colocado a 35 cm de EUSAPIA, havia soado: "Está certo de que segura bem a mão e a mesma mão?" E sobre sua afirmação, acrescentei: "Tome cuidado para que não se engane, porque será cumplicidade." Nessa experiência, O. LODGE (creio) segurava os pés. H. SIDGWICK declarou que a experiência estava irrepreensível, mas que no entanto um objeto podia ser seguro por EUSAPIA entre os dentes e tocar as teclas do piano. Então coloquei minha mão na boca de EUSAPIA; as outras condições eram as mesmas e houve ainda sons do piano.

O caso de movimentos de objeto sem contato, seja da mesa, seja de objetos à volta, são inúmeros.

O primeiro relato detalhado (exp. de Nápoles, 1891) foi dado por Lombroso.

"Os pés e as mãos de Eusapia estavam seguros pelo professor Tamburini e por Lombroso. Uma campainha colocada sobre uma mesa redonda, a mais de um metro de distância de Eusapia, pôs-se a tocar no ar e acima da cabeça das pessoas sentadas, depois desceu sobre a mesa, para ir colocar-se a dois metros dali, num leito. Enquanto a campainha tocava acendeu-se rapidamente um fósforo e viu-se a campainha suspensa no ar.

"Um pesado móvel, colocado a dois metros, aproximou-se lentamente de nós: dir-se-ia a aproximação de um gigantesco paquiderme".

Em Milão (1892) numa série de experiências engenhosamente dispostas por G. Finzi, que deram resultados admiráveis, inúmeras vezes se verificaram movimentos de objetos e levitações de mesa.

Em um caso (comprovado por um fotógrafo) a mesa é levitada no ar durante alguns segundos. Vê-se na fotografia (no livro de A. de Rochas, pág. 48) que eu seguro a mão esquerda e os dois joelhos de Eusapia, e Lombroso a mão direita. Em um caso de levitação completa da mesa, Aksakoff observou que então as duas mãos de Eusapia estavam sem contato com a mesa.

Uma pesada cadeira (10 kg) que se achava a um metro da mesa e atrás do médium, aproximou-se do Senhor Schiaparelli.

Na obscuridade, os fenômenos foram muito mais intensos. Houve golpes sensivelmente muito mais fortes do que aqueles que se ouviram em plena luz sob a mesa e nela. Terrível barulho como o de um grande soco dado na mesa. Choques e golpes batidos contra as cadeiras dos vizinhos, bastante fortes para fazer virar a cadeira com a pessoa.

Transporte de diversos objetos, algumas vezes afastados de muitos metros e pesando muitos quilos, transporte no ar de diversos objetos. Os pés de Eusapia estavam sobre meus joelhos; enquanto eu lhe segurava as duas mãos, um tambor foi levantado acima das nossas cabeças e a membrana do tambor era batida como se fosse com uma mão. Uma outra vez, as mãos de Eusapia estavam amarradas, uma campainha foi colocada numa cadeira, à sua direita: fez-se escuro, exprimindo-se o desejo de que a campainha tocasse imediatamente. Imediatamente a cadeira virou, a campainha retiniu, foi projetada na mesa e, acendendo-se a luz, observou-se que os nós estavam em perfeito estado. Uma outra vez, eu segurava os pés de Eusapia, Schiaparelli e G. Finzi seguravam-lhe as mãos e a mesa levantou-se nos quatro pés.

As experiências de Roma (1893 e 1894) feitas por Siemiradzki e J. Ochorowicz, foram igualmente demonstrativas.

As mãos de Eusapia estavam bem seguras, na obscuridade, um órgão da Berberia voltou acima da mesa, fazendo-se ouvir sons que não podem ser produzidos senão quando se vira a manivela.

Uma vez, o piano, colocado atrás de Eusapia, mudou de lugar: a tampa foi levantada. Como Siemiradzki exprimira o desejo de ouvir notas altas e notas baixas ao mesmo tempo, seu desejo foi satisfeito, o que pareceu provar a ação de duas mãos distintas, disse Siemiradzki. Um copo com água pela metade, que se achava no bufete, longe de nossas mãos, foi trazido aos lábios de Ochorowicz, de Eusapia e de outra pessoa, que o beberam. A operação se deu em plena obscuridade com prodigiosa precisão.

Ao mesmo tempo ouviam-se ruídos na madeira da mesa. Eram golpes, ora leves, ora formidáveis, como se viessem de um pulso robusto batendo com toda a força.

Em Varsóvia, Ochorowicz, segurando as mãos e os pés de Eusapia, tomou o cuidado de impedir mesmo o contato da combinação e do vestido de Eusapia com a mesa. Na luz diminuída, porém permitindo aos assistentes distinguir as formas, quando ninguém, sobretudo Eusapia, tocasse a mesa, esta, sem oscilações preambulares, levantou-se nos quatro pés de uma vez: completamente horizontal e isto por três vezes. Então, Eusapia, adiantando o joelho, disse: "Vou levantar a mesa com o joelho"; no entanto, a prancha estava a 20 cm do joelho. O joelho levantou-se 15 cm e a mesa 20 cm. Obteve-se o mesmo efeito, levantando-se as duas pernas, sempre muito distante da mesa. A mesa levantou-se ao mesmo tempo em que as duas pernas.

Um dinamômetro marcou uma força três vezes superior à de Eusapia, e superior à do mais forte dos assistentes.

A experiências que vou relatar foram feitas em minha casa, na ilha Ribaud (1894) e em Carqueiranne.

A ilha Ribaud, onde possuo uma pequena vivenda, é uma ilhota mediterrânea deserta, habitada apenas pelo guarda do farol e sua mulher. Mandeí trazer Eusapia. Depois pedi a J. Ochorowicz para que viesse ter comigo, a fim de seguir de perto as experimentações. De fato, durante três meses, em perfeita intimidade, Ochorowicz e eu, três vezes por semana, experimentamos e num grande número de vezes constatamos com toda a evidência movimentos de objetos sem contato como muito outros fenômenos a respeito dos quais voltarei a falar (357).

(357) - Não publiquei estas notas e não as publicarei; são de uma monotonia pavorosa: "As mãos estão bem seguras, sou tocado à direita, sou tocado à esquerda".

Para ter um protocolo exato, eu ditava, à medida que ia fazendo a experimentação, os resultados ao meu secretário, BELLIER, que escrevia na sala vizinha e anotava as horas, os minutos e todos os detalhes. Minuciosa investigação, longa, talvez exagerada na sua minúcia e no seu prolongamento, mas que estabelece - salvo o caso de um engano sistemático de que não posso suspeitar - o fato do movimento de objetos sem contato.

Após haver verificado o sucesso de nossas experiências, solicitei a presença dos meus amigos, Fr. Myers, O. Lodge e Schrenck-Notzing, bem como o Senhor e a Senhora H. Sidgwick, para virem à ilha de Ribaud para julgar de visu.

Darei somente os extratos do relato de Oliver Lodge.

"Uma cadeira colocada junto da janela, a muitos pés de distância do médium, escorregou, levantou-se e bateu no soalho. O médium estava seguro e ninguém se achava junto de sua cadeira. Ouvi algumas notas de um acordeão colocado não distante de nós. Uma caixinha de música passou no ar e subiu acima da cabeça; uma chave foi virada na fechadura da porta, depois colocada na mesa e reposta na fechadura; uma pesada mesa (de 22 kg) foi levantada no ar a 20 cm do solo, quando o médium estava de pé e suas duas mãos levemente se apoiavam na mesa, num ângulo".

Outras sessões em 1895, realizaram-se em Agnelas, em casa do Senhor A. de Rochas, na presença do Senhor Sabatier, deão da Faculdade de Ciências de Montpellier, de J. Maxwell, atualmente procurador-geral em Bordéus, de A. de Gramont, membro do Instituto, do Senhor A. C. de Watteville, licenciado em Ciências.

Os resultados foram os mesmos, mais nítidos, se possível, do que nas experiências de Milão, de Roma, e da ilha Ribaud.

"A mesa levantou-se 30 cm acima do solo; as mãos de Eusapia apenas a tocava e algumas vezes não a tocava; os joelhos de Eusapia são seguros, bem como seus pés, por

Dariex; os pés da mesa estão livres de todo contato com o médium. Uma pequena pianola (de 900 gr.) toca algumas notas, levanta-se no ar, enquanto solidamente se seguram as mãos, os pés, os joelhos e a cabeça de Eusapia.

"Ouve-se o ranger da chave na fechadura de um baú colocado muito longe para que Eusapia pudesse tocá-lo e, durante esse tempo se vêem e se têm seguras as mãos, os pés, os joelhos e a cabeça de Eusapia".

Uma última experiência muito demonstrativa foi feita. Um peso para papéis foi mudado de lugar, abaixou-se e levantou-se sem contato. A claridade era muito forte. Certamente não havia fio, nem cabelo.

Em resumo, dizem os observadores, Eusapia pode agir sobre corpos materiais a distância e sem contato". O controle foi tão perfeito como pode ser o controle que resulta da vista clara e direta de um fato experimental.

Experiência de Gênova, 1901. - Eis o que diz o professor E. Morselli, que, de início, havia sido muito cético, mas que em seguida, como todos os que experimentaram com Eusapia, se convenceu. Em um livro que é um modelo de erudição (358), narra com minúcias os fatos observados. Não relatarei aqui senão o que se refere aos movimentos de objetos sem contato (telecinesia). Não podendo citar tudo, contentar-me-ei com a seguinte citação (359)

(358) - *Psicologia e spiritismo*, 2 vol., 8º, Turim, 1908.

(359) - T L, pg. 361.

"Nas duas primeiras horas da sessão, movimentos e oscilações da mesa: ruídos formidáveis (na obscuridade ou com luz fraca)... raps correspondendo a contrações musculares ou a gestos, mudança de objetos, funcionamento de aparelhos musicais, passagem de uma régua que sai do escritório, levanta-se no ar, toca o braço e o ombro dos

assistentes. Tudo isto repetido fartamente. Uma mesinha redonda, colocada a um metro de distância de Eusapia, foi jogada; durante esse tempo, eu lhe segurava a mão direita e as pernas, a Senhora Ferrero lhe segurava a esquerda. A mesa levantou-se do solo duas vezes a uma altura de 15 a 30 cm (360).

(360) - Uma ótima fotografia foi tirada (liv. II, pg. 363). Vêm-se os pés, as mãos e os joelhos de EUSAPIA sem contato com a mesa, quando a mesa estava completamente levantada.

"Esta experiência, ajunta Morselli, foi controlada com o maior rigor: tudo estava visível à claridade vermelha e estou certo de que o fenômeno é autêntico".

Em outra experiência, Eusapia, segura à esquerda por Porro, à direita por Morselli (1901), este disse em voz alta: "Tenho sede". Então é transportada sobre a mesa uma garrafa de água com um copo, e aos lábios de cada um dos assistentes aproxima-se sucessivamente um copo cheio de água (361).

(361) - Se desejam tomar conhecimento de tudo o que foi escrito sobre os fenômenos produzidos por EUSAPIA, deverão consultar a Bibliografia Paladina de MORSELLI, liv. I, pg. 134-170. Verão que com exceção de Ev. FELDING e ALICE JOHNSON, de 1889 a 1907, todos os experimentadores ficaram completamente convencidos. Não sei o que atualmente pensa ALICE JOHNSON, mas FELDING revogou sobre suas negações, unicamente fundada nos resultados defeituosa das experiências de Cambridge. ARSONVAL dizia que não podia firmar uma opinião e permanecia incerto. Mas, hoje, creio bem que sua incerteza desapareceu.

Três eminentes fisiologistas, médicos da Universidade de Turim, Carlo Foá, Herlitzka, E. Aggazotti, eminentes alunos do ilustre fisiologista Angelo Mosso, estudaram os fenômenos produzidos por Eusapia, em uma série de sessões que se realizaram no laboratório de Psiquiatria da Universidade de Turim e ficaram decididamente convencidos da absoluta realidade dos fenômenos objetivos produzidos por Eusapia. Objetos que não podiam ser seguros por suas mãos foram inúmeras vezes trazidos à mesa.

Aparelhos gráficos de controle, colocados longe de seus pés e de suas mãos, deram inscrições. Uma sólida e pesada mesa, sem ser tocada por ninguém, foi completamente quebrada. Uma chapa fotográfica posta num envelope de papel preto deu a imagem de diversos dedos.

Os Srs. Foá, Herlitzka e Aggazotti dizem, com justa razão - como muitas vezes eu disse, como parece evidente -: “se os fenômenos parecem estranhos, é devido à sua raridade relativa. Em suma, não são mais maravilhosos do que os fenômenos biológicos que observamos a cada dia (362)”.

(362) - A. S. P. 1907, XVII, 294.

Outra experiência foi feita em 1907 pelo professor Lombroso, os doutores Audenino, Noblenzki, o editor Bocca, e outras pessoas eminentes (363). Os resultados foram sempre os mesmos. Aparelhos registradores colocados num gabinete bastante afastado para que a mão de Eusapia não pudesse atingi-los, deram indicações diversas. Um bandolim tocou sozinho. Uma forma de cabeça foi vista.

(363) - A. S. P., 1907, XVII, 212-218.

Parece que, nessas condições, a dúvida é impossível.

Os Srs. Berisso e Bozzano verificaram (em maio de 1900) em Gênova (364), numa sessão com Eusapia, em plena luz, quando toda mundo podia perceber Eusapia sentada, as mãos sobre a mesa, vistas e controladas, que houve transportes de objetos, notadamente de uma trombeta que viram como que suspensa no ar, emitindo sons. Essa trombeta estava mais alta do que podia alcançá-la a mão do médium ou de algum dos assistentes. Deu-se a mesma coisa na sessão seguinte, com uma guitarra que se levantou a três metros do solo.

(364) - J. VENZANO, *Contribution à l'étude des matérialisations*, A. S. P., 1907, XVII, 473-528.

O Senhor Benzano viu um braço fluídico formar-se e sair do ombro direito do médium, para ir procurar um copo cheio de água e levá-lo à boca de Eusapia.

Os professores Morselli e Porro assistiam a essas experiências.

No Instituto Psicológico de Paris, que consagrou numerosas sessões (43) em 1905, 1906, 1907, ao estudo dos fenômenos de Eusapia, Courtier, relator, apesar das suas hesitações, reticências, contradições, é forçado a concluir que existem movimentos que parecem produzir-se ao simples contato das mãos, ou mesmo sem contato, e que se podem verificar, a distância, vibrações moleculares (pancadas) nos objetos. Na realidade, toda a telecinesia mantém-se nessas duas proposições fundamentais (365).

(365) - Bull. de L'Instl. Gen. de Psychol., 1909.

Courtier, na discussão que se empenhou a esse respeito, acrescenta um detalhe interessante, que os objetos, em seu caminho, não descrevem um trajeto retilíneo, mas parecem mover-se voluntariamente descrevendo sinuosidades como se fossem dirigidas por força mecânicas inteligente.

No entanto, as dúvidas da S. P. R. a propósito das experiências de Cambridge, podem presentemente ser considerada como não tendo ocorrido. Myers, em uma sessão tida em minha casa, havia formalmente reconhecido a autenticidade dos fenômenos. Mais tarde, em 1909, Ev. Felding vendo e segurando as mãos de Eusapia, foi tocado por trás da cortina por uma mão viva, três dedos em baixo e o polegar em cima e apertado de modo que sentiu as unhas em sua carne. Essas mãos tornavam-se algumas vezes visíveis. O Senhor Baggally, enquanto via e pegava as mãos do médium, foi tocado nas costas da própria mão pela mão

que lhe acaricia o braço e caminha por ele. (Relatório da Comissão da S. P. R. encarregada de fazer , experiências com Eusapia Paladino) (366).

(366) - A. S. P., 1909, XIX, 247-267.

Não posso fazer melhor do que relatar textualmente o que disse dela com grande senso o Senhor Hereward Carrington. "Em novembro e dezembro de 1908, tivemos, com os Srs. Evehard Felding e W. Baggally, uma dezena de sessões em nossos quartos, no hotel, em perfeitas condições de controle, e ficamos convencidos de que se produzem autênticos fenômenos (metapsíquicos) que nenhuma trapaça pode explicar: minha conversão foi completamente contrária à que de início havia presumido... Se na América houve gatos duvidosos, é que não souberam experimentar com ela, que estava cansada, esgotada, emocionada... Creio, diz o Senhor Carrington, que dentre os médiuns americanos, existem, para os fenômenos físicos, 80 por cento que enganam (367) e no entanto Eusapia produz fenômenos reais. "Todos os que estudam esses problemas (sobre Eusapia) com tempo suficiente e cuidado, ficarão convencidos de que, dentre os fenômenos que ela apresenta, existem os que nenhuma lei conhecida pode explicar. Os fatos estão fora de dúvida (These facts are beyond question).

(367) - *The problems of psychical Research*, Londres, Rider, 1914.

Após tudo isso, é preciso falar das apostas que foram feitas sobre a realidade da telecinesia? Por exemplo, por G. Le Bon, embora seja um homem de espírito? Não são processos de discussão e o fato de o Senhor Le Bon ter ganho ou perdido sua aposta não fará adiantar a ciência. Quem pois vai apostar que ele fará, em determinado ponto, cair um aerólito em seu jardim? (368).

(368) - Veja GRASSET, loc. cit., pg. 419.

Se insisti nos fenômenos de telecinesia produzidos por Eusapia é porque talvez jamais houve aí experimentadores de tão diversa categoria, tão céticos (de início tão céticos, para ficarem convencidos em seguida), tão escrupulosos, tão minuciosos, tão severos. Durante vinte anos, de 1888 a 1908, Eusapia foi submetida, pelos mais sábios experimentadores da Europa e da América, às provas mais rigorosas, às investigações mais perspicazes; e durante vinte anos todos os sábios, decididos a não se deixarem enganar, puderam constatar que objetos, mesmo muito pesados e volumosos, eram mudados de lugar sem que houvesse contato.

Seria alongar demasiadamente o capítulo da metapsíquica subjetiva, relatar todas as experiências, consignadas nos jornais espíritas, onde houve rapes, levitações de mesa com leve contato ou sem contato, mudança de objetos diversos. Recomendo os memoriais que foram publicados a esse respeito, observando apenas que as condições de controle não eram manifestamente tão boas como as que acabam de relatar.

Os movimentos de objetos sem contato têm alguma relação com os fenômenos observados nas casas ditas assombradas. O Dr. Dariex publicou a esse respeito uma interessante observação (369).

(369) - *Expériences sur les mouvements d'objets sans contact*, A. S. P., 1892, II, 189-208.

Encontrando-se em seu escritório, durante a noite (Paris, Rua du Bellay, nº 6) ouviu ruídos singulares, inexplicáveis, e de manhã encontrou cadeiras caídas e fora dos lugares; quis constatar cientificamente, e de algum modo judicialmente, o fenômeno. Por ele e por quatro de seus amigos, dos quais dois doutores em medicina, as portas foram lacradas (seis lacres), cuidadosamente verificados. Ora, apesar disso, nesse

quarto absolutamente fechado, sem que ninguém pudesse entrar pela janela ou pela chaminé, sem que fosse possível introduzir qualquer fio de ferro sob a porta, as cadeiras foram, com ruído, mudadas de lugar.

Dariex pode observar com a Senhora B..., médium não profissional, movimentos de mesa sem contato. Com uma boa claridade (a do fogão de aquecimento vivamente aceso) uma mesa pesando 6 kg. escorregou 40 cm no soalho. O médium tinha as duas mãos colocadas nos joelhos e estava a 60 cm da mesa. Esta, adianta o Dr. Mercier, pôs-se por si mesma em movimento e foi-me impossível surpreender o mínimo movimento do médium, que estava a uma distância de 60 cm.

Vitorien Joncières, ilustre musicista, narra que foi ver um de seus amigos, alto funcionário do Estado, cuja sobrinha tinha poderes mediúnicos notáveis. Viu-se uma cadeira levantar-se' acima da mesa. A jovem apoiou muito levemente os dedinhos na beira da mesa, que era de um peso enorme. "Então essa mesa levantou-se acima das nossas cabeças, de jeito que fomos obrigados a levantar-nos para segui-la em sua ascensão. Balançou-se alguns instantes no ar e lentamente desceu ao solo, onde se colocou sem ruído (370).

(370) - CHEVREUIL, loc. cit., pg. 343.

Movimentos de objetos sem contato foram obtidos, muito intensos, por Stainton Moses, que foi um médium extraordinário.

Stainton Moses, após bons estudos em Oxford, foi ordenado, enviado como pastor à ilha de Man, depois nomeado professor no University College School. Foi pregador de fama. Sua honorabilidade, sua lealdade,

tornaram-no admirado por todos. Ora Stainton Moses teve faculdades mediúnicas poderosas e consignou em um livro, *Experiences upon spiritualism*, os resultados de suas experiências pessoais, que, dos pontos de vista objetivo e subjetivo, foram notáveis. O Dr. e a Senhora Stanhope Speer, que foram seus íntimos amigos, publicaram notas detalhadas, exatas, importantes, sobre todos os fenômenos.

"Os movimentos da mesa, diz ele (371) começam rapidamente apenas a mesa é tocada. É melhor retirar as mãos e deixá-la agir por si própria. Sua inclinação foi mesmo notada ainda mais quando as pessoas presentes estavam a alguma distância e vinha sobre o soalho e voltava à sua posição normal quando não se tocava... Algumas vezes os golpes foram fortes como pancadas de martelo e ouvidas distintamente no quarto em baixo, bastante fortes para dar a idéia de que a mesa devia estar reduzida a migalhas. Às vezes os golpes repetiam-se com tanta intensidade, que todo o quarto estremecia".

(371) - A. S. P., 1895, 211.

Stainton Moses cita como absolutamente demonstrativa a seguinte experiência (que abrevio).

"Às 18 horas, em pleno dia, como estivesse com um amigo, vindo para me ver, minha mesa da sala de jantar, antiga, muito pesada, colocada sobre um tapete, foi estremecida por golpes muito fortes. Agitou-se violentamente como tremendo, a ponto de deslocar os pés e, no entanto, nós não a tocávamos. Então nós nos levantamos: as mãos estavam a 20 cm acima da mesa. Esta se aproximou de nós e levantou-se até tocar nossas mãos".

Eis uma outra experiência, também muito bela (pág. 219).

"O cômodo, que fora envolvido por raios luminosos (fluídicos) tornou-se subitamente sombrio. A mesa, abandonada, não tendo nenhuma mão humana a tocá-la, dava uma série de golpes variando de intensidade; algumas vezes pareciam batidos por um pesado martelo de forja, tudo indicando uma inteligência que se mostrava impaciente ou solene, segundo a natureza da comunicação. O quarto estava numa obscuridade completa, salvo, de tempos em tempos, um vapor luminoso indo e vindo à volta de uma das pilastras da mesa".

“Muitas vezes, diz o Senhor Speer, ouviam-se pancadas dadas na porta, no bufete, nas paredes, a alguma distância da mesa onde estávamos sentados. Não podiam ser produzidos por nenhuma ação humana; disso me certifiquei por todos os meios possíveis”.

"Tivemos a escrita direta. O movimento de objetos muito pesados, tais como mesas e cadeiras, não era raro. Algumas vezes a mesa era jogada a grande distância. A mesa de acaju maciço foi removida com mais facilidade do que pelos esforços impotentes para impedi-la de se mover. Muitas vezes, inutilmente, tentamos paralisar seus movimentos".

O Dr. Elliot Cowes e a Senhora Cowes (372) contam isto:

(372) - A. S. P., 1893, n, 372.

Uma pesada mesa pesando 50 kg está sob um lustre iluminado por dois, três ou quatro bicos de gás, e a luz é bastante forte para que se possa ler. Após diversos movimentos da mesa, as pessoas presentes afastam-se, ficando aproximadamente a 60 cm de distância. Nenhum contato com a mesa, nenhuma aproximação de vestes, mesmo a uma distância de 30 a 50 cm. Então a mesa levanta

um dos pés e deixa-o cair tão pesadamente, que o soalho treme e os globos de vidro do lustre ressoam. "Se, conclui o Senhor Cowes, nisso não existe telecinesia, certamente não poderemos mais confiar no testemunho dos nossos sentidos".

C. de Vesme com o conde Ugo Baschieri viu fenômenos de telecinesia completamente nítidos (373). "Nunca, diz ele, verifiquei a levitação ou mudança de uma mesa redonda sem contato em tão boas condições de observação. Todo o mundo, o médium incluído, mantinha-se a um metro pelo menos da mesa. Esta mudou em direção do médium, porém os movimentos deste não são sincronizados com os do móvel; um outro dia, numa sessão absolutamente particular em sua casa, C. de Vesme viu duas vezes seguidas, sob a influência de passes magnéticos, um cravo colocado num vaso de flores, avançar-se, inclinar-se, torcer-se, e mesmo num dos casos partir-se e de Vesme pôde constatar que não existia nenhum fio (374).

(373) - Un clairvoyant, A. S. P., novembro de 1915, XXV, 261-263.

(374) - Tive ocasião de ver fenômenos criptestésicos em minha casa com MAXWELL, e com DE VESME, o conde BASCHIERI. Foi durante a guerra. Nenhuma premonição foi dada que mereça ser retida; mas produziu-se um fenômeno singular, metapsíquico, no dizer do Senhor BASCHIERI. De repente ele levantou o lenço aos olhos e o retirou manchado de sangue, mais ou menos 5 g de sangue, muito puro. «Seus olhos estavam destilando sangue». No entanto, não pude constatar equimose conjuntival. Não formulo nenhuma apreciação. Menciono o fato que fisiologicamente, é completamente anormal e apenas pode entrar no quadro das estigmatizações. No entanto, não ousarei afirmar que o fenômeno foi autêntico e não simulado; pois, por inverossímil que seja, pode-se supor que o lenço rapidamente levado aos olhos havia sido preparado com antecedência e já impregnado de sangue. O movimento foi muito súbito, muito imprevisto, para que eu me possa dar uma conta exata do caso.

O Senhor Fremery, oficial de artilharia, em Haya, diretor da revista hebdomadária Tachoustig Leoen, observou fatos demonstrativos de telecinesia (375) em casa da Senhora Huygens, na presença do Senhor Floris Jansen, diretor do laboratório de psicofísica de Amsterdã, dos Drs. Huymans e

Van Branen. A obscuridade não era absoluta; podiam-se ver as mãos do médium, seguras aliás pelos assistentes. Uma poltrona aproximou-se da mesa, depois afastou-se, uma guitarra ressoou (colocada a 1,70 do solo), uma folha de palmeira agitou-se em todos os sentidos, volteou até o teto, iluminada por uma lanterna vermelha; vai de encontro ao teto a uma altura de 4 metros e varreu fazendo grandes curvas, depois desceu e tocou em cada um dos assistentes. Durante esse tempo uma caixa de música tocava, era consultada e batia no solo para responder às perguntas feitas.

(375) - A. S. P., 1907, XVIII, 251.

Em Gratz, uma médium não profissional, Senhora S..., em sessões absolutamente privadas, teve levantamentos e levitações de mesa, de uma extrema nitidez (376). Uma mesa de carvalho maciço, muito pesada, às vezes é mudada sem que nenhum dos assistentes a toque. Uma vez, enquanto os assistentes faziam a corrente, a mesa levantou-se a uma altura de um metro aproximadamente, balançou-se no ar e caiu.

(376) - NORDBERG, *Geisterglaube, Spiritismus, und vier Dimensio (Psychische Studien*, outubro de 1918, 415).

De 1865 a 1869 observei, diz Erny, com o encantador compositor F. P..., efeitos (de telecinesia) concludentes. Uma mesa se manteve no ar, não sendo apoiada senão por um pé posto num canapé, os três pés restantes ficando no vácuo... Todas as nossas experiências realizaram-se em pleno dia ou à noite em plena claridade. Nunca precisamos fazer corrente. Bastava a P... colocar um dedo no meio da mesa e esta se levantava rapidamente, muitas vezes virando-se sobre ele (377).

(377) - A. ERNY, *loco cit.*, pg. 204.

O célebre químico russo Boutleroff, experimentando em seu apartamento, com Aksakoff e a Senhora Boutleroff, muito cético, observou com Kate Fox, entretanto muito suspeita, movimentos de objetos sem contato. Uma caixa de música parecia subir por si mesma e punha-se a tocar. A Senhora Boutleroff segurava as duas pernas de Kate e as duas mãos estavam visíveis, sobre uma placa de vidro luminosa.

J. Ochorowicz estudou a telecinesia com o maior cuidado com uma jovem polonesa, Stanislawa Tomczyk, dotada de potente mediunidade. Assisti a inúmeras experiências de S. Tomczyk, que me pareceram muito concludentes (378). Pequenos objetos, uma bola, uma campainha, uma agulha, são jogadas pelo médium e ficam no ar durante um tempo suficiente para que, mesmo com uma luz mediana, fotografias sejam tiradas.

(378) - Veja nas páginas 278-279-281, algumas das belas fotográficas que foram tomadas.

Não se pode supor - pois é a única hipótese possível - que haja um fio que sustente esses objetos, pois um fio não pode manter uma bola no ar e, entretanto, o fio apareceria nas fotografias. E além disso, Stanislawa levanta as mangas até os cotovelos, lava as mãos com sabão e água quente, e a partir desse momento suas mãos estão sempre à vista. Em Varsóvia, uma comissão composta de fisiologistas, médicos e engenheiros, escrupulosamente verificaram esses fatos, e, apesar da oposição desesperada do professor Cybulski, que os negava sem ter desejado examiná-los, concluiu pela autenticidade absoluta dos fenômenos.

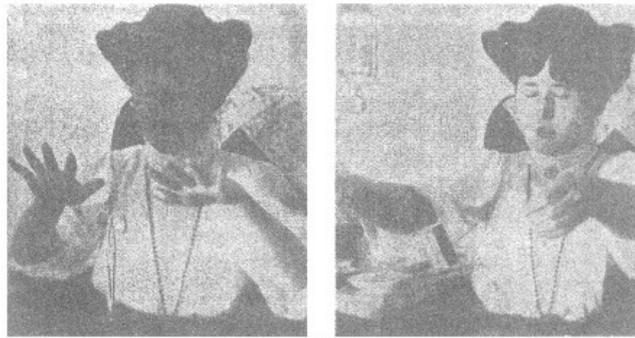


Fig. 1

Fig. 1

Telecinesias de Stanislaw Tomczyk (Segundo Ochorowicz)

1º - Levantamento de tesoura

2º - Levantamento de uma caixa de fósforo

As Fotografias são nítidas que se houvesse um fio, mesmo muito ténue, seria percebido.

Na telecinesia de pequenos objetos, mesmo em plena luz, a fraude é sempre possível, se a atenção dos observadores não é vigilante; pois pode haver mudança do objeto por um fio. Ochorowicz estudou admiravelmente este assunto nas suas belas experiências com Tomczyk. Existem casos em que o objeto é movido sem fio, e outros onde um fio aparece; mas esse fio, não é o fio da trapaça (fio de cobre ou cabelo, ou qualquer outra substância ténue): é um fio fluídico... Senti, diz Ochorowicz, esse fio sobre minha mão, sobre meu rosto, sobre meus cabelos. Quando o médium afasta suas mãos, o fio diminui e desaparece; é a sensação tátil de uma teia de aranha (379). Se o cortam com tesoura, reconstitui-se imediatamente (pág. 262). Parece ser formado por pontos: pode-se fotografá-lo e vê-se então que é muito fino como não seria um fio comum. Parte dos dedos. Bem entendido, antes da experiência os dedos e as mãos foram cuidadosamente revistados.

(379) - A. S. P., 1910, XX, pg. 208.



Fig. 2

Telecinesia de STANISŁAWA TOMCZYK (segundo SCHRENCK-NOTZING) Levantamento de uma bola. Pelo aumento (grau. 18), percebe-se o fio fluídico partindo da unha e que apresenta reflexos na sua passagem.

Ochorowicz cita a esse propósito uma observação curiosa feita pelo cavalheiro Peretti em Gênova, com Eusapia. Tendo sido um copo sido um copo levantado à distância por Eusapia, esta logo diz: "O fio! Olhem o fio!" Peretti segurou o fio, puxou-o; o fio partiu-se e desapareceu de repente.

É essencial aproximar esse fio fluídico das formações fluídicas saindo do corpo de Marthe Beraud (380).

(380) - É preciso ler com cuidado as minuciosas observações de OCHOROWICZ (A. S. P., passim).

Em lugar de citar uma das experiências de Ochorowicz, citarei a da Comissão de Varsóvia (381). Uma bola de celulóide, de 6 cm de diâmetro, foi colocada em plena luz num dinamômetro. S... pôs-lhe as mãos em cima, a 2 ou 3 cm de distância e a bola se pôs a virar e até a virar além do dinamômetro na mesa. S... ordena-lhe que suba de novo e a bola sobe no dinamômetro. Depois houve um novo movimento.

(381) - A. S. P., 1910, XX, 37.

Em uma segunda experiência, a bola foi coberta com um grande funil de celulóide que formava um ecran e, apesar disso, produziu-se o movimento.

A Comissão testifica que esses fenômenos são positivos, porém incompreensíveis. Incompreensíveis? Que o sejam, mas a atração pela terra ou por ímã é mais compreensível? Um fragmento de ferro é atraído pelo ímã; uma bola de chumbo cai por terra. E não ficamos inquietos nem admirados. São fenômenos habituais e, então, nos abandonamos à ilusão que já compreendemos.

Ochorowicz testemunhou ainda um belo caso de telecinesia em plena luz, com S. Tomczyk (382). "Uma cadeira, atrás de mim, de repente moveu-se. Afastou-se um metro mais ou menos e era uma cadeira de jardim, vermelha, leve, absolutamente transparente para a vista. Caminhava sempre com pequenos passos em plena luz... Interrogo-a. A cadeira levanta-se de lado, e bate uma pancada. Depois avança alguns centímetros. Apóio a mão contra o assento e sinto uma força muito fraca, que puxa a cadeira... Foi um fenômeno obtido com intensa luz".

(382) -A. S. P., 1910, XX, 369.

Tais fatos não se podem explicar senão pela telecinesia, a menos que se suponha este enorme absurdo de que Ochrowicz foi vítima de uma alucinação.

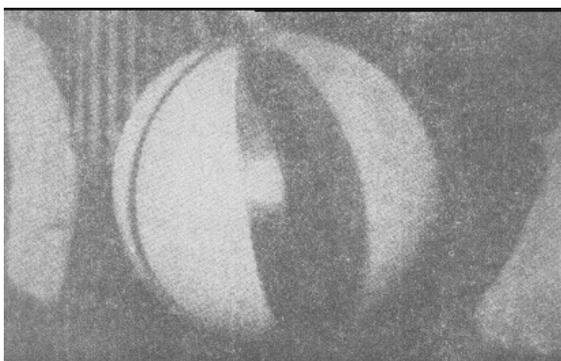


Fig 3
Aumento da gravura 2

O Dr. Dariex, pesquisador avisado e escrupuloso, experimentando em boas condições com a Senhora B..., quando esta se mantinha absolutamente imóvel, viu uma mesa de quase 20 kg fazer movimentos rápidos e intensos, escorregar, virar-se. Houve também uma projeção de objetos colocados sobre uma mísula fixa num tabique, a uma altura de 2,75 aproximadamente (383).

(383) - A. S. P., 1891,111, 36.

O Dr. Pierre Corneille (384) verificou fatos extraordinários de telecinesia no Senhor X ..., em Fontenay-le-Comte (Vendéa). Os assistentes eram o capitão L ..., sua esposa, um professor V... e seus dois filhos, um de 15 anos e o outro de 12 anos. A priori, são péssimas condições para experimentações: pois as crianças de 15 e de 12 anos são perfeitamente capazes de fraude.

(384) - Nouvelle Revue, 1 ° de dezembro de 1907.

No entanto, segundo uma carta muito interessante que acaba de me enviar o Dr. Corneille, a fraude não parece possível nessas experiências.

Uma menina de 12 anos (Srta. Saboureau) produziu movimentos de objetos e raps de uma violência excepcional, a uma distância de 3 m., em pleno dia. "Se pousava a mão sobre uma mesinha redonda, cujo pé segurei fortemente, essa mesa levava-me através do apartamento apesar de todos os meus esforços". "Vi, diz ainda o Dr. Corneille, em pleno dia, uma mesa sobre a qual somente o médium e eu havíamos colocado a mão, abandonar o solo nos quatro pés e manter-se perto de um minuto a 30 ou 40

cm de altura. Apoiando-me na mesa, sentia uma resistência elástica".

Na obscuridade, houve fenômenos de telecinesia muito notáveis que pareceram ser completamente autênticos, impossíveis de ser explicado pela fraude. Inúmeras vezes, a Srta. De L..., de 30 anos, pesando 70 kg, foi transportada com sua cadeira sobre a mesa.

Mesmo após a partida da pequena Saboureau, o Senhor P. Corneille pode ainda ouvir os raps; uma vez entre outros, quando estava sozinho em seu quarto, um soco de extrema violência sacudiu o criado-mudo e fez tudo estremecer.

Mas não basta que experiências sejam talvez não-falsificadas. Exigimos ainda mais, e mesmo, quando se trata de experiências, e não de fenômenos acidentais, é preciso repetir. *Experientia una, experientia nulla*. A primeira vez que vi fenômenos de aparência surpreendentes produzidos por Anna Roth, a Blumenmedíum, fiquei maravilhado; na segunda experiência, tornei-me perplexo; na terceira vez, convenci-me de que era uma fraude.

Então pedia Anna Roth que se prestasse a um controle mais minucioso que me esclarecesse definitivamente. Recusou.

Mary Graham (385) de 17 anos aproximados, fazia com a mãe e o irmão (15 anos), algumas experiências relativas à rotação de uma mesa. "Uma noite, como havíamos terminado, trouxeram as luzes, e sentamo-nos para ler. De repente um raspar sobre o tapete; minha mãe e eu olhamo-nos: seria nossa mesa que se mexia por si só? Pusemo-nos a ler de novo. De novo ouviu-se o barulho e vi distintamente a mesinha avançar na nossa direção. Minha mãe também viu a mudança: nós três não estávamos muito seguros e retiramos

a mesa do quarto... Uma segunda vez a mesa moveu-se por si só. Desejei saber o que diria se eu lhe fizesse uma afronta. Portanto, peguei um cachorrinho terrier deitado no tapete e aproximei-o da mesa como se fosse colocá-lo em cima. Qual não foi meu espanto vendo a mesa pular sobre mim, abandonando o chão! O cachorro ficou com tanto medo, que fugiu. A mesa transportou-se a uma distância de pelo menos seis polegadas e levantou-se no ar mais ou menos à mesma altura".

(385) - A. S. P., 1892, II, 307.

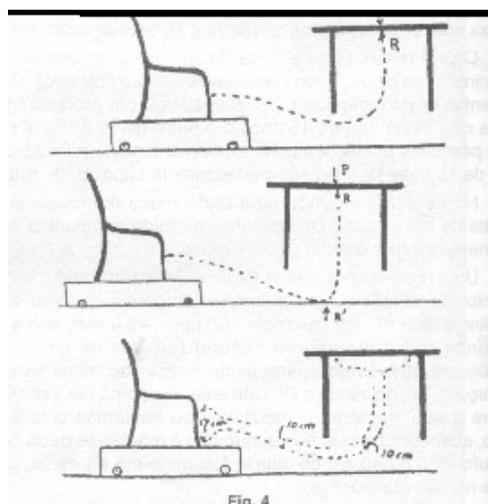


Fig. 4

Figuras esquemáticas para explicar a teoria do ectoplasma. segundo CRAWFORD (teoria de cantilever), O cantilever está figurado em traços interrompidos. R. A Srta. GOLIGHER está na cadeira. A expansão fluídica age sobre a mesa P para levantá-la, ora sem nenhum apoio (grav. 19) ora com apoio sobre o solo (grau. BO em R'). Na gravura 21, o ectoplasma está figurado como se apresenta em geral com expansão do ponto de onde sai do médium, como ao ponto em que se aplica sobre a mesa. Está visível, se bem que pensante, dando uma sensação de contato, e agindo por impressão sobre certas substâncias protéicas ou coloridas.

O Senhor W. J. Crawford, engenheiro, professor no Municipal Technical Institute de Belfast, publicou num livro

notável, que fez época, suas experiências sobre a telecinesia (386). Infelizmente uma morte cruel o roubou à ciência. Em Belfast, 1916/1917, num círculo íntimo, experimentou com uma médium não-profissional, a Srta. Kathleen Goligher. Os movimentos da mesa produziam-se sem que houvesse contato da médium ou de quem quer que fosse com a mesa. "Vi, diz o Senhor Crawford, centenas dessas levitações da mesa. Algumas vezes, uma cadeira levantava-se nos quatro pés e balançava-se no ar durante alguns minutos". Crawford, por meio de diversos aparelhos, cuja descrição não podemos dar aqui, mediu a força mediúnica produzida pela médium. Resumindo suas investigações, concluiu dizendo que durante a levitação de objetos leves, o peso de objetos levitados é igual ao aumento do peso da médium. (Falando de outro modo, sob o ponto de vista do peso, tudo se passa como se a própria médium suspendesse os objetos). Ao contrário, quando a mesa está como fixa ao solo, bem solidamente para que um homem vigoroso tenha muito trabalho para levantá-la, o peso do médium diminuiu (em um caso, de 17 kg 500 em outro caso, de 27 kg).

(386) - *Experiments in psychical science*, Londres, Watkins, 1919.

Crawford, procurando uma explicação para esses fenômenos, foi levado a supor (o que é absolutamente conforme ao que resulta de nossas experiências com Eusapia) que uma haste rígida sai do corpo da médium. É por esse processo que os corpos pesados podem ser levantados (psiquicamente). Teria segundo ele, dois processos diferentes segundo o peso dos corpos a levitar. The cantilever method of levitation is made use of for light bodies or when the applied forces are small and the strict method for heavy bodies or when the applied forces are large

(pág. 108). Parece também, que algumas vezes, assim como aliás foi constatado por Ochorowicz e alguns outros, os participantes de um círculo perdem um pouco do seu peso durante as experiências de levitação.

Não foram tomadas fotografias e precauções análogas àquelas de que Eusapia foi objeto, não foram empregadas. Porém Crawford preferiu não esgotar sua médium; viu, com efeito, que o clarão do magnésio a punha num estado de grande perturbação (pág. 147). É impossível censurar a conduta prudente do Senhor Crawford, pois ele pode observar os fenômenos com boa luz vermelha e assegurar-se inúmeras vezes de que não havia contato. All phenomena can be demonstrated with the gratest ease to be genuine to the lawt details. (Veja grau. 19, 20, 21; pág. 561).

Em suma, é preciso conceder um valor decisivo às experiências do Senhor Crawford, as mais belas que foram feitas, depois das de Eusapia e de Home. O professor Barrett que assistiu a uma das sessões, constatou que a mesa se movia sem contato e que havia raps inexplicáveis por causas mecânicas habituais (387).

(387) - Report of psychical phenomene, P. S. P. R., 1919, LXXVII, 335



Fig. 5

Ectoplasma de LINDA GAZZERA (segundo Ch. RICHET e G. DE FONTENAY), Experiência do dia 19 de abril de 1905.

DE FONTENAY à direita, ARGENTINE à esquerda. Eu segurava a mão direita sem uma só interrupção. A mão que aparece muito alto atrás da cortina está ligada por um fio fluídico à cabeça de LINDA. Essa mão é bem formada. Vêm-se a unha e todas as falanges. Experiências feita em minha casa, na biblioteca.

Mais adiante voltaremos a falar sobre a obra de Crawford, que apesar das contestações de que foi objeto, ilumina notavelmente o mecanismo da telecinesia.

O Senhor G. Arnsburg viu uma mesa pesadíssima, de nogueira, com um só pé central, levantar-se do solo (388). "Nossos dedos mantinham-se acima, a uma altura de várias polegadas. Consegui fazer levantar a mesa sem contato, como se levanta uma barra de ferro sob a ação do eletro imantado. A mesa balançava se lentamente no ar durante vários segundos antes de cair com estrondo".

(388) - A. S. P., 1892, II, 352.

Mencionarei agora algumas experiências pessoais (inéditas) feitas com outros três médiuns e que me forneceram ainda excelentes exemplos de telecinesia.

Linda Gazzera, que me foi trazida pelo meu pranteado amigo E. Imoda, estava num quarto, em minha casa, com outras três pessoas. Seguravamos-lhe firmemente as mãos e os pés. A obscuridade era completa. Então um enorme baú (talvez 80 kg) que estava distante dela a uns 25 cm aproximadamente, pôs a oscilar e a estalar e mudou de lugar com tal violência, que fiquei com medo de vê-lo cair; pois estava mal equilibrado. Precisei imediatamente suspender a experiência.

Copio textualmente minhas notas: "Seguro as duas mãos (de L...) a cabeça e os dois joelhos. Então uma mão que parece vir por trás de mim me dá um tapa forte, muito forte. Creio poder distinguir os dedos, e isto se repetiu uma segunda vez. Solidamente seguro a mão esquerda, Imoda segura a direita (que muitas vezes apalpo e controlo também). Então, objetos que estão dentro de um armário situado atrás, são apanhados, um dedal é colocado na ponta do indicador de minha mão esquerda; um estojo é colocado no meu nariz e sinto dedos que me tocam o nariz e o rosto. Na última experiência, a mais nítida e mais brilhante de todas, não estávamos senão eu. a Senhora Ch. R... e a Senhora F... Todo o tempo (sublinhadas nas minhas notas) segurei as duas mãos de L..., de modo que posso, com absoluta certeza, afirmar que ela nada pôde fazer com suas mãos. A cadeira da Senhora F... foi então retirada e transportada para o meio do quarto, depois entregue à Senhora F.. Recebi uma flor que eu havia posto em uma prancha no alto do armário, dificilmente abordável à mão, inabordável à cabeça. Fui tocado por alguma coisa que estava atrás da cortina, sem poder afirmar que era mão".

Resultam daí que as experiências de telecinesia dão bons resultados com Linda. Com ela, o controle é muito mais fácil do que com Eusapia, pois os movimentos das mãos de Linda são quase nulos, não são tumultuosos como os das mãos de Eusapia. Nas primeiras experiências, a mão fluídica que eu sentia era fria e rígida; na quarta experiência, era quente, articulada e maleável.

Com uma médium, A..., observada por J. Maxwell, os movimentos de objetos sem contato, em plena luz, não eram muito freqüentes. Mas como se produziam em dia claro,

mesmo na presença de J. Maxwell sozinho, e sem o habitual cortejo das sessões de espiritismo, podiam ser constatadas em condições de controle excelente, que não deixavam lugar às dúvidas.

O fenômeno que proporcionava A... era desprovido de toda mistificação, tão nítido e tão simples como um fenômeno elementar de física. A... aproximava as mãos de um objeto qualquer tentando atraí-lo, e algumas vezes o objeto mudava-se alguns centímetros. Estando sozinho com A... vi-a atrair e movimentar um leque. Era em pleno sol, num dia de calor excessivo. O movimento não foi intenso; porém o essencial é que houve movimento.

Com A..., os raps eram muito claros: às vezes quando punha as mãos numa mesa, numa bengala, num pedaço de madeira qualquer, ouviam-se crepitações e golpes dados, e sentiam-se vibrações.

Com S. Tomczyk, pude ver muitos bons exemplos de movimentos sem contato. Ela podia fazer mover a distância uma bola leve, perfeitamente redonda, e levantá-la.

Essas experiências, feitas com três médiuns diferentes e entretanto excelentes, teriam talvez sido impotentes para me fazerem tomar uma posição a respeito da realidade dos movimentos sem contato, se eu já não tivesse minha opinião formada, graças às minhas longas experimentações com Eusapia. Os belos fatos de telecinesia apresentados por A..., St... e por Linda, não me surpreenderam em absoluto, e fortemente firmaram a minha convicção.

Estaria mesmo tentado a acreditar que esses fenômenos de telecinesia não são extremamente raros e foram constatados em círculos espíritas muitas vezes, em condições infelizmente pouco precisas. Os espíritas nada publicam

quando os fenômenos não comportam nenhuma consequência doutrinal e que não estão envoltos de um aparelhamento melodramático. Não levam tudo muito em conta e isto é um erro.

Com efeito, a telecinesia é um dos fenômenos mais importantes da metapsíquica. Não se deve desdenhá-lo porque é elementar: assim como um químico não teria o direito de desdenhar das leis da combinação do hidrogênio com o oxigênio, sob pretexto de que é um fenômeno elementar.

Em todo caso, acreditamos ter estabelecido que o fenômeno da telecinesia não é contestável. Por extraordinário que pareça logo de início, é, por todas essas múltiplas experiências relatadas acima, bem estabelecido, tão solidamente estabelecido como o são os fatos sólidos da física e da fisiologia.

Podemos assim formular o princípio da telecinesia: "Em certas condições pode haver movimentos de objetos mesmo volumosos e pesados, sem contato e sem intervenção de nenhuma força mecânica conhecida".

Podem-se tentar diversas explicações. Primeiro, assinalarei uma experiência que infelizmente os físicos ainda quase não estudaram (magnetômetro do Abade Fortin). Se colocar uma pequena lâmina de papel, em forma de uma flecha de bússola, sobre um eixo leve, como uma agulha por exemplo, de modo que a laminazinha de papel, com atrito muito suave, possa girar à volta da agulha, ou, melhor ainda, se suspende essa lâmina de papel a um fio de seda, num cilindro de vidro, então, desde que se aproxime a mão, a laminazinha gira, ora aproximando-se, ora afastando-se da

mão. Esse fenômeno será elétrico? será térmico? Deixo aos físicos o cuidado de o decidir (389).

(389) - SURBLED, *Spiritualisme et spiritisme*, Bibliot. das ciências psíquicas), 2ª edic., 1898 - STENSON HOOKER, *Sur les radiations humaines*, A. S. P., 1906, 315 - J. REGNAULT, *Phénomènes odiques et radiations nouvelles*, A. S. P. 1905, 174 - No jornal de GASTON MERY (*Echo du merveilleux*) numerosos artigos foram consagrados a este estudo, que ainda está muito embrionário, tão incerto como as teorias do corpo astral, dos eflúvios ódicos, da irradiação humana, da magnetização a distância.

É lamentável e surpreendente que os físicos não tenham consentido examinar escrupulosamente esta ilação dita vital sobre o movimento dos objetos (390).

(390) - H. BARADUC imaginou que cada indivíduo possuía um poder especial atrativo ou repulsivo, e sobre esse assunto escreveu um volumoso livro, honesto, leal, mas onde toda crítica científica desastrosamente está ausente. *La force vitale, l'âme humaine. Ses mouvements*, Paris, 8º.

O Senhor Joire pôde construir um aparelho muito simples que ele denomina o estenômetro (391).

(391) - Étude d "une force extériorisée par l'organisme vivant, et observations faites au moyen du sthénomètre (A. S. P., 1904, XIX, 240-253; e 1906, 752).

É uma agulha colocada sobre um eixo, podendo girar livremente sobre ele. O próprio eixo repousa num círculo graduado. Tudo está dentro de um cilindro de vidro hermeticamente fechado e colocado num pedestal (que convém ficar absolutamente horizontal por meio de um nível de água). Se aproximar a mão da agulha, constata-se que ela gira sobre o eixo, deslocasse de um certo angulo sobre o quadrante. O Senhor Joire pôde eliminar toda causa mecânica exterior, o abalo do soalho, uma influência térmica, ou elétrica, ou luminosa. Mesmo assim, havia mudança na agulha.

Infelizmente, em vez de aprofundar ainda mais os elementos físicos do problema, o Senhor Joire investigou as variedades que o estado de saúde ou de enfermidade exerce sobre os desvios do estenômetro. É prematuro. Seria preciso

primeiro estabelecer a fisiologia. A patologia viria depois. É para se desejar que as curiosas experiências, tão confusas, às vezes tão ridículas, nas quais Baraduc depositava uma fé ingênua, sejam metodicamente empreendidas.

Mesmo dando resultado, mesmo sendo provado que uma certa força de atração é exercida pelo corpo, não é de todo certo que existe uma relação entre esta minúscula força de atração (involuntária) e as enormes mudanças de objetos volumosos produzidas à vontade pelos médiuns. Isto é possível, porém as causas do movimento em um caso e no outro são provavelmente muito diferentes.

Pois assim como existe desprendimento de eletricidade pelos combustíveis interorgânicos, o que se pode verificar no galvanômetro nos tecidos da mão, não é nada absurdo supor que existe nisso também um fenômeno elétrico (392). É possível, pois, e mesmo provável, que os fenômenos de movimentos sem contato provocados (pela aproximação da mão) sobre uma estreita e fina folha de papel, ou sobre uma folha de sabugueiro, sejam de ordem elétrica como no pêndulo elétrico de Coulomb.

(392) - WALLER acaba de demonstrar, no Congresso de Fisiologia de Paris. (1920), que todas as emoções da alma se traduzem por uma imediata mudança na condução elétrica pelos tecidos da mão.

Para bem dizer, esta experiência de física nada esclarece sobre os movimentos de uma pesada mesa, de um grande melão, de uma campainha, de um piano, de uma garrafa, pois não são certamente fenômenos elétricos. Ou pelo menos, para ser prudente, se são fenômenos elétricos não têm nenhuma relação com os fenômenos elétricos conhecidos. Se bem que seja imprudente admitir conclusões negativas, não creio em absoluto que a solução desse problema de fisiologia normal resolver, a questão metapsíquica da telecinesia.

Portanto, não se tem o direito de negligenciar esse fato importante de que em plena luz existem movimentos de objetos leves eletrizáveis produzidos por indivíduos que não têm nenhuma virtude mediúnica.

Deixemos os movimentos leves e vamos às grandes mudanças de objetos volumosos, de mesas pesadas, etc...

Estudando-se com cuidado os fenômenos de telecinesia produzidos por Slade, Home, Eusapia, ver-se-á que eles parece estarem em situação paralela às materializações. Os médiuns que dão as mais intensas telecinesias são os que dão as mais brilhantes materializações. Já se pode deduzir que existe alguma relação entre essas duas modalidades de uma potente mediunidade.

Porém, estudando ainda mais a maneira como os objetos se movimentam, se vê que, geralmente, seja com Slade, com Home ou com Eusapia, parece eles serem produzidos por um ser humano e não transpõem o limite das forças de um ser humano mediano. Produzem-se facilmente quando o objeto é leve, mais dificilmente quando é pesado; e quando o objeto é muito pesado não se produzem mais. Dizer que a força que muda os objetos é limitada e que é mais ou menos da ordem da força humana, é adiantar a questão, desde que se trata de uma força de ordem transcendental, diferente das forças mecânicas conhecidas e de outra natureza essencial; não haveria razão para que o peso de uma tonelada não fosse levantado tão facilmente como um peso de um grama.

Com Eusapia têm-se todas as formas de transição entre o movimento produzido por uma mão materializada e o movimento efetuado a distância sem que a mão seja vista. Quando, na semi-obscuridade, se ouve uma pancada formidável, batida na mesa, é quase impossível supor que

não é um soco. No entanto, geralmente, o punho está invisível e na mesma sessão se sentem apalpadelas, ainda que nada se possa ver. Assim também, quando uma garrafa é segura, a água despejada num copo, e o copo levado aos lábios dos assistentes, como compreender esses movimentos de objetos se não foram efetuados por uma mão?

Formulemos então uma hipótese - e diante desses fatos estranhos a hipótese é permitida - a materialização comporta duas fases: uma primeira fase de materialização invisível (apesar da aparência paradoxal da expressão) com ação mecânica, uma segunda fase de materialização visível e com ação mecânica. Então tudo será coerente. E podemos retomar nossa comparação entre a projeção de uma força mecânica e a projeção de uma força luminosa, como indicamos no início deste capítulo.

Pomos a mão diante de um espelho. A imagem da mão aparece. Colocamos (à distância) a mão sobre uma balança. Se a balança desloca-se, é a primeira fase da materialização; a mecanização, e não ainda a visualidade. Como a projeção da mão é mais intensa, esta aparece, primeiro informe, envolta de tecidos. mas pouco a pouco se torna mais mão do que o era de início.

Voltaremos a esta hipótese quando tratarmos das materializações. Mas seja qual for a hipótese, o fato dos movimentos de objetos sem contato é indiscutível e seria pueril negá-lo porque não os compreendemos.

Todavia, se bem que para nós o fato esteja provado, seria consideravelmente desejável que um estudo aprofundado fosse feito novamente, esclarecendo - o que é bastante delicado. visto o estado de alma dos médiuns - todas as outras considerações além daquelas da fria física mecânica.

Infelizmente esses fenômenos, extremamente raros quando são intensos, não são comodamente levados a efeito. Um médium parece necessário. Os resultados variam de um dia para o outro. A obscuridade - pelo menos a penumbra - é indispensável. São condições que tornam a experimentação extremamente difícil.

Apesar dessas dificuldades, as admiráveis experiências de Ochorowicz com Stanislaw Tomczyk, da Senhora Bisson e de Schrenck-Notzing com Marthe Beraud, de Crawford com a Srta. Goligher, confirmam o que havia sido mais ou menos suspeitado com precisão por William Crookes com Home, mesmo por, nós com Eusapia, estabelecendo o fato, de importância primordial, de que os movimentos à distância sem contato, isto é, as telecinesias, constituem a primeira etapa da materialização. Schrenck-Notzing resumiu as provas que podem trazer apoio a esta proposição, em um excelente livro que acaba de aparecer (393). Nesse trabalho, não há mais lugar para a teoria: o que não é mais uma crítica, mas um elogio. Porém os fatos estão acumulados em boa ordem e tão bem dispostos que arrastam à convicção.

(393) - *Psychikalische Phaenomene des Mediumismus*, Munique, E Reinhardt, 1920.

Com relação à simples telecinesia. os exemplos por nós mencionados acima já bastavam. Schrenck ajunta as observações pessoais que fez.

1º - Stanislaw Tomczyk deu-lhe os mesmos belos resultados de telecinesia que teve Ochorowicz. As experiências realizavam-se na própria casa de Schrenck: havia como assistentes o coronel J. Peter. os Drs. Daring, Specht, Francé e às vezes outros sábios. A luz vermelha era suficiente para ver bem os movimentos do médium. A fonte

luminosa estava atrás de suas costas. Os braços estavam nus; as mãos exploradas com a lente.

Nessas condições, uma bola de celulóide, como uma bola de bilhar, foi removida com a simples aproximação das mãos de Stanislawa, uma balança de pesar cartas abaixou-se com pressão de 50 gramas, outra com prato duplo abaixou-se 5 cm; bolas de celulóide colocadas num copo são removidas: uma colher de chá que estava num copo, foi, sem contato, atirada para fora do copo. Todas essas experiências, idênticas àquelas tão claramente indicadas por Ochorowicz, foram repetidas diversas vezes. A hipótese de uma fraude é absolutamente impossível, pois a atenção dos observadores fixava-se nas mãos, que muitas vezes permaneciam imóveis enquanto os objetos se movimentavam.

2º- Eusapia Paladino deu belos casos de telecinesia. Em Munique, na presença do professor Dessoir, muito cético, nenhum contato podia existir entre Eusapia e a cortina, e houve grandes movimentos de diversos objetos colocados atrás da cortina e movimentos da própria cortina. Schrenck menciona também a experiência feita em minha casa em Carqueiranne, de uma bola de bilhar que foi transportada para cima da mesa. Uma lâmpada colocada atrás de um biombo permitia ver bem todos os movimentos da médium. Os pés de Eusapia estavam controlados pelo Dr. Beretta. Oliver Lodge e eu controlávamos o lado direito; a Senhora Sidgwick e Schrenck, o lado esquerdo. Nessa bela experiência, houve transporte de um grande melão; uma caixa de música tocou; uma garrafa cheia de água foi transportada para cima da mesa. Outra vez, ainda em Carqueiranne, Eusapia pôs as mãos no ombro de Ochorowicz; a mesa levantou-se nos quatro pés a 30 cm

durante quatro segundos. Flournoy descreve uma experiência que fez em casa de Schrenck, em Munique, com Eusapia, e diz que uma força invisível mantinha a mesa no ar e a fazia oscilar, sem que fosse tocada seja pelas mãos, seja pelos pés de Eusapia.

3° - A Senhora K... mulher de um pintor, médium não profissional, põe levemente a mão sobre um piano com o peso de 650 kg; o piano descoloca-se, e um pé levantou-se a 15 cm. No entanto a Senhora K... não tocava o piano, nem com os pés nem com os joelhos; a luz era suficiente para ver bem. A Senhora K... levemente tocava a tampa desse objeto pesado. A tampa do piano abaixou-se e fechou-se com ruído.

4° - Willy S..., um jovem estudante de 16 anos, médium não profissional, deu também numerosos casos de telecinesia; e quase sempre essas telecinesias eram produzidas por ectoplasmias. Schrenck acaba de dar admiráveis relatos a esse respeito.

Se mencionei esses casos de telecinesia, tão bem expostos por Schrenck, não é porque em si constituam outra coisa do que uma nova afirmação - o que nunca é inútil - da realidade da telecinesia. Mas é sobretudo porque desejei precisar, como o fez também Schrenck, a relação entre a telecinesia e a ectoplasmia.

Em minhas experiências com Eusapia, desde 1895, constatei que havia, ao mesmo tempo em que com o movimento telecinésico dos objetos, formação de cotos informes, apenas visíveis, constituindo membros adventícios por assim dizer, como! eflorescências, para as quais eu havia proposto a palavra ectoplasmia, que hoje é adotada por todos. Os casos são numerosos nos quais foram vistos como que hastes rígidas, resistentes, sair do corpo de Eusapia.

Inúmeras vezes aconteceu-me, enquanto os pés e as mãos dela estavam seguros de maneira irrepreensível, sentir, aproximando a mão de seu vestido, como que um objeto resistente e móvel, informe. H. Sidgwick fez a mesma constatação: assim também Dessoir e Sir Oliver Lodge. E no entanto esses observadores eram de um ceticismo incrível, quase resolvidos a contestar os fenômenos. Os experimentadores americanos da Columbia University, talvez mais céticos ainda do que Dessoir e H. Sidgwick, dizem que em três circunstâncias observaram projeções bizarras parecendo partir do corpo de Eusapia (num desses casos, do meio de suas costas), que de novo entravam no corpo. Esses pseudópodes ectoplásmicos eram envoltos pela cortina, de maneira que não se podia julgar sua forma. Uma vez uma haste parecendo ter 0,33 de comprimento, saiu do pé de Eusapia, aproximou-se da mesa, tocou na parte superior e virou os objetos que aí se encontravam. A uma conclusão análoga chegaram os membros do Instituto Psicológico de Paris Courtier, D'Arsonval, Yourjewitch.

Por conseguinte, simultaneamente com as telecinesias, existem ectoplasmias, formação de membros rudimentares, de hastes, de forças materiais mais ou menos visíveis, saindo do corpo da médium.

As belas observações de Ochorowicz dão uma importante confirmação a esses fatos.

Com efeito, ele pôde ver e fotografar uma espécie de fio fluídico pelo qual se davam as telecinesias de Stanislawa. Essas forças, que ele denomina raios rígidos, podem curvar-se, deslocar-se para obter (segundo a vontade do médium?) tal ou qual efeito mecânico. Esse fio fluídico não é sempre visível e fotografável. Mas é bem provável que numa

primeira fase de sua formação, seja invisível, e no entanto capaz de mover os objetos.

Esses raios rígidos parecem sair das mãos ou das unhas de Stanislawa. Na vizinhança de sua mão, eles tem a aparência de um feixe. Pode-se compará-los a um fio comum (um cabelo, um fio de algodão, de linho); pois em seu percurso têm aumento de volume semelhante às ondas de uma corda quando vibra, que apresenta aumento de volume, nodosidades de distâncias em distâncias. Sua imagem fotográfica é sem continuidade. E isto é um fenômeno de extrema importância, pois exclui absolutamente a hipótese, muito absurda nesses casos tão bem observados, de uma fraude.

Para mover um objeto redondo (ou uma bola de celulóide, por exemplo) como se um só fio não bastasse, forma-se diversos, quase todo um sistema de filamento em forma de rede, que envolve o objeto a ser movimentado (Schrenck).

Schrenck-Notzing pôde conseguir prancha V, veja pág. 547) um aumento desse fio fluídico fotografado. Ele está inclinado a acreditar que existe um feixe de fios, enquanto para Ochorowicz é antes por uma espécie de adesão ao objeto que o fio fluídico é capaz de exercer uma ação mecânica.

As observações de Schrenck feitas com Willy estão sempre de acordo com o que nos foi dado por Stanislawa e Eusapia.

Com um controle rigoroso, estando Willy vestido com uma veste de malha amarrada atrás nas costas, conforme Schrenck relatou, os fenômenos que produziu foram completamente análogos aos apresentados de um lado por

Marthe Beraud, de outro lado por Eusapia. Uma mão fazia-se sentir a todos os assistentes e mudava os objetos vizinhos, se bem que as mãos de Willy estivessem cuidadosamente controladas e o contato podia ser sentido antes de se tornar visível. Esta mão tinha todas as aparências de uma mão viva. Parecia fria e úmida, pele um pouco enrugada, manifestamente bem maior do que a mão de Willy. Algumas vezes os dedos estavam em forma de cotos. Num determinado caso fizeram subitamente a luz. Então um tecido branco que se formara à volta do pescoço do médium desapareceu rapidamente fazendo movimentos de rastejamento como um verme, na malha preta de que Willy estava vestido. O cuidado com o qual o médium fora examinado torna absolutamente, impossível a hipótese de que os tecidos haviam sido fraudulentamente trazidos à casa de Schrenck. Entretanto, esses tecidos ectoplásmicos tinham a singular propriedade de se mover espontaneamente (!!). Num certo caso pôde-se colocar um fragmento desses tecidos num tubo: moveu-se durante algum tempo, depois desapareceu subitamente. (Am 10 janvier 1920, haste Kap. Keinen Teil der Substanz bereits in Binem Rohrchen aufgefangem. Dassembe bewegte sich innerhalb des Gkases lebhaft und verschwand blitzartig schnell, als der Beobachter die Rohre zu schliessen versuchte).

As experiências de Crawford, se bem que sejam de uma leitura difícil, mostram, melhor do que tudo que fora escrito até aqui, a estreita relação que une a telecinesia e a ectoplasmia. Todas essas experiências foram feitas com a Srta. Kathleen Goligher, uma jovem de 21 anos, não profissional. A luz era a de um bico de gás envolto em papel

vermelho, suficiente para seguir todos os movimentos dos assistentes.

Desde o início da sessão ouvem-se rages, primeiro leves, depois violentos como pancadas de martelo, algumas vezes ritmados. Em certos casos a mesa levantou-se a uma altura de 1,02 acima do solo. Sem ser tocada por quem quer que fosse, oscilou no espaço e balançou-se.

O que há de novo nas experiências de Crawford é que ele colocou sua médium numa balança e via as variações do peso em função da levitação produzida. O peso da Srta. Goligher com sua cadeira era antes da levitação de 62 kl. Durante a levitação o peso foi aumentado de 1,386. Ora o peso da mesa levantada era de 1,200.

Com mesas diferentes, mais pesadas, o resultado foi o mesmo. Sempre, durante a levitação, o peso do médium aumenta e de uma quantidade igual ao peso da mesa.

"Tudo se passa", diz Crawford, "como se fosse estabelecida uma conexão mecânica (invisível?) entre a médium e a mesa"; e é impossível não relacionar essas importantes observações ao que foi constatado com Home, Eusapia e Stanislaw Tomczyk.

A matéria que produz essas telecinesias é uma espécie de alavanca, de vareta (cantilever) que sai do corpo do médium e entra novamente, assim como uma expansão amebiana. Pode-se curvar, inclinar-se, dirigir-se a tal ou qual sentido. Não pode agir além de uma distância de 1m 60. Pode mudar de consistência, pegar objetos, tornar-se bastante dura para dar pancadas violentas. Suas dimensões são variáveis. Se envolve o corpo do médium de vestes, a haste ectoplásmica pode atravessar essas vestes, sobretudo se o tecido está junto ao corpo, pois, a uma certa distância, as telas, tecidos,

papéis, impedem a força de agir. A sua extremidade tem uma certa força adesiva, como se colasse aos objetos que devem ser levantados. O ectoplasma tem uma estrutura que não pode ser determinada. Se bem que certamente sai do corpo da médium, nenhuma pressão é sentida, nenhuma impressão é provada.

E impossível exagerar a importância desses fatos extraordinários, metodicamente observados, com medidas precisas e um espírito científico rigoroso. A realidade dos ectoplasmas, após as experiências feitas com Eusapia, Marthe Beraud, Stanislaw Tomczyk, está agora demonstrada pelas experiências de Crawford, e pelas de Willy (394) de Schrenck-Notzing que produziu ainda fotografias excelentes. A teoria do ectoplasma causa da telecinesia é provavelmente exata; mas em todo caso, para os fatos, a demonstração é irrefutável e pode arrastar as convicções.

(394) - Ver sobretudo um escrito póstumo de CRAWFORD: *The psychic structures of the Goligher Circle* (J. Watkins, Londres, 1921), e o memorial de SCHERENCK a esse respeito, *Das Materialisations probleme* (Psychi, Studien, maio de 1921).

De fato, não é possível separar os resultados dados por diferentes médiuns. Cada um tem sua modalidade pessoal e a conclusão científica que se deve tirar resulta do conjunto das observações tomadas aqui e ali.

As experiências de Crawford foram revogadas em dúvida pelo Senhor Fournier D'Albe, que em 1922 publicou um memorial importante (395), no qual tenta provar que toda a família Goligher era uma família de impostores, e que a fraude era evidente.

(395) - *The Goligher Circle*, Watkins, Londres, 1922 - Ver também R. SUDRE, *L'oeuvre de Crawford* (Rev. Métaps, 1922, n° 5, 301309).

Sem que seja possível discutir a fundo essa hipótese da fraude, parece-me, provisoriamente, difícil admitir que um técnico, engenheiro hábil como Crawford, não tenha descoberto, em três anos de estudos, a fraude infantil, simples, elementar, grosseira, que consiste em levantar a mesa, esticando a perna!

Que K. Goligher não possa mais hoje produzir fenômenos, isso é muito possível. Mas isto não prova que ela não tenha dado a Crawford, durante três anos, senão fenômenos fraudulentos. "Se alguma coisa, diz Schrenck-Notzing, pudesse reforçar minha certeza sobre a correção das investigações de Crawford, seria o livro do Senhor Fournier D'Albe".

Em definitivo, parece, atualmente, mais ou menos estabelecido que os movimentos de objetos sem contato devem explicar-se por expansões fluídicas, de início invisíveis, que saem do corpo do médium. Esses ectoplasmas que saem do corpo de Marthe, de Eusapia, de Willy, de Stanislawa, de Kathleen Goligher, são sem dúvida muito análogos aos fantasmas que saíam do corpo de Florence Cook, de Home, de Eglinton, da Senhora D'Esperance. "A telecinesia é a primeira fase da materialização".

O esforço dos sábios deve conduzir-nos agora ao conhecimento desta matéria estranha e sutil, capaz de movimentos intencionais, tão bem como extraordinárias transformações. É todo um mundo novo, profundamente misterioso ainda, que a metapsíquica abre à fisiologia e à física.

Mais adiante, quando falarmos das materializações ectoplásmicas, entraremos ainda em alguns detalhes.

C - DOS RUÍDOS E DOS RAPES

Em geral, essas mudanças de objetos não testemunham nenhuma inteligência. Parece que todo o esforço da força que age, consiste em uma ação mecânica tão intensa, tão espantosa quanto possível. Mas é diferente para os ruídos leves produzidos nas mesas ou objetos vizinhos, ruído que foram ouvidos pela primeira vez pelas irmãs Fox e que foram o ponto de partida de toda a metapsíquica. Esses ruídos, determinados nas mesas ou nos objetos por forças inteligentes, foram denominados na língua inglesa por raps, e é essa palavra, consagrada pelo uso, que empregaremos.

Eis em que consiste esse fenômeno simples e importante.

Quando se está sentado à volta de uma mesa, com um médium poderoso, ao mesmo tempo em que se dão movimentos na mesa, há estremecimentos da madeira da mesa, traduzindo-se por pancadas que, percebe-se bem, são na maioria das vezes fracas, mas às vezes muito fortes para serem ouvidas a grande distância. Para não admitir o poder telecinésico que culmina com a produção de raps, formularam-se numerosas hipóteses extravagantes, de que nada mais resta. O Senhor Schiff havia admitido uma mudança do longo perônio lateral, o que é possível no caso absolutamente excepcional do próprio Senhor Schiff. Porém seria insensato acreditar na generalidade desse fenômeno. A Senhora Sidgwick (396) diz que anormalmente se podem produzir estalos no joelho. Mas é ainda uma raríssima exceção.

(396) - *The physical phenomena of spiritualisms*, P. S. P. R., XIII, 145.

Entretanto, é evidente que se o médium pode tocar a mesa (com a cabeça, as mãos ou os pés) poderá fazer ouvir todos os rapes que desejar. Mas será pois impossível assegurar que o médium está imóvel quando não toca na mesa?

Os rapes produzem-se quando se toca na mesa; mas, em certos casos raríssimos, produzem-se sem que haja contato. E está aí um belo fenômeno essencial, muito essencial, que se deveria estudar com mais cuidado do que o fazem os espíritas, cegos por seu desejo de obter miríficos e fantasmagóricos fenômenos. Portanto, o fenômeno dos rapes constitui, quando é incontestável a prova brilhante de que existem forças agindo mecanicamente sobre as cousas, e independente de nossas contrações musculares. Para mim, considero-o, apesar de sua simplicidade, ou antes por causa de sua simplicidade, como o mais belo fenômeno da metapsíquica.

Na maioria das vezes, é verdade, os rapes produzem-se quando o médium toca a mesa e então se podem invocar causas diversas. Mas não se deve esquecer que, ao mesmo tempo em que se ouve um ruído, "a mesa vibra, e sente-se distintamente o estremecimento da madeira". Quando se aplica o ouvido sobre a mesa, ouve-se, se os assistentes fazem silêncio, pancadas repetidas, muito fracas, como um tamborilar às vezes. Pode-se mesmo, em certos casos, provocar ruídos ritmados como uma marcha, uma fanfarra, e no entanto a mão do médium está imóvel e, em certos casos, o médium não se põe de modo algum em contato com a mesa.

J. Maxwell, que teve a feliz sorte de poder observar um médium que produzia rapes em plena luz, fez um estudo

muito atento (pág. 67). "Tive-os tão freqüentemente, com a mais viva claridade, que pergunto a mim mesmo se a obscuridade os favorece do mesmo modo que em certos outros fenômenos. O contato das mãos (com a mesa) entretanto não é necessário para obter rapes. Obtive muito facilmente sem contato. Quando se consegue obter rapes com contato, um dos meios mais seguros para os obter a seguir sem contato é conservar um certo tempo às mãos apoiadas sobre a mesa, depois levantá-las com extrema lentidão, mantendo a palma virada para o prato da mesa..." Maxwell obteve rapes retumbantes em salas de restaurantes, em bufetes de estradas de ferro, muito fortes para chamar a atenção do público... "Numa casa em que o homem de gênio, que a habitava, a tornou célebre, os rapes chamaram a atenção desconfiada do guarda. A tonalidade dos rapes é essencialmente variável; podem assemelhar-se ao ruído leve que faz um rato, ao ruído de uma serra, ao das unhas batendo na madeira ou arranhando um tecido". Cada uma das personificações que pretendem intervir tem seu modo especial na produção de rapes.

Os rapes não podem ser devidos a estalos ocasionados pela umidade da madeira que toca, pois são inteligentes. Isto é que é singular e admirável. Uma mesa que não se toca é por tanto às vezes animada de vibrações sonoras que não se produzem por acaso, mas ao contrário querem dizer qualquer coisa. Também se pode entreter uma sorte de conversação com a força inteligente que se manifesta na mesa por vibrações mais ou menos sonoras. Se soletra um alfabeto, o rapes se produzirá com tal ou qual letra, e a sucessão dessas letras dão uma palavra com sentido. É uma frase que quer dizer alguma coisa. No momento, pouco nos importa saber o

que é dito, basta constatar: 1º - que as pancadas não são devidas a uma contração muscular ou a qualquer outro movimento do médium, pois que este não toca na mesa ou está absolutamente imóvel; 2º - que as pancadas provam a existência de uma inteligência que quer dizer alguma coisa.

O Senhor W. J. Crawford em seu livro (397) assim se exprime a propósito dos raps obtidos pela Srta. Kathleen Goligher... "Ouvem-se imediatamente, desde que a sessão tenha começado, ruídos, tap, tap, tap, sobre o soalho, perto do médium. Tornam-se cada vez mais fortes, na mesa, na cadeira dos assistentes; algumas vezes, os sons são como pancadas de martelo tão fortes que se ouvem do lado de fora e estremecem o soalho e as cadeiras. Podem imitar admiravelmente ruídos diversos: o passo de um homem, o trote de um cavalo, o esfregar de um fósforo, uma bola que pula..."

(397) - *Experimenta in psychical science*, Londres, Atkins, 1919.

Também são muito notáveis e nos levam a convicção os fatos anotados por J. Hyslop, que não é suspeito de amor para a metapsíquica objetiva (398). Com Hyslop, o Dr. Creery fez as mesmas verificações. Trata-se de um negro velho, cego, ignorante, que pondo as mãos numa mesa, num violino, numa porta, obtinha raps muito fortes. A mão não fazia o menor movimento. Mais ainda: havia raps quando a mão não tocava em nada e estavam em plena luz. As pancadas eram tão fortes que se ouviam a cinco ou seis pés de distância. Hyslop conclui dizendo: "We had fair evidence for the existence of raps under unusual circumstances. Com o mesmo assunto, o Senhor Crawford teve resultados ainda melhores.

(398) - *An experiment for raps Amer. S.P.R. Journal*, XIX, 252-257, 1920.

A realidade dos raps é de uma importância primordial e esse fenômeno contém quase que toda a metapsíquica. Se está estabelecido que vibrações mecânicas da matéria podem produzir-se a distância, sem contato, e por outro lado que essas vibrações são inteligentes, introduziu-se na ciência esta dádiva formidável de que no mundo existem inteligências (humanas e não humanas) capazes de agir sobre a matéria. Eis por que, repito-o, se erra em não dar mais atenção ao estudo dos raps.

Ainda mais por eles não constituírem um fenômeno excepcional. Certamente, para obter pancadas muito fortes, sem contato, tendo um sentido preciso, precisa-se de médiuns poderosos. Porém mesmo com médiuns relativamente fracos e pouco exercitados, se toca de leve a mesa e se ausculta com cuidado a mesa, colando o ouvido na madeira, muitas vezes se ouvem pequenas pancadas, ritmadas ou não, infelizmente não tendo grande sentido, isto é, não formando frases coerentes, nem mesmo palavras quando se soletra o alfabeto, assim mesmo suficientes para estabelecer o fato das vibrações mecânicas da madeira. Com médiuns bem diversos, obtive essas vibrações, com meu amigo G. F..., com Stella, com A..., com L... Com Eusapia, os raps não eram muito freqüentes, mas às vezes (raramente), se percebia que eram muito fortes e estremeciam a mesa. Com A... não somente havia pancadas em uma mesa, mas em todo objeto que ela pegasse. É verdade que na maioria das vezes esses raps não eram coerentes. Era um tamborilar irregular, desordenado, interditando toda conversação seguida. Para que haja pelos raps respostas coerentes, os médiuns devem ser excepcionalmente poderosos.

Com os médiuns fracos, algumas vezes todos os fenômenos limitam-se a pancadas. Se ignora que esses golpes estão ligados à presença do médium, fica-se tentado a acreditar que se trata de uma casa assombrada. O Senhor Hyalmer Wijk, de Gotemburgo, na Suécia, estudou com cuidado um caso desse gênero. A Senhora N. Karin, histérica, porém, de uma inteligência muito cultivada, durante muito tempo, perto de três meses, ouviu golpes retumbantes na casa em que residia. O Dr. Brière e Wijk também os ouviram. Depois tudo isso cessou (399).

(399) - *Etude expérimentale sur les phénomènes de frapement spontané*, A. S. P., 1905, XV, 517-551.

J. Hyslop (400) experimentando com Anna Burton, ouviu raps, e inclina-se a acreditar que são supranormais, porque se produzem de uma maneira muito variada e sucedem-se em regiões muito diferentes, ora espontaneamente, ora a pedido dos experimentadores. Em um caso os raps foram ouvidos a 2 m de distância, quando a Srta. Burton não fazia nenhum movimento com as mãos nem com os pés. A única hipótese possível (outra que não a do raps de origem telecinésica) é que haja uma ilusão sensorial produzida nos assistentes, ilusão coletiva, terrivelmente inverossímil (401).

(400) - HELENE DE C. VERRALL, *The case of Anna Burton*, Journ. S. P. R., XV, 1912, 141.

(401) - *The Burton Case*, por J. HYSLOP, Journ. S. P. R., XV, 1912, 190.

O seguinte caso é muito extraordinário e não entra no quadro dos fatos conhecidos, o que autoriza a incerteza. A Senhora Davies recebe uma carta, vinda da Índia, que a encarregam de entregar à Senhora W... A carta é colocada sobre uma lareira. Algum tempo depois, a Senhora Davies ouve pancadas claras e estridentes partindo da lareira. Pensa então em pôr a carta em outro lugar, sobre um móvel. As

pancadas se fazem ouvir sobre o móvel. Então chega o pai da Senhora Davies, que constata o mesmo fenômeno. Logo, a Senhora Davies e seu pai asseguram-se de que as pancadas provém da carta, ou pelo menos de tão perto da carta que pareciam vir de seu interior. Esta carta anunciava a morte do marido da Senhora W...(402).

(402) - S. P. R., 1907, XVII, 726.

Sir William Barrett (403) observou um caso de rapses, que leva todo leitor atento a absoluta convicção. Uma menina de 10 anos. Florrie C..., filha de distinto advogado da Irlanda, tendo, por diversas vezes, produzido rapses, foi experimentada por W. Barrett. Em alguns casos, os ruídos e as vibrações da madeira produziam-se à distância, em mesas que estavam afastadas de Florrie. Após várias semanas de investigações diversas, W. Barrett convenceu-se de que precisava abandonar toda suposição de uma fraude ou de uma ilusão, ou de uma observação defeituosa. Entretanto, esses rapses eram inteligentes, porém a inteligência era infantil. Florrie teve também telecinesias muito potentes; uma mesa da sala de jantar (para doze pessoas) foi, quase que sem contato, levantada nos três pés a uma altura notável.

(403) - *On the Threshold of the unseen*, 3ª edic., Londres, Kean Paul, 1920.

Também em boas condições, com a Srta. L..., W. Barrett teve rapses e movimentos muito extensos da mesa, sem que ninguém a tocasse. Um dia a mesa, sem ser tocada, perseguiu, por assim dizer, W. Barrett, aprisionando-o em sua cadeira. Em casa de W. Barrett os mesmos fenômenos reproduziram-se com igual intensidade.

A opinião de Fr. Myers sobre os rapses têm grande valor. Eis o que ele diz a respeito (404)

(404) - *Human Personality*, II, 454.

"Os espíritas dizem que se trata de um fenômeno muito comum. Da minha parte posso dizer que, tendo tomado parte em várias centenas de sessões, estando sempre pronto a anotar o fato dos raps, freqüentemente os ouvi na presença de médiuns pagos. Freqüentemente ouvi, quando experimentava com amigos, estalos na mesa, porém foi somente com quatro ou cinco médiuns profissionais e dignos de toda confiança que ouvi raps incontestáveis, respondendo às perguntas o bastante para me dar à convicção de que existe uma força desconhecida para os produzir."

Posso absolutamente confirmar a opinião de Myers. Os estalos não inteligentes são freqüentes; os raps inteligentes são extremamente raros. Mas trata-se de saber se o fenômeno, se bem que excepcional, é real. Ora não se pode duvidar de sua realidade.

Parece-me evidente que, se deseja fazer progresso na ciência metapsíquica, não será pela busca de fenômenos extraordinários que dão asas à imaginação, mas pelo mais modesto e menos perturbador estudo das vibrações, inteligentes ou não, de uma mesa que é apenas tocada, ou melhor, que não é tocada pelo médium.

Bastaria adaptar à prancheta um microfone moderadamente sensível e capaz de dar uma inscrição gráfica. Mas, infelizmente, nem os experimentadores, nem sobretudo os médiuns, gostam dessas experiências árduas, técnicas. Os espíritas, que, nas suas sessões, muitas vezes viram belíssimos fenômenos, preocupam-se mais em fazer falar os mortos com grandes frases enfáticas e estéreis, do que registrar os abalos de uma tabuinha de madeira, em condições de irrepreensível precisão.

D - DA ESCRITA DIRETA

Dentre as diversas espécies de movimentos de objeto sem contato, é preciso darmos lugar à parte a um grupo de fenômenos tão raros, como o da escrita direta, de que nos é permitido duvidar.

Eis em que consiste a escrita direta. Esse fenômeno não tem nenhuma relação com a escrita automática.

Na escrita automática o médium, escritor inconsciente, escreve toda uma série de frases (mensagens) enchendo febrilmente diversas páginas; mas é sua mão que segura a caneta ou o lápis e é inútil supor que uma inteligência estranha e uma força supra humana intervenham, pois que ele escreve, como vós e eu, movendo com os músculos de sua mão o lápis ou a caneta. Mas, na escrita direta, é outra cousa. Um pedaço de lápis é colocado em uma lousa fechada, e, após alguns minutos, a lousa fechada, que não tinha nenhuma escrita, contém uma mensagem, uma resposta por exemplo à pergunta que foi feita. E no entanto as mãos do médium foram vistas e não houve obscuridade senão na caixa onde o lápis estava fechado com a lousa.

Citamos mais acima um dos mais belos casos de escrita direta observado por Crookes com Home.

Porém é prodigiosamente excepcional que se possam ver os movimentos espontâneos do lápis não tocado. O caso de Home é quase que único. Na maioria das vezes, a experiência, como no caso de Slade e de Eglinton, faz-se por um outro método. Sobre uma lousa fechada entre duas

pranchetas, põe-se um pequeno fragmento de lápis ou de giz. Toda a aparelhagem esta segura na mão e colocada sob a mesa. Ouve-se um barulhinho, depois se abre a caixa onde está a lousa e verifica-se que o lápis foi usado e que há escrita na lousa.

Se não se perdeu de vista a lousa, se foi observador bastante hábil para que uma prestidigitação não se possa dar. a experiência é bela e decisiva. Mas espantosas falcatruas são possíveis.

Em um memorial muito interessante, o Senhor Davey relata a história de uma sessão na qual, deliberadamente, por diversos processos fraudulentos, se produzira o fenômeno da escrita direta na lousa. Ele não prevenira os assistentes que não havia senão truques por ele dispostos. E então, os assistentes, com toda sinceridade ingênua, assinaram uma ata da sessão atestando a autenticidade do fenômeno. Ora, o Senhor Davey não teve trabalho em provar que inúmeras vezes houve descuido na vigilância e observação imperfeita.

Pode-se afirmar que, sem exceção, todos os casos de escrita direta apresentados por Slade ou Eglinton foram fraudulentos. Mesmo assim, as observações do Senhor Davey impõe-nos uma grande reserva nas nossas conclusões.

Que seja necessário ter a maior desconfiança nas experiências de escrita direta em lousas (Slade writing), isto ressalta com toda a evidência dos truques ou tricks hábeis que imaginam os prestidigitadores americanos. O Senhor David Abbott descreveu-os detalhadamente (405). Se deixa o médium (geralmente um médium pago) fornecer suas próprias lousas, algumas parecendo intactas, ou simplesmente se lhe permitem segurar ou mesmo tocar nas que trouxe, está-se perdido; com hábeis substituições tudo se

torna possível. Ora, a constatação absoluta, irrepreensível, de que o médium não tocou na lousa, é bem difícil, pois basta um momento de desatenção - e quem é capaz de manter uma atenção impecável e persistente? - para que certas substituições sejam feitas. De fato, "se traz sua lousa, e se o suposto médium não a toca em nenhum momento", como o reconhece o próprio Senhor Abbott, não há trapaça possível. Mas em que experiências isto foi realizado?

(405) - *Spirite Slade writing and Billet Tests*, Amer. P. S. P. R., I, 1907. 148-160, 244-254, 413-427, 513-522.

O intenso poder mediúnico de W. Stainton Moses algumas vezes manifestou-se pela escrita direta (406). O Senhor e a Senhora Speer, que assistiam S. M... na maioria de suas experiências, tendo fechado a porta de um quarto, e colocado nesse quarto papel branco e um lápis, enquanto S. M..., em estado de transe, estava num outro andar, voltaram depois de meia hora ao quarto fechado e encontraram a escrita que estava no papel.

(406) - Fr. MYERS, *The experiences of W. Stainton Moses*, P. S. P. R., 1894, OX, 265-275.

Em outra experiência (407) houve algumas cartas escritas numa folha de papel branco colocado na mesa. Nesse dia, o guia de S. Moses, irritado por se querer associar alguém ao círculo muito restrito que assistia às experiências, bateu com tal força, que tivemos a sensação, diz o Senhor Moses, que teria podido quebrar nossas cabeças, se quisesse (*uncomfortable notion*, acrescenta ele). Por diversas vezes, nos dias seguintes, apareceram diversas linhas de escrita no papel branco posto sob a mesa, enquanto o Senhor e a Senhora Speer seguravam as mãos do Senhor Moses (págs. 302, 303, 304).

(407) - *Loc. cit.*, 347.

Eis como o Senhor Charlton Speer resume essas diversas experiências:

"Muitas vezes tivemos a escrita direta, algumas vezes sobre uma folha de papel colocada no meio da mesa e posta a igual distância de todos os assistentes; algumas vezes um de nós punha o nome sobre uma folha de papel branco previamente marcada com um sinal e em geral encontrávamos, no fim da sessão, que uma mensagem fora escrita. Colocávamos ora um lápis, ora a mina de chumbo junto do papel, e o resultado era o mesmo. Habitualmente a mensagem era constituída de respostas às nossas perguntas. Algumas vezes eram curtas comunicações independentes das próprias perguntas, às vezes também palavras de simpatia".

Encontrar-se-á em revistas espíritas um grande número de casos de escrita direta; mas é permitido, sobretudo quando se trata de experiências feitas com um médium profissional, dada a relativa facilidade da fraude, estabelecer algumas dúvidas. (408)

(408) - No entanto, menciono-as com todas as necessárias reservas. - DELANNE, *Recherches sur la médiumité*, Paris, Livr. das Ciências Psíquicas. 1902 - AKSAKOFF, *Animisme et spiritisme*, pg. 438-355. STAINTON MOSES (Oxon), *Psychography* - GULDENSTUBBÉ, *La réalité et le phénomène merveilleux de leur écriture directe*.

O Senhor de Guldenstubbé, no dia 13 de agosto de 1856, tendo sua irmã como médium, pôs papel branco com um lápis em uma caixa, e no fim de uma meia hora viu caracteres escritos no papel. Repetiu com sucesso essa experiência mais de dez vezes.

Mais tarde, pôde ver formarem-se caracteres no papel dentro da caixa deixada aberta. O conde de Ourche, que assistia a algumas dessas experiências, não pôde confirmá-las.

O general de Brewern e o marquês de Planty também assistiram ao mesmo fenômeno da escrita direta, obtido sobre resmas de papel todas novas, lacradas pelo negociante.

As palavras escritas eram em grego, assinadas por Platão; em latim, assinadas por Cícero. Não vamos imaginar que Platão e Cícero vieram: o interesse da experiência não está aí, mas na formação da escrita direta. A irmã do Senhor Guldenstubbé era a médium; entretanto não sabia latim nem grego.

Menciono esses fatos apenas como registro.

Eis uma experiência que pude fazer com Eusapia. Esta experiência não pude repeti-la, porém foi extraordinariamente nítida.

Na ilha Ribaut, uma noite, na presença de Ochorowicz, de Fr. Myers e de Sir Oliver Lodge, Eusapia apresentou o seguinte fenômeno e creio que ninguém poderá contestar a competência dos observadores.

Eusapia segura a minha mão direita e pega-lhe no indicador, de modo que este ultrapassa consideravelmente sua mãozinha. Então, passeio meu indicador sobre papel branco e a marca de meu dedo aparece, como se houvesse escrita com um lápis azul. Com sua mão esquerda levantada muito alto no ar, Eusapia segurava um lápis azul, que apertava convulsivamente. O fenômeno passava-se à luz de uma vela que estava quase que em contato com o papel, tão perto dele estava. Vejo ainda Fr. Myers com sua luneta, debruçado sobre o papel e olhando atentamente, escrupulosamente o fenômeno. Quatro a cinco vezes, sobre folhas de papel branco (envelopes brancos), produziu-se o mesmo fenômeno. Estou absolutamente seguro de que a mão de Eusapia não tocava o papel, que não era tocado senão

pelo meu indicador, o qual não tinha o menor sinal de azul. Durante perto de dez minutos, sempre à claridade de uma vela, a experiência repetiu-se, tanto sobre papel, como sobre o plastrão branco de nossas camisas. "Não tenho a mais leve dúvida sobre a realidade do fenômeno, assim caracterizado: 1 ° - o papel era branco; 2° - Eusapia não pôde tocá-lo; 3° - a marca azul desenvolvia-se sob meus olhos; 4° - estava a menos de 40 cms de uma vela acesa; 5°- Myers, Ochorowicz e Lodge controlavam minha observação.

A. de Rochas, com Eusapia, constatou um fato análogo (409), que A. de Gramont me confirmou de viva voz.

(409) - *L'extériorisation de la motricité*, pg, 140 e 162.

Em muitas experiências de escrita direta, existem, ao mesmo tempo em que a própria escrita, fenômenos de criptestesia (como entretanto nas experiências do Senhor Guldenstubbé). Mas é necessário desassociar os dois fenômenos, ainda que na realidade das coisas sejam associados.

Eis uma das experiências feitas por P. Gibier, fisiologista experimentado e observador atento (410).

(410) - *Le spiritisme*, paris, Doin, 1887.

"Vimos, diz ele, mais de cem vezes, caracteres, desenhos, linhas, e mesmo frases inteiras, produzirem-se com a ajuda de uma pequena tecla sobre lousas que Slade pegava, e mesmo entre duas lousas com as quais ele não tinha nenhum contato", lousas que nos pertenciam, que nós mesmos havíamos comprado numa papelaria qualquer de Paris e marcado com nossa assinatura. Quando a escrita se produzia numa só lousa, era em geral sob o ângulo da mesa perto da qual nos achávamos. Não perdíamos de vista nem a lousa, nem os dedos de Slade, e às vezes nós mesmos colocávamos o lápis na lousa, mas nunca pudemos ver esse

último movimento. A lousa ondulava levemente como sob a pressão de escritor invisível".

"Eis uma das experiências que P. Gibier encara como talvez a melhor (411).

(411) - *Religion-philosophical Journal*, 2 de fevereiro de 1892.

“Eu havia trazido diversas lousas, duas dentre elas embrulhadas em papel, amarradas juntas, lacradas e atarraxadas”.

"...Propus então ter uma resposta sobre duas lousas novas que trouxera em minha pasta... Obtive a licença, após haver colocado a pequena tecla tradicional entre elas duas, de me sentar em cima delas. Assim tendo-as colocado na minha cadeira, sentei-me em cima e não as abandonei, tendo-as presa sempre, porque todo o peso do meu corpo estava sobre elas. Coloquei então minhas mãos na mesa com as de Slade, e senti e ouvi muito nitidamente que a escrita se traçava na lousa com a qual eu estava em contato... Quando terminou, eu mesmo retirei minhas duas lousas e li as palavras seguintes,, mal escritas. mas enfim escritas elegíveis: "As lousas são difíceis de influenciar; faremos o que pudermos". Slade não havia tocado nessas lousas".

O Senhor Moutonnier indicou uma escrita que a Senhora Bangs, de Chicago, lhe deu, a qual é manifestamente fraudulenta.

Elliot Cowes e E. Coleman, experimentando com a Senhora Francis, de São Francisco, como médium, "viram o movimento (telecinésico) do lápis sobre a lousa". Em alguns casos a lousa foi posta, parcialmente na mesa, mas somente coberta por um lenço e assim foi escrita toda uma frase. Quando a Senhora Francis pegou, diante dos assistentes, a lousa, produziu-se novamente a escrita. É bom anotar que o

Senhor Emmette Coleman se estava exercitando na prestidigitação.

G. Encausse diz que viu, em uma sessão dada pelo magnetizador Robert, em plena luz, diante de vinte pessoas diferentes, uma jovem de 17 anos, que fazia aparecer caracteres em folhinhas de papel (versos com a assinatura de P. Corneille). Parece que no exame microscópico as marcas da escrita eram constituídas por glóbulos de sangue. Não é portanto escrita direta no sentido que se liga a essa palavra, em geral. P. Gibier assistia a essas experiências, porém não sei o que ele haja falado. Entretanto, não se devem aceitar os testemunhos do Dr. Encausse senão com extrema reserva. E por que não foi, ademais, repetida a experiência?

O Dr. Mysz teve em plena luz exemplos de escrita direta com uma pequena camponesa de 14 anos, ignorante, que apenas sabia escrever (412).

(412) - A S. P, XVII,295.

Eis como descreve essa experiência, que me parece bem frágil. Uma caixa de madeira, de 30 cm de largura, aproximadamente, aberta só de um lado, para suportar uma bolsa cônica de seda preta, terminando em ponta; na extremidade da bolsa um pequeno orifício em que era introduzido um lápis, de maneira que a ponta não pudesse sair. A menina apenas pousava exteriormente as mãos sobre a caixa. Alguns minutos depois a bolsa inchava e o lápis começava a escrever. Não insistamos: não é nada.

O Dr. Nichols, tendo recebido em sua casa o médium Eglinton, obtém novas boas provas de escrita direta; punha ele uma folha de papel (que havia caracterizado) em uma caixa fechada à chave, entre duas lousas e em plena luz; enquanto segurava a caixa, a escrita era produzida.

Entretanto, Eglinton fazia correntemente essa experiência. Tive ocasião, há muito tempo (de modo que os detalhes estão bem apagados) de fazer com ele a seguinte experiência, que menciono de memória, sem dar-lhe importância. Desenhei sobre a lousa um desenho qualquer sem que houvesse possibilidade para Eglinton de nada ver. A lousa foi virada e um pedacinho de giz lhe foi colocado em cima. Então peguei a lousa na mão e, sem abandoná-la, coloquei-a sob a mesa, segurando Eglinton a outra ponta da lousa. No fim de dois ou três minutos, meu desenho em um curioso fac-símile estava reproduzido. Porém creio que um hábil ilusionista teria podido fazer outro tanto.

Eglinton proporcionou uma sessão célebre ao Senhor Gladstone, realizada, sempre em plena luz, com resultados muito positivos.

Mas todos esses slat writings são sempre dolorosamente suspeitos: é uma das experiências da metapsíquica cujo controle é o mais difícil.

Para concluir, os fenômenos de escrita direta são muito raros.

Alguns (Home, Eusapia) parecem autênticos, mas existe tanto de trapanças, tanto de ilusionismos que a escrita direta é um fenômeno bem incerto ainda.

Em todo caso, quer exista, quer não, isto não muda nada a realidade da telecinesia e dos raps.

Fim